



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**RELAÇÃO ESTADOS UNIDOS-CUBA E A OPERAÇÃO PEDRO PAN NA GUERRA  
FRIA**

THAIS ROSALINA DE JESUS TURAL

BRASÍLIA

2023

THAIS ROSALINA DE JESUS TURAL

**RELAÇÃO ESTADOS UNIDOS-CUBA E A OPERAÇÃO PEDRO PAN NA GUERRA  
FRIA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília como requisito final à obtenção do grau de Doutora em História.

Linha de pesquisa: Política, Instituições e Relações de Poder.

Orientador: Prof. Dr. Virgílio Caixeta Arraes

BRASÍLIA

2023

THAIS ROSALINA DE JESUS TURAL

**RELAÇÃO ESTADOS UNIDOS-CUBA E A OPERAÇÃO PEDRO PAN NA GUERRA  
FRIA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em  
História da Universidade de Brasília como requisito  
final à obtenção do grau de Doutora em História.

**Banca examinadora**

Prof. Dr. Virgílio Caixeta Arraes

(Orientador – Departamento de História da Universidade de Brasília, UnB)

Prof. Dr. Sidnei José Munhoz

(Departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC)

Prof. Dr. Giliard da Silva Prado

(Departamento de História da Universidade Federal de Uberlândia, UFU)

Prof. Dr. Antônio José Barbosa

(Departamento de História da Universidade de Brasília, UnB)

Prof. Dr. Carlos Eduardo Vidigal

(Departamento de História da Universidade de Brasília, UnB)

BRASÍLIA

2023

## RESUMO

Esta tese buscou compreender o papel assumido pela Operação Pedro Pan no conflito político e religioso entre Estados Unidos e Cuba na Guerra Fria. Esse episódio dramático da história cubana pós-revolução de 1959 foi marcado pela saída, para a maioria deles definitiva, de aproximadamente 14.000 jovens desacompanhados da ilha para a Flórida, e foi possível graças ao auxílio do governo dos Estados Unidos, da Igreja Católica e de uma rede de opositores aos revolucionários. Inicialmente, a tônica foi entender como o imaginário anticomunista religioso revelou-se determinante para o surgimento e desenvolvimento da operação, a fim de que, posteriormente, fosse analisada sua configuração como parte importante da guerra encoberta de Washington contra Havana e contra o comunismo internacional. Em seguida, o foco foi deslocado para a importância que tal episódio adquiriu na retórica cubana com os Estados Unidos em distintos momentos da duradoura trajetória de conflitos entre os dois países, sobretudo naqueles em que o regime buscava maior respaldo popular como mecanismo de legitimação interna. Finalmente, a investigação se concentrou na influente posição dos Pedros Pans na manutenção das políticas de hostilidade (de longa data) contra seu país de origem. Para empreender a análise histórica proposta, compila-se um vasto repertório documental que inclui material de arquivo diplomático, jornais e revistas do período, cartoons, documentos audiovisuais, documentos eclesiais, discursos políticos e testemunhos de personagens-chave envolvidos na operação, inclusive dos Pedros Pans. A interpretação dessas fontes se deu em diálogo constante com teóricos da História Política e das Relações Internacionais, cujo resultado foi fundamental para nortear as reflexões acerca de temas como anticomunismo, guerra psicológica, opinião pública, migração e poder.

**Palavras-chaves:** Operação Pedro Pan; Guerra Fria; Igreja Católica; anticomunismo; Revolução Cubana

## ABSTRACT

This thesis sought to understand the role assumed by Operation Pedro Pan in the political and religious conflict between the United States and Cuba in the Cold War. This dramatic episode in Cuban history after the 1959 revolution was marked by the departure, most of them definitive, of approximately 14,000 unaccompanied young people from the island to Florida, and it was made possible thanks to the help of the United States government, the Catholic Church and a network of opponents of the revolutionaries. Initially, the keynote was to understand how the religious anti-communist imaginary proved to be decisive for the emergence and development of the operation, so that, later, its configuration could be analyzed as an important part of Washington's covert war against Havana and against international communism. Then, the focus was shifted to the importance that such episode acquired in Cuban rhetoric towards the United States at different moments in the long history of conflicts between the two countries, especially in those in which the regime sought greater popular support as a mechanism of internal legitimation. Finally, the investigation focused on the influential position of the Pedros Pans in maintaining the (long-standing) hostility policies against their country of origin. In order to carry out the proposed historical analysis, a vast documentary repertoire is compiled, which includes material from the diplomatic archive, newspapers and magazines from the period, cartoons, audiovisual documents, ecclesiastical documents, political speeches and testimonies of key characters involved in the operation, including Pedros Pans. The interpretation of these sources took place in constant dialogue with theorists of Political History and International Relations, the result of which was fundamental to guide reflections on themes such as anti-communism, psychological warfare, public opinion, migration and power.

**Keywords:** Operation Pedro Pan; Cold War; Catholic church; anti-communism; Cuban Revolution

## RESUMEN

Esta tesis buscó comprender el papel que significó la Operación Pedro Pan en el conflicto político y religioso suscitado entre Estados Unidos y Cuba durante la Guerra Fría. Este dramático episodio de la historia cubana tras la Revolución de 1959 estuvo marcado por la salida, en su mayoría definitiva, de aproximadamente 14.000 jóvenes no acompañados de la isla a Florida, y fue posible gracias a la ayuda del gobierno de Estados Unidos, la Iglesia Católica y una red de opositores a los revolucionarios. La primera parte de este estudio trata de entender cómo el imaginario religioso anticomunista resultó ser determinante para el surgimiento y desarrollo de la operación, para posteriormente analizar su configuración como una parte importante de la guerra encubierta de Washington contra La Habana y contra el comunismo internacional. Más adelante, el foco se desplazó a la importancia que este episodio adquirió en la retórica cubana hacia Estados Unidos en distintos momentos de la larga historia de conflictos entre ambos países, especialmente en aquellos en los que el régimen buscó un mayor apoyo popular como mecanismo de legitimación interna. Finalmente, la investigación se centró en la influyente posición de los Pedros Pan en el mantenimiento de las políticas (de larga data) de hostilidad contra su país de origen. Para llevar a cabo el análisis histórico propuesto, se recopila en esta pesquisa un amplísimo repertorio documental que incluye material de archivo diplomático, periódicos y revistas de la época, cartoons, documentos audiovisuales, documentos eclesiásticos, discursos políticos y testimonios de personajes clave involucrados en la operación, entre ellos los Pedros Pans. La interpretación de estas fuentes se realiza en constante diálogo con teóricos de la Historia Política y de las Relaciones Internacionales, cuyo resultado ha sido fundamental para orientar las reflexiones sobre temas nucleares como el anticomunismo, la guerra psicológica, la opinión pública, la migración y el poder.

**Palabras clave:** Operación Pedro Pan; Guerra Fría; Iglesia Católica; anticomunismo; Revolución Cubana

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	8
<b>CAPÍTULO 1 - A GUERRA FRIA RELIGIOSA NA AMÉRICA</b> .....	27
1.1 - Igreja Católica e Comunismo: aspectos da divergência .....	28
1.2 - O anticomunismo religioso nos Estados Unidos .....	38
1.3 - Cuba entre Roma, Washington e Moscou .....	56
<b>CAPÍTULO - 2 A RELAÇÃO ESTADOS UNIDOS-CUBA E A GÊNESE DA OPERAÇÃO PEDRO PAN</b> .....	74
2.1 - Política migratória nos Estados Unidos e a construção da inimizade política com Cuba .....	75
2.2 - Movimentos de oposição à Revolução Cubana e a emigração para os Estados Unidos .....	91
2.3 - A guerra psicológica estadunidense, as políticas cubanas para a infância e o início da Operação Pedro Pan .....	94
<b>CAPÍTULO 3 - ARQUEOLOGIA DA OPERAÇÃO PEDRO PAN</b> .....	134
3.1 - A Operação Pedro Pan e a Guerra Fria nos Estados Unidos .....	135
3.2 - A Operação Pedro Pan e os conflitos Estados Unidos-Cuba.....	151
3.3 - A Operação Pedro Pan e os movimentos de oposição em Cuba .....	160
3.4 - Os Pedros Pans no “mundo livre” .....	171
<b>CAPÍTULO 4 - PEDROS PANS, DEMOCRACIA E CONFLITO NOS ESTADOS UNIDOS</b> .....	198
4.1 - Recriações da história da Operação Pedro Pan e seus usos políticos.....	199
4.2 - Operação Pedro Pan ou Operação Peter Pan? .....	215
4.3 - O <i>lobby</i> cubano em Miami, os Pedros Pans e o prolongamento dos conflitos Estados Unidos-Cuba .....	232
<b>CONCLUSÃO</b> .....	250
<b>FONTES</b> .....	259
1. Fontes Primárias .....	259
1.1 - Audições .....	259
1.2 - Cartoons .....	259
1.3 - Discursos políticos .....	259
1.4 - Documentos Diplomáticos.....	262

1.5 - Documentos Eclesiásticos.....	264
1.6 - Encíclicas e Documentos Papais.....	265
1.7 - Entrevistas.....	265
1.8 - Filmes e Documentários .....	266
1.9 - Leis e Tratados.....	266
1.10 - Músicas .....	267
1.11 - Periódicos.....	267
1.12 - Periódicos Online.....	270
1.13 - Processos judiciais .....	271
1.14 - Testemunhos .....	271
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>274</b>
1.1 - Livros.....	274
1.2 - Artigos .....	279
1.3 - Teses e Dissertações .....	281
<b>ANEXOS .....</b>	<b>282</b>
1 - Charges .....	282
2 - Fotos .....	284
3 - Documentos.....	295

## INTRODUÇÃO

Um conjunto de eventos captura a história política dos anos do pós-guerra – os disparos atingindo impiedosamente o presidente dos Estados Unidos John Kennedy enquanto desfilava pelas ruas de Dallas em um carro aberto; o pastor Martin Luther King nos degraus do Lincoln Memorial em Washington, D.C., proferindo seu icônico discurso *I have a dream*; Rosa Parks sendo presa por recusar-se a ceder seu lugar no ônibus para uma pessoa branca; provas fotográficas produzidas pelo avião Lockheed U-2 da Força Aérea dos Estados Unidos de mísseis balísticos instalados em Cuba, conduzindo o mundo à possibilidade real de uma guerra nuclear. Junto a esses episódios dramáticos da história contemporânea, e certamente menos conhecido do público geral, estavam as imagens de milhares de crianças e adolescentes desacompanhados descendo nos Estados Unidos de aviões oriundos de Cuba, levando consigo apenas uma pequena bagagem e, com frequência, uma boneca nos braços – um retrato vivo de uma suposta ameaça vermelha espalhando-se pelo continente americano, fomentando os argumentos de anticomunistas em todo o mundo.

Pouco mais de sessenta anos atrás, as vidas desses jovens foram abaladas por um terremoto político em sua terra natal, conhecido posteriormente como Revolução Cubana<sup>1</sup>, dando origem a dois esforços nacionalistas duradouros e mutuamente antagônicos: o estabelecimento do socialismo revolucionário na ilha e, no sul da Flórida, a criação de um movimento de oposição na comunidade de exilados. Os dois fenômenos impactariam expressivamente a vida da juventude cubana e as relações exteriores de ambos os países.

Como a maioria dos eventos que cruza as grandes linhas ideológicas da década de sessenta, a Operação Pedro Pan<sup>2</sup>, responsável pelo êxodo infantil em questão, produziu versões contraditórias. Foi vista pelos políticos cubanos como um ato de agressão estrangeira

---

<sup>1</sup> A insurreição armada foi inaugurada com os assaltos malsucedidos aos quartéis Moncada, na província de Santiago, e Carlos Manuel de Céspedes, em Bayamo, em julho de 1953, por cerca 135 homens, a maioria oriunda do Partido Ortodoxo cubano, liderada por Fidel Castro. Após o fracasso da ação, Castro foi julgado, condenado e preso. Contudo, cumpriu menos de dois anos de sua sentença, sendo beneficiado com uma anistia geral, em maio de 1955. Partiu, então para o exílio no México e de lá organizou uma expedição para derrotar Fulgencio Batista que teria início em 2 de dezembro de 1956, quando desembarcou do iate *Granma*, no oriente da ilha, com 81 guerrilheiros. Na *Sierra Maestra*, sob a bandeira do Movimento 26 de Julho, reorganizou suas forças após o desembarque desastroso e ataques do exército, e deu seguimento à luta armada. Em janeiro de 1959, Fulgencio Batista e Rivero Agüero, ganhador das eleições presidenciais de 1958, fugiram para a República Dominicana na madrugada do dia primeiro, deixando o país acéfalo. Camilo Cienfuegos, um dos principais comandantes do Movimento 26 de Julho, ocupou Havana no dia seguinte, marcando, assim o triunfo dos revolucionários.

<sup>2</sup> É imperioso destacar que a opção neste estudo pelo uso do termo “Operação Pedro Pan” em detrimento do termo “Operação Peter Pan” (sendo este último mais utilizado em Cuba) não se vincula aos aspectos ideológicos que marcam as disputas pela nomenclatura mais adequada entre Cuba e os Estados Unidos. Em vez disso, como apenas em Cuba a operação é conhecida como Peter Pan, foi dada preferência ao termo Pedro Pan, de forma a atingir um número mais abrangente de leitores.

à Revolução e um plano da Agência Central de Inteligência (CIA) para roubar o futuro da nação. Para os Estados Unidos, era a prova viva dos horrores do comunismo, crianças que precisavam ser salvas e levadas à liberdade. Um exame mais minucioso dessa história deve interrogar ambas as visões. Ao rejeitar entendimentos maniqueístas, um quadro mais complexo das forças políticas internacionais em jogo na relação entre Washington e Havana é revelado, mostrando como a transformação da estrutura social e a cultura política na ilha incidiram sobre os indivíduos, suas famílias e as relações exteriores de ambos os países.

De modo subjacente, tendo como referência esse evento, também é possível complexificar a compreensão comum sobre a experiência estadunidense durante a Guerra Fria em vários níveis – diplomático, social, religioso e cultural –, começando com o Estado e, em seguida, voltando-se para os esforços do país para mobilizar pessoas e instituições em casa e alhures com o intuito de obter vantagens políticas contra o comunismo e seus representantes. A partir disso, acredita-se, pode-se repensar a história política das décadas de cinquenta e sessenta e encontrá-la em lugares onde os historiadores políticos tradicionalmente não procuram: na história das crianças, das mulheres e das famílias, por exemplo, atentando-se para o modo como elas estiveram imbricadas nas relações externas do país. Repensar o engajamento político popular desse período leva inevitavelmente a repensar a influência do anticomunismo.

Destarte, o principal objetivo desta tese foi propor uma interpretação da Operação Pedro Pan que se afastasse de um simples conto conspiratório de intriga e resgate da Guerra Fria, como tem sido frequentemente retratada; desafiando tanto a versão oficial do exílio – que basicamente apresenta toda a operação como uma ação humanitária indolor e bem-sucedida –, quanto a versão oficial cubana – que a categoriza como um sequestro macabro de crianças. Parece importante buscar um diálogo com esses espaços apartados da historiografia, buscando encontrar contribuições de uma e outra parte para compor uma análise mais abrangente, permitindo também que as memórias individuais emerjam sem os constrangimentos da história oficial. Sem ignorar a importância dos conflitos bilaterais, propõe-se aqui também um olhar mais atento à dimensão religiosa tanto da história da Guerra Fria quanto da Operação Pedro Pan, perspectiva pouco explorada na historiografia.

A partir desse objetivo mais geral, outros também surgiram. Pretendeu-se primeiramente entender como a emigração foi usada como arma política contra o governo revolucionário e como os Pedros Pans vieram a ser mobilizados como parte da guerra encoberta de Washington contra Havana e contra o comunismo em geral. Para além do conflito bilateral, parecia importante evidenciar o papel que o anticomunismo católico

desempenhou na história da operação, revelando-a como parte de um projeto maior da guerra global da Igreja Católica contra os movimentos de esquerda na Guerra Fria. Finalmente, foi propósito ainda deste estudo refletir acerca do modo como alguns Pedros Pans têm contribuído para a continuidade dos conflitos e para a manutenção das políticas de hostilidade (de longa data) contra Cuba.

Tendo em vista o exposto, a pesquisa realizada foi motivada pela seguinte pergunta: Qual o papel efetivamente assumido pelo anticomunismo no surgimento e desenvolvimento da Operação Pedro Pan e em que medida ela correspondia às agendas políticas da Guerra Fria religiosa na América? A principal hipótese foi que o anticomunismo, sem dúvidas, consistiu, senão no principal motor, em um dos principais para o surgimento do êxodo. Contudo, não foi exclusivo: a operação também sofreu a influência de uma série de fatores que não necessariamente estiveram ligados aos conflitos ideológicos.

Outras hipóteses foram igualmente lançadas. No que concerne a Cuba, o objetivo foi evidenciar que a instrumentalização do êxodo foi feita em distintos momentos no decorrer do século XX, principalmente em períodos de austeridade econômica, para alimentar o nacionalismo *antiyankee*, conquistar apoio internacional, apoiar as demandas pelo fim do embargo estadunidense e outras políticas que procuraram produzir mudanças no regime na ilha. Quanto aos Estados Unidos, a tônica foi destacar as tentativas que foram feitas para moldar a narrativa da operação como um triunfo do capitalismo sobre o comunismo, reforçando a crença autoconfiante dos Estados Unidos de serem uma terra de oportunidades e um refúgio histórico para os povos oprimidos em busca de liberdade. Foi nesse momento que uma abordagem mais político-filosófica ganhou espaço para a compreensão de determinados termos como liberdade, democracia e soberania, por exemplo, que influenciaram os discursos em relação ao êxodo nos dois países.

O mundo de 1960, em que a Operação Pedro Pan surgiu, era o que agora chamamos os anos da Guerra Fria, convencionalmente datada de algum momento entre 1945-1948 até a queda do Muro de Berlim em 1989 e caracterizada pelo que foi percebido como a ameaça iminente de uma tomada comunista mundial do poder. Os Estados Unidos emergiram da Segunda Guerra Mundial como, de longe, a maior potência. O único poder que, de alguma forma, poderia rivalizar ao seu era o da União Soviética, cujos exércitos ocupavam a maior parte da Europa Oriental. Seu papel crucial na derrota de Hitler e a condução de uma vasta nação atrasada à relativa modernidade deu a ela um prestígio internacional considerável. O que havia de comum entre esses dois blocos de poder era o anseio por uma ordem mundial

modelada a partir de sua própria sociedade e valores e a manutenção de suas zonas de influência.

Tanto Dwight D. Eisenhower quanto os presidentes John F. Kennedy e Lyndon B. Johnson viam a Guerra Fria como uma luta de longo prazo nas arenas militar, ideológica, política, econômica, científica e cultural. Todos os três tentaram neutralizar a União Soviética enquanto buscavam assegurar seu domínio. Eles concordavam que o estilo ocidental de modernização – e particularmente os valores e instituições americanas – oferecia o melhor modelo para as nações em desenvolvimento.<sup>3</sup>

Kennedy provavelmente dispensou mais atenção à América Latina, como analisou Costigliola, do que qualquer outro presidente do período. Ele visitou os vizinhos do sul, reunia-se com dirigentes e devorava relatórios econômicos e políticos sobre a região. Entretanto, ao que parece, superestimou as ameaças e possibilidades, chamando-a de “a área mais perigosa do mundo”. Uma designação claramente exagerada porque os soviéticos tinham uma presença mínima na região, além de Cuba. Novamente, além de Cuba, havia pouca possibilidade de desenvolvimento de uma grande guerra.<sup>4</sup> Ele, com efeito, temia que Castro pudesse exportar a revolução socialista para os outros países do continente e o líder cubano, de fato, parecia entender isso à época:

...o vírus da revolução não é levado em submarinos ou em navios. Em vez disso, flutua nas ondas etéreas das ideias e prosperam onde há um solo fértil abundante. E na América Latina há terreno fértil em abundância! O que é Cuba? Cuba é o exemplo, Cuba é a ideia. O poder de Cuba é a força de suas ideias revolucionárias, o poder de seu exemplo.<sup>5</sup>

A guerra total acabou sendo, em razão das características peculiares da Guerra Fria, a experiência definidora dessa geração sob a liderança dos Estados Unidos. Seu princípio fundamental era ser um conflito não mais travado apenas pelos exércitos no campo, mas por toda a nação com palavras, ideias e manobras políticas.<sup>6</sup> E à medida que a disputa Oriente-

<sup>3</sup> COSTIGLIOLA, Frank. US Foreign Policy from Kennedy to Johnson. In: LEFFLER, Melvyn P.; WESTAD, Odd Arne. *The Cambridge History of The Cold War*. Volume II Crises and Détente. Cambridge: Cambridge University, 2010, p. 130.

<sup>4</sup> *Ibidem*, p. 120.

<sup>5</sup> Do original: “*el virus de la revolución no se transporta en submarino ni en barcos. Son las ondas etéreas de las ideas las que transportan el virus revolucionario, y prosperan allí donde hay caldo de cultivo abundante. ¡Y en América Latina hay abundante caldo de cultivo revolucionario! ¿Qué es Cuba? Cuba es el ejemplo, Cuba es la idea. La fuerza de Cuba es la fuerza de sus ideas revolucionarias, la fuerza de su ejemplo*”. CASTRO, Fidel. *Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer secretario del PURS y primer ministro del Gobierno Revolucionario, ante los miembros del PURS de las provincias de Pinar del Río, La Habana y Matanzas, efectuado en el teatro “Chaplin”, el 22 de febrero de 1963*. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1963/esp/f220263e.html>>. Acesso em: 4 mar. 2023.

<sup>6</sup> OSGOOD, Kenneth. *Total Cold War Eisenhower’s Secret Propaganda Battle at Home and Abroad*. Lawrence: University Press of Kansas, 2006, p.1.

Ocidente se intensificou, produziu crise após crise, uma corrida armamentista, dezenas de intervenções militares e secretas e guerras “quentes” na Coreia, Vietnã e Afeganistão. No entanto, apesar do temor generalizado, a Terceira Guerra Mundial antecipada por muitos nunca aconteceu. A disputa política de cinquenta anos que poderia ter produzido o Armagedom, em vez disso, conviveu com uma paz peculiarmente longa, marcada pela ausência de conflagrações entre grandes potências e um certo nível de estabilidade no sistema internacional.

Por outro lado, praticamente todos os aspectos do modo de vida americano – de organizações políticas a ideais filosóficos, de produções culturais a realizações científicas, de práticas econômicas a relações sociais – foram expostos à disputa total pelos corações e mentes dos povos do mundo. Em razão disso, as operações psicológicas ganharam profundo destaque.<sup>7</sup> De acordo com o *Joint Chiefs of Staff* (JCS), a guerra psicológica envolvia essencialmente as tentativas de “influenciar a opinião, as emoções, as atitudes e os comportamento de grupos estrangeiros inimigos, neutros ou amigáveis, de forma a apoiar a realização de seus objetivos e a política nacional”.<sup>8</sup>

Por esse prisma, diferente do que comumente se acredita, essas operações nos Estados Unidos não eram somente voltadas para fomentar a agitação nas áreas comunistas. Em vez disso, foram um esforço mais amplo de assegurar influência nas áreas neutras ou aliadas – áreas chamadas por eles de “mundo livre”. Muitas dessas campanhas, inclusive, visavam expressamente a população estadunidense e, ao mesmo tempo, convidavam-na a participar da guerra de palavras travada no exterior, o que expõe o modo como esses programas se cruzaram com a esfera doméstica e afetaram simultaneamente o padrão mais amplo das relações externas do país.<sup>9</sup> E a operação Pedro Pan foi um dos meios utilizados para esse fim, precisamente por a política de infância ter cruzado com o anticomunismo em tantos pontos, as batalhas pelas crianças ofereceram um instrumento de guerra valioso.

Antes de tudo, contudo, para entender a importância da guerra psicológica é imperioso colocar sua história num contexto mais amplo: a natureza mutável das relações internacionais como resultado da revolução das comunicações e da era da política de massa e da guerra total. Muitas vezes é esquecido que a Guerra Fria coincidiu com um momento da história mundial em que as tecnologias de mídia estavam se difundindo por toda parte. Nas sociedades ao redor do mundo, mais e mais pessoas estavam se tornando politicamente ativas. Não apenas as

---

<sup>7</sup> OSGOOD, Kenneth. *op. cit.*, p. 2.

<sup>8</sup> PARRY-GILES, Shawn J. *The Rhetorical Presidency, Propaganda, and the Cold War, 1945–1955*. Westport: Praeger, 2002, p. 54.

<sup>9</sup> *Ibidem*, p. 3.

democracias, mas os regimes autoritários estavam preocupados com a opinião pública, perseguindo uma forma de política de massa que se baseava em ideologias formalizadas, bem como na coerção para a manutenção do poder.

A despeito da dificuldade de se chegar a um conceito objetivo e cerrado, o entendimento de opinião pública que norteia este trabalho é o de que não se trata de um fenômeno que emerge das pessoas naturalmente. Ao contrário, é um processo de animação social por meio do qual os personagens interessados no controle social se envolvem.<sup>10</sup> É “um complexo de pronunciamentos semelhantes de segmentos maiores ou menores da sociedade em relação a assuntos públicos”<sup>11</sup>. A opinião reconhecida como pública seria, portanto, as opiniões feitas públicas. E não as opiniões surgidas do público.

Tendo isso em vista, os formuladores de políticas logo perceberam que se determinados segmentos da sociedade pudessem ser capturados por ideias, símbolos, imagens, retórica e propaganda, eles poderiam ser aproveitados e mobilizados para vantagem da política externa. Chegaram também ao entendimento de que, se eles pudessem atrair a opinião pública internacional para o lado dos Estados Unidos, poderiam exercer pressão sobre governos estrangeiros, o que, por sua vez, criaria uma atmosfera favorável para as suas ambições.<sup>12</sup>

À medida que influenciar a opinião pública internacional evoluiu para um dos objetivos principais das relações internacionais, a propaganda despontou como um componente significativo da política externa. De acordo com David Welch, o objetivo da propaganda é “persuadir o sujeito ou público de um ponto de vista; e impedir outras opções.”<sup>13</sup> Isso se revelou fundamental no período, haja vista o tipo de guerra que estava sendo travada. Jacques Ellul observa:

Um governo democrático fica completamente paralisado se não controla por meio da propaganda a opinião pública da qual depende. Deve formar a opinião pública, orientá-la, unificá-la, cristalizá-la de tal maneira a evitar que ela interfira constantemente no trabalho político em progresso.<sup>14</sup>

O imperativo de moldar, influenciar reforçar e, às vezes, manipular o sentimento popular inspirou uma ampla gama de políticas com significado psicológico. Um importante exemplo disso talvez tenha sido a elaboração da suposta lei da *Patria Potestad*, em que se

<sup>10</sup> LIPPMANN, Walter. *Opinião Pública*. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 14.

<sup>11</sup> LAZARUSFELD, Paul F. A opinião pública e a tradição clássica. In: STEINBERG, Charles S. (org). *Meios de Comunicação de Massa*. São Paulo: Cultrix, 1972, p. 111;112.

<sup>12</sup> OSGOOD, Kenneth. *op. cit.*, p. 3.

<sup>13</sup> WELCH, David apud OSGOOD, Kenneth., *op. cit.*, p. 9.

<sup>14</sup> ELLUL, Jacques. *The Political Illusion*. New York: Alfred A. Knopf, 1967, p. 97.

afirmaria a perda do poder familiar dos pais cubanos, levando a uma profunda instabilidade política na ilha e, em larga medida, ao êxodo de milhares de crianças e adolescentes. Especialistas em guerra psicológica desenvolveram uma forma “camuflada” de abordagem da propaganda, usando a mídia de notícias independente, organizações não governamentais e cidadãos comuns como seus substitutos para transmitir mensagens.

Assim, longe de ser um aspecto periférico da luta Estados Unidos-União Soviética, a guerra de palavras e ações foi, por conseguinte, um de seus principais campos de batalha. Nelson Rockefeller comentou a esse respeito com Dwight D. Eisenhower: “A luta mundial está mudando mais do que nunca da arena do poder para a arena das ideias e da persuasão internacional”<sup>15</sup>. Também Kennedy, como poucos, soube apreender essa nova realidade da política internacional. O conflito, segundo ele, desenvolvia-se por meio de uma série de táticas que não permitiam uma intervenção armada – era “uma luta por espíritos e almas bem como por vidas e territórios”<sup>16</sup> em que o arsenal bélico, nessas circunstâncias, era inútil:

Já perdemos demasiado tempo fixando nossos olhos em necessidades militares tradicionais, e em exércitos preparados para atravessarem fronteiras ou em foguetes prontos para o disparo. Agora deve estar claro que isso não é mais suficiente – que nossa segurança pode ser perdida sem o disparo de um único foguete ou cruzamento de uma só fronteira.<sup>17</sup>

Ligado ao conceito expansivo de guerra psicológica estava o fator espiritual. Explicada por Eisenhower como a “grande equação”: “A força espiritual, multiplicada pela força econômica, multiplicada pela força militar, equivale à segurança”<sup>18</sup>. Esse fator, nunca bem definido e geralmente negligenciado pela literatura especializada, sugeria que os Estados Unidos poderiam cumprir seus objetivos de política externa por meio da persuasão e da liderança moral.

A dimensão religiosa da Guerra Fria foi de particular importância para esse país, uma nação cujo povo e governantes, apesar da constitucional separação entre Igreja e Estado, promoveram sua religiosidade e se impuseram como uma força moral especial. Essa dimensão conferiu aos seus líderes uma linguagem apocalíptica contra o comunismo, retórica que

<sup>15</sup> ROCKEFELLER, Nelson apud OSGOOD, Kenneth. *op. cit.*, p. 46.

<sup>16</sup> KENNEDY, John. *Address before The American Society of Newspaper Editors, Washington, D.C., April 20, 1961*. Disponível em: <<https://www.jfklibrary.org/archives/other-resources/john-f-kennedy-speeches/american-society-of-newspaper-editors-19610420>>. Acesso em: 30 nov. 2019.

<sup>17</sup> Do original: “*Too long we have fixed our eyes on traditional military needs, on armies prepared to cross borders, on missiles poised for flight. Now it should be clear that this is no longer enough—that our security may be lost piece by piece, country by country, without the bring of a single missile or the crossing of a single border*”. KENNEDY, John. *Address before The American Society of Newspaper Editors, Washington, D.C., April 20, 1961*. Disponível em: <<https://www.jfklibrary.org/archives/other-resources/john-f-kennedy-speeches/american-society-of-newspaper-editors-19610420>>. Acesso em: 30 nov. 2019.

<sup>18</sup> OSGOOD, Kenneth. *op. cit.*, p. 53.

ajudou a impulsionar a disputa, contribuindo ainda mais para uma visão de mundo ideológica que reduzia questões complexas à luta entre “o bem e o mal”.

O conceito simples de “o bem contra o mal” carrega um poder extraordinário no pensamento cristão. A própria interpretação do comunismo pelo anticomunismo cristão enquanto um sistema ímpio ajudou a justificar, por exemplo, a mudança da União Soviética de aliada em tempo de guerra para inimiga no pós-guerra. Foi igualmente fundamental para a descrição feita pela propaganda ocidental do regime soviético como inerentemente hostil aos valores da civilização ocidental. Certamente, a promoção de tal visão de mundo significou custos e gerou consequências importantes em termos de vidas perdidas, recursos desperdiçados, medo generalizado, intolerância promovida pela tirania anticomunista e constante ameaça de aniquilação nuclear.<sup>19</sup>

De todo modo, após a Segunda Guerra Mundial, o comunismo surgiu como o mais poderoso oponente institucional do catolicismo romano e isso, sem dúvidas, fortaleceu os laços existentes entre a Igreja e os Estados Unidos, demonstrando as vantagens de se trabalhar em conjunto em prol da derrubada do inimigo comum. Tal assertiva é facilmente evidenciada, por exemplo, pela estreita relação constituída entre o clérigo de Miami Bryan O. Walsh, idealizador da Operação Pedro Pan, e o Departamento de Estado e a CIA. E, com isso, a Igreja Católica foi capaz de transgredir os limites do religioso (como em muitos outros períodos) para afirmar suas próprias agendas políticas, sociais e econômicas.<sup>20</sup>

Os cristãos praticantes rapidamente reconheceram o comunismo como um inimigo mortal. Eles tendiam a vê-lo como uma variedade particularmente violenta e malévola do modernismo ateu. Provavelmente, o evento mais decisivo em despertar suas críticas foi a Guerra Civil Espanhola, quando o catolicismo teria se tornado um dos principais alvos da revolução de esquerda. Durante o conflito, de acordo com Haynes, mais de cinco mil igrejas foram destruídas e entre seis mil e sete mil sacerdotes, monges e freiras foram assassinados. Embora a força mais ativa e violenta no terror antirreligioso na Espanha, defendem alguns teóricos, fosse anarco-sindicalista, os católicos tendiam a colocar a maior culpa nos comunistas por causa de sua alta visibilidade no governo republicano. Isso fez com que parte da angústia católica sobre a Espanha fosse dirigida contra os comunistas americanos e a União Soviética.<sup>21</sup>

---

<sup>19</sup> KIRBY, Dianne. *The Roots of the Religious Cold War: Pre-Cold War Factors*. Disponível em: <<https://www.mdpi.com/2076-0760/7/4/56/htm>>. Acesso em: 23 jan. 2023.

<sup>20</sup> *Ibidem*.

<sup>21</sup> HAYNES, John Earl. *Red Scare or Red Menace?: American Communism and Anticommunism in The Cold War Era*. Chicago: Ivan R. Dee, 1996, p. 93.

Em Cuba, pouco tempo após o triunfo da insurreição armada, a Igreja Católica transformou-se em forte aliada dos movimentos de oposição e a principal portadora do estandarte anticomunista do país, o que a levaria a uma série de conflitos com o Estado e à perda da sua já decadente influência nas decisões políticas. Como em outros contextos e espaços, parte de sua liderança via o sistema que estava sendo implementado no país como a antítese de um modo de vida católico ideal que valorizava, essencialmente, a família tradicional e a educação privada. O anticomunismo católico, desse modo, para os objetivos específicos deste estudo, pode ser entendido como um conjunto de ideias, de representações e de práticas de oposição sistemática da Igreja Católica ao comunismo.<sup>22</sup>

Quando, em 1960, os desenvolvimentos políticos pareciam confirmar as tendências socialistas da Revolução, rumores sugeriam que o novo regime estava planejando assumir a educação dos jovens e doutriná-los conforme as bases ateístas do marxismo-leninismo. Sem demora, o tema “salvar as crianças da lavagem cerebral comunista” tornou-se central no discurso de grupos de oposição. Histórias de que elas estavam sendo enviadas para países comunistas ou delatando os pais para o governo espalharam-se rapidamente. É possível que tenham tomado conhecimento do caso de Pavlik Morozov na União Soviética, tido por mártir pela propaganda e condecorado postumamente como herói da nação por denunciar o próprio pai como dissidente do regime stalinista. A Igreja também prontamente se levantou contra a nacionalização da educação e contra as escolhas políticas dos dirigentes do país que promoviam uma visível aproximação ao bloco soviético.

Nesse contexto, muitos cubanos podem ter se sentido ameaçados pelas transformações sociais afetando as relações dentro da família, bem como sua identidade como indivíduos e como nação. Paralelamente, o governo dos Estados Unidos implementou uma política inédita de admitir número ilimitado de crianças cubanas; ao mesmo tempo, dificultava a emissão de vistos para os pais. Isso acabou levando à separação imprevista e desnecessária de famílias e deu lugar à Operação Pedro Pan, por meio da qual mais de 14 mil jovens desacompanhados deixaram a ilha, uma das maiores migrações infanto-juvenis da história da América Latina, organizada pela Igreja Católica de Miami unida aos esforços do governo dos Estados Unidos e de uma rede de opositores em Cuba.

Esse, todavia, não fora um episódio isolado. A conjuntura política da primeira metade do século XX colocou em cena milhares de crianças e adolescentes refugiados pelo globo em uma série de êxodos originados de países acometidos por intensos conflitos. As duas

---

<sup>22</sup> BONET, Luciano *apud* BOBBIO, Norberto (Org.) *Dicionário de política*. Brasília: UnB, 1986, p. 34.

conflagrações mundiais e a Guerra Civil Espanhola, por exemplo, são significativas a esse respeito e acabaram por promover o alargamento dos estudos das migrações infantis na e para as Américas. O deslocamento de 9.578 crianças inglesas para o Canadá e Estados Unidos, em um esforço organizado pelo *Children's Overseas Reception Board* para protegê-las do avanço nazista tem sido objeto de uma variedade de investigações nesses países.<sup>23</sup> Do mesmo modo, as crianças bascas refugiadas da Guerra Civil Espanhola em países da América Latina e Europa, especialmente as que foram enviadas para o México e passaram a ser conhecidas posteriormente como *Niños de Morelia*, têm inspirado diversas investigações, contribuindo para o aumento de abordagens sobre a temática na historiografia latino-americana.<sup>24</sup>

A Operação Pedro Pan igualmente pode ser inserida na lógica dos êxodos infanto-juvenis em decorrência de guerra, ainda que seja a Guerra Fria, e inspirou a produção de alguns poucos trabalhos nos Estados Unidos, em Cuba e no Canadá, principalmente. Enquanto esta investigação estava sendo realizada, não foi identificado nenhum estudo acadêmico relacionado exclusivamente a essa temática no Brasil. Não restam dúvidas de que os êxodos de Camarioca (1965), de Mariel (1980) e a Crise dos Balseiros (1994) têm sido ainda os mais privilegiados pelos pesquisadores dedicados aos estudos da migração cubana. Apesar de algumas produções terem sido feitas e de que o assunto tenha retornado ao palco das discussões políticas em decorrência da disputa internacional entre Cuba e os Estados Unidos pelo retorno de um menino balseiro à ilha no ano 2000 (Elián González) e, mais recentemente, da crise das crianças da América Central nos Estados Unidos, o tema está longe de se esgotar.

Conceitualmente, a migração pode ser entendida como um fenômeno de mobilidade espacial de determinada população/indivíduos entre unidades administrativas ou geográficas distintas, que se realizou durante um intervalo de migração determinado e que implicou uma mudança de residência.<sup>25</sup> É consenso, portanto, que se trata de um fenômeno complexo essencialmente social e com determinações múltiplas, que apresenta interações peculiares

---

<sup>23</sup> HENDERSON, Michael. The evacuation of British children to North America in World War II. Children in War. *The International Journal of Evacuee and War Child Studies*. Disponível em: <[https://www.michaelhenderson.org.uk/sites/mh.iofc.org/files/media/document/3h/3-henderson\\_evacuation\\_article.pdf](https://www.michaelhenderson.org.uk/sites/mh.iofc.org/files/media/document/3h/3-henderson_evacuation_article.pdf)>. Acesso em: 29 nov. 2018.

<sup>24</sup> Conferir, por exemplo: PLA BRUGAT, Dolores. *Los niños de Morelia: un estudio sobre los primeros refugiados españoles en México*. México: Consejo Nacional para la Cultura y las Artes, Instituto Nacional de Antropología e Historia, 1999. FOULKES, V. *Los niños de Morelia y la escuela España-México. Consideraciones analíticas sobre un experimento social*. México: UNAM, 1953. SÁNCHEZ RÓDENAS, A. Los “niños de Morelia” y su tratamiento por la prensa mexicana durante el año 1937. *Anales de Documentación*, 2010, vol. 13, p. 243-256.

<sup>25</sup> UNITED NATIONS. *Manual VI: methods of measuring internal migration. Population studies*. New York, Department of Economic and Social Affairs, n. 47, 1970, p. 2.

com as heterogeneidades das formações histórico-sociais. Diante dos diversos contextos sociais em que se origina, tende a assumir feições próprias e com implicações distintas para os indivíduos ou grupos sociais que as compõem.<sup>26</sup>

Dialogando com Duroselle, Cristina Pecequilo aponta que as razões que levam os indivíduos a migrarem são, geralmente, sociais ou políticas. Há, por um lado, a busca por melhores condições de vida, seja em termos materiais ou sociais, por progresso e por liberdade; e, por outro, há as guerras, os processos de perseguição, a expulsão de populações, o desemprego e a injustiça.<sup>27</sup>

Atualmente, vê-se que as pesquisas sobre as migrações internacionais experimentaram um importante impulso, que corresponde justamente a uma maior preocupação com o estudo da dimensão política da migração, fruto do cenário de renovação vivenciado pela própria história política e ao incremento dos fluxos migratórios à escala global. Castles e Miller, por exemplo, chamam atenção para a percepção de que os movimentos internacionais de populações são capazes de transformar “*los Estados y las sociedades de todo el planeta, de manera que afectan las relaciones bilaterales y regionales, la seguridad, la identidad y la soberanía nacional*”<sup>28</sup>, perspectiva que contribui para justificar as incursões da história política no campo das migrações.

Nos estudos cubano-estadunidenses, em razão da relação conflituosa e pouco cooperativa que marca a história dos dois países após 1959, a análise da dimensão política das migrações tem se sobreposto às demais. Ainda assim, autores como Alejandro Portes e Robert Bach argumentam que as motivações dos cubanos aos deslocamentos não são unidimensionais, sugerem “*una preocupación de igual magnitud por las condiciones sociales y económicas*”.<sup>29</sup> Por outro lado, Eleanor Rogg, Rosemary Cooney, Juan Clark, Jose Lasaga e Rose Reque, em diferentes estudos, defendem a força das redes familiares para promover o fluxo migratório de cubanos para os Estados Unidos.<sup>30</sup> Analisando o êxodo de Mariel, na

---

<sup>26</sup> SALIM, Celso A. Migração: o Fato e a Controvérsia Teórica. In: VIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais. *Anais...* vol. 3, São Paulo, ABEP, p. 119-144, 1992

<sup>27</sup> PECEQUILO, Cristina Soreanu. *Introdução às relações internacionais: temas, atores e visões*. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 94.

<sup>28</sup> CASTLES, Stephen; MARK, Miller. 2004. *La era de la migración. Movimientos internacionales de población en el mundo moderno*. México: Porrúa., 2004, p. 5.

<sup>29</sup> BACH, Robert; PORTES, Alejandro. *Latin Journey: Cuban and Mexican Immigrants in the United States*. Berkeley: University of California Press, 1985, p. 155.

<sup>30</sup> Cf: ROGG, Eleanor. *The Assimilation of Cuban Exiles: The Role of Community and Class*. New York: Aberdeen, 1974. CLARK, Juan; LASAGA, Jose; REQUE, Rose. *The 1980 Mariel Exodus: An Assessment and Prospect*, Washinton, D.C.: Council for InterAmerican Security, 1981.

década de oitenta, Clark, Lasaga e Reque enfatizam que a reunião familiar foi preponderante na movimentação de cubanos entre os dois países ao longo do século XX.<sup>31</sup>

Outros trabalhos enfocam suas análises no papel dos fatores institucionais. Estudos como os de Rafael Hernández refletem sobre a temática do ponto de vista da política migratória estadunidense como impulsionadora da migração.<sup>32</sup> Caminhos semelhantes foram trilhados por Felix Masud-Piloto. Em suas investigações, analisa o impacto que a política de “braços abertos” dos Estados Unidos teve na promoção da migração cubana, mostrando ainda que a confrontação entre os dois países tem uma incidência na formulação e aplicação da política migratória.<sup>33</sup>

Quanto à historiografia da Operação Pedro Pan, os trabalhos produzidos, em linhas gerais, têm orbitado em torno de quatro perspectivas principais. A primeira preocupa-se com o simbolismo das crianças na construção dos projetos políticos nacionais, os estudos recentes das historiadoras canadenses Karen Dubinsky, com o livro *Babies without Borders: Adoption and Migration across the Americas*, e Anita Casavantes Bradford, com o livro *The Revolution is for the children: The Politics of Childhood in Havana and Miami, 1959-1962* são expressivos a esse respeito.<sup>34</sup>

Dubinsky narra as histórias inter-relacionadas de crianças cubanas da Operação Pedro Pan, crianças negras estadunidenses dos anos sessenta e crianças guatemaltecas “desaparecidas” em redes transnacionais de adoção durante a guerra civil deste país. Já Casavantes Bradford faz um estudo comparativo sobre as políticas em relação às crianças em Havana e Miami, em que argumenta que, na primeira, o governo revolucionário empregou uma política da infância moralmente carregada para conduzir uma revolução nacionalista e reformista em direção ao socialismo. Ao mesmo tempo, na segunda, os líderes exilados cubanos colocaram as crianças no centro dos esforços para mobilizar a oposição ao regime de Castro.

A segunda perspectiva volta-se para a operação enquanto instrumento utilizado pelos Estados Unidos para desestabilizar a Revolução Cubana, representando o que poderia ser

---

<sup>31</sup> CLARK, Juan; LASAGA, Jose; REQUE, Rose. *op. cit.*, p. 2-3

<sup>32</sup> HERNÁNDEZ, Rafael. La política de los Estados Unidos hacia Cuba y la cuestión de la migración. *Cuadernos de Nuestra América*. La Habana, n. 2, v. 3, p. 75-100, 1985.

<sup>33</sup> Cf: MASUD-PILOTO, Felix. *With Open Arms: Cuban Migration to the United States*. Totowa, NJ: Rowman and Littlefield, 1988.

<sup>34</sup> Conferir: BRADFORD, Anitta. *The Revolution is for the Children: The Politics of Childhood in Havana and Miami, 1959-1962*. North Carolina: The University of North Carolina Press, 2014. DUBINSKY, Karen. *Babies without Borders: Adoption and Migration across the Americas*. Canada: University of Toronto, 2010.

chamado, com algumas ressalvas, de “interpretação oficial” do êxodo na ilha.<sup>35</sup> Destaca-se aqui o trabalho dos autores cubanos Ramón Crespo e José Marrawi com o livro *Operación Peter Pan: un caso de guerra psicológica contra Cuba*, cuja narrativa a apresenta como mais um componente das práticas hostis dos Estados Unidos em relação a Cuba. Os dois autores produziram, está claro, uma historiografia orientada por evidentes questões ideológicas; e, pela proximidade aos órgãos do governo, tiveram acesso à documentação privilegiada para escrever a obra.

A terceira perspectiva está mais direcionada para a vida dos Pedros Pans no exílio, tentando compreender os aspectos positivos e negativos da experiência de assimilação.<sup>36</sup> Os estudos produzidos pelo historiador estadunidense-cubano Victor Andres Triay, *Fleeing Castro: Operation Pedro Pan and the Cuban Children's Program* e o da Pedro Pan Yvonne Conde, *Operation Pedro Pan: The Untold Exodus of 14,048 Cuban Children* ilustram esse debate. Conde e Triay escrevem sobre os aspectos positivos do programa por ter fornecido um caminho para os jovens cubanos e um ambiente de cuidado nos Estados Unidos. Enquanto a primeira autora abriu espaço para discutir sobre as experiências malsucedidas dos Pedro Pan, o segundo buscou combater as narrativas críticas ao programa que haviam surgido na década de 1970, encobrindo histórias de sofrimento de crianças e adolescentes refugiados nos Estados Unidos.

Finalmente, há a quarta abordagem (ainda em construção) que insere a migração infantil na dinâmica da Guerra Fria, fazendo, desse modo, uma análise de cunho político-institucional, pensando-a em uma perspectiva menos circunscrita às relações Estados Unidos-Cuba e que acaba por abordar uma ou mais de uma das perspectivas acima mencionadas.<sup>37</sup> O trabalho de maior destaque é o da Pedro Pan María de los Angeles Torres: *The Lost Apple: Operation Pedro Pan, Cuban Children in the U.S., and the Promise of a Better Future*. A preocupação central da autora está em mapear os atores, programas e organizações responsáveis pelo desenvolvimento da operação. Apesar da importância de seus estudos, ela negligencia os interesses geopolíticos da Igreja na execução da operação, enfatizando as

---

<sup>35</sup> Conferir: CRESPO, Ramón; MARRAWI, José. *Operación Peter Pan: un caso de guerra psicológica contra Cuba*. La Habana: Política, 2000. CORTES, Olga Rosa Gomez. *Operación Peter Pan Cerrando el Círculo en Cuba*. La Habana: Fondo Editorial Casa de las Américas, 2013.

<sup>36</sup> Conferir: CONDE, Yvonne M. *Operation Pedro Pan: The Untold Exodus of 14,048 Cuban Children*. New York: Routledge, 1999.

<sup>37</sup> Maria de Los Angeles Torres, apesar de ter essa abordagem mais política e institucional, ainda se manteve bastante circunscrita às relações Estados Unidos-Cuba. Além disso, o papel da Igreja não teve destaque em seu livro. Conferir: TORRES, María de Los Angeles. *The Lost Apple: Operation Pedro Pan, Cuban Children in the U.S., and the Promise of a Better Future*. Boston: Beacon, 2003.

relações bilaterais Cuba-Estados Unidos e tende a vê-la de forma aproximada à perspectiva de Ramón Crespo e José Marrawi.

Independente da abordagem, esses trabalhos convergem para a tese de que os conflitos oriundos da Guerra Fria tiveram incidência no desenvolvimento da operação. Sem embargo, o contrário também pode ser verdadeiro, isto é, a operação pode ter incidido sobre conflitos futuros direta ou indiretamente, no sentido de ter sido um importante laboratório para as práticas de hostilidade que utilizavam a migração como ferramenta de política externa. Em que pese tenha se reafirmado a visão de que os debates públicos sobre o êxodo foram poderosamente limitados pelos parâmetros filosóficos da Guerra Fria, também se argumenta nesta tese que as construções narrativas responderam a uma série de fatores políticos, sociais e culturais ainda inexplorados.

O presente trabalho foi, desse modo, estruturado em quatro capítulos, que seguem, grosso modo, as etapas de desenvolvimento da Operação Pedro Pan e dos seus usos políticos pelos Estados Unidos e por Cuba. No primeiro capítulo foi examinada de forma panorâmica a importância que o anticomunismo religioso assumiu nos anos iniciais da Guerra Fria. De cunho introdutório, essa análise se fez necessária para compreensão de como se desenvolveu a Guerra Fria religiosa nas Américas que, por conseguinte, permitiu o surgimento de um evento nos moldes da operação.

O segundo capítulo versou sobre a política migratória estadunidense no período, dando ênfase à excepcionalidade da maneira como lidaram com os imigrantes cubanos. Foi nesse momento que veio à tona diversos aspectos da relação conflituosa com Cuba, evidenciando como tanto a migração quanto as crianças e adolescentes constituíram parte importante da guerra psicológica desencadeada após o desgaste das relações diplomáticas. Nessa etapa, também foram evidenciadas as principais políticas que contribuíram para a decisão dos pais de enviarem seus filhos para o exterior.

O objeto de análise do terceiro capítulo foi a Operação Pedro Pan como um todo, tentando mapear sua importância no conflito bilateral, na Guerra Fria religiosa e nos movimentos anticomunistas de oposição ao governo cubano. Buscou-se evidenciar como a operação esteve intimamente imbricada com os conflitos entre o governo cubano e seus opositores, extrapolando, desse modo, sua perspectiva internacional.

Finalmente, a última etapa do estudo se concentrou tanto no choque de versões quanto nos usos políticos de que a operação tem sido alvo, momento em que aspectos filosóficos importantes tendem a surgir como justificativa tanto para o êxodo como para sua historicização. Foi incontornável, nessa etapa, transitar por aspectos importantes da agenda

política dos Pedros Pans e pelo marcante anticomunismo ainda vigente entre eles capaz de influenciar a manutenção ainda hoje dos conflitos com seu país de origem.

Para atingir todos os níveis da análise histórica proposta, um repertório documental bastante vasto precisou ser montado para favorecer a enorme diversidade de situações. Como oportunamente observou Beatriz Sarlo, sobre a década de sessenta existe uma massa de material escrito contemporâneo aos fatos bastante substancial que seguiam ou antecipavam o correr dos acontecimentos. São fontes ricas com potencial de acrescentar a moldura de um espírito de época.<sup>38</sup> À vista disso, o repertório documental para elaboração desta tese incluiu – além de material de arquivo diplomático – jornais e revistas, cartoons, filmes, documentários, cartas presidenciais, discursos políticos, processos judiciais, documentos eclesiásticos e testemunhos de personagens-chave envolvidos na operação, inclusive dos próprios Pedros Pans. Houve, é importante ressaltar, preocupação tanto em identificar os fatos mais relevantes quanto avaliá-los de modo crítico, tendo como vértice a história política de Cuba e dos Estados Unidos no período.

Dos Estados Unidos, foram consultados principalmente os documentos do arquivo histórico do Departamento de Estado (onde se encontra a maior parte dos expedientes telegráficos, memorandos e ofícios das relações Cuba-Estados Unidos), sobretudo aqueles oriundos das administrações Truman, Eisenhower e Kennedy. Essas fontes demonstram as agendas políticas que animaram os indivíduos e instituições que participaram do programa e como a operação tornou-se tão interligada com a luta anti-Castro. O grande desafio dessa etapa esteve em que a trilha documental da Operação Pedro Pan está espalhada por uma série de agências federais, sendo a principal delas a CIA, que mantém possíveis documentos em sigilo sob alegação de segurança nacional. Os arquivos do estado da Flórida, que poderiam responder também a questões importantes para os objetivos deste estudo, igualmente não estavam abertos ao público. Os do *Catholic Welfare Bureau*, considerados privados, foram doados à *Barry University* – indivíduos podem pedir para ver seus próprios arquivos, mas o público não; portanto, não puderam ser trabalhados.

As bibliotecas presidenciais de Truman, Eisenhower e Kennedy foram recorrentemente consultadas para verificar seus discursos e cartas. Os arquivos eclesiásticos ou leigos produzidos pelo clérigo Bryan O. Walsh, figura principal na organização da Operação Pedro Pan nos Estados Unidos, configuraram-se também como importante fonte documental, obtida por meio da biblioteca da *Barry University* de Miami e da *Digital Library*

---

<sup>38</sup> SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 61.

*of the Caribbean*. Tanto os presidentes quanto o clérigo estavam agindo, discursando e escrevendo a partir do trauma histórico de sua época (guerras mundiais, possível conflito nuclear etc.), cujas consequências ainda estavam evoluindo ativamente na cena política, histórica, cultural e artística. Partindo dessas premissas e da mutabilidade dos elementos políticos que influenciavam diretamente suas ações, a leitura crítica adequada das fontes produzidas por eles indispensavelmente obedeceu a um fluxo contínuo entre questões do texto e de fala e do contexto.

As produções da mídia utilizadas são oriundas de diversos jornais estadunidenses, todos eles consultados nos seus arquivos digitais, dos quais os principais foram *The New York Times* e o *Miami Herald*. A escolha pelo *The New York Times* se deu pela importância dele em seu país e pela sua estreita ligação construída com a história da Revolução Cubana desde a publicação da matéria de Herbert L. Matthews sobre a insurreição armada. Já o *Miami Herald* era indispensável para essa pesquisa pela sua expressividade em Miami e por ter fornecido os testemunhos dos Pedros Pans, publicados recentemente em uma plataforma exclusivamente dedicada à operação para preservação de sua memória e da unidade do grupo. Como várias fontes estavam ainda classificadas, os testemunhos se tornam uma peça fundamental para a operação historiográfica.

O importante a ser destacado sobre o procedimento metodológico adotado com esse tipo de fonte é ver o periódico, como propôs Hector Borrat, como um ator político, capaz, pois, de “afetar o processo de tomada de decisões no sistema político”<sup>39</sup>. Tanto os jornais quanto as revistas eram canais de difusão de ideias, voltados para, entre outras ações, influenciar a vida política nacional por meio da reverberação de determinados valores e padrões de comportamento. A imprensa foi aqui entendida, então, como uma linguagem constitutiva do social, com historicidade e peculiaridades próprias e que precisou ser trabalhada e compreendida como tal.<sup>40</sup>

Os documentários e filmes forneceram alguns testemunhos das pessoas-chave da operação (como James Baker, Ramón Grau, Leopoldina Grau e Penny Powers). O uso deles e também dos testemunhos dos Pedros Pans não pretendeu ser um exercício de história anedótica, mas um meio de inferir como a experiência individual se concatenava com a história política. Suas trajetórias interconectadas se mostraram centrais na história da Cuba pós-revolucionária e da comunidade de exilados em Miami, pois lançam importante luz sobre

<sup>39</sup> BORRAT, Héctor. *El periódico, actor político*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1989, p. 100.

<sup>40</sup> CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. *Projeto História*, São Paulo, n° 35, dez. 2007, p. 258.

as relações Estados Unidos-Cuba e Estados Unidos-América Latina durante o auge da Guerra Fria. O que realmente importou, como já havia observado Portelli, é que, neste trabalho, a memória não foi encarada como um depositário passivo de fatos, mas um processo ativo de criação de significados<sup>41</sup>.

As narrativas testemunhais foram, destarte, tidas como um modo de reconstrução do passado, inscrevendo a experiência numa temporalidade que não era a de seu acontecer.<sup>42</sup> Essa marca do presente nas narrativas testemunhais, ainda polêmica em parte da historiografia, antes de ser um obstáculo para esta tese, foi uma possibilidade a mais de leitura desse passado. E a crítica exercida sobre elas foi semelhante à exercida em qualquer outra fonte, ou seja, observou-se as condições de produção, sobretudo no que concerne ao cenário político, e foi feita a correlação com outras fontes relevantes para a análise.

Para os Pedros Pans, narrar suas experiências eram também um modo de recompor os laços sociais e comunitários perdidos no exílio, sendo seus discursos resultado daquilo que seus instrumentos culturais lhe permitiram capturar do passado, que suas ideias lhe indicavam que deveria ser enfatizado em função de uma ação política ou moral no presente.<sup>43</sup> Aquele foi um período fortemente ideológico e as ideologias, longe de declinar, aparecem como sistemas fortes que organizam suas experiências e subjetividades. Quando se fala de ideologia neste estudo, refere-se à interpretação sugerida por Terry Eagleton, isto é, “o núcleo duro da coesão das formações políticas”, valores que têm a função de orientar o comportamento; isto é, a tradução de ideias em um conjunto doutrinário “prático”, factível e inteligível, capaz de motivar a ação política.<sup>44</sup>

Indispensável para esta pesquisa era outrossim aferir o que havia sido produzido em Cuba sobre a Operação Pedro Pan. Embora com fontes mais restritas que as disponíveis nos Estados Unidos, foi possível encontrar referências (diretas e indiretas) nos jornais e revistas de maior circulação no país, nos discursos de Fidel Castro, nas circulares dos bispos da Igreja Católica cubana, em documentários e em alguns poucos documentos disponibilizados pela historiografia mais sintonizada com o discurso oficial. Os documentos eclesiais dos bispos de Cuba foram publicados e podem ser consultados pelo *La voz de la Iglesia en Cuba: 100 Documentos Episcopales*. Os discursos e reflexões de Fidel Castro estão todos transcritos no portal do governo de Cuba.

---

<sup>41</sup> PORTELLI, Alessandro. *The Death of Luigi Trastulli and Other Stories: Form and Meaning in Oral History*. New York: State University of New York, 1991, p. 52.

<sup>42</sup> SARLO, Beatriz. *op. cit.*, p. 59.

<sup>43</sup> *Ibidem*, p. 59.

<sup>44</sup> EAGLETON, Terry. *Ideologia: uma introdução*. São Paulo: Boitempo, 1997, p. 53-54.

Esses discursos do líder cubano, como também os de Kennedy e os de Eisenhower, foram lidos como ações do presente com implicações também para o futuro, em que as ideias defendidas neles eram claramente o núcleo constitutivo de suas identidades políticas. A ênfase desta investigação foi dada em analisar as transformações de suas falas com base nas exigências políticas de seu tempo, sem perder de vista a utilização delas como recurso importante para a reconstituição do passado no futuro.

Os principais jornais utilizados foram o *Revolución* e o *Diario de la Marina*, todos consultados gratuitamente nos arquivos da *Digital Library of the Caribbean*. A importância do uso dessas fontes estava justamente em conseguir confrontar duas visões antagônicas da história política da ilha, já que o *Revolución* é sabidamente mais sintonizado ao discurso oficial do governo e o *Diario de la Marina* de cunho mais anticomunista e católico. Além deles, outra fonte cubana bastante explorada foram os artigos da principal revista do país, a revista *Bohemia*, consultados gratuitamente, por intermédio também da *Digital Library of the Caribbean*.

O arsenal metodológico norteador das reflexões desta tese foi resultado do debate com alguns teóricos e categorias de análise, que tiveram o papel de guia na interpretação dos eventos narrados. A maioria desses autores é vinculada às perspectivas da História Política, campo que experimentou grandes renovações nas últimas décadas, tanto em termos de conceitos quanto de abordagens. Essas mudanças revelaram diversas facetas do poder, que, embora continue a ser visto no sentido tradicional e ainda relevante do Estado e das instituições, passa também a ter outro sentido – o de produção e difusão de representações e imaginários por meio do discurso. Por esse enfoque, o poder é pensado enquanto relacional, envolvendo múltiplos agentes e instituições, situados em campos sociais em contínua e tensa disputa. Além disso, alguns autores das Relações Internacionais, sobretudo Jean-Baptiste Duroselle, Cristina Soreanu Pecequilo e Jorge Dominguez foram constantemente consultados e serviram de inspiração para um número significativo de reflexões propostas.

Em que pese este estudo tenha por norte o exame da história da Operação Pedro Pan, foi necessário – e mesmo incontornável – criteriosa contextualização do objeto de estudo, obedecendo a um duplo movimento de análise, isto é, investigando condições tanto externas quanto internas ligadas ao êxodo. Foi, assim, escolha metodológica a dedicação de um amplo número de páginas aos acontecimentos subjacentes à operação com vistas a observar o desenvolvimento da dimensão religiosa da Guerra Fria. E também por se considerar, como observou Rüsen, que “um fato não possui sentido, significado ou significância

especificamente históricos em si próprio. Ele se reveste desse sentido ‘histórico’ apenas numa determinada relação temporal e semântica para com outros fatos”.<sup>45</sup>

Finalmente, o entendimento que guiou esta pesquisa foi de que a história da Operação Pedro Pan é alvo de disputas, um campo de forças em constante construção. O interesse esteve centrado nos dissensos, nos atores e nas instituições envolvidos no estabelecimento de uma imagem da migração e nos usos políticos na esfera internacional. Por outro lado, buscou-se reforçar a construção de uma historiografia que se propõe a ultrapassar tais disputas e conflitos, os quais certamente ainda continuarão existindo. Esta tese, espera-se, poderá lançar luz sobre aspectos pouco discutidos a propósito da Revolução Cubana, das relações Estados Unidos-Cuba, Estados Unidos-América Latina e das tensões produzidas pela exigência nem sempre tácita de que a história da Operação Pedro Pan reforce os mitos e as metanarrativas históricas com que as comunidades cubanas revolucionárias e estadunidenses continuam a se definir.

---

<sup>45</sup> RÜSEN, Jörn. Narratividade e Objetividade nas Ciências Históricas. *Textos de História*, v. 4, n. 1, p. 75-102, 1996.

## CAPÍTULO 1

### A GUERRA FRIA RELIGIOSA NA AMÉRICA

A Operação Pedro Pan teve lugar no desenvolvimento de um conflito em que as fronteiras entre a religião e a política se mostravam bastante confusas. A Guerra Fria foi, em muitos prismas, também religiosa. As realidades de equilíbrio de poder, questões de segurança, de política, de economia e de ideologia tiveram de dividir espaço com as de valores espirituais. As diferenças nas estruturas políticas e sistemas econômicos e até mesmo nos interesses nacionais, embora importantes, empalideceram frente à perspectiva de um mundo “governado pelo mal”, um mundo sem Deus. Sem este contexto político-teológico, ela, certamente, não pode ser entendida.

Assim, a religião atuou de duas formas no período: como causa e como instrumento.<sup>46</sup> Quanto à causa, ajudou a determinar por que os Estados Unidos se opuseram à União Soviética. Quanto a instrumento, ocupou lugar de destaque no arsenal a ser utilizado contra o adversário, sobretudo como arma potencial no esforço de propaganda, fortalecendo a determinação anticomunista doméstica e buscando minar o comunismo no exterior. Presidentes como Truman, Eisenhower e Kennedy, junto a muitos outros políticos e líderes religiosos, convenceram-se de que estavam diante de uma competição não apenas entre dois poderes rivais, mas entre dois modos de vida opostos. Afinal, o comunismo supostamente ameaçava, além da segurança física e da prosperidade econômica do Ocidente, a sua própria identidade.

À vista disso, este capítulo tratará da importância que o anticomunismo religioso assumiu tanto nos Estados Unidos quanto em Cuba nos anos iniciais da Guerra Fria. A temática será abordada em três sessões, sendo a primeira destinada a expor os desentendimentos ideológicos entre o comunismo e a Igreja Católica, com enfoque para as relações Vaticano-União Soviética. Em seguida, será discutida a influência da religião na política externa dos Estados Unidos e na gestação do anticomunismo nesse país, perpassando por três administrações: Truman (1945-1953), Eisenhower (1953-1961) e Kennedy (1961-1963). Por fim, na última etapa, será apresentado o modo como anticomunismo católico foi exacerbado em Cuba após o triunfo da Revolução Cubana.

O objetivo dessa exposição panorâmica é o de examinar como o anticomunismo religioso assumiu um papel de destaque no curso de diferentes ações da Guerra Fria, tornando

---

<sup>46</sup> INBODEN, William. *Religion and American Foreign Policy (1945-1960): the soul of containment*. Cambridge: Cambridge University, 2008, p. 02.

possível, por exemplo, a execução da Operação Pedro Pan. A partir disso, será possível, acredita-se, ter uma visão mais clara do contexto de surgimento da operação e das possíveis causas para o seu desenvolvimento.

### **1.1 - Igreja Católica e Comunismo: aspectos da divergência**

A vitória do exército soviético sobre a Alemanha nazista conferiu ao ideário comunista, no período imediato do pós-guerra, um enorme prestígio na opinião pública mundial, visto que sua forte política antifascista possibilitou o triunfo sobre as atrocidades cometidas pelos alemães. Os crimes dos soviéticos perpetrados na URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas) e nos territórios ocupados – como os fuzilamentos de opositores, a Gulag e os estupros de alemãs – foram mascarados pela revelação da Shoah. A credibilidade alcançada, todavia, após a capitulação alemã, diz respeito não apenas à vitória sobre o nazismo, mas a sua promessa de se impor como resposta às desilusões trazidas pelo capitalismo e pelos processos dele derivados: o imperialismo, os grandes monopólios e a burguesia internacional. Essa promessa se cumpriria por intermédio da abolição desse sistema e da derrubada da classe dominante pela classe operária, conformando um novo ordenamento mundial. O fascínio de outubro de 1917 repousa nessa convicção que atravessará todo o século XX.

Na Revolução de 1917, foi forjado o núcleo que nutre a atração a esse sistema: o triunfo das massas humilhadas. Ela se tornou um modelo universal de ascensão do proletário, por ter, na ocasião, tomado as rédeas do poder e proposto um sistema político-econômico-cultural alternativo ao capitalismo, essencialmente, alheio aos valores estadunidenses. Os comunistas eram movidos pelo entendimento de que exerceriam um papel fundamental na emancipação não apenas dos trabalhadores explorados, mas do próprio gênero humano.

A partir daí, a filosofia do comunismo entrou em uma nova fase de desenvolvimento. Anteriormente, seus problemas eram grosso modo abstratos, preocupados com a interpretação da história, a análise da economia capitalista e a especulação sobre a sociedade sem classes do futuro e sobre como ela deveria acontecer. Com o fim da Revolução na Rússia, Lenin e seus partidários assumiram a responsabilidade de guiar não apenas o destino da classe proletária internacional, mas também as políticas de uma nação grande e poderosa, contra a qual havia somente um único poder rival. Enquanto esse pequeno grupo de líderes revolucionários

afirmava ser adepto ortodoxo do materialismo dialético de Marx, o pragmatismo da política o forçava a expandir e reinterpretar as doutrinas com as quais teoricamente se filiara.

Nos moldes do sistema difundido pela URSS, o marxismo-leninismo era herdeiro de uma tradição filosófica do século XVIII, anticlerical em sua essência, cujo pensamento central era a capacidade do homem de melhorar sua situação quando modifica o organismo social. Essa filosofia tornou-se a pedra angular da dissensão com a Igreja, pois ela se manifestava como um obstáculo ao supostamente ensinar o proletariado a ser submisso, esperando uma recompensa celestial posterior. Tal passividade o impediria de sair de sua condição de miséria e revolucionar o sistema político ao qual estaria injustamente submetido. O comunismo, em contrapartida, o auxiliaria a se libertar do sedentarismo reacionário prescrito pelo pensamento religioso, incentivando-o a lutar por uma vida melhor no presente imediato.

A Igreja, então, era entendida por Lenin como uma forma de opressão espiritual sobre a consciência das massas, perpetuando-se sobre a impotência dos explorados na luta contra os seus exploradores. A sua raiz mais profunda era a condição socialmente oprimida dos indivíduos diante das forças cegas do capitalismo. Em suas próprias palavras, a *“Religion is a sort of spiritual dope, in which the slaves of capital drown the image of man, their demand for a life more or less worthy human beings”*<sup>47</sup>. A base do sistema político proposto, como Marx e Engels declararam, lembrou Lenin no importante artigo *Socialism and Religion*, deveria ser o materialismo dialético, absolutamente ateu e positivamente hostil a toda religião.<sup>48</sup>

Essas críticas dispensadas à Igreja, entre muitas outras razões, justificavam-se, argumentavam, pelo completo abandono dos interesses dos menos favorecidos por parte da hierarquia eclesiástica, não havendo qualquer movimento efetivo, nem por ações, nem por discursos, para erradicar os abusos da burguesia sobre o proletariado. De fato, transcorreu mais de 40 anos do Manifesto Comunista à encíclica *Rerum Novarum*, de Leão XIII, considerada um dos primeiros documentos pontificais sobre os problemas sociais da classe operária. Rosa Luxemburgo, em 1905, também havia condenado a suposta vinculação classista-econômica da Igreja à burguesia, denunciando padres atuando contra os trabalhadores radicais<sup>49</sup>:

Assim, o clero, que se torna o porta-voz dos ricos, o defensor da exploração e opressão, põe-se a si próprio em flagrante contradição com a doutrina cristã. Os bispos e os padres não são os propagadores dos ensinamentos

---

<sup>47</sup> LENIN, V. I. *Socialism and Religion*. Moscow: Foreign Languages Publishing House, 1954, p. 6.

<sup>48</sup> *Ibidem*, p. 6.

<sup>49</sup> LUXEMBURGO, Rosa. O Socialismo e as Igrejas: o Comunismo dos Primeiros Cristãos. *Marxismo Vivo*. São Paulo, n. 11, p. 111-124, 2005.

cristãos, mas os adoradores do Bezerro de Ouro e do chicote que açoita os pobres e indefesos (...). Os trabalhadores espantam-se de como na luta da sua classe pela emancipação vão encontrar nos servidores da Igreja inimigos e não aliados. Como a Igreja desempenha o papel de defesa da opressão rica e sangrenta, em vez de ser o refúgio dos explorados?<sup>50</sup>

De modo geral, somava-se a esses argumentos, o entendimento de que a Igreja representava a base de sustentação do “Antigo Regime” ao qual eles queriam definitivamente se opor.<sup>51</sup> Era, ademais, uma instituição com uma ampla estrutura para circulação de ideias e ideologias, expressa em escolas, universidades, centros de pesquisa e editoras, redes de caridade, e bastante energia humana – missionários clérigos e leigos –, limitando, portanto, a capacidade de homogeneização política almejada pelo comunismo. Finalmente, ela respondia a um Estado próprio, abrangendo em um só tempo o estatal e o transnacional, por meio da Santa Sé, a sede espiritual do catolicismo.<sup>52</sup> Tais características a fizeram emergir como importante contraponto para a difusão do comunismo no mundo.

Por essa razão, na perspectiva do marxismo-leninismo, a liberdade política só seria finalmente conquistada quando a separação completa entre Igreja e Estado fosse efetiva. Isso requeria pensá-la a partir da categoria de luta de classes e não como uma questão “intelectual” abstrata.<sup>53</sup> A revolução do proletariado deveria ter como um de seus fundamentos básicos a derrocada de todos os atributos do medievalismo (categoria em que incluíam a religião), para o alcance do ideal comunista. Todos os domínios da vida social deveriam ser transformados radicalmente: toda “a criação cultural deveria ser subordinada às tarefas políticas do Estado ‘proletário’, em particular à glorificação do sistema existente”<sup>54</sup>, inclusive a religião.

Algumas teorias mais recentes, no entanto, buscam uma reconciliação entre as postulações de Marx e a religião. É verdade que ele se caracterizava como um materialista histórico em oposição ao idealismo de Hegel, mas com isso, segundo alguns teóricos, não estaria substituindo um monismo espiritualista por outro materialista: o motor da história não seria uma consciência abstrata que produz ideias, mas a realidade concreta da vida do homem, chamada, em razão disso, de “vida material” (daí “materialista”). Quanto ao seu ateísmo, ao invés de um ateísmo metafísico (em que a existência de Deus seria categoricamente negada), esses autores propõem tratar-se de um ateísmo da responsabilidade moral do homem, e isso

<sup>50</sup> *Ibidem.*

<sup>51</sup> POLLARD, John. *The papacy in the age of totalitarianism 1914-1958*. New York: Oxford University, 2014, p. 367.

<sup>52</sup> ARRAES, Virgílio Caixeta. *Relações Internacionais da Santa Sé: da fragilidade à busca de maior autonomia (1945-1978)*. Tese de Doutorado, PPGHIS. UnB, 2006, p. 37.

<sup>53</sup> LENIN, V. I. *op. cit.*, p. 10.

<sup>54</sup> KOLAKOWSKI, Leszek. *O espírito revolucionário. Marxismo – utopia e antiutopia*. Brasília: Universidade de Brasília, 1985, p. 13.

consiste em dizer: não há nem pode haver um Deus em quem o homem possa descarregar sobre ele a responsabilidade pelos seus atos; ou seja, seria uma espécie de ateísmo ético.<sup>55</sup>

De todo modo, certamente os representantes da Igreja Católica não compartilhavam dessa interpretação à época da Guerra Fria, pois se posicionaram como o baluarte da defesa do hemisfério contra o comunismo, cujo entendimento desse sistema era o de que ele traria a destruição da sociedade, a emergência do caos social e do terror político. A crítica indeclinável da Igreja derivava do fato, no prisma de seus principais defensores, de tal sistema não se restringir apenas a um programa de revolução social e econômica; ele questionava os fundamentos básicos da religião católica como um todo: negava a existência de Deus e professava o materialismo ateu; pretendia substituir a moral cristã e destruir a instituição da família;<sup>56</sup> instituí a primazia do fator econômico sobre os valores morais; e estabelecia como condição do seu pleno estabelecimento a completa supressão da religião tradicional.

Tem-se, por esse ângulo, uma interpretação da sociedade comunista como um modelo em que imperaria a ausência de limitação para os poderes do partido, levando invariavelmente ao absolutismo estatal; o indivíduo perderia sua posição legal fora da coletividade, significando a supressão da liberdade individual; a lei operaria apenas como um instrumento para reprimir as atividades subversivas, conduzindo à tirania legal; a filosofia, a arte, a literatura perderiam sua autonomia e se colocariam a serviço do regime; a família seria reduzida a uma instituição artificial, posto que os filhos deixariam de pertencer aos pais para serem tutelados pelo Estado; finalmente, a religião não seria tolerada, senão mediante inúmeras limitações, pois ela poderia ocasionar uma dubiedade no sentido da obediência a quem o povo deveria prestar.

Temendo o avanço de tal sistema, pelo menos dez papas fizeram condenações ao comunismo e seu antecessor, o socialismo: Pio IX, Leão XIII, Pio X, Bento XV, Pio XI, Pio XII, João XXIII, Paulo VI, João Paulo II e Bento XVI. Sendo as encíclicas mais importantes sobre o assunto: a *Rerum Novarum* de Leão XIII, a *Divinis Redemptoris* e a *Quadragesimo Anno* de Pio XI.<sup>57</sup> Nessas e em outras cartas papais, os dirigentes da Igreja abordaram temas como a subversão da ordem “natural” das coisas, a laicidade, o ateísmo, a perda do temor a Deus; a irreverência pelas leis divinas; a supressão do direito à propriedade; o Estado

<sup>55</sup> Essa teoria foi mais bem exposta pelo filósofo argentino Conrado Eggers Lan no livro organizado por Beatriz Sarlo, *La batalla de las ideas (1943-1973)*, em uma seção sobre Cristianismo e Marxismo. EGGERS LAN, Conrado. Cristianismo y marxismo. In: SARLO, Beatriz (org). *La batalla de las ideas (1943-1973)*. Buenos Aires: Ariel Historia, 2001, p. 108-115.

<sup>56</sup> MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. Niterói: Eduff, 2020, p. 45.

<sup>57</sup> Optou-se neste trabalho por manter os títulos das encíclicas na língua em que eles estão dispostos no site oficial do Vaticano na internet.

controlador; a perseguição religiosa; o uso abusivo da imprensa; e a idealização do comunismo como “solução simples e radical” para todos os problemas da sociedade.

Para a hierarquia da Igreja, o socialismo/comunismo são movimentos históricos bastante limitados, pois reduzem todos os problemas da sociedade a uma questão de luta de classes, basicamente econômica, pautando-se em termos muito genéricos: apresenta-se sob a máscara da redenção dos humildes e por um pseudo-ideal de justiça, de igualdade e de fraternidade universal.<sup>58</sup> Contudo, para atingir tais termos, que em sua essência não contrariariam a doutrina católica, tentam revolucionar radicalmente a ordem social, subvertendo os fundamentos da civilização cristã, levando à severa restrição da liberdade humana, subordinando todos os valores e costumes ao fim último de seus projetos.<sup>59</sup>

Leão XIII, por meio da encíclica *Quod Apostolici Muneris*, no século XIX, já posicionava o comunismo como antagônico à Igreja, ao analisá-lo como “Peste mortífera, que invade a medula da sociedade humana e a conduz a um perigo extremo”<sup>60</sup>. Na famosa encíclica *Rerum Novarum*, atestou que o socialismo propõe uma solução para os problemas da sociedade, em sua essência “sumamente injusta, por violar os direitos legítimos dos proprietários, viciar as funções do Estado e tender para a subversão completa do edifício social”<sup>61</sup>. A solução socialista não se mostrava capaz de pôr termo ao conflito de classes, em vez disso, criaria

...perturbação em todas as classes da sociedade, uma odiosa e insuportável servidão para todos os cidadãos, porta aberta a todas as invejas, a todos os descontentamentos, a todas as discórdias; o talento e a habilidade privados dos seus estímulos, e, como consequência necessária, as riquezas estancadas na sua fonte; enfim, em lugar dessa igualdade tão sonhada, a igualdade na nudez, na indigência e na miséria.<sup>62</sup>

Antes disso, seu predecessor Pio IX, na encíclica *Qui pluribus*, já havia definido o comunismo como uma “doutrina nefanda”, contrária “ao próprio direito natural, a qual, uma vez admitida, levaria à subversão radical dos direitos, das coisas, das propriedades de todos e da própria sociedade humana”<sup>63</sup>. Um pouco mais tarde, Pio XI também condenou em alguma

<sup>58</sup> PIO XI. *Divinis Redemptoris*. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/pius-xi/pt/encyclicals/documents/hf\\_p-xi\\_enc\\_19370319\\_divini-redemptoris.html](https://www.vatican.va/content/pius-xi/pt/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_19370319_divini-redemptoris.html)>. Acesso em: 3 set. 2021.

<sup>59</sup> JOÃO XXIII. *Mater et Magistra*. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf\\_j-xxiii\\_enc\\_15051961\\_mater.html](https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_15051961_mater.html)>. Acesso em: 3 set. 2021.

<sup>60</sup> LEÃO XIII. *Quod Apostolici Muneris*. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/leo-xiii/en/encyclicals/documents/hf\\_l-xiii\\_enc\\_28121878\\_quod-apostolici-muneris.html](https://www.vatican.va/content/leo-xiii/en/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_28121878_quod-apostolici-muneris.html)>. Acesso em: 3 set. 2021.

<sup>61</sup> LEÃO XIII. *Rerum Novarum*. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/leo-xiii/pt/encyclicals/documents/hf\\_l-xiii\\_enc\\_15051891\\_rerum-novarum.html](https://www.vatican.va/content/leo-xiii/pt/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_15051891_rerum-novarum.html)>. Acesso em: 3 set. 2021.

<sup>62</sup> *Ibidem*.

<sup>63</sup> PIO IX. *Qui pluribus*. Disponível em: <<https://www.vatican.va/content/pius-ix/it/documents/enciclica-qui-pluribus-9-novembre-1846.html>>. Acesso em: 3 set. 2021.

medida o comunismo nas encíclicas *Miserentissimus Redemptor* (1928), *Quadragesimo anno* (1931), *Caritate Christi* (1932), *Acerba animi* (1932), *Dilectissima Nobis* (1933). Em, *Quadragesimo anno*, argumentou que ele

...ensina duas coisas e as procura realizar (...): guerra de classes sem tréguas nem quartel e a completa destruição da propriedade particular. Na prossecução destes objetivos a tudo se atreve, nada respeita; uma vez no poder, é incrível e espantoso quão bárbaro e desumano se mostra. Aí estão a atestá-lo as mortandades e ruínas que alastrou vastíssimas regiões da Europa oriental e da Ásia.<sup>64</sup>

Segundo esse pontífice, a luta de classes toma o aspecto de uma guerra santa em prol do progresso da humanidade, produzindo uma sociedade baseada unicamente em fundamentos materialistas. Isso significa a formação de uma coletividade, sem outra hierarquia além do que a derivada do sistema econômico, com a missão de produção de riqueza por intermédio do trabalho coletivo, tendo como único fim o gozo dos bens da terra.<sup>65</sup> Enfim, a doutrina socialista seria inconciliável com a católica:

O socialismo quer se considere como doutrina, quer como facto histórico, ou como « ação », se é verdadeiro socialismo, mesmo depois de se aproximar da verdade e da justiça nos pontos sobreditos, não pode conciliar-se com a doutrina católica; pois concebe a sociedade de modo completamente avesso à verdade cristã.<sup>66</sup>

Em *Divinis Redemptoris*, a mais conhecida de seu pontificado, ampliou os debates dos papas anteriores e se dedicou, sobretudo, a discorrer sobre as questões sociais implicadas em uma escolha desse sistema político. A encíclica foi editada durante as tensões da Guerra Civil Espanhola, quando a Igreja foi alvo de perseguições anticlericais – assassinatos de padres e freiras, estupros e profanação de igrejas e de objetos sagrados – supostamente levadas a efeito por republicanos. O anticomunismo católico atingiu seu ápice nesse período, pois as perseguições foram creditadas nas ações dos comunistas, embora a atuação deles nesses atos ainda seja motivo de debates acalorados na historiografia especializada.<sup>67</sup>

De todo modo, o comunismo, em sua argumentação, apresentava-se sob “a máscara de redenção dos humildes”. Sua base era fundada nos princípios do *materialismo dialético* e

<sup>64</sup> PIO XI. *Quadragesimo Anno*. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/pius-xi/pt/encyclicals/documents/hf\\_p-xi\\_enc\\_19310515\\_quadragesimo-anno.html](https://www.vatican.va/content/pius-xi/pt/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_19310515_quadragesimo-anno.html)>. Acesso em: 23 set. 2021.

<sup>65</sup> PIO XI. *Divinis Redemptoris*. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/pius-xi/pt/encyclicals/documents/hf\\_p-xi\\_enc\\_19370319\\_divini-redemptoris.html](https://www.vatican.va/content/pius-xi/pt/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_19370319_divini-redemptoris.html)>. Acesso em: 3 set. 2021.

<sup>66</sup> PIO XI. *Quadragesimo Anno*. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/pius-xi/pt/encyclicals/documents/hf\\_p-xi\\_enc\\_19310515\\_quadragesimo-anno.html](https://www.vatican.va/content/pius-xi/pt/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_19310515_quadragesimo-anno.html)>. Acesso em: 23 set. 2021.

<sup>67</sup> Conferir, por exemplo, RANZATO, Gabriele. *The Spanish civil war*. New York: Interlink, 1999, p. 75-76; p. 90-98.

histórico, afetando sobremaneira o homem e a família, pois os seus direitos naturais seriam negados enquanto indivíduos para serem atribuídos à coletividade. Até mesmo a autoridade dos pais seria rejeitada, tornando o matrimônio e a família apenas “uma instituição civil e artificial”. Proclamando o princípio da emancipação completa da mulher, os cuidados do lar e dos filhos seriam devolvidos à coletividade, retirando dos pais o direito de educá-los.<sup>68</sup>

Durante os anos iniciais da Guerra Fria, Pio XII estava à frente da Igreja e o comunismo no centro de suas preocupações por temer seu espraiamento pela Europa Ocidental. Ele havia sido testemunha ocular, quando à época era núncio papal de Munique, da tentativa de implantar o comunismo na Alemanha entre 1918 e 1919, avaliando a insurgência como um “desgoverno total” e “reino de terror”.<sup>69</sup> Sabia, portanto, (ou imaginava saber) o que esperar de seu avanço no continente e não mediu esforços para promover, por meio da Santa Sé, uma política dura de contenção contra os soviéticos.

A compreensão dele acerca desse sistema não era diferente das de seus predecessores. Avaliava-o como uma “doutrina funesta”<sup>70</sup>, “inimiga declarada de Deus”, um “perigo gravíssimo” para a Igreja<sup>71</sup>, posto que o materialismo dialético tinha como uma de suas ambições primordiais “arrancar das almas” toda noção de religiosidade.<sup>72</sup> Com enganos propostos sob aparência de verdade, confundia facilmente as “inteligências simples e incultas”, buscava corromper as almas juvenis, propondo o gozo deste mundo como fim único da vida mortal. Além disso, ao entregar todas as coisas ao arbítrio do Estado para que as possuísse e administrasse, diminuía-se a dignidade da pessoa humana a ponto de aniquilá-la quase totalmente.<sup>73</sup>

Por meio de suas encíclicas, discursos e intervenções travou uma guerra implacável contra o regime e seus partidários. Sua oposição se tornou ainda mais expressiva quando países como a Polônia, majoritariamente católica, caíram sob o domínio da União Soviética. Viria ainda a Checoslováquia, a Hungria, a Albânia, a Romênia, a Bulgária e a Iugoslávia entrarem para o rol de territórios sob a esfera de influência soviética, com milhares de católicos entregues, a seu ver, à própria sorte.

<sup>68</sup> PIO XI. *Divinis Redemptoris*. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/pius-xi/pt/encyclicals/documents/hf\\_p-xi\\_enc\\_19370319\\_divini-redemptoris.html](https://www.vatican.va/content/pius-xi/pt/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_19370319_divini-redemptoris.html)>. Acesso em: 3 set. 2021.

<sup>69</sup> RUST, Leandro Duarte. *Mitos Papais: política e imaginação na História*. Petrópolis: Vozes, 2015, p. 200.

<sup>70</sup> PIO XII. *Evangelii Praecones*. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf\\_p-xii\\_enc\\_02061951\\_evangelii-praecones.html](https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_02061951_evangelii-praecones.html)>. Acesso em: 3 set. 2021.

<sup>71</sup> *Ibidem*.

<sup>72</sup> PIO XII. *Humani Generis*. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf\\_p-xii\\_enc\\_12081950\\_humani-generis.html](https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_12081950_humani-generis.html)>. Acesso em: 3 set. 2021.

<sup>73</sup> PIO XII. *Evangelii Praecones*. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf\\_p-xii\\_enc\\_02061951\\_evangelii-praecones.html](https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_02061951_evangelii-praecones.html)>. Acesso em: 3 set. 2021.

Esses países acabariam por vivenciar uma repressão brutal contra a religião católica nos anos iniciais da Guerra Fria. Entre outras políticas, introduziram o casamento civil obrigatório; proibiram leitura de mensagens episcopais e encíclicas papais; editoras e jornais católicos foram suprimidos ou censurados duramente; criaram organizações comunistas para instituição de uma Igreja Católica livre do controle papal, – como na China com a Associação Patriótica Católica Chinesa; as propriedades da Igreja foram nacionalizadas; escolas confiscadas pelo estado; a religião foi eliminada do currículo escolar; mosteiros e seminários fechados; e o clero preso ou deportado quando não concordavam em abjurar o catolicismo romano, tudo isso acompanhado de intensa propaganda anticatólica.

A título de exemplificação, é possível mencionar a condenação do Primaz da Hungria, Cardeal Mindszenty,<sup>74</sup> em 1949, e, na Bulgária, o fuzilamento do bispo Eugene Bossilkov<sup>75</sup>, em 1952. Muitos outros casos poderiam ser mencionados. Embora houvesse certa homogeneidade em relação às campanhas contra a Igreja, o ritmo com que ocorriam variava de país para país a depender da velocidade de consolidação dos regimes e da resistência

---

<sup>74</sup> József Mindszenty foi arcebispo de Esztergom, cardeal e líder da Igreja Católica na Hungria de 1945 a 1973. Para muitos, ele personificou a oposição intransigente ao nazifascismo e ao comunismo em seu país por mais de cinco décadas do século XX. Durante a Segunda Guerra Mundial, foi preso pelo partido pró-nazista Arrow Cross, de quem se mostrou adversário e, depois da guerra, preso pelo regime comunista, de quem igualmente se opôs. No último caso, foi torturado e condenado à prisão perpétua em um julgamento-espetáculo, em 1949, que gerou desaprovação da opinião pública mundial. Após oito anos de prisão, foi libertado na Revolução Húngara de 1956 e recebeu asilo político da embaixada dos Estados Unidos em Budapeste, onde viveu pelos próximos quinze anos. Paulo VI, na Audiência geral de 7 de maio de 1975, referiu-se a ele como: "singular figura de padre e pastor o cardeal Mindszenty! (...). A Providência colocou-o no número de atores de um dos períodos mais difíceis e mais complexos da existência milenária da Igreja do seu nobre país. Foi e continuará certamente a ser, sinal de contradição, como foi objeto de veneração e de ataques violentos, de um tratamento que mergulhou numa emoção dolorosa a opinião pública e em especial o mundo católico e que não poupou nem a sua santa pessoa, nem a sua liberdade". João Paulo II, por sua vez, em 24 de outubro de 2002, referiu-se ao cardeal como modelo a ser seguido pelos católicos húngaros, verdadeira "testemunha da fé durante a perseguição do regime comunista". PAULO VI. *Discorso di Paolo VI in memoria del Cardinale Giuseppe Mindszenty*. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/paul-vi/it/speeches/1975/documents/hf\\_p-vi\\_spe\\_19750507\\_card-mindszenty.html](https://www.vatican.va/content/paul-vi/it/speeches/1975/documents/hf_p-vi_spe_19750507_card-mindszenty.html)>. Acesso em 28 out. 2021. JOÃO PAULO II. *Discurso do Papa João Paulo II ao novo embaixador da Hungria junto da Santa Sé por ocasião da apresentação das cartas credenciais*. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/2002/october/documents/hf\\_jp-ii\\_spe\\_20021024\\_hungary-ambassador.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/2002/october/documents/hf_jp-ii_spe_20021024_hungary-ambassador.html)>. Acesso em: 28 out. 2021.

<sup>75</sup> Eugene Bossilkov, bispo de Nikopol, na Bulgária, foi preso e torturado, em 1952, pelo regime comunista. Na ocasião, foi acusado de ter sido treinado pelo Vaticano para atividades contrarrevolucionárias e de espionagem e de ter sido um dos diretores de uma organização católica clandestina. Segundo a acusação, ele teria ainda mantido contato com diplomatas dos "países imperialistas" e fornecido informações de caráter confidencial. Além disso, foi acusado de ter convocado um conselho diocesano no qual teria ficado decidido combater o comunismo por meio de conferências religiosas realizadas na Bulgária. Sem possibilidade de apelação, foi executado por um pelotão de fuzilamento, em 11 de novembro de 1952, e, posteriormente, jogado em uma vala comum, tendo seu corpo jamais sido resgatado. Foi beatificado pelo Papa João Paulo II, em 1998. Na homília de sua beatificação, o Papa referiu-se a ele como "uma das numerosas vítimas que o comunismo ateu sacrificou na Bulgária e noutros países, no seu programa de aniquilação da Igreja. Naqueles tempos de dura perseguição, ele foi modelo para muitos que, do exemplo da sua coragem, hauriram a força de permanecer fiéis ao Evangelho até ao fim". JOÃO PAULO II. *Homília do Papa João Paulo II na concelebração eucarística para a proclamação de três novos beatos*. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1998/documents/hf\\_jp-ii\\_hom\\_19980315\\_beatificazione.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/1998/documents/hf_jp-ii_hom_19980315_beatificazione.html)>. Acesso em: 28 out. 2021.

oferecida pelos líderes da Igreja.<sup>76</sup> Geograficamente, também foi distinta, sendo, por exemplo, mais intensa na Albânia e mais suave na parte soviética da Alemanha.

Na ocasião da prisão do Cardeal József Mindszenty, Pio escreveu uma carta-protesto direcionada à hierarquia daquele país. A prisão foi vista por ele como uma ofensa à religião e à própria dignidade humana, um ato “contra os direitos da Igreja”, “contra os católicos da Hungria e de todo o mundo”. O documento, sem dúvidas, foi mais uma oportunidade para divulgar sua leitura do comunismo e de suas ações nos países sob o domínio soviético. Na ocasião, denunciou ainda a limitada liberdade da Igreja naquele país, refletida na impossibilidade de haver manifestações públicas de fé nas escolas, na imprensa, em peregrinações a santuários e em associações católicas. E o mais importante, condenou a “privação da vida” dos líderes da Igreja.<sup>77</sup> Finalmente, recomendou o cuidado necessário diante de “falsas aparências da verdade”, atraindo “as almas por meio de enganos e seduções”.

A interpretação dele ia ao encontro da leitura comum feita por teóricos católicos acerca da ideia do comunismo como uma solução final para as agonias e as ansiedades milenares da sociedade. Esta atitude político-profética de salvação total é para a Igreja falaciosa e apenas poderia ser levada a efeito, em um plano hipotético, opondo-se completamente ao mundo existente. Suas propostas por um mundo melhor não encontrariam correspondência com a realidade, pois o comunismo faria uso dos “poderes do mal”<sup>78</sup>, colocando a arbitrariedade das partes e dos interesses econômicos acima das vidas humanas e dos valores morais, levando pessoas à escravidão degradante e fazendo com que as questões de paz e liberdade retrocedessem significativamente.<sup>79</sup> Desse modo, o desafio foi posto ao papa: fazer uso de sua diplomacia para prover a união entre a Igreja ortodoxa e Igreja romana – um problema de longa data enfrentado pelo Vaticano – e encontrar meios de garantir a proteção dos interesses institucionais da Igreja, freando a expansão daqueles tidos como seu “inimigo mais poderoso”, os comunistas.

<sup>76</sup> POLLARD. John. *op. cit.*, p. 367.

<sup>77</sup> PIO XII. *Lettera di Sua Santità Pio XII Agli Ecc.Mi Arcivescovi e Vescovi D'ungheria, in segno di protesta contro l'arresto dell'arcivescovo di Strigonia*. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/pius-xii/it/letters/documents/hf\\_p-xii\\_lett\\_19490102\\_acerrimo-moerore.html](https://www.vatican.va/content/pius-xii/it/letters/documents/hf_p-xii_lett_19490102_acerrimo-moerore.html)>. Acesso em: 3 set. 2021.

<sup>78</sup> PIO XII. *Chirografo di Sua Santità Pio XII All'ecc.Mo Harry S. Truman Presidente degli Stati Uniti D'America\**. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/pius-xii/it/letters/documents/hf\\_p-xii\\_lett\\_19470826\\_have-just.html](https://www.vatican.va/content/pius-xii/it/letters/documents/hf_p-xii_lett_19470826_have-just.html)>. Acesso em: 3 set. 2021.

<sup>79</sup> PIO XII. *Radiomessaggio di Sua Santità Pio XII ai Popoli e ai Governanti*. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/pius-xii/it/speeches/1956/documents/hf\\_p-xii\\_spe\\_19561110\\_luttuosi-eventi.html](https://www.vatican.va/content/pius-xii/it/speeches/1956/documents/hf_p-xii_spe_19561110_luttuosi-eventi.html)>. Acesso em: 3 set. 2021.

Cabe ressaltar, o “inimigo” enquanto conceito para o catolicismo assume moldes bastante radicais, cujas premissas deixaram (ou tem sido deixadas) de ser questionadas. O inimigo excluído religiosamente é espiritualizado, isto é, a ele passa a ser atribuída uma série de características inumanas que justificam sua perseguição e exclusão. Com isso, ponderou Koselleck ao estudar o conceito, o outro ao ser enquadrado nessa fórmula, não tem mais a chance de ser apenas um inimigo, em termos comuns. Ele é empurrado para um patamar abaixo do nível ínfimo das possibilidades humanas, desumanizado no sentido literal.<sup>80</sup>

Por isso, é tão comum nessas interpretações a identificação do comunismo com termos como “peste mortífera”, “força do mal”, “espírito brutalizado” ou “sistema diabólico”, entre tantos outros. Seus usos não eram, contudo, circunscritos ao catolicismo. O importante teólogo protestante Reinhold Niebuhr descreveu o comunismo como um “quixote demoníaco”, cujas inclinações violentas lhe dariam uma “dimensão satânica”<sup>81</sup> e ainda como “um credo político-religioso demoníaco”<sup>82</sup>. Embora de esquerda na década 1920, ele posteriormente passou a criticar o marxismo por sofrer de defeitos inerentes de qualquer esquema utópico que presumisse que os humanos poderiam transcender seus interesses particulares em deferência a um ideal coletivo de longo prazo<sup>83</sup>.

Tentando corresponder à altura dos desafios colocados por esse sistema, Pio XII mobilizou as forças católicas em uma campanha global contra bolcheviques em geral e a União Soviética. Ele temia que a devastação da Europa pela Segunda Guerra Mundial pudesse atrair os países arrasados pelo conflito ao comunismo e às suas políticas “materialistas, totalitárias, e antirreligiosas”<sup>84</sup>. Em razão disso, apesar de algumas críticas dispensadas aos Estados Unidos, – por exemplo, de terem aceitado a expansão da União Soviética em detrimento da Polônia – apoiou entusiasmadamente o Plano Marshall para recuperação econômica do continente, anunciado em 1947. De modo semelhante, mostrou-se bastante favorável à integração econômica europeia, pois via essas medidas como fundamentais para bloquear o avanço soviético.<sup>85</sup> Uma Europa recuperada, na visão de Pio, estaria pouco disposta a abraçá-los como liderança política.

<sup>80</sup> KOSELLECK, Reinhart. *Histórias de Conceitos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2020, p. 290.

<sup>81</sup> NIEBUHR, Reinhold. *The Irony of American History*. New York: Charles Scribner’s Sons, 1962, p. 15.

<sup>82</sup> *Ibidem*, p. 3.

<sup>83</sup> BRETALL, Robert W.; KEGLEY, Charles W. Kegley (eds.). *Reinhold Niebuhr: His Religious, Social, and Political Thought*. New York: Macmillan, 1956, p. 8-9.

<sup>84</sup> TARDINI apud COPPA, Frank. *Pope Pius XII and the Cold War: The Post-war Confrontation between Catholicism and Communism*. In: KIRBY, Dianne (ed.). *Religion and Cold War*. New York Palgrave Macmillan, 2003, p. 54.

<sup>85</sup> COPPA, Frank. *op. cit.*, p. 56.

A resposta do Vaticano aos ataques à Igreja Católica foi também radical. Recuou contato diplomático com os Estados comunistas visando o isolamento deles, excomungou comunistas e seus partidários, proibiu celebração de casamentos entre católicos e comunistas e, em 1949, publicou um decreto<sup>86</sup> para a excomunhão daqueles que votassem, aderissem ou colaborassem com partidos comunistas. Apesar disso, Pio XII parecia compreender que uma resposta significativa deveria também vir dos aliados, dos Estados Unidos principalmente, dadas as circunstâncias da política mundial.

## 1.2 – O anticomunismo religioso nos Estados Unidos

Desde a revolução bolchevique em 1917, a União Soviética já era vista como um risco à estabilidade política das nações ocidentais por propor um projeto transformador da ordem capitalista existente,<sup>87</sup> cujo vértice vinha sendo os Estados Unidos desde o desenlace da Primeira Guerra Mundial. Com o fim da segunda grande guerra, estando a Europa reduzida praticamente a um campo de ruínas, caberia aos Estados Unidos conter a força expansionista do sistema soviético, ameaçando-os, não somente por agregar novos territórios, mas por propagar uma visão de mundo diferente daquela que eles defendiam.

A análise feita à época era a de que o comunismo era uma ameaça inegável ao sistema internacional por suprimir as liberdades individuais historicamente defendidas no plano teórico pelos estadunidenses, porquanto se definiam como guardiões da democracia e do “mundo livre”. Postura derivada, convém mencionar, tanto de compromissos ideológicos quanto de interesses geoestratégicos e econômicos. As diferenças prosseguiram: a iniciativa privada e o livre empreendimento sob os quais o desenvolvimento socioeconômico americano se baseou contrastava com o rigoroso planejamento estatal soviético. Assim, a ortodoxia anticomunista que sobreveio com a Guerra Fria manifestou-se sob o consenso da combinação

---

<sup>86</sup> Este decreto voltou também a confirmar a excomunhão automática *ipso facto* (ou *latae sententiae*) de todos os católicos que, em obstinação consciente, defendessem abertamente o comunismo, pois seriam considerados apóstatas. Ele foi publicado na *Acta Apostolicae Sedis*, e é apresentado sob a forma de um *dubium*: ou seja, em formato de perguntas e respostas. O documento apresenta quatro perguntas, juntamente com as respostas do Santo Ofício: (1) É permitido se juntar ou apoiar os partidos comunistas? (2) É permitido publicar, distribuir ou ler livros, revistas, jornais ou panfletos que apoiem a doutrina ou atividade comunista ou escrever para eles? (3) Os cristãos que conscientemente e livremente cometam os atos das perguntas 1 e 2 podem receber os sacramentos? (4) Os cristãos que professam a doutrina comunista materialista anticristã, e, especialmente, aqueles que defendem e a propagam, incorrem na pena de excomunhão como apóstatas da fé católica? As respostas no decreto foram negativas para as três primeiras questões e afirmativa para a quarta. SUPREMA SACRA CONGREGATIO S. OFFICE. *Decretum*, 1 Iulii 1949. *Acta Apostolicae Sedis*, Annus XXXX I, Series II, Vol. XV I, p. 334.

<sup>87</sup> PECEQUILLO, Cristina Soreanu. *A política externa dos Estados Unidos*. Porto Alegre: UFRGS, 2003, p. 149.

dos objetivos dos internacionalistas liberais, dominantes na política externa, com as ideias e valores dos anticomunistas liberais.<sup>88</sup>

Relacionada a essas preocupações ideológicas e de segurança, estava a realidade geopolítica do equilíbrio de poder. É um truísmo nas Relações Internacionais que o conjunto de nações que compõem o sistema internacional não tolera o surgimento de uma nova potência hegemônica. Se tal nação começa a surgir – como foi o caso dos Estados Unidos imediatamente após Segunda Guerra Mundial, possuindo um poder econômico e militar incomparável e monopólio de armas nucleares –, é quase inevitável que pelo menos uma, senão várias outras nações, busquem, juntas ou separadas, aumentar sua própria força como um contrapeso.<sup>89</sup> Com a Alemanha e o Japão abatidos, foras da equação, e a Grã-Bretanha e a França enfraquecidas, grandes buracos surgiram no sistema internacional. Tendo saído vencedora da guerra, contando com uma extensão da Europa ao Pacífico, a União Soviética estava mais bem posicionada para equilibrar o poder estadunidense.

Em razão disso, entre 1947 e 1951, a administração Truman buscou reorganizar suas forças militares e criar alianças, visando à contenção do comunismo. Em 1947, foi promulgado o *National Security Act*,<sup>90</sup> levando a efeito uma grande reestruturação das agências militares e de inteligência. A lei fundiu o Departamento de Guerra e o Departamento da Marinha; criou o Departamento da Força Aérea e a Força Aérea dos Estados Unidos; estabeleceu o Conselho de Segurança Nacional e a Agência Central de Inteligência (CIA), cujo papel foi determinante nas disputas político-ideológicas do período. Em 1948, teve lugar ainda o Plano Marshall com o objetivo de auxiliar a reconstrução econômica dos países aliados, de modo a evitar que a destruição da Europa pudesse se transformar em uma via para o comunismo. Já, em 1949, foi criada a OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte), uma aliança militar intragovernamental, por meio da qual os Estados-membros concordaram com a defesa mútua em resposta a um ataque por qualquer entidade externa à organização.

As bases da política externa dos Estados Unidos, portanto, durante toda a Guerra Fria para lidar com o problema comunista foram ditadas desde o governo Harry S. Truman, afastando-a da perspectiva tradicional de não envolvimento, instaurando o intervencionismo e o internacionalismo. O problema foi centrado em torno da impossibilidade de conciliar sistemas políticos e econômicos radicalmente opostos (capitalismo e comunismo), levando-o

---

<sup>88</sup> POWERS, Richard Gid. *Not Without Honor: The History of American Anticommunism*. New York: The Free, 1995, p. 192.

<sup>89</sup> INBODEN, William. *op. cit.*, p. 05.

<sup>90</sup> Conferir: UNITED OF STATES. *National Security Act, Public Law 235 of July 26, 1947*. Disponível em: <<https://www.dni.gov/index.php/ic-legal-reference-book/national-security-act-of-1947>> Acesso em 1 out. 2021.

a apontar para a necessidade de elaboração de uma política específica para combater o avanço do adversário e preservar a integridade de seu país e de seus aliados. Os parâmetros das relações internacionais foram dotados, em todo esse período, de um sentido prático, contudo, sem perder seu conteúdo retórico tradicional.<sup>91</sup>

Essa política de contenção, para Walter Lippmann, Hans Morgenthau e Henry Kissinger, era mais uma filosofia do que uma estratégia em si, dotando a ação do país de um espírito de cruzada, sem consideração adequada do interesse nacional e, ainda pondo em evidência uma nítida confusão entre necessidades políticas e questões morais no curso das ações<sup>92</sup>. Ainda assim, ela permitia a construção da ordem liberal e democrática liderada pelos Estados Unidos e a perseguição de seus interesses sem fronteiras (globalismo).

Os dirigentes do país acreditavam estar diante, a partir, sobretudo de 1947, de uma disputa basicamente entre o “mundo livre” e o “mundo escravo”, – como Pio XII também havia analisado em sua diplomacia de contenção e condenação. Isto é, a expansão soviética significava a perda da independência dos povos livres, devendo este país garantir a manutenção da liberdade ocidental ante a ameaça do Leste. Essa assertiva mostra-se clara em um discurso de Harry S. Truman quando ficaram definidas as bases da política externa estadunidense durante todo o conflito:

No presente momento da história mundial, quase toda nação precisa escolher entre modos alternativos de vida. Frequentemente, a escolha não é livre. Um modo de vida é baseado na vontade da maioria, e se distingue pelas instituições livres, governo representativo, eleições livres, garantias de liberdade individual, liberdade de discurso e de religião e a liberdade de opressão política. O segundo modo de vida é baseado na vontade forçosamente imposta de uma minoria sobre a maioria. Ele reside no terror e na opressão, [...] na supressão das liberdades individuais. Acredito que deve ser política dos Estados Unidos apoiar os povos livres que estão resistindo à tentativa de subjugação pelas minorias armadas ou pressões externas.<sup>93</sup>

Nessa lógica, o comunismo era tido como "uma tirania liderada por um pequeno grupo que abandonou sua fé em Deus" e abandonou “as crenças éticas e morais”. Os comunistas mantinham seus cidadãos “no terror e na escravidão”, observou Truman, ao passo que a liberdade estava crescendo no resto do mundo. A política de contenção, em decorrência disso, foi traduzida em termos de uma cruzada do bem contra as forças do mal, ancorada em princípios confusos de moralidade.

---

<sup>91</sup> PECEQUILO, Cristina Soreanu. *op. cit.*, p. 147.

<sup>92</sup> *Ibidem*, p. 145.

<sup>93</sup> TRUMAN, Harry S. *apud* PECEQUILO, Cristina Soreanu. *op. cit.*, p. 143.

Preocupado com essa dimensão moral da Guerra Fria, o presidente dos Estados Unidos fez um esforço significativo na tentativa de formar uma frente religiosa anticomunista internacional,<sup>94</sup> buscando apoio dos principais líderes desse segmento no mundo. A despeito de, por vezes, ter declarado não ser um homem religioso, recorrentemente equiparava “religião” e “moralidade”, como faziam muitos protestantes tradicionais da época. Em sua política, buscou evidenciar a existência de um inimigo comum a todas as religiões – minimizando distinções doutrinárias entre elas – almejando acabar com as bases sob as quais a civilização ocidental foi erguida.

Esse esforço pode ser interpretado tanto como parte da tradição política universal de obter apoio da religião para os objetivos políticos do Estado quanto pode ser visto como condicionado pelo caráter religioso especial da cultura estadunidense. Se por um lado, em termos do pragmatismo de sua cultura política, Truman conhecia o potencial da Igreja de servir aos interesses dos Estados Unidos; por outro, referiu-se repetidamente ao seu país como uma “nação cristã”, estabelecida “por homens que acreditavam em Deus”<sup>95</sup>. O anticomunismo passou, em diversos momentos, a ser um epifenômeno do americanismo, e ele explorava sem reservas a consciência messiânica característica dessa cultura.

Analisando os fundamentos dessa interpretação, Walter Russell Mead vê a herança religiosa cristã como de suma importância nos Estados Unidos, precisamente porque transmitiu várias vertentes politicamente relevantes à cultura estadunidense, configurando-se como um fator-chave para a política externa.<sup>96</sup> O importante nesse aspecto é observar em que medida a cultura estratégica do Estado era informada pela religião durante a Guerra Fria e qual impacto realmente teria na tomada de decisão de assuntos políticos internacionais e estaduais.

Se, portanto, as origens do americanismo podem ser rastreadas até as raízes religiosas, então a religião certamente afeta a política externa. Tradicionalmente, dada a separação entre Igreja e Estado, os estadunidenses não acreditam em uma forte influência de figuras religiosas no governo, mas ainda assim, entendiam seu potencial em fornecer apoio às estratégias da nação. Mais tarde, a candidatura de John Kennedy trouxe a questão para o palco das discussões políticas, quando sua religião quase se tornou, aparentemente, um empecilho para a sua eleição.

---

<sup>94</sup> KIRBY, Dianne. *op. cit.*, p. 27.

<sup>95</sup> TRUMAN, Harry S. *Address to the Washington Pilgrimage of American Churchmen*. September 28, 1951. Disponível em: <<https://www.presidency.ucsb.edu/documents/address-the-washington-pilgrimage-american-churchmen>>. Acesso em: 12 set. 2021.

<sup>96</sup> MEAD, Walter Russell. God’s Country? *Foreign Affairs* 85/5, p. 24–43, sep/oct 2006.

Harry S. Truman enxergava a religião, senão como instrumento, como uma aliada poderosa para consecução de seus interesses, por vê-la como eficaz no combate à propagação do comunismo. Em uma carta de 1947 para sua esposa, explicou seus planos de buscar apoio entre os líderes da Igreja Luterana, da Igreja Grega, do Papa e até mesmo do Dalai-lama para formação de uma “frente religiosa e moral”. Independente das diferenças existentes entre essas religiões e os seus representantes, ele acreditava, todos eles eram ligados por um ponto em comum: a busca pela moralidade. Isso os colocaria automaticamente do lado oposto ocupado pelos bolcheviques: “pequenas, e até mesmo grandes diferenças em como escolhemos adorar a Deus” parecia pouco relevante “diante de um inimigo agressivo”, ameaçando “destruir toda liberdade de culto e outras liberdades individuais”<sup>97</sup>, analisou em sua biografia, *Mr. Citizen*.

Mesmo antes de a União Soviética começar a se delinear como um contraponto aos Estados Unidos em termos político-ideológicos, essa batalha já era antiga para a Igreja Católica. Ela há muito havia declarado o comunismo como seu inimigo irreconciliável. Era natural, pois, algum nível de alinhamento dos Estados Unidos ao Vaticano nos conflitos do pós-guerra, sobretudo, por entenderem a força moral acumulada pela Igreja ao longo de sua história milenar. Essa instituição assumiria, à época, uma posição de “superpotência moral”, na análise de Thomas Reese, cujo poder era obtido por meio do convencimento/influência em detrimento da coação/força.<sup>98</sup> Embora o Vaticano não pudesse e não tivesse o poder de controlar líderes de outros Estados, poderia influenciar a tomada de decisão de seus líderes pela sua força sobre a opinião pública, o que na Guerra Fria era tido como fundamental para qualquer vitória no conflito. Como Paulo VI considerou:

Na melhor das hipóteses, o Papa não aparece mais como monarca que cuida de seus próprios interesses, mas como voz da consciência do mundo. Além disso, um Papa supranacional pode, pelo menos em teoria, contar com o apoio de centenas de milhões de católicos do mundo todo, o que lhe dá uma capacidade de mobilizar a opinião pública que nenhum governo ousaria ignorar.<sup>99</sup>

Em outra perspectiva, havia a convicção de Truman e, de boa parte dos estadunidenses, de que a luta contra o comunismo era parte importante do “destino manifesto”, sendo sua causa em defesa do Ocidente moralmente superior à causa soviética. A fé religiosa no “mundo livre e democrático” em detrimento do “escravismo soviético” era

---

<sup>97</sup> TRUMAN, Harry S. *Mr. Citizen*. New York: Bernard Geis Associates, 1953, p. 119.

<sup>98</sup> REESE, Thomas apud ARRAES, Virgílio. *op. cit.*, p. 39.

<sup>99</sup> PAULO VI apud ARRAES, Virgílio. *op. cit.*, p. 48.

mais do que apenas uma retórica para propaganda anticomunista, era um esforço para reforçar os valores fundamentais sobre os quais os Estados Unidos foram edificados e que, naquele momento, acreditavam precisar defender.

A contenção assumiu, assim, uma forte dimensão religiosa que condicionava as linhas do conflito; determinando quais nações fariam a "contenção" e quais seriam "contidas". Pois, como Truman proclamou incansavelmente, o conflito fundamental no mundo, à época, era entre aquelas nações que acreditavam em Deus e na moralidade, e aquelas que não acreditavam. Caberia aos Estados Unidos liderar as forças religiosas do mundo em oposição às forças do ateísmo e da irreligião controladas pela União Soviética.<sup>100</sup>

Nessa cruzada empreendida contra o comunismo, defender a civilização ocidental e o cristianismo passou a ser visto como totalmente compatível com a cruzada para promover a liberdade e a democracia. De tal modo que o senador Edward Martin proclamou, em 1950, no plenário do Senado, que os Estados Unidos “deveriam avançar com a bomba atômica em uma mão e a cruz na outra”<sup>101</sup>, evidenciando a religião como um componente importante na política do país.

A partir de 1953, com a eleição de Dwight D. Eisenhower, a política externa continuou influenciada por tons religiosos profundamente enraizados. Aperfeiçoando temas desenvolvidos por Truman, combinou o ideal do século XIX de "Deus e o país" com a crença de Woodrow Wilson na missão internacional dos Estados Unidos. Eisenhower chegou mesmo a afirmar que “Sem Deus, não poderia haver forma americana de governo” e que estavam inclinados, mais do que nunca, “a ver o valor da religião como uma força prática em nossos negócios.”<sup>102</sup> Embora não seja possível precisar a existência de conexões diretas entre suas crenças religiosas e políticas específicas, elas certamente ajudaram a moldar sua cosmovisão, podendo possivelmente ter levado à adoção de determinadas ações.

É necessário lembrar ainda que o período de sua administração é marcado por um importante avivamento espiritual nos Estados Unidos, e a ascensão do comunismo contribuiu para suscitar uma forte resposta religiosa em todo país. “Qual é nossa batalha contra o comunismo se não for uma luta entre o antideus e uma crença no Todo-Poderoso? Os

---

<sup>100</sup> INBODEN, William. *op. cit.*, p. 107.

<sup>101</sup> STRAMER, Janicke. *U.S. Foreign Policy and Religion during The Cold War and The War on Terror: a study of how Harry S. Truman and George W. Bush administrations procured public support for warfare*. New York: The Edwin Mellen, 2012, p. 49.

<sup>102</sup> EISENHOWER, Dwight D. *Address at the Second Assembly of the World Council of Churches, Evanston, Illinois, August 19, 1954*. Disponível em: <<https://www.presidency.ucsb.edu/documents/address-the-second-assembly-the-world-council-churches-evanston-illinois>>. Acesso em: 15 set. 2021.

comunistas sabem disso. Eles têm de eliminar Deus de seu sistema. Quando Deus entra, o comunismo tem de ir”, refletiu, certa vez, Eisenhower<sup>103</sup>.

Em uma mensagem na Conferência Nacional sobre cristãos e judeus, em 1953, disse serem as igrejas dos Estados Unidos “cidadelas da fé na liberdade individual e na dignidade humana”. E a força espiritual do país era a armadura fundamental para “luta mundial contra as forças da opressão e da tirania sem Deus”<sup>104</sup>, referindo-se, não resta dúvida, ao comunismo. Por ocasião da assinatura do Projeto de Lei para incluir as palavras “sob Deus” no juramento à bandeira, em junho de 1954, argumentou que a humanidade vinha sendo “cruelmente dilacerada pela violência e brutalidade e, aos milhões, amortecida na mente e na alma por uma filosofia de vida materialista” e apenas reafirmando a transcendência da fé religiosa na herança e no futuro dos Estados Unidos poderiam fortalecer constantemente “aquelas armas espirituais que serão para sempre o recurso mais poderoso de nosso país na paz ou na guerra”<sup>105</sup>.

A despeito de seus desentendimentos com Harry Truman, e eles foram muitos, seu governo operou a política externa de modo bastante semelhante ao anterior, tanto em relação às convicções teológicas comuns, quanto à necessidade estratégica da manutenção da política de contenção, embora com algumas modificações. Eisenhower compartilhou das crenças de Truman acerca das raízes religiosas dos direitos humanos, do mal espiritual do comunismo ateu e do mandato divino dos Estados Unidos de liderar o “mundo livre”. Essa visão da política delineava o grande paradoxo estadunidense: enquanto o credo americano deveria ser universal, Deus tinha dado exclusivamente aos Estados Unidos como nação uma vocação especial para liderar o mundo e proteger e promover essa fé.<sup>106</sup>

Nixon, vice-presidente de Eisenhower, de importante reputação anticomunista, garantiu um nível de atenção significativo a essa questão durante o seu governo. Ainda durante sua campanha eleitoral, dispensou severas críticas aos dirigentes anteriores do país, acusando as administrações Roosevelt e Truman de negligência em relação a encarar o

<sup>103</sup> Citado em PIERARD, Richard V.; LINDER, Robert D. *Civil Religion and the Presidency*. Grand Rapids: Academie Books, 1988, p. 198.

<sup>104</sup> EISENHOWER, Dwight D. *Message to the National Co-Chairmen, Commission on Religious Organizations, National Conference of Christians and Jews*. July 09, 1953. Disponível em: <<https://www.presidency.ucsb.edu/documents/message-the-national-co-chairmen-commission-religious-organizations-national-conference>>. Acesso em: 15 set. 2021.

<sup>105</sup> EISENHOWER, Dwight D. *Statement by the President Upon Signing Bill to Include the Words "Under God" in the Pledge to the Flag*. June 14, 1954. Disponível em: <<https://www.presidency.ucsb.edu/documents/statement-the-president-upon-signing-bill-include-the-words-under-god-the-pledge-the-flag>>. Acesso em: 15 set. 2021.

<sup>106</sup> INBODEN, William. *op. cit.*, p. 261.

comunismo como um problema de segurança nacional. Denúncias semelhantes a essa eram feitas por outro republicano e anticomunista ainda mais radical: Joseph McCarthy.

McCarthy acusava os democratas não somente por negligência em questões de segurança, mas também pela “perda” da China para os comunistas. Por diversas vezes, tachou de traidores o, então, Presidente Truman, o Secretário de Estado, Dean Acheson, o Secretário de Defesa, George Marshall, alguns diplomatas tradicionais e vários oficiais de alto escalão do exército. O senador era bastante indiferente às referências ou às evidências em suas acusações de espionagem e sedição, lançando ao público meias verdades, mitos e mesmo mentiras facilmente identificáveis.<sup>107</sup>

Proteger o país, ele acreditava, exigia lidar rapidamente com a agressão soviética no exterior, bem como identificar e prender espões soviéticos e traidores estadunidenses em casa. Isso significava remover dos cargos públicos indivíduos cujas ideias, se implementadas, destruiriam a democracia ocidental. Sua atuação adquiriu tamanha proporção que o termo, “macarthismo” passou a ser cunhado para descrever sua patrulha anticomunista, contribuindo para modelar o que Hofstadter chamou de “o estilo paranoico da política americana”<sup>108</sup>.

No que concerne às relações com o Vaticano, Eisenhower não se mostrou disposto a ameaçar a estabilidade interna de seu governo estabelecendo relações diplomáticas com a Santa Sé há muito desencorajadas pelos protestantes.<sup>109</sup> Apesar desse cenário, havia um bom diálogo entre os dois Estados, independente do estabelecimento de relações formais e da criação de uma embaixada no Vaticano. Na verdade, muitos autores argumentam que, por diversas vezes, Pio XII teve de lutar sozinho a sua própria Guerra Fria religiosa, com as poucas armas disponíveis a ele para reforçar a posição da Igreja na Europa. E, em algumas dessas ocasiões, os interesses dos Estados Unidos estavam do lado oposto.

Ainda assim, entendendo a importância deste país no curso da Guerra Fria, o Papa manteve uma relação próxima com a hierarquia católica dos Estados Unidos e favoreceu alguns bispos na nomeação de prelados para os cargos diplomáticos nos países dominados pela União Soviética. O bispo Joseph P. Hurley<sup>110</sup>, por exemplo, foi nomeado à nunciatura

---

<sup>107</sup> HAYNES, John Earl. *Red Scare or Red Menace?: American Communism and Anticommunism in The Cold War Era*. Chicago: Ivan R. Dee, 1996, p. 146.

<sup>108</sup> HOFSTADTER, Richard. *The Paranoid Style of American Politics and Other Essays*. Chicago: University of Chicago, 1965.

<sup>109</sup> O argumento principal para o não estabelecimento das relações diplomáticas centrava-se na singularidade da posição papal, que em um só tempo era chefe de Estado e chefe da Igreja. Contudo, essa lógica não abrangia suas relações com a Grã Bretanha, cuja rainha, ademais de ser chefe de Estado era igualmente chefe da Igreja Anglicana.

<sup>110</sup> Hurley serviu como bispo da diocese de St. Augustine, na Flórida, de 1940 até sua morte em 1967. Ele também ocupou cargos diplomáticos na Europa e na Ásia. Em 1945, foi nomeado por Pio XII como regente *ad interim* na Iugoslávia. Durante seus cinco anos naquele país, negociou com Tito e trabalhou em estreita

apostólica em Belgrado. Hurley tinha fortes contatos políticos no Departamento de Estado e muitos outros contatos no corpo diplomático do seu país. A nunciatura de Belgrado fornecia relatórios detalhados sobre as atividades políticas na Iugoslávia, garantindo aos Estados Unidos acesso a relatórios da inteligência da Igreja Católica.<sup>111</sup>

Na América, o Vaticano contou com um aliado à altura do anticomunismo de Pio XII, o arcebispo da arquidiocese de Nova York, Francis Spellman<sup>112</sup>, também conhecido como o “capelão da Guerra Fria”. Um personagem bastante controverso da história da Igreja naquele país, reconhecido por ampliar o poder e a influência do catolicismo tanto nacionalmente como internacionalmente. A fonte do poder de Spellman era sua posição como um líder moral e o importante papel desempenhado nos bastidores em muitas decisões governamentais relativas à contenção do comunismo. Para ele, não havia divisão entre seu nacionalismo e sua religião, tendo fundido sua fé e seu patriotismo em um americanismo confiante.

O comunismo havia se infiltrado nos Estados Unidos, acreditava o arcebispo, e estava sistematicamente destruindo a Igreja no exterior, por isso, agia não apenas na esfera da propaganda, mas também da prática política. Ele se propôs a ajudar movimentos clandestinos e cooperar com o FBI (*Federal Bureau of Investigation*) para o que fosse possível. Não

---

colaboração com as autoridades estadunidenses. No entanto, seu relacionamento com Pio desgastou-se depois que Hurley expressou sua oposição à política do Vaticano em relação ao governo iugoslavo. Anos antes, havia tecido inúmeras críticas à Santa Sé, acreditando que o Papa Pio XII tinha medo demais do comunismo e não o suficiente do nazismo. Acerca dos desentendimentos de Hurley com o Vaticano conferir: GALLAGHER, Charles R. *Vatican Secret Diplomacy*: Joseph P. Hurley and Pope Pius XII. New Haven: Yale University, 2008.

<sup>111</sup> KIRBY, Dianne. *op. cit.*, p. 14.

<sup>112</sup> De 1939 até a sua morte, em 1967, Francis Spellman foi arcebispo de Nova York, tendo sido bispo auxiliar da Arquidiocese de Boston de 1932 a 1939. Uma figura importante na política estadunidense na Guerra Fria e na história da Igreja Católica, foi conselheiro e agente ocasional dos presidentes Franklin D. Roosevelt e Lyndon B. Johnson, bem como vigário militar católico das Forças Armadas dos Estados Unidos – um posto separado, mas complementar à sua posição como arcebispo – ele supervisionava capelães em todo o mundo e era um visitante dos campos de batalha durante a Segunda Guerra Mundial e as guerras na Coreia e no Vietnã. Veementemente anticomunista, defendeu o senador Joseph McCarthy nas investigações de 1953 de subversivos comunistas no governo federal e se envolveu mais tarde em uma acalorada disputa pública com a ex-primeira-dama Eleanor Roosevelt, em 1949, quando ela expressou sua oposição ao fornecimento de financiamento federal para escolas católicas em sua coluna, *My Day*. Em resposta, Spellman a acusou de anticatolicismo e chamou seus escritos de “[documento] de discriminação indigno de uma mãe americana”. Embora John F. Kennedy fosse católico, Spellman apoiou Richard Nixon na eleição presidencial de 1960, devido à oposição contrária de Kennedy à ajuda federal para escolas católicas e à nomeação de um embaixador dos Estados Unidos na Santa Sé. Spellman era também membro do *National Committee for a Free Europe*, organização chefiada pelo Diretor da CIA, Allen Dulles, onde trabalhava para promover o combate aos ideais comunistas e para conceder seu apoio a uma ampla gama de esforços para conter os soviéticos. Em 1954, a título de exemplificação, trabalhou com a CIA para derrubar o regime de Jacobo Arbenz, na Guatemala, contribuindo com a organização de um contato clandestino da Igreja para auxiliar o trabalho da agência na região. Na época, Spellman contou com o Arcebispo Mariano Roosselli Arellano para divulgação de cartas pastorais denunciando o comunismo. Sobre suas desavenças com Eleanor Roosevelt, conferir MY DAY in the Lion's Mouth. *TIME*. New York, 1 aug. 1949. Disponível em: <<http://content.time.com/time/subscriber/article/0,33009,794889,00.html>>. Acesso em: 1 nov. 2021. Sobre a atuação como conselheiro dos presidentes, conferir SHANNON, William V. Inacuidoso e Machiavellian. *The New York Times*. New York, 28 oct. 1984, p. 11. Sobre os demais temas: COONEY, John. *The American Pope: The Life and Times of Francis Cardinal Spellman*. New York: Times Books, 1984.

obstante sua atuação não tenha sido amplamente divulgada, a relação entre ele e o serviço de inteligência era estreita e houve cooperação mútua em muitos momentos do pós-guerra. Suas ações evidenciavam um duplo interesse: tanto sua contribuição para a luta internacional da Igreja Católica contra os comunistas quanto sua estratégia para afastá-la do estigma de ser considerada uma instituição estrangeira, alheia aos interesses nacionais.

Em sua cruzada anticomunista encontrou, invariavelmente, amplo apoio. Havia uma preocupação generalizada no país de que poderia ter início uma terceira grande guerra, todavia, desta vez, nuclear. Boa parte da população passou a crer que destruir o comunismo era essencial para defender não apenas seus valores, mas sua própria existência, pois os ganhos potenciais de uma nova guerra não poderiam mais ser calculados e a destruição mundial era esperada caso um novo conflito efetivamente se concretizasse. Como Reinhold Niebuhr havia refletido à época: “ninguém pode ter certeza de que uma guerra vencida pelo uso dos meios modernos de destruição em massa deixaria substância física e social suficiente para reconstruir uma civilização entre vencedores ou vencidos”. E se o vencedor fossem os Estados Unidos seriam obrigados a assumir um papel imperial global que “quase certamente violam os padrões básicos de justiça.”<sup>113</sup> Isso fez com que fosse criada uma identificação do povo com o trabalho de Spellman e de outros clérigos como Bryan O. Walsh que, ao seu modo, também se dizia estar lutando contra o comunismo, salvando crianças dele.

Havia, contudo, uma indisposição política de longa data entre o Vaticano e os Estados Unidos que mesmo Spellman com toda sua influência não era capaz de resolver. Em vários momentos da história, movimentos surgiram em todo país retratando os católicos como não-estadunidenses ou como incapazes de assimilação ao americanismo. Somente a partir da década de 1950 e 1960 os interesses da Igreja passaram a encontrar correspondência com os interesses dos Estados Unidos, principalmente no que concerne à reconstrução da Europa e o combate ao comunismo; de modo que o anticomunismo serviu, na opinião de muitos teóricos, para concretizar, por fim, a americanização da Igreja Católica.<sup>114</sup> Coincide com esse período a eleição do primeiro presidente católico dos Estados Unidos, John Kennedy.

A eleição de John Kennedy, do Partido Democrata, para a presidência, em 1960, significou uma grande vitória para os católicos, sendo, justamente, em sua administração que a Operação Pedro Pan foi desenvolvida. Philip Gleason, avaliou o momento como “a culminação da assimilação católica na vida americana e um clímax na reaproximação da

---

<sup>113</sup> NIEBUHR, Reinhold. *The Irony of American History*. New York: Charles Scribner's Sons, 1962, p. 2.

<sup>114</sup> HAYNES, John Earl. *op. cit.*, p. 95.

Igreja com a modernidade”<sup>115</sup>. Todavia, Kennedy enfrentou resistência considerável, principalmente, dos protestantes – em sua maioria historicamente aliados ao Partido Republicano desde o fim da Guerra de Secessão. Durante toda a sua campanha presidencial, precisou recorrentemente afirmar seu comprometimento com a nação em detrimento de seu comprometimento com a Igreja. Isto é, precisou provar que era, antes de tudo, mais americano do que católico. O cientista político Key, Jr., chegou à conclusão de que ele venceu “apesar de, e não pelo fato de ser católico”.<sup>116</sup>

O anticatolicismo do período se inspirou em larga medida nos escritos de Paul Blanshard, principalmente, em seu *best-seller*, *American Freedom and Catholic Power*, de 1949. Blanshard buscou evidenciar no livro o antagonismo que acreditava existir entre os pressupostos de uma sociedade livre e o “autoritarismo inflexível da religião católica”. A Igreja, ele salientou, em um espaço de poucos anos, negociou com os fascistas italianos, opôs-se aos republicanos na Guerra Civil Espanhola, e se recusou a denunciar o nazismo alemão. Desse modo, ela “nunca se manifestou contra a ditadura fascista com um décimo da ferocidade de seu ataque à ditadura comunista”<sup>117</sup>. E sua crítica ia muito além: considerava-a como uma ameaça ao controle do estado-nação sobre o funcionamento da sociedade e a identidade dos Estados Unidos.<sup>118</sup>

Somadas a essas preocupações, de um modo geral, os temores mais comuns (principalmente dos protestantes) em relação à candidatura de Kennedy eram de que uma vez que um católico estivesse à frente do país houvesse financiamento para escolas católicas, recusa do controle de natalidade, submissão do presidente aos interesses da Santa Sé, estabelecimento de relações diplomáticas com o Vaticano e maior autoridade da Igreja sobre os leigos.

Consciente disso, em sua campanha, reafirmou diversas vezes sua defesa pela separação entre Igreja e Estado e prometeu que uma vez eleito não se submeteria a nenhuma autoridade estrangeira na execução de seus deveres. Para ele, sua fé era assunto privado e não

---

<sup>115</sup> GLEASON, Philip, *Keeping the Faith: American Catholicism Past and Present*. Notre Dame: University of Notre Dame, 1987, p. 32.

<sup>116</sup> SORENSEN, Theodore C. *The Kennedy Legacy*. New York: Macmillan Pub Co, 1993, p. 218–219.

<sup>117</sup> HENNESEY, James. *American Catholics: a history of the Roman Catholic Community in the United States*. New York: Oxford University, 1981, p. 36.

<sup>118</sup> De fato, essa tem sido uma crítica recorrente à atuação da Igreja Católica no século XX. Parece plausível supor que o maior engajamento no combate a ditadura comunista do que a nazifascista se deve ao fato que esta ainda permitia à Igreja o direito de existir, aquela não, haja vista que o bom relacionamento da Igreja com qualquer regime dependia do grau de liberdade religiosa de que o catolicismo podia desfrutar. Entretanto, certamente esse é um tema ainda bastante discutido e duas obras parecem ser representativas do tom que tem sido dispensado acerca dessas discussões: *The myth of Hitler's Pope: pope Pius and his secret war against Nazi Germany*, de Davi Dalin e *The Catholic Church and the Holocaust (1930-1965)* de Michael Phayer.

influenciaria seu julgamento como presidente. Ele insistiu em que não era um católico correndo a um cargo, mas um candidato do partido Democrata: “Eu não falo por minha Igreja em assuntos públicos, e a minha Igreja não fala por mim”<sup>119</sup>, defendeu mais de uma vez.

Em uma entrevista à revista *Look*, reafirmou acreditar na separação entre a Igreja e o Estado como requisito “fundamental para o nosso conceito e herança americanos”<sup>120</sup>. Já em uma entrevista para a televisão, transmitida dois dias antes da votação, em Virgínia Ocidental, assegurou:

Quando um homem fica nos degraus do Capitólio e faz o juramento de presidente, ele está jurando apoiar a separação entre Igreja e Estado; ele coloca uma mão na Bíblia e levanta a outra para Deus enquanto faz o juramento. E se ele quebrar seu juramento, ele não está apenas cometendo um crime contra a constituição, pelo qual o congresso pode impugná-lo – e deveria destituí-lo – mas está cometendo um pecado contra Deus.<sup>121</sup>

As repetidas declarações de Kennedy acerca da sua independência frente as pressões do Vaticano e sua dissociação do dogma católico levaram o jornalista Murray Kempton a alegar que a eleição de 1960 produziu o “primeiro presidente anticlerical da nação”.<sup>122</sup> E Kempton não era o único a compartilhar a visão da falta de uma identificação profunda dele com a religião. Sua própria esposa, Jacqueline Kennedy, disse, à época, ver a controvérsia sobre religião do marido como um mistério, pois “*Jack is such a poor Catholic*”<sup>123</sup>.

Seu comportamento durante toda campanha sugere a tentativa em articular uma política na Guerra Fria aceitável tanto para liberais quanto para católicos. Os primeiros encaravam a oposição moralista e inflexível da Igreja Católica ao comunismo como um impasse para o estabelecimento de uma diplomacia pragmática com a União Soviética. Ainda que concordassem que o comunismo era na melhor das hipóteses intragável, eles divergiam sobre quão perniciosa ameaça representava, e como, onde e em que medida os Estados Unidos deveriam se opor a isso.<sup>124</sup> Por outro lado, se a retórica de Kennedy de coexistência

---

<sup>119</sup> HENNESEY, James. *op. cit.*, p. 36.

<sup>120</sup> KENNEDY apud HART, D. G. *American Catholic: the politics of faith during the Cold War*. Ithaca: Cornell University, 2020, p. 47.

<sup>121</sup> “*When any man stands on the steps of the Capitol and takes the oath of office of President, he is swearing to support the separation of church and state; he puts one hand on the Bible and rises the other hand to God as he takes the oath. And if he breaks his oath, he is not only committing a crime against the Constitution, for which the Congress can impeach him – and should impeach him – but he is committing a sin against God*”. *Ibidem*, p. 49.

<sup>122</sup> CARTY, Thomas J. *A catholic in The White House?: Religion, Politics, and John F. Kennedy’s Presidential Campaign*. New York: Palgrave Macmillan, 2004, p. 4.

<sup>123</sup> KENNEDY, Jacqueline apud HART, D. G. *op. cit.*, p. 2.

<sup>124</sup> HART, D. G. *op. cit.*, p. 113.

pacífica com as nações comunistas agradou aos liberais, os católicos retrataram essa tolerância como contrária à doutrina deles e, portanto, pouco aceitável.

Salienta-se outro aspecto sobre a religião no caminho de Kennedy ao poder, muitas vezes negligenciado pela bibliografia: ao passo que sua religião significou um obstáculo para sua campanha presidencial ela pode, em contrapartida, ter também impulsionado sua vitória por suas credenciais anticomunistas. Boa parte dos estadunidenses nas eleições de 1960 era anticomunista, não importando a qual religião pertencia. Esse fator pode ter criado, em alguma medida, alguma identificação do eleitorado com ele, haja vista que a Igreja Católica era reconhecidamente ativa nesse aspecto, em que pese não se mostrasse tão adepto aos preceitos de sua religião.<sup>125</sup> Em última instância, muitos podem ter votado para derrubar a “lei” de longa data e não escrita nos Estados Unidos de que os católicos não poderiam ocupar a Casa Branca.

Quando Kennedy assumiu a administração do país, precisou agir rapidamente para minimizar o poder supostamente alcançado pelos soviéticos no hemisfério por meio de Cuba. Não iria demorar até que Fidel Castro declarasse, em abril de 1961, o caráter socialista da Revolução Cubana. Os Estados Unidos passariam a ter de encarar, desde então, os riscos de uma inaceitável perda da América Latina, sua principal área de influência. O presidente deu, então, continuidade ao projeto mal elaborado de Invasão à Baía dos Porcos, herdado da administração de Eisenhower, previsto para abril de 1961. O plano visava à defenestração de Fidel Castro e seu regime por meio de uma invasão anfíbia de exilados cubanos treinados pela CIA.

A ação não parecia corresponder ao estilo do governo de Kennedy para o enfrentamento do problema. Embora conflitos internacionais tenham se desenvolvido enquanto era presidente e tenha declarado mais de uma vez que os Estados Unidos pegariam em armas para defender a América se fosse necessário, insistiu na necessidade de trabalhar para remediar as condições que produziriam o comunismo. O motor das revoluções socialistas pelo mundo, ele acreditava, era antes a fragilidade econômica dos países do que uma opção baseada nos valores fundamentais da teoria marxista-leninista. Por isso, deu prioridade a programas de alinhamento político e reforma social, como a Aliança para o Progresso, Alimentos para a Paz e Voluntários da Paz. Para ele, o futuro da liberdade no mundo dependia, em sentido real, “de sua capacidade de edificar nações progressistas e

---

<sup>125</sup> ROONEY, Francis. *The Global Vatican: an inside look at the Catholic Church, world politics, and the extraordinary relationship between the United States and the Holy See*. Lanham, Maryland: Rowman & Littlefield, 2013, p. 63.

independentes, onde os homens possam viver dignamente, libertados dos grilhões da fome, ignorância e pauperismo”<sup>126</sup>.

O anticomunismo foi marcante e, sem dúvidas, caracterizou seu governo apesar de suas tentativas de aproximação aos liberais. O seu discurso inaugural, proferido em 20 de janeiro de 1961, estava carregado de mensagens que sugeriam refinadas agressões à natureza e à expansão do comunismo pelo mundo. Kennedy deixou claro que não toleraria o alargamento da zona de influência soviética para as Américas, enfatizando que este hemisfério pretendia “continuar dono de sua própria casa”<sup>127</sup>. E, para tanto, anunciou que os Estados Unidos se armariam tanto quando pudessem para criar um novo equilíbrio de poder, com armas que esperavam não usar. Seu governo entrava em cena, acreditava, no momento em que a liberdade no mundo enfrentava sua hora de maior perigo.

Como seus predecessores, entendia que na Guerra Fria somente as armas tradicionais não assegurariam a vitória, os Estados Unidos somente triunfariam se pudessem provar não apenas sua superioridade política, mas também sua superioridade moral:

...nunca esteve tão evidente que enfrentamos uma batalha implacável em todos os cantos do globo que ultrapassa em muito o choque dos exércitos ou mesmo dos armamentos nucleares. (...) Já perdemos demasiado tempo fixando nossos olhos em necessidades militares tradicionais, e exércitos preparados para atravessarem fronteiras ou em foguetes prontos para o disparo. Agora deve estar claro que isso não é mais suficiente – que nossa segurança pode ser perdida sem o disparo de um único foguete ou cruzamento de uma só fronteira.<sup>128</sup>

Sua administração foi curta, mas turbulenta. Até o fim, teve de lidar com a ameaça constante de uma devastação total, com a divisão de Berlim, com a Guerra do Vietnã, com a fracassada Invasão à Baía dos Porcos e com a Crise dos Mísseis, apenas citando os eventos mais marcantes de seu governo. Não obstante ser católico, não foi durante os anos em que esteve à frente dos Estados Unidos que as relações diplomáticas com o Vaticano foram estabelecidas. Ainda assim, permitiu o desenvolvimento da Operação Pedro Pan, liderada pela Igreja de Miami. Foi também um período em que os diálogos entre os dois países se pareceram

<sup>126</sup> KENNEDY, John. Mensagem sobre os Voluntários da Paz, 1 março 1961. In: Pensamento e Ação do Presidente Kennedy. Rio de Janeiro: Record, 1962, p. 4.

<sup>127</sup> KENNEDY, John. Primeiro Discurso Presidencial, 20 de janeiro de 1961. *Ibidem*, p. 3.

<sup>128</sup> Do original: “*It is clearer than ever that we face a relentless struggle in every corner of the globe that goes far beyond the clash of armies or even nuclear armaments. (...) Too long we have fixed our eyes on traditional military needs, on armies prepared to cross borders, on missiles poised for flight. Now it should be clear that this is no longer enough—that our security may be lost piece by piece, country by country, without the bring of a single missile or the crossing of a single border.*” KENNEDY, John. Address before The American Society of Newspaper Editors, Washington, D.C., April 20, 1961. Disponível em: <<https://www.jfklibrary.org/archives/other-resources/john-f-kennedy-speeches/american-society-of-newspaper-editors-19610420>>. Acesso em: 30 nov. 2020.

mais amistosos, malgrado isso se deva também à eleição do Papa João XXIII um pouco antes, em 1958.

A entronização deste Papa contou com uma delegação especial dos Estados Unidos, um afastamento das práticas diplomáticas anteriores. Com a morte de Pio XI, em 1939, por exemplo, nenhuma delegação foi enviada ao funeral; em vez disso, o embaixador na Itália, William Phillips, representou o país na missa fúnebre. Na entronização de Pio XII, o Embaixador no Reino Unido, Joseph P. Kennedy, é quem foi enviado como representante pessoal do presidente Roosevelt para a cerimônia. No que diz respeito a João XXIII, a leitura do corpo diplomático foi a de que o novo Papa tinha opiniões sociais e políticas liberais e provavelmente concederia maior autonomia aos católicos nos movimentos de reforma social. Posteriormente, seria marcado com um pontífice que não percebeu a natureza do perigo comunista.<sup>129</sup>

De todo modo, em abril de 1959, divulgou uma nota de advertência contra o comunismo: a excomunhão, penalidade máxima canônica, antes podendo ser usada contra militantes comunistas, agora, com o decreto do Santo Ofício 1949/07/01, n. 1, poderia se estender para qualquer um que professasse o cristianismo e respaldasse ou ajudasse a causa comunista.<sup>130</sup> A medida endossava um decreto publicado pelo Vaticano em 1949. Ademais, dizia: “*no es licito ni permitido que los católicos voten por los candidatos o partidos que, aunque se califiquen a sí mismos de cristianos, se unan en la práctica con los comunistas o los favorezcan en su actuación*”.<sup>131</sup>

Pouco tempo após sua eleição, João XXIII convocou o Concílio Vaticano II, tido como o principal evento de seu pontificado, cujo objetivo principal era atualizar a Igreja Católica em relação ao mundo moderno. Ele seria, sem dúvidas, um ponto de inflexão na relação entre o Vaticano e os católicos estadunidenses, pois pela primeira vez sentiram que suas experiências em uma ordem política moderna poderiam ser instrutivas para a Igreja.

Eles já haviam aceitado o liberalismo e percebiam o sistema político da nação e o catolicismo romano como inteiramente compatíveis. Isso os colocava no palco das discussões sobre identidade nacional, antes monopólio dos protestantes. Leão XIII – principal crítico do americanismo – havia reconhecido que a política dos Estados Unidos não fez nada para

<sup>129</sup> US DEPARTMENT OF STATES. *Editorial Note*. Foreign Relations of the United States, 1958–1960, Western Europe, Volume VII, Part 2, Document 388. Disponível em: <<https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1958-60v07p2/d388>>. Acesso em: 01 nov. 2021.

<sup>130</sup> NUEVA advertencia de la iglesia sobre el comunismo. *Diario de la Marina*. La Habana, 15 abr. 1959. Editorial, n. 88, año CXXVII, p. 4A.

<sup>131</sup> *Ibidem*.

restringir a Igreja em sua “liberdade justa”<sup>132</sup>; de modo que as condições favoráveis no país eram tanto uma oportunidade para espalhar a religião quanto um obstáculo à fé.

O Concílio Vaticano II, não restam dúvidas, foi um momento de extrema importância para discussão das grandes tradições que sustentaram a instituição através da história: a teologia e a diplomacia. A Igreja fez esforços significativos e, pode-se assumir, foi exitosa em preservar a integralidade de sua mensagem ao longo dos séculos. Seus valores e crenças se mantiveram imutáveis enquanto buscou se adaptar às mudanças impostas. Isso apenas foi possível com o papel desempenhado pela Santa Sé.

Longe da posição rígida e inflexível ao comunismo de Pio XII, João XXIII deu início a política posteriormente conhecida como *Ostpolitik*. Voltada ao diálogo mais amplo com o mundo comunista. Ele seguramente mostrava se opor à ideologia comunista, mas acreditava ter a obrigação de auxiliar aos católicos do bloco soviético, medida que exigia um relacionamento diplomático mais efetivo com os dirigentes desses países. Mais tarde, essa política foi novamente abandonada quando João Paulo II se afastou da *Ostpolitik* para afirmar uma política maior de confronto com os estados de liderança de esquerda.

Isso posto, observa-se que a redefinição do anticomunismo liberal da Guerra Fria como a defesa da liberdade (identificada com os estadunidenses e com os católicos) contra o totalitarismo (identificado com os soviéticos) forneceu a base discursivo-teórica para um esforço contra a proposta comunista capaz de unir diferentes frentes – catolicismo, americanismo e liberalismo –, porquanto o anticomunismo ser antes uma postura que um movimento, originado, sobretudo, do medo e da insegurança.

Isso se explica em face de o anticomunismo, por exemplo, nunca ter tido um partido que o representasse, ou uma agenda em comum, para além da oposição ao comunismo; mesmo seu núcleo de definição sendo baseado naquilo que é contra e não naquilo que é a favor. Essa espécie de esvaziamento identitário-ideológico levou diferentes grupos a usar a causa para prover suas agendas individuais, fazendo com que se desenvolvesse mediante diferentes motivações e fosse levado a cabo por diferentes métodos e estratégias.<sup>133</sup>

---

<sup>132</sup> HART, D. G. *op. cit.*, p. 27.

<sup>133</sup> Nos Estados Unidos, vários grupos com diferentes agendas tentaram vincular seus programas à causa anticomunista. Educadores usaram o anticomunismo e a Guerra Fria para justificar maiores gastos com escolas, argumentando que um Estados Unidos instruído era necessário para derrotar a União Soviética. A medida federal que visava auxiliar o sistema educacional no período foi estranhamente intitulada de *National Defense Education Act*. A questão dos direitos civis também foi explorada: defensores do movimento negro defendiam que a promoção da igualdade racial era além de um compromisso anticomunista dos Estados Unidos, um trunfo na guerra contra o comunismo soviético; os segregacionistas do Sul, em contrapartida, alegavam que a integração era conspiração comunista. Alguns críticos do novo fenômeno musical do *Rock and Roll* denunciaram o estilo como parte de uma conspiração comunista para destruir a moral da juventude da nação. Fanáticos denunciavam a popular história infantil de Robin Hood como propaganda comunista subliminar porque glorificava roubar dos

No auge do conflito, em 1949, Arthur Schlesinger Jr. publicou o livro *The Vital Center: The Politics of Freedom*, uma defesa eloquente da democracia liberal e da economia de mercado regulada pelo Estado contra seus rivais à esquerda e à direita, o comunismo e o fascismo. O livro foi um importante diagnóstico do medo e ansiedade enfrentados no período e mesmo da frustração da esperança por um século de liberdade, democracia e abundância. A era de ouro da beleza, inovação e paz entre os países na *Belle Époque* rapidamente cedeu lugar ao totalitarismo, aos campos de concentração, à fome em massa, à guerra atômica. Na melhor das hipóteses, o teórico analisou, estavam vivendo uma época de transição; na pior das hipóteses, uma época de catástrofes: “O homem ocidental em meados do século XX”, escreveu,

está tenso, incerto, à deriva. Vemos nossa época como um tempo de problemas, uma era de ansiedade. Os fundamentos de nossa civilização, de nossa certeza, estão se rompendo sob nossos pés, e as ideias e instituições familiares desaparecem à medida em que nós os alcançamos, como sombras no crepúsculo que se esvai.<sup>134</sup>

Considerando que, em 1949, a União Soviética estava prestes a explodir a bomba atômica, e os Estados Unidos estavam à beira da Guerra da Coreia, Schlesinger insistiu em que a maior ameaça ao seu país não era externa, mas interna, não era política, mas espiritual e psicológica. Nem o capitalismo nem o comunismo eram a causa do aumento de ansiedade da contemporaneidade. Embora reconhecesse o poder dos Estados Unidos e da União Soviética como foco inevitável das tensões da época, considerava que a insegurança generalizada do período possuía raízes mais profundas.

O medo político foi um dos principais instrumentos utilizados pela Igreja Católica à época para o enfrentamento do comunismo, alegando que a sobrevivência desse sistema andava paralela à destruição da religião e, por consequência, à destruição dos católicos. Historicamente, ela se manteve viva no transcorrer dos séculos emergindo dos escombros de muitas lutas, o comunismo era apenas o seu conflito mais recente:

Contra a Igreja, no decurso dos séculos, se levantaram a Sinagoga, o Império Romano, o Arianismo, os Bárbaros, a Renascença, a Reforma Protestante e a Revolução Francesa; todos esses inimigos foram vencidos, também o será o

---

ricos e dar aos pobres. Todavia, enfatiza-se que, esses casos mais extremados, não correspondiam à opinião da maioria dos estadunidenses. HAYNES, John E. *op. cit.*, p. 184.

<sup>134</sup> *Do original: “WESTERN MAN in the middle of the twentieth century is tense, uncertain, adrift. We look upon our epoch as a time of troubles, an age of anxiety. The grounds of our civilization, of our certitude, are breaking up under our feet, and familiar ideas and institutions vanish as we reach for them, like shadows in the falling dusk.”* SCHLESINGER JR., Arthur M. *op. cit.*, p. 21.

inimigo da undécima hora – o comunismo ateu. Aguardemos o soar da hora marcada pela Providência.<sup>135</sup>

O que quer que fosse feito para evitar a propagação do comunismo pelo mundo, fazia parte do “justo combate” e, possivelmente, seria senão apoiado pela hierarquia, pelo menos incontestado. Parece ter sido esse o caso da Operação Pedro Pan, idealizada e clandestinamente levada a cabo pelo monsenhor Bryan Walsh de Miami. O prelado aparentemente não encontrou nenhuma resistência do Vaticano e fora, inclusive, encorajado pelo bispo responsável pela sua diocese, como será abordado nos próximos capítulos. A operação vai ao encontro de uma das políticas mais importantes da Igreja ao longo de sua história: a preocupação com a juventude.

Durante o período, havia o temor por parte dos católicos de que as mentes das crianças “fossem sequestradas” e corrompidas pelo comunismo ou ainda que pudessem ser enviadas para União Soviética, para campos de trabalho forçado. O Papa Pio XII havia denunciado anos antes nos países do Leste Europeu a opressão ocorrendo contra as consciências juvenis, já que nas escolas elas eram bombardeadas com propagandas contra a religião, caracterizando, para ele, “um dos aspectos mais ignóbeis da perseguição religiosa”.<sup>136</sup>

Bryan O. Walsh, líder da operação, formou-se na Igreja pré-Concílio Vaticano II, acompanhou a guerra de Pio XII contra o comunismo e viu os católicos sofrerem por suas crenças no México, na Espanha e na Europa Oriental. Ele havia estudado em Baltimore, durante a chamada "Era McCarthy", e desempenhava um cargo importante em Miami durante o governo de Kennedy. Fora esse pano de fundo, como ele mesmo refletiu, que formou sua visão de mundo e motivou suas ações nas disputas da Guerra Fria.<sup>137</sup>

O Macarthismo, fenômeno político marcante nos Estados Unidos entre 1950 e 1954 a que Walsh se referiu, conduziu a nação a um anticomunismo feroz de combate tanto nacionalmente quanto internacionalmente. O caráter paradoxal desse medo da ameaça comunista estava no fato de que, observou François Furet, “ao transformar um adversário externo em inimigo interno, ele mobiliza a serviço de uma política externa intervencionista a tradição isolacionista da opinião pública americana”<sup>138</sup>. E a contradição não parava nesse ponto. No combate a uma ideologia estrangeira e, portanto, não americana, alia-se fortemente

<sup>135</sup> CABRAL, José Maria. *A Igreja e o Marxismo*. São Paulo: Panorama, 1949, p. 30.

<sup>136</sup> PIO XII. *Miranda Prorsus*. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf\\_p-xii\\_enc\\_08091957\\_miranda-prorsus.html](https://www.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_08091957_miranda-prorsus.html)>. Acesso em: 1 out. 2021.

<sup>137</sup> WALSH, Bryan O. An American Catholic looks at The Catholic Church in Cuba. *Cuban Studies Institute*. Florida: 26 may, 1988, p. 1-23.

<sup>138</sup> FURET, François. *O passado de uma Ilusão: ensaios sobre a ideia comunista no século XX*. São Paulo: Siciliano, 1995, p. 501.

a uma instituição tradicionalmente vista nos Estados Unidos como alóctone e não americana, a Igreja Católica.

Ideologicamente formado por essa conjuntura, Bryan Walsh, desde sua chegada a Miami, mostrou-se bastante envolvido com os projetos de assistência social e encabeçou muitos dos que eram voltados ao auxílio de imigrantes. Ele alegava ter visto no trabalho pelos refugiados cubanos e, em particular, pelas crianças cubanas, uma oportunidade de lutar contra o comunismo. Dizia ter tido a sensação de estar envolvido em uma guerra santa por Deus e pelo país<sup>139</sup>, em que pese tenha reconhecido a pouca sintonia da paranoia anticomunista da CIA com a realidade. Ao receber as primeiras crianças cubanas alegava ter sido motivado pela lembrança de milhares de jovens enviados da Espanha para a Rússia, durante a Guerra Civil Espanhola<sup>140</sup>.

O projeto ambicioso de Walsh destinado a tirar quantas crianças fosse possível de Cuba para “salvá-las” do comunismo contou com o apoio de uma rede de pessoas na ilha trabalhando em conjunto com a Igreja de Miami para levar a operação a efeito. Essa rede de indivíduos contra o regime cubano era formada principalmente por católicos anticomunistas, chamados pelo governo de “contrarrevolucionários”, insatisfeitos com a aproximação do regime cubano à União Soviética, intensificada, sobretudo, a partir de 1960.

### 1.3 – Cuba entre Roma, Washington e Moscou

A Igreja Católica cubana sempre manteve relações próximas com a dos Estados Unidos dadas as trocas político-culturais de longa data entre os dois países. Os jornais de inspiração católica na ilha se alimentavam, ainda que não exclusivamente, de conteúdos divulgados naquele país, contribuindo para certo grau de homogeneização na informação. O jornal de tendência católica de maior circulação em Cuba era, sem dúvidas, o *Diario de la Marina*. Um dos periódicos mais antigos da ilha, sua primeira publicação data de 1844. Manteve-se em circulação por mais de 100 anos, ganhando o epíteto de “*El decano de la*

---

<sup>139</sup> WALSH, Bryan O. *op. cit.*

<sup>140</sup> Walsh fez referência às crianças que, posteriormente, ficaram conhecidas como *Niños de Rusia*. Durante a Guerra Civil Espanhola, centenas de menores foram enviados pelos espanhóis republicanos para a União Soviética para evitar a guerra. No total, cerca de 37.500 crianças foram para o exterior em operações de resgate, sendo que cerca de 3.000 deles para a URSS. Há também as que foram enviadas para o México, 456 menores de idade, hoje conhecidos como *Niños de Morelia*. Conferir, por exemplo, VIGIL, A.; MARÍN, E; MARTELL, R. *Los Niños de España en la Unión Soviética; de la evacuación al retorno, 1937-1999*. Madrid: Fundación Francisco Largo Caballero, 1999 e BRUGAT, Dolores. *Los niños de Morelia: un estudio sobre los primeros refugiados españoles en México*. México, D. F.: Instituto Nacional de Antropología e Historia, 1999.

*prensa cubana*".<sup>141</sup> De caráter conservador, tornou-se um dos maiores opositores ao governo revolucionário e ao comunismo, acarretando no seu fechamento em maio de 1960.

Embora fosse tido como um periódico católico, suas publicações não refletiam com exatidão as opiniões da hierarquia eclesiástica, mas contribuía para atmosfera de pânico criada em torno da questão do comunismo em Cuba. Isso porque investiu em fazer propaganda anticomunista em suas páginas desde muito antes da chegada de Fidel Castro ao poder, em 1959, e da declaração do caráter socialista da Revolução Cubana, em 1961. As colunas *La guerra del comunismo contra la religión* e *Catecismo Comunista*, por exemplo, destinavam-se a divulgar os principais fundamentos da filosofia marxista a fim de combatê-la.

Por meio da primeira coluna, mantinha os leitores cubanos informados sobre a situação dos católicos no leste europeu e das medidas adotadas pela União Soviética para eliminar a religião em seu território. Temas como a expropriação dos bens da Igreja, confisco de suas terras, fechamento de monastérios, ateísmo científico, campos de trabalho forçado, julgamento e prisão de membros da hierarquia eram alguns dos assuntos discutidos. Com a ampliação da zona de influência da URSS, após a Segunda Guerra Mundial, a questão da infiltração dos soviéticos na América Latina passou também a ser objeto recorrente de preocupação do jornal.

Em uma reportagem de setembro de 1958, por exemplo, um artigo abordou a preocupação do Papa Pio XII em relação ao comunismo na América Latina. Pio havia declarado ser a América Latina um “*formedable bloque católico*” que representava em todas as ordens, mas principalmente a religiosa, uma das “*grandes esperanzas del mañana*”. Contudo, analisou que ela estava passando por uma crise de desenvolvimento importante, sujeitando-a a ser explorada pelas “*fuerzas del mal*”, em referência a disseminação do comunismo no continente.<sup>142</sup>

Fazia-se presente também nas reportagens do periódico o tom catastrófico característico da retórica da Guerra Fria. Em 27 de dezembro de 1958, em divulgação de uma declaração dos bispos estadunidenses, o *Diario de la Marina* trouxe em sua primeira página a notícia de que estava em curso no mundo uma “*guerra de extermínio contra Dios*”, conduzindo à Igreja à “*su peor persucución de los dos mil años de la historia cristiana*”. A notícia comentava ainda as condições dos católicos “por trás da cortina de ferro” sendo

---

<sup>141</sup> SUÁREZ, Daniel Rodríguez. *Prensa y Revolución. El proceso revolucionario cubano através de las publicaciones periódicas de España y Cuba (1959-1961)*. Tese de Doutorado, Universidad Autónoma de Madrid, 2006, p. 95.

<sup>142</sup> PIO XII. América Latina es una de las grandes esperanzas. *Diario de la Marina*. La Habana, 25 sep. 1958, p. 1; 10.

submetidos às mais terríveis torturas para abandonarem sua fé e muitos deles estavam perecendo por manter suas convicções religiosas.<sup>143</sup> A declaração fazia referência a uma convocação dos bispos dos Estados Unidos a todos os católicos da “*terra libre y favorecida*” para se unirem em oração pelos “*modernos mártires heroicos*” do Leste Europeu:

*El enemigo quisiera ocultar este horror con un manto de silencio, pero ningún católico puede olvidar la prolongada pasión de estos colegas seguidores de Cristo. Nuestros hermanos católicos no tienen libertad para profesar y practicar su religión. En algunos países, hasta se les priva del derecho de existir y se les persigue hasta darles muerte. Se trata, en un frente a frente, de una guerra contra Dios.*<sup>144</sup>

Outra coluna de grande destaque no periódico era a *Catecismo Comunista*, voltada a fornecer instruções aos leitores acerca do que era o comunismo, do que ele representava para a religião e de como era possível combatê-lo. Os títulos de alguns dos artigos dão o tom de como a temática era explorada: “*¿Cómo proceden los comunistas para destruir la religión?*”, “*¿Por qué se proponen los comunistas destruir la religión?*”, “*¿Existe la religión en los países comunistas?*”, “*¿Tienen alguna influencia los gobiernos comunistas en los nombramientos de sacerdotes y otros miembros del clero en sus respectivos países?*”, “*¿Se enseña el comunismo como parte de la instrucción religiosa en los países comunistas?*”, “*¿Hay tribunales del Pueblo en otros países fuera de la Unión Soviética?*”. As respostas a todos esses questionamentos não variavam daquelas já expostas no tocante à análise da Igreja acerca do comunismo em geral.

A partir de 1959, o jornal se concentrou em combater a aproximação do governo cubano à União Soviética. Inicialmente apresentada enquanto uma revolução nacionalista, apartada dos dilemas da Guerra Fria, os desentendimentos econômicos com os Estados Unidos e a necessidade de execução do projeto defendido durante a etapa insurrecional fez com que seus líderes buscassem apoio político, econômico e militar junto ao bloco. Mas muito antes do triunfo revolucionário, havia o temor de que, ao chegar ao poder, Fidel Castro sofresse influências significativas da URSS, pois carecia de um projeto político claro, e suas filosofias também não eram muito conhecidas.

O grau de infiltração comunista era um elemento de constante preocupação. O Departamento de Estado solicitou à embaixada a produção de um estudo especial sobre o assunto, pois havia relatos recorrentes de que os comunistas e outros elementos antiestadunidenses estavam se mobilizando para assumir um papel importante em Cuba. As

<sup>143</sup> SUFRE la Iglesia hoy su peor persecución. *Diario de la Marina*. La Habana, 27 dec. 1958, p. 1.

<sup>144</sup> *Ibidem*, p. 2.

análises sobre a atuação do Partido Socialista Popular (PSP) na Revolução, bem como a ligação dele com os líderes do Movimento 26 de Julho, até então haviam sido inconclusivas.

Em 10 de julho de 1958, o presidente Fulgencio Batista havia informado ao embaixador Earl Smith que estimava a força do Partido Comunista cubano como sendo superior a cem mil militantes. Em um almoço privado na embaixada, em 18 de junho do mesmo ano, Eusebio Mujal, Secretário Geral da Confederação Cubana dos Trabalhadores, ex-comunista, com longa experiência no campo do trabalho organizado, estimava o número como superior a 50 mil membros portadores de inscrição, com 100 mil simpatizantes adicionais e entre 25.000 e 30.000 no movimento trabalhista organizado; dos 1.833 sindicatos do país, os comunistas controlariam cerca de 30 deles.<sup>145</sup>

O PSP fora fundado em 1925, registrou-se como um partido político, em 1939, com o nome de *Unión Revolucionaria Comunista*, e somente, em 1944, assumiu-se como Partido Socialista Popular. O seu desempenho mais expressivo ocorreu em 1948, quando obteve 56 mil inscrições e 151 mil votos nas eleições.<sup>146</sup> No entanto, a sua força não se refletia nos números. Era um dos partidos mais bem organizados, fundador da cultura política de esquerda em Cuba. E estava inserido na América Latina, uma região de grande interesse para o comunismo internacional por ser a maior rede de domínio comercial/estratégico dos Estados Unidos.

Anos mais tarde, Fidel Castro analisou que o PSP tinha conseguido força no movimento operário, tinha um número relevante de militantes, gozava de prestígio entre eles, mas não tinha grandes possibilidades de chegar ao poder.<sup>147</sup> O partido apoiava o objetivo da Revolução de derrubar o governo de Batista, mas discordava das táticas escolhidas para tanto.<sup>148</sup> Mantiveram contatos discretos no curso da revolta, mas somente quando Batista começou a persegui-lo por meio do *Buró de Repressão de Actividades Comunistas* (BRAC), agência policial secreta cubana, e quando a vitória dos rebeldes parecia inevitável é que foi forçado a considerar unir-se à luta armada. Algum tipo de aliança entre eles tinha um sentido prático. Era a entidade política mais bem organizada do país: a experiência dos membros

---

<sup>145</sup> SMITH, Earl T. *Despatch from the Embassy in Cuba to the Department of State*. Havana, July 24, 1958. Foreign Relations of the United States, 1958–1960, Cuba, Volume VI, Document 110. Disponível em: <<https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1958-60v06/d110>>. Acesso em: 1 nov. 2021.

<sup>146</sup> SMITH, Earl T. *Despatch from the Embassy in Cuba to the Department of State*. Havana, July 24, 1958. Foreign Relations of the United States, 1958–1960, Cuba, Volume VI, Document 110. Disponível em: <<https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1958-60v06/d110>>. Acesso em: 1 nov. 2021.

<sup>147</sup> CASTRO, Fidel apud BETTO, Frei. *Fidel e a Religião*: conversas com Frei Betto. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 165.

<sup>148</sup> ANDERSON, Jon Lee. *Che Guevara: uma biografia*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997, p. 353.

poderia ser importante na formação do novo governo, e o PSP, por sua vez, buscava garantir alguma proeminência política futura.

O Movimento 26 de Julho, liderado por Fidel Castro, tomou o poder em janeiro de 1959. O apoio popular de que o movimento gozou durante a etapa insurrecional se deve em grande parte a meio século de frustrações republicanas sob a égide do capitalismo liberal e à promessa de emancipação cubana frente ao neocolonialismo político, cultural e econômico. Fulgencio Batista fora defenestrado após sete anos de um governo cuja característica principal era o estigma da corrupção e da violência. Deixou para trás, após sua fuga para República Dominicana, a anarquia jurídica, a desmoralização administrativa e a ruptura institucional.

Desde o começo do século XX, Cuba sofria com crises periódicas, tanto políticas quanto econômicas, ainda que neste último caso a Segunda Guerra Mundial tenha contribuído para o seu fortalecimento com o declínio da produção de açúcar na Europa e na Ásia. De modo que na década de 1950, no período pré-revolucionário, não era um país pobre, dispunha da segunda renda *per capita* da América Latina, atrás apenas da Venezuela. Sabe-se, entretanto, que essa renda não era igualmente distribuída, não chegando com efetividade às áreas rurais, onde a pobreza era generalizada.

Já no que concerne ao primeiro aspecto, os velhos políticos estavam desacreditados; a única figura que gozava de prestígio social e poderia trazer alguma renovação política – Eduardo Chibás – retirara-se de modo dramático da cena pública. Ele deu um tiro em si mesmo, ao vivo, na rádio, em agosto de 1951, durante um de seus programas semanais dedicados a atacar a corrupção do governo Prío, predecessor de Batista.<sup>149</sup> Assim, abriu-se o caminho para o golpe, por não haver nome com força suficiente para dirigir o país frente à insatisfação popular com a corrupção do regime parlamentar.

Batista, então, chegou ao poder pela segunda vez em 1952<sup>150</sup>, após um golpe militar contra Carlos Prío Socarrás, então presidente. À época, a Igreja Católica igualmente se viu diante de uma encruzilhada, pois já que não havia justificativa plausível para a tomada de poder de Batista – não existiam razões suficientemente graves para tal, nem representava o desejo da maioria da população – duas posições se fizeram notar: uma era aceitar o golpe a partir da teoria da manutenção da ordem e do controle, pois independente de sua posição ele fora consumado; a outra era denunciá-lo como um ato de usurpação e de agressão à autoridade legitimamente constituída. Dada à heterogeneidade de sua formação, tendo a

---

<sup>149</sup> GOTT, Richard. *Cuba: uma nova história*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, p. 169.

<sup>150</sup> Ele havia servido como presidente eleito de Cuba de 1940 a 1944, tendo sido sucedido por Ramón Grau San Martín.

capacidade de abarcar diferentes tendências políticas sem perder, em razão disso, sua identidade, houve defensores de ambas as posições. Todavia, o importante a observar, nesse sentido, foi que a ditadura de Batista e sua política anticomunista mantiveram Cuba à margem da problemática fundamental da Guerra Fria religiosa: o debate entre o espiritualismo cristão e o materialismo histórico; mais tarde, em 1961, retomado.

A aceitação ao golpe por parte dos Estados Unidos foi ponderada tendo como base as credenciais do político cubano para o anticomunismo. Em 24 de março, duas semanas após a tomada do poder, o secretário de Estado, Dean Acheson, escreveu ao presidente Truman em um memorando secreto:

Embora Batista, quando presidente de Cuba no início dos anos 1940, tolerasse o domínio comunista da Confederação dos Trabalhadores Cubanos, a situação mundial com relação ao comunismo internacional mudou radicalmente desde aquela época; e não temos qualquer motivo para acreditar que Batista não mantenha uma forte posição anticomunista.<sup>151</sup>

De fato, Batista, como a maioria dos presidentes anteriores durante o curto período de República em Cuba, optou por governar em afinidade com os objetivos estratégicos dos Estados Unidos, preservando os interesses econômicos destes. Por outro lado, a ditadura não era uma realidade incomum nos países da América Latina na década de 1950, não sendo, portanto, um empecilho para o estabelecimento de boas relações com a ilha na visão da diplomacia.

Essa proximidade foi mantida por um longo período, mas Batista, anos mais tarde, dispensou severas críticas contra os Estados Unidos. A principal delas dizia respeito à interrupção do fornecimento de armamento, em março de 1958, para combater a guerrilha liderada por Fidel Castro.<sup>152</sup> E ainda por terem, segundo ele, permitido que jornais de larga influência construíssem uma imagem de herói invencível do guerrilheiro para todo o continente: “Um importante correspondente de um dos jornais mais poderosos dos Estados Unidos concedeu elevados elogios a Fidel Castro, envenenando a mente do público” avaliou.

<sup>151</sup> SZULC, Tad. *Fidel: um retrato crítico*. São Paulo: Best Seller, 1987, p. 247.

<sup>152</sup> A opção pelo embargo das armas para Cuba foi explicada por Roy Rubottom, chefe do setor de assuntos interamericanos do Departamento de Estado, como forma de pressionar Batista a efetivar novamente as garantias constitucionais e criar um clima favorável às eleições. Rubottom ponderou que “Ao considerar este problema, uma série de fatores foram pesados. O ARA acredita que não existe alternativa ao lidar com o presente governo constituído em Cuba, não importando o quanto desaprovamos certos atos desse regime. Os investimentos americanos em Cuba estão estimados em US\$ 774 milhões e existem aproximadamente 5.000 americanos vivendo naquele país. Além do mais, acreditamos que se trabalharmos com o presente regime, enquanto mantemos uma rédea curta nas nossas manifestações de cooperação com ele, nós teremos a melhor chance de encorajar eleições aceitáveis e transferir de forma ordeira o governo para o sucessor de Batista.” RUBOTTOM, Roy Richard. *Memorandum From the Assistant Secretary of State for Inter-American Affairs (Rubottom) to the Secretary of State*. Foreign Relations of the United States, 1958–1960, Cuba, Volume VI, Document 5, Disponível em: <<https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1958-60v06/d5>>. Acesso em: 1 nov. 2021.

Isso teria, segundo ele, desempenhado um papel de destaque “no jugo do comunismo que recaiu sobre os ombros de meu povo”<sup>153</sup> ele lamentou, finalmente.

De modo bastante paradoxal, pode-se argumentar, Batista contribuiu para a consolidação de uma imagem favorável do Partido Comunista entre os cubanos após o triunfo revolucionário. Seu governo foi marcado por uma forte política anticomunista, tendo perseguido violentamente o partido e seus adeptos. Em 1952, rompeu relações diplomáticas com a União Soviética e passou a qualificar como comunistas quaisquer atos de oposição dirigidos ao seu regime. Essa medida os favorecia em larga medida, pois seu governo passou a ser identificado com o pior da política cubana. Consequentemente, os comunistas despontaram, após o triunfo, como uma espécie de corretores da pátria em nome de uma cooperação com a Revolução que, com efeito, mostrou-se, em realidade, de proporções pouco significativas.

A não intervenção dos Estados Unidos baseava-se, nesse momento, na preocupação em não destruir o resto de confiança que os cubanos ainda depositavam neles quanto ao apoio à causa da democracia no mundo, haja vista os tratados assinados de não intervenção nos assuntos internos de Cuba. Acreditavam também que agir a favor de Batista, provavelmente, prejudicaria o seu apoio na ONU (Organização das Nações Unidas), na OEA (Organização dos Estados Americanos), bem como o apoio de outros países democráticos do hemisfério ocidental.<sup>154</sup>

O paradigma das Relações Internacionais, observou Kissinger, não está centrado em justiça e legitimidade, mas sim em equilíbrio e poder.<sup>155</sup> E a diplomacia estadunidense manteve sua primazia na América Latina sendo consciente do poder que exercia no sistema interamericano e não estavam dispostos a ameaçar essa influência consolidada em razão de Batista. Qualquer decisão tomada acerca da Revolução levaria a algum nível de culpa

<sup>153</sup> Aqui, não restam dúvidas, Batista se referia ao correspondente do *New York Times*, Hebert L. Matthews. Matthews era membro do conselho editorial do jornal, especializado em assuntos latino-americanos. Em 16 de fevereiro de 1958, encontrou-se com Fidel Castro na *Sierra Maestra* para uma entrevista que fabricou antecipadamente uma vitória das frágeis (até então) forças rebeldes comandadas por Castro. “A impressão que se tem”, avaliou Matthews na conclusão de seu artigo no *Times*, “é a de que ele é agora invencível” concluiu em referência a Fidel Castro. Isso fora dito em um momento em que o Movimento 26 de Julho dispunha de apenas 18 homens que haviam sobrevivido até o momento passando por condições severas e debaixo de intensos ataques do governo de Batista. Todavia, a reportagem foi divulgada em um momento bastante oportuno; pois, pouco tempo antes, Batista havia declarado que Fidel Castro estava morto, o que fora claramente contestado com a entrevista, contribuindo ainda mais para a desmoralização do governo. SZULC, Tad. *op. cit.*, p. 479. Sobre as análises de Batista: BATISTA, Fulgencio. *The Growth and Decline of the Cuban Republic*. New York: The Devin-Adair Company, 1964, p. 7.

<sup>154</sup> US DEPARTMENT OF STATE. *Draft Memorandum Prepared in the Office of Middle American Affairs*. Washington, July 25, 1958. Foreign Relations of the United States, 1958–1960, Cuba, Volume VI, Document 112. Disponível em: <<https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1958-60v06/d112>>. Acesso em: 1 nov. 2021.

<sup>155</sup> DALLEK, Robert. *Nixon and Kissinger: partners in power*. New York: Harper Collins, 2007, p. 80.

decorrente do intervencionismo ou não intervencionismo. Acerca disso, Earl Smith, embaixador dos Estados Unidos em Cuba, observou:

Os Estados Unidos serão culpados, ainda que injustamente, caso Batista sobreviva ou caia (a menos que a Igreja tome novamente medidas para nos livrar de tal responsabilidade) (...) E podemos continuar fazendo isso sem dar a nenhum dos lados a oportunidade de nos acusar de intervenção.<sup>156</sup>

Eles mantiveram, a um custo aparentemente alto, sua opção de não-intervenção. A medida contribuiu para a derrota de Fulgencio Batista e para ascensão ao poder de um governo revolucionário nacionalista, posteriormente assumido como marxista-leninista, com o qual se seguiu uma longa trajetória de confrontos. Desse modo, têm-se como fundadores da política externa cubana do período pós-revolucionário as guerras, as migrações e os direitos humanos, assim como as relações de Cuba com os Estados Unidos e com a União Soviética. O principal objetivo dela esteve centrado em, por um lado, apoiar o regime político em vias de consolidação e, por outro, defender sua soberania frente aos Estados Unidos, e, mesmo frente à União Soviética por ocasião de diferenças ideológicas marcantes entre os governos. Era um exemplo bem acabado da combinação de *realpolitik* com certo altruísmo.<sup>157</sup>

A aliança de Cuba com a União Soviética seria forjada nos finais de 1959 e especialmente em 1960, com a formalização do restabelecimento das relações diplomáticas, a ampliação das parcerias econômicas por meio do primeiro convênio cubano-soviético para venda de açúcar e o convênio cultural com países comunistas do Leste europeu.<sup>158</sup> O alinhamento com os soviéticos respondia ao propósito de diminuir o impacto das políticas de hostilidades dos Estados Unidos, fora o que permitiu Cuba a sobreviver a ataques constantes durante a década de sessenta e a lançar um programa de recuperação econômica a princípios dos anos 1970.<sup>159</sup>

Além disso, um dos pontos mais importantes da sua política externa era o apoio dispensado aos movimentos revolucionários surgidos em outros países, aspecto proeminente na gestão de conflitos com os Estados Unidos, pouco dispostos a permitir o risco de perderem

---

<sup>156</sup> Do original: “US will be blamed, even though unjustly, whether Batista survives or whether Batista falls (unless Church should again take steps to relieve us of such responsibility). (...) This we may continue to do without giving either side opportunity to accuse us of intervening.” SMITH, Earl. *Telegram from the Embassy in Cuba to the Department of State*. Havana, March 16, 1958. Foreign Relations of the United States, 1958–1960, Cuba, Volume VI, Document 38. Disponível em: <<https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1958-60v06/d38>>. Acesso em: 1 nov. 2021.

<sup>157</sup> DOMINGUEZ, Jorge. Introducción In: *La política exterior de Cuba (1962-2009)*. Madrid: Colibrí, 2009, p. 14.

<sup>158</sup> CONVENIO cultural de Cuba y el gobierno rojo yugoslavo. *Diario de la Marina*. La Habana, 30 abr. 1960, n. 102, año CXXXVIII, p. 1<sup>a</sup>.

<sup>159</sup> DOMINGUEZ, Jorge. La Política Exterior de Cuba y el Sistema Internacional. In: ESPACH, Ralph; TULCHIN, Joseph. *América Latina en el Nuevo Sistema Internacional*. Barcelona: Bellaterra, 2004, p. 258.

sua hegemonia no continente. Essa postura, para Cuba, não era oriunda com base apenas em uma questão de pugna entre Estados, mas como parte de sua ideologia global, em fazer do mundo um lugar seguro para a Revolução:

*Los imperialistas están por todo el mundo. Y para los revolucionarios cubanos el campo de batalla contra el imperialismo se extiende al mundo entero. (...) Y por eso nuestro pueblo comprende (...) que el enemigo es uno y el mismo, el mismo que ataca nuestras costas y nuestro territorio, el mismo que ataca en cualquier parte. Y por eso decimos y proclamamos que el movimiento revolucionario de no importa qué parte del mundo puede contar con los combatientes cubanos.*<sup>160</sup>

A Igreja Católica, por sua vez, apoiou inicialmente o novo regime<sup>161</sup>, mas não tardou a caminhar para uma posição mais alinhada à oposição quando se tornou nítida a aproximação de Cuba com a União Soviética e com os países comunistas do Leste Europeu. Os alertas contra o comunismo continuavam a ser explorados pelos jornais mais tradicionais: as colunas *La guerra soviética contra la religión e ¿catolicismo o comunismo?* tratavam exaustivamente do tema. Também a mídia dos Estados Unidos fazia reverberar sobre a ilha intensa propaganda anticomunista e as encíclicas do Vaticano seguiam uma abordagem semelhante.

Nesse ínterim, no esteio da reconstrução da maquinaria governamental, promulga-se, em fevereiro de 1959, a *Ley Fundamental*, substituindo em vias práticas a Constituição de 1940. Três artigos circunscreviam os direitos básicos do cidadão quanto à expressão de sua religiosidade. O artigo 10 rechaçava qualquer discriminação, seja por crenças religiosas ou outras questões individuais de opinião, raça ou classe. O artigo 35, o mais importante, nesse sentido, determinava liberdade à profissão de todas as religiões e exercício de todos os cultos; e, nessa mesma disposição legal, reafirmava a separação entre a Igreja e o Estado. E por último, o artigo 10 legislava sobre o ensino público, o qual deveria ser laico, e as instituições

<sup>160</sup> CASTRO, Fidel *apud Ibidem*, p. 258.

<sup>161</sup> Alguns padres aderiram às filas da Revolução, durante a etapa insurrecional, com autorização dos seus superiores: até o fim, os capelães Sardiñas, Rivas, Lucas, Guzmán, Cataño, Cavero e Barrientos iriam acompanhar as atividades revolucionárias fornecendo ajuda espiritual. O papel realizado por esses padres na Sierra era, sem dúvidas, vital para o processo revolucionário, pois eram um elo com os camponeses. “A presença dele [Padre Sardiñas] e o fato de atuar como sacerdote, batizando muitas crianças, era um modo de vincular ainda mais aquelas famílias à Revolução, à guerrilha, estreitando os laços entre a população e o comando guerrilheiro” reconheceu Fidel Castro em uma conversa com Frei Betto. Sabe-se ainda da importância de alguns periódicos de inspiração católica de influência na crítica ao governo de Batista, como o *Semanario Católico*, depois modernizado e convertido na revista *La quincena*, dirigida pelo padre Ignacio Biaín; e a revista oficial da *Juventud de Acción Católica*. Além disso, a *Juventud Obrera Católica* (JOC), bem como os jovens da *Agrupación Católica Universitaria*, teriam presença crescente nas lutas do movimento estudantil e outras atividades revolucionárias que forneciam apoio à guerrilha na Sierra. A participação dos católicos no movimento insurrecional seria comentada pela primeira vez em Santa Clara, poucos dias após o triunfo. Na ocasião, Fidel Castro disse ao enviado especial do *Diario de la Marina* que “*Prestaron los católicos de Cuba su cooperación decidida a la causa de la libertad*”. ESTEBAN, Enrique Grau. *Prestaron los católicos de Cuba su cooperación decidida a la causa de la libertad* – F. Castro. *Diario de la Marina*. La Habana, 7 ene. 1959. Noticias Nacionales, n. 5, año CXXVII, p. 1A.

de ensino privado ficavam sujeitas a regulamentação do Estado, mas conservavam o direito de separadamente oferecer educação religiosa.<sup>162</sup>

Mesmo que inicialmente as escolas privadas tenham sido preservadas, a questão da laicidade somada aos rumores de supressão do ensino privado gerava inquietação constante entre os católicos. O arcebispo de Santiago de Cuba, Enrique Pérez Serantes<sup>163</sup>, um dos prelados mais importantes do país, imediatamente manifestou-se em uma circular sobre a temática, dizendo ser dever de todos diante das ameaças às instituições educacionais católicas “*empuñar las armas para defender los sagrados valores de la libertad, del bienestar y de la paz*”<sup>164</sup>.

A questão da suposta supressão das escolas privadas foi encarada pelo arcebispo de modo radical. O que estava em discussão, segundo ele, não era a qualidade do ensino ou a virilidade dos que eram formados, já que o próprio Fidel Castro estudou em escolas religiosas<sup>165</sup>. Tratava-se, portanto, de forma ampla, da guerra do comunismo contra o catolicismo. O laicismo foi apontado como um dogma “*insostenible, ridículo y arbitrario y aun tiránico*”, por meio do qual os direitos dos pais de escolherem o modo como seus filhos deveriam ser educados eram anulados e se outorgavam ao Estado, extrapolando, assim, sua função subsidiária:

*Llama poderosamente la atención que en una Revolución que a costa de tanta sangre, de tantos sufrimientos y de pérdidas de todo género tan grande se ha hecho para conquistar la libertad, se quiera desconocer y aun atacar el derecho a la libertad tan sagrada y fundamental como es la que tienen los padres de familia para escoger la escuela que estimen mejor para sus hijos.*<sup>166</sup>

O arcebispo mencionou os Estados Unidos como um exemplo onde escolas públicas e privadas conviviam em harmonia e defendeu que apoiar essas instituições correspondia a apoiar os direitos individuais e a própria democracia. A Revolução não teria triunfado

<sup>162</sup> CUBA. *Ley Fundamental de 1959*. La Habana, 7 feb. 1959. Disponível em: <<https://archivos.juridicas.unam.mx/www/bjv/libros/6/2525/38.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2021.

<sup>163</sup> Enrique Pérez Serantes nasceu em Tui, na Espanha, em 1883. Chegou em Havana em 1901. Três anos depois, foi enviado a Roma para concluir os seus estudos em Filosofia e Teologia. Regressou a Cuba em 1910, onde foi ordenado sacerdote. Foi professor do Seminário de Havana (1910-1916), vigário geral de Cienfuegos (1916-1922), bispo de Camaguey (1922-1948) e arcebispo de Santiago de Cuba desde 1948 até sua morte em 1968.

<sup>164</sup> SERANTES, Enrique. *La Enseñanza Privada*. In: SECRETARIADO GENERAL DE OBISPOS CATÓLICOS DE CUBA. *La voz de la Iglesia en Cuba: 100 Documentos Episcopales*. Ciudad de México: La Buena Prensa, 1995, p. 40.

<sup>165</sup> Fidel Castro fez toda sua formação escolar em colégios católicos: estudou, primeiramente, no colégio dos Irmãos de La Salle, onde iniciou o catecismo e teve contato com a história sagrada dos Antigo e Novo Testamentos. No quinto ano, foi transferido para um colégio de Jesuítas, o Colégio Dolores, onde ampliou sua formação religiosa. No segundo ano do curso secundário, decidiu transferir-se para um colégio de Jesuítas, em Havana, o Colégio Belém, a melhor escola de jesuítas do país.

<sup>166</sup> SERANTES, Enrique. *op. cit.*, p. 42.

plenamente, ele argumentou, se a Igreja cubana não tivesse liberdade para o pleno exercício de suas funções.

Havia em jogo a questão prática de que o ensino privado/religioso sempre se constituiu como a espinha dorsal da Igreja Católica em Cuba e, uma vez suprimido, ela perderia seu principal veículo de propagação da filosofia cristã e também da evangelização, e ainda representaria um escoamento considerável de suas verbas. Todavia, por outro lado, havia a questão filosófica subjacente de a Igreja entender pertencer a ela o dever de educar, minimizando com isso os impactos da modernidade.

A escola privada era, para a Igreja Católica, um importante instrumento no enfrentamento da secularização e das demais ameaças impostas pelo mundo moderno. Para garantir sua existência era requisito a manutenção das funções historicamente exercidas por ela na sociedade. Essa garantia perpassava pela reafirmação do direito de os pais poder escolher a educação católica para os seus filhos. E muitos deles que optaram por enviar seus filhos aos Estados Unidos o fizeram alegando justamente a perda da autoridade sobre a educação deles.

Os dispositivos legais vigentes, à época, eram bastante categóricos quanto ao tema. A Constituição Cubana de 1940, que a priori o movimento revolucionário prometia resgatar, no Art. 44, determinava que *“Los padres están obligados a alimentar, asistir, educar e instruir a sus hijos, y éstos a respetar y asistir a sus padres.”*<sup>167</sup> Além disso, a Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948, no Art. 26, inciso 3, dispõe que *“Os pais têm prioridade de direito na escolha do gênero de instrução que será ministrada a seus filhos.”*<sup>168</sup> Finalmente, para a Igreja, o direito de educar os filhos corresponde em prioridade aos pais e é anterior ao próprio direito do Estado.<sup>169</sup>

Em uma declaração conjunta dos bispos de Cuba, de fevereiro de 1959, eles questionaram:

*¿Será cierto que de espaldas a la mayoría católica abrumadora del pueblo de Cuba se gesta una reforma educacional que desconoce estos principios fundamentales de Derecho Natural? ¿Serán ciertos los rumores de unificación escolar, las amenazas de control estatal excesivo, (...); el desconocimiento de los procedimientos internacionales de equiparación; la*

<sup>167</sup> CUBA. *Constitución Política de 1940*. Camagüey, 1 jul. 1940. Disponível em: <<https://pdba.georgetown.edu/Constitutions/Cuba/cuba1940.html#mozTocId833299>>. Acesso em: 1 out. 2021.

<sup>168</sup> ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. *Declaração Universal dos Direitos Humanos*. 1948. Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>>. Acesso em: 12 dez. 2020.

<sup>169</sup> OBISPOS DE CUBA. *Al Pueblo de Cuba*. In: SECRETARIADO GENERAL DE OBISPOS CATÓLICOS DE CUBA. *op. cit.*, p. 45.

*negación de los derechos adquiridos y el efecto retroactivo anticonstitucional de leyes que parecen inmediatas?*<sup>170</sup>

Para o governo cubano, a atitude da Igreja, tendo em vista que o ensino privado ainda não tinha sido suprimido, era uma tentativa de causar divisões na sociedade e acobertar propósitos reacionários, em um momento em que a unidade era fundamental para o novo regime alcançar a estabilidade no poder. O jornal *Revolución*, órgão oficial do governo, em um artigo intitulado *Educación Romana, ¿para qué?*, criticou a Igreja por não acompanhar o progresso em Cuba e mais uma vez se posicionar ao lado errado da história como havia feito durante a Guerra de 1895 ao se manter às margens dos ideais independentistas para garantir a permanência do status quo de colônia; durante a década de 1930 pela ligação de alguns clérigos ao falangismo espanhol<sup>171</sup> desde a guerra civil de 1936, ideologia considerada fascista; durante a década de 1950 por ter se mantido ao lado da ditadura de Batista. Ademais, teria ainda pactuado, em diferentes momentos da história, com as oligarquias latino-americanas para impedir a capacidade de resistência das massas ao poder vigente.<sup>172</sup>

Desde a construção da colônia espanhola, alegava o discurso oficial, ela havia educado a população para a manutenção dos seus interesses e de interesses estrangeiros – ao se referirem a ela, usavam-se sempre “católica romana” ou “Igreja de Roma” para evidenciar o seu vínculo a um poder externo a Cuba. Por meio dessa lógica, a educação religiosa teria servido apenas para convencer o rico de sua riqueza e proeminência social e o pobre de sua pobreza e sua necessária inferioridade. O laicismo atuaria como um muro protetor contra a intervenção da Igreja nos assuntos do Estado e, o mais importante, atuaria em defesa da mais significativa das liberdades, a liberdade de consciência<sup>173</sup>. A mesma liberdade de consciência que a Igreja também afirmava defender.

Esses desentendimentos, inicialmente limitados à questão da educação, evoluíram rapidamente ao longo de 1959. Em novembro desse ano, os padres Eduardo Aguirre e Ramón O’Farrill fugiram de Cuba e denunciaram o regime para as autoridades eclesiásticas dos Estados Unidos. Na ocasião, alegaram que o governo tinha a intenção de criar uma igreja na ilha independente do Vaticano, como já havia sido ensaiado em alguns países comunistas. No

<sup>170</sup> *Ibidem*, p. 46.

<sup>171</sup> O termo refere-se ao Falangismo, ideologia política da Falange Espanhola Tradicionalista, partido considerado fascista, legalmente reconhecido durante a ditadura de Francisco Franco, na Espanha. Aliou-se às forças nacionalistas de Franco durante a Guerra Civil Espanhola (1936 - 1939), ajudando a depor o governo republicano de cunho socialista.

<sup>172</sup> CANDELA, Euclides Vazquez. *Educación Romana, ¿para qué?*. *Revolución*. La Habana, 2 mar. 1959, n. 73, año II, p. 1.

<sup>173</sup> *Ibidem*.

começo de 1960, apresentaram documentos à OEA sobre violações dos Direitos Humanos em Cuba. Dentre as acusações, a adoção de métodos de guerra aplicados nos cárceres contra centenas de prisioneiros políticos, os quais estariam recebendo tratamento inumano por parte das autoridades cubanas.<sup>174</sup>

Entretantes, o partido comunista cubano e seus simpatizantes começaram a ocupar posições de destaque no governo. O então presidente Manuel Urrutia, que havia protestado contra a crescente influência comunista no governo, foi substituído por Osvaldo Dorticós, membro do PSP desde 1953. Ernesto Guevara, notadamente marxista, ocupou por um bom tempo uma posição de destaque no Instituto de Reforma Agrária e depois tornou-se Presidente do Banco Nacional. Ademais, muitas outras funções governamentais importantes foram sendo rapidamente absorvidas por líderes da esquerda, como é o caso do Ministério do Trabalho, Ministério para a Recuperação de Bens Adquiridos Ilegalmente e o Ministério da Construção.<sup>175</sup>

No início de 1960, as reservas ainda mantidas se dissiparam, e o arcebispo Enrique Serantes, principal crítico do comunismo da Igreja cubana, redigiu uma circular intitulada “*Por Dios y Por Cuba*” procurando orientar o povo sobre os perigos dessa ideologia para o país (sem, porém, citar o governo ou suas posições políticas). Cabe destacar, as circulares ou cartas pastorais eram os instrumentos pelos quais o episcopado fixava suas posições doutrinárias, dirigidas ao clero subordinado e às dioceses. A circular se mostra importante por evidenciar a interpretação do prelado sobre a filosofia comunista, semelhante à de grande parte dos religiosos da ilha.

Logo, a interpretação de Serantes não era diferente daquelas feitas até então pela hierarquia da Igreja Católica em outras partes do mundo. Resgatando a experiência dos tidos como mártires do Leste Europeu, o arcebispo defendeu ser melhor perder tudo, e até derramar seu sangue, do que renunciar à própria liberdade. Referia-se, ao dizer isso, à falta de liberdade imposta pelo comunismo que, em sua opinião, tratava-se de um sistema político-social irreligioso, intrinsecamente perverso e inimigo implacável do cristianismo.

Sendo o comunismo fundado sobre o materialismo dialético de Marx, orientou Serantes, nele não há lugar para Deus. O homem seria reduzido a um ser totalmente material, carecendo de liberdade e de limite moral contra o assalto das paixões mais baixas. Como agravante, o comunismo negaria a existência do vínculo matrimonial e sua indissolubilidade,

---

<sup>174</sup> DOS SACERDOTES cubanos elevan quejas a la OEA. *Diario de la Marina*. La Habana, 19 feb. 1960, n. 42, año CXXVIII, p. 1A.

<sup>175</sup> FRANQUI, Carlos. *Retrato de Família com Fidel*. Rio de Janeiro: Record, 1981, p. 57.

negaria igualmente o direito à propriedade e tentaria subverter toda ordem social e seus fundamentos, com a intenção de formar uma nova sociedade apartada de Deus e suas leis, impondo a escravidão a todos.<sup>176</sup>

Os discursos de Serantes e de outros religiosos críticos ao comunismo eram encarados pelo governo como obstáculos para a institucionalização do regime. Fidel Castro, por exemplo, defendeu que eles estavam agindo como “escribas e fariseus” a favor dos privilegiados, um entrave ao progresso do país, uma fonte de forças reacionárias e até mesmo traidores dos princípios de Cristo:

*Y entonces veremos que quienes condenan a una revolución que está con el pobre, que está con el humilde, que predica el amor al prójimo y la confraternidad entre los hombres, que predica la justicia entre los hombres, que predica la igualdad entre los hombres, que practica la virtud y condena al vicio, que practica el amor, que practica la generosidad, que practica el bien, ¡quien condene una revolución como esta, traiciona a Cristo! Y al mismo Cristo serían capaces de crucificarlo otra vez, ¡porque Cristo predicó lo que nosotros estamos haciendo!*<sup>177</sup>

As críticas da hierarquia católica eram vistas como uma campanha dedicada a desacreditar a obra revolucionária, lideradas por cristãos aburguesados, apegados mais aos seus interesses pessoais do que ao espírito do Evangelho, filiados ao “*eterno cristianismo farisaico de los sepulcros blanqueados*”.<sup>178</sup> Em vez de operar como potência espiritual transformando as almas, a Igreja estaria politicamente atuando com pretensões de hegemonia e domínio, em sua eterna busca pelo poder.

Nesse mesmo ano, foi criada uma associação denominada *Agrupación Cívica de Revolucionarios Cubanos “Con la cruz y con la Patria”* formada por católicos filiados ao novo governo. Muitos a apontavam como um protótipo de uma Igreja Revolucionária Patriótica insubordinada a Roma. O bispo auxiliar de Havana, José Domínguez, disse ao secretário da embaixada dos Estados Unidos que “*Es muy posible que los católicos pro Castro y los pocos sacerdotes revolucionarios que aún quedan; declaren que la Jerarquía no les representa y funden su propia iglesia sobre la estructura de la existente organización* Con

<sup>176</sup> SERANTES, Enrique. Por Dios y Por Cuba. In: SECRETARIADO GENERAL DE OBISPOS CATÓLICOS DE CUBA. *op. cit.*, p. 75.

<sup>177</sup> CASTRO, Fidel. *Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer ministro del gobierno revolucionario, en la clausura de la reunión de coordinadores de cooperativas cañeras, en el teatro de la CTC revolucionaria, el 10 de agosto de 1960.* Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1960/esp/f100860e.html>>. Acesso em: 26 nov. 2020.

<sup>178</sup> VALDESPINO, Andres. El cristianismo de los sepulcros blanqueados. *Bohemia*. La Habana, 22 mar. 1959, p. 61.

*la cruz y con la patria*".<sup>179</sup> Os bons católicos, em alguma medida, passaram a ser os identificados com a organização, os demais como traidores aliados ao falangismo espanhol ou sob a influência dos Estados Unidos.

Uma das principais críticas enfrentadas pela Igreja Católica nos países comunistas sempre foi sua condição de "instituição estrangeira" por ser submetida a um líder que não está localizado no país em questão e que, portanto, obedeceria a interesses que nem sempre eram os mesmos da nação. Durante a Guerra Fria, essa condição recaiu duplamente sobre a Igreja cubana, pois ao mesmo tempo em que era condenada por seu estrangeirismo em relação a Roma, também recebia críticas acerca de uma possível filiação com os Estados Unidos. Essa confusão sobre sua fidelidade minava ainda mais sua força política no país.

Por ocasião dessas críticas, Serantes redigiu uma circular defendendo não ser subserviente a qualquer autoridade dos Estados Unidos. Todavia, disse também não estar disposto a trocar Roma por Moscou, e essa atitude baseava-se, antes de tudo, em seu amor por Cuba. A questão das críticas em respeito a uma possível vinculação ao falangismo espanhol também foi abordada e parecia de difícil enfrentamento, uma vez que mais da metade do clero cubano era estrangeiro, a maioria espanhol, e muito deles estiveram sim ligados à Guerra Civil Espanhola de 1936.<sup>180</sup> Tanto o desencorajamento mostrado pela Igreja às causas independentistas e o elo de alguns sacerdotes da ilha com o governo de Franco quanto uma possível aliança com a Igreja dos Estados Unidos alimentaram as críticas dos revolucionários no momento do acirramento das divergências.

*Decimos asimismo que los funcionarios de Norte América no han ejercido ni una sola vez, directa o indirectamente, influencia alguna sobre nos, como no la han ejercido jamás los falangistas, ni los franquistas, con los cuales nunca hemos mantenido relaciones de ninguna clase. El que otra cosa afirme se equivoca; y en todo caso no dice verdad. Pero no tenemos rubor en decir, y nos parecería cobardía no decirlo, que entre norteamericanos y soviéticos, para Nos no cabe vacilar en la elección.*<sup>181</sup>

A Igreja estava, portanto, dividida, fragilizando, com isso, sua capacidade de enfrentamento ao comunismo no país. As consequências foram bastante desfavoráveis porque houve a preponderância, conforme refletiu Aurelio Alonso, no sistema político de um doutrinário ateu que se traduziu em anos de restrições discriminatórias para os crentes em

<sup>179</sup> URÍA, Ignacio. *Iglesia y Revolución en Cuba*: Enrique Pérez Serantes (1883-1968), el obispo que salvó a Fidel Castro. Madrid: Encuentro, 2011, p. 443.

<sup>180</sup> OLIVA, Enrique López. *op. cit.*

<sup>181</sup> SERANTES, Enrique. Ni traidores ni parias. In: SECRETARIADO GENERAL DE OBISPOS CATÓLICOS DE CUBA. *op. cit.*, p. 88.

Cuba, especialmente para católicos praticantes”<sup>182</sup>. Seu destino parecia já ter sido traçado desde os primeiros meses após o triunfo revolucionário, como ficou evidente em uma reportagem da Revista *Bohemia*, de abril de 1959:

*La iglesia tiene por consiguiente que afrontar con entereza el hecho de que en Cuba hay una verdadera revolución en cierto sentido, la primera verdadera revolución y que ella debe jugar un papel importante en la misma o resignarse a perder una apreciable cantidad de influencia social.*<sup>183</sup>

Não obstante, Serantes esperava que a Igreja pudesse manter sua posição dentro dos cânones da democracia, ou seja, continuar com seus templos, cessando as profanações, continuar com suas cerimônias religiosas nos espaços públicos e garantir a manutenção de suas escolas. Ele decerto pagou um preço alto por suas escolhas políticas, ao ser historicamente incluído no *hall* dos padres traidores da pátria. Na encíclica mencionada anteriormente, reafirmou a posição assumida: “*Cuba, sí, comunismo, no. Repetiremos siempre: Cuba sí, esclavos, jamás*”<sup>184</sup>.

No final de 1960, a hierarquia católica escreveu uma carta aberta ao primeiro-ministro Fidel Castro. Uma denúncia contra o agravamento da campanha antirreligiosa em consequência dos desdobramentos de uma circular publicada em agosto, na qual havia se posicionado contra a guinada comunista da Revolução. Inicialmente, os prelados condenaram as detenções de sacerdotes e as injúrias contra bispos e instituições católicas por meio dos meios de comunicação sob o controle do governo. Fizeram referência, de forma não explícita, à *Con la cruz e con la patria*, cuja função única seria de combater a hierarquia. Concluíram afirmando o compromisso exclusivo da Igreja com Cuba, reiterando apoio sem vacilações ao pleno desenvolvimento econômico do país.<sup>185</sup>

Ressalta-se que embora a Igreja defendesse, ao menos no plano teórico, a melhoria das condições dos humildes, o fim da discriminação racial, a justa distribuição das riquezas, educação e cultura para todos, ela entrou em conflito com a Revolução que estava sendo operada em Cuba porque seus dirigentes não partiam de um conceito espiritualista da vida e do homem, focando apenas nas necessidades materiais. Contrariava ainda as doutrinas básicas católicas por meio da escolha pela luta de classes em detrimento do amor e da caridade.

<sup>182</sup> ALONSO, Aurelio. A Igreja católica, a política e a sociedade. *Estudios Avanzados*. São Paulo, vol. 25 nº. 72, p. 107-115, May/Aug. 2011, p. 108.

<sup>183</sup> DEL CERRO, Angel. La Iglesia tiene que resucitar. *Bohemia*. La Habana, 5 abr. 1959, p 78.

<sup>184</sup> SERANTES, Enrique. Ni traidores ni parias. In: SECRETARIADO GENERAL DE OBISPOS CATÓLICOS DE CUBA. *op. cit.*, p. 88.

<sup>185</sup> OBISPOS DE CUBA. Carta abierta del Episcopado al primer ministro. In: *Ibidem*, p. 60.

Finalmente, a falta de respeito pela propriedade privada era encarada como uma violação completa da liberdade individual e, portanto, insustentável:

*Condenamos, en efecto, el Comunismo, en primer lugar, porque es una doctrina esencialmente materialista y atea, y porque los gobiernos que por ella se guían figuran entre los peores enemigos que ha conocido la Iglesia y la humanidad en toda su historia. Afirmando engañosamente que profesan el más absoluto respeto a todas las religiones, van poco a poco destruyendo, en cada país, todas las obras sociales, caritativas, educacionales y apostólicas de la Iglesia, y desorganizándola por dentro, al enviar a la cárcel con los más variados pretextos, a los obispos y sacerdotes más celosos y activos.*<sup>186</sup>

A Igreja por outro lado, elencava três razões principais para que os comunistas almejassem sua destruição: a primeira é pelo “caráter narcisístico” de não admitir qualquer outra autoridade além do partido operando no país; a segunda, por reconhecê-la como uma importante fonte de renda para levar a efeitos os seus projetos; e a terceira por sua influência moral sobre a sociedade. Contudo, em Cuba, outras razões eram elencadas. A Igreja Católica era apontada como uma instituição nostálgica de velhos direitos, defendidos com argumentos fora de moda. Vinculava-se a grupos sociais e econômicos que se desenvolveram promovendo a injustiça e a desigualdade social da maioria da população. Suas escolas eram responsáveis pelo lapso moral dos cubanos por ter sido, hegemonicamente, responsável pela educação da população desde o momento de construção da colônia espanhola. Por fim, uma instituição que optou por se manter estacionada no tempo em contraposição ao avanço da história guiado pelos revolucionários.

Embora não se despreze o conflito macro – União Soviética x Estados Unidos – a dialética da Guerra Fria abarcou a religião e produziu uma contenda particular para a Igreja Católica. A inquietude do avanço de uma doutrina alternativa e da invasão de uma força coletiva que traduzia a ideias em fatos materiais, prometendo a subversão da ordem das coisas era contrabalanceada com o incômodo oriundo do perfil ativo e combatente de outra força social, que não apenas dizia possuir a doutrina da verdade salvadora, mas que inspirava uma forma de conduta que aprendeu a resistir às mais severas condições políticas. Na escala micro do conflito, portanto, está o homem comunista x homem cristão, ambos lutando por suas convicções dentro de um quadro de instabilidade política mundial de larga escala. Mas havia algo de comum entre eles: a convicção de que a eficiência na criação do homem ideal, seja comunista ou católico, perpassava pela educação das crianças; de um lado, pelo estudo científico/ateu, do outro, pelo estudo científico/religioso.

---

<sup>186</sup> *Ibidem*, p. 61.

Destarte, as crianças figuravam como peça-chave tanto na institucionalização do comunismo como na perpetuação do catolicismo, pois se para o primeiro atuavam como instrumentos no processo de legitimação e defesa do regime e de suas conquistas, para o segundo eram instrumentos pelos quais a doutrina cristã pôde se propagar através das gerações. Não é, portanto, difícil entender porque o governo revolucionário cubano, desde os primeiros anos, investiu em uma poderosa política para a infância, do mesmo modo como é possível entender as razões que levaram a Igreja a conceber e pôr em prática um plano clandestino para retirar tantas crianças desacompanhadas quanto fosse possível de Cuba, razões estas, que não restam dúvidas, vão muito além da questão humanitária. Na encíclica mais dura de Serantes, o caminho para a Operação Pedro Pan parece ter sido aberto: *¡Pobres niños y pobres jóvenes espiritualmente desnutridos!* [falando sobre crianças vivendo sob o regime comunista] *¡Pobres hijos los que tienen varios padres, o varias madres, porque más les valiera ser huérfanos!*<sup>187</sup>

---

<sup>187</sup> SERANTES, Enrique. Roma o Moscú. In: SECRETARIADO GENERAL DE OBISPOS CATÓLICOS DE CUBA. *op. cit.*, p, 93.

## CAPÍTULO 2

### A RELAÇÃO ESTADOS UNIDOS-CUBA E A GÊNESE DA OPERAÇÃO PEDRO PAN

A história da Operação Pedro Pan oferece um importante vislumbre sobre o papel relevante das crianças na política das nações, lançando luz sobre os laços existentes entre família e política externa. Isso porque a construção simbólica de inimigos globais, que caracterizou o período da Guerra Fria, aumentou as inseguranças domésticas e, conseqüentemente, fez com que a necessidade “natural” de proteção às crianças passasse a exigir a construção de sistemas de defesa complexos. Concomitantemente, elas se mostraram importantes ferramentas para a guerra psicológica levada a efeito pelos Estados Unidos contra o comunismo mundial e a Revolução Cubana, transformando o processo migratório como modalidade da política externa dos Estados Unidos para a ilha.

Os temores envolvendo crianças e “ladrões comunistas de bebês” circularam durante grandes disputas ideológicas do século XX, tais como a Guerra Civil Espanhola, a Guerra Civil Grega e a Guerra da Coreia.<sup>188</sup> Em todas essas ocasiões, jovens foram obrigados a emigrar, fugindo das conseqüências político-ideológicas dos conflitos ou respondendo às ansiedades e aspirações de seus pais e países. Todavia, a experiência de 1936 foi a mais importante para os pais cubanos. Cuba foi a última colônia da Espanha a conquistar sua independência, nutrindo ainda, portanto, no início do século XX, estreitos laços com a antiga metrópole. Quando o entendimento de uma ameaça comunista se intensificou na ilha, eles ainda estavam influenciados em grande parte pela memória da guerra, relembrando histórias de crianças bascas enviadas para treinamento na Rússia ou mantidas no Leste como reféns.<sup>189</sup>

Por seu turno, nos Estados Unidos, a temática da infância era acompanhada de perto pela diplomacia. No começo da década de 1950, numa convergência de política externa e interna, os estadunidenses foram incentivados a adotar crianças da Coreia do Sul como um dos meios de combater o comunismo da Coreia do Norte.<sup>190</sup> Anos depois, as campanhas para encontrar lares adotivos para as crianças da Operação Pedro Pan basearam-se nos mesmos termos: lutar contra o comunismo ajudando uma criança de cada vez. Assim, muitos

---

<sup>188</sup> DUBINSKY, Karen. *Babies without Borders: Adoption and Migration across the Americas*. Canada: University of Toronto, 2010, p. 17.

<sup>189</sup> WALSH, Bryan O. Cuban Refugee Children. *Journal of Interamerican Studies and World Affairs*. Miami, Jul-oct. 1971, p. 381.

<sup>190</sup> DUBINSKY, Karen. *op. cit.*, p. 17.

receberam refugiados calorosamente, considerando suas ações consistentes com parte da tradição do país que promete socorro aos perseguidos.

Desta feita, o escopo deste capítulo será transitar pela política migratória estadunidense nos anos iniciais da Guerra Fria, de modo a entender a forma excepcional como lidaram com os imigrantes cubanos. Para tanto, torna-se incontornável a construção de um panorama dos conflitos bilaterais entre esses países, pois eles subsidiaram a formulação das ações em relação à ilha. Em contraste, a segunda metade desta seção terá como enfoque as políticas para a infância adotadas por Cuba a partir do triunfo da Revolução. Além de revelar a importância simbólica das crianças no projeto de nação idealizado pelos revolucionários, essas medidas também evidenciavam as tentativas do governo de conter indiretamente o fluxo migratório infantil.

Tanto o êxodo de cubanos quanto a situação das crianças no país compuseram uma parte importante da guerra psicológica desencadeada após o desgaste das relações diplomáticas, tema abordado na parte final deste excerto. Essa guerra, encabeçada sobretudo pela CIA, desenvolveu-se no âmbito do *Program of covert actions against the Castro regime* e foi determinante para o desenvolvimento da Operação Pedro Pan, ao mesmo tempo em que contribuiu ainda mais para o acirramento das disputas político-ideológicas entre ambos os países.

## **2.1 – Política migratória nos Estados Unidos e a construção da inimizade política com Cuba**

Como nação de imigrantes, os Estados Unidos têm longa tradição em admitir pessoas de fora de seu sistema político, atitude frequentemente guiada por considerações de política externa. Desde a Segunda Guerra Mundial, o tratamento em relação aos refugiados tem sido claramente relacionado com os objetivos políticos internacionais do país. Com base nas análises de Sharon Russel, a migração pode interagir com os interesses da política externa estadunidense de várias maneiras. A mais direta é quando esta é um determinante explícito dos fluxos de migração para os Estados Unidos, a exemplo da migração húngara e da migração cubana. Mais indiretamente, quando pode causar ou fomentar a migração a outros países, como a de refugiados indochineses para países vizinhos. Outra maneira é quando as comunidades “transnacionais” são capazes de exercer pressão sobre os formuladores de políticas do país tanto em matéria de política externa quanto de migração. Por fim, quando a

migração internacional representa um desafio à segurança dos Estados Unidos nos casos em que é resultado da desestabilização em áreas de interesse estratégico ou resulta de atividades ilegais de grupos criminosos internacionais.<sup>191</sup>

Naturalmente, as decisões do governo dos Estados Unidos sobre quais crises de refugiados mereciam atenção – e quais exigiam intervenção – sempre levaram em consideração os objetivos da política externa da Guerra Fria. Além desse, muitos outros aspectos eram observados. A admissão de imigrantes baseava-se em um cálculo complexo envolvendo as preocupações com o sistema internacional, as considerações políticas e culturais domésticas, a situação econômica do país e a receptividade do público. Além disso, outro fator eram as diferentes maneiras pelas quais os estadunidenses se definiam enquanto nação, já que, na década de 1950 e início de 1960, a ideia politizada de “ser americano” enfatizava sobremaneira o anticomunismo.<sup>192</sup> Desse modo, defensores e oponentes da admissão de refugiados manipulavam noções de identidade nacional para justificar suas posições e moldar políticas e programas voltados a incentivar ou barrar a entrada de determinados grupos.

Durante grande parte desse período, o pressuposto norteador do governo era que os refugiados se compunham de europeus anticomunistas, atribuindo a eles uma mistura de traços que estiveram no cerne das questões sobre refugiados por décadas: a resignação demonstrada por eles ao fugir dos regimes radicais de esquerda. Entre os formuladores de políticas migratórias, havia, de um lado, um grupo mais liberal, cuja postura enfocava o combate ao comunismo e à União Soviética; de outro, os restricionistas, mais preocupados com a segurança nacional, possivelmente ameaçada pela entrada no país de indivíduos subversivos ou espões. Levando em consideração os aspectos importantes dos argumentos de ambos os grupos, a administração Roosevelt, ainda na década de 1940, transferiu o *Immigration and Naturalization Service* do Departamento de Trabalho para o Departamento de Justiça, conferindo ao status da imigração caráter mais jurídico e de defesa nacional. Todas as investigações de requerentes de visto foram centralizadas no Departamento de Estado, estabelecendo-se um procedimento pelo qual um comitê interdepartamental (com membros da inteligência) oferecia recomendações sobre a possível admissibilidade de cada requerente.<sup>193</sup>

---

<sup>191</sup> RUSSELL, Sharon S. Migration Patterns of U.S. Foreign Policy Interest. In: TEITELBAUM, Michael S. WEINER, Myron (eds.). *Threatened peoples, threatened borders: world migration and U.S. policy*. New York: W. W. Norton, 1995, p. 40.

<sup>192</sup> BON TEMPO, Carl J. *Americans at the gate: The United States and refugees during the Cold War*. New Jersey: Princeton University, 2008, p. 1-5.

<sup>193</sup> *Ibidem*, p. 20.

A peça mais notória da legislação, inspirada no *Red Scare*, característico dos restricionistas, foi a Lei *Mc Carran-Walter*, aprovada pela Câmara e pelo Senado em 1952. Ela proibia a naturalização de imigrantes comunistas e reforçava os requisitos de triagem com a promulgação de cláusulas destinadas a impedir a entrada de subversivos, incluindo fascistas, anarquistas e “apoiadores do movimento comunista mundial”. Ademais, a lei reafirmou o sistema de cotas criado na década de 1920, responsável por introduzir limitações numéricas de imigração com base em origens nacionais.<sup>194</sup>

Truman mostrou-se enfaticamente insatisfeito com a Lei *McCarran-Walter*, por considerar que “gregos lutando para ajudar as vítimas indefesas de uma guerra civil comunista” ou “turcos, bravos defensores do flanco oriental” tivessem cotas muito insignificantes, pois a lei favorecia os imigrantes do Norte e do Oeste da Europa. O então presidente considerou não ser necessário proteger o país dos imigrantes do Leste Europeu, e sim “estender a mão amiga (...) para socorrer aqueles que foram corajosos o suficiente para escapar da barbárie”. Em seu argumento, eles teriam ajudado a combater a ameaça soviética, pois “lutaram e sofreram sob o comunismo em sua terra natal – e mereciam a chance de viver nos Estados Unidos”. Esses imigrantes, “por meio do seu anticomunismo, e por causa de sua vitimização nas mãos de governos comunistas, (...) exibiram o respeito e a compreensão dos ideais americanos”, concluiu.<sup>195</sup>

Ao vetar a lei, solicitou ao Congresso a criação de uma comissão nacional bipartidária para “examinar os pressupostos básicos” da política de imigração, o sistema de cotas, as leis de nacionalidade e as maneiras pelas quais tudo isso poderia ser alinhado “aos ideais nacionais e à política externa”, pois avaliava as leis de imigração do país como marcadas pela discriminação com base na nacionalidade, na raça e no credo, além de alheias aos interesses internacionais dos Estados Unidos. Ao propor esse reexame, colocou em cena duas questões importantes: a primeira foi a disjunção crescente entre a política relativa aos imigrantes “comuns” e a relativa aos grupos definidos como “refugiados”, basicamente fugitivos do comunismo europeu; a segunda, o desafio de encontrar o equilíbrio entre o medo do comunismo e a crença no anticomunismo na elaboração das políticas nacionais.

Uma resposta legislativa às suas indagações foi ensaiada com o *Refugee Relief Act*, aprovado em 1953, durante a administração Eisenhower, considerado um pequeno passo em direção à reforma das leis de imigração. O projeto havia sido formulado buscando preservar a reputação diplomática dos Estados Unidos em face das competições da Guerra Fria, tendo

<sup>194</sup> BON TEMPO, Carl J., *op. cit.*, p. 29.

<sup>195</sup> EISENHOWER, Dwight D. *apud* BON TEMPO, Carl J. *op. cit.*, p. 30.

obtido apoio de liberais de ambos os partidos bem como de moderados, especialmente republicanos. Ele foi concebido em um período marcado pelo estabelecimento de uma espécie de consenso sobre a conveniência em acolher e, até mesmo, encorajar “desertores” dos países comunistas. A política externa foi usada para promover a emigração de indivíduos de países inimigos para os Estados Unidos, iniciando com isso um processo de reorientação das restrições de imigração. Estas, antes concentradas na raça e na cultura – como é marcante no sistema de cotas –, passaram a focar a ideologia.

Um memorando do Conselho Nacional de Segurança<sup>196</sup> (*National Security Council* ou NSC) se referiu ao *Refugee Relief Act* como um dispositivo para “encorajar a deserção em todas as nações da URSS de pessoas-chave para infligir um golpe psicológico ao comunismo e, embora menos importante, perda material para a União Soviética”<sup>197</sup>, porquanto a emigração acarretaria um escoamento de “cérebros” nos países de origem. Assim, a título de exemplificação, a entrada de gregos foi facilitada como parte de uma estratégia para derrotar as forças comunistas na Guerra Civil de 1946.

A política de imigração dos Estados Unidos foi também marcada pelos desenvolvimentos da Revolução Húngara, resultado de uma onda de distúrbios políticos que abalou a União Soviética após a morte de Joseph Stalin, em março de 1953. No início dos anos 1950, a Hungria esteve sob liderança stalinista, acusada de produzir uma economia estagnada e um reinado político de terror. A insatisfação progressiva atingiu diversos setores (pouco coesos) da sociedade. Esses grupos passaram a exigir desde eleições livres, um estado multipartidário, a reinstituição de símbolos tradicionais do nacionalismo húngaro e a proteção estatal dos direitos civis até um socialismo reformado. Todavia, o mais importante, na perspectiva dos estadunidenses, residia no fato de a Revolução Húngara parecer anunciar um ponto de inflexão na Guerra Fria, decisivo e benéfico aos Estados Unidos – isto é, o possível esfacelamento da “Cortina de Ferro”.<sup>198</sup>

Eisenhower decidiu agir sem demora. Havia uma brecha na lei por meio da qual o procurador-geral podia admitir em *parole* um estrangeiro em caráter de emergência, caso fosse do interesse político do país. Os admitidos em *parole* só poderiam permanecer nos Estados Unidos a critério do procurador-geral, em virtude de essa modalidade não garantir

<sup>196</sup> Esse organismo compreendia o vice-presidente, o secretário de Estado, o secretário de Defesa, os *Joint Chiefs of Staff*, o presidente da National Security Resources Board. O papel do NSC cresceu sobremaneira durante o governo Kennedy. Foi como *special assistant* e chefe do NSC que Henry Kissinger começou sua carreira de destaque.

<sup>197</sup> ZOLBERG, Aristide R. From invitation to interdiction: U.S. Foreign Policy and Immigration since 1945. In: TEITELBAUM, Michael S. WEINER, Myron (eds.). *op. cit.*, p. 124.

<sup>198</sup> BON TEMPO, Carl J. *op. cit.*, p. 65.

status oficial de imigração. Tal política aumentou significativamente o controle, até então limitado, do Poder Executivo sobre as políticas para refugiados, fornecendo ao presidente os meios para aceitar estrangeiros quase imediatamente, sem aprovação, consulta ou supervisão do Congresso. Os húngaros foram simplesmente classificados como “fugitivos”, sem qualquer preocupação quanto às suas inclinações ideológicas. O presidente os descrevia como pessoas mais velhas, mulheres e crianças, “(...) muitas delas sofrendo feridas infligidas pelas armas do comunismo imperialista”. Caracterizava-os como vítimas e oponentes dos soviéticos, quando, na verdade, vários deles estavam simplesmente em busca de melhores condições de vida no Ocidente.<sup>199</sup>

Nos anos seguintes, a política de imigração concentrou-se tanto na derrubada do sistema de cotas de origem nacional quanto na admissão de centenas de milhares de refugiados de Cuba aos Estados Unidos por intermédio de exceções à lei de imigração: o *Refugee-Escape Act*, de 1957; leis especiais de refugiados (o *Fair Share Refugee Act*, de 1960); e alguns procedimentos especiais (a política de *parole* iniciada pelo presidente Eisenhower, continuada sob os presidentes Kennedy e Johnson). A assistência federal aos refugiados havia começado em 1960 na administração de Eisenhower, em resposta ao número crescente de imigrantes. John F. Kennedy, reconhecendo a abrangência da situação como superior ao escopo dos estados individuais e agências voluntárias, atribuiu tal responsabilidade ao Secretário de *Health, Education and Welfare*, à época Abraham Ribicoff. Em 1962, então, promulgou-se o *Migration and Refugee Assistance Act*, base legislativa para o *Cuban Refugee Program*, cujo fim era a assistência e reassentamento de refugiados cubanos.

Apesar dos importantes laços econômicos e culturais entre Cuba e Estados Unidos, as relações dos novos dirigentes da ilha com esse país haviam sido tensas desde o princípio. Não se pode negar que, filosoficamente, os cubanos haviam nutrido ao longo dos anos um grande sentimento de insatisfação em relação à Emenda Platt<sup>200</sup> e às missões militares em Cuba. Como a última nação latino-americana a se livrar do jugo colonial no século XIX, Cuba

<sup>199</sup> EISENHOWER, Dwight D. *apud, ibidem*, p. 67.

<sup>200</sup> A Emenda Platt foi um dispositivo constitucional assinado pelo Senado norte-americano, em 1901, para garantir que os Estados Unidos pudessem intervir política e militarmente em Cuba. Ela estipulou sete condições para a retirada das tropas dos Estados Unidos que permaneceram no final da Guerra Hispano-Americana, e uma oitava condição para que Cuba assinasse um tratado aceitando essas sete condições. A legislação autorizava o presidente dos Estados Unidos a retirar tropas de Cuba somente se Cuba concordasse em abster-se de fazer quaisquer tratados que prejudicassem sua independência; não emprestar mais dinheiro do que poderia pagar; permitir que os Estados Unidos comprem ou aluguem terras para bases navais; e permitir que os Estados Unidos intervenham nos assuntos cubanos para manter a independência cubana. Essas estipulações, que foram fortemente contestadas pelos cubanos, foram anexadas à constituição da ilha em 12 de junho de 1901.

buscou não apenas alcançar a independência econômica e a soberania política, mas também libertar-se da hegemonia cultural dos Estados Unidos e alcançar um novo senso de identidade nacional. Ademais, durante a etapa insurrecional, os rebeldes queixavam-se do apoio dado pelos Estados Unidos ao governo de Batista por terem demorado demasiadamente a cessar os embarques de armas para o exército, prolongando a guerra de guerrilhas além do necessário. Depois de janeiro de 1959, a audaciosa rejeição da Revolução Cubana aos ditames de Washington imediatamente despertou preocupações sobre sua verdadeira ideologia.

Fidel Castro manteve uma posição bastante crítica aos Estados Unidos em seus discursos políticos desde o início. E isso contribuiu ainda mais para o desejo da CIA de neutralizá-lo. Nos momentos inaugurais do governo, ele se mostrava insatisfeito, sobretudo, com o tratamento, considerado por ele injusto, dado pela imprensa estadunidense à Revolução Cubana em face das execuções sumárias conduzidas pelos julgamentos apressados sem observância das formalidades judiciais adequadas. Além disso, diversas vezes reclamou do acolhimento dispensado aos “criminosos de guerra” refugiados naquele país e da participação da Igreja Católica no suporte a esses indivíduos:

*...contra la Revolución ha estado la campaña persistente y sistemática de conspiración, de propaganda, es decir, combatiendo a la Revolución por todos los medios, con propósitos de tipo internacional, de manera que no quede un solo cardenal ni un solo arzobispo en América Latina que no haga una pastoral contra la Revolución. Y esta es la jugada de Estados Unidos, es decir, del gobierno imperialista de Estados Unidos: la de contar con todas esas fuerzas para debilitar el prestigio de la Revolución afuera. Y ustedes han visto que ese cardenal, Spellman (...) ahora recoge millones de pesos para sostener allí, para darle limosna, esas limosnas anticristianas, a toda una serie de señores que eran dueños de industrias, latifundistas, criminales de guerra, que se han ido a refugiar allá. ¡Qué bondadoso y qué noble es el cardenal Spellman!<sup>201</sup>*

E, em que pese a Embaixada ter notado não ter ocorrido “um único discurso público de Castro desde o triunfo da Revolução no qual ele não tenha mostrado sentimento negativo contra os Estados Unidos”<sup>202</sup>, havia razões para acreditar que ele não era tão antiamericano quanto parecia, e que seus pronunciamentos recorriam a esse tipo de demagogia nacionalista em razão do apelo popular. Uma estratégia comum, ilustrada por Jean-Baptiste Duroselle, que consiste em escolher um inimigo estrangeiro responsável por todas as infelicidades, por todas

<sup>201</sup> CASTRO, Fidel. *Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer ministro del gobierno revolucionario, a los profesionales y técnicos de la construcción, efectuado en la CTC, el 12 de abril de 1961*. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f120461e.html>>. Acesso em: 31 jan. 2022.

<sup>202</sup> BRADDOCK, Daniel M. *Despatch from the Embassy in Cuba to the Department of State*. Havana, February 18, 1959. Disponível em: <<https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1958-60v06/d253>>. Acesso em: 30 jan. 2022.

as misérias, desviando a atenção das dificuldades internas, buscando, no exterior, satisfações de caráter emocional.<sup>203</sup> Ele parecia reconhecer, contudo, pelo menos inicialmente, os benefícios político-econômicos em manter relações amistosas com os Estados Unidos no momento de reorganização da maquinaria governamental cubana.<sup>204</sup>

Quando, ainda no começo de 1959, o governo cubano promulgou a Lei de Reforma Agrária, ela afetou os interesses dos Estados Unidos na ilha de diversas maneiras. Duas fontes principais de preocupação pairavam sobre a diplomacia: a primeira era a possibilidade de essa lei levar a um declínio da produção de açúcar, afetando o abastecimento do mercado estadunidense; a segunda era relativa à devida compensação pelas propriedades confiscadas. A caótica situação econômica em que a derrubada de Batista mergulhou Cuba e o acentuado desequilíbrio da balança de pagamentos entre ela e os Estados Unidos impediam o governo de cumprir a obrigação de restituição. Adicionalmente, mostrava-se bastante preocupada com a influência comunista em todo o processo de elaboração da Lei de Reforma Agrária<sup>205</sup>. O departamento de Estado havia sido informado de que, não obstante o novo governo de Cuba não pudesse ser descrito ainda como “dominado pelos comunistas”, estes exerciam influência decisiva em várias organizações, como sindicatos e forças armadas, e no próprio projeto de reforma agrária, com potencial de penetração ainda maior no futuro.

Logo, a diplomacia passou a considerar a manutenção de Cuba fora da órbita sino-soviética e sua devolução ao sistema interamericano mais importante do que salvar os investimentos dos Estados Unidos. Era uma “pílula” difícil de engolir, porém necessária para evitar os “sintomas do castrismo” em outras partes do continente onde o investimento estadunidense era ainda maior, considerou Henry C. Ramsey, da equipe de planejamento de políticas do Departamento de Estado.<sup>206</sup> A União Soviética havia mantido certa cautela em se aproximar de Cuba mesmo diante da progressiva deterioração das relações entre esta e os Estados Unidos, mas a visita de Anastas Mikoyan pressagiava o estreitamento da relação com

---

<sup>203</sup> Essa estratégia é mais bem elucidada em: DUROSELLE, Jean-Baptiste. *Todo império perecerá*. Brasília: Universidade de Brasília, 1992, p. 289.

<sup>204</sup> Daniel M. Braddock. *Despatch from the Embassy in Cuba to the Department of State*. Havana, February 18, 1959. Disponível em: <<https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1958-60v06/d253>>. Acesso em: 30 jan. 2022.

<sup>205</sup> ROA, Raúl. *Note from Minister of State Roa to the Ambassador in Cuba (Bonsal)*. Havana, June 15, 1959. Disponível em: <<https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1958-60v06/d321>>. Acesso em: 30 jan. 2022.

<sup>206</sup> RAMSEY, Henry C. *Memorandum from Henry C. Ramsey of the Policy Planning Staff to the Assistant Secretary of State for Policy Planning (Smith)*. Washington, February 18, 1960. Disponível em: <<https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1958-60v06/d458>>. Acesso em: 30 jan. 2022.

a ilha. A segunda figura mais importante da União Soviética, à época, chegou a Cuba no começo de 1960, com uma agenda diplomática cheia<sup>207</sup>.

O propósito subjacente da visita de Mikoyan foi analisado pelos membros do bloco capitalista como uma estratégia para usar a Revolução enquanto uma via de enfraquecimento da posição estadunidense no Hemisfério Ocidental. Em Cuba, as dúvidas quanto à guinada comunista do novo governo começaram a se dissipar. Moscou deixou claro, por meio dos discursos de seu enviado, quais eram suas intenções para a América Latina, evidenciando o quanto as relações com a União Soviética poderiam ser frutíferas.

A formalização do restabelecimento dos diálogos diplomáticos, o acordo de colaboração na ONU, a ampliação das parcerias econômicas por meio do primeiro convênio cubano-soviético para venda de açúcar e o convênio cultural entre Cuba e países comunistas do Leste Europeu<sup>208</sup> salientariam ao mundo, em um futuro muito breve, o abandono da suposta posição de neutralidade adotada por Fidel Castro nos momentos iniciais do governo.

Diante desse novo cenário, a diplomacia dos Estados Unidos traçou importantes objetivos para enfrentamento da situação. O primeiro era minimizar, tanto quanto possível, a influência sino-soviética em Cuba, desenvolvendo influências hemisféricas úteis dentro da Revolução, de modo a moderá-la e mantê-la num contexto favorável. O segundo, verificar a propagação do castrismo em outras nações latino-americanas (preocupavam, principalmente, a Venezuela, o Panamá, a Colômbia, o Peru e a Guatemala). O terceiro, persuadir Cuba (e outros países latino-americanos) a preservar o sistema interamericano vigente por meio de pesados investimentos, sob a compreensão de que o capital privado poderia servir a propósitos sociais e contribuir com o desenvolvimento do país. O quarto, salvar o que fosse possível do investimento estadunidense e da estrutura econômica da ilha. O quinto, cumprir todos esses objetivos sem uma intervenção aberta.<sup>209</sup>

Cuba, sob o domínio do comunismo internacional, na lógica dos conflitos da Guerra Fria, era difícil de tolerar para os Estados Unidos, em razão de ser, nessas condições, considerada uma ameaça direta à sua segurança nacional. Não em razão do poderio militar cubano, mas por poder servir de base operacional para maior difusão do comunismo no hemisfério, podendo acarretar o isolamento dos Estados Unidos em relação à América Latina. O caminho mais curto para evitar isso seria uma intervenção militar direta na ilha e, após um

---

<sup>207</sup> AGRESIÓN de los comunistas a estudiantes católicos cuando se disponían a honrar a Martí. *Diario de la Marina*. La Habana, 6 feb. 1960. Noticias Nacionales, n. 31, año CXXVIII, p. 1A.

<sup>208</sup> O CONVENIO cultural de Cuba y el gobierno rojo yugoslavo. *Diario de la Marina*. La Habana, 30 abr. 1960, n. 102, año CXXVIII, p. 1A.

<sup>209</sup> RAMSEY, Henry C. *op. cit.*

período de consolidação, o estabelecimento de um governo amigável não comunista. Tal ação estaria em consonância com a *Doutrina Monroe*, ainda a política básica dos Estados Unidos com relação ao continente, e seria efetiva em mostrar ao mundo a indisposição em tolerar o estabelecimento de um regime comunista tão próximo de suas fronteiras.

Contudo, ao fazê-lo, estariam violando os compromissos assumidos junto à OEA de buscar solução por meios pacíficos, podendo gerar, contra os Estados Unidos, acusações de agressão e de não cumprimento dos tratados quando os interesses do país são contrários ao acordado. Além do mais, o estabelecimento de um governo amigável, em última análise, significaria o descumprimento da promessa do presidente Eisenhower de rigorosa adesão à “política de não intervenção nos assuntos internos de outros países, incluindo Cuba”<sup>210</sup>.

Ao ponderar as vantagens e desvantagens de cada ação, o Departamento de Estado optou pela pressão econômica, persuasão moral e ação unilateral secreta, isto é, fornecimento de ajuda a grupos rebeldes na derrubada do novo governo. Ao mesmo tempo, escolheu investir em propaganda no exterior e em casa a fim de alertar todas as nações amigas e o próprio povo dos Estados Unidos quanto ao perigo da ameaça comunista, procurando trazer a opinião mundial para o lado do bloco capitalista.<sup>211</sup>

Os propagandistas deveriam ao mesmo tempo justificar a causa do país e destruir o moral do adversário. Para assegurar esse curso de ação, usou de todos os recursos e meios de comunicação possíveis, incluindo representantes de editores de jornais, membros da Igreja Católica, grupos religiosos operando na América Latina, diplomatas e militares.<sup>212</sup> Assumia-se, no entanto, que o efeito dessa política poderia levar a duas consequências distintas: ou à perda do prestígio dos Estados Unidos e incentivo a outros grupos revolucionários ou ao surgimento de uma onda de apoio no continente às medidas adotadas. De todo modo, não parecia haver muita opção para eles, naquele contexto.

Dessa postura, derivou-se o *Program of covert actions against the Castro regime*. Ele fora delineado para promover a substituição do governo de Cuba por um mais voltado para “os verdadeiros interesses do povo cubano” e “mais aceitável para os Estados Unidos”, evitando qualquer aparência de intervenção estrangeira nos assuntos internos da ilha. Era contemplado por quatro cursos principais de ação, cuja compreensão é prejudicada porque há linhas do esboço do projeto ainda não desclassificadas. Sem embargo, previa, de um modo

<sup>210</sup> U.S. DEPARTMENT OF STATES. *Editorial Note*. Disponível em: <<https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1958-60v06/d438>>. Acesso em: 30 jan. 2022.

<sup>211</sup> BURKE, Admiral Arleigh A. *Letter from the Chief of Naval Operations (Burke) to the Under Secretary of State for Political Affairs (Merchant)*. Washington, February 26, 1960. Disponível em: <<https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1958-60v06/d466>>. Acesso em: 30 jan. 2022.

<sup>212</sup> BURKE, Admiral Arleigh A. *op. cit.*

geral, a criação de uma oposição unificada localizada fora de Cuba e a promoção de uma poderosa ofensiva de propaganda, contando esta com transmissões de rádio oriundas da Ilha Swan. Além disso, anunciava a criação de uma organização secreta de inteligência em Cuba e o treinamento de quadros paramilitares para atuarem como força de resistência ao governo vigente.<sup>213</sup>

O Departamento de Estado havia recebido informações de uma tendência marcante do governo de Cuba em direção a um sistema político monolítico não apenas em termos de “intervenções governamentais (ou seja, nacionalizações), mas particularmente de criação de um monopólio governamental sobre os meios de comunicação de massa. Os comunistas exerciam poder crescente e as classes média e alta estavam sendo sistematicamente destruídas”.<sup>214</sup> Com respeito às relações exteriores, sabia-se que a política cubana estava de acordo com os objetivos da “luta de libertação” de inspiração soviética. Esforços iniciais estavam sendo feitos pelo governo para estender ajuda aos elementos revolucionários no exterior, por meio de apoio prestado a grupos políticos de esquerda. Além disso, o Departamento de Estado também tinha informações sobre a existência de alguma infiltração comunista no serviço diplomático, e da nomeação de comunistas conhecidos para a comissão cubana da UNESCO.<sup>215</sup>

Eisenhower explicou a tática empregada para reverter esse quadro em uma carta enviada ao Primeiro-Ministro Britânico, Harold Macmillan, em 11 de julho de 1960. Para tanto, dividiu a política em relação a Cuba em três fases. A primeira delas foi chamada de “fase de teste”. Embora conhecida a formação antiestadunidense dos irmãos Castro e, especialmente, seu envolvimento anterior em causas da frente comunista, as evidências não eram totalmente conclusivas, não sendo possível prever como reagiriam diante das sérias responsabilidades subsequentes à tomada do poder. O historiador da CIA, Jack Pfeiffer, revelou que, nos primeiros relatórios da agência, Fidel Castro era identificado apenas como “um dos líderes estudantis de Cuba, envolvendo-se com coisas que não lhe dizem respeito”. Uma década depois, havia se transformado em uma força a ser levada em conta e uma preocupação crescente para a agência em razão de sua provável adesão à filosofia soviética.<sup>216</sup>

<sup>213</sup> U.S. DEPARTMENT OF STATES. *Paper Prepared by the 5412 Committee*. Washington, March 16, 1960. Disponível em: <<https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1958-60v06/d481>>. Acesso em: 30 jan. 2022.

<sup>214</sup> U.S. DEPARTMENT OF STATES. *Editorial Note*. Disponível em: <<https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1958-60v06/d503>>. Acesso em: 30 jan. 2022.

<sup>215</sup> CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY. *Paper Prepared by the Central Intelligence Agency*. Washington, April 1960. Disponível em: <<https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1958-60v06/d513>>. Acesso em: 30 jan. 2022.

<sup>216</sup> PFEIFFER, Jack B. *Official History of the Bay of Pigs Operation*. Washington: CIA, FOIA Collection, 1979, p. 17-32.

Mesmo com esse panorama, esperava-se a eleição democrática de um novo governo tão logo a etapa insurrecional tivesse fim, o pronto atendimento das obrigações internacionais do país e certas reformas que todos concordavam serem necessárias para Cuba. Havia alguma chance de os elementos extremistas serem controlados e a situação se normalizasse em um tempo relativamente breve. Essas proposições precisaram ser testadas devido à grande popularidade desfrutada pelo movimento em todo hemisfério.

As primeiras ações dos Estados Unidos foram, desse modo, direcionadas a criar um clima favorável para o estabelecimento de uma relação razoável entre ambos os países. Como primeiro gesto, houve o rápido reconhecimento diplomático e a imediata nomeação de um novo embaixador em Cuba, bem visto tanto por cubanos quanto por latino-americanos, com potencial para se estabelecer uma relação frutífera com o novo governo. Optou-se também, conquanto constantes ataques fossem direcionados aos Estados Unidos nos discursos proferidos por Castro, por reprimir-se a inclinação em contra-atacar, deixando o caminho aberto para adoção de uma postura mais voltada à manutenção da linha de amizade. Essa fase foi curta, considerou Eisenhower. Ficou claro que tal *modus vivendi* não seria alcançado.<sup>217</sup>

Em sua argumentação, o governo cubano falhou no teste da primeira fase ao cancelar as eleições bem como permitir a ascensão do grupo de orientação comunista, expurgando os moderados e anticomunistas. Também vinha fazendo esforços em apoiar a derrubada de governos caribenhos como forma de globalizar a Revolução. Os Estados Unidos foram diretamente afetados quando a versão da Lei de Reforma Agrária mais extrema foi escolhida, autorizando a desapropriação de extensas propriedades estadunidenses sem provisão aceitável de indenização. Além disso, haviam adotado em Cuba uma técnica de controle inspirada na dos comunistas chineses, ou seja, o estabelecimento de uma milícia popular armada em larga escala, que na prática substituiria o exército. Economicamente, estava impondo sobre Cuba a propriedade do Estado, o planejamento econômico geral no padrão comunista, a coletivização da agricultura e o monopólio estatal do comércio exterior. O partido comunista era o único autorizado a operar, com seus membros se infiltrando em todos os departamentos governamentais importantes. Nesse ínterim, os meios de comunicação, as organizações trabalhistas, as atividades da Igreja e a maioria das facetas da vida cotidiana cubana vinham sendo absorvidas pela Revolução. O anticomunismo foi igualado à traição e, ainda que os

---

<sup>217</sup> EISENHOWER, Dwight D. *Letter from President Eisenhower to Prime Minister Macmillan*. Newport, Rhode Island, July 11, 1960. Disponível em: <<https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1958-60v06/d551>>. Acesso em: 30 jan. 2022.

dirigentes cubanos preservassem a fachada de uma revolução nacionalista, as semelhanças com as políticas do Leste Europeu eram facilmente percebidas.<sup>218</sup>

Iniciou-se, assim, a segunda fase, denominada de “política de contenção”. O objetivo era atribuir diretamente ao governo cubano a deterioração das relações entre Cuba e os Estados Unidos. Paralelamente, foi dada ênfase cada vez maior a combater as acusações de Fidel Castro, deixando claro para as outras repúblicas americanas o comprometimento com a política de não intervenção. Com isso, esperava-se encorajar elementos moderados em Cuba e desenvolver o apoio latino-americano aos Estados Unidos, o que seria especialmente necessário se o conflito chegasse à OEA.<sup>219</sup> Os líderes comunistas poderiam ser facilmente derrubados, ponderaram, se “incentivo” suficiente fosse dado às “populações oprimidas”. Essa fase teria efeitos morais, mas em termos práticos seu impacto não era suficiente para depor o governo, sendo esperado o desenvolvimento de etapas mais radicais. O elemento crítico era o grau em que Cuba havia sido entregue à União Soviética como um instrumento para minar a posição dos Estados Unidos na América Latina e no mundo. A visita à ilha de Mikoyan, em janeiro de 1960, expôs a intenção dos dois países de estabelecer relações estreitas apesar dos compromissos formais de Cuba sob o Tratado do Rio e a Carta da OEA.

À vista disso, fez-se necessário o delineamento da terceira fase, voltada a estabelecer condições que fizessem com que o povo cubano sentisse os custos das políticas de Castro e sua orientação para a União Soviética. De modo adicional, era esperado o reconhecimento do benefício de relações amistosas com os Estados Unidos. Optou-se, assim, por fazer pressões econômicas criteriosamente selecionadas nos pontos em que as políticas internas e externa de Cuba enfraqueceram a estrutura econômica do país, gerando descontentamento público. Uma área possível para atuação poderia ser a área de câmbio. Cuba continuava fortemente dependente de importações. As políticas do novo governo estavam levando a posição cambial a um ponto em que a intervenção dos Estados Unidos teria efeito devastador na desorganização da economia. As reservas em dólares da ilha foram reduzidas a níveis perigosamente baixos com a compra de armas, incursões militares, má administração, fuga de capitais e desencorajamento do capital privado. Dessa maneira, o presidente Eisenhower aprovou um programa para Cuba, em 14 de março de 1960, para a instituição de fortes pressões econômicas contra o regime.<sup>220</sup>

---

<sup>218</sup> EISENHOWER, Dwight D. *op. cit.*

<sup>219</sup> *Ibidem.*

<sup>220</sup> U.S. DEPARTMENT OF STATES. *Memorandum of a Conference, Department of State, Washington, June 27, 1960.* Disponível em: <<https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1958-60v06/d536>>. Acesso em: 30 jan. 2022.

A questão, então, voltou-se para a legislação do açúcar e seu potencial de ser usada como arma política direta.<sup>221</sup> A primeira ação dessa fase foi a eliminação da cota cubana de açúcar – exceto uma fração do saldo para o ano – pelos Estados Unidos. Essa medida, para além de uma pressão política, visava a impedir a dependência pesada, como fonte de abastecimento, de uma importante *commodity* de um país cujo governo deixou claro sua intenção de orientar-se para o bloco comunista. Caso contrário, os Estados Unidos poderiam acabar subsidiando a Revolução – ou pelo menos transmitindo essa impressão – com o preço *premium* pago pelo açúcar da ilha.

Novas medidas econômicas eram esperadas na tentativa de mostrar ao povo cubano o custo da orientação comunista. Fazia também parte dessa política de agressão econômica a recusa de empresas de petróleo estadunidenses em refinar o petróleo soviético. E, em novembro de 1960, teve lugar o embargo das exportações dos Estados Unidos para Cuba. A partir de então, ficava proibido exportar qualquer produto para a ilha, exceto alimentos e remédios. Finalmente, o rompimento das relações diplomáticas ocorreu no começo de janeiro de 1961 “apenas porque as medidas do governo Castro tornaram virtualmente impossíveis os contatos diplomáticos normais”<sup>222</sup> disse James J. Wadsworth, representante do governo no conselho da Organização das Nações Unidas. Tal decisão, que no contexto da história diplomática do país foi considerada uma medida importante, teve lugar após o governo cubano exigir a redução do pessoal da embaixada dos Estados Unidos de 87 para 11 em apenas 48 horas.<sup>223</sup>

O primeiro-ministro britânico, Harold Macmillan, de quem Eisenhower buscou apoio, questionou a eficácia de todas essas políticas. A deterioração das condições de vida dos cubanos, que poderia ser alcançada com as sanções econômicas, tinha potencial de ter efeito reverso, isto é, aumentar o ressentimento contra os estadunidenses e servir de apoio para a exacerbação do nacionalismo de Fidel Castro. Os vácuos criados na economia – era de se esperar tendo em vista os acordos de comércio e ajuda soviético-cubanos já vigentes – seriam rapidamente ocupados pela União Soviética, fazendo de Cuba efetivamente um apoio hemisférico para o bloco comunista na Guerra Fria.<sup>224</sup>

---

<sup>221</sup> U.S. DEPARTMENT OF STATES. *op. cit.*

<sup>222</sup> WADSWORTH, James apud PARROTT, Lindsey. Wadsworth Asserts Cuba Forced U.S. to Break Ties. *The New York Times*. New York, jan. 5, 1961, p. 1; 8.

<sup>223</sup> THE BREAK with Cuba. *The New York Times*. New York, jan. 5, 1961, p. 30.

<sup>224</sup> MACMILLAN, Harold. *Letter from Prime Minister Macmillan to President Eisenhower*. London, July 25, 1960. Disponível em: <<https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1958-60v06/d566>>. Acesso em: 30 jan. 2022.

Em agravado, Cuba prejudicava enormemente o prestígio dos Estados Unidos no continente, em razão de seu governo gozar de considerável simpatia entre o público em geral na América Latina porque passou a representar o progresso social e a emancipação do domínio econômico estrangeiro. As autoridades latino-americanas, em sua maioria, pareciam não compartilhar da extrema preocupação com o perigo comunista, tornando inviável a criação de ampla base de apoio popular a um movimentando interamericano contra Castro. Muitas nações da Ásia e da África tendiam a simpatizar com os conflitos travados pelo governo cubano, enquanto outras provavelmente desejavam evitar problemas com a União Soviética acerca dessa questão. Mesmo na Europa, a opinião pública tornou-se menos disposta a seguir a liderança dos Estados Unidos. Muitos europeus temiam que as políticas da administração Eisenhower pudessem envolver a Europa em uma guerra geral ou que prolongassem indefinidamente as tensões da Guerra Fria.<sup>225</sup>

Como era de se esperar, Fidel Castro contra-atacou as pressões econômicas. Em abril de 1960, chegaram as primeiras 300 mil toneladas de petróleo bruto soviético. Com a recusa das três refinarias existentes na ilha – de propriedade da Shell, da Standard Oil e da Texaco e por elas operadas – de refinarem o petróleo, os cubanos confiscaram seu patrimônio. Em relação à cota, Fidel Castro observou: “Eles vão cortar a nossa cota quilo por quilo, e nós vamos tomar os engenhos de açúcar deles um por um”.<sup>226</sup> As propriedades estadunidenses seriam nacionalizadas, advertiu o primeiro-ministro, se a cota fosse cortada. O que viria a acontecer, em 6 de agosto, quando ele anunciou a nacionalização de todas as propriedades estadunidenses importantes no país, incluindo 36 engenhos de açúcar e suas plantações adjacentes, assim como todas as refinarias de petróleo e as instalações telefônicas e de fornecimento de energia elétrica.

O bloco comunista acordou em comprar 4 milhões de toneladas de açúcar em 1961, um milhão de toneladas a mais do que os Estados Unidos vinham comprando, e os soviéticos concordaram em cobrir a lacuna das importações.<sup>227</sup> Em setembro, todos os bancos foram confiscados, inclusive as filiais do *National City Bank of New York*, do *Chase Manhattan Bank* e do *Bank of Boston*. Nos meses seguintes, o decreto de nacionalização foi estendido a todas as ferrovias, instalações portuárias, hotéis e cinemas de propriedade dos Estados Unidos.

---

<sup>225</sup> LAY, JR., James S. *Report to the National Security Council by the Executive Secretary (Lay) top secret NSC 162/2*. Washington, October 30, 1953. Disponível em: <<https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1952-54v02p1/d101>>. Acesso em: 30 jan. 2022.

<sup>226</sup> BOORSTEIN, Edward. *The economic transformation of Cuba*. New York: Monthly Review, 1969, p. 28.

<sup>227</sup> GOTT, Richard. *Cuba: uma nova história*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, p. 212.

Os cassinos, cujos vultosos lucros no fim dos anos 1950 eram destinados aos estadunidenses, com complacência do governo de Batista, foram os primeiros a ser suprimidos. Eles foram fechados permanentemente duas semanas depois do triunfo revolucionário. Essa medida tinha um aspecto profundamente simbólico, pois os cassinos eram o estigma do controle exercido por Batista sobre o povo, e também uma lembrança incômoda do imperialismo dos Estados Unidos. Por consequência, Castro não se limitou a apenas fechá-los. Ele pretendia livrar o país dos chefões da Máfia que os controlavam.

Ordenou, então, a prisão de todos os cidadãos estrangeiros conectados à indústria do jogo. Um desses tratava-se de Santo Trafficante Jr., gângster e um dos mais poderosos chefes da Máfia estadunidense, responsável por administrar por anos as operações do crime organizado na Flórida e em Cuba. Na época, era amplamente conhecido por mandar em todos os cassinos de propriedade de sindicatos em Havana. Tendo seu poder destruído na ilha, Trafficante, então, financiou várias atividades antiCastro, confessando isso sob juramento, em 1978, no *The United States House Select Committee on Assassinations* (HSCA), estabelecido em 1976 para investigar os assassinatos de John F. Kennedy e Martin Luther King Jr.<sup>228</sup>

A guerra econômica contra Cuba, ponderou Fidel Castro, era parte da “*intervención abierta y criminal que durante más de un siglo ha ejercido el Imperialismo Norteamericano sobre todos los pueblos de América Latina*”<sup>229</sup>. Suas queixas extrapolavam o campo econômico. Cuba acusava o vizinho do norte de envolvimento numa série de sabotagens que iam desde explosões de navios até a queima de canaviais. Denunciava a violação de sua soberania em vários aspectos, pois aviões não autorizados de proveniência da Flórida sobrevoavam a ilha colhendo informações e lançando panfletos com conteúdo “contrarrevolucionário”. Os acordos de extradição entre os dois países não eram cumpridos; o governo estadunidense se recusava a mandar de volta para Cuba aqueles denunciados como criminosos de guerra. Sob o pretexto de segurança do hemisfério, também faziam esforços consideráveis para impedir a aquisição de armas por parte da ilha. Cartas entre Eisenhower e o Primeiro-Ministro britânico Harold Macmillan ilustram bem essa questão. Somado a tudo isso, eles insistiam em fazer propaganda hostil contra a Revolução Cubana e se recusavam a devolver a base de Guantánamo, apenas resumindo algumas queixas mais recorrentes. A Revista *Bohemia*, sobre a relação entre os dois países, analisou:

<sup>228</sup> WITNESS denies assassination, Cuba tied. *The Register-Guard*. Oregon, sep. 28, 1978, p. 8.

<sup>229</sup> CASTRO, Fidel. *Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer ministro del Gobierno Revolucionario, en la magna asamblea popular celebrada por el pueblo de Cuba en la Plaza de la República, el 2 de septiembre de 1960*. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1960/esp/f020960e.html>>. Acesso em: 30 jan. 2022.

*Desde los primeros meses de 1959, se desarrolló en los Estados Unidos una maniobra estratégica de insospechados contornos, cuya verdadera naturaleza revelaron más tarde los acontecimientos. La maniobra consistía en intentar por todos los medios, incluso los peores, abrir una brecha insalvable entre la realidad cubana y la opinión de las Américas. Para conseguir esa finalidad se utilizaron todos los vehículos propicios al descrédito del régimen revolucionario. En esa inusitado y enorme despliegue de difamaciones y tergiversaciones entraron (...) revistas y periódicos con muchos millones de ejemplares de circulación; variadas agencias noticiosas internacionales (...). Millones de personas de todos los pueblos y razas contemplaron estupefactas cómo se atentaba, haciendo uso de diversos pretextos, contra la seguridad, la estabilidad y el sosiego de los cubanos. Autoridades norteamericanas concedieron primero asilo territorial y luego amplia y embozada protección a los peores criminales, escapados de Cuba con muchas muertes de inocentes sobre su conciencia, a sabiendas de que utilizaban la libertad del refugiado político – ellos, los delincuentes comunes por excelencia – para intrigar contra su patria de origen y urdir expediciones agresoras contra un gobierno oficialmente amigo. Avionetas Y aviones alzaron el vuelo repetidamente del territorio norteamericano para ametrallar o incendiar en el cubano.<sup>230</sup>*

Por mais que os Estados Unidos se abstivessem da responsabilidade sobre ataques de aviões oriundos de suas bases a populações, engenhos de açúcar e canaviais em Cuba, as autoridades da ilha consideravam a situação uma anormalidade internacional notória, em virtude de as autoridades de uma nação supostamente amiga permitir, sem fazer maiores esforços contrários, o estado virtual de guerra entre um grupo de residentes, acolhidos no seu território, e sua pátria de origem. Isso, em suas considerações, colocava em contínuo risco a convivência saudável entre ambos os Estados.<sup>231</sup> Cuba esperava, além da destruição do foco desestabilizador das relações, o respeito à sua soberania:

*...son demasiados los motivos de queja y protesta que tiene el pueblo cubano respecto a los titulados “líderes de la democracia mundial”, especialmente desde que desatan contra él una genuina “guerra fría”, usando la publicidad, el arma económica y la hostilidad verbal, por el simple motivo de que los heridores de Martí han decidido rescatar su derecho y su riqueza nacional y su modo propio de regirse, forjando con entera libertad un estado social y político adecuado a su idiosincrasia y a sus aspiraciones, sin ajustarse más – como con exceso lo hizo antes – a los dictados extranjeros. No hay en la carta magna de la nación norteamericana nada que autorice a sus regentes a dominar otros pueblos, discutirles su soberanía y sembrar piedras en el camino por el que pueblos vecinos – en este caso Cuba – marchan “en busca de la vida, la libertad y la felicidad”.*<sup>232</sup>

<sup>230</sup> LA SOBERANIA y la Dignidad de Cuba (Las relaciones con los EE.UU.). Editorial. *Bohemia*. La Habana, 14 feb. 1960, p. 60-61.

<sup>231</sup> EL GOBIERNO de los Estados Unidos ante una encrucijada histórica. Editorial. *Bohemia*. La Habana, 28 feb. 1960, p. 51.

<sup>232</sup> CUBA y los Estados Unidos. Editorial. *Bohemia*. La Habana, 3 jul. 1960, p. 55.

## 2.2 – Movimentos de oposição à Revolução Cubana e a emigração para os Estados Unidos

Conforme a crise entre os dois países se acentuava, o número de cubanos deixando a ilha em direção aos Estados Unidos aumentava. Uma oposição organizada era ainda difícil de visualizar na ilha ou fora dela. Existiam, apesar disso, várias fontes de oposição em potencial. As causas para o desenvolvimento dessa frente opositora eram variadas, consistindo principalmente no fracasso do novo regime em resolver, a curto prazo, os problemas de longa data do país. Porém, não se limitavam apenas a isso. A brutalidade das execuções sumárias nos paredões de fuzilamento surpreendeu a opinião pública mundial e suscitou dúvidas na mente de muitos cubanos acerca da real natureza do regime. O profundo ressentimento criado a partir desses julgamentos foi compartilhado entre os membros do *establishment* militar de Batista que, quando não mortos, foram demitidos e estigmatizados. Os funcionários do governo civil também foram atingidos por uma série de redução de pessoal e expurgos. Esses compuseram as primeiras ondas de migração para os Estados Unidos, junto a muitos cidadãos estadunidenses retornando ao país de origem.

Em seguida, eles foram acompanhados por membros da classe alta cubana afetada pelas reformas econômicas e estatizações, pois se frustraram com perdas importantes e sofreram impacto nas suas fontes de renda. Esse grupo comumente se identificava como “exilados ou refugiados políticos” imprimindo um caráter político à questão migratória – antes marcada por razões de cunho econômico. Entendimento este compartilhado também pelo serviço de imigração dos Estados Unidos, passando Cuba a integrar a política para beneficiar os migrantes dos países do campo socialista com condicionamento de “refugiados” para todos, indiscriminadamente. Dessa forma, aplicam-se a eles políticas de recepção, estímulo e restrição seletiva, de acordo com diferentes etapas da relação antagônica entre os dois países.<sup>233</sup> Subscreeve-se, a esse respeito, a análise de Miriam Martínez:

*La política inmigratoria que se establece es darle la categoría de Refugiado Político a todo el que llegaba, de ahí que a estos programas se les llamó Programa de Refugiados Cubanos. En diciembre de 1960 se crea el Centro de Emergencia para Refugiados Cubanos en Miami. A todos los cubanos se les adjudicaba el status de refugiado sin existir bases legales reales para*

---

<sup>233</sup> AJA DÍAZ, Antonio. La emigración cubana hacia Estados Unidos a la luz de su política inmigratoria. *CEMI, Centro de Estudios de Migraciones Internacionales*. Disponível em: <<http://biblioteca.clacso.edu.ar/Cuba/cemi-uh/20120821035541/laemig.pdf>>. Acesso em: 6 set. 2022.

*otorgar esa condición a todos aquellos que emigraban. Su objetivo principal era dañar a toda costa la imagen de la Revolución que se construía. Estos programas recibieron durante años un financiamiento millonario proveniente principalmente de los fondos federales. Por ello puede afirmarse que los vínculos migratorios entre Cuba y Estados Unidos jugaron y aun juegan un papel esencial en la agudización de los conflictos entre ambos países y se convierten en un vehículo de agresión directa.*<sup>234</sup>

A classe média, setor que aparentemente dispensou maior contribuição moral e material para derrubar o regime de Batista, buscando uma Cuba mais independente política, econômica e culturalmente, não previu o tipo de reformas radicais instituídas ou a inclinação para o bloco soviético. Por isso, sua oposição foi mais gradual e complexa. Ainda assim, a deterioração da situação econômica estava nutrindo a insatisfação desse grupo, acarretando, durante todo o ano de 1960, a aceleração do seu processo de emigração. Faziam também parte dessa classe alguns indivíduos que tiveram participação decisiva na etapa insurrecional e, depois, viram suas aspirações políticas frustradas quando foram postos de lado no momento de consolidação do poder. Muitos deles haviam estado ao lado de Castro no momento inaugural do governo, mas agora o denunciavam, por palavras ou ações. Alguns se voltaram contra a Revolução e ingressaram na oposição organizada, tanto em Cuba quanto no exterior.

A Igreja Católica, por seu lado, havia se mostrado um pouco hesitante em assumir oposição mais aberta contra a orientação comunista do governo. Isso provavelmente se deveu a uma avaliação realista por parte da hierarquia acerca do alto grau de popularidade de Fidel Castro e de sua relativa influência política no período. Não tardou, entretanto, até que muitos católicos cubanos se convencessem do dever de se opor ao novo regime e defender os direitos à propriedade privada e à educação religiosa. Embora a Igreja não acolhesse uma revolução marxista autoproclamada, ela se mostrava incapaz de mobilizar uma oposição efetiva de longo prazo. Apesar disso, como principal instituição a se opor à Revolução Cubana, ela ergueu a bandeira do anticomunismo e representou, na visão de alguns estudiosos, o “mais vigoroso oponente do governo revolucionário e seu último concorrente” pelo controle dos corações e mentes das crianças da ilha.<sup>235</sup>

Analisando todos esses grupos, a impressão que se tem, em suma, é de que todos eles eram incapazes de subordinar interesses particulares e divergências doutrinárias ao objetivo mais amplo de estabelecer uma frente única para depor o governo. A falta de alternativa

---

<sup>234</sup> MARTÍNEZ, Miriam. El proceso migratorio cubano hacia Estados Unidos: antecedentes, actualidad y perspectivas ante posibles escenarios. *CEMI, Centro de Estudios de Migraciones Internacionales*. Disponível em: <<http://biblioteca.clacso.edu.ar/libros/cuba/cemi/procmig.pdf>>. Acesso em: 6 set. 2022.

<sup>235</sup> CASAVANTES BRADFORD, Anita. *The Revolution Is for the Children: The Politics of Childhood in Havana and Miami, 1959–1962*. Chapel Hill: University of North Carolina, 2014, p. 88.

previsível a Fidel Castro, antes de inflar a oposição, estava levando os descontentes ou a fugir do país ou a se resignar à continuação dos revolucionários no poder.<sup>236</sup>

Desde a chegada dos primeiros imigrantes, a Casa Branca parece não ter considerado seriamente qualquer outra política a não ser admiti-los. Eisenhower acreditava estar na imigração outra arma potencial para desestabilizar o regime, porquanto os refugiados evidenciavam para o mundo e, principalmente, para as nações latino-americanas, os fracassos do governo cubano, bem como a preocupação dos Estados Unidos com as vítimas do comunismo. Vê-se tanto a proeminência das considerações de política externa na formulação da política dos refugiados quanto o papel-chave da política de refugiados na formação dos fluxos de migração, mesmo com a dificuldade de determinar quais aspectos da migração internacional são atribuíveis mais especificamente à política externa.

A literatura especializada divide a imigração dos cubanos para os Estados Unidos comumente em ondas. A primeira onda corresponde ao período de 1959 a 1965, com a saída dos partidários de Fulgencio Batista e, em geral, das classes alta e média insatisfeitas com as reformas políticas e com a deterioração da situação econômica do país. A segunda, ao êxodo Camarioca, de outubro de 1965, uma ponte marítima entre os dois países que produziu 2.979 refugiados cubanos na Flórida em apenas 42 dias. Como consequência direta desse êxodo, nasceriam ainda os chamados *Vuelos de la Libertad*, transportando 260.000 cubanos para os Estados Unidos até 1973. A terceira fase corresponde ao período marcado pelo êxodo de Mariel, de abril de 1980, durando cinco meses; nela, aproximadamente 125 mil pessoas deixaram Cuba. A quarta, por fim, refere-se à crise dos balseiros, de agosto de 1994, cujos números de imigrantes são, por vezes, controversos, mas dos quais se tem a certeza de terem atingido a marca de mais de 30 mil cubanos no pico da crise<sup>237</sup>.

Menos comum à divisão acima exposta é a demarcação dos fluxos do período de 1959 a 1965 em quatro fases, correspondentes tanto às mudanças político-econômicas na ilha quanto aos eventos proeminentes das relações cubano-estadunidenses, pois, “se as políticas de Castro criaram o potencial para o êxodo em massa, as políticas dos Estados Unidos fizeram o êxodo possível”<sup>238</sup>. A primeira fase se iniciou com a queda de Batista e terminou quando os Estados Unidos romperam relações diplomáticas com Cuba, em janeiro de 1961; desse

<sup>236</sup> Daniel M. Braddock. *Despatch From the Embassy in Cuba to the Department of State*. Havana, December 6, 1960. Disponível em: <<https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1958-60v06/d617>>. Acesso em: 30 jan. 2022.

<sup>237</sup> BARROSO, Louders de Urrutia. Aproximación a un análisis del processo migratorio cubano. *Papers*, n. 52, p. 49-56, 1992.

<sup>238</sup> ZOLBERG, Aristide R. From invitation to interdiction: U.S. Foreign Policy and Immigration since 1945. In: TEITELBAUM, Michael S. WEINER, Myron (eds.). *op. cit.*, p. 128.

período, 1960 foi o ano mais expressivo, com o maior número de imigrantes chegando à Flórida. A segunda fase se prolongou de janeiro de 1961 ao início da Crise dos Mísseis, em outubro de 1962, marcada sobretudo pelo êxodo das mais de 14.000 crianças na Operação Pedro Pan. Até o final de 1962, estima-se, mais de 250.000 cubanos como um todo deixaram a ilha por vias legais.<sup>239</sup> A terceira fase ocorreu entre outubro de 1962 e novembro de 1965, culminando com a decisão unilateral de Castro de permitir a partida de quem assim desejasse.

Mostra-se clara, portanto, a inserção da migração ao arsenal das armas políticas nos conflitos da Guerra Fria. Fidel Castro, mais de uma vez, encorajou a emigração de oponentes em potencial, ao passo que os Estados Unidos saudavam o êxodo massivo de cubanos como instrumento para a deslegitimação do regime na ilha. Sem dúvidas, os refugiados gozavam de valor estratégico contra o comunismo na perspectiva da diplomacia. Eles eram um componente dramático de propaganda; exemplos vivos, para o mundo e para as Américas, das falhas do comunismo.<sup>240</sup> Sendo, desse modo, um recurso fundamental para a guerra psicológica empreendida contra Cuba durante as administrações Eisenhower e Kennedy.

### **2.3 – A guerra psicológica estadunidense, as políticas cubanas para a infância e o início da Operação Pedro Pan**

Na primeira metade do século XX, o termo “guerra psicológica” entrou no léxico estadunidense como instrumento supostamente poderoso da política nacional. O interesse por esse conceito se desenvolveu durante a Primeira e a Segunda Guerras Mundiais, quando passou a ser visto como um acessório das operações militares para acelerar a vitória. Durante o início da Guerra Fria, os especialistas nesse tipo de estratégia o definiram amplamente, a fim de incluir qualquer ação não militar adotada para influenciar a opinião pública ou promover interesses de política externa, tornando-se uma fórmula abrangente para descrever modos díspares de intervenção nos assuntos internos de nações hostis e aliadas.<sup>241</sup>

Esse conceito expandido exigiu a consideração da dimensão psicológica da diplomacia em dois níveis. No nível mais óbvio, a propaganda, como é convencionalmente entendida – o uso de técnicas de comunicação para influenciar crenças e ações –, foi empregada como um instrumento distinto de política externa. Em outro nível, a acreditação da importância da

<sup>239</sup> CLARK, Juan. *The Exodus from Revolutionary Cuba (1959-1974): a sociological analysis*. Tese de Doutorado, Universidade da Flórida, 1975, p. 1.

<sup>240</sup> BOM TEMPO, Carl J. *op. cit.* p. 113.

<sup>241</sup> OSGOOD, Kenneth, *op. cit.*, p. 8.

opinião pública internacional na condução da diplomacia, de modo que as considerações de guerra psicológica passaram a intervir no próprio processo de formulação de políticas. Isso era chamado de “estratégia psicológica”: a formação de políticas para induzir os pensamentos, crenças, percepções e ações da opinião pública em casa e no exterior.<sup>242</sup> Para Eisenhower e seus conselheiros de guerra política, “estratégia psicológica” significava uma estreita relação entre opinião pública internacional, persuasão e política de segurança nacional.<sup>243</sup>

Os funcionários do governo usaram amplamente os termos “guerra psicológica”, “guerra política”, “propaganda” e “estratégia psicológica” de forma mais ou menos intercambiável em suas comunicações classificadas. Em público, preferiram o eufemismo “informação”. A ideia de propaganda como informação estava de acordo com a visão nutrida acerca seu próprio trabalho: acreditavam não a estar fazendo, mas “explicando os fatos”, “educando” e “informando as pessoas sobre as realidades enfrentadas”. Sem dúvida, propaganda difere de “educação” e “informação” em uso e intenção.

As experiências de guerra com propaganda e o impacto percebido da revolução das comunicações nas relações internacionais persuadiram as autoridades políticas dos Estados Unidos acerca da necessidade de aproveitar o poder da opinião pública internacional para servir aos objetivos da sua política externa. Vários fatores convergiram para revitalizar esse interesse durante a Guerra Fria. A intenção de evitar a guerra nuclear canalizou sua rivalidade para esferas de competição não militares, girando, cada vez mais, em torno das dimensões simbólicas do poder. O frágil estado político e econômico do mundo do pós-guerra forneceu terreno fértil para intervenções no exterior, e as superpotências perceberam que poderiam influenciar a política internacional por meio de guerra econômica, ações secretas e propaganda a custo e risco menores do que por meio de ações militares diretas.

Na luta pelo poder internacional, característica da política moderna, todas as nações foram forçadas a adotar permanentes estratégias de propaganda como parte integrante de suas políticas externas. Elas se conscientizaram da importância de não somente criar, como também de manter imagens específicas e projetá-las para o resto do mundo no intento de estabelecer sua hegemonia política e cultural. As comunicações de massa e a democratização da política acentuaram ainda mais os aspectos ideativos dos conflitos. Cada um dos meios de comunicação – as publicações impressas, os filmes, o rádio e, depois, a televisão – contribuiu para novas técnicas de propaganda. O rádio, em particular, trouxe a possibilidade de persuadir

---

<sup>242</sup> OSGOOD, Kenneth. *op. cit.*, p. 8.

<sup>243</sup> *Ibidem*, p. 81.

o público internacional de forma contínua, e fora muito explorado na luta ideológica entre o Oriente e o Ocidente.<sup>244</sup>

Ambas as superpotências atribuíram alta prioridade ao uso da mídia com o propósito de mobilizar suas populações domésticas e ganhar apoio no exterior, tendo o governo estadunidense desempenhado papel direto nas mais importantes iniciativas de pesquisa em comunicação de massa do período. Shawn J. Parry-Giles, revisando os documentos das administrações Truman e Eisenhower, revelou ter o governo dos Estados Unidos utilizado a mídia doméstica para fazer propaganda, dando aos jornalistas os textos a serem publicados.<sup>245</sup> A propaganda de funcionários do Estado e a mídia independente ajudaram a forjar a visão consensual da liderança dos Estados Unidos na oposição mundial ao comunismo.<sup>246</sup>

Em dezembro de 1947, o Conselho de Segurança Nacional aprovou o *NSC-4*, a primeira ação direta para melhorar os serviços de informação do pós-guerra. O documento regulamentava a implementação de todas as medidas de informação destinadas a influenciar as atitudes em países estrangeiros numa direção favorável à consecução dos objetivos dos Estados Unidos e à neutralização dos efeitos da propaganda inimiga. O Conselho também aprovou um anexo, o *NSC4 – A*, autorizando a CIA a conduzir operações psicológicas encobertas destinadas a conter atividades de inspiração soviética.<sup>247</sup>

Como durante a Segunda Guerra Mundial, o aparato de propaganda utilizado na Guerra Fria desenvolveu-se em duas áreas distintas: uma aberta, outra encoberta. A aberta recebeu sanção legislativa com a aprovação da Lei *Smith-Mundt*<sup>248</sup>, em janeiro de 1948, criada com base no argumento de o governo soviético ter lançado um novo tipo de guerra – uma “guerra de palavras” – ameaçando o governo dos Estados Unidos e o futuro da democracia. Seus proponentes falavam de um novo contexto internacional em que a propaganda servia como principal meio para competir contra esse novo inimigo.<sup>249</sup>

A legislação forneceu ao governo Truman a base legal e financeira para um programa de propaganda global, podendo-se fazer uso de vários modos de comunicação moderna, incluindo impressão, rádio, cinema e exposições. A área encoberta, por seu turno, foi

<sup>244</sup> JOWETT, Garth S.; O'DONNELL, Victoria. *op. cit.*, p. 97.

<sup>245</sup> PARRY-GILES, Shawn J. *op. cit.*, p. XVIII.

<sup>246</sup> OSGOOD, Kenneth. *op. cit.*, p. 33.

<sup>247</sup> U.S. DEPARTMENT OF STATES. *Memorando Informativo do Departamento de Estado*. Washington, 17 de dezembro de 1947. Disponível em: <<https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1945-50Intel/d256>>. Acesso em: 31 jan. 2022.

<sup>248</sup> UNITED STATES OF AMERICA. *Smith-Mundt Act, Public Law 80-402, 62 Stat. 6*. Washington, D.C., Jan 27, 1948. Disponível em: <<https://www.usagm.gov/who-we-are/oversight/legislation/smith-mundt/#:~:text=The%20US%20Information%20and%20Educational,can%20engage%20in%20public%20diplomacy.>>. Acesso em: 31 jan. 2022.

<sup>249</sup> PARRY-GILES, Shawn J. *op. cit.*, p. 15.

atribuída à CIA, cuja criação, por meio do *National Security Act of 1947*, alterou a natureza das operações de política externa dos Estados Unidos. As operações psicológicas clandestinas tinham muitas vantagens, sendo a principal delas a liberdade em relação ao escrutínio do Congresso. Programas secretos de ação política também permitiram aos agentes dos Estados Unidos manipularem os acontecimentos no exterior sem provocar represálias militares, despertar sentimentos nacionalistas ou estimular uma reação adversa.<sup>250</sup>

George F. Kennan, conhecido por seu papel no desenvolvimento da política de contenção, foi fundamental para desenvolver ainda mais as capacidades de guerra psicológica. “Devemos aceitar a propaganda como importante arma de política, tática e estratégica, e começar a conduzi-la em linhas modernas e realistas”, escreveu ele. “Nenhum passo importante deve ser decidido sem uma determinação simultânea da natureza de seu desenvolvimento propagandístico”, acrescentou. O plano de Kennan levou ao desenvolvimento do *NSC 10/2*, a carta original para as operações secretas, cujos princípios alteraram fundamentalmente o pensamento do pós-guerra sobre esse tipo de ofensiva.

A diretiva, considerando o conhecimento acerca das atividades secretas da URSS, determinava a complementarização de operações secretas às atividades externas abertas do governo, expandindo ainda mais as atividades da CIA, ao habilitá-la a realizar “operações de espionagem e contraespionagem no exterior”. Especificamente, tais operações deveriam incluir quaisquer atividades encobertas relacionadas à: propaganda; guerra econômica; ação direta preventiva, incluindo sabotagem, medidas de antissabotagem; subversão contra Estados hostis, incluindo assistência a movimentos clandestinos de resistência, guerrilha e grupos de libertação de refugiados, e apoio a elementos anticomunistas em países ameaçados do “mundo livre”. Tais operações, todavia, não deveriam incluir conflitos travados por militares conhecidos, em virtude da necessidade de isentar o governo de qualquer responsabilidade por essas ações, quando descobertas.<sup>251</sup> O presidente Truman também autorizou a criação do *Office of Policy Coordination* (OPC), uma organização ligada à agência, autorizada a envolver-se em todos os tipos de operações clandestinas.<sup>252</sup>

Igualmente, foi criado o *Psychological Strategy Board* (PSB), em abril de 1951, um comitê do Executivo formado para planejar operações psicológicas. Quaisquer atividades desenvolvidas por ele eram consideradas “altamente secretas” em razão dos “assuntos

<sup>250</sup> OSGOOD, Kenneth. *op. cit.*, p. 37.

<sup>251</sup> U.S. DEPARTMENT OF STATES. *National Security Council Directive on Office of Special Projects*. Washington, June 18, 1948. Disponível em: <<https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1945-50Intel/d292>>. Acesso em: 31 jan. 2022.

<sup>252</sup> OSGOOD, Kenneth. *op. cit.*, p. 38.

sensíveis de segurança nacional” manejados em seu âmbito. Esse órgão autônomo e interdepartamental era composto por representantes dos Departamentos de Estado e Defesa, da CIA e do Estado-Maior Conjunto e pretendia coordenar todas as atividades não militares, visando à “reversão do poder soviético”. Operando em um limbo burocrático, sem o claro apoio do presidente Truman, o PSB caiu no ostracismo na época das eleições de 1952.

O próximo presidente, Dwight D. Eisenhower, fazia da estratégia psicológica uma prioridade de seu governo. Sob sua liderança, muitos planos do PSB seriam recuperados, atualizados e implementados.<sup>253</sup> O compromisso pessoal de Eisenhower com a estratégia psicológica, cujo interesse existia desde a Segunda Guerra Mundial, assegurou maior influência a ela em sua política externa do que na de qualquer outra administração presidencial.<sup>254</sup>

Para vencer a luta por corações e mentes, ele enfatizou, os Estados Unidos precisavam mobilizar as energias de uma ampla gama de atividades relacionadas às relações exteriores, incluindo diplomacia, assistência econômica, comércio, ideias e persuasão, forjando um “novo tipo de Guerra Fria”, vencida ou perdida no plano da opinião pública. Suas proposições ratificavam a máxima de que “a luta entre o comunismo e a liberdade é uma luta de ideias”.<sup>255</sup> Os Estados Unidos “devem desenvolver plenamente todas as armas psicológicas disponíveis”. E escreveu em seu diário: “Devemos mostrar a maldade do propósito nas promessas comunistas e convencer os povos dependentes de que sua única esperança de manter a independência é por meio da cooperação com o mundo livre”<sup>256</sup>, enfatizando a importância da persuasão no conflito e aproximando a estratégia de propaganda a um paradigma mais militar.

Ao vencer a eleição presidencial, agiu rapidamente para levar a efeito sua visão de estratégia psicológica. Nomeou C. D. Jackson para um cargo na Casa Branca, designando-o para o controle do Conselho de Estratégia Psicológica. Colocou em sua administração indivíduos experientes no ramo, incluindo Allen Dulles, Gordon Gray, Robert Cutler, Abbott Washburn, Lloyd Berkener, Nelson Rockefeller e Walter Bedell Smith. Também nomeou um comitê de alto nível para fazer recomendações sobre como fortalecer as atividades de guerra psicológica dos Estados Unidos. Em agosto de 1953, criou a *United States Information*

---

<sup>253</sup> *Ibidem*, p. 45.

<sup>254</sup> OSGOOD, Kenneth. *op. cit.*, p. 47.

<sup>255</sup> EISENHOWER, Dwight D. apud TRUEBLOOD, Elton. *Declaration of Freedom*. New York: Harper and Brothers, 1955, p. 11.

<sup>256</sup> EISENHOWER, Dwight D. apud FERRELL, Robert. *The Eisenhower Diaries*. Nova York: W. W. Norton & Company, 1981, p. 223.

Agency (USIA), tendo como alvo a opinião pública no mundo não soviético, particularmente a opinião pública daqueles não comprometidos totalmente com a oposição ao comunismo.<sup>257</sup>

A USIA foi constituída como uma agência independente, separada das operações de propaganda do Departamento de Estado, concedendo-lhe um lugar mais proeminente no aparato da política externa do governo. Sua formação cimentou “a crescente importância da persuasão popular na política externa”<sup>258</sup>, observou Wilson P. Dizard. A administração Eisenhower criou ainda o *Operations Coordinating Board* (OCB), em setembro de 1953, para substituir o *Psychological Strategy Board* como o centro do planejamento da guerra psicológica. Ele foi criado para contribuir com o estabelecimento de um “clima de opinião” favorável à política externa estadunidense. Partindo do entendimento de que a guerra psicológica era inseparável de outros elementos da estratégia de segurança nacional, trabalhou para integrar “considerações psicológicas” ao próprio processo de elaboração e execução da política externa.

Uma das primeiras constatações de seu governo foi a de que apenas propagandas com acusações contra o comunismo não eram suficientes. Isso vinha sendo feito amplamente desde Truman e havia se mostrado ineficaz, se não contraproducente. O escritor de discursos Emmet Hughes capturou bem esse sentimento quando gravou Eisenhower dizendo:

Olha, estou cansado – e acho que todo mundo está – de acusações simples ao regime soviético. Seria errado – na verdade, estúpido – eu me colocar diante do mundo agora para fazer mais uma dessas acusações. Em vez disso, apenas uma coisa importa: o que temos a oferecer ao mundo?<sup>259</sup>

Como Eisenhower explicou em uma reunião do Conselho de Segurança Nacional após a morte de Stalin, “Nós (...) precisamos de algo dramático para reunir os povos do mundo em torno de alguma ideia, alguma esperança, de um futuro melhor”. A ideia era oferecer ao público conceitos mais positivos de suas ações, enfatizando não apenas a oposição ao comunismo, mas também a defesa de princípios valorizados pela humanidade. Assim, atribuiu atenção especial a transmitir “a profunda moralidade característica dos Estados Unidos” e a

---

<sup>257</sup> STREIBERT, Theodore C. *The Director of the United States Information Agency (Streibert) to the Under Secretary of State (Smith)*. Washington, March 1, 1954. Disponível em: <<https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1952-54v02p2/d362>>. Acesso em: 31 jan. 2022.

<sup>258</sup> DIZARD, Wilson P. *The Strategy of Truth: The Story of the U.S. Information Service*. Washington, D.C.: Public Affairs, 1961, p. 41.

<sup>259</sup> Do original: “Look, I am tired—and I think everyone is tired—of just plain indictments of the Soviet regime. I think it would be wrong—in fact, asinine—for me to get up before the world now to make another one of those indictments. Instead, just one thing matters: what have we got to offer the world?” EISENHOWER, Dwight D. apud HUGHES, Emmet John. *The Ordeal of Power: a political memoir of the Eisenhower years*. New York: Atheneum, 1963, p. 103.

superioridade do modo de vida estadunidense.<sup>260</sup> Esse entendimento foi positivado na formulação do *NSC 162/2*. No documento, está posto que os Estados Unidos

e seus aliados devem sempre procurar criar e sustentar a esperança e a confiança do mundo livre na capacidade de suas ideias e instituições básicas, não apenas para se opor à ameaça comunista, mas para fornecer um modo de vida superior.<sup>261</sup>

Sob a direção de Eisenhower, uma abordagem nova e mais sofisticada da guerra psicológica foi iniciada. As estratégias de propaganda foram aprimoradas, e novas entidades burocráticas foram criadas para centralizar o planejamento dessas ações na Casa Branca. Naturalmente, ele atribuía sua eficácia ao pressuposto de a mão do governo ser “cuidadosamente ocultada” e, em alguns casos, “totalmente eliminada”.<sup>262</sup> O público seria mais receptivo à mensagem se fosse impedido de identificá-la como propaganda. Materiais declaradamente propagandistas poderiam convencer poucos, mas os mesmos pontos de vista apresentados por vozes aparentemente independentes seriam mais persuasivos.

Ele deu à CIA praticamente carta branca para se engajar nesses tipos de operações com a promulgação do *NSC 5412/2*. Autorizou a agência a se envolver em uma série de ações, cujas táticas deveriam ser usadas para criar e explorar problemas a fim de desacreditar a ideologia comunista e minar sua influência em todo o mundo.<sup>263</sup> Eisenhower nomeou Allen Dulles como diretor em parte porque ele compartilhava a fé do presidente na eficácia da ação secreta e da guerra psicológica. “Guerra Psicológica”, explicou Allen Dulles ao Conselho de Relações Exteriores, “pode ser uma arma mais poderosa do que vocês sugerem. É verdade que eles [os comunistas] estão usando isso como uma arma indireta, mas acredito que seja a arma principal deles neste momento.”<sup>264</sup>

Quando constatado o alinhamento de Cuba ao bloco comunista e aprovado o programa de *covert actions* contra o regime, em março de 1960, os formuladores de política pensavam ser improvável a resistência da Revolução Cubana a um ataque combinado de guerra psicológica, pressões diplomáticas e econômicas e atividades clandestinas, tudo isso

<sup>260</sup> OSGOOD, Kenneth. *op. cit.*, p. 61.

<sup>261</sup> Do original: ... *With our allies, to create and sustain the hope and confidence of the free world in the ability of its basic ideas and institutions not merely to oppose the communist threat, but to provide a way of life superior to Communism.* LAY, James S. *Memorandum to the National Security Council by the Executive Secretary (Lay)*. Washington, October 11, 1954. Disponível em: <<https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1952-54v02p1/d127>>. Acesso em: 31 jan. 2022.

<sup>262</sup> EISENHOWER, Dwight D. *apud* OSGOOD, Kenneth. *op. cit.*, p. 77.

<sup>263</sup> U.S. DEPARTMENT OF STATES. *National Security Council Directive*. Washington, undated. Disponível em: <<https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1952-54v02p1/d127>>. Acesso em: 31 jan. 2022.

<sup>264</sup> DULLES, Allen *apud* Kenneth. *op. cit.*, p. 97.

respaldado por uma estrutura política composta de homens cubanos exilados que, quando chegasse a hora, declarariam um governo rebelde. No entanto, houve vários problemas.

O principal deles foi o apoio profundamente enraizado a Fidel Castro entre a população. Estabelecer um novo sentido de “ser cubano” era a pedra angular do projeto revolucionário, e isso requeria desafiar não apenas a relação econômica e política existente entre os dois países, mas também a esmagadora influência cultural dos Estados Unidos, maculando sua reputação no país. Em consequência a administração Eisenhower considerou necessário, desde o início, promover uma forte campanha de deslegitimação do regime tanto em Cuba quanto no exterior. Para tanto, o programa previa:

**b.** Para que a oposição seja ouvida e as bases de apoio popular de Castro sejam minadas, é necessário desenvolver os meios de comunicação de massa para o povo cubano, de modo que uma poderosa ofensiva de propaganda possa ser iniciada em nome da oposição declarada. A principal ferramenta proposta para ser usada para este propósito é uma instalação de transmissão cinza de ondas longas e curtas, provavelmente localizada na Ilha Swan. [2 frases (4 linhas) não desclassificadas]<sup>265</sup>

Como determinado no documento, uma das primeiras medidas para a guerra de propaganda desenvolvida a partir de então foi a criação da *Radio Swan*, marcando o início da agressão das ondas de rádio contra Cuba. Ela deveria influenciar a opinião pública, manipulando informações sobre eventos políticos na ilha. Os transmissores foram instalados na Ilha Swan, no Oceano Atlântico, ao longo da costa hondurenha, após se descartar uma série de outros lugares por considerações políticas. O diretor da rádio era David Phillips, importante agente da CIA, com grande experiência nesse tipo de trabalho.

Ele havia sido recrutado por E. Howard Hunt e atuado na Operação *PB-Success*, na divulgação de contrainformação referente à liderança do presidente Jacobo Arbenz e ao projeto de reforma agrária a ser executado na Guatemala. Essas divulgações contribuíram para instalar uma crise que resultou no afastamento de Arbenz da presidência em 1954. Como o próprio agente explicou, seu treinamento na CIA ensinou que campanhas de rumores eram decisivas para influenciar eventos políticos.<sup>266</sup>

---

<sup>265</sup> Do original: “So that the opposition may be heard and Castro’s basis of popular support undermined, it is necessary to develop the means for mass communication to the Cuban people so that a powerful propaganda offensive can be initiated in the name of the declared opposition. The major tool proposed to be used for this purpose is a long and short wave gray broadcasting facility, probably to be located on Swan Island. [2 sentences (4 lines) not declassified]”. U.S. DEPARTMENT OF STATE. *Paper Prepared by the 5412 Committee*. Washington, March 16, 1960. Disponível em: <<https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1958-60v06/d481>>. Acesso em: 31 jan. 2022.

<sup>266</sup> DUBINSKY, Karen. *op. cit.*, p. 26.

David Phillips havia se infiltrado em Cuba desde antes da deposição de Fulgêncio Batista. Aliás, afirma, em sua autobiografia, ter sido a primeira fonte de inteligência a reportar a fuga do ex-presidente para a República Dominicana, tendo ele mesmo visto o avião partindo para o exílio às 4 da manhã.<sup>267</sup> De seu ponto de vista privilegiado, pois estava efetivamente em campo e tinha conhecimento do contexto geográfico, político e social cubano, observou a inclinação do novo governo ao comunismo desde muito cedo.

Em março de 1960, recebeu da CIA a missão de liderar as operações de propaganda aprovadas por Eisenhower. Foi-lhe dada carta branca para escolher seus próprios funcionários de qualquer lugar em Washington e elaborar seu próprio programa. O arquivo pessoal dele na CIA o descrevia como “um excelente propagandista” com “espanhol fluente e excelente conhecimento da área”.<sup>268</sup>

Os planos para as operações coordenadas por Phillips envolviam o apoio a publicações independentes de exilados e o investimento em transmissão de rádio, bem como, eventualmente, o lançamento de folhetos para operações vitais.<sup>269</sup> Phillips exigiu da CIA um transmissor poderoso para operar em ondas médias. Os ouvintes cubanos, argumentou, ao contrário dos guatemaltecos, não estavam acostumados a ondas curtas. Além disso, em sua visão, as transmissões deveriam competir à altura com Fidel Castro, um mestre da retórica.<sup>270</sup>

Sua missão era de suma importância para a agência. Suas ações deveriam criar o clima psicológico favorável para a posterior invasão à Baía dos Porcos, cujo resultado supostamente levaria à derrubada do governo. Dessa maneira, recebeu apoio irrestrito para seus planos, e, 30 dias após ter recebido essa incumbência, a rádio estava plenamente em operação. O governo cubano tentou bloquear o sinal, mas conseguiu evitar as transmissões apenas em Havana. Dirigindo-se à Assembleia Geral da ONU, em setembro de 1960, Fidel Castro denunciou as transmissões como uma “nova agressão [dos Estados Unidos]” para “tentar destruir a Revolução por meio da guerra psicológica”:

*...queremos denunciar concretamente que, por ejemplo, en una isla del Caribe, territorio que pertenece a Honduras, el gobierno de Estados Unidos (...) violando los convenios internacionales de radio, ha establecido una potente emisora de radio, que ha puesto en manos de los criminales de guerra y de los grupos subversivos que mantiene en este país y que allí se están haciendo, además, prácticas de entrenamiento para promover la subversión y promover desembarcos armados en nuestra isla (...) ¿Se considera el gobierno de Estados Unidos con derecho a promover la*

<sup>267</sup> PHILLIPS, David Atlee. *The Night Watch*. New York: Atheneum, 1977, p. 77.

<sup>268</sup> *Ibidem*, p. 86.

<sup>269</sup> *Ibidem*, p. 88.

<sup>270</sup> *Ibidem*, p. 89.

*subversión en nuestro país, violando todos los convenios internacionales, violando el espacio radial aéreo? ¿Quiere eso decir acaso que el Gobierno Revolucionario de Cuba tiene también derecho a promover la subversión en Estados Unidos? ¿Se considera el gobierno de Estados Unidos con derecho a la violación del espacio radial aéreo, con gran perjuicio para nuestras emisoras radiales? ¿Quiere acaso decir que el gobierno de Cuba tiene derecho también a violar el espacio radial? ¿Qué derecho puede tener sobre nosotros o sobre nuestra isla el gobierno de Estados Unidos, que permita exigir por parte de los demás pueblos igual respeto?*<sup>271</sup>

Cuba, por conseguinte, instalou a *Radio Voice*, em 1961, em Cayo la Rosa, a poucos quilômetros de Havana, para transmitir propagandas da Revolução. Uma estação poderosa de 120 quilowatts divulgaria mensagens da ilha diariamente para o continente. A correspondente do *The New York Times*, R. Hart Phillips, afirmou ter sido informada acerca da difusão de conteúdo, a ser divulgado a partir de 15 de fevereiro do mesmo ano, exortando o povo da América Latina a derrubar seus governos e "seguir o exemplo da Revolução Cubana e se livrar do jugo do imperialismo ianque". Antes disso, Cuba havia assinado um acordo hemisférico sobre instalações de rádios em que fora estipulado o limite de 50 quilowatts.<sup>272</sup> No entanto, violações semelhantes já estavam sendo empreendidas pelos Estados Unidos.

Transmitida 24 horas por dia, a *Radio Swan* teve papel destacado nos eventos que antecederam a Operação Pedro Pan. As transmissões criticando o governo cubano eram difundidas pelo menos desde maio de 1960 e, a partir de outubro do mesmo ano, começaram a ser dirigidas mais especificamente às mães cubanas. Em 27 de outubro, informaram:

*Nueva Ley de Fidel: Poner a los curas y a las monjas a trabajar como empleados del gobierno. Armando Hart será el Papa, todo lo que se vaya a dar de religión tiene que ser por libros comunistas. El propio Armando Hart ha declarado que los niños en sus años iniciales pertenecen al Estado. Madre Cubana, el gobierno te quitará a tu hijo y lo adoctrinará con normas comunistas.*<sup>273</sup>

Em 26 de outubro, a *Radio Swan* havia noticiado:

*¡Madre cubana, escucha esto! ¡La próxima ley del gobierno será quitarte a tu hijo! (...) ¡Te quitarán a tu propio hijo desde los cinco años hasta los 18 años, te lo quitarán para adoctrinarlo y cuando te lo devuelvan estarán convertidos en una fiera materialista, y así (...) ¡No te dejes quitar a tu hijo! ¡Atención cubanos! ¡Ve a la Iglesia y sigue las orientaciones del clero!*<sup>274</sup>

<sup>271</sup> CASTRO, Fidel. *Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer ministro del gobierno revolucionario, en la sede de las Naciones Unidas, Estados Unidos, el 26 de septiembre de 1960*. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1960/esp/f260960e.html>>. Acesso em: 15 abr. 2022.

<sup>272</sup> PHILLIPS, Ruby Hart. Cuba Completing New Radio 'Voice'. *The New York Times*. New York, feb. 4, 1961, p. 2.

<sup>273</sup> CRESPO, Ramón; MARRAWI, José. *Operación Peter Pan: un caso de guerra psicológica contra Cuba*. La Habana: Editora Política, 2000, p. 92.

<sup>274</sup> CRESPO, Ramón; MARRAWI, José., *op. cit.*, p. 90.

A lei a que a transmissão se referia dizia respeito à revogação do poder paternal, isto é, os direitos e deveres dos pais sobre os filhos. Desde 1960, circulava em Cuba um suposto projeto de lei que, quando decretado, anularia os direitos assegurados aos pais pela *Patria Potestad*<sup>275</sup>. As crianças permaneceriam sob os cuidados dos seus pais até cumprirem três anos de idade e, a partir de então, deveriam ser confiadas à *Organización de Círculos Infantiles*, instituição do governo que disporia de suas guardas até os vinte anos. Dos três aos dez anos, permaneceriam na província onde seus pais residiam, podendo ir para a casa não mais do que dois dias ao mês. Logo depois, poderiam ser realocados a qualquer lugar mais apropriado, tendo em vista os interesses da nação.

Nas disposições transitórias, ficava proibida, após sua publicação, a saída do território nacional de crianças dentro da faixa etária mencionada. Para identificá-las, ficava previsto um censo de menores de idade em todo o país, investigando idade, sexo, nome dos pais, estado de saúde e domicílio. O descumprimento de suas determinações seria considerado delito contrarrevolucionário, podendo o indivíduo em conflito com a lei ser condenado a pena de 2 a 15 anos de reclusão.<sup>276</sup>

A veracidade acerca da existência ou não do projeto tem sido alvo de extensa especulação ao longo dos anos. Recentemente, Antonio Veciana, ex-espião cubano da CIA, publicou um livro revelador sobre seu trabalho à época, em que alega pôr termo na polêmica. Na obra, ele reivindicou para si a autoria da lei. A turbulência política desencadeada pela Revolução Cubana deu uma vantagem para as operações psicológicas, analisou. O país acabara de passar por uma guerra civil e a deposição de um ditador. O novo governo ainda tentava encontrar o seu caminho. Presidentes, ministros de diversas pastas entravam e saíam do poder. Uma série de novas instituições foi introduzida. O resultado disso foi um clima de incerteza que a tudo permeava. Quando, em 1960, o governo inclinou-se ao comunismo, uma classe média atônita passou a aceitar como críveis, com certa facilidade, quaisquer

---

<sup>275</sup> *Patria postestad* deriva de *patria potestas*, um conceito codificado na antiga lei romana referente ao *poder*, *potestas*, exercido por um pai, *pater familias*, sobre seus filhos. Do ponto de vista jurídico, a *Patria Potestad*, regulada pelo Código Civil, é o conjunto de direitos que a lei confere aos pais sobre as pessoas e os bens de suas crianças não emancipadas, bem como o conjunto de funções que devem cumprir em relação aos seus filhos. A *Patria Potestad* deve sempre ser exercida em benefício das crianças e entre os deveres dos pais está cuidar deles, protegê-los, alimentá-los, educá-los, fornecer-lhes uma educação integral, representá-los legalmente, etc. CONDE, Yvonne M. *Operation Pedro Pan: The Untold Exodus of 14,048 Cuban Children*. New York: Routledge, 1999, p. 25.

<sup>276</sup> A análise foi feita tendo como objeto uma cópia lida por Fidel Castro em um de seus discursos, podendo ter sido omitida alguma parte, bem como alterado o conteúdo.

informações emanadas das fontes da oposição. Foi quando Veciana decidiu criar sua primeira falsa lei, a antecedente à da *Patria Potestad*.

Todos esperavam alguma desvalorização da moeda corrente ou o confisco do seu dinheiro. Um cenário adequado ao pânico financeiro. Pensando nisso, ele criou uma lei dispondo do confisco do dinheiro em circulação. O documento fora datilografado em papel timbrado, tendo sido redigido cuidadosamente com uma linguagem tida como “marca registrada” da legislação. Os únicos detalhes ausentes eram uma assinatura e um selo oficial. Todavia, a ausência destes, na verdade, contribuía para assemelhar o documento ao esboço de uma lei, obtido quando estava a caminho de ser revisto e sancionado. Milhares de cópias foram impressas e entregues a vários grupos de oposição ao governo para serem distribuídas.

No dia seguinte, o presidente Dorticós foi à televisão comunicar ao povo acerca da falsidade do documento; a promulgação de uma nova lei desse tipo não estaria sendo considerada. Ironicamente, dez meses depois, o governo fez quase exatamente como a falsa lei propunha. Em agosto de 1961, Castro anunciou o congelamento das contas bancárias e a adoção de uma nova moeda. O dinheiro em circulação perdia completamente o valor.<sup>277</sup>

A corrida aos bancos fora bem-sucedida e a falsificação do documento ensinou a Veciana a efetividade da fórmula. A apreensão do povo era palpável. Nas ruas, corriam rumores sobre as ações subsequentes do governo. Muitos pais manifestavam abertamente suas preocupações quanto aos seus filhos e aos planos do Estado em relação a eles. Viam sinais preocupantes de doutrinação nas escolas e ficaram mais temerosos ainda quando o termo “lavagem cerebral” começou a percorrer o país. Veciana disse ter visto outra oportunidade de criar instabilidade política. Decidiu fazer circular um texto de uma lei anulando os direitos de paternidade, entregando ao Estado a custódia legal de seus filhos. Ele havia chegado à conclusão de que:

...filmes de horror não assustam as pessoas: eles as levam a usar a imaginação que têm. As pessoas assustam-se a si mesmas. É por isso que elas têm medo da escuridão. Elas não sabem o que há lá, ou o que pode vir a acontecer. Uma lei que dissesse que o governo assumiria o controle sobre as crianças, sem esclarecer quaisquer pormenores, teria o mesmo efeito.<sup>278</sup>

Ele já tinha a experiência da lei monetária, e produziu, com o auxílio de Andrés Cayón, um contador conhecido, um documento legislativo com aparência verdadeira. Imprimiram milhares de cópias e entregaram-nas à rede clandestina para difundi-las entre a

---

<sup>277</sup> VECIANA, Antonio. *Treinado para matar: os planos da CIA para eliminar Castro, Kennedy e Che*. São Paulo: Seoman, 2018, p. 92.

<sup>278</sup> VECIANA, Antonio., *op. cit.*, p. 102.

população. Antonio Veciana era um contador e bancário na Havana pré-revolucionária, e afirma ter sido recrutado por David Phillips quando trabalhava no *Banco Financiero*, justamente o agente estadunidense encarregado das operações de guerra psicológica contra Cuba. Alega, no entanto, não ter contado a Phillips sobre a falsa lei. Não precisou. A *Radio Swan* veiculou as informações sobre ela repetidamente durante semanas. Sobre o resultado do impacto da lei, refletiu:

Minha intenção não fora a de dividir famílias. Sinto muito pelos que foram afetados. Meu objetivo fora somente aprofundar o descontentamento com o governo, semear mais instabilidade e, esperançosamente, criar as condições para sua queda. Fui bem-sucedido quanto às duas primeiras partes; fracassei quanto à última.<sup>279</sup>

Não obstante, não há qualquer prova documental de que a autoria da falsa lei tenha ficado efetivamente a cargo de Veciana ou qualquer outro indício que o ligue ao fato, exceto o seu testemunho. Por se tratar de ações travadas no âmbito da espionagem, é muito difícil rastrear de fato a origem da lei, sendo possível que ele mesmo tenha sido o autor. Poucas cópias do documento foram recuperadas pelas forças de segurança do Estado cubano, mas alguns opositores acabaram sendo presos quando foram descobertos em gráficas clandestinas.<sup>280</sup>

Quando questionado sobre a veracidade da lei, monsenhor Walsh, responsável pela operação, alegou conhecer pessoas nas altas esferas do governo cubano que atestavam a sua existência, mas não possuía nenhuma evidência concreta.<sup>281</sup> María Josefa Gasset-Torrado, ex-diretora de uma escola em Cuba, em uma entrevista concedida a Pedro Pan Yvonne Conde, afirmou:

Uma pessoa trouxe para mim o documento sobre a *patria potestad* aqui na escola, por volta do início de 1961. Todas as mães cubanas com quem conversei estavam dispostas a ir às ruas se a medida fosse aprovada. Era a *vox populi* em Havana — as mães simplesmente não iam deixar que seus filhos fossem tirados delas. Foi por isso que o governo recuou.<sup>282</sup>

Fidel Castro, em diversos discursos, negou a existência de tal projeto. Em uma de suas primeiras considerações sobre a questão, afirmou ter sido criada por contrarrevolucionários frustrados pelo insucesso em destruir o governo, e, por isso, lançavam rumores “absurdos”,

<sup>279</sup> *Ibidem*, p. 104.

<sup>280</sup> DESCUBREN a impresores de copias de una falsa “ley”. *Revolución*. La Habana, 23 set. 1961.

<sup>281</sup> OPERACIÓN Peter Pan: cerrando el círculo en Cuba. Dirección de Estela Bravo. Cuba: Bravo Films, 2008, 1 DVD (57 min).

<sup>282</sup> CONDE, Yvonne M. *op. cit.*, p. 40

apelando para aspectos sentimentais da família a fim de gerar medo e desestabilização. Dada à situação econômica do país, o governo não conseguiria recolher e manter sob seus cuidados todas as crianças cubanas. E acrescentou:

*“No, que la Revolución les va a quitar los hijos a los padres”. Es una cosa absurda. Primero dicen: “este es un gobierno comunista” después dicen: “este gobierno comunista les va a quitar los hijos, porque es enemigo de la familia, de todo” En fin, ellos fabricaran toda su historia y toda su leyenda sobre el comunismo y después nos la aplicaron. (...) Porque en muchas personas prenden estas mentiras por ignorancia, por falta de perspectiva, por falta de criterio para analizar las cosas y para ver. En primer lugar, no hemos oído hablar de ningún país socialista que les haya quitado los niños a los padres. En segundo lugar, nosotros hemos hecho esta Revolución con métodos muy propios y con estilo muy propio.”<sup>283</sup>*

Uma edição completa da Revista *Bohemia*, de 1 de outubro de 1961, foi dedicada a evidenciar todas as políticas criadas pelo governo para o bem-estar das crianças, confrontando os rumores sobre a *Patria Potestad*. O slogan principal da edição foi “*La Revolución al servicio de los niños*”. O novo governo, de acordo com a revista, não só manteve “*el concepto de la patria potestad, sino que lo ha ampliado y desarrollado en la justa y exacta función social que le corresponde*”, pois, “*si de alguien se ha ocupado la Revolución, ha sido de los niños*”.<sup>284</sup> O tom brando das primeiras linhas foi logo suplantado por um tom mais agressivo:

*La infame campaña de la patria potestad ha obrado en sentido contrario a la malvada intención de sus promotores (...). Era demasiado torpe el empeño de calumniar a una revolución que al dignificar al hombre y al hogar está apretando más estrechamente los lazos de la familia. Pero el infundio ha servido también para que la ciudadanía, súbitamente atraída sobre el tema, fije su atención en lo que la revolución ha hecho, está haciendo y pretende hacer por los niños. A la calumnia miserable, que le nutre en la impotencia y en el odio, responde el argumento vivo de los hechos. Responden las escuelas y los libros; responden los parques, playas y jardines; responden las Instituciones de bienestar...”<sup>285</sup>*

Conforme os conflitos entre a Igreja e a Revolução se aguçavam, a possibilidade de o temido projeto ser levado a efeito se tornava maior na visão de muitos pais. Eles não estavam movidos apenas pelos rumores a respeito da *Patria Potestad*; uma série de medidas tomadas pelo governo, na execução de sua política para a infância, contribuiu para elevar a preocupação em torno da questão. As crianças assumiram uma posição de destaque nas

<sup>283</sup> CASTRO, Fidel. *Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer ministro del Gobierno Revolucionario, en la Clausura de la Plenaria Nacional de los Círculos Sociales, efectuada el 16 de diciembre de 1960*. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1960/esp/f161260e.html>>. Acesso em: 12 fev. 2022.

<sup>284</sup> REGO, Oscar F. *La Revolución al servicio de los niños*. *Bohemia*. La Habana, 1 oct. 1961, p. 62.

<sup>285</sup> ALONSO, Dora. *La vida en los Círculos infantiles*. *Bohemia*. La Habana, 1 oct. 1961, p. 55.

primeiras reformas revolucionárias, haja vista a reestruturação do sistema educacional, a campanha de alfabetização, a criação de um sistema público de assistência aos menores (sendo um dos exemplos a criação dos *Círculos Infantiles*), a criação de milícias juvenis, entre outros.

É importante mencionar que a Revolução Cubana foi, acima de tudo, uma revolução da juventude, fato ilustrado pela média de idade das tropas rebeldes da própria guerra insurrecional e, posteriormente, da composição do novo governo. Em 1959, Fidel Castro tinha apenas 32 anos, Che Guevara tinha 30 anos, Raúl Castro, 27 anos, e Armando Hart, Ministro da Educação, aos 28, parecia pouco mais velho do que os discentes do ensino da campanha de alfabetização de 1961. A idade média dos integrantes do Conselho de Ministros era de 33 anos, e o ministro mais jovem do gabinete era Enrique Oltuski, com apenas 23 anos.

Logo, eram esperadas políticas consistentes para a juventude de modo a aproximá-la ainda mais do projeto revolucionário e do imperativo moral do “novo homem” a ser formado em Cuba. A gênese desse homem novo na versão guevara-fidelistas estava na guerrilha, por isso os membros da sociedade que não viveram essa experiência deveriam ser reeducados no heroísmo cotidiano, no espírito de sacrifício e exaltação ideológica perpétua. Isso significava tornar-se um sujeito doutrinariamente puro, dúctil e obediente, um soldado experiente, operário e camponês incansável. Defender a revolução e praticar o internacionalismo proletário como combatente ou cooperador seriam suas necessidades primárias; ateu, materialista dialético e crítico fervoroso da moral católica. Os instrumentos modeladores da nova consciência individual e coletiva seriam, em muitos casos, os eixos da política econômica do governo desde a primeira metade dos anos sessenta.<sup>286</sup>

Voltado para a juventude, Fidel Castro insistiu repetidamente ser objetivo da Revolução fornecer a todas as crianças cubanas lares estáveis e economicamente seguros. Para tanto, em maio de 1960, iniciou-se a *Operación Familia*, encorajando os casais a legalizar suas uniões e registrar seus filhos (sem qualquer custo), em um esforço para estabilizar as famílias. A operação foi depois lembrada pelos dirigentes do governo, quando começaram os rumores da *pátria potestad*, como tendo sido o momento do devido reconhecimento dos direitos de mulheres e crianças e as responsabilidades da paternidade.

Os *Círculos*, parte também desse esforço, mencionados na suposta lei, eram instituições estaduais de cuidado infantil onde os pais poderiam deixar seus filhos durante o dia para trabalharem em prol do desenvolvimento da nação, facilitando a participação das

---

<sup>286</sup> VEGA, Armando Navarro. *Cuba, el socialismo y sus éxodos*. Madrid: Palibrio Spain, 2013, p. 25.

mulheres na força de trabalho e na vida política. Neles, segundo as autoridades, as crianças tinham assistência médica, alimentação adequada e lazer, dentro de um “*sano ambiente de confraternidad que va moldeando su carácter em la convivencia con los demás niños*”<sup>287</sup>

Além de facilitar a inserção das mulheres na atividade econômica e política, o programa de creches foi promovido como parte do processo de formação do novo cidadão cubano, incentivando o desenvolvimento do senso de comunidade e solidariedade. Os centros eram racialmente mistos, e as crianças eram encorajadas a serem independentes e se engajarem em trabalhos produtivos.<sup>288</sup> Cada um deles atendia de 100 a 150 crianças dos quarenta dias de nascida até os seis anos de idade.

*Los Círculos Infantiles son instituciones que sólo podían nacer en un proceso de socialización de los medios de producción, en un régimen donde todos los recursos fundamentales del país están en manos del pueblo. Por eso funcionan racionalmente, en una actividad integradora: allí se le brindan al niño servicios de muy distinta y variada naturaleza, desde la atención médica permanente, la alimentación adecuada y la educación, hasta el entretenimiento y la formación de actitudes mentales orientadas a fortalecer el cariño a sus padres y a crearle vocaciones útiles para su porvenir y el de la patria.*<sup>289</sup>

Contudo, para os críticos ao governo, a criação desses centros de assistência infantil era oportuna para o processo de doutrinação comunista. Embora existissem creches tanto no mundo soviético quanto no mundo estadunidense, estas não eram bem vistas neste último. “Em casa”, era comum se dizer, “as mulheres poderiam moldar seus filhos” em contraste com a URSS, onde as creches estatais poderiam “plantar ideias [destrutivas] nas mentes dos pequeninos.” As creches patrocinadas pelo Estado eram um mau presságio para a democracia dos Estados Unidos e evocavam o socialismo; a criação dos filhos ressoou fortemente como um fator de distinção entre essas ideologias divergentes.

Outro aspecto abordado no projeto de lei relaciona-se aos rumores de um grande censo a ser realizado para reunir informações sobre crianças abaixo dos sete anos. De fato, um levantamento começou a ser organizado pela *Oficina de Organización y Control de los Círculos Infantiles*, do Ministério do Trabalho, cujo propósito era investigar as necessidades potenciais para a criação dos demais círculos previstos. Além disso, em dezembro de 1960, foi criada a *Ficha Escolar Acumulativa*, destinada a coletar dados familiares com os quais os educadores poderiam “entender os problemas e dificuldades das crianças” ao mesmo tempo em que deveriam “compreender seus interesses e aptidões, observando e registrando todas as

<sup>287</sup> MEDIALDEA, Ernesto. El Círculo Infantil “Ana de Quesada”. *Bohemia*. La Habana, 27 abr. 1962, p. 92.

<sup>288</sup> GUERRA, Juan F. Los Círculos Infantiles. *Bohemia*. La Habana, 13 ago. 1961, p. 52.

<sup>289</sup> DEL, M. G. Una nueva vida en los Círculos Infantiles. *Bohemia*. La Habana, 19 nov. 1961, p. 4.

atividades dentro e fora da escola”. Mesmo com as declarações do governo de que tal dossiê não se relacionava "com as falsas versões sobre o Estado ser guardião das crianças”, alguns pais cubanos ficaram assustados, vendo a ficha como uma manobra para identificar as mais inteligentes e enviá-las para a União Soviética.<sup>290</sup>

O Ministério do Trabalho chegou a emitir uma circular na tentativa de esclarecer as mães sobre o levantamento feito pela instituição. No documento, ratificou o objetivo da ação como sendo para “*conocer las necesidades de nuestra población trabajadora y determinar de acuerdo con ello la creación de Círculos Infantiles, su ubicación y cantidad*”. Com base nos dados catalogados, poderiam “*tener cifras ciertas de nuestra población infantil actual y su porcentaje de crecimiento*”. O preenchimento da ficha, afirmou o Ministério, era voluntário. E, portanto, não se relacionava à falsa lei da *Patria Potestad*.<sup>291</sup>

Esse cenário desencadeou enorme ansiedade na população, e as forças oposicionistas, num trabalho conjunto com a CIA, contribuíram para aumentar a sensação de insegurança da população com notícias carregadas de meias verdades ou de tom por vezes apocalíptico. A documentação do Departamento de Estado havia exposto sob quais bases se assentava o programa de guerra psicológica posto em curso contra Cuba:

O principal impulso da política dos Estados Unidos pode muito bem consistir em direcionar constantemente a opinião latino-americana à deplorável situação em Cuba. O tom da retórica americana deve ser *triste, em vez de zangado*. Uma política americana anticastrista só pode fortalecer Castro. Devemos falar das dificuldades em Cuba como se fossem uma catástrofe natural que justifique a simpatia de todos os países livres pelo povo cubano. Nossa linha de propaganda deve ser a favor dos “pobres cubanos”.<sup>292</sup>

Muitas reportagens divulgadas na mídia nos Estados Unidos acatavam essas recomendações, fazendo da imprensa um membro das tropas ideológicas do conflito. A influente revista estadunidense *Time*, na edição de 14 de novembro de 1960, noticiou ter uma onda de medo varrido Havana “quando se espalhou um boato de que o governo estava planejando ‘nacionalizar’ as crianças conforme as práticas comunistas”. O pânico se difundiu e muitos optaram por deixar Cuba.

A pressa para emigrar foi tão grande que, segundo a reportagem, a Confederação Nacional de Profissionais Universitários marcou uma reunião para fazer os membros jurarem

<sup>290</sup> CONDE, Yvonne M. *op. cit.*, p. 26.

<sup>291</sup> Uma cópia do documento compõe o anexo deste trabalho.

<sup>292</sup> SMITH, Gerard C., *Memorandum from the Assistant Secretary of State for Policy Planning (Smith) to the Secretary of State. Washington, July 13, 1960.* Disponível em: <<https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1958-60v06/d555>>. Acesso em: 12 fev. 2022.

publicamente permanecer. O governo elaborou uma lista de engenheiros, especialistas em petróleo e executivos a serem detidos no aeroporto caso tentassem deixar o país.<sup>293</sup> Essa reportagem marcou um importante aspecto da ofensiva de propaganda em curso: o uso das crianças para confrontar a ideologia comunista.

No ano seguinte, a mesma revista, em uma publicação intitulada “*Cuba: and now the children?*” sugeriu que crianças estavam sendo recolhidas pelo Estado e isso havia contribuído para intensificar, de modo dramático, a emigração de cubanos para os Estados Unidos:

Recentemente, histórias sobre caminhões recolhendo crianças desacompanhadas nas ruas se espalharam em Cuba. O governo admitiu ter colocado 700 jovens em abrigos do Estado “a pedido das crianças”(…). Na cidade de Bayamo, 50 mães assinaram um pacto para matar seus filhos ao invés de entregá-los a Castro.<sup>294</sup>

O governo de fato havia priorizado o atendimento aos órfãos e crianças ou adolescentes desabrigados como resultado de ruptura social, da pobreza ou da guerra revolucionária. Os orfanatos foram fechados e as crianças enviadas para novos internatos organizados em casas de luxo desapropriadas de partidários da antiga administração.<sup>295</sup> Fidel Castro havia comentado o assunto em um discurso de 8 de novembro de 1960, por ocasião do Congresso de Operários. As crianças sendo recolhidas pelo governo não possuíam família ou um lar, justificou:

*...nosotros que estamos, precisamente, recogiendo a los niños que no tienen familia y haciendo residencias para que los estudiantes vivan, los estudiantes pobres que no pueden estudiar por falta de recursos vivan con calor de hogar, y tengan todo lo que puedan tener en su casa; y a las niñas que están sin trabajo y pobrecitas, las recogemos y las ayudamos, y se les educa allí, de manera que sientan también el calor humano. (...) Es decir que le estamos dando a aquel que no tiene hogar, algo que equivalga, para él, a ese calor que no ha tenido nunca, ¿en qué cabeza puede haber que la*

---

293 CUBA: Crises: Phony & Real, *Time*, Nova York, nov. 14, 1960. Disponível em: <<http://content.time.com/time/subscriber/article/0,33009,711954,00.html>> Acesso em: 1 jul. 2020.

294 Do original: “*The uproar started when the anti-Castro underground circulated copies of what it said was a new decree soon to come from the government. Under the decree, all children would remain with their parents ‘until they are three years old, after which they must be entrusted for physical and mental education to the ‘Organización de Circulos Infantiles’ — Castro’s network of state nurseries. Children from three to ten would live in government dormitories in their home provinces, would be permitted to visit their families ‘no less than two days per month’... Recently, stories about trucks picking up unaccompanied children on the streets have swept Cuba. The government admitted having placed 700 youngsters in state homes ‘at the children’s request’... At the town of Bayamo, 50 mothers signed a pact to kill their children rather than hand them over to Castro*”. CUBA: And now the Children?” *Time*. Nova York, oct. 6, 1961, World, vol. LXXVIII, n. 14. Disponível em: <<http://www.time.com/time/magazine/article/0,9171,827800,00.html>> Acesso em: 1 jul. 2020.

295 LUTJENS, Sheryl L. Restructuring Childhood in Cuba: The State as Family. In: MICKELSON, Roslyn Arlin (ed.). *Children on the Streets of the Americas: Homelessness, Education, and Globalization in the United States, Brazil, and Cuba*. London: Routledge, 2000, p. 150.

*Revolución, (...) fuese a dedicarse a recoger a todos los muchachos de la República (RISAS), y mandarlos, quitárselos a los padres, asumir toda esa obligación y todo ese gasto?*<sup>296</sup>

Todavía, nem todos os pais acreditavam nisso. Histórias relatavam a retirada de crianças da “Casa de Beneficência” e o seu envio para a Rússia a fim de serem doutrinadas. Muitos passaram a temer a ida forçada de seus filhos para algum país do bloco comunista. “Ay! Dios mío!” exclamou a mãe do Pedro Pan Alex López, “Eu estava com tanto medo de que [o governo] tirasse meu filho de mim”<sup>297</sup>. Era comum ouvir, à época, que as crianças iriam ser enviadas para a União Soviética, “transformadas em carne enlatada e devolvidas para Cuba”<sup>298</sup>.

O espectro de crianças sendo transportadas para países socialistas é muitas vezes explicado por causa das memórias cubanas da Guerra Civil Espanhola. “Será que a história irá se repetir?”, indagou uma mãe. “Nossos filhos enviados para a Rússia, como aconteceu com milhares de crianças espanholas durante a Guerra Civil? Nossos filhos? Não! Tivemos de colocá-los em algum lugar seguro, tirá-los de Cuba”<sup>299</sup> justificou essa mãe pela opção pela Operação Pedro Pan.

O medo, por vezes, pode ser explicado pelas medidas do próprio governo. *The New York Times* noticiou, em 12 de junho de 1961, o envio de aproximadamente 1.000 jovens camponeses cubanos para a União Soviética, onde viveriam por um ano em fazendas coletivas para estudar métodos de cultivo. Eles estavam sendo enviados sob um acordo assinado em Moscou por uma organização de jovens russos e o Instituto Cubano de Reforma Agrária.<sup>300</sup>

O testemunho de Gladys Bravo é bastante ilustrativo do temor espalhado:

*Nosotros estábamos (...) disfrutando la playa al mediodía, cuando llegó una vecina muy alarmada y dijo que se estaban llevando a los niños, que los camiones ya estaban en la portería que dividía Boca Ciega y Alturas de Boca Ciega, que el barco ruso que venía a recogerlos ya había atracado en la Bahía de La Habana para llevárselos y nos los iban a mandar hechos latas de carne. Como no le hicimos caso, ella salió corriendo y recogió a sus nietos, otra vecina dejó todo, se llevó a sus dos hijos y se metieron en su auto para irse, fue como una locura, una histeria colectiva...*<sup>301</sup>

<sup>296</sup> CASTRO, Fidel. *Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer ministro del gobierno revolucionario, en el acto clausura de cinco congresos obreros extraordinarios, en el palacio de los deportes, La Habana, el 8 de noviembre de 1960.* Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1960/esp/f081160e.html>>. Acesso em: 12 fev. 2022.

<sup>297</sup> VIEJO, Victoria apud BRAVO, Estela; GÓMEZ, Olga Rosa (eds.), *Operación Peter Pan: cerrando el círculo en Cuba.* Havana: Casa de las Américas, 2013, 76.

<sup>298</sup> DUBINSKY, Karen. *op. cit.*, p. 27.

<sup>299</sup> MEDRANO, Mignon. *Todo lo dieron por Cuba.* Miami: Cuban American National Foundation, 1995, p. 25.

<sup>300</sup> 1,000 YOUNG Cubans off to study Soviet farms. *The New York Times.* New York, jun. 12, 1961, p. 10.

<sup>301</sup> CRESPO, Ramón; MARRAWI, José. *op. cit.*, p. 95.

Alfredo Abello, um Pedro Pan, em seu testemunho, mencionou estar muito claro, naquele momento, a iminente doutrinação das crianças em um regime sem Deus, com algumas delas sendo enviadas à força para estudar na URSS ou na Checoslováquia.<sup>302</sup> Não são raras as reportagens anunciando a intensificação do intercâmbio cultural entre Cuba e os países do Leste europeu. Esse tema circulava na mídia cubana pelo menos desde 1960.<sup>303</sup>

A revista *America*, importante revista estadunidense, em sua edição de abril de 1961, relatou: "há alguns meses, 88 crianças de orfanatos foram enviadas de Havana para a União Soviética em um intercâmbio cultural".<sup>304</sup> O medo dos pais se tornou realidade quando, em 21 de janeiro de 1961, Fidel Castro anunciou a saída do primeiro lote de 1.000 estudantes cubanos para a União Soviética.<sup>305</sup>

A possibilidade de doutrinação comunista dos menores foi o cerne das propagandas contra o comunismo envolvendo as crianças cubanas. Em um artigo publicado na edição de 20 de junho de 1960 da revista *Time*, o autor se referiu a Cuba como "o vizinho marxista", antes mesmo de ter sido declarado o caráter socialista da Revolução. O artigo também mencionava uma "sutil, mas brutal lavagem cerebral" ocorrendo em Cuba, inclusive nos jovens.<sup>306</sup> Alguns dias antes, em 8 de junho, o *New York Times*, apontado como um dos jornais engajados no programa de propaganda política do governo de seu país,<sup>307</sup> entrou nessa discussão e publicou:

O regime de Castro está aumentando os esforços para capturar as mentes da juventude. O padrão de treinamento é semelhante àquele usado por muitos governos totalitários. Inclui doutrinação nas escolas; na rádio, na televisão e na imprensa; treinamento militar a partir dos sete anos de idade; campanha de ódio contra os Estados Unidos; organização de brigadas de trabalho de rapazes de quatorze a dezoito anos; e reuniões com propósitos políticos. O governo sente que, uma vez que a juventude de Cuba esteja doutrinada contra os Estados Unidos, as relações entre os dois países serão permanentemente deterioradas.<sup>308</sup>

<sup>302</sup> ABELLO, Alfredo. Testimony. *Miami Herald*. Miami, jun 4, 2009. Disponível em: <<http://pubsys.miamiherald.com/cgi-bin/pedropan/profile/12519/story>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

<sup>303</sup> Ver por exemplo a edição da Revista *Bohemia* de 1 de outubro de 1961.

<sup>304</sup> AMERICA in: CONDE, Yvonne M., *op. cit.*, p. 30.

<sup>305</sup> *Ibidem*.

<sup>306</sup> CUBA: The Marxist Neighbor. *Time*. New York, jun. 20, 1960. Disponível em: <<http://content.time.com/time/subscriber/article/0,33009,826434,00.html>>. Acesso em: 12 fev. 2022.

<sup>307</sup> PARRY-GILES, Shawn J. *op. cit.* p. 31.

<sup>308</sup> "The Castro regime is bending every effort to capture the minds of youth. The pattern of training is similar to that used by many totalitarian governments. It included indoctrination in schools, on radio and television and in the press, military training starting at seven years of age, a hate campaign, this time directed against the United States; the organization of work brigades of boys from fourteen to eighteen, and the meetings and fiestas, all with a political purpose. The government feels that, once the youth of Cuba is indoctrinated with hatred towards the United States, the relations between the two countries will be permanently damaged". HART, R. Castro Freed Cuba from U.S.' Is 'Correct' Answer in Havana; Regime Rewrites History to Bolster Campaign to Indoctrinate Youth -- Teachers Trained in New Duties. *The New York Times*. New York, June 8, 1960.

Em consonância à reportagem, meses antes, em janeiro de 1960, o Ministério da Educação anunciou um programa militar para estudantes do ensino médio. Todos eles seriam obrigados a aprender a portar armas. Parques e outros espaços abertos transformaram-se em campos de treinamento para essas patrulhas juvenis.<sup>309</sup> A revista *Time*, em junho de 1960, acompanhando o desenvolvimento político dessa medida, noticiou que o governo cubano estava “arrebanhando” os jovens para instituições de massa,<sup>310</sup> como as milícias e brigadas, compondo a *Juventud Rebelde*. Inflamando ainda mais o medo dos pais em razão da militarização dos filhos. Além disso, revistas de orientação governista estampavam em suas páginas charges com crianças armadas.<sup>311</sup>

A *Asociación de los Jóvenes Rebeldes* – segundo o discurso oficial, uma organização política e revolucionária – surgiu para organizá-los em um só “*cuero homogéneo, fuerte, monolítico y único*”. Nela, foram integrados grupos menores de organização juvenil, como a *Sección Juvenil del 26 de Julio*, a *Sección Juvenil del Directorio Revolucionario*, a *Juventud Socialista*, as *Patrullas Juveniles*, entre outras. A associação foi apresentada como uma organização “não militar” – ainda que seus membros pudessem compor também as milícias revolucionárias –, como um organismo voltado para “*orientar política y revolucionariamente*” a juventude cubana de 14 até 25 anos de idade, sob o *slogan* de “*trabajo, estudio y fusil*”.

Segundo o *New York Times*, a associação havia sido criada para “denunciar sabotagem e atitudes contrarrevolucionárias nas escolas primárias”.<sup>312</sup> Isso porque Fidel Castro convidou os jovens a compor os *Comités de Defensa de la Revolución* (CDR),<sup>313</sup> conhecidos como “olhos e ouvidos do governo”, cujo objetivo principal era denunciar atividades suspeitas de oposicionistas. Com isso, alguns pais passaram a temer compartilhar suas ideias políticas com seus próprios filhos. O *U.S. News and World Report* observou: “Até crianças de 7 anos espionam para Castro agora”<sup>314</sup><sup>315</sup>.

---

Disponível em: <<https://www.nytimes.com/1960/06/08/archives/-castro-freed-cuba-from-us-is-correct-answer-in-havana-regime.html>>. Acesso em: 12 fev. 2022.

<sup>309</sup> CONDE, Yvonne M. *op. cit.*, p. 16

<sup>310</sup> CUBA: The Marxist Neighbor. *Time*. New York, jun. 20, 1960. Disponível em: <<http://content.time.com/time/subscriber/article/0,33009,826434,00.html>>. Acesso em 12 fev. 2022.

<sup>311</sup> Ver, por exemplo, as edições: La cartica. *Bohemia*. 8 ene. 1961 e La Revolución y los niños. *Bohemia*, 16 oct. 1960.

<sup>312</sup> CUBA Regiments 7-Year-Olds. *The New York Times*. New York, apr. 5, 1961, p. 18.

<sup>313</sup> CASTRO, Fidel. *Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer ministro del gobierno revolucionario, en la graduación de las primeras 800 campesinas en corte y costura, efectuada en el coliseo de la ciudad deportiva, el 31 de julio de 1961*. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f310761e.html>>. Acesso em: 12 fev. 2022.

<sup>314</sup> EVEN 7-Year-Olds Spy for Castro Now. *U.S. News and World Report*. New York, 17 apr. 1961, p. 16.

Em abril, os *Jóvenes Rebeldes* contavam com mais de cem mil membros.<sup>316</sup> Um memorando enviado ao diretor da CIA Allen Dulles descreveu a associação como "um braço significativo da organização política castrista derivada da organização da juventude comunista" composta por adolescentes "do tipo encontrado em gangues juvenis, [que] são um terror para seus pais, seus colegas de escola e o público em geral". Ainda segundo o documento, eles seriam responsáveis pela doutrinação nas escolas e atuavam na formação dos CDRs. Ademais, algumas unidades selecionadas da milícia e da *Juventud Rebelde* seriam especialmente armadas e treinadas e seriam, com efeito, unidades do exército especialmente dedicadas a Fidel Castro.<sup>317</sup>

Enquanto o governo considerava o envolvimento nas milícias "uma experiência socializadora única" para os jovens cubanos e essencial para a defesa da nação, o discurso anticomunista condenava essas associações, pois o regime estaria se aproveitando do fato de muitos jovens se sentirem isolados e desorientados pela complexidade da vida moderna, facilitando a assimilação de promessas falsas do comunismo.

Não obstante, nenhuma medida parece ter preocupado mais os pais cubanos, principalmente os católicos, do que a reforma educacional, desencadeando a supressão do ensino privado e a campanha nacional de alfabetização. Toda grande revolução social da era moderna, observou Deborah Shnookal, procurou reformular o ensino de acordo com sua própria visão. "Sem atenção preferencial à educação do povo", afirmou Armando Hart, Ministro da Educação, em 1959, "não poderíamos esperar o cumprimento dos propósitos revolucionários".<sup>318</sup>

A fim de reestruturar completamente o sistema escolar, as escolas públicas e privadas foram fechadas durante oito meses e as fortalezas militares das seis províncias foram convertidas em centros escolares. Uma campanha nacional de alfabetização demandou o envio de professores e adolescentes (voluntários) para o interior com a finalidade de instruir as populações camponesas. Esses adolescentes, a partir dos 13 anos, deveriam residir

---

<sup>315</sup> Em adição, *The New York Times* publicou, em 5 de abril de 1961, que Fidel Castro havia anunciado que a União dos Pioneiros Rebeldes seria organizada em todas as escolas primárias para treinar os futuros membros da Associação de Jovens Rebeldes. E, portanto, o programa passaria a abarcar crianças de 7 anos. CUBA Regiments 7-Year-Olds. *The New York Times*. New York, apr. 5, 1961, p. 18.

<sup>316</sup> LUNA, Manuel Navarro. Los Jóvenes Rebeldes. *Bohemia*, La Habana, 30 abr. 1961, p. 38; 39.

<sup>317</sup> KENT, Sherman. *Memorandum From the Chairman of the Board of National Estimates (Kent) to Director of Central Intelligence Dulles*. Washington, November 3, 1961. Disponível em: <<https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1961-63v10/d271>>. Acesso em: 14 abr. 2022.

<sup>318</sup> SHNOOKAL, Deborah. *Operation Pedro Pan and the Exodus of Cuba's Children*. Gainesville: University of Florida, 2020, p. 51.

temporariamente na casa das famílias a serem alfabetizadas. A ideia consistia na formação de um exército de cem mil “*útiles desde muy jóvenes a su patria*”<sup>319</sup>.

O ativismo político da juventude cubana não começou com as milícias ou com a campanha de alfabetização. Os jovens cubanos já eram altamente politizados antes de janeiro de 1959 e, historicamente, haviam sido o catalisador da mudança política na ilha. A Universidade de Havana, em particular, tornou-se um centro de oposição a Batista, e acabou sendo fechada em 1956. Percebendo a importância assumida pelos jovens nas lutas de libertação, eles receberam incentivos dos dirigentes revolucionários e foram inspirados a se envolver no novo projeto de nação de diversas maneiras.

O próprio fortalecimento dessa cultura da juventude encorajada pela liderança revolucionária pode ter alarmado muitos pais mais tradicionais. O governo promoveu uma espécie de “culto juvenil”, inevitavelmente mudando a relação de poder parental. Jean-Paul Sartre observou em sua visita a Cuba, em 1960, que “O maior escândalo da Revolução Cubana”, escreveu ele, “não é que ela tenha expropriado as plantações, mas que tenha levado crianças ao poder.” E concluiu: “Não há velhos no poder!”<sup>320</sup>.

Essa série de programas voltados para a juventude, incluindo a campanha de alfabetização de 1961, era seguramente uma das bases sob as quais o governo pretendia “transmitir os valores da nova sociedade” em criação. Os opositores e os formuladores de políticas dos Estados Unidos, por sua vez, interpretavam a construção do “novo cubano” como um processo de “lavagem cerebral” ou “doutrinação”. “*Save the children*” surgiu como o grito de guerra da oposição. O fato é que tanto o programa de alfabetização quanto a supressão do ensino privado ajudaram a sustentar os rumores acerca da doutrinação comunista das crianças, sendo o primeiro visto como um plano consciente do governo revolucionário para colocar as crianças fora da influência e controle de seus pais.

O debate atingiu rapidamente o âmbito internacional e foi amplamente esmiuçado pela imprensa nos Estados Unidos. Em abril, a *Newsweek*, uma revista de notícias semanal de Nova York, analisando essa conjuntura, publicou um artigo sobre os planos de Fidel Castro para iniciar uma “cruzada de crianças” com o intuito de eliminar o analfabetismo nas áreas mais pobres de Cuba, onde havia pouco acesso à educação. Apesar de alguns aspectos positivos terem sido ressaltados, o artigo considerava o “Ano da Educação” (1961) também

---

<sup>319</sup> CASTRO, Fidel. *Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer ministro del gobierno revolucionario, en el acto de inauguración de la ciudad escolar “Abel Santamaria”, donde antes estaba el cuartel militar “Leoncio Vidal”, en la ciudad de Santa Clara, el 28 de enero de 1961*. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f280161e.html>>. Acesso em: 18 abr. 2022.

<sup>320</sup> SARTRE, Jean-Paul. *Sartre on Cuba*. New York: Ballantine Books, 1961, p. 88.

como o “ano da doutrinação”, e os manuais de ensino a serem utilizados eram “propaganda puramente revolucionária”.<sup>321</sup> Uma publicação do *Steubenville*, de Ohio, intitulada “Comunistas cubanos concentram-se na conquista de crianças”, sugeria que elas estavam sendo vítimas de uma campanha governamental para “capturar suas mentes”.<sup>322</sup>

A imprensa assumiu a luta contra o analfabetismo como artifício para a doutrinação de esquerda em Cuba e como uma estratégia para favorecer a imagem da Revolução na América Latina, principal área de influência dos Estados Unidos. Um artigo do *Los Angeles Times*, de maio de 1961, por exemplo, observou que, além da vantagem para doutrinar jovens, o programa educacional tinha “um enorme impacto de propaganda”<sup>323</sup> no continente. Associações estudantis católicas e escolas particulares corroboravam a essa interpretação, distribuindo panfletos denunciando a campanha como “um plano de doutrinação totalitária”<sup>324</sup>. Tal postura intensificou ainda mais a crítica do governo à Igreja Católica, acusada de estar cumprindo as ordens do “imperialismo ianque”, induzindo os jovens a colocar bombas nas escolas, fazer sabotagem e lutar contra a Revolução.<sup>325</sup>

O trabalho de alfabetização havia começado ainda durante a guerra revolucionária contra Batista. Um departamento de educação foi criado dentro do Exército Rebelde; trinta e sete escolas foram estabelecidas em zonas libertadas para ensinar analfabetos entre as tropas e a população rural local.<sup>326</sup> Já os preparativos para a erradicação do analfabetismo em todo o país haviam começado, em março de 1959, com a criação da *Comisión Nacional de Alfabetización y Educación Fundamental*. Em 1960, foi criado o *Consejo Municipal de Educación*, estrutura responsável por dirigir a campanha a nível nacional. Sob a liderança do Ministro da Educação Armando Hart, com Mario Díaz como coordenador nacional, intensificaram-se os esforços para localizar e registrar todos aqueles que não sabiam ler nem escrever.

A campanha foi inicialmente anunciada em agosto de 1960, na graduação do primeiro contingente de professores voluntários, e tinha como proposta, por meio do “Exército da Educação”, alcançar a meta de erradicar o analfabetismo em um ano. Fidel Castro fez a convocação aos jovens para participarem do programa no discurso de inauguração da escola na fortaleza militar da cidade de Santa Clara:

<sup>321</sup> CUBA: Children’s Crusade. *Newsweek*. Nova York, apr. 3, 1961, p. 51.

<sup>322</sup> CUBAN Reds Concentrate on Conquering Children. *The Steubenville Register*. Ohio, mar. 22, 1962, p. 1.

<sup>323</sup> CASTRO Broadens Base Through Young Cubans. *Los Angeles Times*. Los Angeles, may 18, 1961, p. 22.

<sup>324</sup> CONDE, Yvonne M. *op. cit.*, p. 30.

<sup>325</sup> MÁS que tolerante ha sido la Revolución. *Revolución*. La Habana, 2 mar. 1961, n. 688, año IV, p. 2.

<sup>326</sup> ARES, Guillermina. *Alfabetización en Cuba: historia y testimonios*. La Habana: Política, 2000, p. 35–37.

*Va a ser una batalla verdaderamente épica, en que debe participar todo el pueblo (...). Hay que comenzar a organizar ese ejército y vamos a organizar cien mil jóvenes alfabetizadores que por lo menos tengan de sexto grado en adelante, y por lo menos 13 años de edad. (...) para crear un ejército de alfabetizadores, organizados en brigadas y organizados en batallones de la enseñanza.*<sup>327</sup>

Os jovens integravam a Brigada “Conrado Benítez”, nomeada em homenagem ao alfabetizador de 19 anos, de acordo com o discurso oficial, assassinado no começo da campanha em um tiroteio entre o exército e a guerrilha de Escambray<sup>328</sup>. A principal preocupação dos pais repousava no fato de que, ao ir para os lugares mais inacessíveis da ilha, os filhos teriam de morar com as famílias camponesas enquanto as instruíam, ficando afastados de seus lares e vigilância por tempo indeterminado.

*Hay quienes nos dicen que, en los sectores muy apartados, donde viven muy aislados los campesinos, va a ser muy difícil la campaña. Y nosotros hemos dicho que si es necesario ponderemos un alfabetizador en cada casa de las montañas. Para eso los necesitamos a ustedes, sobre todo a los estudiantes. (...) Pero, es decir, tienen que ir vivir en la casa de la familia donde van a alfabetizar. Los campesinos les dan alimentación y ustedes les dan la enseñanza.*<sup>329</sup>

Ademais, preocupavam-se com os manuais de instrução acusados de terem sido elaborados a partir de referências comunistas. A correspondente do *The New York Times*, Ruby Hart Phillips, chamou o plano de “um esquema maravilhoso”, pois as crianças seriam primeiramente doutrinadas com os ideais do comunismo e, depois, os camponeses os aprenderiam junto às letras<sup>330</sup>.

Mirta Almeyda recorda-se de, aos quatorze anos, ser uma aluna acima da média matriculada no terceiro ano de uma escola pública de Havana. Em um determinado dia, o diretor da escola se aproximou da turma e convocou-a para a campanha: “Todos os estudantes com notas boas vão para as *Minas del Frio* para erradicar o analfabetismo pelo resto do semestre. Quando vocês voltarem, como recompensa, vão se formar em três anos em vez de quatro”. Quando ela chegou à casa e deu a notícia ao pai, a resposta dele foi: “Você não vai à escola amanhã”<sup>331</sup>.

<sup>327</sup> CASTRO, Fidel. *Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer ministro del gobierno revolucionario, en el acto de inauguración de la ciudad escolar “Abel Santamaria”, donde antes estaba el Cuartel Militar “Leoncio Vidal”, en la ciudad de Santa Clara, el 28 de enero de 1961.* Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f280161e.html>>. Acesso em: 12 fev. 2022.

<sup>328</sup> *Ibidem.*

<sup>329</sup> *Ibidem.*

<sup>330</sup> HART PHILLIPS, Ruby. Cuba Recruiting Youths to Teach. *The New York Times*, New York, mar. 20, 1961, p 11.

<sup>331</sup> ALMEYDA, Mirta apud CONDE, Yvonne M. *op. cit.*, p. 31.

O testemunho da Pedro Pan, Elia Martinez, esclarece algumas das preocupações envolvendo o envio dos jovens para o interior para lecionar:

A verdadeira agenda não era espalhar a alfabetização, mas espalhar os ideais comunistas por todo o país. Eles [jovens] foram afastados de seus pais e, aos 12 anos, introduzidos em campos de adolescentes com pouca supervisão. Algumas voltaram grávidas ou abortaram, muitas voltaram com piolhos, parasitas, hepatite e doenças venéreas. Isso deixou muitos pais com muito medo. Portanto, em vez das eleições prometidas em 18 meses, Cuba forçou a participação na revolução. Nossos pais viram essas ameaças e sua possível perda de controle sobre seus filhos como um alerta para tirá-los de Cuba.<sup>332</sup>

Havia, na campanha de alfabetização, um objetivo político muito claro: ela acabou se tornando, se não a maior cruzada moral da Revolução, uma das maiores; sobretudo, por ter introduzido um novo paradigma de mobilização da juventude no projeto revolucionário e deu aos jovens cubanos – como participantes ativos – uma identificação com a causa. O discurso acerca da erradicação do analfabetismo sempre enfatizava o vocabulário bélico, referindo-se a ela como mais uma batalha a ser travada para a emancipação de Cuba, contra o imperialismo e contra a oposição. O líder principal da Revolução chamou a atenção do público para o efeito dela nas Américas: “*Calculen qué lección para los pueblos, calculen qué aliento y calculen qué descrédito para los gobernantes títeres de América Latina, que la Revolución Cubana en un solo año erradique el analfabetismo*”<sup>333</sup>. O mesmo efeito destabilizador deveria também atingir a Igreja Católica que, na interpretação do novo bloco de poder, havia falhado em instruir a população rumo ao progresso:

*Siguen provocando a la Revolución sus enemigos; siguen inculcando a los niños criminales desviaciones de los intereses de la patria; siguen desviando el pensamiento de los niños del amor a la patria, del amor a su pueblo, del amor al gran ideal y a la gran causa de la colectividad cubana; y hay quienes criminalmente continúan inculcándoles a los niños el sentimiento de hostilidad hacia la Revolución; siguen escribiendo pastorales (...). Las pastorales llaman al Gobierno Revolucionario con los términos que*

---

<sup>332</sup> Do original: “*The real agenda was not to spread literacy but to spread the communist ideals across the country. They were removed from their parents and at 12 years of age, introduced into camps of adolescents with little supervision. Some returned pregnant or had abortions, many came back with head lice, parasites, hepatitis and venereal disease. This made many parents very fearful. So instead of the promised elections in 18 months, Cuba had forced participation in the revolution. Our parents saw these threats and their possible loss of control over their children as a call to get their kids out of Cuba*”. MARTINEZ, Elia. Testimony. *Miami Herald*. Miami, jul. 6, 2010. Disponível em: <<http://pubsys.miamiherald.com/cgi-bin/pedropan/profile/4335/story>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

<sup>333</sup> CASTRO, Fidel. *Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer ministro del gobierno revolucionario, en el acto de inauguración de la ciudad escolar “Abel Santamaria”, donde antes estaba el cuartel militar “Leoncio Vidal”, en la ciudad de Santa Clara, el 28 de enero de 1961*. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f280161e.html>>. Acesso em: 17 abr. 2022.

*conviene a la prédica del imperialismo; constantemente alientan las campañas contra la Revolución a base del anticomunismo.*<sup>334</sup>

De acordo com Ramón Crespo, havia, sob a direção da Igreja de Cuba, “132 escuelas primarias, 48 de segunda enseñanza, 33 escuelas de comercio, 22 de secretariado, 11 del hogar, 4 high schools y 3 vocacionales” em todo o país. No ensino técnico superior, administrava a Universidade Católica de Santo Tomás de Villanueva, a Escola Técnica de Belén e a Academia Comercial de La Salle.<sup>335</sup> Todas as instituições de ensino passaram para o poder do Estado quando a Lei 856/61, “*Ley de Nacionalización de la Enseñanza*”, foi promulgada em 6 de junho de 1961. Antes disso, contudo, as escolas particulares já estavam começando a entrar em colapso, tendo perdido boa parte das matrículas e muitos de seus funcionários com o êxodo para Miami. Uma extensa campanha contra as escolas católicas foi desencadeada nos jornais de influência do governo no sentido de maculá-las para a visão do público em geral.

Três meses antes da promulgação da lei, por exemplo, um atentado em frente à Academia Nobel no bairro de La Víbora, Havana, deixou nove estudantes e uma professora feridos. O Ministro da Educação, Armando Hart, afirmou existir dentro das escolas privadas, principalmente dentro das escolas católicas, padres “falangistas” realizando campanhas contrarrevolucionárias capazes de criar o ambiente propício para atos de terrorismo, disse ainda: “*Es una cosa derivada de la lógica más elemental decir hoy aquí, ante el mundo, decirlo hoy a todos los pueblos del mundo, que los responsables del atentado criminal de ayer son los curas falangistas*”.<sup>336</sup>

Jesús Soto, secretário organizador da Central de Trabalhadores de Cuba (CTC), fez um discurso de conteúdo semelhante. No dia seguinte ao atentado, acusou os padres de incentivar as crianças a usarem bombas e ameaçarem os próprios pais. Segundo ele, “*Los curas falangistas llegarán a aconsejar a un hijo que mate a la madre, ya que hay casos de colegios católicos en que se les ha dicho a las niñas que no les hablen a sus padres si son milicianos*”<sup>337</sup>. A capa do *Revolución* trazia, além da culpabilização dos padres, uma imagem mostrando lado a lado um professor revolucionário e um professor padre; na mesa do religioso, a suástica do nazismo; na mesa do revolucionário, a bandeira de Cuba.

Poucos dias mais tarde, Castro também falaria sobre o assunto. Em sua análise,

<sup>334</sup> *Ibidem*.

<sup>335</sup> CRESPO, Ramón Torreira. *La Iglesia Católica en la primera oleada migratoria cubana*. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/cuba/cips/caudales06/fscommand/51T13.pdf>>. Acesso em: 26 nov. 2017.

<sup>336</sup> MÁS que tolerante ha sido la Revolución. *Revolución*. La Habana, 2 mar. 1961, n. 688, año IV, p. 2.

<sup>337</sup> *Ibidem*, p. 2.

*La Revolución ha tolerado demasiado a los que deforman las mentes de los niños y los convierten en contrarrevolucionarios (...). Sería culpa nuestra si en diez añosuviésemos que fusilar a un contrarrevolucionario porque hoy lo dejamos en las manos mohosas de los que quieren, dominar las mentes de la juventud en forma antisocial y anticubana.*<sup>338</sup>

Em março, segundo relatos, milicianos civis armados foram colocados na escola católica La Salle, em Santiago de Cuba, após distúrbios entre estudantes anticomunistas e partidários do governo. O jornal *Revolución* disse ter um grupo de estudantes "contrarrevolucionários" marchando da Catedral de Santiago de Cuba para a escola, gritando "abaixo Fidel!" e "abaixo o comunismo!". Notícias como essa se multiplicaram na mídia cubana e estrangeira.<sup>339</sup> A revista *Bohemia* justificou a nacionalização nos seguintes termos:

*Esta nacionalización educacional tiene que ser saludada como el paso definitivo hacia la unificación total de la enseñanza dentro del espíritu y sentido socialista de la vida cubana que se construye. La escuela ha sido, sin duda, uno de los caballos de batalla de la Revolución (...). Purificándose de aquellos pecados que la habían prostituido naufraga en el tormentoso mar de la politiquería más corrompida y entreguista. (...) La Escuela, cuando se produjo el triunfo de la Revolución, había dejado de ser forja de cubanía para convertirse en comercio, extorsión y gangsterismo.*<sup>340</sup>

A escola privada não era uma instituição recente. Desde meados do século XVI havia seminários para ensinar às crianças “gramática, artes e outras virtudes”. Logo os jesuítas estabeleceram instituições de ensino na capital, tendo depois as abandonado quando emigraram para o México. Nesse ínterim, outras ordens religiosas ocuparam os espaços deixados por eles. No século XIX, os colégios privados na ilha já eram numerosos, direcionados para “*blancos y para mestizos*” segundo as possibilidades econômicas das famílias. Ao se instalar a República, José Verona, influenciado por Jose de La Luz Caballero, seria o precursor da chamada “*escuela nueva*”. Seu plano consistia em substituir a escola “*retoricista y dogmática*” por uma escola “*activa, experimentadora, autocrítica, científica, renovada, capaz de producir una nueva juventud, un nuevo maestro, un nuevo tipo de hombre, un nuevo tipo de cubano*”<sup>341</sup>.

A despeito desse processo de renovação, ao longo de todo o século, desenvolveu-se a cultura, sobretudo entre a pequena burguesia e a classe dominante no poder, de educar seus

<sup>338</sup> FERNÁNDEZ, Manuel. *op. cit.*, p. 103.

<sup>339</sup> CUBA Militia Guards School after clash. *The New York Times*. New York, mar. 9, 1961, p 8.

<sup>340</sup> DE LA TORRIENTE, Loló. Escuela Cubana, libre y gratuita, para tus hijos. *Bohemia*, La Habana, 14 de mayo de 1961, p. 36; 37.

<sup>341</sup> *Ibidem*, p. 36; 37.

filhos nas escolas privadas e, depois, enviá-los para os Estados Unidos para a continuidade dos estudos. Teria sido o momento quando, de acordo com os críticos do governo:

*Los propietarios y directores se enriquecieron y la mente infantil fue deformada y oscurecida con una enseñanza anodina y lo que es muchísimo peor, anticubana. Los hechos nacionales fueron interpretados de manera negativa y las figuras próceres opacadas a través de una limitada enseñanza que exaltaba, en cambio, los valores extranjeros, hasta el grado de hacer del inglés, el idioma obligado. Esto se dio no sólo en escuelas religiosas sino también en las llamadas laicas, que en el fondo no lo eran, y en las que embozadas tras el laicismo se escondía la sotana y el extranjerismo más reaccionario y falangista.*<sup>342</sup>

A nova escola cubana, dita revolucionária, foi anunciada como instrumento para “*desarrollar una nueva Cuba*”. Educar a próxima geração tornou-se um dos aspectos mais importante dos planos do governo para estruturar a sociedade socialista, por meio da criação de uma consciência revolucionária. O professor teria uma importância capital. A ele corresponderia “*modificar y mejorar la mente infantil desarrollando las aptitudes, descubriendo las vocaciones, esclareciendo la historia patria y adoctrinando sobre el contenido y proyección de la Revolución*”. Para isso, o magistério estava recebendo as orientações de uma “*nueva pedagogía revolucionaria*” a ser posta em prática.<sup>343</sup> Os livros seriam reformulados para corresponderem às necessidades do país, inspirando os ideais da Revolução, a responsabilidade cívica e o sentimento nacionalista do jardim de infância à universidade.

A oposição, entretanto, denunciou a conversão das escolas cubanas “em centros de doutrinação comunista”, onde as almas das crianças estavam sendo “envenenadas pelos ensinamentos do ódio e da arte da espionagem, destruindo seus princípios cristãos e suas tradições patrióticas.”<sup>344</sup> Uma reportagem do *U.S. News and World Report* advertiu acerca da importância dos jovens na formação do Estado comunista em Cuba:

As autoridades cubanas admitem que as gerações mais velhas estão muito apegadas aos velhos costumes das tradições americanas para serem substituídas prontamente. Seu objetivo é concentrar-se nos jovens e reformulá-los para a disciplina austera e dura do comunismo. A doutrinação dos jovens está apenas começando. Deve levar vários anos antes que possa começar a ter efeito de longo alcance.<sup>345</sup>

<sup>342</sup> *Ibidem*, p. 82-83.

<sup>343</sup> DE LA TORRIENTE, Lolo. Los niños cubanos aprenden en escuelas cubanas. *Bohemia*. La Habana, 2 oct. 1960, p. 5.

<sup>344</sup> TEXT of Appeal to Cubans to Revolt against Castro Regime. *New York Times*. New York, 9 apr. 1961, p. 3.

<sup>345</sup> Do original: “*Cuban officials concede that the older generations are too attached to the old ways of American traditions to be made over readily. Their goal is to concentrate on the young people and reshape them to the austere, harsh discipline of Communism. The indoctrination of youngsters is only beginning. It must have*

Muitos pais decidiram ser a hora de enviar seus filhos para os Estados Unidos, temendo a doutrinação nas escolas do governo e a perda de suas heranças ideológica e religiosa. Enquanto faziam os trâmites necessários, optaram por retirar os filhos da escola até a saída deles do país. Como aconteceu com o Pedro Pan Carlos Martinez:

*Poco después de Playa Girón, mi escuela, como era católica, fue intervenida por los milicianos del gobierno castrista. Desde ese momento hasta que abandoné a mi patria nativa, mis padres se negaron a que mi hermano y yo volviéramos a asistir a esa escuela. Mayormente por esta razón, mis padres necesitaban sacarnos de Cuba.*<sup>346</sup>

O mesmo foi vivenciado pela família de Fabiola Castro. Ela conta que:

Em 1961, todas as escolas particulares foram fechadas pelos comunistas. Para continuar na escola pública, eu deveria ser doutrinado e enviada para as fazendas em missões governamentais com as Brigadas Conrado Benitez. (...) No entanto, meus pais decidiram me mandar para o exterior.<sup>347</sup>

Sobre o tema, Mercedes Escribano também relatou:

*Estuve en ese colegio [católico] hasta que Castro dio su famoso discurso por la radio anunciando que "conozco el monstruo porque viví en sus entrañas", refiriéndose a los colegios católicos. Al día siguiente las monjas nos dijeron que tenían que dejarlo todo y que nuestros padres nos venían a buscar. Poco tiempo después vi por televisión como un miliciano empujaba con su bayoneta a la Madre Superiora de mi colegio para que subiera a un avión. Como todos estuve sin asistir al colegio por algún tiempo y después tuve que ir a un colegio público y comunista donde me hicieron repetir el mismo grado que ya casi había acabado con las monjitas.*<sup>348</sup>

O medo da doutrinação comunista também fez parte da decisão dos pais de Jesús Matamara de tirá-lo de Cuba:

Até as escolas particulares e religiosas foram fechadas e seus padres e freiras exilados da nova Cuba. Os filhos da revolução sofreram uma lavagem cerebral para uma lealdade total e cega, que incluía a traição de amigos, parentes próximos e até mesmo dos pais. Em razão dessas circunstâncias, os

---

*several years before it can begin to have long range effect.*”. RED Target: Youths, *U.S. News and World Report*. New York, feb. 12, 1962, p. 55.

<sup>346</sup> MARTINEZ, Carlos. Testimony. *Miami Herald*. Miami, jul. 16, 2012. Disponível em: <<http://pubsys.miamiherald.com/cgi-bin/pedropan/profile/1774/story>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

<sup>347</sup> Do original: “*In 1961, all private schools were closed by the communist. To continue in the public school system, I was supposed to be indoctrinated by the communist and sent to the farmlands on government missions with the Conrado Benitez Brigades. (...) However, my parents decided to send me away.*” CASTRO, Fabiola. Testimony. *Miami Herald*. Miami, sep. 23, 2010. Disponível em: <<http://pubsys.miamiherald.com/cgi-bin/pedropan/profile/7913/story>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

<sup>348</sup> ESCRIBANO, Mercedes. Testimony. *Miami Herald*. Miami, oct. 29, 2008. Disponível em: <<http://pubsys.miamiherald.com/cgi-bin/pedropan/profile/6546/story>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

pais cubanos preocuparam-se com o futuro de seus filhos e decidiram que havia chegado o momento de fazer os arranjos para que saíssem da ilha. Foi por causa desse movimento que minha família trabalhou nos bastidores para garantir que eu pudesse emigrar para os Estados Unidos sozinho.<sup>349</sup>

Os ataques à religião foram recorrentemente relatados pelos Pedro Pan como motivadores da emigração, como Sarah Aguilar narrou:

A forma como o governo foi fazendo com que as escolas doutrinassem as crianças a serem socialistas e comunistas, e até a não acreditarem em Deus, deixou meus pais muito cansados da situação. Eles nos mandavam para um professor particular para que não ficássemos atrasados em nossos estudos, algo em razão de que, se fôssemos pegos fazendo, eles teriam sido severamente punidos pelo governo. Lembro que íamos para a casa do tutor, onde nós e outras crianças de todas as idades recebíamos aulas de gramática, matemática, estudos sociais, história e outras matérias essenciais.<sup>350</sup>

Convém ainda mencionar que os confrontos Igreja-Revolução contribuía para a exacerbação do problema. Muitos se viam divididos entre sua fé e o apoio à Revolução. A polarização política entre a velha e a nova Cuba foi, assim, cada vez mais retratada na mídia como uma batalha entre o cristianismo e o comunismo “sem Deus”:

Como parte da classe média baixa de Havana, nós estávamos nos beneficiando das mudanças que a Revolução estava trazendo. E, como cristãos, éramos sensíveis às questões sociais do nosso país. Contudo, a pureza da ideologia católica que enchia minha casa – e a rejeição do comunismo que era um elemento essencial dessa ideologia – venceu as luzes deslumbrantes e sedutoras da Revolução e suas bandeiras de dignidade nacional e justiça social.<sup>351</sup>

---

<sup>349</sup> Tradução livre de: “*Even the private and religious schools were closed and their priests and nuns were exile from the new Cuba. The children of the revolution were brainwashed to a complete and total blind loyalty, which included betrayal of friends, immediate family members and even parents. As a result of these circumstances, the Cuban parents became concerned about the future of their children and decided that the time had come to make arrangements to get their offspring out of the island. It is because of this movement that my family worked behind the scenes to make sure that I could migrate to the USA by myself.*” MATAMARA, Jesus. Testimony. *Miami Herald*. Miami, may 20, 2010. Disponível em: <<http://pubsys.miamiherald.com/cgi-bin/pedropan/profile/3720/story>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

<sup>350</sup> Do original: “*The way the government was overtaking and making schools indoctrinate the children to be socialist and communist, and even not to believe in God, made my parents very weary of the situation. They would sent us to a private tutor so we wouldn’t fall behind in our studies, something that if we would have been caught doing, they would have been severely punished by the government. I remember we would go to the tutor’s house where we and other children of all ages would receive lessons in grammar, mathematics, social studies, history, and other essential subjects.*” AGUILAR, Sarah. Testimony. *Miami Herald*. Miami, nov. 18, 2009. Disponível em: <<http://pubsys.miamiherald.com/cgi-bin/pedropan/profile/6485/story>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

<sup>351</sup> Do original: “*As part of the lower middle-class of Havana, we stood to gain from the changes the revolution was bringing. And as Christians we were sensitive to the social issues of our country. But the purity of the Catholic ideology that filled my house—and the rejection of Communism that was an essential element of that ideology—won out over the dazzling, seductive lights of the revolution and its banners of national dignity and social justice.*” LÓPEZ VIGIL, María. *Cuba: Neither Heaven nor Hell*. Washington, D.C.: EPICA, 1999, p. 7.

A opinião de boa parte dos pais cubanos católicos acerca da construção do socialismo foi gestada, inevitavelmente, por pedaços recolhidos do que outros relataram e do que eles mesmos puderam imaginar que ocorreria, afinal, nenhuma criança até então havia sido sequestrada pelo Estado de qualquer família cubana. Tudo indica ter havido em seus julgamentos interferência dos mitos definidos por sua cultura, fazendo-os julgar, a partir deles, as experiências iniciais do projeto revolucionário com base no depósito de estereótipos sobre o comunismo acumulados e fortalecidos por tal cultura. Pois, do ponto de vista de Walter Lippmann,

as mais sutis e difundidas de todas as influências são aquelas que criam e mantêm o repertório de estereótipos. Conta-nos sobre o mundo antes de nós o vermos. Imaginamos a maior parte das coisas antes de as experimentarmos. E estas preconcepções, a menos que a educação nos tenha tornado mais agudamente conscientes, governam profundamente todo o processo de percepção. Eles marcam certos objetos como familiar ou estranho, enfatizando a diferença, de forma que o levemente familiar é visto como muito familiar...<sup>352</sup>

Os sistemas de estereótipos podem ser as bases da tradição pessoal, as defesas da posição do indivíduo na sociedade. Os pais cubanos possuíam uma imagem do mundo mais ou menos ordenada e consistente, onde os seus hábitos, gostos, capacidades, confortos e esperanças se ajustavam. A forma como o mundo é imaginado determina num momento particular o que os homens farão. O que cada homem faz está baseado não em conhecimento direto e determinado, mas em imagens feitas por ele mesmo ou transmitidas a ele. Naquele mundo, as pessoas e as coisas possuíam seus lugares bem conhecidos, e se comportavam de forma previsível. Ali era estabelecido o normal, o seguro. Então veio a Revolução. E ela configurou um distúrbio nos estereótipos, parecendo ser um ataque aos fundamentos da sociedade. Grandes fatores pareciam estar em risco: suas posições na sociedade, seus entendimentos em relação ao conceito de família, sua ideologia e sua religião.

Os estereótipos “estão, portanto, altamente carregados com os sentimentos (...). São as fortalezas de nossa tradição, e, atrás de nossas defesas, podemos continuar a sentir-nos seguros na posição que ocupamos”.<sup>353</sup> Eles estão carregados de preferência, cobertos de afeto ou aversão, ligados aos temores e à esperança.<sup>354</sup> E à medida que a Revolução se aprofundava cada vez mais na sociedade cubana, as crianças e seus pais geralmente reagiam de maneira diferente às mudanças. Uma Pedro Pan refletiu mais tarde: “Uma revolução varre todos os

---

<sup>352</sup> LIPPMANN, Walter. *Opinião Pública*. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 91.

<sup>353</sup> *Ibidem*, p. 97.

<sup>354</sup> *Ibidem*, p. 115.

valores anteriores. E [nossos pais] queriam que fôssemos como eles. Eles sabiam que se ficássemos, seríamos diferentes. Então, foi por isso que nos mandaram embora de Cuba.”<sup>355</sup>

Esses pais, ao longo de suas vidas, ouviram histórias sobre a situação das crianças no comunismo, sejam referentes à Guerra Civil Espanhola, com as quais estavam mais familiarizados, sejam referentes aos regimes de esquerda no Leste Europeu. Uma ideia vaga frequentemente tem o poder de unificar profundamente as opiniões sentidas, mesmo sem o contato pungente com os fatos de que elas afirmam tratar. O relato do acontecimento fora da visão e da audição, num lugar onde nunca se esteve, não pode e nunca poderá ter todas as dimensões da realidade. Todavia, ele pode despertar todas – e algumas vezes até mais – emoções.<sup>356</sup> Essas imagens construídas pelos pais com base nas informações disponíveis pareceram encontrar correspondência na realidade quando eles viram a reforma educacional, os intercâmbios culturais com países comunistas, a militarização dos jovens e a perseguição aos religiosos. Uma ideia até então de ordem especulativa assumiu alguma corporificação externa, penetrando na consciência geral daquela comunidade.<sup>357</sup>

A questão da suposta “lei” foi um poderoso fator para a exacerbação de um clima geral de incerteza entre alguns cubanos já preocupados com o ritmo de reforma e mudança social em curso. Isso levou setores mais conservadores da sociedade cubana a temer o futuro, à medida que a Revolução evoluiu rapidamente muito além dos objetivos iniciais de dismantelar o aparato repressivo de Batista.<sup>358</sup> A propaganda cumpriu o seu papel na criação de atmosfera de insegurança, pois, como observou Jacques Ellul, “a propaganda pode transformar qualquer coisa em problemas dramáticos”<sup>359</sup>. Uma campanha cuidadosamente engendrada de boatos e inverdades sobre um aspecto específico da sociedade, em um momento de condições favoráveis, poderia ter um impacto maior que o lançamento de bombas.

Ela deve ser planejada de acordo com as idiossincrasias do público-alvo, caso queira ter alguma efetividade. É preciso compreender o povo, seu caráter e suas circunstâncias, e, então, alvejar os pontos fracos que comprometerão sua confiança.<sup>360</sup> E isso, não resta dúvida, foi posto em prática com as propagandas envolvendo as crianças cubanas e a *Pátria Potestad*. Ainda assim, não se deve sobrestimar a capacidade da propaganda nessa ocasião. Ela é apenas

---

<sup>355</sup> GONZÁLEZ, Flora. *Del Otro Lado del Cristal*. Direção: Guillermo Centeno, Marina Ochoa, Manuel Pérez, Mercedes Arce. Produção de Santiago Llapur. ICAIC. Cuba, 1995, 1 DVD (54 min).

<sup>356</sup> LIPPMANN, Walter. *op. cit.*, p. 185.

<sup>357</sup> *Ibidem*, p. 156.

<sup>358</sup> SHNOOKAL, Deborah. *op. cit.*, p. 126.

<sup>359</sup> ELLUL, Jacques. *op. cit.*, p. 118.

<sup>360</sup> VENCIANA, Antonio. *op. cit.*, p. 90.

uma parte numa rede complexa de pressão sobre as atitudes dos cubanos. Pode-se subscrever, a esse respeito, Karlins e Abelson citando uma obra de Klapper:

Existe uma semelhança chocante entre o papel da informação e o papel da comunicação de massa, como a televisão e os jornais, no que diz respeito às atitudes e às opiniões. O resumo feito por Klapper em 1960 sobre os efeitos da mídia de massa é tão aceito hoje quanto na época em que foi apresentado por ele: a televisão, os jornais e as revistas reforçam os pontos de vista que o auditório já adotou... As mídias, por si próprias, raramente levam, senão nunca, a uma modificação da opinião sobre um ponto de vista adverso.<sup>361</sup>

O julgamento final dos pais, eventualmente, pode ter sido feito com base em seus códigos morais e filosóficos, assim como em seus sentimentos diante das agitações políticas do momento.<sup>362</sup> Os sistemas de valores, propõe Duroselle, são uma das grandes forças que agem sobre as comunidades humanas. “São ideias ou sistemas de ideias pelos quais, com maior ou menor entusiasmo, o homem está pronto para sacrificar seu interesse pessoal: seu dinheiro, seu conforto, até a sua vida”<sup>363</sup>. O comunismo, como já fora mencionado, era interpretado como um ataque direto a esses sistemas de valores. O impacto em Cuba da propaganda da Guerra Fria sobre sua ação sobre a família e as campanhas de boatos acerca da eliminação da autoridade parental podem ter sido significativas em manipular as ansiedades dos pais e em convencê-los a mandar seus filhos para fora do país.

Mas, provavelmente, os pais tiveram motivos variados para optarem pelo exílio dos filhos. Muitos jovens haviam sido ativos em atividades antigovernamentais, tendo alguns deles, inclusive, sido presos. Membros de grupos juvenis católicos, a maioria dos quais apoiaram ativamente o movimento antiBatista, agora atuavam na oposição ao novo governo. A Igreja forneceu a eles uma estrutura organizacional e ideológica para suas atividades anticomunistas, bem como uma “alternativa doutrinal”. Estudantes católicos estavam entre os ativistas anticomunistas mais militantes e lideraram, por exemplo, os protestos contra a visita do vice-primeiro-ministro soviético Anastas Mikoyan, em fevereiro de 1960. Temendo o envolvimento dos filhos na contrarrevolução, muitos pais optaram pela emigração. Havia, adicionalmente, aqueles pais que buscaram poupar seus filhos das consequências de sua própria atuação nos movimentos de oposição. É comum, entre os relatos dos Pedro Pan, a memória de irem se despedir da família nas prisões do governo, tema explorado mais adiante.

---

<sup>361</sup> Karlins, M.; Abelson, L. *apud* DUROSELLE, Jean-Baptiste. *op. cit.*, p. 214.

<sup>362</sup> LIPPMANN, Walter. *op. cit.*, p. 86.

<sup>363</sup> DUROSELLE, Jean-Baptiste. *op. cit.*, p. 178.

De volta aos valores, os contornos do imaginário anticomunista construído por esses pais eram expressos em termos ético-morais: lícito e ilícito, bem e mal, amor e ódio, certo e errado, natural e antinatural, divino e diabólico, implicando uma avaliação crítica das ações empreendidas pelos comunistas e do projeto de sociedade por eles defendido, oposto àquele da Igreja.<sup>364</sup> Na identidade atribuída aos comunistas pelos pais católicos, destacavam-se três violações de direitos naturais, para eles inquestionáveis, pois seriam anteriores à sociedade civil e ao Estado: o direito à propriedade, o direito à família e o poder parental. Toda documentação analisada do discurso católico acerca dos comunistas qualificava-os como inimigos, contrários à moral cristã, orientados por sentimentos irracionais, cujo objetivo era a destruição das instituições vigentes e dos costumes tradicionais; indivíduos marcados fundamentalmente pela maldade.

Por esse prisma, o avanço comunista seria orientado por etapas, sendo a primeira – e a mais importante – a destruição dos sentimentos religiosos e familiares, almejando o enfraquecimento das resistências morais.<sup>365</sup> Dario Muro recorda-se do crescente abismo ideológico dividindo sua família: “Testemunhar tal caos endureceu minha determinação de não seguir um sistema que causava tanto dano à coesão familiar.”<sup>366</sup> O periódico brasileiro *Jornal do Dia* sintetizou bem os objetivos dos comunistas com base nesse tipo de imaginário:

Destruição do matrimônio como vínculo estável; promiscuidade das relações sexuais; os filhos pertencem ao Estado e este os toma a seu cargo; controle dos nascimentos por necessidade do Estado; liberdade para a prática de meios anticoncepcionais; destruição de todo o sentimento familiar mediante a educação.<sup>367</sup>

A temática moral ocupou papel destacado na construção do imaginário anticomunista de muitos pais dos Pedros Pans. Nesse caso, a influência do discurso religioso foi marcante, pois a concretização do comunismo na sociedade demandaria a corrupção dos costumes e afastaria os ensinamentos da moralidade cristã, destruindo a família – esta, para os cristãos, a base da religião e da própria sociedade<sup>368</sup>. O programa comunista preveria reformas visando a corromper a juventude e a demolir as noções de decência e comedimento, investindo também

<sup>364</sup> RODEGHERO, Carla Simone. *O diabo é vermelho: imaginário anticomunista e Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1945-1964)*. Passo Fundo: UPF, 2003, p. 29.

<sup>365</sup> *Ibidem*, p. 39.

<sup>366</sup> MURO, Dario. Testimony. *Miami Herald*. Miami, feb. 28, 2011. Disponível em: <<http://pubsys.miamiherald.com/cgi-bin/pedropan/profile/13016/story>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

<sup>367</sup> RODEGHERO, Carla Simone. *op. cit.*, p. 70.

<sup>368</sup> MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. Niterói: Eduff, 2020, p. 89.

contra a hierarquia tida como natural, pois questionava o poder paterno dentro do núcleo familiar e do homem na sociedade. Assim,

O Estado comunista propunha-se a substituir parte do trabalho doméstico, abrindo creches, escolas e cozinhas coletivas. No fundo, os governantes comunistas pretendiam retirar da família sua razão de ser básica, na medida em que as crianças estariam, do berço até a idade de entrar no mundo do trabalho, sob os cuidados do Estado.<sup>369</sup>

Por conseguinte, as crianças eram tidas como as maiores vítimas da degradação moral, cujo destino poderia ser terrível se submetidas a viver sob o domínio do Estado comunista. Elas seriam arrancadas do convívio familiar para serem doutrinadas e transformadas em “monstros”. “Toda geração nova do mundo comunista está sendo cientificamente bestializada, de modo que não somente desejarão matar, mas também terão prazer em fazê-lo. Se for necessário, mutilarão e trucidarão...”<sup>370</sup>. Sob os cuidados do governo, receberiam educação promíscua, podendo se tornar prostitutas ou mães muito cedo, conforme notícias da URSS acerca da precocidade maternal das meninas naquele país.

O tema da infância no mundo comunista foi objeto de inúmeras propagandas políticas dentro e fora de Cuba. É possível supor que a predileção por essa temática revelava o objetivo subjacente de tocar num ponto de forte sensibilidade humana. O “caráter maligno” dos comunistas seria facilmente identificado quando evidenciado que eles eram supostamente capazes de retirar as crianças do conforto do lar para maltratá-las e transformá-las em escravas a serviço de sua causa.

Com efeito, a nova cultura política de uma cidadania participativa, retirando dos lares as mulheres e adolescentes desafiou os papéis tradicionais de gênero e família. O incentivo do governo para uma maior participação da sociedade na vida econômica provocou interpretações acerca de uma possível destruição do núcleo familiar e de uma suposta incapacidade das “mulheres revolucionárias” em proteger os seus filhos do regime.<sup>371</sup> De repente, como explicou um emigrante, “uma mudança brutal ocorreu em nossas vidas. Nossas instituições democráticas, religiosas e culturais foram esmagadas da noite para o dia. Havia uma completa desunião na família cubana”<sup>372</sup>.

<sup>369</sup> *Ibidem*, p. 92.

<sup>370</sup> SCHWARZ, Fred. *Você pode confiar nos comunistas (...eles são comunistas mesmo!)*. São Paulo: Dominus, 1963, p. 36.

<sup>371</sup> MORENO, José A., From Traditional to Modern Values, In: MESA-LAGO, Carmelo, ed., *Revolutionary Change in Cuba*. Pittsburgh: University of Pittsburgh, 1971, p. 46.

<sup>372</sup> FAGEN, Richard R. et al. *Cubans in Exile: Disaffection and the Revolution*. Stanford: Stanford University, 1968, p. 87.

Os Estados Unidos investiram bastante em explorar esse cenário na construção das propagandas divulgadas no exterior, principalmente na América Latina. Um exemplo disso foram os *cartoons Historietas del Mundo Libre*, sendo a história mais significativa, do ponto de vista dos objetivos deste trabalho, a chamada *Los Secuestradores*. Milhares de cópias das *Historietas* foram distribuídas em todos os países das Américas Central e do Sul pela USIS, entre 1961 e 1964, no âmbito do *The Cartoon Book Program in Latin America*. Em alguns lugares, os livros eram oferecidos gratuitamente em lojas, bancas, supermercados, cinemas, eventos públicos patrocinados e igrejas. Em outros, eram vendidos junto a outras histórias em quadrinhos.

Em *Los Secuestradores*, a primeira página marca o tom utilizado em todo o livro. A capa é composta por um menino assustado diante de uma sombra, claramente fazendo alusão a Fidel Castro, e o seguinte texto:

*¿Podrías imaginar la angustia de los padres a cuyos hijos se les enseña a traicionarlos? ¿Podrías concebir el tormento de quienes padecen el constante temor de que les arrebaten sus hijos? Luis e Linda son víctimas de este terror porque viven bajo la sombra amenazante de ¡LOS SECUESTRADORES!*<sup>373</sup>

O livro narra a história de Pablito em sua nova escola construída pelo Estado, após o triunfo da Revolução Cubana. Na sala, um retrato enorme de Fidel Castro é disposto ao lado do quadro negro, e a professora pede, como recompensa pelo bom comportamento da classe, que eles orem a Deus por sorvetes. Após um período orando sem obter resultado, a professora pede para que orem a Fidel Castro; imediatamente, então, uma pessoa distribuindo sorvetes percorre toda a sala. Ela, em seguida, explica: *Bueno, le han pedido a Dios y no han aparecido los helados. ¿Por qué? ¡Porqué Dios no existe! (...) Ya lo ven. ¡No pueden confiar en Dios, pero sí pueden confiar en Fidel!*<sup>374</sup>

Em casa, ao contar aos pais o ocorrido, o avô conclui que todos os menores seriam convertidos em “*esclavos de los rojos*”. Pablito o escuta e ameaça denunciar sua própria família na escola, pois havia sido instruído a reportar às autoridades caso se deparasse com algum ato contrarrevolucionário. Após ir dormir, o avô explica aos pais de Pablito que estão envenenando a cabeça das crianças contra a própria família e que o mais correto é tirá-lo de Cuba. Ele relata ter Armando Hart, o Ministro da Educação, feito um discurso anunciando que todas as crianças seriam educadas segundo os princípios de Marx e Lenin; relata também que

<sup>373</sup> Uma cópia da história compõe os anexos deste trabalho. LOS SECUESTRADORES. Washington, D.C.: Manuscripts Collection, Georgetown University Library, Booth Family Center for Special Collections, no date, p. 1.

<sup>374</sup> LOS SECUESTRADORES. *op. cit.*, p. 5.

o governo formou brigadas de jovens para dar instruções militares, apoderou-se de todas as escolas privadas e, finalmente, os livros utilizados nas classes haviam sido escritos por professores por trás da cortina de ferro, adaptando as lições aos ideais comunistas. E prosseguiu:

*Con qué crueldad Castro está tratando de convertir a nuestros hijos en comunistas... ¡Hace poco, cientos de huérfanos de la casa de Beneficencia fueron metidos en camiones! (...) ¡No me sorprendería si fueran enviados a una granja colectiva en Rusia, según el plan que Castro anunció!*<sup>375</sup>

Em seguida, o avô recorda à mãe acerca da construção dos *Círculos Infatiles*, onde as crianças com até três anos estavam sujeitas a doutrinação comunista, e da história das mães em Bayamo, que assinaram um pacto para matar seus filhos em vez de entregá-los a Castro. Linda, mãe de Pablito, então, pondera: *No quiero que mi Pablito caiga en las garras de los secuestradores castristas.*<sup>376</sup> A família, por fim, decide pela emigração para “salvá-lo” do comunismo.

É interessante observar como a história em quadrinhos tinha a intenção de provocar um tipo particular de inferência, dado que reforçava todos os rumores circulando em Cuba sobre o destino das crianças em face da construção do socialismo. As imagens têm sido uma maneira segura de transmitir ideias, segundo Lippmann.<sup>377</sup> Chartier formulou algo semelhante ao dizer que “as formas produzem sentido”<sup>378</sup>. O fato de a narrativa ser uma história em quadrinhos, acompanhada de ilustrações, tornava-a mais atraente para os leitores. O conteúdo das legendas e a força das imagens destacavam claramente a mensagem anticomunista. Além disso, trazia elementos importantes desse tipo de imaginário: a ideia dos comunistas como sequestradores de crianças e inimigos da hierarquia familiar, como agentes da escravização do povo e como contrários ao “princípio da verdadeira autoridade” por serem ateus.

A antítese das imagens *luz e trevas* foi também utilizada desde a primeira página, onde Fidel Castro é apresentado apenas como uma sombra aterrorizando o menino, essencialmente o ligando à imagem do “mal”. As características apresentadas sobre o governo denotam uma concepção maléfica das ações comunistas, como causadoras de miséria e escravidão. Chama ainda atenção a ideia da criança como delatora da família como o caso notório de Pavlik Morozov na União Soviética. O *cartoon*, em suma, apresentava a violação comunista de três valores fundamentais para os católicos: a família, a liberdade e a religião. Representava o

<sup>375</sup> *Ibidem*, p. 11.

<sup>376</sup> *Ibidem*.

<sup>377</sup> LIPPMANN, Walter. *op. cit.*, p. 152.

<sup>378</sup> Conferir: CHARTIER, Roger. *A História Cultural. Entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

esforço de convencer a sociedade da necessidade de não apenas refutar, como também combater o comunismo.

Sua distribuição no exterior visava a alertar a opinião pública mundial para as consequências da adoção do comunismo como regime político e da escolha ideal a ser feita por todos na América Latina, isto é, apoiar as medidas adotadas pelos Estados Unidos contra Cuba e, ao mesmo tempo, optar por continuar sob sua esfera de influência. Além de *Los Secuestradores*, faziam parte dos livros em quadrinhos anticomunistas distribuídos: *El Despertar*, *La Traición*, *La Estafa*, *La Puñalada*, *La Mordaza*, *Los Explotadores*, *Escuela de Traidores* e *La Tierra Es Nuestra*.<sup>379</sup>

Em contrapartida, o anticomunismo em Cuba, sobretudo na opinião do governo e de seus apoiadores, era considerado um fator de divisão, com o potencial de debilitar a unidade necessária ao combate ao inimigo estrangeiro. Pois, *¿Qué hubiera sido de Cuba y su Revolución si los rusos no nos envían petróleo? ¿Qué sería de nuestro pueblo, Si ahora mismo los países socialistas no compraran el azúcar a cuatro centavos?*<sup>380</sup>. No momento de maior austeridade econômica, o socorro havia vindo do Leste. Os Estados Unidos insistiam em uma guerra político-econômica sem tréguas, sem distinguir entre comunistas e anticomunistas, adultos e crianças, agredindo a todos, sem exceção.

Embora as ideias socialistas sobre a vida familiar tenham sido historicamente complicadas, Castro, em algumas ocasiões, tentando acalmar os rumores de sequestro de bebês, lembrou aos cubanos o fato de os revolucionários também terem filhos e de não haver qualquer contradição entre ser comunista e um pai amoroso.<sup>381</sup> Não parecia fazer sentido para os cubanos que os Estados Unidos se preocupassem tanto com as crianças cubanas quando suas próprias crianças negras precisavam de auxílio por serem discriminadas e, até mesmo, assassinadas.

A Guerra Fria, em suma, operava tanto em níveis formais como familiares, pois as nações eram, como também são agora, julgadas por sua capacidade de prover aos seus cidadãos uma infância normal e saudável. Quando as forças antiCastro plantaram rumores de que as crianças seriam nacionalizadas como os engenhos de açúcar, a propaganda anticomunista questionou a capacidade de Cuba de promover uma infância adequada para elas. De modo semelhante, quando Fidel Castro expôs a situação dramática das crianças negras nos Estados Unidos, ele igualmente questionou a capacidade daquele país em propiciar

<sup>379</sup> Todos estão disponíveis para leitura nas coleções digitais da Library of Georgetown University, especificamente na coleção “*Alliance for Progress Cartoon Book*”.

<sup>380</sup> LLADA, Jose Pardo. Sobre el anti-comunismo. *Bohemia*. La Habana, 22 ene. 1961, p. 79.

<sup>381</sup> DUBINSKY, Karen. *op. cit.*, p. 29.

uma infância feliz para os seus próprios cidadãos. As palavras, em si, não cristalizam sentimentos aleatoriamente. Elas precisam ser faladas por pessoas estrategicamente posicionadas, e precisam ser expressas no momento oportuno. E, naquele momento, de convulsão social em Cuba, elas eram empregadas com a intenção de fazer com que os sentimentos fluíssem ou em direção à emigração ou em direção ao apoio de uma maior radicalização do regime cubano.

### CAPÍTULO 3

#### ARQUEOLOGIA DA OPERAÇÃO PEDRO PAN

Fidel Castro não anunciou oficialmente sua adesão ao marxismo-leninismo por vários meses após o triunfo da Revolução, tendo começado a remodelar Cuba nessa linha ideológica a partir de meados de 1960.<sup>382</sup> Durante essas reformas, a composição dos exilados, bem como sua condição, mudou significativamente. Não mais limitados a ex-funcionários de Batista, eles representavam um segmento mais amplo da população e estavam fugindo não por causa da deposição do ditador, mas, em grande medida, por causa da imposição de um sistema político de esquerda. Apesar das imagens negativas do comunismo impregnadas no imaginário dos cubanos de classe alta e média, seria temerário supor que esse era o único motivo. O exílio autoimposto, conforme argumentam Fagen, Brody e O'Leary, surge da confluência de pelo menos quatro fenômenos: (1) a percepção das condições de vida como intoleráveis ou prestes a se tornarem assim, (2) a atribuição desse estado de coisas ao regime no poder, (3) a capacidade de conceber um local alternativo de residência e um meio para chegar até lá, e (4) a existência de tal alternativa.<sup>383</sup>

Os Estados Unidos logo se apresentaram como esse local de refúgio quando teve lugar o acirramento dos conflitos entre os dois países. E, como Miami era a porta de entrada mais acessível para os imigrantes, as agências de serviço social na área experimentaram um fluxo constante deles, vindos sem quaisquer condições de automanutenção, sobrecarregado os serviços assistenciais. O Departamento de Estado ponderou, sem demora, sobre a necessidade

---

<sup>382</sup> No âmbito político, no fim do primeiro ano do novo governo, as liberdades individuais já tinham sido restringidas, os partidos foram temporariamente proscritos e o controle sobre os negócios privados foi acentuado. A URSS e a China acompanharam com certa distância os primeiros embates entre Cuba e os Estados Unidos, terminando o ano com um interesse mais aguçado pela América Latina. Proporcionalmente, o regime dava sinais de querer uma maior autonomia diplomática para se relacionar com esses países. A nomeação de Miró Cardona, um dos políticos mais pró-EUA de Cuba, para o cargo de primeiro-ministro, no início do governo, foi contrabalanceada com a expulsão do presidente Urrutia, que protestou contra a crescente influência comunista. Em seu lugar, assumiu o comando do país Osvaldo Dorticós, membro do PSP desde 1953. O poder de Raúl Castro aumentou com a criação do Ministério das Forças Armadas Revolucionárias. Che Guevara, notadamente marxista, ocupou por um bom tempo uma posição de destaque no Instituto de Reforma Agrária e, depois, tornou-se Presidente do Banco Nacional. Além disso, muitas outras funções governamentais importantes foram sendo rapidamente absorvidas por líderes da esquerda, como é o caso do Ministério do Trabalho, Ministério para a Recuperação de Bens Adquiridos Ilegalmente e o Ministério da Construção. O órgão oficial do governo, o *Revolución*, desde junho mostrou-se bastante interessado em acompanhar com proximidade os acontecimentos na URSS. Enquanto isso, Castro assumia uma posição antiEUA cada vez mais forte, criticando-os abertamente em recorrentes vezes ao longo do ano. FRANQUI, Carlos. *Retrato de Família com Fidel*. Rio de Janeiro: Record, 1981, p. 57.

<sup>383</sup> FAGEN, Richard R.; BRODY Richard A.; O'LEARY, Thomas J. *Cubans in Exile: disaffection and Revolution*. Redwood City: Stanford University, 1968, p. 101.

de uma resposta adequada a ser dada pelo governo, pois isso “refletiria crédito” sobre as ações dos Estados Unidos frente às “vítimas da opressão de Castro”<sup>384</sup>.

Desde o início, os formuladores de políticas de Washington reconheceram o importante papel dos exilados cubanos na construção da opinião pública da América Latina e do mundo acerca do comunismo na ilha. O retrato das crianças como “vítimas indefesas do terrorismo” poderia ser um foco particularmente eficaz para “fazer o mundo escolher o lado antiCastro”. O objetivo fundamental da propaganda veiculada deveria ser o de demonstrar “a regra de que, quando têm chance, os povos geralmente fogem em direção à liberdade e para longe do comunismo”.<sup>385</sup>

Isso posto, o objetivo primordial deste capítulo será entender, finalmente, como a Operação Pedro Pan se desenvolveu para, posteriormente, ser possível verificar de que modo se deu sua instrumentalização nas políticas de hostilidades nos campos diplomático e ideológico dos Estados Unidos e de Cuba. Tentando mapear sua importância na história dos conflitos entre os dois países, num primeiro momento, a ênfase será dada aos episódios desenvolvidos nos Estados Unidos com o apoio do Departamento de Estado e da Igreja Católica para retirar as crianças da ilha. Num segundo momento, o foco será direcionado ao desenvolvimento da Operação em Cuba e em sua estreita relação com os movimentos anticomunistas de oposição ao governo. Esse balanço se mostra incontornável para apreender, ulteriormente, tanto o choque de versões quanto os usos políticos de que a Operação tem sido alvo ao longo de toda a Guerra Fria.

### 3.1 – A Operação Pedro Pan e a Guerra Fria nos Estados Unidos

A política voltada para os refugiados nos últimos meses do governo Eisenhower, e ampliada na administração Kennedy, via os cubanos como vítimas do comunismo soviético e, portanto, uma responsabilidade nacional. O deputado republicano Walter H. Judd, em maio de 1959, já havia posto o tapete de boas-vindas a eles quando afirmou que: “Todo refugiado que sai [de Cuba] é um voto pela nossa sociedade e um voto contra a sociedade deles”<sup>386</sup>. Dois

<sup>384</sup> DILLON, C. Douglas. *Memorandum of a Conversation, Department of State*. Washington, November 1, 1960. Disponível em: <<https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1958-60v06/d603>>. Acesso em: 31 jan. 2022.

<sup>385</sup> SMITH, Earl E. T. *Memorandum from the Assistant Secretary of State for Policy Planning (Smith) to the Secretary of State*. Washington, July 13, 1960. Disponível em: <<https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1958-60v06/d555>>. Acesso em: 2 ago. 2022.

<sup>386</sup> JUDD, Walter H. In: MASUD-PILOTO, Roberto. *From Welcomed Exiles to Illegal Immigrants: Cuban Migration to the U.S., 1959–1995*. Lanham, MD: Rowman and Littlefield, 1996, p. 33.

dias antes de ser sucedido na presidência, Eisenhower manifestou esperanças na receptividade dos estadunidenses, como havia ocorrido em relação aos refugiados húngaros há 4 anos<sup>387</sup>, pois isso favoreceria a imagem do país em sua batalha ideológica global.

A colônia cubana já estabelecida nos Estados Unidos vinha fazendo um trabalho substancial de absorver seus conterrâneos em suas casas e onde fosse possível alojá-los desde o início do fluxo. Quando essa opção se esgotou, eles se voltaram para a Igreja a fim de solicitar ajuda. O principal canal para esse apoio foi o Centro Hispano-Católico, uma agência criada, em 1959, pelo bispo Coleman F. Carroll<sup>388</sup>, da recém-formada Diocese de Miami. Logo, contudo, a onda de refugiados entrando no país diariamente mostrou-se além da capacidade das subfinanciadas agências voluntárias de serviço social do Estado. Suas dificuldades tornaram-se ainda mais agudas quando se constatou a existência de crianças desacompanhadas entre os imigrantes.

Ficou clara, a partir disso, a necessidade da criação de uma comissão, com a cooperação de Carroll, para requerer ajuda do governo federal. Em 24 de outubro de 1960, a Casa Branca realizou uma reunião para discutir a situação dos refugiados cubanos. O relatório da reunião contém o primeiro registro do governo acerca do problema dos menores cubanos:

Aparentemente, há muitas crianças desacompanhadas no grupo de 5.000 menores. É relatado que este problema deve se tornar mais grave, já que planos estão sendo desenvolvidos pelo regime de Castro para pôr as crianças sob a custódia do Estado. A maioria delas foi enviada para amigos ou família nos Estados Unidos. No entanto, sabe-se que alguns estão perambulando pelas ruas da comunidade cubana, dependendo da simpatia das pessoas que encontram em busca de comida e abrigo.<sup>389</sup>

---

<sup>387</sup> EISENHOWER, Dwight D. In: *Ibidem*, p. 32.

<sup>388</sup> Coleman Francis Carroll, filho de pais irlandeses, nasceu em Pittsburgh, na Pensilvânia, em 1905. foi ordenado sacerdote para a Diocese da mesma cidade em 1930. Em 1953, foi nomeado Bispo Auxiliar de Pittsburgh e Bispo Titular de Pitanae pelo Papa Pio XII. Em 1958, por sua vez, foi nomeado o primeiro bispo da recém-criada Diocese de Miami, na Flórida. Na época de sua chegada, a diocese compreendia dezesseis condados no sul do estado, com uma população católica de 185.000. Na época de sua morte, a arquidiocese era composta por oito condados e incluía 700.000 católicos, 127 paróquias, 500 padres e 750 freiras. Seu irmão mais novo, Walter Sharp Carroll, também um clérigo, trabalhou na Secretaria de Estado do Vaticano. Coleman morreu em 1977. ARCHBISHOP Carroll; was FLORIDA leader. *The New York Times*. New York, jul. 27, 1977, p. 18.

<sup>389</sup> Do original: “Apparently, there are many unattached children in the group of 5,000 minors. It is reported that this problem is expected to become more serious as plans are now being developed by the Castro regime to make children wards of the state. Most of the unaccompanied children were sent to family friends in the United States. However, it is reported that some are roaming the streets in the Cuban community depending upon the sympathy of persons they meet on the streets for food and shelter.” TORRES, Maria de Los Angeles. *The Lost Apple: Operation Pedro Pan, Cuban Children in the U.S., and the promise of a better future*. Boston: Beacon, 2003, p. 61.

Antes de deixar o poder, o presidente Eisenhower enviou Tracy Voorhees, com experiência no programa anterior de refugiados húngaros, para avaliar a situação de Miami. Como resultado de seu estudo, foi fornecida ajuda financeira do fundo de contingência do presidente sob o *Mutual Security Act*<sup>390</sup>, a ser gasta nos esforços feitos por quatro agências voluntárias – a *National Catholic Welfare Conference*, o *International Rescue Committee*, o *Church World Service*, e o *United HIAS Service*, criando-se ainda um Centro de Emergência para Refugiados Cubanos. Voorhees recomendou também o uso de fundos federais para ajudar "crianças refugiadas cubanas em extrema necessidade"<sup>391</sup>, conforme disposto em seu relatório.

Posteriormente, em fevereiro de 1961, o recém-empossado presidente Kennedy, sob aconselhamento de Ribicoff, ordenou o desenvolvimento de um programa ao *Department of Health, Education, and Welfare* (HEW) com o fim de atender às necessidades mínimas dos cubanos concernentes à subsistência diária, reassentamento, emprego, educação e saúde, e para garantir o cuidado e proteção de crianças desacompanhadas, definidas no relatório de Ribicoff como “o grupo mais indefeso e problemático entre a população refugiada”.

Sobre o programa, Kennedy declarou esperar que essas medidas fossem entendidas como uma “expressão imediata do firme desejo do povo dos Estados Unidos de prestar assistência tangível aos refugiados até o momento em que circunstâncias melhores lhes permitam retornar aos seus lares permanentes com saúde, confiança e orgulho intacto.”<sup>392</sup>

Nessa época, a estadia de cubanos nos Estados Unidos era encarada como temporária. Esperava-se que Fidel Castro logo seria removido do poder e todos poderiam voltar para a ilha. Em dezembro do mesmo ano, José Miró Cardona, líder da oposição ao governo de Cuba em Miami, falou sobre as crianças cubanas em sua audiência perante à subcomissão do senado que investigava a situação dos refugiados:

O problema das crianças é dramático. Algumas delas vieram sozinhas, enviadas pelos pais desesperados e colocadas à mercê do povo americano porque se recusam que elas sejam doutrinadas no marxismo. Eles preferem a dor da separação à sua sujeição à tirania comunista.<sup>393</sup>

<sup>390</sup> *Mutual Security Act* de 1951 lançou um importante programa americano de ajuda externa a ser desenvolvido entre 1951 e 1961, de doações para vários países. Ele substituiu amplamente o Plano Marshall. O objetivo principal era ajudar os países pobres a se desenvolverem e conter a disseminação do comunismo. Foi assinado em 10 de outubro de 1951, pelo presidente Harry S. Truman. THE UNITED STATES OF AMERICA. *Public Law 165*. Washington, oct. 10, 1951. Disponível em: <<https://www.govinfo.gov/content/pkg/STATUTE-65/pdf/STATUTE-65-Pg373.pdf>>. Acesso em: 13 out. 2022.

<sup>391</sup> WALSH, Bryan O., Cuban Refugee Children. *Journal of Inter-American Studies and World Affairs*. Coral Gables, vol. XIII, p. 378-415, July/October, 1971.

<sup>392</sup> TEXT of Kennedy Plan on Cuba Refugees. *The New York Times*. New York, feb. 4, 1961, p. 2.

<sup>393</sup> CARDONA, José Miró. *Statement of Dr. José Miró Cardona, chairman, Cuban revolutionary council, Miami, FLA*. In: Hearings before the Subcommittee to investigate problems connected with refugees and

O financiamento e a administração da ajuda aos cubanos passaram por uma série de modificações, recorrendo a três diferentes leis. O plano de assistência do presidente Eisenhower do início de janeiro de 1961 foi definido com base no *Mutual Security Act* de 1954, que também foi o resguardo da extensão realizada por Kennedy até o final do ano fiscal (30 de junho de 1961). Durante o ano fiscal de 1962, o financiamento do fundo de contingência foi autorizado pelo *Foreign Assistance Act* de 1961<sup>394</sup>. Finalmente, uma nova lei de migração foi aprovada em junho de 1962, o *Migration and Refugee Assistance Act*<sup>395</sup>, e com o seu respaldo foi estabelecida a quantia para o ano fiscal de 1963. Dentro do próprio HEW, o *Bureau of Family Assistance* supervisionava o auxílio financeiro, e o *Children's Bureau* administrava o Programa da Criança Cubana em nível federal.<sup>396</sup> O governo o financiou por meio de pagamentos diários com base em reembolso, isto é, as agências ofereciam os cuidados e depois eram ressarcidas. Ao determinar o valor pago, a HEW considerava os custos de alimentação e cuidados básicos, roupas, assistência médica, material escolar, despesas extras, serviços de assistência social e despesas administrativas.<sup>397</sup>

O refugiado cubano elegível para o programa deveria ser: (1) cidadão de Cuba vivendo na área de Miami ou em outra área como resultado de reassentamento do programa; (2) alguém que houvesse saído de Cuba em ou depois de 1º de janeiro de 1959; e (3) alguém com identificação do Serviço de Imigração e Naturalização dos Estados Unidos que estivesse (a) em *parole*, sob a seção 212(d)(iv) do *Immigration and Nationality Act*<sup>398</sup>, ou (b) fosse um estrangeiro com saída voluntária indefinida, ou (c) um estrangeiro residente permanente dos Estados Unidos. A qualquer pessoa poderia ser negada assistência se o diretor do centro a entendesse como “inimigo dos interesses do país”.<sup>399</sup>

Já a criança cubana refugiada foi definida como "uma criança na área de impacto de Miami no momento de início do programa, cujo pai ou parente não pode garantir seus cuidados, precisando de um lar temporário, e atendendo à definição de refugiado conforme

---

escapees of the committee on the judiciary United States Senate. December, 6, 1961. Disponível em: <<https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=umn.31951p00757997w&view=1up&seq=1>>. Acesso em: 19 out. 2022.

<sup>394</sup> THE UNITED STATES OF AMERICA. *Public Law 87-194*. Washington, sep. 01, 1961. Disponível em: <<https://www.govinfo.gov/content/pkg/STATUTE-75/pdf/STATUTE-75-Pg424-2.pdf#page=1>>. Acesso em: 13 out. 2022.

<sup>395</sup> THE UNITED STATES OF AMERICA. *Public Law 87-510*. Washington, jun. 28, 1962. Disponível em: <<https://www.govinfo.gov/content/pkg/STATUTE-76/pdf/STATUTE-76-Pg121.pdf>>. Acesso em: 13 out. 2022.

<sup>396</sup> TRIAY, Víctor Andres. *Fleeing Castro: Operation Pedro Pan and the Cuban Children's Program*. Gainesville: University Press of Florida, 1998, p. 47.

<sup>397</sup> *Ibidem*, p. 50.

<sup>398</sup> THE UNITED STATES OF AMERICA. *Immigration and Nationality Act*. Washington, jun. 27, 1952. Disponível em: <<https://www.govinfo.gov/content/pkg/COMPS-1376/pdf/COMPS-1376.pdf>>. Acesso em: 13 out. 2022.

<sup>399</sup> THOMAS, John F., *op. cit.*, p. 1-20.

definido pelo governo federal."<sup>400</sup> Walsh ainda distinguia cuidadosamente os cubanos de outros “exilados políticos” da América Latina, pois, em sua interpretação, diferente de outros, a situação cubana era “parte de uma conspiração mundial para destruir a liberdade religiosa e civil”<sup>401</sup>.

Nunca antes na história da imigração nos Estados Unidos, o acolhimento de crianças e adolescentes refugiados fora financiado pelo governo. Programas anteriores para esse público haviam sido apoiados apenas por organizações privadas, grupos de igrejas e doações individuais. Durante a Segunda Guerra Mundial, por exemplo, eles forneceram refúgio e assistência temporária a milhares de pessoas, mas nada comparado à amplitude do Programa de Refugiados de Cuba.<sup>402</sup>

E a razão para isso ocorrer durante a Guerra Fria, não restam dúvidas, está na evolução da política de Washington em relação à ilha e na necessidade de essa postura de auxílio aos exilados contribuir para suas relações hemisféricas. Ademais, com isso poderiam estabelecer uma base antiCastro naquele país para manter vivo o objetivo de uma Cuba não comunista. Robert W. Jones, subsecretário adjunto para administração do Departamento de Estado, justificou essa atitude da seguinte forma:

Quero enfatizar a importância [do Programa de Refugiados Cubanos] em termos dos aspectos políticos de nossa política externa. Os olhos dos povos de todos os governos livres estão sobre nós (...). Cada dólar gasto para ajudar um refugiado ou fugitivo ajuda a provar a preocupação dos Estados Unidos com os oprimidos. É um símbolo de nosso interesse e preocupação contínuos pelos povos subjugados do mundo que vivem sob tirania, não importa o nome ou a forma.<sup>403</sup>

A administração das fases de subsistência e assistência social do programa era realizada pelo *Florida State Department of Public Welfare* por contrato com o *U.S. Department of Health, Education, and Welfare's Bureau of Family Services* e o *Children's*

<sup>400</sup> RESSLER, Everett; BOOTHBY, Neil; STEINBOCK, Daniel. *Unaccompanied Children: care and protection in wars, natural disasters, and refugee movements*. New York: Oxford University, 1988, p. 53.

<sup>401</sup> WALSH, Bryan O. In: SHNOOKAL, Deborah. *Operation Pedro Pan and the exodus of Cuba's Children*. Gainesville: University of Florida, 2020, p. 135.

<sup>402</sup> O movimento de refugiados para os Estados Unidos não era um fenômeno novo. Sob o *Displaced Persons Act* de 1948, mais de 300.000 pessoas fugindo da devastação da Segunda Guerra Mundial foram admitidas no país. O *Refugee Relief Act* de 1953 permitiu a entrada de 180.000 pessoas. Cerca de 39.000 foram admitidas durante a crise na Hungria em 1956. Muitos outros europeus imigraram para os Estados Unidos sob o *Fair-Share Act*. Contudo, nenhum desses fluxos migratórios resultou em um programa federal como o que fora criado para os refugiados cubanos.

<sup>403</sup> Do original: “I want to stress the importance of this program in terms of the political aspects of our foreign policy. The eyes of the people of all free governments are upon us (...). Each dollar expended to help a refugee or an escapee helps to prove America's concern for the oppressed. It is a symbol of our sustained interest in and concern for the subjugated peoples of the world living under tyranny, no matter the name or form”. JONES, Roger W. The continuing need for aid to refugees and escapees. *The Department of State Bulletin*. Washington, vol. XLV, n. 1149, Jul. 3, 1961, p. 258.

*Bureau*. O departamento de Estado da Flórida, por sua vez, tinha subcontratos com a HIAS e três agências locais de voluntários para crianças – o *Catholic Welfare Bureau* da Diocese de Miami, o *Children's Service Bureau* e o *Jewish Family and Children's Service*.

Quando Ribicoff visitou Miami no final de janeiro de 1961, estava ciente do problema das crianças desacompanhadas e do trabalho do padre Walsh em seu favor. Ribicoff conversou com ele acerca da sua intenção de trabalhar com essas agências voluntárias locais nos detalhes de um contrato de compra de cuidados. O contrato o vinculava formalmente ao Programa de Refugiados Cubanos e, conseqüentemente, à assistência permanente do governo federal. Como a maioria das crianças e adolescentes chegando desacompanhados em Miami era pelo menos nominalmente católica<sup>404</sup>, o maior fardo recaiu sobre o *Catholic Welfare Bureau* (mais tarde chamado *Catholic Charities*), uma pequena agência de cuidados infantis e adoção, à época administrada por Bryan O. Walsh,<sup>405</sup> um padre católico, monsenhor depois de 1962, de trinta anos, nascido e criado na Irlanda; também um imigrante.

O envolvimento de Walsh com jovens cubanos haveria começado em novembro de 1960, quando teria sido apresentado a Pedro Menendez, de quinze anos, em seu escritório. Tentando manter Pedro longe de problemas políticos e impedir sua doutrinação no comunismo em Cuba, seus pais o teriam mandado para Miami sozinho. Eles contavam com o apoio de parentes e amigos para cuidar dele no exílio, mas, por causa de suas condições financeiras, Pedro teria passado de casa em casa até finalmente tornar-se sem-teto. Ele fora o primeiro contato de Walsh com o problema de crianças e adolescentes cubanos sem pais na região de Miami, embora soubesse da existência de muitos outros. Coincidentemente (ou propositalmente) a operação criada por ele para retirar os jovens da ilha acabaria levando justamente o nome do primeiro atendido: Pedro. Há, contudo, uma parte da bibliografia que não acredita na existência dele, sendo sua história considerada apenas uma estratégia de embelezamento político da narrativa da operação.<sup>406</sup>

---

<sup>404</sup> Em sua audiência perante a subcomissão do Senado dos Estados Unidos para investigar os problemas relacionados aos refugiados cubanos, o Bispo de Miami, Coleman F. Carroll, disse que 90 % dos cubanos que chegavam à Flórida eram católicos. CARROLL, Coleman F. *Statement of his excellency the most reverend Coleman F. Carroll, Bishop of the Catholic Diocese of Miami*. In: Hearings before the Subcommittee to investigate problems connected with refugees and escapees of the committee on the judiciary United States Senate. December, 6, 1961. Disponível em: <<https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=umn.31951p00757997w&view=1up&seq=1>>. Acesso em 19 out. 2022.

<sup>405</sup> Bryan Walsh nasceu em 1930 e cresceu em Limerick, na Irlanda, onde estudou com os jesuítas. Quando tinha vinte anos, mudou-se para os Estados Unidos e foi ordenado sacerdote em 1954 na Flórida. Um ano depois, foi nomeado para Secretaria Católica de Bem-Estar. Sua primeira missão foi ajudar os refugiados húngaros que buscaram refúgio nos Estados Unidos, fugindo do comunismo na Europa. Seu papel incluía a inserção de menores desacompanhados em famílias adotivas. Sua experiência com os refugiados húngaro seria fundamental mais tarde quando ficou a cargo da Operação Pedro Pan.

<sup>406</sup> Conferir, por exemplo, SHNOOKAL, Deborah., *op. cit.*, p. 132.

Walsh percebeu o suposto encontro com Pedro Menendez apenas como o começo de um problema local de bem-estar infantil com perspectiva de atingir largas proporções. Tendo testemunhado a explosão de casos em outras agências de serviço social na área em primeira mão, e esperando o mesmo em sua agência, imediatamente começou a pensar em como lidar com a crise futura. Nesse ínterim, um incidente em Key West, Flórida, confirmou suas suposições. Uma mulher cubana compareceu perante um juiz no tribunal de menores e pediu-lhe para encontrar lares temporários adequados para seus filhos. Ela justificou a retirada deles de Cuba devido ao seu envolvimento e de seu marido em atividades da oposição.<sup>407</sup>

Diante dessa conjuntura, Walsh aproveitou a missão de Voorhees em Miami para expressar sua preocupação com a crise de chegada de crianças e adolescentes cubanos desacompanhados. Durante a terceira semana de novembro, tratou da questão com os representantes das agências de bem-estar infantil do Condado de Dade durante uma reunião convocada, a seu pedido, pela *Child Care Division of Miami's Welfare Planning Council*, a agência comunitária encarregada de identificar necessidades e planejar soluções no campo do bem-estar social.<sup>408</sup> Na reunião, revelou seu plano de cuidar de crianças e adolescentes cubanos sem família, cujo número aumentaria dramaticamente no futuro próximo. Os cuidados adequados, acreditava, só poderiam ser fornecidos por meio de financiamento federal, canalizado para agências locais de cuidados infantis privadas e religiosas.

Ele tinha boas razões para querer que agências religiosas prestassem os serviços por conta própria, usando fundos federais. Sua principal preocupação era a preservação da herança religiosa deles, ameaçada caso agências leigas ficassem responsáveis pelos cuidados. Além disso, o programa húngaro, coordenado por Voorhees em 1956, teria colocado muitos menores em lares adotivos sem "investigação e planejamento usuais considerados essenciais pelas agências de bem-estar infantil"<sup>409</sup>. O Conselho acatou a ideia de Walsh e a encaminhou ao Comitê Executivo de Refugiados Cubanos, que, por sua vez, concordou em apresentá-la a Voorhees. Atendendo às suas preocupações, três agências locais – o *Catholic Welfare Bureau* de Walsh (para crianças católicas), o *Jewish Family and Children's Service* (para crianças judias) e o *Children's Service Bureau* (para crianças protestantes) – ofereceram-se para fornecer cuidados para todas as crianças e adolescentes cubanos refugiados em Miami.<sup>410</sup>

---

<sup>407</sup> WALSH, Bryan O., *Cuban Refugee Children*. Barry University Archives and Special Collections, 1971. Disponível em: < <http://ufdc.ufl.edu/AA00054494/00001>>. Acesso em: 26 jul. 2022

<sup>408</sup> *Ibidem*.

<sup>409</sup> *Ibidem*.

<sup>410</sup> *Ibidem*.

Enquanto Walsh se preparava para a crise prevista na região, um grupo de agentes clandestinos anti-Castro em Cuba também fazia planos para protegê-los do comunismo. No meio desse esforço, estava James Baker, diretor da Ruston Academy, de Havana. A Ruston Academy foi fundada, em 1920, pelo educador americano Aaron Ruston. Na década de 1930, havia alcançado um alto nível entre as escolas privadas, e seu corpo discente era formado principalmente por estadunidenses ricos residentes em Cuba e pela elite nativa. James Baker, formado em Harvard, foi para a Ruston Academy como professor de inglês em 1930. Ele e sua esposa, Sybil, anos depois, acabaram por herdar a instituição. Apesar de manter a cidadania de seu país de origem, os Baker e outros americanos na ilha desenvolveram fortes laços emocionais com Cuba e a consideravam uma pátria adotiva. Quando a ditadura de Batista foi deposta, em janeiro de 1959, ele compartilhou a euforia nacional. Em maio de 1959, porém, ficou desiludido com a Revolução, descontente com a atitude política do governo e com a nomeação de comunistas para cargos-chave nas principais esferas da administração; por fim, juntou-se à oposição.

Em novembro de 1960, começou a organizar um esforço secreto para colocar cerca de duzentos filhos de agentes clandestinos fora do alcance do regime cubano. Durante a segunda semana de dezembro, viajou para Miami com o objetivo de fazer os preparativos, encontrando-se com proprietários cujas empresas haviam sido nacionalizadas, esperando poder contar com o auxílio financeiro deles para montar um internato ou outra instalação educacional nos Estados Unidos para os jovens. A missão de Baker marcou o primeiro esforço deliberado para tirar menores de Cuba e levá-los para o exterior de forma planejada e sistemática. Quando soube das preocupações do *Catholic Welfare Bureau*, foi se encontrar com Walsh.

Durante essa reunião, Walsh transmitiu a ele sua convicção de que somente as agências licenciadas deveriam cuidar do acolhimento de crianças, pois apenas elas poderiam planejar o cuidado integral, incluindo as questões de guarda e de proteção da herança religiosa. Baker não discutiu essas preocupações.<sup>411</sup> Ele relembrou de seu encontro com Walsh:

---

<sup>411</sup> Do original: “*The American embassy in Havana would be asked to grant a student visa. This would require proof that someone would be responsible for the child while in the United States and that the child was actually enrolled in a U.S. school. The Catholic Welfare Bureau attempted to meet these requirements by giving a letter to Mr. Baker for the U.S. Embassy accepting responsibility for any child designated by him and also by making arrangements to have [an immigration form] completed . . . for each child as proof of enrollment.*” WALSH, Bryan O., Cuban Refugee Children. *Journal of Inter-American Studies and World Affairs*. Miami, vol. XIII, p. 378-415, July/October, 1971.

Eu enfatizaria a grande importância do padre Walsh em tudo isso... Ele era o diretor do *Catholic Welfare Bureau*. Não tinha autoridade. Não tinha o prestígio que teria dez ou quinze anos depois... Foi o resultado de sua previsão, de sua consciência do que estava acontecendo... e de seu forte desejo de fazer algo para encontrar uma solução. Quando fui vê-lo, em dezembro de 1960, ele já havia conversado com algumas pessoas [no governo federal].<sup>412</sup>

Walsh o convenceu a abandonar sua ideia de estabelecer um internato para as crianças e adolescentes, contando a ele acerca dos fundos federais prometidos e do plano para seus cuidados. Os "esforços descoordenados e dispersos", explicou, só prejudicariam a causa e, portanto, as forças deveriam ser combinadas para um objetivo comum.<sup>413</sup>

Com a ajuda de funcionários do governo, os dois elaboraram um plano básico para tirar os menores de Cuba: a embaixada dos Estados Unidos em Havana seria solicitada a conceder um visto de estudante. Havia duas exigências principais: alguém disposto a assumir a responsabilidade enquanto estivessem nos Estados Unidos e um comprovante de matrícula fornecido por alguma escola do país. O *Catholic Welfare Bureau* assumiu o ônus por qualquer jovem enviado por Baker e conseguiu uma escola de Miami para preencher o formulário de imigração I-20, a fim de servir como comprovante de matrícula.<sup>414</sup>

O comprovante mencionado viria do *Coral Gables High School*, uma escola de ensino médio, localizada em Coral Gables, Flórida. Agnes Ewald, da instituição em questão, fornecia os formulários a Norma Lemberg, uma ex-residente de Havana, que, com a ajuda de Sergio Giquel, entregava os documentos em Cuba.<sup>415</sup> As crianças e adolescentes eram colocados a bordo de um dos voos diários para Miami, e a equipe de Walsh as encontrava no aeroporto. O pagamento da passagem aérea vinha dos empresários com quem Baker se encontrara anteriormente em Miami. Para ocultar a origem dos fundos, os líderes corporativos, auxiliados por algumas empresas britânicas, emitiam cheques para o *Catholic Welfare Bureau*, que, por sua vez, emitia-os para cidadãos estadunidenses cuidadosamente selecionados em Miami. Esses cidadãos, então, enviavam cheques pessoais destinados à passagem aérea para a Agência *W. Henry Smith*, uma agência de viagens ainda em operação em Havana. Sobre os

---

<sup>412</sup> Do original: "*I would emphasize the major importance of Father Walsh in all this... He was the director of the Catholic Welfare Bureau. He had no authority. He did not have the prestige that he had ten or fifteen years later... It was the result of his foresight, his awareness of what was happening... and his strong desire to do something to find a solution. When I went to see him in December of 1960, he had already talked to some people [in the federal government].*" Entrevista concedida por Baker a Victor Triay, em 4 de junho de 1994. In: TRIAY, Victor Andres. *op. cit.*, p. 17.

<sup>413</sup> WALSH, Bryan O., *Cuban Refugee Children*. Barry University Archives and Special Collections, 1971. Disponível em: < <http://ufdc.ufl.edu/AA00054494/00001>>. Acesso em: 26 jul. 2022.

<sup>414</sup> WALSH, Bryan O., *Cuban Refugee Children*. *Journal of Inter-American Studies and World Affairs*. Coral Gables, vol. XIII, p. 378-415, July/October, 1971.

<sup>415</sup> *Ibidem*.

fundos, Kenneth Campbell, um dos empresários vinculados à Câmara Americana de Comércio, escreveu mais tarde:

A ideia era que as empresas americanas com antigos negócios em Cuba forneceriam os fundos. (...) Primeiro, eles foram obtidos por doações de empresas americanas, e, acredito, de uma empresa britânica. Não consigo me lembrar dos nomes de todas as empresas que fizeram doações, mas sei que uma das empresas que fez uma doação substancial foi a *Esso Standard Oil Company*. Estou certo de que a empresa britânica que fez uma doação foi a *Shell Oil Company*.<sup>416</sup>

Baker e Walsh concordaram em se comunicar apenas por meio de fontes diplomáticas, um acordo possível com a cooperação do Departamento de Estado. O sigilo era essencial para proteger as famílias dos imigrantes e garantir a não interrupção do fluxo migratório por parte do governo cubano. Formulários e cartas, além de fundos fornecidos pelos empresários, eram, assim, enviados por canais diplomáticos a Baker em Cuba. Ele, por seu turno, enviou uma lista de crianças e adolescentes prontos para emigrar e ficar sob os cuidados do Programa da Criança Cubana, que, pela dimensão assumida, foi criado como um departamento completamente separado do *Catholic Welfare Bureau*. Cerca de duzentos eram esperados para o fim de dezembro de 1960.

Aparentemente, até conhecê-lo, Walsh planejava ajudar crianças cubanas já em Miami, cuja família ou amigos não dispunham de condições financeiras para abrigá-las, como no suposto caso de Pedro Menendez. Ao trabalhar com Baker, ele expandiu sobremaneira seu papel. Sua agência agora se comprometeu em recebe-las e fornecer-lhes atendimento imediato desde seu ponto de entrada na Flórida, o aeroporto. Dentro de algumas semanas, ele se envolveria ainda mais profundamente, e, ao longo dos próximos vinte e dois meses, a estimativa original de duzentas crianças e adolescentes aumentaria para mais de 14.000. A sua justificativa para seu envolvimento em um êxodo de tamanhas proporções recorre às linhas básicas da retórica da Guerra Fria religiosa:

Concebi meu trabalho de ajudar os refugiados cubanos, e em particular as crianças cubanas, como uma oportunidade que a Divina Providência me deu para combater o comunismo... meu contato com a CIA, especialmente

---

<sup>416</sup> Do original: “*The idea was that American firms which had been in business in Cuba would provide the funds. (...) First funds were obtained by donations from American companies which had done business in Cuba, and I believe, from one British company. I regret not being able to recall the names of all the companies which made donations, but I know that one of the companies which made a substantial donation was Esso Standard Oil Company. I am sure that the British company which made a donation was the Shell Oil Company.*” WALSH, Bryan O., *op. cit.*

antes do fiasco da Baía dos Porcos, confirmou que eu estava envolvido em uma guerra santa por Deus e pelo país.<sup>417</sup>

No início da manhã de 24 de dezembro de 1960, recebeu um telefonema de um funcionário do Departamento de Estado, informando sobre a chegada, na manhã seguinte, de um grupo de crianças e adolescentes ao aeroporto de Miami. Eles precisavam que uma agência independente aceitasse a responsabilidade pelos menores. A resposta deveria ser imediata, isto é, ele não teria tempo de consultar seu superior, Coleman Carroll. Walsh, então, ponderou: “Salvar 200 crianças do comunismo seria suficiente para justificar o fim de uma boa carreira”<sup>418</sup>, caso Carroll fosse contra o envolvimento da Igreja. Portanto, aceitou. Não fora informada a ele a quantidade de crianças nem maiores detalhes.

Quando finalmente conseguiu conversar com seu superior, o bispo disse: “Um cara do Departamento de Estado estava procurando por você, (...) Frank Arbel. Ele disse algo sobre 200 crianças vindo de Cuba. (...) Você limitou a 200 crianças?” e acrescentou: “Traga todas as crianças! Traga todas! Não restrinja.”<sup>419</sup> Esse diálogo revela a concordância da hierarquia superior com o plano, e não apenas isso, mas também o apoio para a expansão da operação para além dos moldes inicialmente concebidos.

A incerteza sobre a hora exata da chegada e a quantidade do grupo era o maior problema. Sua equipe havia viajado para o feriado prolongado. Ele precisava de suprimentos e instalações adequadas para atender às necessidades básicas de um número desconhecido de menores. Se apenas alguns aparecessem antes de janeiro, a situação poderia ser facilmente gerenciada. No entanto, um cenário provável era que os duzentos chegassem em poucos dias, pois havia rumores em Cuba de um possível decreto para 1º de janeiro de 1961, proibindo a saída de menores. Para o desenvolvimento de todo o plano, a equipe de Walsh precisou também, de antemão, fazer acordos com os funcionários do Serviço de Imigração e Naturalização para identificar jovens desacompanhados nos voos vindos de Cuba. Por cerca de vinte e dois meses, o contato com o responsável pelo aeroporto Patrick Crowley e sua equipe seria diário.

---

<sup>417</sup> Do original: “*I conceived of my job of helping Cuban refugees, and in particular, Cuban children, as an opportunity given to me by Divine Providence to combat communism...my contact with the CIA, especially before the Bay of Pigs fiasco, confirmed that I was involved in a holy war for God and country.*” WALSH, Brian O. Un Católico Americano mira a la Iglesia Católica en Cuba. In: DE LA CUESTA, Leonel, Autario; HERRERA, María Cristina. *Razón y pasión: Veinticinco años de estudios cubanos*. Miami: Universal, 1996, 26.

<sup>418</sup> Entrevista concedida por Bryan Walsh a Irmã Eileen Rice. Disponível em: <<https://eguides.barry.edu/c.php?g=287071&p=1912060>>. Acesso em: 26 jul. 2022.

<sup>419</sup> Entrevista concedida por Bryan Walsh a Irmã Eileen Rice. Disponível em: <<https://eguides.barry.edu/c.php?g=287071&p=1912060>>. Acesso em: 26 jul. 2022

No mesmo dia do telefonema do Departamento, Walsh encontrou uma solução temporária. Dirigiu-se à *Assumption Academy*, um internato particular para meninas administrado pelas Irmãs da Assunção. A escola estaria vazia para as férias e cerca de 200 pessoas poderiam ser acomodadas lá. A madre superiora à época permitiu o uso das instalações, contanto que todos saíssem até o dia 6 de janeiro. Ele também pôde recorrer às instalações do *Catholic Welfare Bureau* em *St. Joseph's Village*. Essa instituição, dirigida pelas Irmãs de São José, tinha cerca de vinte crianças em residência e nove leitos vazios.

No dia de Natal, ele conseguiu entrar em contato com Louise Cooper, uma assistente social de sua equipe, para acompanhá-lo ao encontro delas no aeroporto. Depois de horas de espera, no entanto, nenhuma criança ou adolescente chegou. A Operação Pedro Pan foi, à vista disso, oficialmente inaugurada apenas em 26 de dezembro de 1960, quando chegaram de Cuba dois jovens exilados: Sixto e Vivian Aquino.<sup>420</sup> Nenhuma nova criança chegou no dia 27. Duas chegaram no dia 28, nenhuma no dia 29. Foram seis no dia 30 e 12 no dia 31. Todas essas foram recebidas no aeroporto e atendidas. Com o aumento da demanda, a recepção precisou ser melhor organizada, ficando a cargo de George Guarch, muito lembrado pelos Pedros Pans. Trabalhando em tempo integral, ele as buscava no aeroporto e as levava aos alojamentos. O número delas foi crescendo progressivamente à deterioração da situação política dos dissidentes em Cuba.<sup>421</sup>

Bryan Walsh escreveu sobre aqueles dias:

A essa altura, estávamos emocionalmente envolvidos na corrida contra o prazo de 1º de janeiro. Não éramos mais simplesmente uma agência social preocupada com um problema comunitário. Estávamos agora compartilhando as preocupações de famílias que nem conhecíamos, a centenas de quilômetros de distância em uma luta de vida ou morte na Guerra Fria.<sup>422</sup>

Baker também fez sua análise:

À medida que os programas para transformar cada vez mais crianças em robôs comunistas se intensificavam, ficamos mais ansiosos para tentar salvar

---

<sup>420</sup> É imperioso mencionar que, embora tenha sido inaugurada com a chegada de Sixto e Vivian Aquino, crianças desacompanhadas chegavam ao aeroporto de Miami bem antes disso. Essas crianças possivelmente emigraram por meio de outros arranjos que não o da Igreja.

<sup>421</sup> WALSH, Bryan O., *Cuban Refugee Children*. Barry University Archives and Special Collections, 1971. Disponível em: < <http://ufdc.ufl.edu/AA00054494/00001>>. Acesso em: 26 jul. 2022.

<sup>422</sup> Do original: “*By this time we ourselves had become emotionally involved in the race against the January 1<sup>st</sup> deadline. No longer were we simply a social agency concerned about a community problem. We were now sharing the worries of families we did not even know, hundreds of miles away in a life and death struggle in the Cold War*”. WALSH, Bryan O., *Cuban Refugee Children*. *Journal of Inter-American Studies and World Affairs*. Coral Gables, vol. XIII, p. 378-415, July/October, 1971.

mais crianças. Desejávamos começar imediatamente a preparar uma nova lista de crianças refugiadas desacompanhadas. A prioridade dos turnos para sair de Havana foi determinada pela emergência dos casos individuais e pelo perigo em que as crianças estavam envolvidas.

É importante ressaltar a diferença entre a Operação Pedro Pan e o Programa da Criança Cubana. Este último fora inaugurado para o acolhimento das crianças refugiadas nos Estados Unidos sem o cuidado e proteção de seus pais. A primeira, por sua vez, foi desenvolvida para ajudar os pais a enviar seus filhos desacompanhados aos Estados Unidos. Ambos os programas foram desenvolvidos ao mesmo tempo, mas, enquanto a Operação terminou com a Crise dos Mísseis, o Programa da Criança Cubana permaneceu por muitas décadas depois.

Em poucas semanas, a conjuntura política se alterou drasticamente. Não foi promulgada em janeiro qualquer lei em Cuba impedindo a migração de menores, todavia o governo exigiu a redução do pessoal da Embaixada dos Estados Unidos para um número considerado inaceitável. A reação de Washington foi imediata, rompendo efetivamente as relações diplomáticas com a ilha. Em seguida, sobreveio o fechamento mútuo de embaixadas e consulados. Ou seja, os canais convencionais de obtenção de vistos foram suprimidos.

Baker, o grande organizador da operação, e sua esposa migraram junto aos funcionários da embaixada, chegando a Miami no dia 5 de janeiro. Antes de partir, ele havia conseguido os vistos de estudante para mais vinte e cinco jovens, cujos nomes havia levado para Miami algumas semanas antes. Essa série de eventos parecia marcar o fim da Operação Pedro Pan, sem embargo marcou apenas o fim da sua primeira fase.

A despeito de sua própria opção pelo exílio, Baker não desistiu de seus planos de ajudar os pais a tirarem seus filhos de Cuba; ele havia organizado um grupo de confiança em Havana, por meio de suas conexões diplomáticas, para manter o esforço da operação. Esse comitê era composto por Serafina e Sergio Guiquel, Berta e Frank (Francisco) Finlay e Penny Powers. Um novo plano precisou ser esboçado, pois os canais convencionais já não estavam disponíveis. Foi criada uma nova rota, por onde as crianças e adolescentes, com vistos concedidos pela embaixada britânica, eram enviados para Kingston, na Jamaica, e de lá para Miami. Os contatos do grupo em Havana na embaixada holandesa poderiam providenciar o embarque pela *KLM Royal Dutch Airlines* em seu voo semanal direto de Havana a Kingston.

Para isso, era necessária a cooperação do governo britânico<sup>423</sup>, mediada por Penny Powers, agente britânica trabalhando em Cuba.

A despeito de, com esse plano, eles superarem as dificuldades técnicas impostas pelo rompimento das relações diplomáticas EUA-Cuba, era uma rota mais cara e mais lenta. A embaixada em Kingston informou à embaixada britânica em Cuba o recebimento de mais de 1.000 pedidos de visto por semana, o gabinete jamaicano em uma reunião de emergência ponderou que seu país não poderia absorver tantas pessoas. Ainda assim, os menores foram aceitos.<sup>424</sup> Por outro prisma, essa opção daria a impressão às autoridades cubanas de um êxodo para a Jamaica, e não para os Estados Unidos, inviabilizando a interrupção do fluxo, caso pensassem haver uma operação planejada para retirar crianças do país.

Após concordar com os argumentos de Baker, Walsh ligou para o seu contato no Departamento de Estado, Frank Auerbach, e marcou um encontro com ele no início de janeiro, em Washington. Sobre o dia da reunião, observou: “De alguma forma, o tempo, o dia, a hora, os acontecimentos das semanas passadas combinavam-se todos para criar uma atmosfera de intriga e conspiração”<sup>425</sup>. Na ocasião, os dois conversaram também com Robert F. Hale, Diretor do Escritório de Vistos, responsável por introduzir a possibilidade de “isenção de visto” na operação. Auerbach propôs que o Departamento de Estado concedesse autorização para o *Catholic Welfare Bureau* emitir a isenção de visto para as crianças em voos diretos de Havana para Miami, recorrendo à seção 212 (d) (4) (A) do *Immigration and Nationality Act*, justificada por situação de emergência. Os pedidos de isenção poderiam ser feitos oficialmente por carta, telegrama, telefonema ou visita pessoal.

Essas isenções, na verdade, tomaram o aspecto informal de cartas assinadas por Walsh em papel timbrado da agência e endereçadas (em espanhol) “A quem possa interessar”. Havia espaço para o nome e a data de nascimento da criança e depois as palavras: “foi concedida uma 'Isenção de Visto' pelo Departamento de Estado a pedido do *Catholic Welfare Bureau, Inc.*” As linhas *Pan American* e *KLM Royal Dutch Airlines*, explicam essas cartas, foram aconselhadas a aceitar esses documentos em vez de um visto.<sup>426</sup> Com isso, as empresas

---

<sup>423</sup> A Jamaica ainda era na época colônia britânica, tendo alcançado sua independência somente em agosto de 1962.

<sup>424</sup> Telegrama recebido pelo FBI da embaixada dos EUA em Kingston, Jamaica, em 20 de janeiro de 1961. TORRES, Maria de Los Angeles. *op. cit.*, p. 75.

<sup>425</sup> WALSH, Bryan O., *Cuban Refugee Children*. Barry University Archives and Special Collections, 1971. Disponível em: < <http://ufdc.ufl.edu/AA00054494/00001>>. Acesso em: 26 jul. 2022.

<sup>426</sup> Uma cópia do documento consta nos anexos deste trabalho, assinada por Bryan O. Walsh, diretor do *Catholic Welfare Bureau*, da Diocese de Miami, em nome do Departamento de Estado dos Estados Unidos. Observe no documento que esses vistos foram usados para fazer reservas de voos, sair legalmente de Cuba e obter entrada legal nos Estados Unidos. Na maioria dos casos, esses vistos assinados foram preenchidos com o nome do solicitante por indivíduos das redes da Operação Pedro Pan dentro de Cuba.

ficavam protegidas da multa de mil dólares para cada passageiro sem visto válido. Após a reunião, ficou acordado também que o Departamento cuidaria da questão junto ao Departamento de Justiça e discutiria com o governo britânico os vistos para a Jamaica.

O Departamento de Estado, especificamente seu Escritório de Segurança e Assuntos Consulares e a divisão de vistos, era a agência formalmente responsável pelo programa de isenção. Outras agências federais trabalhavam em questões de imigração, como a CIA e o Serviço de Imigração e Naturalização, responsável pelas operações aeroportuárias. A Operação Pedro Pan entrou, dessa forma, em sua segunda fase, contando com uma rede complexa formada por organizações e agentes do Estado da Flórida, do Governo Federal e de países estrangeiros. Ficavam à disposição das crianças e dos adolescentes duas rotas possíveis: por meio de vistos britânicos, indo pela Jamaica e depois para Miami; por meio de isenção de visto, em uma via direta para os Estados Unidos.

Era uma concessão sem precedentes, tendo o governo descingido significativamente os requisitos de imigração para favorecer a entrada deles. O fato de um jovem padre de Miami ter recebido autorização para assinar isenções de visto para tantos menores cubanos quanto ele quisesse foi certamente uma característica única da operação; e a forma como isso foi estabelecido lança luz considerável sobre a sua natureza e a agenda política em ação. Wendell Rollason descreveu a isenção de visto como “muito vital para os cubanos em suas esperanças e planos para escapar das devastações do comunismo”, dizendo que o impacto disso sobre o povo da ilha tinha sido ‘elétrico’.<sup>427</sup> Alguns teóricos sugeriram, em contrapartida, ter representado uma violação das leis de imigração:

Em nenhum outro momento da história dos Estados Unidos, tantas pessoas foram autorizadas a contornar os procedimentos de imigração estabelecidos. Não foi apenas extraordinário que um cidadão comum tenha recebido autoridade para cumprir funções governamentais sensíveis, mas que a separação constitucionalmente determinada e claramente demarcada entre Igreja e Estado tenha sido ignorada.<sup>428</sup>

Foi dada à agência da Igreja autoridade geral para emissão de isenções de visto para todas as crianças e adolescentes com idades entre seis e dezesseis anos. Para as entre dezessete e dezoito, era necessária autorização prévia de Washington. O FBI insistia na

---

<sup>427</sup>ROLLASON, Wendell. *Testimony of 7 December 1961 to U.S. Senate subcommittee hearings, Cuban Refugee Problem*. Washington, D.C.: Government Printing Office, 1962, p. 158–59.

<sup>428</sup>Do original: “*At no other time in the history of the United States were so many people allowed to circumvent established U.S. immigration procedures. It was not only extraordinary that a private individual was given authority to fulfil sensitive governmental function, but that the constitutionally mandated and clearly demarcated separation between church and state was ignored.*” TORRES. María de Los Angeles Torres. *Open the Books on Operation Pedro Pan*. *Miami Herald*. Miami, dec. 18, 1994, p. 5M.

verificação dos nomes desses jovens de idade mais avançada. A agência temia que eles pudessem ser espiões comunistas enviados por Castro. Segundo a lei, para os cubanos nessa faixa etária, a isenção de visto teria de ser solicitada por um "parente de primeiro grau" nos Estados Unidos.<sup>429</sup> Tal prerrogativa mais tarde serviu para os Pedros Pans solicitarem uma isenção para os seus pais. Assim, esse sistema se tornou um meio pelo qual as famílias dispostas a emigrar de Cuba podiam enviar seus filhos como “estudantes” e, posteriormente, vir por meio de isenções solicitadas por eles.<sup>430</sup> Isso foi confirmado por Robert Hale, da seção de vistos do Departamento de Estado, em seu depoimento às audiências do Subcomitê do Senado sobre refugiados cubanos.<sup>431</sup>

Diante disso, é possível indagar até que ponto a iniciativa dos pais cubanos era baseada em pressupostos puramente ideológicos, ou seja, "proteger as crianças do comunismo" ou, diferente disso, pode ter sido uma iniciativa pragmática, visando a possibilidade de uma rota para o Estados Unidos com o auxílio das solicitações dos filhos. As fontes estudadas, certamente, fornecem subsídios também para essa interpretação.

Em 13 de janeiro, o *Catholic Welfare Bureau* já tinha sob seus cuidados um total de cinquenta crianças e adolescentes. Esse número cresceu vertiginosamente nos próximos meses, sobretudo após a Invasão à Baía dos Porcos. Até abril de 1961, 657 já haviam chegado a Miami sob o programa. Dentro de um ano, 7.000 emigraram, cerca de metade dos quais foram levados para o cuidado do departamento de bem-estar católico e outras agências de bem-estar infantil.<sup>432</sup> Antes de a Crise dos Mísseis interromper os voos entre Cuba e os Estados Unidos em outubro de 1962, houve mais de 6.270 chegadas, elevando o número total de Pedros Pans para 14.048.

O número de crianças e adolescentes que imigraram pela Operação Pedro Pan comumente aceito pela maior parte da bibliografia é o de 14.048. Contudo, há fontes que informam 15.000 e outras cifras entre 14.000 e 16.000. Um artigo do *The New York Times* de 1963, quando a operação já havia acabado, menciona que o número de crianças cubanas havia atingido o total de 14.072. Bryan Walsh no documentário *Operación Peter Pan: cerrando el*

<sup>429</sup> TRIAY, Victor Andres., *op. cit.*, p. 26.

<sup>430</sup> ADESSA, Domenick Joseph. *Refugee Cuban Children: The Role of the Catholic Welfare Bureau of the Diocese of Miami, Florida*, in: Receiving, caring for, and placing Unaccompanied Cuban Refugee Children, 1960–1963. Dissertação de Mestrado, Fordham University, 1964, p. 60.

<sup>431</sup> HALE, Robert. *Testimony of 13 December 1961 to U.S. Senate Subcommittee hearings, Cuban Refugee Problem*. Washington, D.C.: Government Printing Office, 1962, p. 206.

<sup>432</sup> Em março de 1962, havia chegado um total de 7.778 jovens cubanos, dos quais 3.486 estavam sob cuidados. Conferir: CHILDREN Fly High in Secret Escape Routes from Cuba. *Miami Herald* (street edition). Miami, 8 Mar. 1962, p. 3A; 8,000 CUBA Children Saved from Castro Brainwashing. *Miami Herald* (city edition). Miami, mar. 8, 1962, p. 1A.

*círculo en Cuba*, disse ter ajudado a tirar de Cuba “mais de 15.000 jovens”<sup>433</sup>. O pico, de mais 200 chegadas por semana, fora alcançado apenas alguns meses após a invasão, em meados de 1961.<sup>434</sup>

### 3.2 – A Operação Pedro Pan e os conflitos Estados Unidos-Cuba

O plano de invasão à Baía dos Porcos, mencionado anteriormente, foi elaborado pela administração Eisenhower e levado a efeito pela administração Kennedy, tendo sido baseado no entendimento de que o novo sistema político sendo implementado em Cuba representava um enorme desafio ao sistema interamericano como estava posto até então. Conquanto Kennedy não desejasse intervir em Cuba com suas próprias tropas, também não tinha a intenção de apenas sentar e observar a disseminação dos movimentos de esquerda na América Latina, pois isso significaria tanto a perda de influência dos Estados Unidos no continente quanto o seu isolamento no sistema. Havia, no entanto, uma enorme discussão dentro das esferas do governo sobre as consequências do plano.

Uma operação militar como foi concebida violaria pelo menos o artigo 2º, parágrafo 4º, e o artigo 51 da Carta das Nações Unidas<sup>435</sup>; artigos 18 e 25 da Carta da Organização dos Estados Americanos<sup>436</sup>; e o artigo 1º do Tratado Interamericano de Assistência Recíproca<sup>437</sup>. Caso viessem a fracassar, o efeito seria muito adverso na opinião mundial, gerando uma nova onda desastrosa de antiamericanismo em toda a América Latina; ao mesmo tempo, solidificaria a posição política do novo regime.<sup>438</sup> Apesar das incertezas, Kennedy deu autorização para a continuidade dos planos e, em 17 de abril, cerca 1.400 exilados treinados pela CIA invadiram Cuba em uma operação anfíbia desastrosa. As forças de Castro

<sup>433</sup> WALSH, Bryan O in: OPERACIÓN Peter Pan: cerrando el círculo en Cuba. Dirección de Estela Bravo. Cuba: Bravo Films, 2008, 1 DVD (57 min).

<sup>434</sup> CLOSE, Kathryn. Cuban Children away from Home. *Children 10*, n. 1, p. 3-10, January/February, 1963.

<sup>435</sup> UNITED NATIONS. *Charter of The United Nations and Statute of the International Court of Justice*. San Francisco, 1945. Disponível em: <<https://www.un.org/en/about-us/un-charter/full-text>>. Acesso em: 8 ago. 2022.

<sup>436</sup> ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS AMERICANOS. *Carta da Organização dos Estados Americanos*. Bogotá, 1948. Disponível em: <[http://www.oas.org/dil/port/tratados\\_A-41\\_Carta\\_da\\_Organiza%C3%A7%C3%A3o\\_dos\\_Estados\\_Americanos.htm](http://www.oas.org/dil/port/tratados_A-41_Carta_da_Organiza%C3%A7%C3%A3o_dos_Estados_Americanos.htm)>. Acesso em: 8 ago. 2022.

<sup>437</sup> TRATADO INTERAMERICANO DE ASSISTÊNCIA RECÍPROCA. Rio de Janeiro, 1948. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/306366/mod\\_resource/content/0/tratado\\_interamericano\\_assistencia\\_reciproca\\_riodejaneiro.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/306366/mod_resource/content/0/tratado_interamericano_assistencia_reciproca_riodejaneiro.pdf)>. Acesso em: 8 ago. 2022.

<sup>438</sup> MANN, Thomas Clifton. *Memorandum from the Assistant Secretary of State for Inter-American Affairs (Mann) to Secretary of State Rusk*. Washington, February 15, 1961. Disponível em: <<https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1961-63v10/d45>>. Acesso em: 8 ago. 2022.

derrotaram os expedicionários em menos de 72 horas, resultando na morte de 200 deles e em 1.197 capturados.<sup>439</sup>

Com o aumento das atividades clandestinas no período imediato à invasão, muitos pais desejavam proteger seus filhos. “Tomei a decisão de lutar pela libertação de Cuba”, disse um deles, “e queria garantir que não se tornassem vítimas devido à minha atividade conspiratória.”<sup>440</sup> Em consonância, o governo dos Estados Unidos estava interessado em assegurar o ímpeto do movimento antiCastro na ilha. Manter esses filhos seguros era, portanto, uma prerrogativa para incentivar a continuidade da oposição. Ao garantir a segurança de suas famílias, a Operação Pedro Pan serviu para encorajar – senão impelir – a pressão sobre o governo.

Desse modo, a operacionalização do êxodo das crianças e adolescentes mostrou-se diretamente ligada aos objetivos militares dos Estados Unidos. Como ocorreu durante a divulgação de contrainformação acerca da *Patria Potestad* no período anterior à invasão. Está claro que a condução da política externa de um país é fortemente afetada pela estreiteza dos laços existentes entre diplomatas e militares no âmbito da execução.<sup>441</sup> E, no caso da Operação Pedro Pan, essa assertiva se mostra plenamente verdadeira.

Além disso, Walsh também explicou que, por outro lado, alguns pais estavam preocupados com o envolvimento político de seus próprios filhos, temendo “colocar toda a família em apuros”<sup>442</sup>. Foi o caso de Alejo Hernandez. Ele havia se envolvido com o movimento anticomunista quando tinha quatorze anos: “Minha família foi avisada por alguém ligado ao Partido Comunista que não havia lugar na ilha para pessoas como eu e era melhor eu ir embora antes que fosse tarde demais.”<sup>443</sup>

Mesmo para adolescentes opositoristas, as penalidades aplicadas eram duras. Em um caso, três jovens, de dezenove e vinte anos, receberam sentenças de dez a doze anos. Havia rumores de que um menino, supostamente de doze anos, foi morto a tiros por guardas da

---

<sup>439</sup> LOEB, Vernon. Soviets Knew Date of Cuba Attack. *The Washington Post*. Washington D.C., April, 29, 2000. Disponível em: <[https://www.washingtonpost.com/archive/politics/2000/04/29/soviets-knew-date-of-cubaattack/805b049c-4073-4b24-aeef-d0409695cbd6/?utm\\_term=.01a05b7619ee](https://www.washingtonpost.com/archive/politics/2000/04/29/soviets-knew-date-of-cubaattack/805b049c-4073-4b24-aeef-d0409695cbd6/?utm_term=.01a05b7619ee)>. Acesso em: 11 set. 2017.

<sup>440</sup> OROZCO, Gabriel. In: BRAVO, Estela; CORTÉS, Olga Rosa Gómez, eds. *Operación Peter Pan: Cerrando el círculo en Cuba*. La Habana: Casa de las Américas, 2013, p. 129.

<sup>441</sup> DUROSELLE, Jean-Baptiste. *Todo império perecerá*. Brasília: UnB, 2000, p. 103.

<sup>442</sup> Há o exemplo de Rafael Gil, que havia sido preso em Castillo del Principe quando tinha 15 anos por conspirar contra o governo cubano. GIL, Rafael. Testimony. *Miami Herald*. Miami, jun. 12, 2009. Disponível em: <<http://pubsys.miamiherald.com/cgi-bin/pedropan/profile/12597/story>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

<sup>443</sup> HERNANDEZ, Alejo. Testimony. *Miami Herald*. Miami, may 25, 2009. Disponível em: <<http://pubsys.miamiherald.com/cgi-bin/pedropan/profile/2156/story>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

prisão de Puerto Boniato em decorrência de supostas atividades contrarrevolucionárias. Bitón Navarro, com dezesseis anos, foi igualmente assassinado por guardas em La Cabaña.<sup>444</sup>

Havia, então, “dois tipos” de Pedros Pans políticos: aqueles que se juntaram a grupos de jovens revolucionários e aqueles ativamente envolvidos em atividades antiCastro por meio de organizações como Jovens Trabalhadores Católicos e Jovens Estudantes Católicos.<sup>445</sup> Apesar da frequente representação dos Pedros Pans como crianças ou mesmo bebês, a grande maioria deles era de adolescentes, muitos politicamente ativos no anticomunismo.

Outra preocupação dos pais foi, sem dúvidas, fruto da sensação de insegurança difundida em toda a ilha no período imediato à invasão. Diferente da Crise dos Mísseis, quando uma nova conflagração era apenas esperada, durante os eventos da Baía dos Porcos, era comum ouvir bombas e tiros perto de casa, ninguém parecia estar a salvo e uma catástrofe maior poderia acontecer a qualquer momento. O espectro da guerra estava sempre presente, pela desconfiança, pela ameaça, pelas lembranças e pelo temor sobre o futuro. Mandando os filhos para exterior, eles “não estariam por perto se houvesse mais derramamento de sangue. E talvez não fosse por muito tempo.”<sup>446</sup>

Posto isso, *The New York Times* avaliou que, em 1961, o número de refugiados cubanos chegando aos Estados Unidos aumentara de tal modo que superou o número combinado de 1959 e 1960<sup>447</sup>; muito deles eram Pedros Pans. Ana Gavarito conseguiu narrar de forma bastante elucidadora aspectos dessa experiência:

Experimentei três ataques aéreos, ou ataques, realmente não sei como descrevê-los em termos de antecedentes históricos, mas posso descrevê-los em termos de meus sentimentos. Você tende a se esquecer dos fatos, mas não se esquece dos sentimentos... o medo. Uma das vezes eu estava na escola, no Colégio Eucarístico, e havia bombas explodindo. Estava na aula e a freira disse para todos nós irmos para o chão e deslocarmos para frente da classe. Então ela nos fez ajoelhar diante de um retrato de Cristo e orar. Lembro-me de pensar que teríamos de fazer algo mais do que orar porque o som das bombas parecia estar ganhando força e o prédio tremia. (...) Na segunda vez, eu estava patinando na rua do meu bairro e um avião sobrevoando começou a atirar e lançar panfletos de algum tipo. Eu congelei

<sup>444</sup> TORRES, Maria de Los Angeles. *op. cit.*, p. 54.

<sup>445</sup> Essa questão é facilmente exemplificada com os acontecimentos de março de 1961, quando protestos na escola La Salle em Santiago de Cuba foram encabeçados por alunos católicos anticomunistas. Na ocasião, eles fizeram uma passeata da Catedral de Santiago até a escola gritando “abaixo Fidel” e “abaixo o Comunismo”. Apoiadores do governo se aproximaram dos estudantes gritando “paredão para os contrarrevolucionários e para os padres”. Mais cedo, conforme notícia publicada pelo *The New York Times*, quatro jovens morreram nos pelotões de fuzilamento na Fortaleza *La Cabaña*, todos acusados de atos terroristas contra o governo. CUBA militia guards school after clash. *The New York Times*. New York, mar. 9, 1961, p. 8.

<sup>446</sup> Entrevista concedida por Nelson Valdés a Deborah Shnookal em Dallas, em 29 de março de 2000. SHNOOKAL, Deborah. *op. cit.*, p. 147.

<sup>447</sup> CUBAN refugee figure rises. *The New York Times*. New York, apr. 12, 1962, p. 14.

no meio da rua enquanto meus amigos corriam para dentro de suas casas. (...) A terceira ocorreu no meio da noite, eu estava dormindo e minha avó me puxou da cama para o chão. Literalmente vi o que sei serem balas passando pelas janelas. Então, minha avó e minha mãe me colocaram na banheira junto com um cobertor e travesseiro. Entendo agora que estava experimentando a Invasão à Baía dos Porcos possivelmente.<sup>448</sup>

Abril de 1961 viu, assim, tanto a derrota dramática da invasão dos exilados apoiada pelos Estados Unidos (e com ela o fim das esperanças de um retorno rápido a Cuba) quanto a ascendência moral da Revolução<sup>449</sup>. A Igreja não conseguiu oferecer outra alternativa a não ser o anticomunismo. Enquanto isso, Fidel Castro apropriou-se de símbolos e narrativas católicas para contribuir para sua consolidação no poder. A Invasão à Baía dos Porcos foi definida por ele como “*la lucha de David contra Goliat: la lucha del pueblo pequeño contra el gigante imperialista cuyas largas manos alcanzan a pueblos de todos los continentes del mundo*”<sup>450</sup>.

Durante o ataque, vários sacerdotes, religiosos e bispos ficaram em prisão domiciliar. Todas as igrejas foram temporariamente fechadas. Em 18 de abril, foi detido um dos preladados mais importantes da ilha, Eduardo Boza Masvidal<sup>451</sup>, bispo auxiliar de Havana. Forças aliadas

---

<sup>448</sup> Do original: “*I experienced three air raids or attacks, I really don't know how to describe them in terms of historical background, but I can describe them in terms of my feelings. You tend to forget facts, but you don't forget feelings...fear. One of the times I was in school, Colegio Eucarístico, and there were bombs going off. I was in class and the nun told us all to get on the floor and move towards the front of the class. Then she had us kneel before a portrait of Christ and pray. I remember thinking that we were going to have to do something more than pray because the sound of the bombs seemed to be gaining momentum and the building shook. (...) The second time, I was skating on my neighborhood street - Reparto Nautico - and a plane flying overhead started shooting and dropping pamphlets of some kind. I froze in the middle of the street while my friends ran into their houses. (...) The third even occurred in the middle of the night, I was sleeping and my grandmother pulled me out of bed and onto the floor. I literally saw what I know to be trailer bullets going by the windows. Then, my grandmother and mother stuck me in the bathtub along with a blanket and pillow. I understand now that I was experiencing the Bay of Pigs invasion possibly.*” GAVARITO, Ana. Testimony. *Miami Herald*. Miami, apr. 25, 2013. Disponível em: <<http://pubsys.miamiherald.com/cgi-bin/pedropan/profile/12857/story>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

<sup>449</sup> O marco da proclamação do caráter socialista da Revolução tem sido apontado pela historiografia como o dia 16 de abril de 1961. Por ocasião do discurso de condenação aos ataques de 15 de abril por oito aviões-bombardeiro B-26B, Fidel Castro proclamou: “*Eso es lo que no pueden perdonarnos, que estamos ahí en sus narices ¡y que hayamos hecho una Revolución socialista en las propias narices de Estados Unidos! (...) ¡Y que esa Revolución socialista la defendemos con esos fusiles!; ¡y que esa Revolución socialista la defendemos con el valor con que ayer nuestros artilleros antiaéreos acribillaron a balazos a los aviones agresores!*” CASTRO, Fidel. *Discurso pronunciado por Fidel Castro Ruz, presidente de la República de Cuba, en las honras fúnebres de las víctimas del bombardeo a distintos puntos de la república, efectuado en 23 y 12, frente al cementerio de Colón, el día 16 de abril de 1961*. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f160461e.html>>. Acesso em: 26 nov. 2020.

<sup>450</sup> CASTRO, Fidel. *Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer ministro del gobierno revolucionario, en el desfile efectuado en la plaza cívica, el 2 de enero de 1961*. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f020161e.html>>. Acesso em: 20 nov. 2020.

<sup>451</sup> Eduardo Tomas Boza-Masvidal foi Bispo Auxiliar da Arquidiocese de Havana. Ordenado em 28 de fevereiro de 1944, na Catedral de Havana pelo Arcebispo de Havana Manuel Arteaga y Betancourt. Foi também procurador do Tribunal Eclesiástico e Reitor da Universidade Católica Católica de Santo Tomás de Villanueva.

ao governo, referiam-se a ele como a “*cabeza pensante y guía político de la contrarrevolución em la iglesia*”, cujo propósito principal era colocar o catolicismo contra a Revolução.<sup>452</sup> Masvidal foi acusado de participar de atividades contrarrevolucionárias por supostamente cuidar de carregamentos de medicamentos para forças oposicionistas e portar propagandas subversivas. O Cardeal Manuel Arteaga<sup>453</sup> foi levado à embaixada da Argentina e o bispo de Pinar del Río, Rodríguez Rozas<sup>454</sup>, buscou asilo diplomático.<sup>455</sup>

Robert Stevenson, do Departamento de Estado dos Estados Unidos, lembrou em uma entrevista que cerca de 200 mil [sic] pessoas foram presas dias antes da invasão e mantidas em estádios de beisebol e teatros.<sup>456</sup> Entre os expedicionários na *Playa Girón*, como é conhecida a Baía dos Porcos em Cuba, havia três sacerdotes: o jesuíta Tomás Macho, o escolápio Segundo Las Heras e o capuchinho Ismael Lugo. Os três, todos eles espanhóis, foram capturados. O conflito foi interpretado nos moldes de uma guerra santa, conduzida por católicos contra as forças do “mal”:

*Venimos en nombre de Dios, de la justicia y la democracia a restablecer los derechos que han sido coartados, la libertad que ha sido pisoteada y la religión que ha sido sojuzgada y difamada. (...) La brigada de asalto está constituida por millares de cubanos que son cristianos y católicos en su totalidad. Nuestra lucha es la de los que creen en Dios contra los ateos, la lucha de los valores espirituales contra el materialismo, la lucha de la democracia contra el comunismo.*<sup>457</sup>

Como os padres eram espanhóis, o governo revogou as permissões de sacerdotes estrangeiros de permanecerem como residentes no país. Por ocasião do anúncio de tal medida,

---

Foi escolhido pelo Papa João XXIII como Bispo Titular de Vinda e Bispo Auxiliar de San Cristobal de La Habana em 31 de março de 1960. Foi expulso de Cuba por Fidel Castro em setembro de 1961. Viajou para Espanha e estabeleceu sua residência em Los Teques, Venezuela, onde foi sacerdote. Participou do Concílio Vaticano II (1962-1965) e foi o fundador da "*Unión de Cubanos en el Exilio*". Morreu em 16 de março de 2003, no exílio em Los Teques, na Venezuela.

<sup>452</sup> NOVAS, Benito. Existe una quinta columna en los colegios catolicos. *Bohemia*. La Habana, 27 nov. 1960, p. 49.

<sup>453</sup> Manuel Arteaga y Betancourt foi um prelado cubano que serviu como arcebispo de Havana de 1941 a 1963. Elevou-se ao posto de cardeal em 1946. O Papa Pio XII o fez cardeal-sacerdote de San Lorenzo in Lucina no consistório de 18 de fevereiro de 1946. Foi o primeiro membro cubano do Colégio dos Cardeais. Ele foi também um dos cardeais eleitores que participaram do conclave papal de 1958, que elegeu o Papa João XXIII. Aparentemente perseguido pelo governo, refugiou-se na embaixada e nunciatura argentina da Santa Sé em 1961 e 1962, quando foi internado no Hospital San Juan de Dios, em Havana. Arteaga morreu nesse hospital em 20 de março de 1963, aos 83 anos.

<sup>454</sup> Manuel Pedro Rodríguez Rozas foi ordenado sacerdote em 1935 em San Cristóbal de La Habana, Cuba. Posteriormente, em 1960, foi ordenado bispo de Pinar del Río. Participou de três sessões do Concílio Vaticano II e morreu em 1982.

<sup>455</sup> FERNÁNDEZ, Manuel. *Religión y Revolución en Cuba: Veinticinco años de lucha ateísta*. Miami: Saeta, 1984, p. 107.

<sup>456</sup> STEVENSON, Robert A. Interviewed by: Charles Stuart Kennedy. Initial interview date: September 19, 1989. The Association for Diplomatic Studies and Training Foreign Affairs Oral History Project, p. 25. Disponível em: < <https://adst.org/OH%20TOCs/Stevenson,%20Robert%20A.toc.pdf>>. Acesso em: 19 set. 2022.

<sup>457</sup> FERNÁNDEZ, Manuel. *op. cit.*, p. 108.

Fidel Castro referiu-se aos padres como falangistas (em alusão ao falangismo espanhol, uma ideologia amplamente considerada fascista).<sup>458</sup> Como boa parte dos padres na ilha era estrangeira, a medida certamente foi um golpe desestabilizador para a Igreja. Anos depois, Eduardo Boza Masvidal analisou:

*En 1959 Cuba tenía seiscientos noventa y un sacerdotes para más de seis millones de habitantes. O sea que en un siglo el número de sacerdotes disminuyó en casi cien sacerdotes y el número de habitantes aumentó en más de cinco millones. ¿Cómo es posible así rechazar la ayuda de nuestros hermanos de otros países? Hacer salir de Cuba a los sacerdotes no cubanos equivale, pues, hablando humanamente, a dar la Iglesia cubana, o sea a la Iglesia Católica en Cuba, un golpe mortal.*<sup>459</sup>

O Vaticano condenou as expulsões, mas não excomungou os líderes do governo revolucionário como a hierarquia eclesiástica cubana exigira.<sup>460</sup> O Papa João XXIII pediu à hierarquia cubana para "abandonar sua estratégia impraticável de confronto junto com sua política de aconselhamento para deixar Cuba."<sup>461</sup> Em janeiro de 1962, o governo cubano nomeou um novo embaixador para representar a Santa Sé; dentro de uma década, durante sua visita ao Chile, e no contexto da crescente maré da Teologia da Libertação, Fidel Castro estava levantando a ideia de uma aliança estratégica entre os cristãos e marxistas.<sup>462</sup>

O insucesso da invasão e, como consequência, o reforço da posição do regime no poder criaram efeitos psicológicos devastadores para a oposição católica. O aumento da repressão policial, como medida de autodefesa dadas as ameaças visíveis de outros países, ajudou a desarticular os dissidentes em pouco tempo, fazendo-os temer, de forma mais significativa, as consequências de quaisquer ações contra o governo. Além disso, a participação dos clérigos no incidente resultou em um esforço de propaganda poderoso para desacreditar a Igreja, identificando-a com o regime de Batista, com a burguesia e com o imperialismo estrangeiro.

---

<sup>458</sup> CASTRO, Fidel. *Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer ministro del gobierno revolucionario de Cuba, resumiendo los actos del Día Internacional del Trabajo. Plaza Cívica, 1º de mayo de 1961*. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f010561e.html>>. Acesso em: 20 nov. 2020.

<sup>459</sup> FERNÁNDEZ, Manuel. *op. cit.*, p. 112.

<sup>460</sup> Contudo, o decreto contra o comunismo publicado pelo Santo Ofício no dia 1 de julho de 1949, durante o pontificado do Papa Pio XII, afirma a excomunhão automática *ipso facto* (ou *latae sententiae*) de todos os católicos que, em obstinação consciente, aderem ao ateísmo e ao materialismo associado ao comunismo e às doutrinas marxistas. Desse modo, ainda que não tenha havido uma declaração oficial, subentende-se que Fidel Castro fora automaticamente excomungado.

<sup>461</sup> KIRK, John M. *Between God and the Party: Religion and Politics in Revolutionary Cuba*. Tampa: University of South Florida, 1989, p. 110.

<sup>462</sup> DEWART, Leslie. *Cuba, Church, and Crisis*. London: Sheed and Ward, 1964, p. 176–77.

Paralelamente às tensões religiosas, o programa social da Revolução trouxe benefícios materiais reais para as famílias cubanas de classe média-baixa, e a educação política intensiva conseguiu suavizar os sentimentos anticomunistas entre amplos setores da sociedade. O assistente especial do presidente Kennedy, Arthur Schlesinger, redelineou a “missão” dos Estados Unidos após a invasão, apontando para a necessidade de “redefinir o conflito em Cuba de forma a transformar a opinião pública não apenas neste hemisfério, mas na Europa, África e Ásia”. Pois, segundo ele, havia a “visão generalizada atual de que o conflito é apenas entre o regime de Castro, que, apesar de todos os seus excessos, é pelo menos dedicado ao bem-estar do povo cubano, e uma multidão de emigrantes, cujo objetivo é trazer de volta a velha ordem para Cuba”. O conflito, sugeriu, deveria ser retratado não como bilateral, mas como entre “as alas totalitárias (ou comunista) e libertárias (ou socialdemocrata) da Revolução Cubana.”<sup>463</sup>

Em março de 1962, o general Lansdale discutiu a questão dos refugiados com o Presidente Kennedy. Na ocasião, este último perguntou: “Não seria melhor fechar as portas para as pessoas tentando sair, para que fossem forçadas a ficar e agir contra o regime?” A isso Lansdale respondeu:

Uma vez que nos comprometemos a ajudar [os cubanos] a organizar uma revolta, fornecermos armas e nos dispusermos a percorrer todo o caminho para ter certeza de que eles vencerão, então poderemos considerar fechar nossas portas... [mas no momento], com 2.000 pessoas fugindo a cada semana, seríamos tolos em retirar esse símbolo da nossa simpatia e acabar com a fonte de informações de inteligência e de recrutas.<sup>464</sup>

A representação de refugiados “desesperados” era favorável para os Estados Unidos na mídia internacional, justificando os esforços de Washington para isolar e minar o governo na ilha. Quando a Operação Pedro Pan foi revelada ao público em março de 1962, esse esforço de propaganda estava em pleno andamento. E a visão das crianças “fugindo do terror” ia ao encontro da narrativa sendo construída nos Estados Unidos. Elas eram, portanto, “ícones em miniatura do anticomunismo” testemunhando, com suas próprias vidas, os horrores de Cuba sob o domínio de Fidel Castro e da União Soviética. Wendell Rollason, como diretor da Comissão de Assuntos Interamericanos de Miami, chamou a atenção para o papel inestimável

---

<sup>463</sup> SCHLESINGER, JR, Arthur. *Memorandum from the President's Special Assistant (Schlesinger) to the Political Warfare Subcommittee of the Cuban Task Force, Washington, May 8, 1961*. Disponível em: <<https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1961-63v10/d208>>. Acesso em: 26 jul. 2022.

<sup>464</sup> Do original: “Once we are committed to helping [the Cubans] stage a revolt, provide arms, and are willing to go all the way in being sure that they will win, then we might consider closing our doors... [But for the moment], with 2,000 people fleeing every week, we would be foolish to remove this symbol of our sympathy and cut off the source of intelligence information and recruits.” LANSDALE, Edward in: SHNOOKAL, Deborah. *op. cit.*, p. 178.

dos “estudantes” cubanos, a quem ele descreveu como “um dos maiores e melhores grupos lutando contra o comunismo”<sup>465</sup>.

Assim, conforme iam se dissipando as certezas sobre uma possível deposição de Fidel Castro, muitos pais decidiram poupar as crianças e a si mesmos partindo para o exílio. Essa falta de perspectiva na continuidade da luta revela certa dependência histórica de Cuba em relação a Washington, sempre esperado a intervir na ilha em tempos de crise. Como ficou claro no depoimento de José Miró Cardona<sup>466</sup> perante a subcomissão do Senado alguns meses após o fracasso da invasão:

Posso repetir aqui, como um eco de suas vozes [dos cubanos], que eles só querem e precisam de uma coisa: a moral e o apoio material de todas as pessoas que acreditam em Deus, na pátria e na família, os valores essenciais da vida humana, para poder lutar e esmagar o comunismo em Cuba.<sup>467</sup>

Isso, de certo modo, encorajava a passividade, se não a paralisia, por parte daqueles que, de outra forma, poderiam ter formado um freio coeso contra o aprofundamento do processo de radicalização da Revolução.<sup>468</sup> Embora alguns pais de Pedros Pans estivessem ativamente engajados nos esforços para derrubar o governo, muitos outros cubanos descontentes de classe média e alta simplesmente optaram por se colocar, ou colocar pelo menos seus filhos, temporariamente no exterior, até que, como eles acreditavam, os fuzileiros navais estadunidenses intervissem para remover Fidel Castro e restaurar o antigo *status quo*.

Pode-se argumentar, portanto, compilando o que fora dito nas páginas anteriores, tendo em vista a mistura de causalidade, e inspirando-se em alguns aspectos na teoria de Duroselle,<sup>469</sup> que o êxodo dos Pedros Pans decorreu de pelo menos quatro fenômenos: 1)

---

<sup>465</sup> ROLLASON, Wendell. *op. cit.*

<sup>466</sup> José Miró Cardona serviu como primeiro-ministro de Cuba por um período de cerca de seis semanas no início de 1959, após sua nomeação pelo presidente Manuel Urrutia em 5 de janeiro de 1959. Em 13 de fevereiro de 1959, renunciou inesperadamente e foi substituído por Fidel Castro. Nos Estados Unidos, tornou-se o chefe do grupo de exilados Conselho Revolucionário Cubano, principal comitê do exílio trabalhando com o governo Kennedy nos preparativos para a invasão à Baía dos Porcos. Havia sido decidido que Miró se tornaria o presidente provisório de Cuba, caso a invasão fosse bem sucedida.

<sup>467</sup> Do original: “*I can repeat here, as an echo of their voices, that they just want and need one thing, the moral and material backing from all people who believe in God, fatherland and family, the essential values of human life in order to be able to fight and crush communism in Cuba*”. CARDONA, José Miró. *Statement of Dr. José Miró Cardona, chairman, Cuban revolutionary council, Miami, FLA*. In: Hearings before the Subcommittee to investigate problems connected with refugees and escapees of the committee on the judiciary United States Senate. December, 6, 1961. Disponível em: <<https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=umn.31951p00757997w&view=1up&seq=1>>. Acesso em: 19 out. 2022.

<sup>468</sup> GUERRA, Lillian. *Visions of Power in Cuba: Revolution, Redemption and Resistance, 1959–1971*. Chapel Hill: University of North Carolina, 2012, p. 23.

<sup>469</sup> A teoria das “tomadas de consciência do insuportável” serviu apenas de inspiração para essa análise, já que Duroselle não escreveu pensando na história cubana e nem no fenômeno da migração em si. Sua teoria é desenvolvida com base em exemplos: Exemplo 1 - Degradação de uma situação socioeconômica; Exemplo 2 - Evolução do sistema de valores; Exemplo 3 - Maturação de um fenômeno demográfico; Exemplo 4 - Ação do

*deterioração da situação política e socioeconômica do país.* Incluem-se aqui perda de empregos, funções públicas e empresas, fruto dos expurgos e das nacionalizações, tendo como consequência a diminuição do padrão de vida e conforto de muitos; perda das economias familiares com a alteração da moeda em circulação; privação do alimento com a implementação do racionamento como política permanente de Estado<sup>470</sup>; estado virtual constante de guerra com as ameaças reais e imaginárias contra o governo estabelecido; os encarceramentos arbitrários e fuzilamentos públicos dos opositores, inclusive de menores (transmitidos pela televisão em rede nacional).

2) *modificação (ou tentativa de modificação) do sistema de valores.* A criação do novo homem cubano proposta pelo projeto revolucionário (militarizado, fiel ao partido único, ateu, educado pelo Estado, etc.) ia de encontro aos valores tradicionalmente difundidos entre ampla parcela dos cubanos, sobre os quais, ao menos socialmente, a Igreja e os princípios por ela defendidos, ainda exerciam influência. Além disso, dada a proximidade com os Estados Unidos, os cubanos consumiam muito de sua perspectiva política, marcadamente oposta às propostas socialistas. Havia ainda a força da coletividade. Há numerosos grupos que, possuindo cada um sua configuração e sua dinâmica, exercem pressão para a tomada de decisão em uma direção análoga.<sup>471</sup> E é bastante provável que ao verem outras famílias de seu grupo enviando seus filhos, muitos tenham se sentido motivados a fazerem o mesmo. Todos esses fatores imbricados contribuem para a constituição da visão subjetiva do indivíduo sobre os aspectos da sua realidade levando-o à determinada ação ou reação.

3) *maturação do fenômeno da migração.* A intensificação do fluxo migratório entre Cuba e os Estados Unidos em momentos de crise política não era um fenômeno próprio da década de sessenta, ainda que sejam ressaltadas suas especificidades. O próprio José Martí foi um exilado naquele país durante as guerras de independência. Soma-se a isso a existência de certa cultura de deslocamento temporário entre os dois países para estudos. Como já mencionado, era comum entre a classe média-alta o envio dos filhos para cursar faculdade e para frequentar escola de idiomas; muitos interpretaram a operação como uma forma de

---

estrangeiro contra uma comunidade pacífica. Um ponto extremamente importante desta teoria para a análise aqui proposta é que, como Duroselle propõe, a produção do insuportável “resulta na aceitação coletiva do risco de vida, o que equivale à vontade de correr o risco mais do que deixar as coisas se perpetuarem”. Da perspectiva da Operação Pedro Pan, essa assertiva é extremamente importante para entender o êxodo, pois a situação em Cuba foi interpretada como insuportável de tal modo que se admitiu antes o risco de não mais ver seus filhos do que deixá-los permanecer na ilha. DUROSELLE, Jean-Baptiste. *op. cit.*, p. 196; 371.

<sup>470</sup> Em 12 de março de 1962, Fidel Castro anunciou, por meio de um decreto, a criação da *Libreta de Abastamiento*, um novo sistema de distribuição de certos recursos alimentares e controle de preços na ilha, como parte da nova política de economia planificada. Por ela, o governo distribui alimentos e outros produtos da *Canasta Básica de Alimentos*, que, por ventura, se encontram em déficit de produção.

<sup>471</sup> DUROSELLE, Jean-Baptiste. *op. cit.*, p. 215.

fornecer uma educação e vida melhor aos jovens. De modo que, quando sentiram a necessidade de enviá-los por meio da operação, essa separação não foi encarada como possivelmente definitiva.

4) *ação hostil de país estrangeiro*. Esse aspecto afetou a decisão de emigração em dois aspectos: o primeiro da guerra real contra Cuba por meio da Invasão à Baía das Porcos e pelas ações de guerra psicológica; e o segundo pela utilização da migração como modalidade de política externa, facilmente percebida na postura de braços abertos adotada pelos Estados Unidos, sobretudo, nos primeiros anos após o triunfo da Revolução Cubana.

### 3.3 - A Operação Pedro Pan e os movimentos de oposição em Cuba

A figura central do lado cubano da operação foi Penny Powers (Phyllis H. Powers),<sup>472</sup> uma cidadã britânica, professora na escola de James Baker, a *Ruston Academy*. Walsh a reconheceu como o elo com grupo de Havana”.<sup>473</sup> Ramón Grau, por sua vez, descreveu-a como a mulher mais “anticomunista” que ele já conhecera.<sup>474</sup> Entrevistando-a em Havana em 1993, María de los Angeles Torres confirmou sua atuação como oficial de inteligência do Reino Unido e como “a coordenadora central do esforço clandestino durante a Operação Pedro Pan”<sup>475</sup>.

De fato, convergindo com essas assertivas, Powers, em um dado momento, declarou ao ex-embaixador dos Estados Unidos, Bonsal: “Esta deve ser uma oportunidade para as crianças verem a vida americana em sua melhor forma, para perceberem que o comunismo não tem nada a oferecer a elas em comparação com a democracia”<sup>476</sup>. Depois de se reunir com pais que lutavam na clandestinidade e mandaram seus filhos para o exterior, Powers insistiu em que o programa não fosse exclusivamente católico. Ela desconfiava das intenções dessa

---

<sup>472</sup> A narrativa cubana sobre a Operação Pedro Pan sugere que Penny Powers poderia ter sido uma agente do MI5, mas afirma que seu papel na Operação Pedro Pan só foi revelado à segurança do Estado cubano após a prisão dos Grau em 1965. Ela foi mencionada em um relatório de segurança do Estado de 10 de dezembro de 1964 por se encontrar regularmente com o embaixador britânico, mesmo não tendo credenciamento diplomático oficial. Conferir CRESPO, Ramón Torreira; MARRAWI, José Buajasán. *Operação Peter Pan: un caso de guerra psicológica contra Cuba*. La Habana: Política, 2000, 214.

<sup>473</sup> SHNOOKAL, Deborah. *op. cit.*, p. 159.

<sup>474</sup> Grau, Ramón; Valerie, Ridderhoff. *Cuba desde 1930*. Madrid: Aguilar, 1997, p. 139.

<sup>475</sup> TORRES, María de Los Angeles. *op. cit.*, p. 4.

<sup>476</sup> Carta de Penny Powers para W. L. Mitchell do DHEW, citado por TORRES, María de Los Angeles. *op. cit.*, p. 104-5.

instituição e sentia fortemente que um plano para educar as crianças e os adolescentes de maneira democrática deveria implicar em uma separação clara entre Igreja e Estado.<sup>477</sup>

Ela era a única pessoa envolvida com o programa com experiência em deslocamentos de crianças refugiadas. Enfermeira por formação, tinha sido uma figura importante em ajudar crianças judias a escapar da Europa ocupada pelos nazistas para sua terra natal, a Grã-Bretanha. Em Cuba, tornou-se o principal contato com a Embaixada Britânica, recebendo autorização de seu governo para carimbar vistos para os menores viajarem para a Jamaica na segunda fase da operação. Ela própria distribuiu isenções de visto e carimbou passaportes diretamente, fornecendo documentação também para adultos envolvidos na oposição. Chegou, inclusive, a estabelecer uma pequena escola informal de idiomas para as famílias dos diplomatas, onde recebia secretamente documentos de embaixadas estrangeiras. Foi a única figura importante envolvida na Operação Pedro Pan desde o seu início até a sua conclusão, não tendo sido presa nem se exilado.

A sua atuação, decerto, lança luz à dimensão da internacionalidade da operação: os britânicos não apenas permitiram o uso de seus vistos, mas também de sua embaixada e de seu pessoal em atividades clandestinas, apoio claramente solicitado por Washington. Muitas vezes os diplomatas britânicos transportavam ordens de pagamento de Walsh para os participantes da Operação Pedro Pan em Cuba, tamanho seu envolvimento.<sup>478</sup> Penny Powers morreu em Cuba, já com idade avançada. Em 1982, recebeu a Ordem do Império Britânico (*Most Excellent Order of the British Empire*) por seu trabalho com crianças e sua luta contra regimes opressores.<sup>479</sup>

Além de Powers, dois dos nomes cubanos mais conhecidos da operação eram os de Ramón (“Mingo”) Grau e sua irmã Leopoldina (“Polita”). Os dois eram sobrinhos de um ex-presidente cubano (Ramón Grau San Martín) e, por influência do tio, eram bem conectados com os mais altos círculos diplomáticos, políticos e sociais de Cuba. Eles eram ainda auxiliados na Operação Pedro Pan por funcionários em uma agência de viagens em Havana Velha e pelos executivos das companhias aéreas Pancho Finlay e Tony Comellas, da KLM e *Pan American*, respectivamente, cuja cooperação garantiu a inclusão de última hora de nomes de crianças e adolescentes com isenção de visto (no lugar de nomes falsos inseridos nas listas propositalmente).

---

<sup>477</sup> Carta enviada por Penny Powers ao W. H. Mitchell em 3 de abril de 1961. Disponível no National Archives, HEW, Children’s Bureau, 1961, p. 2 ou em TORRES, Maria de Los Angeles. *op. cit.*, p. 105.

<sup>478</sup> TRIAY, Victor Andres., *op. cit.*, p. 39.

<sup>479</sup> TORRES, Maria de Los Angeles. *op. cit.*, p. 82.

Trabalhando estreitamente com os Grau e Baker estava também Albertina O'Farrill. Ex-mulher do ex-embaixador de Cuba em Portugal e na Holanda, ela era um dos principais contatos da Operação Pedro Pan na embaixada. Por meio de suas conexões, O'Farrill recebeu isenções de visto e ordens de pagamento de diplomatas estrangeiros e entregou a papelada aos agentes apropriados. Foi ela também quem facilitou o estabelecimento por Penny Powers de sua pequena escola de idiomas. Ajudou centenas, talvez milhares, de adultos cubanos a escapar da ilha por meio de embaixadas. O'Farrill cumpriu quatorze anos de pena nas prisões políticas por suas atividades antigovernamentais provavelmente não associadas à operação.<sup>480</sup>

Os membros da Igreja Católica tiveram um papel muito importante no êxodo, embora não propositalmente organizados pela instituição, mas de forma espontânea. A demanda por vistos era constante. Pais normalmente procuravam ajuda para obtê-los de uma fonte confiável. Eles normalmente buscavam um pároco, um professor de confiança ou uma freira da escola de seus filhos. Esses religiosos recolhiam os nomes e faziam-nos chegar até Polita e Mongo. Porém, não eram a única fonte de pedidos de saída. Os nomes chegavam por meio de amigos, parentes e quaisquer outros meios disponíveis.

Uma das regras principais do grupo dos Grau era nunca andar com passaportes. Qualquer um encontrado em Cuba portando documentos de identidade de outrem poderia ser preso. Os nomes dos solicitantes deveriam ser trazidos escritos em pedaços de papel, em livros ou qualquer outro lugar, mas sem passaportes. As pessoas com os nomes deveriam ir à casa dos Grau de forma alternada, sempre evitando movimentos rotineiros. A casa deles, sendo de um ex-presidente, recebia muitos visitantes diariamente; dessa forma, não levantavam muitas suspeitas da sede do G.2, do outro lado da rua, quanto à movimentação de estranhos.

Beatriz López, uma parente distante da família, era uma das responsáveis por digitar os nomes dos jovens nas isenções de visto: “Tínhamos pastas arquivadas em ordem alfabética e eu digitava e digitava 100, 200 ou 300 nomes. Era como uma corrente. Amigos contavam a amigos que contavam a amigos.”<sup>481</sup> À medida que a procura de saídas aumentava, também crescia a dificuldade de obter passaporte ou visto. Documentos falsificados eram o único meio de saída para alguns cubanos, especialmente para os envolvidos no movimento clandestino.

A casa dos Grau tornou-se, desse modo, uma fábrica de falsificação. Os visitantes eram primeiramente entrevistados no foyer, os que passavam por esta entrevista eram então conduzidos a um pátio interior e colocados em uma das duas filas: para passaportes ou para

---

<sup>480</sup> *Ibidem*, p. 43.

<sup>481</sup> LÓPEZ, Beatriz in: CONDE, Yvonne M. *op. cit.*, p. 66.

vistos ou isenções de visto. Os que estavam na fila de passaportes recebiam um falso fabricado em conjunto com a embaixada do Panamá. Aqueles com passaportes válidos, mas vistos desatualizados, tinham a data do visto alterada por um artista que trabalhava com a Polita. Aqueles com passaportes válidos e sem vistos recebiam um carimbo com o selo oficial da embaixada que havia sido concedido aos Grau por meio de seus contatos na CIA.<sup>482</sup> Mongo tinha a assinatura do padre Walsh para a isenção de visto. Quando os vistos não chegavam ou não chegavam em número suficiente, o grupo os fazia em uma copiadora Thermofax: “Nós fazíamos um *slot* e inseríamos um nome digitado nele e fazíamos uma cópia”, diz Mongo. Sua declaração é confirmada por seu motorista e colaborador, Emilio Molina.<sup>483</sup>

Polita e Mongo foram presos em 1965, três anos após a conclusão da Operação Pedro Pan, por atividades políticas não associadas ao êxodo infantil. Polita permaneceu em uma prisão política até 1979. Mongo foi libertado apenas em 1986, tendo sofrido severas torturas enquanto esteve na prisão. Quando morreu em novembro de 1998, no exílio, poucos dias antes de completar 76 anos, foi elogiado como um lutador por Cuba e pela democracia. Sua família cremou seu corpo, esperando um dia levar suas cinzas para uma Cuba livre.<sup>484</sup> Grau San Martin morreu em 1969, tendo visto seu sobrinho e sobrinha pela última vez como prisioneiros de Fidel Castro. Emilio Molina, motorista de Mongo, também foi preso em 1965 e passou sete anos na prisão dos quinze a que havia sido condenado por “conspirar contra os poderes do Estado”. Ele deixou Cuba em 1974. Ironicamente, havia enviado seu filho sozinho de oito anos para os Estados Unidos vendo-o novamente quando o menino já tinha se tornado um adulto de vinte anos: “Eu o reconheci apenas porque ele me enviou fotos”.<sup>485</sup>

Também faziam parte da operação em Cuba Sergio Giquel e Serafina Lastra de Giquel, amigos íntimos dos Baker. Sergio, um ortodontista, esteve envolvido desde o início, transportando mensagens entre Miami e Havana durante as poucas semanas em que Baker e Walsh tentavam resgatar crianças com visto de estudante.<sup>486</sup> Serafina, uma paisagista que havia projetado o terreno da *Ruston Academy*, foi atuante na distribuição de isenções de visto e na coleta de passaportes. Ela entregou documentação pessoalmente em toda Havana durante os primeiros dias da operação. Sergio morreu em Cuba alguns anos após o fim da Operação Pedro Pan. Serafina foi presa logo depois, por “atividades contrarrevolucionárias”.<sup>487</sup>

<sup>482</sup> TORRES, Maria de Los Angeles. *op. cit.*, p. 135.

<sup>483</sup> GRAU, Ramón in: *Ibidem*, p. 68.

<sup>484</sup> GAY, Kathlyn. *op. cit.*, p. 39.

<sup>485</sup> CONDE, Yvonne M. *op. cit.*, p. 70.

<sup>486</sup> WALSH, Bryan O., *Cuban Refugee Children*. Barry University Archives and Special Collections, 1971. Disponível em: < <http://ufdc.ufl.edu/AA00054494/00001> >. Acesso em: 26 jul. 2022.

<sup>487</sup> TRIAY, Victor Andres. *op. cit.*, p. 38.

As isenções de visto<sup>488</sup> eram trazidas dos Estados Unidos por pessoas de confiança dos organizadores da operação. Uma delas era Sara del Toro de Odio<sup>489</sup>. Ela havia levado seus cinco filhos mais velhos para Miami no final de 1960. Lá, encontrou-se com seu amigo Maurice Ferré, futuro prefeito de Miami, que a levou para conhecer o padre Walsh. Em sua viagem de volta, Sara del Toro trouxe um dos primeiros lotes de isenção de visto para distribuir aos jovens cubanos. Embora ela soubesse de Penny Powers e do trabalho de outros em Cuba dentro da Operação Pedro Pan, não tinha ligação com nenhum deles.

Ela distribuía isenções de visto, principalmente de sua casa, para quem precisasse, fosse a pessoa conhecida ou não: "Eu entregava mais a pessoas desconhecidas. Nós nos reuníamos na minha fazenda e eu lhes entregava a isenção lá. Muitos da oposição estavam desesperados para enviar os filhos para o exterior, já que estavam com medo."<sup>490</sup> Ela esteve ativa na oposição e na operação até o outono de 1961, quando, junto com seu marido, foi presa por atividades contra o governo. Ambos ficaram encarcerados por vários anos.

Como a quantidade de solicitações sobrepujava, em larga medida, a quantidade de pessoas disponíveis para transportar as isenções, o grupo precisou encontrar outras pessoas para trazê-las de forma mais frequente. Ponderaram ser necessário encontrar alguém com entrada e saída ilimitadas dentro e fora de Cuba. Alguém com prestígio suficiente para não ser revistado pelas autoridades cubanas. Mais uma vez, recorreram aos diplomatas. O primeiro nome a surgir foi o de Marie Boissevant, esposa do embaixador holandês em Cuba. A tia dela pertencia à nobreza russa e havia fugido de São Petersburgo durante a revolução. Ela concordou em ajudar o grupo: "Você me diz quando eu tenho de ir. A *KLM Royal Dutch Airlines* pertence ao governo, então, como esposa do embaixador, não pago passagem e posso viajar a qualquer hora".<sup>491</sup>

Desse modo, Boissevant passou a contrabandear isenção de vistos, trazendo até quinhentos ou mais por viagem.<sup>492</sup> A obtenção deles não era uma atividade ilegal em si. Qualquer pessoa com família ou amigos nos Estados Unidos podia solicitar o envio para Cuba. Contudo, o serviço postal não era confiável, pois as cartas eram interceptadas ou

---

<sup>488</sup> Uma cópia consta nos anexos deste trabalho.

<sup>489</sup> Sara Del Toro Odio era politicamente ativa desde a luta antiMachado do início dos anos 1930 e esteve profundamente envolvida na luta contra Batista durante os anos 1950. Junto com seu marido Amador Odio, dono da *Trafico y Transporte, S.A.*, uma das maiores empresas de transporte rodoviário de Cuba, ela foi uma forte defensora de Castro no início de 1959. Quando o líder se declarou comunista, no entanto, Del Toro e seu marido se juntaram ao *Movimiento Revolucionario del Pueblo*, um grupo de ex-apoiadores de Castro descontentes.

<sup>490</sup> Entrevista concedida por Sara Del Toro a Victor Triay em 31 de maio de 1994. TRIAY, Victor Andres., *op. cit.*, p. 42.

<sup>491</sup> BOISSEVANT, Marie in: CONDE, Yvonne M. *op. cit.*, p. 60.

<sup>492</sup> *Ibidem*, p. 61.

censuradas. Além disso, muitas pessoas não tinham conhecidos nos Estados Unidos ou precisavam de um visto rapidamente.

Os voos eram reservados com meses de antecedência, sendo imperioso o estabelecimento de contatos com companhias aéreas a fim de obter assentos. No início do programa, a Agência de Viagens *Harry Smith*, em Havana, recebeu alguns vistos de Miami. Teté Cuervo trabalhou lá nesse período e se lembra de Gilbert Smith, filho do fundador da agência, reservar cinco lugares por dia com nomes de passageiros fictícios para dar às crianças e adolescentes desacompanhados. O contato na *KLM* era Pancho. Francisco ("Pancho") Finlay, neto de Carlos Finlay, o aclamado médico cubano que descobriu a causa da febre amarela na virada do século, e era ligado à *Ruston Academy* por meio de sua esposa, Berta de la Portilla de Finlay, professora da escola. Ambos faziam parte do comitê de cinco pessoas formado por James Baker antes de deixar Cuba.

Como gerente geral da *KLM* para Cuba e Caribe, Pancho desempenhou um papel decisivo na Operação Pedro Pan. Foi ele quem garantiu vagas a bordo dos voos da *KLM* para crianças e adultos emigrarem. Também aprovou as declarações falsas apresentadas às autoridades cubanas afirmando que crianças (e, presumivelmente, alguns adultos) tinham isenção de visto para os Estados Unidos. Margarita Fuentes, membro ativo da Juventude Católica de Cuba, funcionária da *KLM* na época, descreveu a colaboração com Finlay na criação das declarações falsas: “ele só me dava uma lista e então preenchíamos [as três declarações] mesmo que elas [notificações de isenção de visto em Miami] nunca tivessem chegado”<sup>493</sup>. Finlay e de la Portilla também foram ativos na obtenção de vistos britânicos. Indivíduos, em suas redes, coletavam os passaportes, e o casal os repassava para contatos da embaixada. James Baker narrou sobre o perigo enfrentado por eles nessas atividades:

Um dia [Berta] disse ao marido: "Pancho, estou um pouco preocupada em ter todos esses passaportes aqui. Vou levá-los à embaixada holandesa", e desceu para ver a esposa do embaixador, deixando aqueles passaportes lá. No dia seguinte, eles [a polícia] vieram e revistaram sua casa. Eles [Pancho e Berta] ficaram dois ou três dias presos. Eles [polícia] não acharam nada. Mas disseram: "O que são todos esses nomes de alunos?" Ela disse: "Bem, isso foi porque o Sr. Baker, chefe da *Ruston Academy*, deixou os nomes das bolsas de estudo nos Estados Unidos; e, quando ele foi embora, eu assumi controle sobre os nomes”.<sup>494</sup>

<sup>493</sup> Entrevista concedida por Margarida Fuentes a Victor Triay em 4 de junho de 1994. TRIAY, Victor Andres., *op. cit.*, p. 37.

<sup>494</sup> Do original: “*One day [Bertha] said to her husband, “Pancho, I’m a little concerned about having all these passports here. I’m going to take them to the Dutch Embassy”, and she went down to see the ambassador’s wife and left those passports there. The next day they [the police] came and searched their house. They [Pancho and Berta] were in prison for two or three days. They [police] didn’t find anything. But they said, ‘What are all these names of students?’ She said, ‘Well, that was because Mr. Bake, who was the head of Ruston Academy, left the*

Pancho e Berta recusaram-se a ter mais documentos incriminatórios em casa, mas continuaram a recebê-los diretamente na *KLM*. Usariam a empresa como seu novo “escritório”, marcando compromissos com os pais. Há estimativas sugerindo que Berta e Pancho foram responsáveis por ajudar quase cinco mil crianças e adolescentes a encontrar refúgio nos Estados Unidos.<sup>495</sup> Os dois morreram anos depois no exílio.

Certamente, é impossível saber o número de pessoas envolvidas nas redes ou qualquer outra faceta da operação em Cuba. Provavelmente, foram várias centenas, senão milhares, estando seus nomes ainda em sigilo dadas as poucas alterações políticas no governo da ilha desde então. Havia algumas características comuns aos envolvidos na Operação Pedro Pan. A maioria deles já atuava na oposição contra o governo, e suas atividades iam além da participação no êxodo infantil. Politicamente ativos antes mesmo da ascensão de Castro ao poder, muitos participaram da derrubada de Batista e depois se decepcionaram com o novo regime.

Trabalhando com o que restou de seus antigos cargos, esses cubanos ajudaram crianças e adolescentes de todas as classes sociais a emigrarem. Porém, pagaram um preço por sua coragem e devoção à causa; embora nenhum tenha sido condenado por quaisquer crimes diretamente associados à Operação Pedro Pan, muitos cumpriram longas sentenças, em um sistema político brutal, por outras atividades consideradas “contrarrevolucionárias”, tendo de viver seus anos finais no exílio.

Um número significativo de clérigos católicos também integrou, ou pelo menos apoiou, a oposição ao governo cubano, participando de várias atividades, desde propaganda até operações de sabotagem e ações armadas. A dúvida que permanece, no entanto, é em que medida essas atividades tiveram o conhecimento e a aprovação de seus superiores. Quando dois jornalistas europeus entrevistaram Mons. Agustín Román<sup>496</sup>, expulso de Cuba em 1961, pressionando-o sem sucesso por uma declaração sobre o apoio da Igreja em relação ao movimento de oposição, eles receberam um documento descrevendo a operação Pedro Pan

---

*names for scholarships in the United States, and when he left, I just took over the names.*” Entrevista concedida por Baker a Victor Triay em 4 de junho de 1994. *Ibidem*, p. 37.

<sup>495</sup> *Ibidem*, p. 38.

<sup>496</sup> Agustín Aleido Román Rodríguez foi Bispo Auxiliar da Arquidiocese de Miami e o Bispo Titular de Sertei. Inicialmente, foi ordenado sacerdote, em 5 de julho de 1959, e destinado à Diocese de Matanzas. Partiu para o exílio, em 17 de setembro de 1961, junto a outros 130 sacerdotes e ao Bispo Auxiliar da Arquidiocese de Havana, Boza Masvidal. De 1962 a 1966, foi diretor espiritual e professor do Instituto de Humanidades de Temuco, Chile. Também foi designado para a paróquia de Espírito em Temuco. De 1967 a 1973, foi capelão do *Mercy Hospital* em Miami, Estados Unidos. Serviu no Comitê dos Bispos dos Estados Unidos para Assuntos Hispânicos e foi membro do Comitê de Migração e Turismo. Em 6 de fevereiro de 1979, foi nomeado pelo Papa João Paulo II Bispo Auxiliar da Arquidiocese de Miami e, em 24 de março de 1979, foi consagrado Bispo Titular de Sertei. Foi o primeiro bispo cubano nos Estados Unidos.

como "um exemplo notável dos frutos obtidos graças à disposição e organização da sociedade civil da ilha e da solidariedade humana e eclesial no exterior". Esse mesmo documento também explicou que a operação foi "feita por meio de uma rede de pessoas na ilha, a Igreja Católica e o Governo dos Estados Unidos"<sup>497</sup>.

Evidências anedóticas consideráveis demonstram, todavia, o papel fundamental do clero católico na distribuição dos vistos e na utilização das igrejas como centros para a distribuição e coleta de passaportes.<sup>498</sup> Além disso, comumente os padres e freiras eram os primeiros a ser procurados pelos pais. E, supostamente, indicavam os caminhos a serem seguidos para conseguir os vistos necessários. As irmãs passavam os nomes para contatos-chave, coletavam os passaportes, obtinham as isenções de visto e, ocasionalmente, as distribuía.

Berta de la Portilla Finlay, por exemplo, enviou o filho dela no início de 1961, quando soube que o governo cubano interviria nas escolas privadas. Ela trabalhou em estreita colaboração com a Igreja Católica, já que padres e freiras eram fundamentais na identificação de menores para entrar no programa de isenção. Em uma entrevista em Miami, explicou como cada escola católica tinha uma pessoa responsável por compilar uma lista de crianças precisando de isenção de visto. Maria Teresa Cuervo, também membro do comitê de Backer e funcionária da *Harris Smith Travel Agency*, relatou que havia sido encarregada de fazer as reservas para a isenção de visto. Padres vestidos com roupas civis traziam as crianças e adolescentes que precisavam de isenção para seu escritório.<sup>499</sup>

Quanto ao nível de conhecimento do Vaticano em relação à operação, conjectura-se a hipótese de que não apenas a conhecia, como a apoiou de alguma forma, ainda que quase não existam fontes disponíveis a respeito. Cesar Arias conta ter esperado muito tempo por uma bolsa de estudo em um dos alojamentos em Miami; como não lhe foi concedida, decidiu escrever ao Vaticano, para o Cardeal Montini, posteriormente Papa Paulo VI:

*Como no me daban una veca [beca], le escribí una carta a un cardenal en Italia llamado Montini. Le contaba de los pocos baños en Matecumbe, de las serpientes venenosas y de todo lo mal que lo estábamos pasando. Le decía*

<sup>497</sup> Documento citado por Hernando Calvo e Katlijn Declercq in: CALVO, Hernando; DECLERCQ, Katlijn. *Cuban Exile Movement: Dissidents or Mercenaries?*. Melbourne: Ocean, 1999, p. 16; 19.

<sup>498</sup> Conde diz que a igreja jesuíta Sagrado Coração de Jesus se tornou um importante centro de recolhimento e distribuição de vistos para Pedros Pan. O Pedro Pan Roberto Ramon narrou que um "seminário jesuíta" em El Vedado, entre o final de 1959 e 1961, supervisionado por Florentino Azcoitia, funcionou também como centro de distribuição e coleta de passaportes. Conferir: RAMON, Roberto. Testimony. *Miami Herald*. Miami, apr. 25, 2013. Disponível em: <<http://pubsys.miamiherald.com/cgi-bin/pedropan/profile/12721/story>>. Acesso em: 10 jan. 2020. CONDE, Yvonne M. *op. cit.*, p. 66–67.

<sup>499</sup> Entrevista concedida por Berta de la Portilla Finlay a escritora Maria de Los Angeles Torres. TORRES, Maria de Los Angeles. *op. cit.*, p. 81.

*que quería irme a vivir a Italia. Este cura le escribió a la administración y después de esto me dieron una veca [beca] a Fort Wayne Indiana (un orfanato llamado Saint Vincent Villa. En Fort Wayne estudie y me quede a vivir. (Ah se me olvidaba contarles que al Cardenal Montini le hicieron Papa).<sup>500</sup>*

Os procedimentos para emigrarem de Cuba começavam com a aquisição do passaporte, algo um pouco demorado naquela época. Inicialmente, o pedido para sair do país poderia ser apresentado à delegacia local, depois as regras ficaram mais rigorosas, devendo-se conseguir autorização em Havana. Parte do processo de obtenção de uma autorização de saída incluía um inventário domiciliar. Um guarda vinha à casa e documentava todos os pertences. Se algum deles desaparecesse no dia da partida, a autorização era revogada. Quase nenhum dinheiro poderia ser retirado do país.

O próximo passo era conseguir a isenção de visto. Para isso, alguns enviavam o passaporte por correio até Miami para algum parente ou amigo conseguir o documento, enquanto outros entregavam os passaportes para a rede clandestina antiCastro. O *Catholic Welfare Bureau* enviava um telegrama<sup>501</sup> para o parente informando sobre a concessão da isenção e um para a companhia aérea. Findada essa etapa, era necessário conseguir o vale-compra da passagem aérea (as passagens eram adquiridas somente em dólares) e aguardar o telegrama chegar a suas casas avisando sobre a data da saída; esse telegrama era o requisito final necessário para deixar a ilha.

No aeroporto, os menores deveriam esperar para passar pelos agentes de imigração em uma sala de vidro conhecida como “*pecera*” (aquário em espanhol). Era onde os passageiros das companhias aéreas eram reunidos; outros não eram autorizados a entrar. Esse momento é, sem dúvidas, tido como um dos mais dramáticos da experiência de migração por dois motivos principais: o primeiro é a sensação definitiva de afastamento dos pais, vistos apenas pelos vidros; muitos deles nunca haviam experimentado a separação familiar de qualquer tipo e, para alguns, foi por meio da *pecera* que se viram pela última vez; o segundo é que as crianças estavam agora entregues à própria sorte nas mãos do serviço de imigração cubano sem o auxílio de qualquer adulto: “A *pecera* teve um efeito psicológico maquiavélico. Você ainda estava em território cubano, então estava à mercê deles enquanto seus pais assistiam, mas não podiam defendê-lo”, recorda-se Gustavo Debras<sup>502</sup>.

<sup>500</sup> ARIAS, Cesar. Testimony. *Miami Herald*. Miami, jul. 23, 2009. Disponível em: <<http://pubsys.miamiherald.com/cgi-bin/pedropan/profile/3113/story>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

<sup>501</sup> Uma cópia de um desses telegramas está no anexo deste trabalho.

<sup>502</sup> DEBRAS, Gustavo. Testimony. *Miami Herald*. Miami, apr. 10, 2012. Disponível em: <<http://pubsys.miamiherald.com/cgi-bin/pedropan/profile/13320/story>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

Ao deixarem o país, somente poderiam levar três conjuntos de roupa.<sup>503</sup> Por conseguinte, as malas eram vasculhadas pelas autoridades e qualquer item encontrado diferente do permitido era retido. Alguns pais já haviam sido informados sobre os métodos de extorsão dos guardas cubanos e tomaram precauções de antemão. Algumas táticas comuns era esconder dinheiro na sola do sapato ou costurar moedas ou joias em roupas. Ao ter sua bagagem revistada, Alicia Rivero se recorda do modo desumano com que foi tratada:

Ele então pegou dois centavos guardados em meus mocassins e afirmou que eu era uma traidora do meu país e, como tal, não poderia levar nenhuma moeda para o exterior. Ele então me disse que um dia rastejaria de volta para Cuba enquanto esvaziava toda a minha bagagem na pista.<sup>504</sup>

As crianças evidentemente não eram tratadas com sensibilidade pelos serviços de imigração, pois estavam abandonando a Revolução, e os funcionários do aeroporto sabiam disso. Em muitos casos, os jovens viajantes foram forçados a deixar para trás roupas, joias, bonecas e outros pertences pessoais (de acordo com os rigorosos requisitos de impostos exigido dos emigrantes). Eles foram revistados, e quaisquer pertences além do limite foram confiscados. Para alguns Pedros Pans, muito mais estava sendo tomado naquele momento:

*Nos quitaron, no sólo nuestras pocas posesiones materiales, como el anillo de rubí que me regaló mi abuelo antes de partir, sino lo que era más importante, nuestros momentos felices junto a la familia. ¡Qué día más triste--padres e hijos separados por un cristal y por un gobierno comunista que iba a “indocinar” a los niños!*<sup>505</sup>

As primeiras crianças e adolescentes enviados pelo arranjo de Baker eram abordados ainda dentro do avião. Quando pousava em Miami, uma pessoa do Departamento de Estado entrava e lia os nomes deles, e, então, eles o acompanhavam até uma sala da imigração. As que emigraram posteriormente, viajavam com algumas instruções, sendo a principal delas a de procurar um homem chamado “George” quando pousassem, em que pese não fizessem ideia de quem se tratava. Uma Pedro Pan se recorda de pensar estarem falando de George

---

<sup>503</sup> Além disso, em 1962, *The New York Times*, noticiou que as crianças chegavam aos Estados Unidos com “segurando um passaporte azul, um saco plástico com uma boneca ou brinquedo querido dentro, e, às vezes, um cobertor”. CUBAN children helped in Florida. *The New York Times*. New York, may 27, 1962, p. 41.

<sup>504</sup> Do original: “*He then took two pennies I had in my penny loafers and stated that I was a traitor to my country, and as such would not be allowed to take any Cuban currency out of the country. By this time my emotions were so raw that I foolishly told him to take the pennies away, that my mother would send them back to me by mail anyway. He then told me I would one day come crawling back to Cuba while emptying all my luggage on the tarmac.*” RIVERO, Alicia. Testimony. *Miami Herald*. Miami, aug. 24, 2009. Disponível em: <<http://pubsys.miamiherald.com/cgi-bin/pedropan/profile/12760/story>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

<sup>505</sup> MEDEROS, Armando. Testimony. *Miami Herald*. Miami, may 17, 2009. Disponível em: <<http://pubsys.miamiherald.com/cgi-bin/pedropan/profile/6163/story>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

Washington, o único George que ela conhecia.<sup>506</sup> Esse George, na verdade, chamava-se “Jorge” e era cubano. Ele morava nos Estados Unidos desde 1947. Havia conhecido Louise Cooper, uma assistente social do Serviço Social Católico de Miami, no aeroporto e se ofereceu para ajudá-la a levar alguns jovens em sua caminhonete.

Logo seu trabalho como voluntário se tornou um trabalho remunerado em tempo integral, encarregando-se de conhecer as crianças, ter sua papelada processada e transportá-las para os alojamentos. Ele tinha autorização para se encontrar com elas antes da área de imigração do aeroporto. Para ter um controle exato, iniciou um registro com a data de chegada, nome, data de nascimento, tipo de visto e para onde cada uma havia ido. Estas anotações se transformaram em um enorme livro de folhas soltas, onde, ainda hoje, os Pedros Pans procuram seus registros.<sup>507</sup>

Finalmente, tem sido alvo de um número significativo de especulações a inércia do governo cubano diante do êxodo infantil. O quanto sabia sobre a Operação Pedro Pan na época? E por que não fez nada para impedi-la? Um ex-Pedro Pan diz ter sido informado por um funcionário do Ministério do Interior cubano, o coronel Tony de la Guardia, que eles sabiam sobre os “filhos do monsenhor”. Aparentemente, de La Guardia “admitiu que o governo cubano sempre acompanhou as crianças de perto e tinha espões entre os trabalhadores dos abrigos temporários em Miami.”<sup>508</sup>

Isso é plenamente possível, porque a equipe dos alojamentos era, em sua maioria, de emigrantes cubanos, e a segurança do Estado cubano foi muito bem-sucedida em penetrar em grupos de exilados nos Estados Unidos, ao ponto de a eficácia dos procedimentos de triagem para admissão de refugiados ter sido questionada nas audiências do Subcomitê do Senado sobre refugiados cubanos.<sup>509</sup> O general aposentado Fabián Escalante, ex-chefe da segurança do Estado cubano, explicou sobre o não envolvimento do governo como uma simples questão de prioridades: “A prioridade naqueles dias estava em parar as bombas”, disse ele, referindo-se aos ataques generalizados e campanhas de sabotagem.<sup>510</sup>

De fato, não há evidências de qualquer tentativa de impedir os menores de partir, além de um incidente em setembro de 1961, quando o *The New York Times* relatou tiros disparados

<sup>506</sup> CONDE, Yvonne M. *op. cit.*, p. 73.

<sup>507</sup> ROQUE, Abelardo. Testimony. *Miami Herald*. Miami, jun. 4, 2014. Disponível em: <<http://pubsys.miamiherald.com/cgi-bin/pedropan/profile/7472/story>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

<sup>508</sup> Tony de la Guardia foi julgado e executado em 1989 por graves acusações de corrupção. CONDE, Yvonne M. *op. cit.*, p. 193.

<sup>509</sup> Conferir: HALE, Robert. *Testimony of 13 December 1961 to U.S. Senate Subcommittee hearings, Cuban Refugee Problem*. Washington, D.C.: Government Printing Office, 1962, p. 205-214.

<sup>510</sup> Entrevista concedida por Fabián Escalante a Deborah Shnookal em 20 de abril de 1999. SHNOOKAL, Deborah. *op. cit.*, p. 204.

no aeroporto de Havana quando as autoridades “se recusaram a permitir um grupo de crianças emigrar para os Estados Unidos sem seus pais.”<sup>511</sup> Esse incidente ocorreu, segundo a narrativa oficial, por causa das novas e mais rígidas restrições do Ministério do Interior às autorizações de saída, tendo como base as mudanças na lei de reforma urbana e da insistência de que as passagens usadas pelos passageiros correspondessem ao nome em seus passaportes.<sup>512</sup> Conforme já discutido, a KLM e a Pan American Airlines mantinham listas de passageiros com nomes falsos, substituindo os nomes dos Pedros Pans no último minuto – um protocolo bastante irregular.<sup>513</sup>

Fidel Castro explicou sem rodeios por que o governo cubano não impôs restrições às saídas: “*Cuba respeta, como cosa sagrada, ese derecho de los padres, por mucho que nos duela que un niño, nacido en esta tierra, sea desarraigado de su patria*”. E disse ainda: “*no nos concierne lo que decida la familia sobre el destino futuro de su hijo*.”<sup>514</sup> É sabido, porém, que os emigrantes eram considerados pouco propensos à conversão ao comunismo e, além disso, o governo poderia usar, para benefício próprio, o dinheiro obtido de seus bens renunciados e das passagens compradas (todas elas em dólares).<sup>515</sup> Embora, no curto prazo, o êxodo pudesse representar um impacto significativo na economia, revelou-se, em longo prazo, um processo útil de “limpeza” que realmente fortaleceu a Revolução Cubana.

### 3.4 – Os Pedros Pans no “mundo livre”

Washington seguia acreditando no poder da guerra propagandista para macular a imagem do regime cubano e isolá-lo no sistema interamericano, o que foi ratificado com a expulsão de Cuba da Organização dos Estados Americanos em 31 de janeiro de 1962. Como

<sup>511</sup> EDER, Richard Eder. 100 Priests Are Seized in Cuba; 6 More Castro Foes Executed. *The New York Times*. New York, sep. 17, 1961, p. 41.

<sup>512</sup> CRESPO, Ramón Torreira; MARRAWI, José Buajasán. *op. cit.*, p. 246–47. Conferir também: REGULACIÓN de pasajes. Las tarjetas se darán solo a interesados. *Revolución*. La Habana, 14 sep. 1961, p. 1; ACLARACIÓN a viajeros. Facilitan trámite en la Reforma Urbana. *Revolución*. La Habana, 19 sep. 1961, p. 2.

<sup>513</sup> Dois funcionários de ambas as companhias aéreas foram posteriormente presos: Francisco (Pancho) Finlay, presidente da KLM em Cuba e José Luis Pelleya, advogado da Pan American Airlines, acusado de espionagem. CRESPO, Ramón Torreira; MARRAWI, José Buajasán. *op. cit.*, p. 251–56 240–46.

<sup>514</sup> CASTRO, Fidel. *Discurso pronunciado por el presidente del Consejo de Estado de la República de Cuba, Fidel Castro Ruz, ante el grupo de niños que custodiaron la Sección de Intereses de Estados Unidos en La Habana, con motivo de la marcha en reclamo del niño Elián González, en el círculo social "José Antonio Echeverría", el 23 de diciembre de 1999, "Año del 40 aniversario del triunfo de la Revolución", enriquecido con algunos detalles adicionales del propio autor*. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1999/esp/f231299e.html>>. Acesso em: 1 ago. 2022.

<sup>515</sup> MACHADO, Eduardo. *Havana is Waiting and Other Plays*. New York: Theatre Communications Group, 2011, p. 588.

parte do plano para garantir apoio das diferentes alas do governo, foi considerado necessário intensificar a criação de uma atmosfera de “cruzada pela liberdade humana”, de modo que esse discurso escatológico assegurasse a continuidade da política do presidente Kennedy no que concernia não apenas à derrubada de Castro, mas também ao programa de assistência a um número cada vez maior de imigrantes cubanos em solo estadunidense.

Em 3 de novembro de 1961, Kennedy autorizou o desenvolvimento de um novo programa projetado para minar o governo de Fidel Castro. Seu irmão, Robert, lideraria os esforços da Operação Mongoose e o general Edward Lansdale o auxiliaria. Lansdale era especialista em operações psicológicas, como havia demonstrado em sua guerra contra os comunistas nas Filipinas. Ele considerou de suma importância, para alinhamento das opiniões domésticas e internacionais, “visitas de personalidades proeminentes do país e da América Latina aos alojamentos de refugiados cubanos na Flórida para demonstrar preocupação com a situação dos refugiados, especialmente com as crianças sem pais”. A primeira-dama Jacqueline Kennedy deveria ser uma delas, pois ela teria tido um grande ‘impacto sobre os latino-americanos’ durante uma recente visita à Venezuela e à Colômbia”.<sup>516</sup> Esses alojamentos aos quais Lansdale se refere recebiam as centenas de crianças e adolescentes chegando aos Estados Unidos toda semana sob os cuidados do Programa da Criança Cubana. Alguns tinham caráter transitório, outros permanente.

Um deles era um grupo de prédios vagos do HEW, o complexo de *Kendall*, no Condado de Miami-Dade. Com capacidade para acomodar sessenta menores, tais prédios haviam sido usados por vários anos para abrigar jovens afro-americanos em situação de marginalização social. O Departamento ofereceu a instalação a Walsh para uso em caso de emergência e o *Catholic Welfare Bureau* acolheu a oferta logo após o Natal de 1960. Eventualmente, o complexo ficou conhecido, tanto em Cuba como em Miami, como *El Campamento de Kendall*. No final de janeiro, Walsh pediu a Madre Thomas, da Academia Ursulina em Havana, para administrá-lo. O convite foi aceito, com autorização de sua madre superiora, após alguma resistência por causa das regras pré-Vaticano II acerca do trabalho de freiras com meninos. A permanência dela em Kendall, no entanto, foi breve, pois os Irmãos Maristas assumiram a administração em junho de 1961. Algum tempo depois da estruturação do abrigo, *Kendall* foi usado exclusivamente para abrigar meninos entre as idades de doze e quatorze anos.

---

<sup>516</sup> ELLISTON, Jon, ed. *Psywar on Cuba: The Declassified History of U.S. Anti-Castro Propaganda*. Melbourne: Ocean, 1999, p. 80–82.

O complexo consistia em três estruturas: um chalé para meninas (quando elas ainda eram abrigadas lá), um chalé para meninos de ala dupla com cozinha e espaço de jantar e um prédio de quatro salas de aula. Felizmente, tinha grandes áreas de lazer ao redor, apesar de ser localizado em uma área bastante erma. Por ser usado apenas como abrigo temporário para crianças e adolescentes a caminho de um lugar mais permanente, pouco esforço foi feito para melhorar a aparência do local. A superlotação de lá acabou levando à criação de dois outros centros de trânsito no condado de Dade, um para adolescentes mais velhos e outro para meninas e meninos mais novos. Esse descuido em relação à estrutura é refletido em uma série de relatos:

Na minha primeira noite em *Kendall* na minha nova realidade insana, as crianças roubaram meu único conjunto de roupas extras e meu inalador para ajudar na minha respiração. Quase morri naquele lugar. Implorando por cada sopro de ar, por conta própria, no que me parecia o meio da selva ou do inferno.<sup>517</sup>

Outro acampamento transitório utilizado na operação foi o *Matecumbe*, cujo nome era uma homenagem aos indígenas da Flórida convertidos ao cristianismo por missionários cubanos do século XVIII. Em suas instalações, eram alocados jovens entre as idades de quinze e dezoito anos. Inaugurado em julho de 1961, manteve mais de trezentos meninos durante os períodos de pico da Operação Pedro Pan.<sup>518</sup> As instalações contavam com uma piscina olímpica, mais de 60 hectares de pinheiros cortados e quatro cabanas de madeira com vinte beliches cada. Barracas da Segunda Guerra Mundial foram adicionadas para fornecer dormitórios adicionais. Como não havia armários para algumas das barracas, esses ocupantes tiveram de guardar seus pertences nas malas.

Não havia nada nas proximidades, exceto quilômetros de plantações de tomate. Nem mesmo iluminação havia nos primeiros dias, as tendas eram iluminadas por lamparinas de querosene. Era um verdadeiro paraíso selvagem para alguns e um “inferno verde” para outros. Há relatos de animais silvestres como gatos e cobras invadindo a instalação. “Posso dizer honestamente que não me lembro de ter tido um dia bom lá”, afirmou Armando Silva.<sup>519</sup>

---

<sup>517</sup> Do original: “*On my first night in Kendall in my new insane reality, the kids stole my only set of extra clothing and my inhaler to help my breathing. I almost died in that place. Begging for every breath of air, on my own, in what seemed to me like the middle of the jungle or hell.*” GUERRA, Francisco Testimony. *Miami Herald*. Miami, jun. 11, 2009. Disponível em: <<http://pubsys.miamiherald.com/cgi-bin/pedropan/profile/9209/story>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

<sup>518</sup> TRIAY, Victor Andres. *op. cit.*, p. 59.

<sup>519</sup> SILVA, Armando. Testimony. *Miami Herald*. Miami, aug. 23, 2009. Disponível em: <<http://pubsys.miamiherald.com/cgi-bin/pedropan/profile/4872/story>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

Embora tenha sido concebido para ser um abrigo temporário, as crianças permaneciam por períodos mais longos comparadas às de *Kendall*. Como adolescentes mais velhos eram os mais difíceis de colocar em famílias adotivas, e sendo esse o grupo principal desse alojamento, era comum a estadia mais prolongada. A administração do alojamento ficava a cargo de um padre escolápio, Francisco Pala, assistido por uma grande equipe de leigos cubanos e estadunidenses. Na cantina do acampamento, os meninos podiam usar suas mesadas semanais para comprar artigos diversos, doces e refrigerantes, e selos postais para cartas para seus entes queridos em Cuba. As crianças de *Matecumbe* e de outros lugares muitas vezes economizavam suas mesadas com a intenção de comprar também ordens de pagamento para passagens aéreas a fim de seus pais emigrarem quando possível. Algumas usavam o dinheiro para excursões de fim de semana no centro de Miami.

*Matecumbe* sofreu certas alterações ao longo dos anos de funcionamento. Um lago foi dragado e um enorme ginásio foi construído. A certa altura, o acampamento abriu o experimental *Matecumbe High School*.<sup>520</sup> A escola foi credenciada pelo Condado de Dade, administrada pela Diocese de Miami e composta por professores cubano-americanos. Depois de um ano letivo, no entanto, ficou claro ser mais rentável e socialmente melhor para os meninos frequentar as escolas locais. Alfred Schwartz, um ex-comandante do exército, descreveu-o da seguinte forma em uma carta ao secretário da HEW Ribicoff:

Desejo informá-lo acerca de uma situação desumana e, a menos que seja corrigida imediatamente, diminuirá ainda mais o prestígio dos Estados Unidos entre aqueles que desejamos ajudar. Obviamente, nenhuma equipe de inspeção do governo já viu esse alojamento que "abriga" 400 meninos em barracos de madeira. Eles dormem em três beliches altas e cada menino tem uma área de estar e dormir de cerca de 4 metros cúbicos. São seis banheiros e doze chuveiros... praticamente não há proteção contra o frio e o calor. O acampamento está localizado em uma área isolada onde abundam cobras, nuvens de mosquitos... a instrução é precária e quase inexistente... Muitos dos meninos estão doentes. É surpreendente que eles ainda não se perguntaram de que lado estão os Estados Unidos. Como ex-oficial da Força Aérea e comandante da base, fiquei horrorizado com o que vi no alojamento *Matecumbe*.<sup>521</sup>

<sup>520</sup> TRIAY, Victor Andres., *op. cit.*, p. 59

<sup>521</sup> Do original: "I wish to inform you of a situation, which is inhumane and unless corrected immediately, will further lower the prestige of the United States among those we desire to help. Obviously no U.S. government inspection [team] has ever seen this camp. It "houses" over 400 boys in wooden shacks and tents. They sleep in three high bunks and each boy has a living and sleeping area of about 150 cubic feet. There are SIX (6) toilets and TWELVE (12) showers... there's practically no protection from the cold and heat. The camp is located in an isolated area which abounds in coral and rattle snakes, clouds of mosquitoes ... instruction is poor and almost non-existing... Many of the boys are ill. It's surprising they do not ask what side the United States is on... As a former Air Force officer and base commander, I was horrified by what I saw at Camp Matecumbe." Carta enviada por Alfred Schwartz a Abraham Ribicoff, em 5 de julho de 1962. In: TORRES, Maria de Los Angeles. *op. cit.*, p. 156.

A narrativa de Schwartz questiona o mito difundido entre a comunidade cubana no exílio acerca da mitologia tecida na batalha ideológica da Guerra Fria sobre a fuga heroica das crianças e o cuidado prioritário e adequado a elas. Os eventos dramáticos dessas separações familiares desvaneceram-se em uma memória coletiva reprimida para ser lembrada apenas por uma retórica política que resistiu à ambivalência ou contradições e retratou o êxodo como um conto de heroísmo. Na estruturação dessa formação discursiva, foram encobertas as dificuldades de todas as ordens a que esses jovens ficaram sujeitos, inclusive nesses alojamentos precários. Perspectiva também reforçada por John Thomas quando escreveu:

Essas crianças desacompanhadas foram enviadas para fora de Cuba por seus pais para evitar a doutrinação comunista... É uma marca da fé desses pais no coração caloroso dos Estados Unidos eles terem enviado seus filhos sozinhos, sem recursos ou parentes para este país. O notável sobre esses jovens é o quão bem eles se adaptaram. Como um assistente social comentou: “Esperávamos todos os tipos de problemas e eles simplesmente não aconteceram”.<sup>522</sup>

O *St. Raphael's*, também conhecido como *Cuban Boys Home*, serviu como centro de acolhimento somente para meninos. Diferente de *Kendall*, tinha um caráter mais permanente. O edifício principal era uma grande estrutura em estilo de apartamentos que cercava um pátio. Adjacente a ela, outra estrutura continha capela e refeitórios. O centro era administrado pelo próprio Brayn Walsh, que estabeleceu sua residência lá. Era considerado o Copacabana Palace dos abrigos de Miami, muito cobiçado e motivo de bastante inveja entre os meninos. Isso porque tinha ótima localização, em um ambiente urbano, perto o suficiente do centro de Miami, e não tão segregado como os abrigos transitórios. Nele, havia apenas oitenta meninos, divididos em grupos de vinte, sob a supervisão de oito pares de pais adotivos cubanos. Não havia a mesma superlotação dos demais, e isso gerava bastante interesse por parte dos jovens. Como Walsh morava em *St. Raphael's*, também levou para lá Alicia Honen, de cinquenta anos, para ser sua governanta e assistente. Foi apelidada de *Abuela* (avó em espanhol) pelos meninos, com os quais estabeleceu fortes laços.<sup>523</sup>

<sup>522</sup> Livre tradução de: “*These unaccompanied children were sent out of Cuba by their parents to avoid communist indoctrination .... It is a mark of faith of these parents in the warm heart of the United States that they sent their children alone without resources or relatives to this country. The remarkable thing about these youngsters is how well they have adjusted. As one social worker commented: 'We expected all kinds of problems and they just did not happen'*”. THOMAS, John F. Cuban Refugee Program. U.S.A. as a country of first asylum. Cuban refugees in the U.S. In: CORTÉS, Carlos E. *Cuban refugee programs*. New York: Arno, 1980.

<sup>523</sup> CONDE, Yvonne M. *Operation Pedro Pan: The Untold Exodus of 14,048 Cuban Children*. New York: Routledge, 1999, p. 87.

O *Florida City*, inaugurado em outubro de 1961, era o maior entre os abrigos, reservado para meninas de todas as idades e meninos com menos de doze anos. Tornou-se também o mais populoso dos alojamentos de Miami, abrigando, em seu auge, até quinhentas crianças e adolescentes. A instalação contava com prédios de dois andares, licenciado para acomodar 700 menores. Era o mais distante do centro de Miami, administrado pelas Irmãs de São Filipe Neri da Espanha e pelo padre Salvador de Cistierna, auxiliados por pais adotivos cubanos. A pitoresca cidade de Homestead, localizada em uma área agrícola, ficava nas proximidades. Nessa cidade, estava a Paróquia do Sagrado Coração, onde anos antes Walsh havia servido como pároco. Mesmo após sua transferência, apesar da longa distância, ele continuou a ver o mesmo dentista perto de onde seria o *Florida City*. Depois de uma visita de rotina, explorou a área em seu carro, procurando possíveis instalações para refugiados. Surpreendentemente, um grupo de prédios de apartamentos modernos parecia vazio. O dono era o prefeito, conhecido de Walsh, com quem fez um acordo mutualmente benéfico. O *Catholic Welfare Bureau* alugou o complexo de apartamentos, conseguindo o espaço desesperadamente necessário.<sup>524</sup>

Quando os voos entre Cuba e os Estados Unidos pararam durante a Crise dos Mísseis, o mesmo aconteceu com o êxodo dos jovens. O único meio de sair de Cuba era por intermédio de outros países, geralmente Espanha ou México. Isso tornou o envio deles sozinhos uma proposta bem mais difícil. Desse modo, as chegadas em massa pararam abruptamente em outubro de 1962, e o número de crianças e adolescentes nos alojamentos começou a diminuir. Alguns deles completaram dezenove anos e tiveram de deixar o programa. Alguns pais chegaram e recolheram seus filhos. Com a falta de perspectiva de retorno dos voos comerciais, uma nova direção para os abrigos temporários teve de ser dada.

Com os bons resultados observados em *St. Raphael's* e em *Florida City* sob o sistema de pais adotivos, Walsh planejava distribuir os menores remanescentes para um par de pequenas casas como as de *St. Raphael's*. No entanto, Coleman Carrol e seus conselheiros consideraram a consolidação de todos os abrigos em apenas um a solução mais adequada. Assim, o *Opa-locka* foi aberto. A instalação, antiga base da Marinha dos Estados Unidos, contava com seis prédios com capacidade para acomodar 500 pessoas. Havia refeitórios, áreas de lazer, capela, doze salas de aula e escritórios administrativos. Jesuítas de Cuba, que administravam um orfanato permanente para meninos e haviam aberto uma escola em Miami, foram encarregados do novo abrigo no quartel. Wash, em nenhum momento, concordou com

---

<sup>524</sup> TRIAY, Victor Andres., *op. cit.*, p. 61.

a medida. Ele também se mudou para o *Opa-locka* e descreveu morar lá como o pior período de sua vida.<sup>525</sup>

Viver em todos esses alojamentos não foi fácil. Como a maioria deles imaginava o exílio como um período de “intercâmbio escolar” (uma prática comum entre cubanos de classe média e alta antes da Revolução), ficaram chocados ao se verem amontoados em alojamentos superlotados. Muitos pais os enviaram para os Estados Unidos pensando que receberiam *becas* nas escolas. Eles ficaram desapontados ao saber que não haveria bolsas de estudo e as crianças não frequentariam internatos.

Vários adolescentes de *Matecumbe* escreveram ao governo dos Estados Unidos sobre isso. Três problemas, pelo menos, são os mais relatados: a falta de estrutura adequada para recebê-los; a cultura alimentar estadunidense, bastante diferente da cubana; e os abusos físicos e sexuais. Quanto ao primeiro, diz respeito às faltas de cama, de armário, de alojamento, a comum superlotação, ataques de animais silvestres, invasores nos alojamentos, entre outras questões estruturais. Alejandro Sabido se lembra de “à noite, ter de lutar por um colchão” para ele e o irmão dormirem.<sup>526</sup> A água não era nada salubre:

A água do acampamento fedia a inferno, porque estava cheia de enxofre. Tínhamos aquelas enormes "pias", que eram redondas e tinham um dispositivo tipo um pedal redondo de metal para que pudesse pressionar com o pé e pegar água com enxofre para lavar o rosto, escovar os dentes e depois ficar fedendo a ovos podres.<sup>527</sup>

A comida tornou-se também um problema recorrente. Comer cereais com leite gelado ou bacon com ovos no café da manhã não era algo com que estavam acostumados. Além disso, os cubanos não são conhecidos por comer vegetais. Adolfo Fors relatou sobre a questão: “Você pode imaginar, sem feijão preto, tudo o que tínhamos era rosbife duro como uma sola de sapato, purê de batatas e molho. Na quinta-feira, comíamos arroz e milho, esse dia era o nosso favorito”<sup>528</sup>. Uma refeição típica cubana consiste em carne e dois amidos, como arroz e batatas, e bastante tempero. As refeições estadunidenses eram consideradas por eles pouco atraentes ou satisfatórias. Kathryn Close, à época, observou que as crianças

<sup>525</sup> CONDE, Yvonne M. *op. cit.*, p. 98.

<sup>526</sup> SABIDO, Alejandro. Testimony. *Miami Herald*. Miami, aug. 02, 2014. Disponível em: <<http://pubsys.miamiherald.com/cgi-bin/pedropan/profile/8882/story>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

<sup>527</sup> Do original: “*The water in the campamento stunk to high hell, because it was full of sulfur. We had these huge "sinks", which were round and had a round metal pedal type device, so you could press on it and step on the pedal and get sulfur water to wash your face, brush your teeth and then stink like rotten eggs*”. DELGADO, Herminio. Testimony. *Miami Herald*. Miami, jun. 25, 2009. Disponível em: <<http://pubsys.miamiherald.com/cgi-bin/pedropan/profile/12642/story>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

<sup>528</sup> FORS, Adolfo. Testimony. *Miami Herald*. Miami, jun. 4, 2010. Disponível em: <<http://pubsys.miamiherald.com/cgi-bin/pedropan/profile/1643/story>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

pareciam ter aversão por tudo, “exceto carne, feijão preto e açúcar. Esperar que comam vegetais tem sido a causa de muitas queixas aos pais”<sup>529</sup>.

Quanto aos abusos físicos ou sexuais, sem dúvidas, são ainda um tema extremamente sensível entre a comunidade no exílio. Muitas crianças e adolescentes eram forçados a trabalhar (algo com que não estavam acostumados) ou apanhavam de freiras, padres e cuidadores dos alojamentos. Alguns foram violentados pelos próprios colegas por falta de uma supervisão mais eficaz. “Houve alguns casos de meninos com problemas homossexuais”, disse José Prince, um conselheiro residente. “Tivemos de parar não só o comportamento, mas também o escândalo sendo feito sobre isso.”<sup>530</sup> Outros foram violentados pelos próprios padres:

Molestado pelo padre Espinosa enquanto estava em *Opa-Locka*. Espancado por Monsenhor Walsh quando em *Carrion*. Abusado por agressores em ambos os alojamentos. Escapei e peguei carona para Nova York durante o fim de semana de 4 de julho de 1964. Não vi minha mãe até 1971 (10 anos depois). Vi meu pai por 2 dias em 1984 quando ele estava visitando de Cuba. Por que as pessoas escolhem pensar de forma positiva sobre sua experiência em um orfanato me surpreende.<sup>531</sup>

Um dos nomes mencionados foi o do Mons. Daniel B. Harrington<sup>532</sup>, um membro respeitado da comunidade, acusado de ter cometido abusos sexuais contra alguns Pedros Pans enquanto esteve no *Brondel Hall*. Manuel Perez-Capon esteve abrigado nessa instituição e se recorda bem disso: “É minha missão descobrir, antes de morrer, onde ele está enterrado para eu urinar em seu túmulo e dizer ‘isso é por tudo que você fez com meus amigos no *Brondel Hall!*’”<sup>533</sup>. Com efeito, a Diocese de Helena, onde Harrington era Diretor do *Catholic Charities*, concordou em publicar os nomes de todos os supostos autores do passado e do presente da Diocese identificados nas denúncias de abuso sexual contra crianças entre as

<sup>529</sup> CLOSE, Kathryn. Cuban Children away from Home. *Children 10*, n. 1, p. 3-10, January/February, 1963.

<sup>530</sup> CONDE, Yvonne M. *op. cit.*, p. 78.

<sup>531</sup> Do original: “Molested by Father Espinosa while in Opa Locka. Beaten by Monsignor Walsh when in Carrion. Abused by bullies in both camps. Escaped and hitch-hiked to NYC during the July 4th weekend in 1964. Did not see my mother until 1971 (10 yrs later) Saw my father for 2 days in 1984 when he was visiting from Cuba. Why people choose to think back in a positive way about their experience in an orphanage beats me.” OLIVEIRA, Enrique Llanio. Testimony. *Miami Herald*. Miami, oct. 12, 2014. Disponível em: <<http://pubsys.miamiherald.com/cgi-bin/pedropan/profile/10111/story/>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

<sup>532</sup> Daniel B. Harrington foi um padre da diocese de Helen, em Montana, ordenado em 1933. Acusado de abuso sexual de pelo menos um menor, foi incluído na lista da diocese referente ao tema postada em 29 de abril de 2015.

<sup>533</sup> PEREZ-CAPON, Manuel. Testimony. *Miami Herald*. Miami, nov. 13, 2011. Disponível em: <<http://pubsys.miamiherald.com/cgi-bin/pedropan/profile/835/story/>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

décadas de 1930 e 1970”, o nome de Daniel figura entre os demais, acusado de abusar sexualmente de pelo menos um menor.<sup>534</sup>

Todavia, o caso mais notório veio a público em 2006, quando Robert Rodriguez afirmou, em um processo, ter sido repetidamente abusado sexualmente por Walsh em *Opa-locka* em 1964, quando tinha 14 anos e estava sob os cuidados do *Catholic Welfare Bureau*.<sup>535</sup> "Ele foi um dos muitos que abusaram de mim e de outros", disse Rodriguez, em Miami desde o final de 1961, recusando-se a identificar outros padres além do organizador da operação.

No processo em questão, é relatado que as ocorrências se davam no escritório do clérigo e incluíam “penetração do menor, contato oral, genital e outros atos sexuais”<sup>536</sup>. A porta-voz da arquidiocese de Miami, Mary Ross Agosta, negou o fato e disse se tratar de difamação “a um padre amplamente respeitado, responsável por salvar a vida de 14.000 crianças”<sup>537</sup>. O fato é que Rodriguez não foi o único a reclamar desse tipo de violência. Muitos casos surgiram ao longo dos anos, maculando a narrativa de resgate humanitário e “salvação” das crianças. Não se sabe, entretanto, a razão de Rodriguez ter demorado tanto tempo para dar início ao processo e de se recusar a denunciar os outros possíveis abusadores.

Com exceção de *St. Raphael's*, os alojamentos de acolhimento foram concebidos para ser transitórios. Após uma breve estadia nesses locais, as crianças deveriam ser enviadas para outras instituições e, inclusive, outras cidades, dadas as condições de superlotação de Miami e o espírito geral de reassentamento no início dos anos 1960. O governo dos Estados Unidos estava à época andando na corda bamba entre ser visto fazendo algo pelos “refugiados do comunismo” e não inflamar os sentimentos da comunidade local sobre empregos especiais, moradia e outros auxílios para imigrantes. A solução foi um programa para espalhar o impacto da imigração para além de Miami e da Flórida, reassentando, inclusive, milhares de Pedros Pans por todo o país.<sup>538</sup> Parecia injusto, para os especialistas, apenas a Flórida arcar

<sup>534</sup> ROMAN CATHOLIC DIOCESE OF HELENA. *List of priests accused of sexual abuse of a minor*. April 29, 2015. Disponível em: <[https://www.bishop-accountability.org/diocesan\\_lists/Helena\\_2015\\_04\\_29\\_List\\_of\\_Alleged\\_Perpetrators.pdf](https://www.bishop-accountability.org/diocesan_lists/Helena_2015_04_29_List_of_Alleged_Perpetrators.pdf)>. Acesso em: 27 jul. 2022.

<sup>535</sup> Os detalhes do processo estão disponíveis no: <[https://www.bishop-accountability.org/complaints/2006\\_06\\_09\\_Rodriguez\\_v\\_Miami\\_amended\\_re\\_Bryan\\_O\\_Walsh.pdf](https://www.bishop-accountability.org/complaints/2006_06_09_Rodriguez_v_Miami_amended_re_Bryan_O_Walsh.pdf)>.

<sup>536</sup> JUDICIAL CIRCUIT IN AND FOR MIAMI-DADE COUNTY. Case n°. 051 CA 27. Disponível em: <[https://www.bishop-accountability.org/complaints/2006\\_06\\_09\\_Rodriguez\\_v\\_Miami\\_amended\\_re\\_Bryan\\_O\\_Walsh.pdf](https://www.bishop-accountability.org/complaints/2006_06_09_Rodriguez_v_Miami_amended_re_Bryan_O_Walsh.pdf)>. Acesso em: 27 jul. 2022.

<sup>537</sup> WEAVER, Jay. Cuban Refugee Who Accused Deceased Priest of Abuse Protests Case Dismissal. *Miami Herald*. Miami, sep. 14, 2009. Disponível em: <<http://www.miamiherald.com/news/breaking-news/story/1233216.html>>. Acesso em: 27 jul. 2022.

<sup>538</sup> A série de reuniões realizadas pelo NSC depois da Baía dos Porcos decidiu que os exilados cubanos deveriam agora ser considerados um grupo de imigrantes e “encorajados a se realocar em outras áreas”. U.S. DEPARTMENT OF STATES. *Memorandum for the Record, Washington, may 5, 1961*. Disponível em:

com a situação dos refugiados. Quando o governo reavaliou o programa, em março de 1962, 2.000 cubanos chegavam toda semana. De um total de 102.400, apenas 20.278 haviam sido reassentados em outros Estados.<sup>539</sup>

Assim, o objetivo principal do *Catholic Welfare Bureau* era transferir as crianças e adolescentes dos centros de Miami para arranjos permanentes de acolhimento. Muitos se recusavam a mudar de estado, e as razões para isso eram variadas. Em primeiro lugar, era a presença de adultos cubanos nos alojamentos, com os quais desenvolviam laços afetivos próximos. Em segundo, o fato de as outras crianças e adolescentes também serem cubanos, a familiaridade cultural e o sentimento de camaradagem criavam sensação de segurança, pelo menos na maior parte do tempo. Em terceiro, o fato de, ficando em Miami, estarem geograficamente próximas de Cuba, de seus familiares e do ponto de chegada mais provável deles. Além disso, as cartas vindas de colegas já em outros estados frequentemente contavam histórias de terror de orfanatos, mencionavam também temperaturas geladas e solidão.<sup>540</sup>

Ainda assim, aproveitando noventa e cinco agências de cuidados infantis em mais de trinta e cinco estados, o *Catholic Welfare Bureau* reassentou milhares deles, incluindo o envio para famílias adotivas católicas, creches católicas (com partes separadas para crianças cubanas), orfanatos católicos e lares católicos estabelecidos especialmente para o programa infantil. Em dezembro, instituições de caridade da Filadélfia concordaram em aceitar quarenta crianças com menos de doze anos de idade. Fora o primeiro avanço no envio delas para outras dioceses, mas ainda era uma resposta limitada.<sup>541</sup> As dioceses mais receptivas eram geralmente as menores.

De fato, um número desproporcional delas foi transferido para estados ocidentais. Locais como Albuquerque, Yakima, Washington, Helena e Montana estavam entre os mais receptivos. Isso parece estranho à primeira vista, já que essas áreas eram mais escassamente povoadas e continham muito menos católicos do que as cidades do nordeste e centro-oeste. Contudo, as dioceses das grandes cidades industriais já tinham grande número de crianças dependentes.<sup>542</sup> Além dessas instituições, lares adotivos e orfanatos amiúde compuseram os locais de destino.

---

<<https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1961-63v10/d206>>. Acesso em: 25 jul. 2022. E ainda: U.S. DEPARTMENT OF STATES. *Record of Actions at the 483d Meeting of the National Security Council, Washington, may 5, 1961*. Disponível em: <<https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1961-63v10/d205>>. Acesso em: 25 jul. 2022.

<sup>539</sup> RIBICOFF cites need to resettle Cubans. *The New York Times*. New York, mar. 10, 1962, p. 8.

<sup>540</sup> CONDE, Yvonne M. *op. cit.*, p. 84.

<sup>541</sup> WALSH, Bryan O., *Cuban Refugee Children*. Barry University Archives and Special Collections, 1971. Disponível em: <<http://ufdc.ufl.edu/AA00054494/00001>>. Acesso em: 26 jul. 2022.

<sup>542</sup> ADESSA, Domenick Joseph. *op. cit.*, p. 114.

Mesmo para as crianças e adolescentes reassentados fora de Miami, o padre Walsh e o *Catholic Welfare Bureau* da Diocese de Miami permaneceram responsáveis por eles, e mantiveram as rédeas curtas em relação às agências de cooperação. Walsh formulou contratos com as agências receptoras, descrevendo os detalhes dos arranjos financeiros e as estipulações para padrões mínimos de atendimento. Também manteve um registro diário, em seu Centro de Recepção e Reassentamento, da localização deles, evitando eventual perda de contato com os pais quando estes chegassem.

Ademais, o transporte para seus novos locais também era altamente regulamentado. Havia, dentro da agência, uma unidade especial para lidar exclusivamente com essa responsabilidade. Os funcionários das companhias aéreas eram sempre informados sobre quem estavam transportando. E também foi desenvolvido um sistema de código especial para o agente receptor no aeroporto comprovar sua identidade. É digno de nota que nenhuma criança tenha sido perdida durante todo o empreendimento, considerando que não falavam inglês e não possuíam experiência em viajar sozinhas.<sup>543</sup>

As vagas para esse grande número de menores desabrigados foram encontradas, em parte, porque as agências católicas de assistência infantil se apresentaram a pedido do *Catholic Welfare Bureau*. Às vezes, um único aviso no boletim da igreja era suficiente para atrair muitas ofertas de lares adotivos. Quando os apelos foram feitos de forma mais aberta depois da publicidade da operação em março de 1962, o secretário da HEW, Ribicoff, solicitou ajuda às famílias para as “cerca de 300 crianças” chegando todos os meses de Cuba sem os pais.<sup>544</sup> Os pedidos foram feitos por intermédio de vários meios de comunicação. Os cidadãos eram informados acerca da recompensa financeira e das questões de guarda, está última mantida com os pais cubanos. Geralmente os anúncios faziam uso da retórica da Guerra Fria para atrair voluntários. Um bom exemplo é o artigo publicado no *Christian Century* procurando famílias adotivas para os Pedros Pans:

Cerca de 300 crianças cubanas [sic] desacompanhadas chegam a este país [diariamente]. De todas as maneiras que podem, muitos pais cubanos que não conseguem sair da ilha estão enviando seus filhos aos Estados Unidos para protegê-los das dificuldades que estão recaindo sobre o povo cubano sob o regime de Castro e para impedir sua doutrinação forçada no comunismo nas escolas cubanas... Muitos cidadãos americanos que viajaram pela América Latina receberam as boas-vindas "*esta es su casa*". Agora, várias centenas de famílias americanas podem retribuir a hospitalidade, dizendo às crianças cubanas desprovidas de pais: "Sintam-se em casa". No âmbito do Programa de Refugiados de Cuba, o Departamento de Saúde,

<sup>543</sup> TRIAY, Victor Andres., *op. cit.*, p. 67.

<sup>544</sup> AID for Cuban Children Asked. *The New York Times*. New York, mar. 8, 1962, p. 35.

Educação e Bem-Estar pagará pelos cuidados delas. Mas as casas são necessárias. *Podemos pensar em poucas maneiras melhores de “combater o comunismo” do que cuidar das crianças que fogem dele.*<sup>545</sup>

O Programa da Criança Cubana, destarte, foi defendido em termos altamente emotivos e políticos: “Podemos nos encher de orgulho”, disse Wendell Rollason, da Comissão de Assuntos Interamericanos de Miami, por sermos “uma pequena, mas vital parte no drama de tirar das garras do comunismo uma criancinha”. “Milhares de mentes pequenas”, continuou ele, não seriam agora “deformadas pela doutrinação comunista”<sup>546</sup>.

Em consonância a sua ideologia de proteção e ampliação do “mundo livre”, os Estados Unidos não viam essas políticas como uma intrusão nos assuntos internos de Cuba, mas uma obrigação para com a segurança nacional, para com o sistema de segurança das Américas e para com suas tradições seculares. Katherine Brownell Oettinger, chefe do *HEW Children's Bureau*, em 1962, resumiu a questão nos seguintes termos:

O direito das pessoas à liberdade de pensamento e de crença religiosa repercutiu em toda a nossa sociedade desde os tempos em que os primeiros colonizadores chegaram às nossas costas para escapar de uma tirania intolerável. Os refugiados que chegam aos Estados Unidos vindos de Cuba estão, em muitos aspectos, seguindo essa tradição.<sup>547</sup>

As referências à Guerra Fria e os apelos ao sentido de generosidade cristã surtiram o efeito desejado de conquistar voluntários de todo o país, e muitas crianças e adolescentes puderam ser reassentados para outros estados. Claramente, eles sofreram um trauma maior do que aqueles que permaneceram em Miami. Uma ex-professora de *Matecumbe* qualificou a questão como um “duplo exílio”, pois já haviam experimentado uma separação dolorosa e foram subitamente forçados a se adaptar a uma segunda nova situação, desta vez em uma

---

<sup>545</sup> Do original: “About 300 Cuban children arrive in this country unaccompanied by their parents [daily]. In whatever way they can many Cuban parents who cannot leave the island themselves are sending their children to the States to protect them from the hardships which are falling upon the Cuban people under the Castro regime and to prevent their forced indoctrination in communism in the Cuban public schools... Many U.S. citizens traveling through Latin America have received the gracious Spanish welcome, “esta es su casa.” Now several hundred American families can return the hospitality each month, saying to Cuban children bereft of parents, “Make yourself at home.” Under the Cuban Refugee Program the Department of Health, Education, and Welfare will pay for the care of the children. But homes are needed. We can think of few better ways to “fight communism” than to care for the children who flee from it.” REFUGEE Cuban Children need Homes. *Christian Century*. Chicago, vol. 14 n. 79, apr. 4, 1962, p. 417.

<sup>546</sup> ROLLASON, Wendell. *op. cit.*, p. 159.

<sup>547</sup> Do original: *The right of people to freedom of thought and religious belief has reverberated throughout our society from the days when the early settlers came to our shores to escape a tyranny that was intolerable. The refugees now coming to the United States from Cuba are, in many respects, following this tradition.* OETTINGER, Katherine Brownell in: TRIAY, Victor Andres., *op. cit.*, p. 44.

cultura muito mais estranha.<sup>548</sup> O primeiro e mais fundamental requisito para cuidar deles era a prática do catolicismo, para responder a uma das preocupações primordiais do programa: preservar a herança religiosa. Esse princípio era radicalizado a tal ponto que, em alguns casos, mesmo parentes com condições de cuidar dos menores não tinham autorização para isso:

Sou grato por ter tido a oportunidade de sair de Cuba com a Operação Pedro Pan, mas o único grande ressentimento nesse período foi contra a Igreja Católica, minha guardiã legal, por não me deixar morar com meu tio e sua família. Meu tio era primo em primeiro grau de minha mãe, nascido e criado nos Estados Unidos, e mesmo tendo a disposição e os meios financeiros para me adotar, a Igreja recusou porque ele era presbiteriano! Os horrores perpetrados em nome da religião!<sup>549</sup>

O conceito de família adotiva também era pouco popular em Cuba, e, portanto, algumas das crianças (e seus parentes) tiveram dificuldade em compreender o papel dos pais adotivos. Inicialmente, resistiram à ideia de morar com uma família estadunidense, e, depois, em reconhecer a autoridade delas. Dificuldades de comunicação devido a diferenças de idioma, às vezes, agravavam o problema. Apesar dos desencontros iniciais, muitos pais adotivos se tornaram extremamente afeiçoados aos jovens cubanos sob seus cuidados. Eles escreviam para os pais biológicos com frequência e, em vários casos, foram fundamentais em ajudá-los a encontrar emprego depois de chegarem aos Estados Unidos.<sup>550</sup>

Como nos alojamentos, os orfanatos e lares adotivos significaram grandes desafios. Sendo principalmente de famílias de classe média, seu antigo conforto econômico e senso de família sofreram forte impacto nos orfanatos. Alguns estereótipos dessas instituições convergiam com as experiências relatadas. Neles, os menores sofriam uma série de abusos físicos e psicológicos tanto de outros abrigados, quanto das freiras responsáveis<sup>551</sup>:

Vimos de lares de classe média em Cuba e vivíamos uma vida muito protegida. (...) Passamos de viver esse tipo de vida para viver nesse tipo de

<sup>548</sup> Entrevista de Margarita Oteiza a Victor Triay em Miami, em 5 de junho de 1994 in: TRIAY, Victor Andres., *op. cit.*, p. 68.

<sup>549</sup> Do original: “*I am grateful to have had the opportunity to leave Cuba with Operation Pedro Pan, but the one big resentment during this period was against the Catholic Church, my legal guardian, for not letting me live with my uncle and his family. My uncle was my mother's first cousin, born and raised in the US, and even though he had the willingness and the financial means to adopt me, the Church refused because he was a Presbyterian! The horrors perpetrated in the name of religion!*” ALEMANY, Guillermo. Testimony. *Miami Herald*. Miami, jan. 11, 2011. Disponível em: <<http://pubsys.miamiherald.com/cgi-bin/pedropan/profile/12389/story>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

<sup>550</sup> CLOSE, Kathryn. *op. cit.*, p. 3-10.

<sup>551</sup> Livre tradução de: “*We came from middle-class homes in Cuba and we had lived a very sheltered life. (...) We went from living that kind of life to living in this kind of environment where every second you didn't know whether you were going to be killed or someone was going to beat you up or what was going to happen to you*”. RAQUEL in: CONDE, Yvonne M. *op. cit.*, p. 120.

ambiente onde, a cada segundo, não sabia se ia ser morto ou se alguém ia bater em você ou o que ia acontecer.<sup>552</sup>

As freiras tinham considerável dificuldade no entendimento da conjuntura política em torno da experiência da imigração dessas crianças e adolescentes. Estas eram apenas refugiadas, não o tipo de jovens problemáticos com os quais rotineiramente se lidava nessas instituições. Isso fez com que os cubanos fossem tratados, muitas vezes, sem qualquer compaixão, expostos a castigos severos. Os maus tratos cometidos por elas percorrem um sem número de relatos: “A freira responsável pelo dormitório dos meninos”, narrou uma Pedro Pan, “batia a cabeça dos meus irmãos contra a parede. Quando ela acabou sendo substituída, foi por outra freira que puniu os meninos vestindo-os com roupas de meninas.”<sup>553</sup>

Durante muitos anos, Matilde Aguirre não conseguia falar sem chorar sobre um incidente violento em *St. Vincent's*, um orfanato em Vincennes, Indiana. Um dia ela assistiu horrorizada a uma freira agarrar seu irmão, José, pela garganta, como se fosse estrangulá-lo.<sup>554</sup> Em suas lembranças negativas sobre esse mesmo local, Tony e Jorge Garrandes recordam-se de terem sido explorados financeiramente: “Era trabalho escravo infantil. Eles nos levavam para colher milho, maçãs ou morangos e devíamos nos certificar de que os fazendeiros pagassem às freiras.”<sup>555</sup>

Por causa da barreira linguística e cultural, os cubanos comumente se relacionavam mais facilmente com as crianças negras, formando com elas as duas minorias na instituição. De modo semelhante a estas, eram também expostos ao racismo, sendo chamadas por outras crianças de “*spics*”<sup>556</sup>, termo pejorativo referente a um falante de língua espanhola da América Central, do Sul ou do Caribe.

Sem embargo, esses episódios de racismo não se restringiam apenas aos colegas de dormitório. Há relatos de que, no orfanato *Queen of Heaven*, administrado pelas Irmãs Missionárias do Sagrado Coração desde 1905, as freiras referiam-se aos cubanos de forma bastante discriminatória: “As freiras disseram às outras crianças do orfanato que os cubanos eram selvagens, negros e não sabiam usar sapatos”.<sup>557</sup>

Fora dos orfanatos discriminações semelhantes aconteciam. Alejandro González se recorda de ter sido transferido de escola para escola por causa da segregação no sul da

<sup>552</sup> RAQUEL apud CONDE, Yvonne. *op. cit.*, p. 120.

<sup>553</sup> GARRANDES, Matilde in: *Ibidem*, p. 125.

<sup>554</sup> AGUIRRE, Susan in: *Ibidem*, p. 126.

<sup>555</sup> GARRANDES, Jorge in: *Ibidem*, p. 127.

<sup>556</sup> FERNANDEZ, Onelia. Testimony. *Miami Herald*. Miami, may 22, 2009. Disponível em: <<http://pubsys.miamiherald.com/cgi-bin/pedropan/profile/12260/story>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

<sup>557</sup> MARÍA CRISTINA in: CONDE, Yvonne M. *op. cit.*, p. 129.

Flórida: “fui maltratado por alguns professores do ensino fundamental que não sabiam como lidar com crianças de culturas diferentes ou não gostavam de cubanos”<sup>558</sup>.

Guillermo Céspedes, um afro-cubano, migrou para os Estados Unidos com sua irmã mais nova e diz ter havido “muito abuso físico e racismo” onde ficou. Apesar dessa experiência, ele se tornou o fundador do Conjunto Céspedes, “a banda afro-cubana mais conhecida fora de Cuba.”<sup>559</sup> Nas ruas, os afro-cubanos estavam sujeitos à segregação racial como qualquer afro-americano:

Eu e outro garoto fomos comprar um presente para o nosso instrutor. Lembro-me de comprarmos um par de sapatos para ele. De qualquer forma, queríamos algo para beber, entramos numa cafeteria e pedimos um refrigerante. Reparei que a senhora estava tentando me dizer algo, mas mal entendíamos inglês. Finalmente, disse ao meu companheiro para irmos lá para fora e percebi o que ela estava tentando me dizer. Ela poderia me servir, mas não a ele (ele era negro).<sup>560</sup>

Quando estive em Vallejo, na Califórnia, Jorge González sentiu de perto o problema:

Vallejo era, e ainda é, uma cidade dividida em linhas raciais, e eu não estava preparado para isso. Lutei todas as lutas que já lutei na minha vida no *Vallejo High Scholl* e fui espancado duas vezes por gangues durante os distúrbios raciais de 1967/1968.<sup>561</sup>

Não está claro, diante das fontes disponíveis para estudo, se, ao enviar os seus filhos para os Estados Unidos, os pais ponderaram sobre a submissão deles às leis segregacionistas operando no país no período. Ou, ainda, se as consideravam um problema menor ante a possível doutrinação comunista. Para Fidel Castro, os pais não apenas estavam conscientes dos distúrbios raciais, como preferiam esse modelo de sociedade para seus filhos:

*¿Qué hicieron? Mandaron a sus hijos a estudiar allá con los yankis, para que sus hijos siguieran estudiando en escuelas que tienen nombres extranjeros; mandaron a sus hijos allá, a estudiar en la Florida, donde hay*

---

<sup>558</sup> GONZALEZ, Alejandro. Testimony. *Miami Herald*. Miami, may 23, 2009. Disponível em: <<http://pubsys.miamiherald.com/cgi-bin/pedropan/profile/12414/story>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

<sup>559</sup> GAY, Kathlyn. *Leaving Cuba: From Operation Pedro Pan to Elian*. Brookfield, Connecticut: Twenty-First Century Books, 2000, p. 41.

<sup>560</sup> Do original: “*I and another kid went to get a gift for our instructor (the one that was in charge of our group) I remember we got him a pair of shoes. anyway, we want it something to drink, went inside this cafeteria and order a soda I notice the lady was trying to tell me something but either of us hardly understand English finally I told my companion lets go outside I got what she was trying to tell me. She could serve me but not him. (He was black)*”. ACOSTA, Humberto. Testimony. *Miami Herald*. Miami, may 17, 2009. Disponível em: <<http://pubsys.miamiherald.com/cgi-bin/pedropan/profile/1210/story>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

<sup>561</sup> Do original: “*Vallejo was, and still is, a town divided along racial lines and I was poorly prepared for that. I fought all of the fights I have ever fought in my life at Vallejo High and was beaten up twice by marauding gangs during the race riots of 1967/68.*” GONZÁLEZ, Jorge. Testimony. *Miami Herald*. Miami, may 17, 2009. Disponível em: <<http://pubsys.miamiherald.com/cgi-bin/pedropan/profile/10162/story>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

*sitios en los ómnibus para blancos y sitios en los ómnibus para negros, donde hay restaurante para blancos y restaurante para negros, donde hay parques para blancos y parques para negros, escuelas para blancos y escuelas para negros, hospitales para blancos y hospitales para negros, donde hay cines para blancos y cines para negros, barrios para blancos y barrios para negros. Y esa es la sociedad que ellos añoran.*<sup>562</sup>

Os Estados Unidos estavam em um momento decisivo do movimento pelos direitos civis. Fora pouco tempo após o fim da Operação Pedro Pan, em 1963, que teve lugar a icônica Marcha sobre Washington, liderada por Martin Luther King e demais militantes, com a participação de cerca de 250 mil pessoas, contra a segregação racial. Mas foi somente em 1964 que o primeiro e o mais importante dispositivo sobre a temática foi promulgado, o *Civil Rights Act*, encerrando as leis de segregação racial nos Estados Unidos.

Não obstante a maioria dos Pedros Pans não fosse negra, alguns eram, ficando sujeitos às discriminações com base na “Jim Crow”. Refletindo certa confluência entre o racismo e a xenofobia, mesmo os Pedros Pans brancos eram identificados com a população negra. Foi o caso de Onelia Fernandez: “Lá estava eu, uma loirinha triste de grandes olhos azuis procurando amigos, e as crianças me diziam que em Cuba apenas havia negros e que seus pais não as permitiam brincar comigo”<sup>563</sup>.

Jean-Baptiste Duroselle ao refletir sobre o conceito de estrangeiro, sob a perspectiva da história das Relações Internacionais, sugere um ponto de vista interessante de análise. O estrangeiro, em sua argumentação, representa a diferença, cuja origem frequentemente se situa na raça, na língua, na religião e no que chamou de “acazos da história”. Embora pudessem ser próximos em termos de geografia, cor e religião, os cubanos professavam costumes e uma cultura diferente, oriundos de uma nação fundada sob um desenvolvimento histórico completamente distinto. E isso importava, mesmo para as crianças. Ainda hoje esse distanciamento prevalece. Aqueles que se consideram cubanos-americanos, não raramente não são tratados como partícipes da nação estadunidense, sendo, por vezes, lembrados do seu “real” lugar de pertencimento.

Os lares adotivos igualmente não estavam isentos de desafios – o primeiro, não há dúvidas, era a barreira linguística. Antonio Vazquez ficou com uma família italiana. Ele se recorda de falar com eles em espanhol, eles responderem em italiano e um colega da família

<sup>562</sup> CASTRO, Fidel. *Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer ministro del gobierno revolucionario y primer secretario de las ORI, en el acto de homenaje a las madres de los becados, en Ciudad Libertad, el 13 de mayo de 1962.* Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1962/esp/f130562e.html>>. Acesso em: 01 ago. 2022.

<sup>563</sup> FERNANDEZ, Onelia. Testimony. *Miami Herald*. Miami, may 22, 2009. Disponível em: <<http://pubsys.miamiherald.com/cgi-bin/pedropan/profile/12260/story>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

traduzir a conversa para o inglês: “*Hasta hoy no sé cuánto nos comunicamos. Recuerdo que cuando comimos por primera vez, hicieron la señal de la cruz y por ello por lo menos supe que eran católicos.*”<sup>564</sup> As tarefas domésticas era outro ponto de tensão. Algumas crianças e adolescentes cubanos se sentiam explorados quando eram solicitados a ajudar na limpeza da casa. Havia a crença, entre alguns deles, de terem sido adotados para serem usados como escravos. Embora não seja um fenômeno desconhecido em situações de famílias adotivas, claramente não era a intenção da maioria daquelas garantir serviço doméstico gratuito recebendo uma criança cubana.<sup>565</sup>

E, como nos demais locais da experiência dessa imigração, nesses lares ficaram sujeitos a uma série de abusos físicos, psicológicos e sexuais. Um exemplo disso foi narrado por Faustino Amaral. Seu novo pai adotivo era policial; sua mãe adotiva, uma dona de casa com dois filhos. “Sempre que uma das crianças fazia algo errado, eu apanhava”, ele se recorda. E os maus tratos não se restringiam às surras:

Eu tinha asma. Tenho problemas de sinusite. Porque eu não conseguia comer e respirar ao mesmo tempo e porque eu chiava quando comia, eles me colocavam para comer com o cachorro. Eles realmente colocavam meu prato ao lado do prato do cachorro, e eu tinha de lutar contra ele pela minha comida.<sup>566</sup>

Registrado nos arquivos mantidos pela agência, a situação de Faustino foi finalmente descoberta após sete ou oito meses por uma assistente social. Quando chegou ao novo lar adotivo, sua nova família ficou surpresa ao perceber a quantidade de hematomas espalhados pelo seu corpo. Juan Leyva teve uma experiência semelhante na casa da família a quem foi confiado: “Fiquei naquela casa por 5 anos. 5 anos de abuso físico (...). Lá eu recebia surras diárias e era forçado a limpar a casa diariamente até reunir coragem suficiente para denunciá-la às autoridades católicas”.<sup>567</sup>

Nos lares, as crianças ficavam à mercê dos cuidadores sem muitas possibilidades de defesa. “Ele começou a me acariciar e me beijar e me disse para não dizer nada”, narrou Dulce María Sosa. Sua irmã também era submetida aos mesmos comportamentos do pai adotivo: “Com ela, ele ficava na janela do banheiro, observava-a e se masturbava; o que

<sup>564</sup> VAZQUEZ, Antonio. Testimony. *Miami Herald*. Miami, oct. 20, 2009. Disponível em: <<http://pubsys.miamiherald.com/cgi-bin/pedropan/profile/11458/story>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

<sup>565</sup> TRIAY, Victor Andres. *op. cit.*, p. 89.

<sup>566</sup> Livre tradução de: “*I had asthma. I have sinus problems. Because I couldn't eat and breathe at the same time and because I wheezed when I ate, they would put me to eat with the dog. They would actually set my plate next to the dog's plate, and I had to fight the dog off for my food.*” AMARAL, Faustino in: CONDE, Yvonne M. *op. cit.*, p. 158.

<sup>567</sup> LEYVA, Juan. Testimony. *Miami Herald*. Miami, jun. 6, 2010. Disponível em: <<http://pubsys.miamiherald.com/cgi-bin/pedropan/profile/8285/story>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

também fazia comigo”. A ironia, como ela vê, é que “eles tinham a reputação de ser a melhor família, uma família religiosa”. Quando tentou reverter a situação e relatou às freiras da escola, foi acusada de mentir e a ela foi oferecida a escolha: poderia ir para outro lar adotivo fora do estado sozinha ou ficar onde estava. Escolhendo entre dois males, ela escolheu ficar com sua irmã e seu irmão. Em casa, María foi punida por “mentir” enquanto sua mãe adotiva ficou ao lado de seu marido<sup>568</sup>.

Mesmo os Pedros Pans entregues aos parentes não foram poupados desse destino: “Meu tio abusou sexualmente de mim e abusou fisicamente de mim. Foi a pior coisa que me aconteceu na minha vida naquele momento.”, lembra Josefina, contando ter sido abusada quase todas as noites enquanto esteve sob os cuidados dos parentes. As queixas das crianças aos supervisores sobre maus-tratos e abusos em instituições e lares adotivos muitas vezes não foram investigadas ou sequer ouvidas. Essas queixas não condiziam com a mitologia tecida sobre a experiência.<sup>569</sup>

Está claro, todavia, que a experiência do êxodo não pode apenas ser resumida a uma história taciturna de abusos e sofrimento. Para uma boa parcela dos imigrantes que fizeram parte dessa operação, foi uma experiência positiva; avaliação feita com base no fato de supostamente poderem perseguir a liberdade e terem oportunidade de viver em lugar de “democracia e prosperidade”, como muitos relataram. No limbo da construção identitária do ser cubano e ser estadunidense, trabalharam internamente para combinar o amor pelos dois países e assegurar a herança pela qual seus pais lutaram e pagaram um preço alto para preservar. Os pais, mesmo ausentes, continuavam sendo os guardiões das crianças e, em alguns casos, supervisionavam-nas por telefone e correio. As mais velhas costumavam consultá-los antes de tomar qualquer decisão importante ou aceitar qualquer plano feito para elas pela agência ou escola. Então, de fato, alguns deles conseguiram contornar a tão temida perda da *Patria Potestad*.

Por outro ângulo, o êxodo, para além das questões tradicionais das relações exteriores, oferece um ponto de vista crucial para análise do papel assumido pelas mulheres no contexto da década de sessenta. Enquanto os estadunidenses estavam preocupados com a segurança global e procuravam definir o que tornava sua democracia única nos meios políticos convencionais, as mulheres criaram um lugar para si na política, fazendo da domesticidade um pilar crucial para os valores nacionais e para a educação democrática dos filhos. A Guerra Fria, não restam dúvidas, politizou a família estadunidense e os papéis das mulheres dentro

<sup>568</sup> SOSA, Dulce María in: CONDE, Yvonne M. *op. cit.*, p. 156.

<sup>569</sup> SANTIAGO, Josefina in: *Ibidem*, p. 162.

dela. À medida que o governo construiu sua defesa atômica em torno da família nuclear idealizada, também uma enorme quantidade de especialistas tem ligado ela à defesa anticomunista. Nessa perspectiva, o lar e as mulheres assumiram um papel proativo, em vez de uma função passiva na sociedade. Ao assumir em seus lares crianças e adolescentes cubanos fugindo de um país comunista elas ratificavam a importância política que adquiriram e se sentiam como contribuintes numa futura vitória dos Estados Unidos nas disputas internacionais.

Por fim, sob os auspícios dessa operação, há o número comumente aceito de mais de 14 mil crianças e adolescentes imigrantes. Desses, quase 7.000 estiveram sob os cuidados do *Catholic Welfare Bureau*, tendo os demais sido reclamados por parentes e amigos já estabelecidos nos Estados Unidos. Walsh contou com a colaboração de 95 agências de bem-estar infantil e milhares de lares adotivos espalhados por 35 estados. Foram estabelecidos três grandes centros de recepção em Miami e uma equipe total de 465 pessoas.<sup>570</sup> Trinta anos após o fim da Operação, Walsh revelou ter o governo dos Estados Unidos fornecido mais de cinco milhões de dólares por ano entre 1961 e 1966 para cuidar dos menores cubanos.<sup>571</sup>

Quando a operação encontrou o seu fim, em outubro de 1962, havia ainda 50.000 jovens cubanos com vistos em Cuba esperando para sair de seu país.<sup>572</sup> Embora tenham continuado a chegar a Miami depois desta data, a Crise dos Mísseis é geralmente aceita como marco do fim da Operação Pedro Pan. Isso porque, durante a crise, Kennedy, ordenou uma quarentena, impedindo voos no espaço aéreo cubano. Os países amigos dos Estados Unidos foram encorajados a fazer o mesmo. A campanha de isolamento aéreo tinha como objetivo controlar o movimento de pessoas subversivas, materiais de propaganda, fundos e armas.

Em 22 de novembro de 1963, John F. Kennedy foi assassinado. O vice-presidente Lyndon Johnson, o pragmático ex-senador do Texas, assumiu o governo. Com relação à política de Cuba, ele foi ao encontro daquela escolhida por JFK, baseada na Doutrina Monroe. Esta fornecia uma justificativa histórica para a posição enfaticamente defendida pelas diferentes administrações presidenciais na Guerra Fria de não admitirem a presença de um país apoiado pelos soviéticos neste hemisfério.

Novamente, Johnson optou por uma estratégia para isolar a ilha econômica, política e psicologicamente do chamado “mundo livre”. Ele mostrou-se também preocupado com as

---

<sup>570</sup> WALSH, Bryan O., *Cuban Refugee Children*. Barry University Archives and Special Collections, 1971. Disponível em: <<http://ufdc.ufl.edu/AA00054494/00001>>. Acesso em: 26 jul. 2022.

<sup>571</sup> WALSH, Bryan O., *Operation Pedro Pan - Thirty Years Later*. Barry University Archives and Special Collections, 1971. Disponível em: <<https://original-ufdc.uflib.ufl.edu/AA00054527/00001>>. Acesso em: 26 jul. 2022.

<sup>572</sup> GAY, Kathlyn. *op. cit.*, p. 34.

relações hemisféricas e com o papel contínuo de Cuba na ajuda de movimentos revolucionários na América Latina. Seu governo passou, portanto, a pressionar os países sul-americanos a ajudar os Estados Unidos, sobretudo, por meio da OEA. De modo subjacente, como na administração de Kennedy, buscou fortalecer as nações latino-americanas para que pudessem, por meios individuais e coletivos, resistir à subversão comunista.

Não obstante a Operação Pedro Pan tenha terminado, a Igreja Católica em Cuba continuou tentando tirar as crianças com a ajuda da Igreja Católica Espanhola. Sabidamente, algumas usaram essa nova rota para chegar aos Estados Unidos. Esse caminho não era fácil. Os voos para a Espanha eram muito caros e os assentos eram difíceis de conseguir. Eram apenas dois voos por semana. Como os Estados Unidos não queriam mais incentivar a imigração, as passagens agora tinham de ser financiadas pelas próprias famílias. E, como os dólares em Cuba estavam cada vez mais raros, precisavam contar com a ajuda de parentes no exterior. Chegando à Europa, não havia garantia de que conseguiriam o visto e precisavam se manter nesse país terceiro até obtê-lo. Diante de tantas dificuldades, a Crise dos Mísseis realmente teria marcado o fim das saídas em massa das crianças e adolescentes.

<b>Número de crianças e adolescentes atendidos pelo <i>Catholic Welfare Bureau</i><sup>573</sup></b>			
Idades	Masculino	Feminino	Total
Mais de doze anos	3.354   48%	1.852   27%	5,206   75%
Menos de doze anos	879   15%	755   12%	1.634   25%
Total	4.233   63%	2.607   39%	6.840   100%

Outra tabela apresentada por Maria de Los Angeles Torres<sup>574</sup> sugere a distribuição organizacional deles no exílio:

Catholic Welfare Bureau	7.041	84.50%
Children's Service Bureau	365	4%

<sup>573</sup> WALSH, Bryan O. *A study in achievement orientation and relate variables among young adults who came to the U.S. as unaccompanied child refugees ten years ago*. University of Miami, 1972. Digital Library of the Caribbean. Disponível em: <<http://ufdc.ufl.edu/AA00054871/00001>>. Acesso em: 28 jul. 2022.

<sup>574</sup> TORRES, Maria de Los Angeles. *op. cit.*, p. 148.

Jewish Family and Children's Services	176	4%
Florida State Department of Public Welfare	780	4%

Quanto ao status de imigração, quase todas, bem como 89% de todos os refugiados cubanos do período, foram classificadas como em *parole* pelo serviço de imigração dos Estados Unidos. Com esse status, apenas poderiam solicitar a cidadania estadunidense se viajassem para o exterior e solicitassem um visto de imigrante. Essa situação se alterou em 1966, quando se constatou que a permanência dos exilados cubanos não seria tão breve quanto se supunha.

O caminho foi, então, aberto para aprovação do *Cuban Adjustment Act*<sup>575</sup>, cuja promulgação teria contado com a participação decisiva de Walsh. A lei anterior, ele argumentou, discriminava o imigrante sem recursos financeiros para viajar para o exterior e solicitar o visto. Esse novo dispositivo concedia autorizações de trabalho e residência permanente legal (status de *green card*) a qualquer nativo ou cidadão cubano emigrado depois de 1 de janeiro de 1959, morando no Estados Unidos por pelo menos um ano.<sup>576</sup> Essa política de imigração preferencial foi apenas parcialmente rescindida nos últimos dias do governo Barack Obama.<sup>577</sup>

As facilidades concedidas às crianças e aos adolescentes – isenções de visto, vistos britânicos, nenhuma restrição numérica – não ecoaram para seus pais. Quando questionado, Walsh não conseguiu explicar por que os pais não puderam sair com seus filhos. Limitou-se apenas a dizer que, “por uma razão ou outra, o governo dos Estados Unidos não achou adequado conceder isenção de visto a eles.”<sup>578</sup> Alguns teóricos concluíram não haver uma preocupação genuína com as famílias, pois, caso houvesse, os pais também seriam autorizados a emigrar.<sup>579</sup>

<sup>575</sup> UNITED STATES OF AMERICA. *Public Law 89-732*. Washington, nov. 2, 1966. Disponível em: <<https://www.govinfo.gov/content/pkg/STATUTE-80/pdf/STATUTE-80-Pg1161.pdf>>. Acesso em: 13 out. 2022.

<sup>576</sup> UNITED STATES. *The Cuban Adjustment Act, Public Law 89-732*. Washington, D.C., 1966.

<sup>577</sup> DAVIS, Julie Hirschfield. White House to End Exemption for Cubans Who Arrive without Visas. *The New York Times*. New York, jan. 12, 2017. Disponível em: <[www.nytimes.com/2017/01/12/world/americas/cuba-obama](http://www.nytimes.com/2017/01/12/world/americas/cuba-obama)>. Acesso em: 12 fev. 2022.

<sup>578</sup> OPERACIÓN Peter Pan: cerrando el círculo en Cuba. Dirección de Estela Bravo. Cuba: Bravo Films, 2008, 1 DVD (57 min).

<sup>579</sup> Conferir, por exemplo, LEAL, Eusebio in: BRAVO, Estela; CORTÉS, Olga Rosa Gómez, eds. *op. cit.*, p. 299; TORRES, María de Los Angeles. Immigration Policies Aimed Exclusively at Youth Undermine Their Families. *La Prensa*. San Diego, dec. 14, 2012.

A posição oficial do governo dos Estados Unidos era a de que não havia restrições à entrada dos cubanos, mas sim que o problema era sair de Cuba. Fazer qualquer coisa pelos pais, naquele momento, traria alguns problemas para o governo estadunidense: o primeiro seria a pressão por transporte adicional para esses milhares de pais; o segundo era que qualquer postura nesse sentido diluiria a política de isolamento. A resposta oficial da Casa Branca tentou esclarecer:

Nossas melhores esperanças para acelerar o processo de reunir crianças desacompanhadas com seus pais é que uma organização internacional (Cruz Vermelha Internacional ou o Alto Comissariado da ONU para Assuntos de Refugiados) converse com Castro e o convença de que os pais que querem sair devem ser autorizados a fazê-lo e devem ter preferência no transporte.<sup>580</sup>

O Alto Comissariado para Assuntos de Refugiados havia se oferecido para negociar as autorizações de saída dos pais e irmãos em Cuba e pagar os voos. Todavia a resposta dos Estados Unidos veio na forma de uma declaração do Departamento de Estado presente nos Arquivos de Segurança Nacional da Biblioteca Presidencial Lyndon B. Johnson: "embora solidária, a proposta não era viável em virtude de maiores necessidades de segurança (bloqueio) e também pela dificuldade de estabelecer prioridades e garantir a cooperação de Cuba"<sup>581</sup>.

Sentindo a pressão das Nações Unidas e das agências voluntárias, o Departamento de Estado anunciou estar disposto a ceder 50 por cento dos assentos em voos disponíveis para pais e irmãos e, em casos especiais, avós, de filhos menores nos Estados Unidos. Por meio das Nações Unidas, forneceriam os nomes dos pais ao governo cubano. Além disso, facilitaria o movimento de crianças e adolescentes desacompanhados dos Estados Unidos para Cuba, desde que todos os envolvidos estivessem de acordo.

Isso foi particularmente irônico, pois os Estados Unidos contribuíram para criar o programa para ajudá-los a escapar do comunismo e, agora, as mandariam de volta. E ainda não estavam propensos a participar de qualquer acordo envolvendo o fornecimento de meios de transporte especiais para essas pessoas, além dos já existentes. As portas permaneceriam fechadas.<sup>582</sup>

Muitos pais, a priori, não estavam inclinados a deixar o país; ainda estavam convencidos de se tratar de uma curta separação, e emigrar significava perder todos os seus bens e propriedades em Cuba caso não voltassem dentro de três meses. Optaram por ficar na

---

<sup>580</sup> TORRES, Maria de Los Angeles. *op. cit.*, p. 202.

<sup>581</sup> *Ibidem*, p. 203.

<sup>582</sup> *Ibidem*, p. 204.

esperança de “superar a tempestade”. Outros não puderam sair, seja por lealdade a seus próprios pais idosos, seja pela recusa do governo cubano em liberá-los, seja porque estavam presos ou enfrentando outras dificuldades. Separar-se dos filhos por um tempo determinado não era algo absolutamente novo para os cubanos.

Havia a cultura bastante difundida na ilha de enviá-los para estudar em outro país, principalmente nos Estados Unidos (o que fora um sinal de status em Cuba por muitas gerações), e para muitos deles essa poderia ser a ocasião. Alguns pais menos prósperos foram evidentemente atraídos pela oportunidade de eles obterem as chamadas “becas” (bolsas) para estudar no exterior. Estudar nos Estados Unidos era altamente vantajoso, não era algo que todos poderiam pagar. A Operação Pedro Pan acabou também criando essa oportunidade para as famílias.

A esperança dos pais de se reunirem rapidamente com os filhos após um curto período de afastamento de “intercâmbio escolar” não se concretizou. Castro não fora defenestrado como supunham, e não poderiam retornar por decisão do governo cubano. Começou-se, assim, a imigração dos pais, tentando reencontrar os seus filhos por vários canais. Alguns conseguiram deixar a ilha logo após os menores, apenas com alguns meses de separação com ajuda de parentes já residentes nos Estados Unidos. Outros conseguiram emigrar junto aos esforços da Cruz Vermelha no cumprimento do acordo feito entre os dois países após a Invasão à Baía dos Porcos.

O governo cubano havia encontrado uma fonte de dinheiro nas prisões. Pouco antes do Natal de 1962, 1.113 membros da Brigada 2506 foram trocados por um resgate combinado de US\$ 53 milhões em alimentos e remédios, cuja distribuição foi supervisionada pela Cruz Vermelha. Cento e trinta e oito empresas contribuíram com medicamentos e outros itens. Aviões ou navios levavam os suprimentos para Cuba e voltavam trazendo refugiados, entre eles muitos pais de Pedros Pans.<sup>583</sup> Contudo, a grande maioria ficou retida em Cuba após a interrupção dos voos em 23 de outubro de 1962, quando, para eles, a ilha se tornou uma prisão.

Quando o vislumbre de esperança de partir em um navio ou avião de resgate esvaneceu-se, muitos pais escolheram o mar como rota de fuga; emigrando de forma desesperada por meio de balsas e outras embarcações improvisadas. Outros pais partiram por meio de países terceiros, geralmente contando com a caridade de familiares ou amigos para

---

<sup>583</sup> Foi o caso, por exemplo, dos pais de Ana-Maria Enríques. Conferir: ENRIQUES, Ana Maria. Testimony. *Miami Herald*. Miami, may 17, 2009. Disponível em: <<http://pubsys.miamiherald.com/cgi-bin/pedropan/profile/10397/story>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

financiarem sua sobrevivência enquanto viviam no limbo imigratório por semanas, meses ou anos, até obter um visto de entrada nos Estados Unidos. Em 28 de setembro de 1965, Fidel Castro prometeu abrir as portas para os cubanos interessados em partir para o “paraíso ianque”, como ele se referiu. Em sua opinião, as saídas ilegais serviam apenas para fazer propaganda contra a Revolução, portanto, iria eliminar essa fonte para a oposição:

*...cuando alguna de esa gente tiene un pariente allá, se va en un bote, o en un barquito, o en lo que sea. ¿Para qué? Para hacer una incesante propaganda contra la Revolución, para contar cosas terribles, tenebrosas. A ellos no les ha importado que más de uno se haya ahogado.*<sup>584</sup>

Nos Estados Unidos havia fortes argumentos para manter a válvula de imigração fechada. Houve forte oposição dos moradores de Miami contra mais refugiados. Além disso, a tentativa de “isolamento” da ilha não foi tão eficaz quanto esperavam. As autoridades também queriam reduzir os gastos com isso e estavam preocupadas que novas viagens pudessem injetar grandes quantidades de divisas na economia cubana, o que poderia reforçar o regime. Por outro lado, havia a questão da imagem pública do país. Como poderiam negar refúgio aos que fugiam do comunismo se essa havia sido a retórica mais defendida por eles durante os anos iniciais da Guerra Fria? A equipe decisória do governo parecia acreditar que, para vencer a batalha de propaganda internacional, os Estados Unidos tinham de preservar seu compromisso de criar um refúgio para os cubanos.

A resposta dos Estados Unidos à proposta de Castro veio em 4 de outubro do mesmo ano quando o presidente Lyndon Johnson anunciou, ao assinar uma reforma da lei de imigração na cidade de Nova York, que “aqueles que buscam refúgio aqui o encontrarão”. No discurso à sombra da Estátua da Liberdade, ele anunciou a abertura das portas do país para todos os cubanos fugindo do regime de Fidel Castro e buscando a liberdade nos Estados Unidos. As negociações diplomáticas se seguiram por meio da embaixada suíça, sendo dada prioridade àqueles com parentes naquele país (entre 15.000 e 20.000) e, em segundo lugar, aos presos políticos (entre 15.000 e 30.000).<sup>585</sup> A data marcada pelo governo cubano para o início do êxodo foi 10 de outubro, por um pequeno porto de pesca, a oeste de Havana, chamado Camarioca. Em 28 de outubro de 1965, encerrou-se o trânsito de pequenas

<sup>584</sup> CASTRO, Fidel. *Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer secretario del Partido Unido de la Revolución Socialista de Cuba y primer ministro del gobierno revolucionario, resumiendo los actos del V Aniversario de los Comités de Defensa de la Revolución, en la concentración efectuada en la Plaza de la Revolución, el 28 de septiembre de 1965.* Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1965/esp/f280965e.html>>. Acesso em: 28 jul. 2022.

<sup>585</sup> SEMPLE JR., Robert B. U.S. to Admit Cubans Castro Frees; Johnson Signs New Immigration Bill; President Will Request Fund for Program to Receive Refugees Johnson agrees to admit Cubans. *The New York Times*. New York, oct. 4, 1965, p. 4.

embarcações entre os dois países, depois da emigração de 3.000 refugiados, enquanto continuavam as negociações para um êxodo ordenado e menos precário.

O acordo imigratório foi alcançado em 6 de novembro. Ele permitiu a imigração de 3.000 a 4.000 cubanos, todos os meses, para os Estados Unidos; com exceção de homens em idade militar. A prioridade mais alta foi dada aos pais com filhos menores de 21 anos nos Estados Unidos. Esse acordo foi considerado a mais importante negociação entre os governos desde o rompimento das relações diplomáticas em janeiro de 1961. O governo da ilha fez uma lista dos interessados em sair, e os Estados Unidos uma lista daqueles reclamados pelos parentes. Os suíços foram os responsáveis por reunir as duas listas.<sup>586</sup>

Havia sete companhias aéreas operando os chamados *Freedom Flights*, iniciados em 1º de dezembro de 1965.<sup>587</sup> Os pais de crianças e adolescentes cubanos nos Estados Unidos tiveram prioridade nesses voos e, dentro dos primeiros seis meses, a maioria deles conseguiu a sonhada reunificação familiar. Em 4 de janeiro, o governo cubano autorizou a saída de 6.000 pessoas. Naquela época, ainda havia 1.353 crianças e adolescentes desacompanhados sob cuidado das agências de assistência infantil. Esses *Freedom Flights* duas vezes ao dia, cinco dias por semana, duraram até 1º de fevereiro de 1970 e custaram ao governo federal US\$ 50 milhões.<sup>588</sup> Cuba insistiu em que os jovens em idade militar, de quinze a vinte e seis anos, não poderiam partir e muitos pais se viram divididos entre os filhos que se foram e os que teriam de ficar.

O problema dos refugiados foi relatado como tendo um “impacto deprimente” contínuo na área de Miami; apesar de 56.000 cubanos terem sido reassentados em outros estados. Em março de 1963, mais de 100.000 permaneciam (dos quais 60.000 estavam recebendo ajuda). O diretor do Programa de Refugiados Cubanos, John Thomas, instou os cubanos a considerar o reassentamento fora da área de Miami, explicando que isso não diminuiria “a importância que os Estados Unidos dão à futura construção de uma sociedade livre e democrática em Cuba.”<sup>589</sup>

Enquanto os Pedros Pans eram incentivados a reivindicar seus pais, o governo dos Estados Unidos buscou maneiras de estancar o fluxo aparentemente interminável de refugiados para a Flórida e transferi-los para outras partes do país. Os Pedros Pans tiveram um papel importante nessa fase, assumindo a função de “âncoras” – devido à política imposta de

<sup>586</sup> SEMPLE JR., Robert B. Big Flow Planned; 3,000 to 4,000 to Be Admitted Monthly -- Kin Have Priority. *The New York Times*. New York, nov. 7, 1965, p. 1; 37.

<sup>587</sup> WALDRON, Martin. Cuba Air Exodus on as 75 Exiles Arrive; Cuba air exodus brings 75 to U.S. *The New York Times*. New York, dec. 2, 1965, p. 1; 20.

<sup>588</sup> CONDE, Yvonne M. *op. cit.*, p. 180.

<sup>589</sup> THOMAS, John in: SHNOOKAL, Deborah. *op. cit.*, p. 195.

que as crianças e os pais só poderiam ser reunidos onde os jovens refugiados estivessem alocados, e não no sul da Flórida como muitos queriam.<sup>590</sup>

Quando finalmente se reencontraram, os filhos e os pais passaram a enfrentar uma série de outras dificuldades, para além do estabelecimento em um país estranho. Juntamente com o ressentimento, a falta de familiaridade entre eles aumentou a animosidade e tornou o reajuste mais extenuante. Alguns deles, principalmente os menores, já não se lembravam de seus pais. Outros haviam esquecido o espanhol e não conseguiam mais se comunicar com a família:

Meu pai se lembra de que, à medida que aprendíamos o inglês e esquecíamos o espanhol, as ligações eram cada vez menos frequentes. (...) Todos nós esquecemos completamente nosso espanhol e era difícil escrever cartas para casa. Começamos a escrever em inglês. Ligávamos para nossos pais de vez em quando, mas era difícil entender o inglês deles pelo telefone. (...) A separação da família adotiva foi difícil especialmente para Lola, que havia se esquecido de nossos pais em Cuba.<sup>591</sup>

Algo semelhante aconteceu com Francisco Guerra; ele esqueceu completamente de quem era sua família:

Quando meus pais finalmente saíram e vieram à nossa porta, eu não sabia quem eram aquelas pessoas. Em um ano aquela mente de onze anos os apagou completamente. Meu irmão não parava de repetir: “*estos son Pipo y Mima*”; devo ter ferido tanto os sentimentos deles, mas não os reconheci, acho que por meses.<sup>592</sup>

Quando o tempo de separação familiar tinha perdurado por anos, era comum também aos pais ter dificuldade em reconhecer os filhos já crescidos. Foi o caso da mãe de Gladys Fleites, afastada da filha por 15 anos: “eu me lembro do dia em que minha mãe veio de Cuba, ela perguntou à minha mãe adotiva qual das crianças lá na casa era sua filha”.<sup>593</sup> Esses breves

---

<sup>590</sup> *Ibidem*, p. 195.

<sup>591</sup> Do original: “*My father remembers that as we learned English and forgot our Spanish the calls came less and less. (...) We all forgot our Spanish completely, and it was difficult to write letters home. We started writing in English. We would call our parents every once in a while, but it was difficult to understand their English over the phone. (...) Leaving our foster home was very traumatic, it was again another separation and it was gut-wrenching, especially for Lola who had all but forgotten our parents in Cuba.*” PRATS, Elia. Testimony. *Miami Herald*. Miami, jul. 6, 2010. Disponível em: <<http://pubsys.miamiherald.com/cgi-bin/pedropan/profile/4335/story>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

<sup>592</sup> Do original: “*When my parents finally got out and came to our door, I did not know who these people were. In one year that eleven-year-old mind had erased them completely. My brother kept repeating over and over again, “estos son Pipo Y Mima,” I must have hurt their feelings so bad, but I never did recognize them, I guess for months.*” GUERRA, Francisco. Testimony. *Miami Herald*. Miami, jun. 11, 2009. Disponível em: <<http://pubsys.miamiherald.com/cgi-bin/pedropan/profile/9209/story>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

<sup>593</sup> FLEITES, Gladys. Testimony. *Miami Herald*. Miami, aug. 26, 2009. Disponível em: <<http://pubsys.miamiherald.com/cgi-bin/pedropan/profile/5047/story>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

relatos dão dimensão das consequências enfrentadas pelos pais ao optarem pelo exílio com base em uma postura anticomunista radical.

Apesar das tentativas da equipe de Walsh de manter a Operação Pedro Pan em sigilo, em março de 1962, o *The Plain Dealer*, principal jornal diário de Cleveland, Ohio, preparou um artigo sobre a operação. Depois dele, ainda em março de 1962, Gene Miller, então repórter do *Miami Herald*, iria chamá-la propriamente de *Operation Pedro Pan*, uma versão hispânica do título do romance de James M. Barrie.<sup>594</sup> A partir de então, inúmeros artigos sobre o êxodo foram publicados em uma importante ofensiva propagandista da Guerra Fria.

A opção feita pelos responsáveis de manter a operação em segredo por quase todo o seu desenvolvimento impossibilita as interpretações simplistas que a veem apenas como um estratagema de propaganda. Embora tenha sido importante nesse prisma, foi fruto de decisões complexas dos pais cubanos, extrapolando, em muitos aspectos, a possibilidade de pleno controle dos Estados Unidos. Está claro que um conflito fora gerado entre aqueles que trabalhavam diretamente com as crianças e adolescentes e os criadores de propaganda pela necessidade de manter a operação como um movimento clandestino e o uso de crianças como ferramenta propagandista. As ordens de manter o programa fora do conhecimento do público respondia às necessidades de evitar uma possível recriminação para os pais em Cuba, de evitar que o governo interrompesse o fluxo e de impedir, como temia o FBI, que a inteligência cubana se infiltrasse nos Estados Unidos por meio dos jovens.

---

<sup>594</sup> MILLER, Gene. Peter Pan Means Real Life to Some Kids. *Miami Herald*. Miami, mar. 9, 1962, p. 11<sup>a</sup>.

## CAPÍTULO 4

### PEDROS PANS, DEMOCRACIA E CONFLITO NOS ESTADOS UNIDOS

Ao longo dos anos, Cuba e os Estados Unidos promoveram uma série cada vez mais institucionalizada de narrativas mutuamente opostas e redutivas sobre a Operação Pedro Pan, cujo processo dialético permite pouco espaço para questionamentos. Essas narrativas, normalmente, foram ressignificadas de acordo com o conflito vigente, contribuindo para o alcance dos objetivos das agendas políticas dos dois países. O governo que mais oscilou em suas posições sobre o tema foi, sem dúvidas, o de Cuba; e, embora tenha sido ignorado pela imprensa neste país até as décadas de 1980 e 1990, o êxodo seria recorrentemente explorado por Fidel Castro, sobretudo, durante os episódios do naufrágio e repatriação de Elián González.

Nos Estados Unidos, as narrativas difundidas sobre o heroísmo das crianças fugindo do comunismo tornaram-se fundamentais para o “mito da criação” da comunidade cubana exilada – negociada até por aspirantes a candidatos políticos e celebridades. A tônica voltava-se para desacreditar o projeto revolucionário de Cuba, impedir a retomada das relações diplomáticas e inocular outros projetos, especialmente na América Latina, que pudessem considerar uma experiência socialista semelhante. Para esses imigrantes, a história do êxodo melhor demonstrava as supostas condições horríveis enfrentadas pelos pais na “ilha comunista”, levados a tomar medidas desesperadas para proteger seus filhos. Qualquer interpretação negativa do episódio foi considerada apostasia em Miami, e, durante muito tempo, qualquer menção ao trauma ou ao abuso que as crianças podem ter experimentado era descartada como pura “ingratidão”.

À vista disso, este capítulo tem como foco principal a análise da construção da história da operação tanto em Cuba quanto nos Estados Unidos, bem como os usos políticos de que foram (e ainda é) alvo em prol dos conflitos entre ambas as nações. A princípio, a ênfase será dada às vacilações da interpretação cubana acerca do êxodo, apreendidas por meio dos discursos políticos de Fidel Castro. O segundo momento, por sua vez, será dedicado à reflexão envolvendo as disputas pela denominação mais adequada à migração (Operação Pedro Pan ou Operação Peter Pan), evidenciando o modo como elas têm contribuído para alimentar as querelas ideológicas que permeiam as interpretações a respeito do êxodo.

A história da Operação Pedro Pan enquanto objeto de conflito entre Cuba e os Estados Unidos responde a diferentes motivações. Ao controlar a narrativa e estabelecer sua própria interpretação do acontecimento, estes Estados reforçam seu poder imprimindo a forma como

ela deve ser lembrada ou reproduzida, já que as decisões tomadas em relação a ela são capazes de prejudicar suas imagens ou lisonjeá-las. Contudo, como propõe Dosse, o acontecimento está sempre aberto para um devir indefinido pelo qual seu sentido se metamorfoseará ao longo do tempo. Ele “nunca está realmente classificado nos arquivos do passado; pode voltar como espectro para assombrar a cena do presente e hipotecar o futuro”<sup>595</sup>. Tal assertiva em relação à operação Pedro Pan se revela acertada quando sua história retorna e é reatualizada para ajudar a “explicar” o caso Elián González e incluí-lo numa trajetória de hostilidade contra Cuba que remonta à década de sessenta.

A última parte, então, será voltada para a observação do papel assumido por alguns Pedros Pans na continuidade dos conflitos Estados Unidos-Cuba e na manutenção das políticas de hostilidade (de longa data) em relação à ilha. Compreender a evolução de suas interpretações sobre essa operação somente é possível em relação aos acontecimentos subsequentes que demonstraram potencial de alterar suas relações com o passado. Os fatos posteriores ao próprio evento podem ou não suscitar mudanças de interpretações e isso é bem demonstrado nas posições políticas dos Pedro Pan depois de adultos. Está claro que a importância da operação não se esgota em outubro de 1962, seu impacto ultrapassa o âmbito do próprio acontecimento, ela continua, ainda hoje, a produzir efeitos.

#### **4.1 - Recriações da história da Operação Pedro Pan e seus usos políticos**

Fidel Castro, principal expressão do governo cubano, desde os momentos iniciais, dispensou longos discursos à questão das crianças, da Operação Pedro Pan e da *Patria Potestad*. Contudo, sua opinião foi mudando conforme os conflitos se intensificavam ora com os opositoristas em Cuba, ora com os Estados Unidos. Essas mudanças em sua retórica sinalizam para a compreensão de que a batalha na Guerra Fria esteve longe de se restringir a confrontação mecânica de armas, ela pôs em cena o choque de ideias e as estratégias discursivas. *A priori*, sua argumentação principal era de que os rumores acerca da perda do poder pátrio e, o conseqüente êxodo, teria sido ação dos contrarrevolucionários “inconformados com as derrotas obtidas ao tentar desacreditar a Revolução”:

*Los contrarrevolucionarios, que sufren mucho con todas estas cosas que la Revolución hace, cada obra que la Revolución hace los hace sufrir mucho y*

---

<sup>595</sup> DOSSE, François. *Renascimento do acontecimento. Um desafio para o historiador: entre esfinge e fênix*. São Paulo: Unesp, 2013, p. 266.

*empiezan a inventar problemas de tipo religioso, sentimentales, de todas clases, se dieron a la tarea de inventar el problema de la patria potestad. Una de esas cosas truculentas y absurdas, pero que, en definitiva, ¿qué iban a decir? Nosotros dijimos: les vamos a quitar las empresas a los monopolios, les vamos a quitar las tierras a los latifundistas, vamos a quitar los privilegios a los privilegiados. Bien. Ellos sabían que el pueblo estaba plenamente de acuerdo con eso. Ya se les había quitado todo eso, entonces dijeron: “No, que la Revolución les va a quitar los hijos a los padres.” Es una cosa absurda. Primero dicen: “este es un gobierno comunista”; después dicen: “este gobierno comunista les va a quitar los hijos, porque es enemigo de la familia, de todo”. En fin, ellos fabricaron toda su historia y toda su leyenda sobre el comunismo y después nos la aplicaron.<sup>596</sup>*

Em 1960, é indispensável recordar, a Revolução enfrentava resistências internas em diversas frentes, sobretudo, por efeito das medidas econômicas adotadas após 1959. Grupos de alguns setores da sociedade começaram a se opor ao projeto em implementação de forma mais eficaz. Foi também o ano em que teve lugar o primeiro confronto da Rebelião de Escambray (em Cuba, denominada *Lucha Contra Bandidos*), formada por um grupo de insurgentes que contestava o novo governo. Paralelamente, o país estava sofrendo com diferentes sanções econômicas e atos de sabotagem dos Estados Unidos. Os rumores acerca da nacionalização das crianças<sup>597</sup> emergiram nesse cenário em que o governo lidava com conflitos políticos generalizados, tanto nacional como internacionalmente.

No discurso cubano, as crianças emigrantes não correspondiam a todas as classes sociais, apenas “*millonarios, los ricos, que sustraían a sus hijos de sus hogares y los mandaban a un país extraño, a miles y miles de kilómetros de los padres*”<sup>598</sup>. Porém é sabido que, conquanto o maior número de crianças pertencesse às classes média-alta, os Pedro Pans não eram exclusivos delas. Apreende-se de um número significativo de fontes a mesma escolha sendo feita por pais de classes menos abastadas, justamente esperando que eles pudessem ter uma vida melhor nos Estados Unidos.

As discussões esporádicas sobre o tema foram se tornando mais frequentes conforme um número cada vez maior de mães procurava as autoridades porque haviam sido informadas de que “*no iba a ver más a sus hijas, porque a sus hijas se las iban a llevar para Rusia*”,

<sup>596</sup> CASTRO, Fidel. *Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer ministro del Gobierno Revolucionario, en la Clausura de la Plenaria Nacional de los Círculos Sociales, efectuada el 16 de diciembre de 1960*. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1960/esp/f161260e.html>>. Acesso em: 20 out. 2019.

<sup>597</sup> Termo usado à época em referência às medidas do governo cubano que eram interpretadas como tentativas de diminuir o poder dos pais sobre os seus filhos.

<sup>598</sup> CASTRO, Fidel. *Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer ministro del Gobierno Revolucionario, en el acto clausura de cinco congresos obreros extraordinarios, en el Palacio de los Deportes, La Habana, el 8 de noviembre de 1960*. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1960/esp/f081160e.html>>. Acesso em: 20 out. 2019.

inclusive muitas delas teriam procurado psiquiatras por problemas desenvolvidos em razão dessas preocupações.<sup>599</sup> Até esses momentos iniciais, o governo tratava a questão sem muita consideração: “*sobre ciertas afirmaciones, realmente, lo mejor es ni hacerles caso*”, disse Fidel certa feita sobre o tema.<sup>600</sup>

Parecia absurdo para ele pensar que, no momento de intensos gastos em razão da reorganização econômica do país, ele teria meios para arcar com os cuidados de todas as crianças da ilha: *¿en qué cabeza puede haber que la Revolución (...) fuese a dedicarse a recoger a todos los muchachos de la República, y mandarlos, quitárselos a los padres, asumir toda esa obligación y todo ese gasto? ¡Pero qué absurdo!*<sup>601</sup> Não parecia haver outra interpretação a não ser a de que o surgimento dos rumores da ameaça supostamente representada pela Revolução às crianças foi criado para mobilizar emocionalmente os pais e causar instabilidade política no país por aqueles insatisfeitos com o triunfo revolucionário: “*¿Qué es esta cosa de la patria potestad? Este es el invento más absurdo, más inverosímil y más ridículo, es la patraña más descarada que se le ha ocurrido inventar a la contrarrevolución*”<sup>602</sup>.

Com a radicalização dos conflitos políticos com Estados Unidos e a invasão fracassada à Baía dos Porcos, as crianças passaram a figurar de forma mais recorrente na retórica antiestadunidense de Castro. Um mês antes dos acontecimentos de abril de 1961, ele lamentou a atitude dos pais optando por mandar os filhos para o exterior: “*Y nosotros pensamos en la suerte de esos niños (...) ¿Qué será de esos niños? ¿Qué será de los hijos de quienes cegó la ambición y se marcharon a vivir al norte? Esos niños son, en realidad, víctimas*”<sup>603</sup>. Em outro discurso afirmou que as crianças foram levadas para “o caminho da desonra”<sup>604</sup>. O êxodo é, então, reinterpretado como mais uma das ações dos Estados Unidos, como uma ferramenta política destinada a nutrir uma campanha internacional contra a Revolução. Logo, as ideias

---

<sup>599</sup> CASTRO, Fidel. *Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer ministro del Gobierno Revolucionario, en el acto clausura de cinco congresos obreros extraordinarios, en el Palacio de los Deportes, La Habana, el 8 de noviembre de 1960*. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1960/esp/f081160e.html>>. Acesso em: 20 out. 2019.

<sup>600</sup> *Ibidem*.

<sup>601</sup> *Ibidem*.

<sup>602</sup> CASTRO, Fidel. *Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer ministro del Gobierno Revolucionario, en el acto de entrega de premios a los ganadores del concurso de canciones populares inspiradas en la Revolución, en el teatro "García Lorca", el 19 de septiembre de 1961*. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f190961e.html>>. Acesso em: 20 out. 2019.

<sup>603</sup> CASTRO, Fidel. *Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer ministro del Gobierno Revolucionario en el acto de recordación a los mártires del asalto al palacio presidencial el 13 de marzo de 1957, celebrado en la escalinata de la Universidad de La Habana, el 13 de marzo de 1961*. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f130361e.html>>. Acesso em: 20 out. 2019.

<sup>604</sup> FIDEL: nossa principal tarefa é erradicar o analfabetismo de Cuba. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 7 set. 1961, p. 2.

iniciais que levaram à operação não teriam sido criadas pelos opositoristas, mas pelos Estados Unidos:

*¿Creen ustedes que eso lo inventaron los contrarrevolucionarios cubanos? No, esos argumentos son argumentos de la reacción internacional, y así estuvieron engañando al mundo durante décadas enteras, combatiendo la revolución rusa, porque decían que les habían quitado los niños a los padres, y decían que habían socializado las mujeres.*<sup>605</sup>

Esse discurso fora proferido em setembro de 1961, ou seja, quase um ano após a data oficial de início da Operação Pedro Pan. A essa altura, Fidel Castro já pode ter sido informado sobre os esforços sendo feitos por parte do governo dos Estados Unidos para retirar as crianças de Cuba; e, de modo pragmático, passou a abordar o êxodo nos discursos tanto para alimentar a crítica àquele país quanto para reatualizar o sentimento “anti-ianque” no povo, especulando sobre o crescimento das crianças em um país estrangeiro inimigo. Em 1971, por exemplo, uma década depois, em um discurso proferido no Chile, por ocasião de uma manifestação política de mulheres em apoio ao governo de Salvador Allende, ele relembrou o êxodo, criticando as condições a que as crianças foram expostas nos Estados Unidos:

*¿Qué ocurrió con los niños aquellos que mandaron a Estados Unidos? ¿Qué ocurrió cuando cayeron en aquella sociedad monstruosa, egotista? A muchos de ellos los hicieron viciosos, a otros los hicieron gánsteres, verdaderos gánsteres, a muchas niñas las convirtieron en prostitutas, niñas todavía.*<sup>606</sup>

Durante a década de sessenta, Cuba teve uma participação ativa nos movimentos de descolonização da África, principalmente em Angola e em Moçambique. Os laços de colaboração com este último levariam ao estabelecimento de relações diplomáticas bastante duradouras. Quando, em 1977, mais de mil jovens moçambicanos foram para Cuba para realizar estudos secundários, os rumores da *Patria Potestad* ressurgiram. Em uma conversa entre Samora Machel e Fidel Castro, o primeiro relatou ocorrer rumores em seu país de que Moçambique ia enviar as crianças para Cuba e ia vendê-las. Temendo tal destino, muitas mães assustadas fugiram para outros países. Mais tarde, lendo os livros de Mikhail

<sup>605</sup> CASTRO, Fidel. *Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer ministro del Gobierno Revolucionario, en la graduación de 750 instructores revolucionarios, celebrada en la Escuela de Instructores Revolucionarios “Osvaldo Sánchez”, el 20 de septiembre de 1961.* Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f200961e.html>>. Acesso em: 20 out. 2019.

<sup>606</sup> CASTRO, Fidel. *Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, Primer secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y primer ministro del Gobierno Revolucionario, en el Estadio Santa Laura, de Santiago de Chile. Chile, 29 de noviembre de 1971.* Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1971/esp/c291171e.html>>. Acesso em: 20 out. 2019.

Sholokhov<sup>607</sup>, Fidel Castro teria se inteirado de que os mesmos rumores haviam surgido em 1917 e 1918 na Rússia.<sup>608</sup>

Duas décadas depois, no final dos anos 1990 e início dos anos 2000, a história da Operação Pedro Pan seria novamente recuperada. Esse período é marcado pela querela judicial dramática pelo retorno de Elián González a Cuba. O menino, de apenas 6 anos, chegou aos Estados Unidos em novembro daquele ano, após a embarcação com 13 cubanos ter naufragado, matando sua mãe e seu padrasto. Ao chegar, foi confiado a parentes com os quais não tinha relação alguma. A comunidade cubana na Flórida, majoritariamente contrária ao governo cubano, acolheu o garoto e se opôs ao retorno dele à ilha, como era o desejo de seu pai, que solicitara oficialmente sua repatriação às autoridades estadunidenses. Logo, o caso rapidamente evoluiu para um confronto político entre Cuba, e os Estados Unidos, onde neste último o poder e a riqueza da comunidade cubana em torno de Miami galvanizou opositores do regime de Castro para tentar manter o menino no país a todo custo.

A situação de Elián foi definida por alguns teóricos como a derradeira aposta da Guerra Fria: a batalha pela sua guarda e metaforicamente pela sua alma, justificaria a Baía dos Porcos, a Guerra do Vietnã e a Guerra da Coreia. Por um lado, estava Cuba como representante do bloco comunista quase extinto; por outro, os Estados Unidos, autodefinidos como a terra da liberdade. O confronto final havia sido lançado: quem seduziria uma criança cubana, tomada entre o sonho da mãe de ir para os Estados Unidos e o do pai fiel ao castrismo? Graças a Elián, parece enfim que, de fato, a Guerra Fria era uma competição onírica para ver quem conseguiria encarnar o sonho das crianças.<sup>609</sup>

A questão ocupou um espaço bastante significativo na cena política do período e na agenda presidencial de Fidel Castro. Manifestando-se com uma sucessão de gestos teatrais durante seus discursos políticos, ele transformou Elián simultaneamente em símbolo do orgulho nacional e da insensatez da emigração para os Estados Unidos. O caso era tratado por ele não como uma emigração, e sim como um “sequestro”. Manifestações em Havana reuniam milhares de pessoas protestando pelo retorno da criança e contra a justiça dos Estados Unidos.

---

<sup>607</sup> Mikhail Sholokhov foi um importante romancista russo. Com apenas 13 anos se aliou aos bolcheviques na Guerra Civil Russa. Recebeu o prêmio Lenin em 1960 e em 1965 recebeu o Nobel de Literatura.

<sup>608</sup> CASTRO, Fidel. *Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer ministro del Gobierno Revolucionario en el acto de amistad cubano-mozambicana, efectuado en el centro escolar 26 de julio, en Santiago de Cuba, el 11 de octubre de 1977, "Año de la institucionalización"*. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1977/esp/f111077e.html>>. Acesso em: 20 out. 2019.

<sup>609</sup> CALLIGARIS, Contardo. A batalha pela alma de Elián González. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 13 abr. 2000, p. 10.

Em uma marcha em prol de Elián, Castro lembrou ao povo quando, segundo ele, por “*mentiras y viles procedimientos se llevaron ilegalmente*” 14 mil crianças de Cuba. A operação ocorreu por que “*mercenarios al servicio de una potencia extranjera*” (Estados Unidos) enganaram os pais das crianças e convenceram-nos de que a Revolução Cubana iria anular os direitos sobre os filhos, “*como si un niño fuera un latifundio o fuera un central azucarero, una mina*”. Enfrentando todas as consequências, a Revolução, ele argumentou, respeitou o direito de milhares de pais de tirarem as crianças do país; o que estava sendo reivindicado na ocasião era que os Estados Unidos, então, respeitassem igualmente esse direito (devolvendo Elián a seu pai).<sup>610</sup>

Nos Estados Unidos, o destino do menino virou tema da disputa eleitoral daquela época. A campanha para mantê-lo no país foi abraçada por muitos republicanos e se tornou uma questão fundamental na política da Flórida. O candidato republicano George W. Bush atacou a posição de Al Gore, candidato democrata, por ter sido, desde o início, ambígua. Al Gore atraiu grande atenção – e críticas consideráveis – por romper com o presidente Clinton (de quem era vice) e endossar uma legislação especial para estender o status de residente a Elián e seus parentes em Cuba.<sup>611</sup> A ideia, disseram os assessores, era que isso mudaria a jurisdição legal sobre o caso para o tribunal de família da Flórida, que poderia então decidir o que é melhor para o menino. Essa alteração já era proposta por Bush, que reiteradas vezes disse que o “caso deveria ser decidido por um tribunal familiar da Flórida”, que protegesse “os melhores interesses de Elián, e não um Departamento de Justiça de Clinton-Gore cujos antecedentes de antepor a política ao direito não inspiram confiança”<sup>612</sup>.

O candidato republicano, popular entre os hispânicos, já vinha defendendo a concessão do visto desde o início. Em uma entrevista em Iowa, em janeiro de 2000, disse que conceder a cidadania a Elián “seria um gesto maravilhoso” e acrescentou que o pai dele também deveria vir aos Estados Unidos para “experimentar a liberdade”<sup>613</sup>. Lideranças cubano-americanas indicaram que iriam apoiá-lo por essa razão e porque o governo Clinton

<sup>610</sup> CASTRO, Fidel. *Discurso pronunciado por el presidente del Consejo de Estado de la República de Cuba, Fidel Castro Ruz, ante el grupo de niños que custodiaron la Sección de Intereses de Estados Unidos en La Habana, con motivo de la marcha en reclamo del niño Elián González, en el círculo social "José Antonio Echeverría", el 23 de diciembre de 1999, "Año del 40 aniversario del triunfo de la Revolución", enriquecido con algunos detalles adicionales del propio autor.* Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1999/esp/f231299e.html>>. Acesso em: 20 out. 2019.

<sup>611</sup> WILL. Al Gore's Position on Elian Gonzalez Damage His Presidential Campaign? *CNN*. Disponível em: <<http://edition.cnn.com/TRANSCRIPTS/0003/31/tl.00.html>>. Acesso em: 2 mar. 2023.

<sup>612</sup> O CASO do menino Elián prejudica democratas. *Folha Online*. 30 de março de 2000. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/foi/inter/ult30032000275.htm>>. Acesso em: 2 mar. 2023.

<sup>613</sup> BUSH, George apud CHALEIRA, Martin. Bush apoia plano para transformar menino cubano em cidadão americano. *The Guardian*. Londres, jan. 25, 2000. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2000/jan/25/usa.cuba>>. Acesso em 2 mar. 2023.

defendia seu retorno para Cuba. De fato, o presidente Clinton defendeu o respeito pela lei e manifestou simpatia em relação ao desejo do pai de ter o filho de volta. A secretária de justiça, Janet Reno, compartilhou o mesmo entendimento.

O prefeito de Miami, Alex Panelas, ele próprio de origem cubana e um democrata, ameaçou, por diversas vezes, a não acatar ordens para devolvê-lo a Cuba. Quando, finalmente, foi reconhecido o direito do pai à custódia do filho, centenas de exilados fizeram vigília no centro de *Little Havana* para manifestar seu descontentamento com a decisão. Carregavam cartazes com os dizeres: “Elián é o menino-rei, Fidel Castro é o Satã, e Janet Reno (secretária de Justiça dos Estados Unidos e ex-procuradora em Miami) é Lucifer”. Bill Clinton, por conseguinte, na opinião dos mais radicais havia feito um pacto com Fidel, com o “diabo personificado”, ao aceitar o retorno de Elián a Cuba.<sup>614</sup> Panelas disse à época que “se sangue” fosse “derramado nas ruas desta comunidade por causa do que a justiça faz, sim, eu os responsabilizo”, ladeado por 22 dos 33 prefeitos do município. Eles enfatizaram que nenhum de seus departamentos de polícia locais ajudaria os agentes federais a prender o menino ou devolvê-lo ao seu país de origem.<sup>615</sup>

A briga por Elián surgiu em um momento delicado na história cubana. Com a dissolução da União Soviética e o início de uma crise econômica severa, denominada pelo discurso oficial como "Período Especial em tempo de paz", iniciou-se uma época marcada por significativa instabilidade política e econômica interna. Os discursos pelo fim do embargo econômico imposto à ilha ganharam força, e a disputa internacional pelo garoto assumiu a forma de um instrumento voltado a tentar legitimar escolhas políticas fracassadas de outrora. Ao capitalizar politicamente o episódio, Fidel Castro levou milhares de cubanos às ruas para fortalecer ainda mais o regime, relembrando o quanto o país havia sido bem-sucedido no seu enfrentamento durante mais de quarenta anos com a “*más poderosa potencia que há existido jamás*”<sup>616</sup>. E novamente fora vitorioso, segundo sua análise. Era o momento oportuno para reabrir as feridas de, talvez, um dos eventos mais dramáticos da Cuba pós-revolucionária e dos seus conflitos internacionais: a Operação Pedro Pan.

Ela fora resgatada a fim de contribuir para conquista de apoio internacional, apresentada como faceta de uma mesma história, ou seja, “o sequestro” de crianças cubanas

<sup>614</sup> DESTINO de Elián vira tema de disputa entre Gore e Bush. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 31 mar. 2000, p 13.

<sup>615</sup> FINEMAN, Mark. Cuban Boy Ultimatum Stirs Outrage in Miami. *Los Angeles Times*. March 30, 2000. Disponível em: <<https://www.latimes.com/archives/la-xpm-2000-mar-30-mn-14276-story.html>>. Acesso em: 02 mar. 2023.

<sup>616</sup> CASTRO, Fidel. *¡Salvemos a Elián!* Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1999/esp/f201299e.html>>. Acesso em: 11 out. 2022.

pelos Estados Unidos, antes pela Operação Pedro Pan, e depois, pelos exilados cubanos. Bryan Walsh questionou enfaticamente as razões dessa conexão. A ele tudo isso parecia mero oportunismo:

Em sua guerra de palavras com os Estados Unidos, o governo cubano optou por vincular a Operação Pedro Pan, de quase quarenta anos atrás, com o caso de Elián Gonzalez, o menino cubano de 6 anos resgatado de uma câmara de ar na costa sul da Flórida. Isso é irônico porque o governo cubano tem comentado surpreendentemente pouco sobre a Operação Pedro Pan desde que apareceu pela primeira vez publicamente na imprensa americana em maio de 1962.<sup>617</sup>

Quatro décadas depois da operação, em Cuba, Elián era um símbolo daqueles mais de 14.000 jovens. A imprensa começou a se referir aos Pedros Pans como *14.000 Eliancitos* e retratou a campanha para resgatá-lo à pátria como forma de desfazer a injustiça cometida contra os demais da década de sessenta. Não surpreendentemente, o mesmo paradigma histórico estava presente no debate sobre ele na comunidade do exílio nos Estados Unidos, em que o argumento era que os comunistas se aproveitariam da inocência desse menino para inculcar “suas diabólicas ideias materialistas”. Devolver Elián a Cuba desafiaria a própria razão pela qual milhares de cubanos deixaram-na ao longo de todos esses anos. Ignoraria as origens do exílio em que a Operação Pedro Pan é a principal metáfora da fuga de um regime tido como repressivo.

O garoto, como analisa Torres, forneceu uma maneira de ambos os lados dar vida às suas políticas falidas. Em Cuba, o sonho de uma sociedade utópica cedeu a um regime corrupto e autoritário. O novo homem socialista nunca foi realizado. Em vez disso, o governo esperava por sua vez em uma nova economia capitalista global, enquanto outros jovens arriscavam suas vidas flutuando para os Estados Unidos em embarcações precárias. Em Miami, a comunidade exilada falhou em sua luta para derrubar o governo Castro, sua própria liderança política mostrou-se antidemocrática e ineficaz. Para os políticos estadunidenses que concorriam à presidência, a criança se tornou uma forma de atender aos eleitores. E, em uma reviravolta irônica da história, algumas das mesmas pessoas que uma vez enviaram seus filhos

---

<sup>617</sup> Do original: “*In its battle of words with the United States, the Cuban government has chosen to link Operation Pedro Pan of nearly forty years ago with the case of Elian Gonzalez, the 6-year-old Cuban boy rescued from an inner tube off the coast of South Florida. This is surprising itself because the Cuban government has commented surprisingly little on Operation Pedro Pan since it first publicly surfaced in the American press in May of 1962*”. WALSH, Bryan. *Operation Pedro Pan and the Case of Elian Gonzalez*. December 8, 1999. Disponível em: <<https://original-ufdc.uflib.ufl.edu/AA00054528/00001?search=bryan+=walsh>>. Acesso em: 18 jan. 2022.

aos Estados Unidos, temendo perder o direito de decidir o futuro deles, impediam agora o direito de um pai cubano de exercer o seu.<sup>618</sup>

Em uma coletiva de imprensa ainda sobre o caso de Elián González, em março de 2000, Fidel Castro construiu sua narrativa final sobre a operação, definindo-a como “diabólica”, como uma “*cosa infame*”, por meio da qual “*se llevaron de contrabando 14.000 niños*”, em um “*secuestro en massa*”, organizado pelos “*órganos de inteligencia de Estados Unidos*”<sup>619</sup>. Agora, como havia proposto sobre Elián, os Pedro Pans não se refugiaram, em vez disso, foram contrabandeados, sequestrados. Com um tom ainda mais agressivo, em 2005, atribuiu a responsabilidade da operação aos “*bárbaros, los salvajes, los genocidas del imperio*” que teriam inventado “*la calumnia de que le iban a quitar los niños a los padres para enviarlos a Rusia, decían, de donde los devolverían hechos carne enlatada. Vean si los imbéciles son inescrupulosos, y vean cómo abusan de la ignorancia*”<sup>620</sup>.

A retórica do “sequestro imperialista” favorecia a imagem da Revolução Cubana no continente, denunciando a anormalidade da política externa estadunidense em relação à ilha, a qual, no critério argumentativo dos mais críticos, não se restringia apenas ao embargo econômico e a toda uma série de ações planejadas para eliminar o governo cubano, mas também comprometia o bem-estar de crianças em suas políticas de hostilidade.

A última análise de Fidel Castro acerca da operação foi publicada em suas reflexões sob o título “*La envidia de Goebbels*”. A “*Operación Peter Pan*” segundo ele, teria sido “*uno de los más repugnantes actos de agresión moral llevados a cabo contra nuestro país*”, um “*golpe bajo y repugnante*”, uma “*diabólica operación clandestina*”. Ela teria sido orquestrada por Walsh com o respaldo de seu bispo e com a colaboração da CIA. Nenhuma criança precisaria ser salva de Cuba, disse ele, pois os Estados Unidos não estariam motivados por uma preocupação genuína com a situação social delas; ao contrário, queriam estimular “*el robo de cerebros*”. E concluiu: “*fue una maniobra de publicidad cínica que habría sido envidiada por el propio Goebbels, el ministro de propaganda nazi*”<sup>621</sup>.

<sup>618</sup> TORRES, Maria de Los Angeles. *The Lost Apple: Operation Pedro Pan, Cuban Children in the U.S., and the promise of a better future*. Boston: Beacon, 2000, p. 258.

<sup>619</sup> CASTRO, Fidel. *Entrevista del presidente del Consejo de Estado de la República de Cuba, Fidel Castro Ruz, efectuada en pabexpo, con la prensa nacional e internacional en la clausura del II Festival Internacional del Habano, el 4 de marzo del 2000*. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/2000/esp/f040300e.html>>. Acesso em: 20 out. 2019.

<sup>620</sup> CASTRO, Fidel. *Discurso pronunciado por el presidente de la República de Cuba Fidel Castro Ruz, en el acto de graduación de los pioneros de 9no grado de la Secundaria Básica Experimental “José Martí”, en el Palacio de las Convenciones, el 23 de julio de 2005*. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/2005/esp/f230705e.html>>. Acesso em: 20 out. 2019.

<sup>621</sup> CASTRO, Fidel. *La Envidia de Goebbels*. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/reflexiones/2009/esp/fl10609e.html>>. Acesso em: 20 out. 2019.

O importante a observar do interesse renovado pela história da Operação Pedro Pan, durante o evento Elián González, é como um acontecimento (no caso a operação) pode voltar constantemente com sua presença espectral, como propôs François Dosse, “para brincar com acontecimentos subsequentes, provocando configurações sempre inéditas”. Por isso, ele analisa, poucos são os acontecimentos sobre os quais poderemos afirmar que terminaram, pois estão ainda suscetíveis de novas atuações.<sup>622</sup> A operação, à época, sofreu interferências no seu significado original; de modo semelhante, impactou as interpretações da história de Elián.

Ela é entendida ao mesmo tempo como resultado e como começo, como desfecho e como abertura de possíveis. Dentro dessa perspectiva, sua história não é simplesmente dada, mas uma construção. Quando Michel de Certeau escreveu que “um acontecimento não é o que é possível ver sobre ele, mas aquilo em que ele se tornará (e, sobretudo, para nós)”<sup>623</sup> favorece o entendimento sobre as guerras de narrativas sobre a operação. Embora haja uma realidade concentra sobre o fato, o acontecimento propriamente dito, o significado que ela inspira é flexível e pode se sujeitar às oscilações políticas do momento.

Quase sempre quando lembrada pelos cubanos a operação é sinônimo ora de agressões estrangeiras contra seu país, ora como um fenômeno marcado por histórias tristes e experiências malsucedidas. Esse teor tem estado presente não apenas nos discursos de Castro, mas também em documentários e na pouca historiografia sobre o êxodo no país:

*...han escrito historias, historias muy dolorosas, porque después Estados Unidos suspendió los viajes y miles de niños se quedaron allá sin sus padres, en orfelinatos, sufrieron un trauma del cual hablan o escriben, y muchos de ellos, incluso, con críticas a sus padres porque hicieron eso con ellos, los separaron y los enviaron a vivir una aventura terrible. Algunos han aparecido por televisión en un documental, hace unos días, contando esa triste historia.*<sup>624</sup>

O documentário a que ele se refere é o *Del otro lado del cristal* (1995). Filmado nos Estados Unidos e em Porto Rico, são entrevistados oito Pedros Pans, todos relembrando uma história pessoal muito traumática. A narrativa se concentra no que teria sido o maior desastre da operação: o fato de os Estados Unidos terem interrompido os voos de Cuba após a Crise

<sup>622</sup> DOSSE, François. *Renascimento do acontecimento*. São Paulo: Unesp, 2013, p. 7.

<sup>623</sup> DE CERTEAU, Michel apud DOSSE, François. *op. cit.*, p. 179.

<sup>624</sup> CASTRO, Fidel. *Discurso pronunciado por el presidente del Consejo de Estado de la República de Cuba, Fidel Castro Ruz, ante el grupo de niños que custodiaron la Sección de Intereses de Estados Unidos en La Habana, con motivo de la marcha en reclamo del niño Elián González, en el círculo social "José Antonio Echeverría", el 23 de diciembre de 1999, "Año del 40 aniversario del triunfo de la Revolución", enriquecido con algunos detalles adicionales del propio autor*. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1999/esp/f231299e.html>>. Acesso em: 20 out. 2019.

dos Mísseis, deixando muitos pais presos na ilha sem saber quando e se algum dia voltariam a ver seus filhos.

Diferente de Cuba, a história da Operação Pedro Pan nos Estados Unidos não sofreu muita alteração do seu significado ao longo dos anos, tendo sido sempre acompanhada pela mitificação seja dos pais seja das crianças. A mídia, sem dúvidas, contribuiu para construção da interpretação mais difundida sobre o êxodo, pois, como observou Dosse a respeito de sua relação com a história, o acontecimento existe, cada vez mais, por meio da mídia. Para ser, ele deve ser conhecido e as mídias são de maneira crescente os vetores dessa tomada de consciência. São elas que transformam um monte heterogêneo de informações em um esquema coerente alicerçado em conjuntos de padrões, referências e crenças. Isto é, ela atribui significado, ligando-o a uma categoria semântica particular que seja capaz de lhe dar um sentido.<sup>625</sup>

As reportagens além de salientar os Estados Unidos como um refúgio providencial, sinônimo de democracia e liberdade, condenavam o domínio soviético em Cuba. Inicialmente mantida em sigilo, a partir do final de 1961 e início de 1962, passou a ser objeto de várias matérias em jornais de destaque e recebeu um amplo tratamento informativo. Além de mencionar as motivações para a emigração dessas crianças de Cuba, analisavam também o impacto delas em Miami, mencionando, por exemplo, a pressão sobre as escolas em decorrência do crescente número de crianças cubanas nas instalações.

Embora tenham sido publicadas algumas notícias em 1961, foi somente em 1962 que a operação emergiu com expressividade na imprensa estadunidense. Um artigo do *Miami Herald*, de agosto desse ano, poucos meses antes da Crise dos Mísseis, intitulado “Uma menina cubana foge do terror”, relatava a história de Anna María Delgado, de 13 anos. No texto, ela é retratada como uma vítima inocente da agressão soviética, uma jovem refugiada, cuja viagem para Miami era uma forma de fugir da ameaça vermelha em seu país.<sup>626</sup> Veem-se, claramente na reportagem, dois aspectos recorrentes da retórica anticomunista do período: a suposta ameaça do comunismo às crianças e a interpretação desse sistema político como um regime de “terror/inferno/tirania”, etc.

Um artigo do *Miami News*, por sua vez, escrito por Mary Louise Wilkinson, de fevereiro de 1962, narra a história de vários jovens refugiados de uma Cuba tida como “à mercê da União Soviética”. Wilkinson escreveu: “À medida que os soviéticos [aumentam] seu domínio sobre o povo cubano (...) muitas vezes, os pais e as mães não têm escolha senão

<sup>625</sup> DOSSE, François. *op. cit.*, p. 260-268.

<sup>626</sup> POTT, Erwin. A Cuban Girl Flees in Terror. *Miami Herald*. Miami, aug. 27, 1962.

enviar seus filhos para os Estados Unidos”<sup>627</sup>. O artigo sugere que Cuba era então um país empobrecido sob a liderança de Fidel Castro e os Estados Unidos, em contrapartida, era um refúgio para as crianças, lugar onde encontrariam, finalmente, a liberdade. Nesse tipo de argumentação, privilegiava a referência do comunismo como um sistema de pobreza e de pouca liberdade em comparação com os Estados Unidos, a suposta terra das oportunidades.

Outro artigo, de março de 1962, do *Evansville Press*, relatava a história de crianças enviadas de Cuba para Indiana, estado do centro-oeste do país. O artigo definia a imigração delas como um esforço para evitar os comunistas e porque, em Cuba, elas "não estudavam desde que Castro havia fechado as escolas no ano anterior" e ainda porque "estavam com fome", em virtude da suposta incapacidade de Cuba, "uma satélite dos soviéticos", de prover suas necessidades mais básicas.<sup>628</sup> Novamente, o comunismo é representado como um sistema de pobreza e miséria e de pouco comprometimento com o desenvolvimento das crianças tanto no âmbito educacional como no humano.

Outros artigos concentravam-se no que era a centralidade da retórica anticomunista envolvendo as crianças na época: o sequestro de suas mentes. Há dois exemplos bastante ilustrativos. O primeiro foi uma publicação do *Steubenville*, de Ohio, de março de 1962, intitulada "Comunistas cubanos concentram-se na conquista de crianças". No texto é informado que as crianças estavam sendo vítimas de uma campanha governamental para "capturar as mentes delas"<sup>629</sup>. O segundo, foi uma publicação do *Miami Daily News*, em março de 1962, relatando a imigração de 8 mil delas para a Flórida, e concluindo que "em todos os países que os comunistas assumiram o poder, o partido concentrou seus esforços no doutrinação de menores"<sup>630</sup>.

Finalmente, algumas reportagens dedicavam-se ao papel desempenhado pelos Estados Unidos em ajudá-las. No *The New York Times*, por exemplo, em um artigo, de 27 de maio, o autor chamou o Programa das Crianças Cubanas como "o maior programa em tempos de paz para crianças sem-teto no país". Exaltando o esforço feito para ampará-las, revelou já haver 10.000 crianças cubanas nos Estados Unidos, com cerca de 500 chegando a cada mês<sup>631</sup>.

---

<sup>627</sup> WILKINSON, Mary Louise. They Left Cuban Parents, Came to Miami Alone. *The Miami News*. Miami, feb. 18, 1962, p. 3.

<sup>628</sup> MILLER, Gene. Cuban Tots, A Raggedy Ann Doll. *The Evansville Courier & Press*. Evansville, mar. 10, 1962, p. 7.

<sup>629</sup> CUBAN Reds Concentrate on Conquering Children. *The Steubenville Register*. Ohio, mar. 22, 1962, p. 1.

<sup>630</sup> VAIL, Meghan. *Media Cold Warriors: How the Operation Pedro Panes Reinforced Cold War Policies towards Cuba*. Disponível em: <<http://lanic.utexas.edu/project/etext/llilas/ilassa/2011/vail.pdf>>. Acesso em: 26 nov. 2017.

<sup>631</sup> CUBAN Children helped in Florida: Charities, U.S. and State Join to Aid 10,000 Refugees 10,000 To Date Catholics in Majority Scholarship Is Transfer. *The New York Times*. New York, may 26, 1962, p 4.

É possível observar, nas poucas publicações aqui selecionadas, como a operação se transformou, em um período curto de tempo, em propaganda política a favor das ações do governo dos Estados Unidos e contra a influência soviética em Cuba. Muitos títulos dessas e de outras matérias contribuíam para construir uma imagem de ameaça constante do comunismo à ordem social, política e até religiosa em Cuba e na América Latina como um todo, já que elas reverberavam na mídia de outros países. No Brasil, por exemplo, o jornal *O Estado de S. Paulo* publicou várias reportagens<sup>632</sup> sobre a operação, definindo-a como “a maior operação de resgate de que se tem conhecimento no Ocidente”<sup>633</sup>. Com um número menor de publicações, a *Folha de São Paulo* chegou a divulgar a notícia de que todas as crianças ficariam sob a guarda do Estado cubano.<sup>634</sup> Pode-se conjecturar que notícias semelhantes tenham sido divulgadas em muitos outros países do continente.

Dessa maneira, a Operação Pedro Pan desempenhou um papel significativo tanto na crítica ao governo cubano, quanto na denúncia do comunismo ao mundo, sobretudo à América Latina. María de los Angeles Torres, também Pedro Pan, analisou a importância deles e de tantos outros exilados oriundos de distintos fluxos migratórios durante a Guerra Fria. Para ela, é fácil notar o uso deles como “peões políticos”:

Quando os Estados Unidos estavam em guerra (embora uma guerra fria) com a antiga União Soviética, os refugiados demonstraram ao mundo que esse sistema era melhor que o outro. O lugar especial atribuído ao refugiado cubano não foi devido à falta de democracia em Cuba, foi sobre uma luta mundial de poder entre dois impérios<sup>635</sup>.

A primeira tentativa de sistematização de uma história oficial da Operação Pedro Pan, nos Estados Unidos, teve lugar com o lançamento do filme *The Lost Apple*<sup>636</sup>, cujo discurso em quase nada diferia das publicações na mídia. Crianças agradecidas por serem salvas do comunismo era a imagem a que os criadores de propaganda em Washington se ativeram.

---

<sup>632</sup> Conferir, por exemplo: ESTÃO na URSS 8 mil crianças cubanas, acusa professora exilada. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 15 out. 1963, p. 4; 8 MIL crianças cubanas nos Estados Unidos. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 10 mar. 1962, p. 2; EUA retiraram 14 mil crianças de cuba até 62. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 13 jan. 1998, p. 14; CRIANÇAS sob a custódia do Estado. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 20 set. 1961, p. 2; FIDEL: nossa principal tarefa é erradicar o analfabetismo de Cuba. *O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 07 set. 1961, p. 2.

<sup>633</sup> EUA retiraram 14 mil crianças de cuba até 62. *O Estado De S. Paulo*. São Paulo, 13 jan. 1998, p. 14.

<sup>634</sup> Cuba: todas as crianças vão ficar sob a guarda do Estado. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 20 set. 1961, p. 2.

<sup>635</sup> Do original: “When the United States was at war (albeit a Cold War) with the former Soviet Union, refugees coming to the U.S. demonstrated to the world that this system was better than the other one. The special place assigned the Cuban refugee was not because of the lack of democracy in Cuba. It was about a world power struggle between two empires”. TORRES, María de Los Angeles. Cuban Exiles as Political Pawns. *Miami Herald*. Miami, may 7, 1995, p. 1.

<sup>636</sup> THE LOST Apple. Production: David Susskind. Director: Cliff Solway. Estados Unidos: Paramount LTD., 1962, 1 DVD (27 min).

Depois de o *Miami Herald* ter publicado o artigo sobre o êxodo, em março de 1962, o governo começou a se interessar mais pelo assunto. Poucas semanas depois, a questão surgiu em uma reunião do Grupo de Pesquisa do Caribe, incluindo representantes da CIA, bem como do Pentágono, da Agência de Informação dos Estados Unidos, da USIA e do Departamento de Estado.

As discussões variaram desde possíveis sequestros de funcionários do governo cubano (Robert Kennedy queria saber se isso era uma possibilidade), até o uso das crianças desacompanhadas nos alojamentos para fins de propaganda. Naquela época, a USIA estava bastante empenhada nas produções cinematográficas contra a ilha; um filme, *La Tierra Prometida*, sobre os fracassos econômicos da Revolução, já havia sido produzido, e outros dois estariam em produção, focalizando os “maus-tratos” de Castro às crianças e ao trabalho organizado. *Pepito: Cuba's Lost Generation*, transmitido em 1961, sem dúvida, já teve um impacto nesse sentido. Tony Shaw, ao analisar os discursos cinematográficos em ambos os lados da Cortina de Ferro, observa a ligação entre religião e política internacional. Sua análise, abrangendo uma ampla variedade de estilos e gênero, dispensa uma especial atenção à fusão das representações ocidentais da vida sob o comunismo com o medo contemporâneo da “lavagem cerebral”<sup>637</sup>; de certo modo observado também em *The Lost Apple*.

Próximo ao fim do êxodo das crianças, Robert F. Kennedy aprovou o financiamento do filme com o objetivo de ajudar as crianças migrantes a entender as escolhas de seus pais e divulgar na América Latina os acontecimentos em Cuba (os produtores tiveram o cuidado de não mencionar o “comunismo”, embora ele esteja o tempo todo subentendido). A USIA contratou o conhecido documentarista David Susskind para produzi-lo, focando na vida nos alojamentos infantis da Flórida. Parece ter havido algum desentendimento com o padre Walsh, preocupado com a segurança dos pais biológicos das crianças, mas ele acabou concordando com a filmagem. Foi produzido em inglês e espanhol para poder ser exibido em todas as Américas. O nome escolhido fazia referência a uma popular canção de ninar cubana, *La Manzana Perdida*<sup>638</sup>, também trilha sonora principal do documentário.

Inicialmente, a câmera acompanha a chegada de um garoto, Roberto, em *Florida City*, um dos alojamentos de recepção. O narrador, identificado como Carlos Montalban, descreve ao público a solidão de estar sozinho em um país estranho, e lhe pergunta: “Por que papai e

---

<sup>637</sup> SHAW, Tony. ‘Martyrs, Miracles and Martians’: Religion and Cold War Cinematic Propaganda in the 1950s. In: KIRBY, Dianne (ed.) *Religion and the Cold War*. London: Palgrave MacMillan, 2002, p. 211.

<sup>638</sup> *La manzana Perdida: Señora Santana, ¿por qué llora el niño? Por una manzana que se le ha perdido. Yo le daré un. Yo le daré dos. Una para el niño. Y otra para vos. Yo no quiero una. Yo no quiero dos. Yo quiero la mía. La que se perdió.*

mamãe fariam isso? Como eles podem mandar você para um lugar distante e solitário, onde não tem amigos?” A resposta dada pelo mesmo narrador é: “Fidel Castro!”. A ele é creditada toda a tristeza sendo vivenciada pelo garoto e pelas outras crianças do acampamento.

Na tentativa de retratar um pouco do cotidiano em *Flórida City*, uma noite de talentos das crianças foi filmada. Uma garota, de voz marcante, canta a conhecida música “*Cuba mi patria querida*”. Ela era Dulce María, hoje a cantora profissional Candi Sosa. Sua performance marcante trouxe ainda mais dramaticidade. Poucas semanas após a filmagem do documentário, Dulce María e sua irmã foram enviadas para uma casa na Califórnia, onde foi abusada sexualmente, história já relatada no capítulo anterior deste trabalho. Ao fim do show, o padre Cistierna, diretor do acampamento, dirige-se às crianças:

Sob os céus protetores dos Estados Unidos, longe da terra onde vocês nasceram... arrancados do calor de seus pais... é um lembrete constante de que algo está muito errado no mundo. Gostaria que vocês fossem meninos e meninas com grande sentido de responsabilidade. Há uma nova sociedade, um novo mundo esperando, uma nova pátria que vocês precisam construir. (...) É isso que Cuba espera de todos vocês. A Cuba de amanhã espera que vocês não cometam os mesmos erros que levaram a este resultado.<sup>639</sup>

A retórica principal era de que apesar do que fora feito com eles em sua terra natal, os Estados Unidos ajudariam como pudessem para que retornassem fortes e prontos politicamente para uma “Cuba livre” (o filme usa esse termo), quando fosse o caso. Um dia as crianças perceberiam que os pais, ao enviá-los, visavam à felicidade e a um futuro melhor. *The Lost Apple* constrói uma narrativa que perpetuará por muitos anos: crianças fugindo dos horrores do comunismo e encontrando um refúgio providencial nos Estados Unidos, onde se adaptaram facilmente, puderam crescer em liberdade e prosperar. Essa construção discursiva de crianças tristes, sozinhas e abandonadas, esperava-se, aprofundaria o sentimento anticomunista nas Américas, conectando a ascensão do comunismo à separação das famílias.

Corroborando a esse tipo de narrativa, Walsh publicou, doravante, uma série de trabalhos sobre a operação e, em todos eles, orgulha-se do “resgate humanitário” e de todas as crianças que conseguiu “salvar do comunismo”. Fora também uma interpretação que repercutiu ao longo dos anos nos Estados Unidos e pode facilmente ser vista em filmes, documentários, livros, programas de televisão, etc. Para isso, as “mãos da CIA” precisaram ser apagadas e, quando isso se fez impossível, pelo menos minimizada, para a operação ser

---

<sup>639</sup> THE LOST Apple. Production: David Susskind. Director: Cliff Solway. Estados Unidos: Paramount LTD., 1962, 1 DVD (27 min).

lembrada antes como um conto comovente de imigração em circunstâncias difíceis que um complô da Guerra Fria<sup>640</sup>. Em um documentário, Walsh reafirmou sobre o papel da agência:

*Primero que todo: si la CIA no sabía lo que estuvimos haciendo, eran negligentes. En Miami, era su trabajo saber todo lo que pasaba en Cuba. No tengo pruebas en absoluto, ni nunca las he tenido, de una participación directa de la CIA y yo conocí a muchas personas de la CIA. (...) Me visitaban porque yo participaba en otras cosas sobre Cuba.*<sup>641</sup>

No mesmo documentário citado anteriormente, Walsh disse sentir um tremendo respeito por esses pais ao exercerem seus direitos humanos fundamentais: “Creio que fizemos o que era correto ao dar-lhes a oportunidade de tomar a decisão de mandar seus filhos para cá”<sup>642</sup>. Essa “escolha”, na opinião do clérigo, fora acertada porque mesmo após anos de comunismo na ilha, ela continua sendo feita:

Hoje, em janeiro de 1971, continuamos a receber novas crianças para ficar sob nossos cuidados. Os números são muito menores, mas o programa é o mesmo. Oferecemos cuidados e proteção a crianças refugiadas cubanas desacompanhadas e esperamos continuar fazendo isso enquanto elas existirem. Um de nossos casos recentes foi um menino cubano de dezessete anos, de origem camponesa que nadou oito quilômetros para vir da Baía de Guantánamo para os Estados Unidos. Esse menino tinha cinco anos quando Castro assumiu o poder. Tudo o que ele conhecia era o regime de Castro. Ele é do setor da população cubana que foi identificado como os principais beneficiários da Revolução. No entanto, ele deixou a família, a quem ama muito, e tudo o que conhecia. Ele veio e sua família concordou com sua vinda porque eles sabiam que ele seria atendido aqui em sua chegada. Dez anos depois de sua criação, o Programa da Criança Cubana continua a oferecer aos pais cubanos e seus filhos uma alternativa à doutrinação comunista. O fato é que a escolha ainda está sendo feita após dez anos de doutrinação.<sup>643</sup>

<sup>640</sup> A CIA, entretanto, mantém ainda em segredo possíveis documentos existentes de sua produção sobre a Operação Pedro Pan. É plausível supor que haja muitos deles na agência, pois ela era encarregada do Projeto Cuba durante o início dos anos sessenta. Maria de Los Angeles Torres tentou por diversas vezes obter a documentação, mas teve seus pedidos e recursos negados. Finalmente, ela decidiu abrir uma ação judicial para obter os supostos registros, mas foi sem sucesso; a prática e a lei protegem a agência de muita abertura<sup>640</sup> por questões de “segurança nacional”.

<sup>641</sup> WALSH, Bryan in: OPERACIÓN Peter Pan: cerrando el círculo en Cuba. Dirección de Estela Bravo. Cuba: Bravo Films, 2008, 1 DVD (57 min).

<sup>642</sup> WALSH, Bryan in: OPERACIÓN Peter Pan: cerrando el círculo en Cuba. Dirección de Estela Bravo. Cuba: Bravo Films, 2008, 1 DVD (57 min).

<sup>643</sup> Do original: “Today in January 1971 we continue to receive new children under care. The numbers are much fewer, but the program is the same. We offer care and protection to unaccompanied Cuban refugee children and we expect to continue to do this as long as there are Cuban refugee children. One of our recent cases was a seventeen-year-old Cuban boy, of “campesino” background, who swam five miles across Guantanamo Bay to the U.S. Naval Base in order to come to the United States. This boy was five years old when Castro took over. All he ever knew was the Castro regime. He is from the sector of the Cuban population which has been identified as the chief beneficiaries of the Revolution. Yet he left family, whom he dearly loves, and all that he knew. He came and his family agreed to his coming, because they knew that he would be taken care of here on his arrival. Ten years after its inception the Cuban Children's Program continues to offer to Cuban parents and their

Abertina, também parte fundamental da operação, é de opinião semelhante: “Sinto-me muito feliz de haver participado da Operação Pedro Pan, e considero ter sido uma das melhores operações do mundo; e todos as crianças que salvamos nos demonstraram que valeu a pena nosso sacrifício”<sup>644</sup>. A opinião e os trabalhos publicados posteriormente dessas pessoas-chave, juntamente às publicações da mídia, certamente, contribuíram para o tipo de construção histórica feita nos Estados Unidos e que, ainda hoje, ecoa em uma série de trabalhos sobre o tema.

E mesmo quando rachaduras na narrativa de resgate surgiram, elas tenderam a desaparecer rapidamente. Como o depoimento de José Miró Cardona perante a subcomissão do Senado, em 1961: “essas crianças – conversei com muitas delas – são psicologicamente desajustadas e em um estado de instabilidade emocional do qual é muito difícil resgatá-las.”<sup>645</sup> Quando em 1990, por exemplo, o Miami Herald chamou a Operação Pedro Pan de “uma forma massiva de abuso infantil perpetrada pelo governo dos Estados Unidos” e insistiu que era “hora de parar de idealizar este capítulo horrível da história cubano-americana”. Uma enxurrada de cartas de Pedros Pans tentou refutar a matéria<sup>646</sup>.

## 4.2 - Operação Pedro Pan ou Operação Peter Pan?

A origem do termo é incerta. Walsh, figura central da operação, sempre se referiu a ela como “Pedro Pan”. Peter Pan, ele ironizou, “*es un cuento de hadas de Inglaterra*”<sup>647</sup>. Um artigo do *Miami Herald*, de 9 de março de 1962, sugere: “É uma ferrovia clandestina no céu - Operação Peter Pan. Talvez devesse ser Operação Pedro Pan.”, a reportagem tem como título: “*Peter Pan means real life to some kids: children flee from Castro's clutches*”.<sup>648</sup> Já em um

---

*children an alternative to communist indoctrination. The fact is that the choice is still being made after ten years of indoctrination*”. WALSH, Bryan O., *Cuban Refugee Children*. Barry University Archives and Special Collections, 1971. Disponível em: <<http://ufdc.ufl.edu/AA00054494/00001>>. Acesso em: 26 jul. 2022

<sup>644</sup> O’FARRILL, Albertina in: OPERACIÓN Peter Pan: cerrando el círculo en Cuba. Dirección de Estela Bravo. Cuba: Bravo Films, 2008, 1 DVD (57 min).

<sup>645</sup> CARDONA, José Miró. *Statement of Dr. José Miró Cardona, chairman, Cuban revolutionary council, Miami, FLA*. In: Hearings before the Subcommittee to investigate problems connected with refugees and escapees of the committee on the judiciary United States Senate. December, 6, 1961. Disponível em: <<https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=umn.31951p00757997w&view=1up&seq=1>>. Acesso em: 19 out. 2022.

<sup>646</sup> THE DARK Side of Peter Pan. Miami Herald. Miami, 29 nov. 1990. E também em: DUBINSKY, Karen. *Babies without borders: adoption and migration across the Americas*. New York: New York University Press, 2010, p. 47.

<sup>647</sup> OPERACIÓN Peter Pan: cerrando el círculo en Cuba. Dirección de Estela Bravo. Cuba: Bravo Films, 2008, 1 DVD (57 min).

<sup>648</sup> GENE, Miller. Peter Pan means real life to some kids: children flee from Castro's clutches. *Miami Herald*. Miami, mar. 9, 1962.

artigo de 10 de março, no *Evansville Press*, a mesma autora optou pelo título: *Cuban tots, a raggedy Ann Doll: Operation Pedro Pan*<sup>649</sup>. Jean Wilson, no *Tallahassee Democrat*, em 27 de maio de 1962, intitulou sua reportagem como: "*Pedro Pan*" harbors children in Miami"<sup>650</sup>. No mesmo dia, no *The New York Times*, o autor informa que "*The operation is called Pedro Pan*"<sup>651</sup>. Na década de setenta, o termo parecia já estar consolidado nos Estados Unidos. Duas reportagens foram intituladas: *Operación Pedro Pan nunca termino*, escrita por Carmen Teresa Roiz no *Miami Herald*<sup>652</sup> e *Operation Pedro Pan, how thousands of children shuffled under Castro's nose*, escrita por Marjorie Donohue no *Voice*.<sup>653</sup>

Na década de oitenta, no entanto, Beatriz Parga escreveu para o *Nuevo Herald: Recrea serie de televisión la Operación Peter Pan* em 1988<sup>654</sup>. Luis Felipe Marsans optou também pelo termo adotado em Cuba: *Celebran 30 aniversario de la Operación Peter Pan*, em novembro do mesmo ano no *Diario de Las Americas*.<sup>655</sup> Nos documentos do governo desclassificados, podem aparecer as expressões "*exodus operation*"<sup>656</sup> ou "*Rescate de la Ninez*". Parece, portanto, que inicialmente a operação era conhecida como o termo original da literatura "Peter Pan" e, posteriormente, passou a ser chamada "Pedro Pan".

Quando a princípio se referia ao transporte aéreo como "Operação Peter Pan", a imprensa estadunidense (e a historiografia) impôs seu próprio mito às crianças exiladas muito antes que elas pudessem entender seu lugar na história. Maria Ferrer, oportunamente, comentou a esse respeito: "Acho tão engraçado nos chamarem de "Peter Pans" porque, para mim, a Disney é uma fantasia. Eu vivo no mundo real. A [Operação] Peter Pan me fez viver no mundo real."<sup>657</sup>. Sua opinião não é a mesma de todos, a leitura mítica da operação é confundida, por vezes, com a literatura infantil em algumas das interpretações dos Pedros Pans sobre suas experiências: "como uma Pedro Pan, 48 anos depois, eu descobriria que havia

<sup>649</sup> GENE, Miller. Cuban tots, a raggedy Ann Doll: Operation Pedro Pan. *The Evansville Courier & Press*. Evansville, mar. 10, 1962, p. 7.

<sup>650</sup> WILSON, Jean S. "Pedro Pan" harbors children in Miami. *Tallahassee Democrat*. Tallahassee, may 27, 1962.

<sup>651</sup> CUBAN Children helped in Florida. *The New York Times*. New York, 27 may 1962, p. 41.

<sup>652</sup> ROIZ, Carmen Teresa. Operación Pedro Pan nunca termino. *Miami Herald*. Miami, feb. 28, 1978.

<sup>653</sup> DONOHUE, Marjorie. Operation Pedro Pan, how thousands of children shuffled under Castro's nose. *Voice*. Miami, mar. 3, 1978.

<sup>654</sup> PARGA, Beatriz. Recrea serie de televisión la Operación Peter Pan. *Nuevo Herald*. Doral, may 14, 1985.

<sup>655</sup> MARSANS, Luis Felipe. Celebran 30 aniversario de la Operacion Peter Pan. *Diario Las Américas*. Miami, nov. 9, 1990.

<sup>656</sup> Esse termo também está presente em uma reportagem do Miami Herald. POTTS, Erwin. 8,000 Cuba children saved from Castro brainwashing: In Operation Exodus. *Miami Herald*. Miami, mar. 8, 1962.

<sup>657</sup> Maria Ferrer em uma entrevista concedida a Jean Abreu. Disponível em: ABREU, Jean. *¡No te dejes quitar a tu hijo!: Operation Pedro Pan and The Cuban Children's Program*. 2008. Thesis Submitted for Honors - Department of History. Duke University, Durham, North Carolina, April 2008.

chegado àquele lugar mágico chamado "neverland", para ficar lá e viver feliz para sempre”<sup>658</sup>, disse em referência aos Estados Unidos.

Na literatura, Peter Pan era um menino que se recusava a crescer, passava seu tempo atraindo crianças para longe de seus pais, para um lugar chamado *Neverland*. Lá, ele é o líder dos "meninos perdidos". Um lugar onde as crianças anseiam por suas mães, mas lentamente começam a esquecer seu passado.<sup>659</sup> Coincidentemente, a trágica história de Peter Pan foi um estranho prenúncio do que muitos Pedros Pans vivenciaram. O projeto implícito no uso do personagem imaginário e o contraste com a vida concreta de exilado atingiu até mesmo ao episódio Elián González. Elly Chovel, fundadora do grupo *Operation Pedro Pan, Inc.*, visitou Elián, tendo falado sobre o encontro à Liz Balmaseda do *Miami Herald*, em 1999.

Na entrevista, enfatizou o contraste entre a história vivida e o personagem da literatura: “Ele ficava me pedindo para ensiná-lo a voar como o Peter Pan. Ele ficava dizendo: ‘Eu quero voar, eu quero ser o Peter Pan’”. Ele disse isso várias vezes, até que perguntei por que ele queria voar. Ele sussurrou: “Para que eu possa ir aonde eu quiser”. A jornalista concluiu que a experiência de Elián trouxe à tona todos os antigos sentimentos de separação, a dor com a qual ela e outros Pedros Pans viveram por anos e a triste constatação de que ainda não eram capazes de voar.<sup>660</sup>

Afora do contexto literário, a Operação Pedro Pan exteriorizou uma série de debates acerca da democracia, da liberdade e da soberania, quando essas mesmas palavras passaram a ter significados opostos dos dois lados do estreito da Flórida. Ela se desenrolou, é sabido, entre Estados representando sistemas políticos marcadamente divergentes, cujos conflitos ideológicos foram e ainda têm sido travados entre as visões da democracia estadunidense e do capitalismo e as visões da democracia cubana e do comunismo. O êxodo, como argumenta Torres, fala sobre o lugar das crianças, mas não como uma disputa pela proteção delas, mas como uma disputa entre projetos concorrentes de construção do Estado,<sup>661</sup> em que de um lado são destacados a destruição da sociedade, o abuso do governo sobre a infância e a dissolução da família pelo comunismo; do outro, é destacado um ideal de liberdade que há muito não alcança as minorias desse Estado autointitulado protetor do ideal. E, em ambos os lados, a democracia assume um papel central nos debates sobre qual modelo promete um futuro melhor para as crianças, inclusive na escolha da denominação mais adequada para operação.

<sup>658</sup>MARTÍNEZ, Lilian. Testimony. *Miami Herald*. Miami, jun. 04, 2010. Disponível em: <<http://pubsys.miamiherald.com/cgi-bin/pedropan/profile/12806/story>> Acesso em: 10 jan. 2020.

<sup>659</sup> Conferir: BARRIE, James, M. *Peter Pan*. Rio de Janeiro: Salamandra, 2006.

<sup>660</sup> BALMASEDA, Liz. Pedro Pan exiles finding their past. *The Miami Herald*. Miami, dec. 4, 2000.

<sup>661</sup> TORRES, Maria de Los Angeles. *op. cit.*, p. 22.

Em Cuba, ela é conhecida como “Peter Pan”, nos Estados Unidos como “Pedro Pan”. A escolha entre essas opções de maneira nenhuma é ingênua ou destituída de valores ideológicos. Sobre o primeiro caso, pode-se argumentar que “Peter”, por si só remete a algo não oriundo de Cuba; trata-se de uma intervenção estrangeira, uma violação à soberania nacional. O termo insinua, pode-se conjecturar, que o imperialismo estadunidense recorreu ao personagem literário-infantil para prometer o *american way of life* às famílias cubanas dispostas a enviar os seus filhos a Miami. O nome em inglês pode ainda pretender a remeter à ideia de vitimização nas mãos das forças do “inimigo” e de fracasso no exílio, assumindo um viés depreciativo no uso do personagem concreto em referência a um perfil específico de refugiado cubano. Nas principais reflexões de Fidel Castro sobre o tema (ele mesmo usa o termo “Peter Pan”), sempre são destacados os casos malsucedidos do êxodo e toda a série de dificuldade enfrentada por alguns deles nos Estados Unidos.

“Pedro Pan”, por sua vez, evoca imediatamente a memória ao possível mito fundacional da história da operação: Pedro Menendez, o primeiro jovem sem pais a buscar a ajuda de Walsh. Em Miami, a expressão praticamente tornou-se um epifenômeno da ideia de alcance da liberdade e de realização pessoal em um meio democrático. Numa perspectiva mais identitária, as disputas pela nomenclatura refletem a própria experiência de exílio dos Pedros Pans: uma batalha entre a “cubanidade” e a americanização, nunca se identificando totalmente como americano e mantendo o conceito de sua própria identidade cubana (e por isso a opção pela versão hispânica do termo).

É bastante comum, entre os relatos dos Pedros Pan, a defesa de terem crescido em um país com liberdade, democracia e justiça para todos, longe das “mãos tirânicas do comunismo”, como Carmem Guerra propôs: “Esperemos que esta história ‘nossa história’ nunca morra, porque mostra ao povo cubano sede de liberdade e democracia”<sup>662</sup>; e David Torres: “A terra do nunca é, na verdade, a terra da liberdade”<sup>663</sup>, em referência à literatura infanto-juvenil e ao refúgio nos Estados Unidos. José Sori fez uma proposição semelhante: “Agradeço também a Operação Pedro Pan, bem como a *Catholic Charities*, o povo americano e o governo dos Estados Unidos que tornaram possível a liberdade que agora gozo e que

---

<sup>662</sup>GUERRA, Carmem. Testimony. *Miami Herald*. Miami, aug. 25, 2009. Disponível em: <<http://pubsys.miamiherald.com/cgi-bin/pedropan/profile/11618/story>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

<sup>663</sup>TORRES, David. Testimony. *Miami Herald*. Miami, may 18, 2009. Disponível em: <<http://pubsys.miamiherald.com/cgi-bin/pedropan/profile/4838/story>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

outrora foi roubada de mim por um regime comunista.”<sup>664</sup> O mesmo pode ser apreendido do testemunho de Teresita Vidal:

Mami e Papi, nosso sacrifício não foi em vão. Com você em nossos corações e Deus ao nosso lado, nós conseguimos. Seus filhos, netos e bisnetos vivem em um país onde não tememos por nossas vidas. Nossos Direitos Humanos não são violados e podemos praticar nossa fé, ter liberdade de expressão e fazer nossas próprias escolhas. Lembro-me dos dias de doutrinação em nossas escolas e de ter de me esconder enquanto os soldados revistavam nossa casa. Lembro-me de seu medo de nos encontrarem e sermos removidos de nossa casa.<sup>665</sup>

Os organizadores da Operação Pedro Pan junto ao governo dos Estados Unidos criam, inclusive, na possibilidade de uma vez de volta a Cuba, eles pudessem dar seguimento à missão civilizadora daquele país. A estada deles foi vista como uma oportunidade de serem treinados como futuros líderes de um sistema político democrático ao estilo ocidental – em outras palavras, como um investimento para assegurar a manutenção dos laços históricos, políticos e econômicos entre as duas nações: “É de suma importância que (...) retornem a Cuba acreditando firmemente na democracia, preparados para defender seu país dos ataques incessantes dos comunistas que ficarão para trás depois que Castro e seus seguidores fugirem.”<sup>666</sup> Um papel que ainda hoje eles têm esperanças de um dia desempenhar: “Sou eternamente grato por estar aqui e espero, se Deus quiser, contribuir para a recuperação de uma Cuba livre e democrática!”<sup>667</sup>

Contudo, de que liberdade e democracia falam, afinal? Os Estados Unidos emergiram como uma sociedade de colonos fundamentada em um ideal de liberdade como o exercício de um autogoverno contínuo – unindo a participação política direta com a independência econômica. No relativamente recente livro de Claes G. Ryn, “*American the Virtuous: The Crisis of Democracy and the Quest for Empire*”, o autor resgatou outro aspecto interessante sobre a construção identitária dos Estados Unidos. Ele mostrou como a ideia jacobina do

<sup>664</sup>SORI, José. Testimony. *Miami Herald*. Miami, jun. 24, 2010. Disponível em: <<http://pubsys.miamiherald.com/cgi-bin/pedropan/profile/7650/story>>. Acesso em: 10 jan. 2010.

<sup>665</sup>Do original: “*Mami and Papi, our sacrifice was not in vain. With you in our hearts and God by our side, we made it. Your children, grandchildren and great-grandchildren live in a country where we do not fear for our lives. Our Human Rights are not violated and we are able to practice our faith, have freedom of speech and are able to make our own choices in our lives. I remember the days of indoctrination in our schools, and having to hide in our home as the soldiers searched our house*”. VIDAL, Teresita. Testimony. *Miami Herald*. Miami, may 18, 2009. Disponível em: <<http://pubsys.miamiherald.com/cgi-bin/pedropan/profile/7849/story>>. Acesso em: 10 jan. 2010.

<sup>666</sup>BAKER, James D. *Memorandum on Preparing Refugees to Contribute to Education for Democracy in Cuba*. In: Hearings before the Subcommittee to investigate problems connected with refugees and escapees of the committee on the judiciary United States Senate. December, 6, 1961. Disponível em: <<https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=umn.31951p00757997w&view=1up&seq=1>>. Acesso em: 19 out. 2022.

<sup>667</sup>JORCANO, Demetrio. Testimony. *Miami Herald*. Miami, may 20, 2009. Disponível em: <<http://pubsys.miamiherald.com/cgi-bin/pedropan/profile/7365/story>>. Acesso em: 10 jan. 2019.

“povo virtuoso”, visto como fonte da justiça, estava presente em Thomas Jefferson e foi atravessando os séculos até chegar aos eventos desta era.<sup>668</sup> Todavia, ela foi questionada por importantes teóricos, como no realismo de Reinhold Niebuhr: “Nossa época está envolvida em ironia porque tantos sonhos de nossa nação foram tão cruelmente refutados pela história”<sup>669</sup>, contestando a visão idealizada e essencialmente propagandística da experiência histórica estadunidense.

É notável, como observou Ryn, como as duas grandes tradições religiosas-morais que informaram a formação dos Estados Unidos - o calvinismo da Nova Inglaterra por um lado, e o deísmo da Virgínia e o jeffersonianismo por outro, chegam a conclusões notavelmente semelhantes sobre o significado do caráter do país e do destino nacional.<sup>670</sup> Essas interpretações de suas origens os incumbiram (ou pelo menos é nisso que a maioria de seus governantes tem acreditado) da tarefa missionária de espriar certo tipo de democracia e de liberdade ao mundo, preconizando uma suposta superioridade moral e atendendo a uma vontade específica de poder. Tudo isso criaria, já na Guerra Fria, uma política externa agressiva em nome desses valores, fazendo-os violar, por vezes, a soberania de outros países. A explicação desse idealismo à época poderia estar vinculada aos seguintes aspectos:

Os dois aspectos de nossa situação histórica que tendem particularmente a agravar os problemas do idealismo americano são: (a) Que o poder americano na atual situação mundial é excessivamente grande; (b) que a situação internacional contemporânea não oferece um caminho claro para alcançar a paz ou a vitória sobre a tirania. O primeiro aspecto incorpora perigos para a comunidade genuína entre nós e nossos aliados; pois o poder gera medos e ressentimentos justificados e injustificados entre os relativamente impotentes. O segundo aspecto encarna a tentação de se tornar impaciente e desafiador dos processos lentos e às vezes contraditórios da história.<sup>671</sup>

Kennedy e Johnson assumiram que sua nação tinha o poder e a obrigação de levar os outros a adotar instituições e valores ao estilo de seu país, principalmente eleições, reforma gradual e livre mercado. Tal doutrina, além das referências acima mencionadas, incorporava

---

<sup>668</sup> Conferir: RYN, Claes G. *America the Virtuous: The Crisis of Democracy and the Quest for Empire*. London: Routledge, 2010.

<sup>669</sup> NIEBUHR, Reinhold. *The Irony of American History*. New York: Charles Scribner's Sons, 1962, p. 2.

<sup>670</sup> *Ibidem*, p. 23-24.

<sup>671</sup> Do original: “*The two aspects of our historic situation which tend particularly to aggravate the problems of American idealism are: (a) That American power in the present world situation is inordinately great; (b) that the contemporary international situation offers no clear road to the achievement of either peace or victory over tyranny. The first aspect embodies perils to genuine community between ourselves and our allies; for power generates both justified and unjustified fears and resentments among the relatively powerless. The second aspect embodies the temptation to become impatient and defiant of the slow and sometimes contradictory processes of history*”. *Ibidem*, p. 134.

elementos do sonho de John Winthrop de 1630 de um modelo de “cidade sobre uma colina”; a fé de meados do século XIX no destino manifesto; e a confiança do século XX na superioridade dos Estados Unidos em produção, tecnologia e instituições sociais.

Woodrow Wilson, presidente dos Estados Unidos à época da Primeira Guerra mundial, sintetizou essas noções em uma ideologia de missão para o resto do mundo. Ele acreditava que os Estados Unidos – próximos de Deus e superiores em suas instituições econômicas, políticas e culturais – não apenas ofereciam um modelo, mas também tinham a obrigação de ajudar outras nações a se tornarem como eles.<sup>672</sup> Perspectiva essa claramente ilustrada também na Mensagem Anual de Kennedy ao Congresso sobre o Estado da União, em 1962, quando afirmou: “nossa nação é comissionada pela história para ser um observador do fracasso da liberdade ou a causa de seu sucesso”<sup>673</sup>. Ou seja, a própria história havia ordenado a missão dos Estados Unidos.

Wilson e seus sucessores acreditavam que a adoção de instituições no estilo americano permitiria que outras nações se tornassem mais prósperas, modernas, estáveis e amigáveis. E isso, por sua vez, geraria maior segurança e oportunidade de negócios para os Estados Unidos. Mudanças radicais, como na Revolução Russa da época de Wilson e nas Revoluções Cubana e vietnamita durante a era Kennedy-Johnson, apareceram como arqui-inimigas desses ideais.<sup>674</sup>

Por outro lado, a visão de liberdade de seu país esteve, ao longo dos anos, politicamente vinculada à subordinação de grupos marginalizados, especialmente escravos, índios e mulheres. Uma reconstrução histórica em larga escala evidencia como as projeções de poder dos Estados Unidos se desvincularam de ideais democráticos claros; a defesa da liberdade pregada implica recorrentemente em estruturas imperiais, que foram minando a própria promessa desse ideal.<sup>675</sup> Aziz Rana defende a existência de duas faces da liberdade estadunidense: dificuldade de longa data em imaginar a liberdade sem repressão e a cidadania livre sem o controle das comunidades sujeitas.<sup>676</sup>

Alexis de Tocqueville teve o seu papel na construção mitológica dessa formação ao defender o modelo dos Estados Unidos como uma experiência totalmente nova na política

---

<sup>672</sup> COSTIGLIOLA, Frank. US Foreign Policy from Kennedy to Johnson. In: LEFFLER, Melvyn P.; WESTAD, Odd Arne. *The Cambridge History of The Cold War. Volume II Crises and Détente*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010, p. 132.

<sup>673</sup> KENNEDY, John F. *Annual Message to the Congress on the State of the Union*. January 11, 1962. Disponível em: <<https://www.presidency.ucsb.edu/documents/annual-message-the-congress-the-state-the-union-4>>. Acesso em: 4 mar. 2023.

<sup>674</sup> COSTIGLIOLA, Frank. *op. cit.*, p. 132.

<sup>675</sup> RANA, Aziz. *The two faces of American freedom*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University, 2010, p. 3.

<sup>676</sup> *Ibidem*, p. 3.

moderna, devido à falta de uma aristocracia fundiária e ao fato de terem desfrutado de “uma condição da igualdade democrática desde o nascimento das colônias”.<sup>677</sup> Como observa Rogers Smith, hoje a tese tocquevilliana é tanto um aspecto essencial da autocompreensão coletiva quanto um meio crucial de venerar instituições estabelecidas:

Os analistas da política americana desde Tocqueville têm visto a nação como uma sociedade paradigmática “democrática liberal”, moldada principalmente por condições comparativamente livres e iguais e pelas ideias do Iluminismo que dizem ter prevalecido em sua fundação.<sup>678</sup>

Louis Hartz, na obra *The Liberal Tradition in America*, sustenta, por outro lado, o detrimento da ênfase da importância das questões sociais de classe em prol da proteção de liberdades individuais negativas, como direitos de propriedade e liberdade de expressão.<sup>679</sup> Ambas as variantes não reconhecem como os aspectos emancipatórios e excludentes da experiência democrática estadunidense estiveram profundamente entrelaçados, desconsiderando um registro histórico repleto de exclusão étnica, racial e sexual, para não mencionar as reais desigualdades e conflitos de classe. Reinhold Niebuhr alertou, durante a Guerra Fria, para como “nossos sonhos de administrar a história” – nascidos de uma combinação peculiar de arrogância e narcisismo – representava uma ameaça potencialmente destrutiva para os Estados Unidos<sup>680</sup>.

Não obstante, é imperioso reconhecer o expressivo papel desempenhado por aquele país na valorização da liberdade no Ocidente. Pensa-se aqui, sobretudo, no período das duas Grandes Guerras e na decisiva contribuição para a liberdade na Europa. É ainda notório nos discursos de Roosevelt, nos momentos cruciais da segunda conflagração, a percepção de quão estreitamente a luta contra a tirania nazifascista estava, para ele, vinculada à promoção social das classes menos favorecidas de seus cidadãos.<sup>681</sup>

Independente das origens e percursos da democracia no modelo político estadunidense, ela está imbricada na memória e na construção identitária de toda coletividade e foi transmitida aos Pedros Pans nos processos de aculturação quando se estabeleceram definitivamente no país. Boorstin, em 1953, talvez tenha feito uma das melhores interpretações acerca da eficiência de penetração desses ideais na população: “...nos tem sido

<sup>677</sup> TOCQUEVILLE, Alexis de. *Democracy in America*. New York: Doubleday, 1969, p. 50.

<sup>678</sup> SMITH, Rogers M. Beyond Tocqueville, Myrdal, and Hartz: The Multiple Traditions in America. *American Political Science Review*. Cambridge, n. 87, p. 549– 566, 1993.

<sup>679</sup> Conferir: HARTZ, Louis. *The Liberal Tradition in America: An Interpretation of American Political Thought since the Revolution*. New York: Harcourt, Brace, 1955.

<sup>680</sup> NIEBUHR, Reinhold apud BACEVICH, Andrew. *The Limits of Power: The End of American Exceptionalism*. New York: Metropolitan Books, 2008, p. 6-7.

<sup>681</sup> MANNI, Franco apud BOBBIO, Norberto. *Liberalismo e democracia*. São Paulo: Edipro, 2017, p. 21.

dito repetidas vezes, com a precisão metafórica da poesia, que os Estados Unidos são a terra da liberdade. Independência, igualdade e liberdade, gostamos de acreditar, são respiradas com o nosso próprio ar”.<sup>682</sup>

Toda essa identificação com esses ideais, e a percepção de um sentido missionário de sua história, foi reatualizada e traduzida, durante a Guerra Fria, em termos de serem “os líderes do mundo livre”. A própria ideia de “mundo livre” foi usada como artifício retórico para traçar uma linha divisória moral entre países comunistas e não comunistas e para isolar moral e psicologicamente a União Soviética e seus aliados. Com isso, os políticos usaram a linguagem de uma cruzada pela liberdade para justificar ações ao redor do mundo que tinha pouco a ver com liberdade por quase qualquer definição desse termo. Não importa quão repressiva para seu próprio povo fosse, se uma nação se uniu à aliança anticomunista mundial liderada pelos Estados Unidos, ela era tida como membro do “mundo livre”.

A penetração da União Soviética no continente representava um desafio à manutenção dessa suposta superioridade moral dos Estados Unidos e um desgaste de sua influência, razão pela qual Cuba assumiu alguma centralidade nas preocupações do país no período. Para Kennedy, os países americanos eram unidos por uma história, uma luta e uma herança comuns: a exploração infundável de nossas fronteiras, a revolta contra a dominação colonial e a busca pela dignidade e pela liberdade do homem, respectivamente. No entanto, essa luta, argumentaria, ainda não estava concluída. Era preciso demonstrar ao mundo que as aspirações insatisfeitas dos povos em relação ao progresso econômico e à justiça social poderiam ser atingidas de melhor forma por homens livres, trabalhando no seio de uma estrutura democrática, pois a liberdade política deveria sempre acompanhar o progresso material. Do êxito no cumprimento dessa tarefa dependia “o futuro da liberdade nas Américas e no mundo inteiro”<sup>683</sup>.

Transformemos novamente o continente americano num enorme crisol de ideias e esforços revolucionários, como tributo ao poder da energia criadora dos homens livres e como exemplo para todo o mundo de que a liberdade e o progresso econômico caminham juntos, ombro a ombro. Reavivemos nossa Revolução Americana até que sirva de guia às lutas dos povos em todas as partes – não como um imperialismo de força ou medo, mas com o império do valor, da liberdade e da esperança no porvir do homem.<sup>684</sup>

<sup>682</sup> BOORSTIN, Daniel J. *The Genius of American Politics*. Chicago: University of Chicago, 1953, p. 25.

<sup>683</sup> KENNEDY, John. *Address at a White House reception for members of congress and for the diplomatic corps of the Latin American Republics, March 13, 1961*. Disponível em: <<https://www.jfklibrary.org/archives/other-resources/john-f-kennedy-speeches/latin-american-diplomats-washington-dc-19610313>>. Acesso em: 30 nov. 2019.

<sup>684</sup> Do original: “*Let us once again transform the American continent into a vast crucible of revolutionary ideas and efforts -- a tribute to the power of the creative energies of free men and women -- an example to all the*

A amarga derrota após a invasão à Baía dos Porcos fora vista como um ponto de inflexão na proposta dos Estados Unidos de “guiar” a luta dos povos com base nos valores de seu país. Kennedy lamentou a derrota dos expedicionários, referindo-se a Cuba como uma “ilha infeliz”, transformada em uma “arena da luta pela liberdade”, onde um reduzido grupo de indivíduos “enfrenta a armadura do totalitarismo” e onde “tanques comunistas rolaram por cima de bravos homens e mulheres empenhados em redimir a independência da pátria”<sup>685</sup>.

O perigo representado por Cuba, não restam dúvidas, era simbólico, os Estados Unidos a temia como uma base para subversão das outras nações das Américas e, com efeito, o simbolismo de 1959 teve e continua tendo grande ressonância no continente e alhures. O papel em potencial da ilha como “farol” para outros países da América Latina na gestão de suas revoluções representava a real natureza da Guerra Fria:

...nunca esteve tão evidente que enfrentamos uma batalha implacável em todos os cantos do globo que ultrapassa em muito o choque dos exércitos ou mesmo dos armamentos nucleares. Os exércitos aí estão, e em grande número. Mas eles servem primordialmente como escudo atrás do qual a subversão, a infiltração e uma série de outras táticas podem progredir firmemente, arrebanhando regiões vulneráveis, uma após outra, em situações que não permitem nossa própria intervenção armada.<sup>686</sup>

Nessa perspectiva, os comunistas eram basicamente definidos como “adversários da liberdade” e da democracia, pois seriam um sistema alicerçado em apenas uma crença e um partido. Sob ele, o debate, as eleições, a imprensa livre e a participação política livres seriam inexistentes. A manutenção desse sistema era apenas garantida, embora não exclusivamente, por meio de um Estado policial que faz uso do terror em massa, das prisões e dos paredões de fuzilamento.

Na democracia moderna, a fonte primeira de legitimação do poder político é a vontade popular. De forma que um primeiro sentido dela foi o de ser um modo de governo oposto a

---

*world that liberty and progress walk hand in hand. Let us once again awaken our American revolution until it guides the struggle of people everywhere -- not with an imperialism of force or fear -- but the rule of courage and freedom and hope for the future of man.” Ibidem.*

<sup>685</sup> KENNEDY, John. *Address before The American Society of Newspaper Editors, Washington, D.C., April 20, 1961*. Disponível em: <<https://www.jfklibrary.org/archives/other-resources/john-f-kennedy-speeches/american-society-of-newspaper-editors-19610420>>. Acesso em: 30 nov. 2019.

<sup>686</sup> Do original: “it is clearer than ever that we face a relentless struggle in every corner of the globe that goes far beyond the clash of armies or even nuclear armaments. The armies are there, and in large number. The nuclear armaments are there. But they serve primarily as the shield behind which subversion, infiltration, and a host of other tactics steadily advance, picking off vulnerable areas one by one in situations which do not permit our own armed intervention.” KENNEDY, John. *Address before The American Society of Newspaper Editors, Washington, D.C., April 20, 1961*. Disponível em: <<https://www.jfklibrary.org/archives/other-resources/john-f-kennedy-speeches/american-society-of-newspaper-editors-19610420>>. Acesso em: 30 nov. 2019.

todo tipo de despotismo e autocracia. As decisões políticas deveriam ser tomadas não por um pretense iluminado que ditasse o que deveria ser feito, mas por instituições colegiadas, sujeitas ao controle e à eleição popular, baseando-se fortemente no conceito de representação. Ao invés de supor que todo cidadão vai participar diretamente das decisões do Estado, os regimes democráticos modernos vão dar aos cidadãos o direito de eleger representantes e controlar o modo como estes exercem o poder em seu nome. São necessários, então, mecanismos de eleição que espelhem a vontade popular, de informação do modo como a representação é exercida e de acompanhamento das atividades e posicionamentos dos políticos.

Por outro prisma, a democracia representativa moderna é criticada por se restringir à igualdade formal de todo cidadão como eleitor. Para esses críticos, não adianta nada dar a todos o direito de votar quando o acesso à educação e a bens de necessidade básica é desigual a ponto de inviabilizar uma participação consciente e bem informada na escolha dos representantes e no controle das atividades do Estado. A democracia deveria incluir não apenas a igualdade eleitoral, mas também condições para o exercício da cidadania.

Em seu famoso discurso sobre a “Cortina de Ferro”, no *Westminster College* de Fulton, no Missouri, em 5 de março de 1946, Winston Churchill resumiu a impossibilidade de o socialismo/comunismo se caracterizar enquanto um sistema democrático: para que assim o fosse, deveria haver a liberdade de crítica ao governo, a independência da magistratura, o pluralismo partidário e o habeas corpus.<sup>687</sup> A vontade popular era avaliada não por sua capacidade de sustentar com entusiasmo e concórdia um governo, mas por sua capacidade de poder substituí-lo.

Efetivamente, em Cuba, cabe destacar, não havia (e ainda não há) liberdade de crítica aos dirigentes no poder. Quando o fazem, geralmente são expurgados, perseguidos e há casos, inclusive, de desaparecimentos. A magistratura mostrou-se pouco independente nos episódios iniciais de fuzilamento, executando julgamentos apressados sem devida observância aos procedimentos legais. Também não há pluralismo partidário, apenas o Partido Comunista Cubano é autorizado a operar. Do mesmo modo, não se pode afirmar que há de fato uma alternância de poder, tendo Fidel Castro ficado na liderança do país por décadas até pouco antes de sua morte, sendo substituído pelo seu irmão, Raul Castro, atualmente, substituído por

---

<sup>687</sup> Discurso proferido por Winston Churchill no *Westminster College* de Fulton, Missouri, Estados Unidos, em 5 de março de 1946. A passagem sobre a “cortina de ferro” atraiu a atenção internacional imediata e teve grande impacto sobre a opinião pública nos Estados Unidos e na Europa Ocidental. Disponível em: <<https://winstonchurchill.org/resources/speeches/1946-1963-elder-statesman/the-sinews-of-peace/>>. Acesso em: 18 out. 2022.

Miguel Mario Díaz-Canel Bermúdez, em cujo primeiro pronunciamento advertiu que seria fiel ao legado de Fidel Castro<sup>688</sup>.

Se, por um lado, o compromisso dos Estados Unidos era com a proteção da liberdade e da garantia de que os povos fossem livres para fazer suas próprias escolhas; por outro, essas escolhas não abrangiam a opção pelo comunismo. Tanto a liberdade quanto a soberania dos povos eram relativizadas. Há, assim, a evidência da maneira pela qual um ideal robusto de liberdade republicana aflorou por meio de práticas de coerção e controle externo.<sup>689</sup> Embora as ideias de liberdade e democracia continuem sendo palavras de ordem coletivas – invocadas quase ritualisticamente pelos políticos – o clima atual é de ambivalência sobre o real significado dessas palavras e como elas podem ser de fato alcançada na vida cotidiana.

No plano filosófico, o comunismo subvertia todo o conjunto de valores aos quais os Estados Unidos e a família dos Pedro Pans estavam acostumados. Não parecia, do ponto de vista deles, estar certo ser função do governo controlar a vida dos cidadãos, ensinar um ponto de vista político único, ter um partido único; negar liberdades cívicas, negar o direito de os cidadãos possuem de se reunirem livremente, de possuírem imprensa, de elegerem livremente a forma de governo, de escolher para os filhos a educação que desejarem. Além disso, o patrimônio de ideias filosóficas que inspirou os pensadores germânicos ao propor o marxismo, sobretudo no que diz respeito à relação entre o homem e o Estado, difere acentuadamente da estrutura de referências dos Estados Unidos. Era inconcebível, como afirmou Haile, escrevendo sobre as raízes filosóficas do comunismo durante Guerra Fria, que o indivíduo encontrasse a “liberdade” submetendo sua vontade à do Estado. Para ele, “isto constituiria o mais ultrajante dos absurdos”<sup>690</sup>.

A Revolução Cubana, como fator fundamental para existência da operação e do êxodo, não foi apenas uma extensão desse comunismo europeu ou um subproduto da Guerra Fria, e sim o resultado do desenvolvimento da história da ilha (ainda que não seja rejeitada a influência dos fatores externos e globais). Os analistas de inteligência dos Estados Unidos, na década de 1960, como observou Piero Gleijeses, estavam determinados a descobrir o que motivava a política externa cubana. O que chama a atenção em suas conclusões é como elas são semelhantes à explicação que emerge dos próprios documentos cubanos. Em nenhum

---

<sup>688</sup> DE LLANO, Pablo. Novo presidente de Cuba: “Seremos fiéis ao legado de Fidel Castro”. *El País*. Havana, 19 abr. 2018. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2018/04/18/internacional/1524069138\\_691013.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/04/18/internacional/1524069138_691013.html)>. Acesso em: 13 jan. 2023.

<sup>689</sup> RANA, Aziz. *op. cit.*, p. 5.

<sup>690</sup> HAILLE, Pennington. *Raízes Filosóficas da Democracia e do Comunismo*. Rio de Janeiro: Presença, 1966, p. 76.

momento seus relatórios sugeriram que Cuba estava agindo na América Latina ou na África a mando dos soviéticos,<sup>691</sup> o que, sem dúvidas, evidencia sua autodeterminação e o compromisso com seus objetivos fundamentais à época: a autopreservação e o idealismo revolucionário. Em que pese seja compreensível que os formuladores de políticas e o público tendiam a ver as nações comunistas como uma ameaça unificada para os Estados Unidos e para Ocidente, houve importantes momentos de desencontros ideológicos dentro do próprio bloco, forjando, sobretudo, em Cuba, conceitos e metodologias próprios de seu sistema político.

E como tal, seus governantes trabalharam para redefinir os significados de democracia e liberdade para a sociedade. Antes de mais nada, cabe ressaltar que classificar o sistema político cubano simplesmente como “não democrático” seria uma falácia, seria considerar que a democracia capitalista é a única que existe e é possível ou desejável. E, ao contrário do que Kennedy e muitos Pedros Pans pensavam, os líderes da Revolução asseguravam ter garantido ao povo a “liberdade verdadeira”, não aquela garantida pelas leis não cumpridas efetivamente, tampouco aquela colocada em prática por instituições corrompidas. Supostamente havia sido dado aos cubanos “*la libertad y los derechos que los garantiza el hecho en sí mismo de ser el pueblo el poder, el poder moral, pero además el poder real*”<sup>692</sup>.

Para Castro, os processos eleitorais não eram o único procedimento democrático para a chegada ao poder, pois na história política de seu país eles vinham sendo “*prostituidos para falsear la voluntad y los intereses del pueblo y llevar al poder muchas veces a los más ineptos*”. Depois de tantas eleições fraudulentas, usando procedimentos próprios, a Revolução teria iniciado “*una verdadera etapa democrática de progreso, de libertad y de justicia*”<sup>693</sup>. Logo, democracia deveria significar algo maior do que a democracia capitalista:

*La democracia verdadera es la que, por primera vez, los hombres tienen en un país donde ya intervienen hasta en los destinos más importantes, en los planes decisivos, que se reúnen aquí sus representantes con los representantes de las granjas del pueblo, de los sindicatos, de las*

<sup>691</sup> GLEIJESES, Piero. Cuba and The Cold War, 1959–1980. In: LEFFLER, Melvyn P.; WESTAD, Odd Arne. *op. cit.*, p. 340.

<sup>692</sup> CASTRO, Fidel. *Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer ministro del Gobierno Revolucionario, en el Acto Homenaje al Periódico Revolución, con motivo del premio que le fuera otorgado por la Organización Internacional de Periodistas, efectuado en el Salón de Embajadores del Hotel Habana Libre, el 25 de marzo de 1961*. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f250361e.html>>. Acesso em: 1 dez. 2019.

<sup>693</sup> CASTRO, Fidel. *Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer ministro del Gobierno Revolucionario, a los profesionales y técnicos de la construcción, efectuado en la CTC, el 12 de abril de 1961*. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f120461e.html>>. Acesso em: 1 dez. 2019.

*cooperativas; que participan, que discuten, que tienen voz y que tienen voto, marchando el país hacia instituciones nuevas, mil veces más democráticas que aquella falsa e hipócrita democracia de unos señores, que no han sido capaces ni de acabar con la discriminación racial ni con el asesinato de los indios en su propio país.*<sup>694</sup>

A concepção moderna de democracia construída ao longo dos anos – de que se trata de uma forma de governo baseada em instituições livremente eleitas, um executivo responsável perante o povo, e uma forma de vida baseada no suposto fundamental de igualdade entre os indivíduos e seu direito à vida, à liberdade (incluindo a liberdade de pensamento e expressão) e à busca de felicidade – precisava ser reatualizada.

Em Cuba, o cidadão delega parte dos seus poderes aos seus representantes eleitos e estes exercem uma função intermediária entre o indivíduo e os órgãos dirigentes da sociedade (seria uma democracia não de representantes, mas de delegados cujos mandatos vinculados estão sujeitos a revogação). Mesmo assim, esse sistema eleitoral, segundo o seu governo, não esgotaria o conteúdo democrático da sociedade. A participação cidadã ativa não se limitaria a escolher, nomear, eleger, controlar e destituir seus representantes. Isso é apenas o reflexo de uma participação muito mais ampla, sistemática e consubstancial em todos os aspectos da vida social.

O processo iniciado em 1959 criou uma série de organizações para reunir camponeses, mulheres, estudantes e crianças. A estes se somam inúmeras associações profissionais e outras de diversos setores da sociedade com base em seus interesses específicos. Elas cobrem praticamente o universo de atividades, interesses e problemas relacionados a todos os cubanos. E supostamente nenhuma decisão sobre assuntos que lhes dizem respeito seria tomada sem o seu consentimento, tendo como efeito a abertura de novos espaços para o exercício da soberania popular. O poder formal de participação seria com isso transformado em poder substancial e, ao mesmo tempo, realizaria a democracia inclusive no seu ideal último: maior igualdade entre os homens.<sup>695</sup> O ex-Ministro das Relações Exteriores de Cuba, Ricardo Alarcón de Quesada<sup>696</sup>, defendeu:

---

<sup>694</sup> CASTRO, Fidel. *Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer ministro del Gobierno Revolucionario de Cuba, resumiendo los Actos del Día Internacional del Trabajo. Plaza Cívica, 1º de mayo de 1961*. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f010561e.html>>. Acesso em: 1 dez. 2019.

<sup>695</sup> BOBBIO, Norberto. *op. cit.*, p. 95.

<sup>696</sup> Ricardo Alarcón de Quesada foi Ministro de Relações Exteriores de Cuba entre 1992 e 1993 e presidente da Assembleia Nacional do Poder Popular de Cuba, o órgão legislativo do país, de 1993 a 2013. Como Presidente da ANPP, desempenhou um papel importante na política cubana, tanto no plano nacional como internacional; representou Cuba em várias negociações com os Estados Unidos, nos acordos migratórios entre ambos os países. Morreu em abril de 2022.

*Los cubanos no pretendemos haber alcanzado un nivel de desarrollo democrático que no pueda ser superado. Al contrario, son varias e importantes las innovaciones que hemos introducido al sistema y a sus métodos y mecanismos y constantes los esfuerzos que hacemos para perfeccionarlo. Lograr la participación plena, verdadera y sistemática del pueblo en la dirección y el control de la sociedad — esencia de la democracia a—, es una meta por la que se debe luchar siempre. Quien de verdad crea en ella difícilmente pueda sentirse conforme con lo logrado, encontrará siempre nuevos hallazgos que serán motivo de otras búsquedas. En ese sentido, la lucha por la democracia y la democratización de las sociedades, es universal, necesaria, válida para todos los países y para todos los pueblos. Lo que los cubanos sí afirmamos es que vivimos en una sociedad democrática, que tenemos un Estado y un Gobierno democráticos y no dejamos de trabajar para que lo sean cada vez más.<sup>697</sup>*

Ainda de acordo com sua análise, a ideia de democracia como organização política da sociedade esteve ligada a uma concepção ideal da própria sociedade. A questão da igualdade entre os homens e a possibilidade de sua realização prática a acompanharam ao longo do tempo. Democrática seria uma sociedade estabelecida para o bem de todos os cidadãos e todos deveriam participar de sua direção como única forma de garantir que assim fosse.

O governo dos Estados Unidos, nessa concepção, “*usurpa un concepto que no le pertenece y además, lo prostituye (...) reduce a cenizas el sueño de Lincoln*”, observou Quesada. “*Es posible que si Alexis de Tocqueville reviviera y volviese a visitar los Estados Unidos sentiría la necesidad de reescribir su famoso libro*”<sup>698</sup>, concluiu. É interessante o fato de o ex-ministro ter citado Tocqueville, pois na análise dele, democracia e socialismo não são solidários: “a democracia deseja a igualdade na liberdade e o socialismo deseja a igualdade na moléstia e na servidão”<sup>699</sup>, ponderou certa feita.

Quesada acreditava haver um aparente paradoxo resultante da ruidosa insistência dos políticos estadunidenses em proclamar seu sistema como um modelo a ser necessariamente imitado pelo mundo e a realidade de uma sociedade caracterizada pela mercantilização da política, a corrupção dos políticos e o distanciamento cada vez maior das pessoas em relação a ambos. Isso teria ficado ilustrado no tratamento dispensado pelo governo aos imigrantes: vários milhões de estrangeiros residentes legalmente naquele país trabalham muito, pagam impostos, estão sujeitos às mesmas leis dos demais, alimentam suas forças armadas quando é necessário, mas carecem de direitos políticos porque não possuem cidadania. Haveria também um marcante desinteresse da população em geral pelo sistema eleitoral, porque o percebem,

<sup>697</sup> QUESADA, Ricardo A. *Cuba y su Democracia*. Cuba: Ciencias Sociales, 2004, p. 25.

<sup>698</sup> *Ibidem*, p. 31.

<sup>699</sup> TOCQUEVILLE apud BOBBIO, Norberto. *op. cit.*, p. 78.

precisamente, como algo estranho e distante; como agravante "o eleitorado americano é desproporcionalmente branco e rico"<sup>700</sup>.

Os grandes interesses controlando os políticos não limitam suas ações apenas aos períodos eleitorais. Seu trabalho permanente para garantir que as decisões legislativas os favoreçam atingiu o que hoje é chamado de "indústria do lobby". Tentar transformar esse modelo em paradigma para os outros seria, no mínimo, um absurdo que faria rir se a intenção não fosse acompanhada de pressões e ameaças que, no caso de Cuba, também se materializam em uma verdadeira guerra econômica e política. E conclui: "*Estados Unidos y sobre todo el pueblo norteamericano tienen muchas cosas admirables. Pero entre ellas, no está — nunca lo ha estado y mucho menos ahora — su sistema político*"<sup>701</sup>.

Tanto Quesada quanto Castro acreditavam que a democracia, o exercício real da autoridade pelo povo, apenas poderia acontecer no socialismo. Democracia e socialismo, se são autênticos, são mais do que sinônimos, são partes inseparáveis de uma mesma realidade. Em contrapartida, democracia e capitalismo seriam termos impossíveis de conjugar<sup>702</sup>. A identificação marcante no socialismo de democracia com igualdade por si só, para o segundo, impossibilitaria a concepção dos Estados Unidos como líderes nesse âmbito, já que os cidadãos negros em seu país não possuíam as mesmas prerrogativas legais dos brancos: "*¡Qué retrato de lo que es el imperialismo y de lo que es la explotación inhumana, la discriminación y la segregación en el famoso país de la "democracia representativa"!*"<sup>703</sup>.

De fato, Haile atestou, em 1966, que a "a principal chaga" do corpo político dos Estados Unidos era a relutância em garantir aos negros a medida plena de igualdade no cotidiano. Nada prejudicava tanto a imagem do seu país no exterior. A segregação racial, opinou, era "a mácula" da honra nacional.<sup>704</sup> Acerca desse aspecto, Malcom X, controverso defensor dos direitos civis, fez um discurso bastante provocativo refletindo sobre a temática:

Vocês não são americanos. Vocês são vítimas da América! (...) Vocês estão entre os 22 milhões de negros que foram vítimas deste país. Eu e você nunca vimos a tal democracia. Não vimos nenhuma democracia nas plantações de algodão da Geórgia. Nada de democracia por lá. Não vimos nenhuma democracia nas ruas do Harlem, nem nas ruas do Brooklyn, nas ruas de Detroit, de Chicago. Nada de democracia por ali. Não, nós nunca vimos

<sup>700</sup> QUESADA, Ricardo A. *op. cit.*, p. 35.

<sup>701</sup> *Ibidem*, p. 35.

<sup>702</sup> *Ibidem*, p. 68.

<sup>703</sup> CASTRO, Fidel. *Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer ministro del Gobierno Revolucionario, en las conclusiones de la Primera Reunión Nacional de Producción, efectuada en el Teatro "Chaplin", el 28 de agosto de 1961*. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f280861e.html>>. Acesso em: 1 dez. 2019.

<sup>704</sup> HAILLE, Pennington. *op. cit.*, p. 134.

democracia. Só o que vimos foi hipocrisia. Não vimos nenhum “sonho americano”. Nós só vivemos o pesadelo americano.<sup>64</sup>

Pesava ainda sobre a suposta superioridade dos valores dos Estados Unidos a frequência com que apoiavam regimes ditatoriais em prol da “preservação da democracia”. A concepção de mundo livre que procuraram sustentar entrava em conflito com a percepção de que apenas buscavam proteger posições estratégicas ou manter no poder regimes que colaborassem com a manutenção de seus interesses econômicos e militares, não importando quão impopulares ou pouco comprometidos com a liberdade esses governos fossem.

De acordo com Fidel Castro, os Estados Unidos minavam a confiança dos povos em sua liderança mundial ao apoiar “*negocios suculentos y vergonzosos*”, exploração de países mais pobres, guerras sangrentas e regimes cruéis “*solo para mantener en una cámara de oxígeno su régimen imperialista*”<sup>705</sup>. O ideal democrático não poderia ser, em sua opinião, a manutenção do neocolonialismo, da exploração dos recursos de outros países, a manutenção do analfabetismo, da pobreza generalizada, da corrupção das instituições democráticas, da segregação racial. E não caberia aos Estados Unidos decidirem o melhor modelo político para o mundo:

*¿Quién le ha dicho a Estados Unidos que los pueblos de América Latina no podemos escoger el socialismo? ¿Quién le ha otorgado ese papel de gendarme y tutor de nuestros destinos? ¿Por qué hemos de tomar como modelo una sociedad capitalista explotadora del sudor ajeno, discriminadora de negros, exterminadora de indios, que desprecia a los chicanos, puertorriqueños y demás latinoamericanos, que prostituye a las mujeres y explota sexualmente a los niños; sociedad de violencia, vicio, enajenación y crimen? ¿Quién nos puede obligar a vivir eternamente en un sistema egoísta, despiadado, condenado por la historia?.*<sup>706</sup>

Essa linha de interpretação (de Castro e de Quesada) acerca da democracia não encontra respaldo nas análises de muitos estudiosos do tema. Norberto Bobbio, por exemplo, argumentou que um regime que seja ao mesmo tempo democrático e socialista ainda não existiu e classificou o comunismo como uma “utopia invertida”, por ser uma utopia de libertação convertida em seu contrário. Ou seja, na constrição e na opressão dos seres

<sup>705</sup> CASTRO, Fidel. *Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer ministro del Gobierno Revolucionario, en la reunión con los empleados del sector bancario, efectuada en el Teatro Payret, el 2 de octubre de 1961*. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f021061e.html>>. Acesso em: 1 dez. 2019.

<sup>706</sup> CASTRO, Fidel. *Discurso pronunciado por el comandante en jefe Fidel Castro Ruz, primer secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y presidente de los Consejos de Estado y de ministros, en la sesión solemne celebrada en el "Carlos Marx" con motivo del XX Aniversario del triunfo de la Revolución, el 1 de enero de 1979, "Año 20 de la victoria"*. Disponível em: <<http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1979/esp/f010179e.html>>. Acesso em: 1 dez. 2019.

humanos e com o pretexto de realizar a justiça social está “destruindo a liberdade individual e reduzindo o indivíduo a um infante guiado do berço à tumba pela mão de um tutor tão solícito quanto sufocante”.<sup>707</sup> Finalmente, no livro, *Liberalismo e Democracia*, considerado um *basic book* sobre o tema, identificou que no binômio “democracia mais socialismo”, democracia significa ideal igualitário que só a reforma da propriedade proposta pelo socialismo terá condições de realizar. Sendo a última um pressuposto, será completada somente pela futura e, até agora só esperada, transformação socialista da sociedade capitalista.<sup>708</sup>

Valem ao mesmo tempo, talvez, como argumentou Contardo Calligaris estas duas proposições, sem que nunca uma seja mais importante do que a outra: para gozar das liberdades essenciais, não é obrigatório aceitar a brutalidade da exploração ou de desigualdades aviltantes; para satisfazer as necessidades básicas de todos e diminuir ou mesmo suprimir a selvageria da exploração e das desigualdades, não é necessário sacrificar nenhuma liberdade essencial. A retórica da Guerra Fria sempre impõe alternativas forçadas – perguntas que parecem comandar dilemas morais. Atrás dessas falsas escolhas, há uma retórica abstrata do poder. A mesma que introduz quase sempre as escolhas autoritárias.<sup>709</sup>

Importa-se aqui, mais precisamente, a centralidade das crianças e adolescentes na tentativa dos dois antagonistas de reviver suas distintas visões de democracia – em que cada um deles busca provar quem detinha a chave para um futuro melhor para eles. Os Estados Unidos queriam reafirmar a imagem histórica de ser um santuário para os oprimidos, sobretudo, para aqueles fugindo de países com governos comunistas. E Cuba, uma vez que sua revolução havia sido levada a efeito pelos jovens, queria estabelecer seu compromisso fundamental para com eles, defendendo criar uma sociedade mais justa e igualitária para eles e, portanto, democrática. Dos dois lados ficam nítidas, pois, a emergência da juventude como força político-social.

### **4.3 - O lobby cubano em Miami, os Pedros Pans e o prolongamento dos conflitos Estados Unidos-Cuba**

A vitalidade política das comunidades de refugiados é frequentemente esquecida e seu ativismo político desconsiderado em razão da imagem passiva construída acerca deles no imaginário popular – vítimas das circunstâncias ou da perseguição política. O caso dos

<sup>707</sup> BOBBIO, Norberto. *op. cit.*, p. 31.

<sup>708</sup> *Ibidem*, p. 95.

<sup>709</sup> CALLIGARIS, Contardo. As falsas chantagens da Guerra Fria. *Folha de São Paulo*, 27 abr. 2000, p. 12.

cubanos é bastante ilustrativo da continuidade do ativismo político no exílio. Entre eles, a política externa tem alta prioridade, pois ela precisamente define sua condição atual e moldam a vida de familiares e amigos deixados para trás na ilha. Muitos grupos de refugiados concentram suas atividades apoiando partidos, criando organizações clandestinas, estabelecendo apoio para movimentos políticos; todas essas ações voltadas para impactar a política de sua terra natal.

E, decerto, eles frequentemente podem ter influência nos eventos políticos tanto em seus países de origem quando nos países de recepção; no primeiro caso, geralmente, por meio de “remessas políticas” – a transferência de valores, transmissão de ideias, etc. Conforme os cubanos foram criando raízes nos Estados Unidos, eles combinaram habilidade política, foco e compromisso financeiro para exercer uma pressão considerável em aspectos específicos da política externa, principalmente na continuidade das ações de hostilidade contra Cuba. José Buajasán Marrawi e José Luis Méndez atestaram:

*Los cubanos con determinada presencia e influencia en su medio, decididos a no ser ignorados y a integrarse, pero no a ser asimilados y a mantener el tema Cuba en sus prioridades, incluso como condicionante en sus relaciones con sectores del poder estadounidense, se lanzaron a conquistar un espacio en el poder político.*<sup>710</sup>

O lobby cubano tem se concentrado principalmente em derrubar o governo instalado por Fidel Castro a partir de 1959 e reverter a Revolução. É um grupo conservador, partidários (geralmente) do Partido Republicano e vivazes em seu anticomunismo. “Nenhum outro grupo de imigrantes nos Estados Unidos”, observou Robert Bach, “foi capaz de usar com tanta eficácia sua oposição ao novo governo para influenciar a política externa dos Estados Unidos”<sup>711</sup>. Os cubanos estabeleceram um poder político bastante significativo em Miami, um processo que tanto se beneficia de seus recursos econômicos como também serve para aumentá-lo.

Diversos fatores explicam a força dessa comunidade. A realidade da Guerra Fria pressionou os Estados Unidos a garantir o sucesso econômico desses imigrantes, pois isso teria impacto na propaganda contra os comunistas. Formou-se, assim, um “enclave

---

<sup>710</sup> MARRAWI, José Buajasán; MÉNDEZ, José Luis Méndez. *La República de Miami*. La Habana: Ciencias Sociales, 2005, p. 122.

<sup>711</sup> NEWLAND, Kathleen. The impact of U.S. Refugee Policies on U.S. Foreign Policy: a case of the Tail Wagging the dog. In: TEITELBAUM, Michael S.; WEINER, Myron (eds). *Threatened Peoples, Threatened Borders: World migration & U.S. Policy*. New York: W. W. Norton & Company, 1995, p. 204.

econômico” que os permitiu possuir negócios, empregos e segurança econômica.<sup>712</sup> Além disso, eles formam um grande eleitorado concentrado em uma cidade com forte impacto político no estado e no país (Miami), registrando-se e votando em níveis muito mais altos do que a média da população. Geralmente são educados, qualificados e prósperos e, por isso, elegeram muitos conterrâneos para cargos políticos importantes e criaram organizações influentes. Esse expressivo eleitorado oferece uma voz amplamente coesa e unida contra o governo cubano, retransmitida a Washington, em grande parte, por um poderoso *lobby*, a Fundação Nacional Cubano-Americana (*Cuban American National Foundation - CANF*)<sup>713</sup>.

Ela é de longe o *lobby* cubano-americano mais influente, descrito por alguns como “um clube de milionários de exilados de direita com uma um pesado baú de guerra”.<sup>714</sup> O contínuo isolamento de Cuba, mesmo depois de não haver mais uma ameaça soviética, pode ser atribuído em larga medida à pressão dos exilados, especialmente da fundação: “A fundação teve um efeito assustador no debate. Sempre que alguém começa a pensar criativamente sobre Cuba, nos dizem: ‘o que você quer fazer, perder o sul da Flórida?’”<sup>715</sup>, ponderou um funcionário do governo Bush.

Em que pese os cubanos permanecerem sub-representados em nível local, eles são excessivamente representados na esfera estadual e federal. Considerando os votos eleitorais da Flórida, eles podem fazer a diferença na política nacional. De todos os representantes do condado de Dade (condado ao qual pertence a área metropolitana de Miami), a esmagadora maioria é hispânica, todos eles cubanos. Os políticos de Miami perceberam isso e fazem expressivos esforços para atraí-los. Desde o governador da Flórida até o membro do Conselho do menor município do condado, todos os candidatos a cargos eletivos estão visivelmente

---

<sup>712</sup> Do ponto de vista econômico, a grande imigração de cubanos para a Flórida significou um grande incremento para a região. “A área (...) assistiu à criação de uma cultura bilingue de qualidade impressionante. A economia foi ajudada, não prejudicada. (...) Um inventário de novas fábricas, casas e restaurantes mostrará muitas empresas cubanas financiadas que criaram novas riquezas.” Também William Pallot, do *Inter National Bank*, declarou: “Se os refugiados não estivessem aqui, haveria uma superabundância de lojas vagas e apartamentos. Miami provavelmente estaria sofrendo economicamente se não fosse por eles.” Em fevereiro de 1965, o *Miami News* noticiou que 16% de todas as casas vendidas em Miami de julho a setembro de 1964 foram compradas por cubanos. Eles criaram uma comunidade em expansão, incluindo novos restaurantes, serviços automobilísticos, pequenas fábricas, hotéis, etc. WALSH, Bryan. *Cubans in Miami. America Press*. New York, p. 286-288, feb. 1966. É importante destacar que tudo isso não significa que não há pobreza entre os refugiados cubanos; certamente, muitos enfrentam importantes barreiras para se ajustarem financeiramente, sobretudo, pela recorrente discriminação.

<sup>713</sup> Foi durante a presidência de Reagan que a CANF foi concebida, em 24 de julho de 1981. Jorge Lincoln Más Canosa, filho de um tenente coronel do exército de Batista que dirigia o grupo Representação Cubana no Exílio (RECE) foi o fundador da organização. A CANF seria criada para a “*la búsqueda de apoyo político en EE.UU. para mantener el embargo e idear nuevas formas de enfrentamiento con el régimen castrista*”. GRUPO DE TRABAJO MEMORIA, VERDAD Y JUSTICIA. *Cuba, la reconciliación nacional*. Miami: University Park, 2003, p. 33.

<sup>714</sup> NEWLAND, Kathleen. *op. cit.*, p. 204.

<sup>715</sup> *Ibidem*, p. 205.

presentes em todos os banquetes e reuniões dos exilados. Os dois últimos governadores tiveram conselhos consultivos latinos, entre os quais imigrantes da ilha figuraram com destaque<sup>716</sup>.

O poder desse lobby certamente não se restringe a nível local. O Partido Republicano tem sido notavelmente bem-sucedido em seus esforços para atrair cubanos para suas fileiras. Estima-se que dois em cada deles que se registram para votar o fazem como republicanos<sup>717</sup>. Eles parecem ser atraídos para esse partido por várias razões. Suas experiências sob o regime de Castro os predispõem a passar para o outro extremo do espectro político. Eles o veem como o partido de direita, o mais conservador dos partidos da cena política estadunidense. Esta tendência tem sido reconhecida por líderes nacionais e locais, que fazem todos os esforços para aproveitá-la a seu favor. E parece ter tido efeitos, pois quando os cubanos votam, fazem-no esmagadoramente em favor do Partido Republicano.<sup>718</sup> Há indícios ainda de que dois episódios foram decisivos para tal escolha: os cubanos ainda se ressentem do Partido Democrata devido ao desastre da Invasão à Baía dos Porcos, em 1961, quando o governo Kennedy não ajudou os invasores como eles gostariam; e o diálogo de 1978 entre o governo de Carter e Cuba.

Apenas a título de exemplificação da influência do lobby cubano no cenário nacional, os grupos conservadores de exilados conseguiram superar as objeções do governo Bush e aprovar o *Cuban Democracy Act of 1992*, que proíbe as subsidiárias estrangeiras operando nos Estados Unidos de fazerem comércio com Cuba. O presidente à época se opôs ao ato até que o candidato Clinton conquistou mais votos cubano-americanos com seu endosso. Clinton conseguiu arrecadar US\$ 125.000 para sua campanha junto à comunidade. De acordo com um relatório de 1997 do *Center for Public Integrity*, a CANF despejou aproximadamente US\$ 3,2 milhões no sistema político nos 15 anos seguintes à sua criação em 1981. No ciclo eleitoral de 1998, o comitê de ação política do grupo, *Free Cuba*, contribuiu com US\$ 102.000 para candidatos do governo federal (de acordo com dados do *Center for Responsive Politics*)<sup>719</sup>.

Assim, nos Estados Unidos, a relação mais direta e controversa entre migração internacional e política externa e doméstica é a suposta influência dos *lobbies*, cuja força baseia-se em sua organização, nos imperativos do sistema eleitoral e no mérito de seus casos. Geralmente eles defendem pontos de vista que normalmente não são (ou não aparentam ser)

<sup>716</sup> WALSH, Bryan. Cubans in Miami: The Political Impact. *The Newsmaking Travel Magazine*. Miami, p. 41-44, 1973.

<sup>717</sup> *Ibidem*.

<sup>718</sup> *Ibidem*.

<sup>719</sup> BUSH, George. Gore weigh in on Elián. *CBS News*. March 23, 2000. Disponível em: <<https://www.cbsnews.com/news/bush-gore-weigh-in-on-elian/>>. Acesso em: 2 mar. 2023.

antitéticos aos interesses do governo. Muitos de seus objetivos são amplamente apoiados, mas seus pontos de vistas nem sempre são determinantes. Uma das derrotas mais significativas do *lobby* cubano nos últimos anos foi Elián González. Naquela época, o que estava em jogo para a CANF era seu papel como árbitro da política de Washington em relação a Cuba. Para os críticos da Fundação, era a oportunidade de convencer os seus membros de que eles não estavam acima da lei:

Esperamos apenas que o caso [Elián] ajude os extremistas de Miami a compreender que não vivem em seu país particular, que não podem fazer o que bem entendem e que o ódio que sentem por Fidel Castro pode ser maior do que seu amor pela Constituição americana, mas que isso não se aplica ao resto de nós.<sup>720</sup>

O jornalista Thomas L. Friedman do *The New York Times*, responsável pelo excerto acima, manifestou o entendimento da necessidade de não apenas por fim ao “sequestro de Elián”, mas também por fim “ao sequestro da política americana em relação a Cuba pelos cubanos de Miami”. Isso porque acreditava que não era com embargos e sequestros que apressariam o fim do regime na ilha. À época de Elián, eles já estavam há 40 anos impondo sanções a Fidel Castro e ele, até aquele momento, havia sobrevivido a nove presidências estadunidenses. Normalmente, uma política externa desse tipo seria reformulada. Todavia essa não foi, sobretudo, por não ser motivada por um pensamento estratégico. Ela supostamente é motivada pelo ódio cego ao regime implantando por Fidel Castro que sentem os cubanos de Miami que, em função do peso eleitoral no importante Estado da Flórida, têm podido impor essa política aos Estados Unidos como um todo – apesar de que ela vem exercendo o efeito oposto ao desejado por eles. Ela pune a população de Cuba e reforça o poder de Fidel e seus sucessores.

O jornalista conclui que o que enfraquece a economia cubana é o marxismo fracassado. Contudo, o embargo americano obscurece esse fato, proporcionando a Fidel um bicho-papão estrangeiro ao qual pode atribuir a culpa pelos problemas de Cuba e lhe dá condições de argumentar que a ilha sofre um cerco político. Desse modo mobiliza a sociedade e continua dominando o poder com rédeas curtas.<sup>721</sup>

Com o desfecho do caso de Elián, para muitos críticos, "o mito inflado do poder político dos exilados cubanos foi perfurado"<sup>722</sup>. Mas, antes disso, a imagem da comunidade

---

<sup>720</sup> FRIEDMAN, Thomas. EUA precisam mudar relação com Cuba. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 26 abr. 2000, p. 12.

<sup>721</sup> *Ibidem*.

<sup>722</sup> RUIZ-GOIRIENA, Romina. Could the U.S.-Cuba Travel Ban End Soon?. *Time Magazine*. Miami, 2009. Disponível em: <<http://content.time.com/time/world/article/0,8599,1934416,00.html>>. Acesso em: 18 out. 2022.

cubana já vinha se desgastando. Do crime organizado aos atentados políticos, são muitas as denúncias contra ela. Durante quase dez anos, entre 1975 e 1983, um grupo chamado *Omega 7* realizou uma série de assassinatos e atentados a bomba nos Estados Unidos. A maioria dos casos tinha como alvo pessoas ou instituições relacionadas com o governo cubano, inclusive uma das vítimas teria sido um influente Pedro Pan, fato mencionado mais adiante.

No que concerne à religião, os cubanos nos Estados Unidos, e especialmente em Miami, sentiram a necessidade de formar uma identidade de grupo para uni-los religiosamente enquanto forma de promover seus desejos políticos. À medida que o número de chegadas deles aumentava, um catolicismo anticomunista e anticastrista tomava forma na comunidade e na nação como um todo, configurando-se como uma maneira de lidar e permanecer ligados à vida deixada para trás. “Ser um cristão cubano exilado significava participar da cruzada contra o comunismo e contra Castro, ponto final.”, analisou De La Torre.<sup>723</sup> De acordo com o mesmo autor, eles veem a vida no exílio como um sacrifício feito para “representar uma posição moral maior”. A experiência religiosa em Miami pode ser pensada como uma resposta ao “mal” que Castro representava.<sup>724</sup>

Por outro lado, a luta da Igreja em Cuba para sobreviver, negociando concessões<sup>725</sup> com o regime, é visto por alguns deles como sendo “suave com o comunismo”, e negligenciando o papel histórico de ser um baluarte contra a esquerda. O apelo da Conferência Episcopal Cubana e da Conferência de bispos dos Estados Unidos para o fim do embargo comercial foi severamente criticado. No entanto, mesmo nas atitudes dos exilados cubanos tem havido alguns aspectos de flexibilidade. A recepção ao Arcebispo Pedro Meurice no *Miami Marine Stadium*, em 8 de setembro de 1988, por mais de dez mil exilados, mostrou que nem todos os cubanos da Flórida concordam com a linha dura adotada pela maioria.<sup>726</sup>

De todo modo, muitos Pedros Pans têm sido bastante ativos, ainda hoje, na oposição ao regime no poder em Cuba e criticam qualquer tentativa de aproximação entre os Estados Unidos e aquele país. Quando Barack Obama ensaiou o retorno de algum nível das relações diplomáticas, alguns deles o criticaram severamente, chamando-o inclusive de socialista: “Não posso acreditar que este presidente socialista horrível está retomando as relações com

<sup>723</sup> DE LA TORRE, Miguel A. *La lucha for Cuba: Religion and Politics on the streets of Miami*. Berkeley: University of California, 2003, p. 45.

<sup>724</sup> *Ibidem*, p. 22.

<sup>725</sup> Essas concessões fizeram parte da *Ostpolitik* do Vaticano. Essa política considerava necessário desenvolver relações mais estreitas com regimes comunistas; e para a Igreja para sobreviver, ela deveria estar disposta a negociar. A Igreja em Cuba sobreviveu por causa desse entendimento, cuja implantação ficou a cargo do Cardeal Casaroli, designado para Cuba em 1965.

<sup>726</sup> WALSH, Bryan. *The Church, Miami and Latin America*. Barry University Archives and Special Collections, 1989. Disponível em: < <https://original-ufdc.uflib.ufl.edu/AA00053756/00001>>. Acesso em: 26 jul. 2022.

Cuba. O povo cubano vai continuar a sofrer e o governo vai continuar a conseguir dólares. É um desgraçado”<sup>727</sup>.

Esse desencorajamento se reflete também nas viagens para a ilha: “Não visitei Cuba depois de todos esses anos porque meus dólares não vão sustentar e contribuir para a riqueza dos criminosos de Castro” escreveu o Pedro Pan Andres Fernandez<sup>728</sup>. Geralmente, suas argumentações são moldadas ainda pelos parâmetros filosóficos da Guerra Fria e as dicotomias como bem e mal, luz e trevas: “Eu sempre senti que não quero voltar, de jeito nenhum. O que eu me lembro de Cuba ele nunca vai tirar de mim (...) acho que o diabo o apoia”, disse Irma Alvarez com referência a Fidel Castro<sup>729</sup>. A maioria deles é saudosa da Cuba de suas memórias, ficando, depois de tantos anos, difícil distinguir o mito da realidade do país de que se lembram:

Os críticos nos chamam de intransigentes (a velha guarda, os linha-dura) e zombam de nós porque dizem que somos propensos ao “exagero” sobre a vida em Cuba sob o regime de Castro. Dizem-nos que já se passaram 50 anos e que precisamos seguir em frente. Contudo, como podemos esquecer? Sei que não posso esquecer. Eu nunca esquecerei!<sup>730</sup>

Aqueles que tentam retornar ou tentam ajudar alguma instituição de seu país natal são duramente criticados: “venho enfrentando muitas críticas da minha comunidade; ajudei várias igrejas em Cuba. Agora estou me envolvendo com os Salesianos da Iglesia del Carmen em Santa Clara e espero continuar a ajudar como forma de compensar o que recebi”<sup>731</sup>. Maria de Los Angeles Torres conta ter passado a sentir medo da comunidade em Miami quando decidiu entender mais sobre suas origens e fazer visitas periódicas a ilha com um grupo de jovens cubanos nos Estados Unidos da *Antonio Maceo Brigade*:

Quando minha irmã Alicia e eu decidimos voltar para Cuba com a Brigada Antonio Maceo, a relação ficou tensa [com nossos pais]. Para minha família, nosso retorno era um ato de traição. A reação deles foi simplesmente um eco do que a comunidade de exilados sentia em relação à Brigada. Foram tempos

<sup>727</sup> CARRATALÁ, Rita. Testimony. *Miami Herald*. Miami, jul. 10, 2009. Disponível em: <<http://pubsys.miamiherald.com/cgi-bin/pedropan/profile/8921/story>>. Acesso em: 10 jan. 2019.

<sup>728</sup> FERNANDEZ, Andres. Testimony. *Miami Herald*. Miami, jul. 10, 2009. Disponível em: <<http://pubsys.miamiherald.com/cgi-bin/pedropan/profile/2963/story>>. Acesso em: 10 jan. 2019.

<sup>729</sup> ALVAREZ, Irma. Testimony. *Miami Herald*. Miami, may 19, 2009. Disponível em: <<http://pubsys.miamiherald.com/cgi-bin/pedropan/profile/11390/story>>. Acesso em: 10 jan. 2019.

<sup>730</sup> Do original: “*Critics call us intransigent (the old guard, the hard-liners) and mock us because we are prone to “exaggeration” of life in Cuba under the Castro regime. We are told that it has been 50 years and that we need to move on... But how can we ever forget? I know that I can’t forget. I will never forget!*”. FERNANDEZ, Maria C. D. Testimony. *Miami Herald*. Miami, dec. 15, 2009. Disponível em: <<http://pubsys.miamiherald.com/cgi-bin/pedropan/profile/11197/story>>. Acesso em: 10 jan. 2019.

<sup>731</sup> GUARDADO, Jose. Testimony. *Miami Herald*. Miami, jun. 7, 2009. Disponível em: <<http://pubsys.miamiherald.com/cgi-bin/pedropan/profile/12436/story>>. Acesso em: 10 jan. 2019.

marcadamente tensos. Os extremistas da comunidade cubana no exílio lançaram uma campanha de terror contra nós. Para mim, Miami se tornou um lugar de medo. Nossos nomes foram transmitidos repetidamente nas infames estações de rádio da cidade, provocando ameaças de morte por telefone, para nossos locais de trabalho e para a casa de meus pais.<sup>732</sup>

Um documentário de origem cubana intitulado “*Cincuentaicinco Hermanos*”, de 1978, contou a história da primeira visita da Brigada a Cuba como um conto de filhos pródigos voltando para corrigir os erros de seus pais. Embora tenham sido chamados por muitos cubano-americanos de “vítimas dos controles do comunismo”, eles decidiram ver por conta própria e formar suas opiniões sobre a vida na ilha após a Revolução. Um dos participantes do filme, de Havana, considerou importante eles voltarem para Cuba e constatar como os pais deles se enganaram ao abandonar o país. O apogeu do documentário é o encontro deles com Fidel Castro, com duração de quatro horas de conversas. Sobre a visita dos Pedros Pans ele observou na ocasião:

Estou vendo que vocês têm sensibilidade política, que têm ideias políticas e tem uma qualidade especial. Não vou pensar que todos os demais [exilados] são iguais a vocês. Todavia, quando começou o cristianismo creio que eram doze apóstolos, não eram? E depois terminaram convertendo o imperador romano.<sup>733</sup>

A despeito de ter dito que os considerava como parte da família, ele desencorajou o desejo de alguns deles de permanecer em Cuba, considerando mais revolucionário o retorno deles para esclarecer “para os Estados Unidos sobre a vida em Cuba”. A estudiosa de cinema Marta Díaz, analisou o evento como sendo a primeira vez em que Fidel Castro não usou termos pejorativos para descrever os emigrantes. Em vez disso, como vítimas de seus pais (e, claro, apoiadores da Revolução), eles foram abraçados. Ao final da visita, um compromisso foi estabelecido. O excerto abaixo é o trecho de um discurso feito por um deles no dia do retorno para casa:

A condição de cubanos não se limita a uma definição geográfica, mas sim a uma tradição de luta que começou por Manuel de Céspedes, Antonio Maceo e José Martí. (...) Só esperamos estar à altura de nosso dever cubano nos Estados Unidos e em Porto Rico. (...) A Brigada Antonio Maceo terá outros contingentes. Nosso compromisso é de arrecadar para a pátria, os filhos dos

<sup>732</sup> Do original: “*When my sister Alicia and I decided to return to Cuba with the Antonio Maceo Brigade, the relationship became strained. To my Family our return was an act of treason. Their reaction was simply an echo of what the larger exile community felt about the Brigade. Those were extremely tense times. Extremists in the exile Community launched a campaign of terror against us. For me Miami became a place of fear. Our names were broadcast repeatedly on the city’s infamous radio stations, provoking telephone death threats to our workplaces and to my parents’ home*”. TORRES, Maria de Los Angeles. *op. cit.*, p. 15.

<sup>733</sup> CASTRO, Fidel *apud* CINCUENTAICINCO Hermanos. Director: Jesús Díaz. Cuba: Instituto Cubano del Arte e Industria Cinematográficos, 1978, 1 DVD (77 min).

que se foram. Nossa presença aqui durante essas três semanas e esse compromisso constituem em ordem moral a vitória retumbante do princípio da Revolução Cubana.<sup>734</sup>

Um ano depois, um grupo antiCastro de Miami assassinou o agente de viagens e Pedro Pan, Carlos Muniz Varela, membro da Brigada e organizador de várias excursões de exilados cubanos para a ilha. A organização *Omega 7*, já mencionada neste trabalho, tomou crédito pelos tiros disparados contra ele. Varela havia, em distintos momentos, advogado por uma existência pacífica com o governo cubano, o que dificilmente é tolerado pelos opositores mais radicais de Miami. A morte dele, contudo, motivou ainda mais jovens, mais de 200 viajaram para a ilha na segunda visita.<sup>735</sup>

A brigada surgiu na década de 1970 de uma inquietude política no seio dos exilados. Jovens cubanos que queriam retornar à sua pátria (alguns para visitar, outros para ficar permanentemente) pressionaram o governo cubano por algum nível de diálogo. Para além de suas ambições em respeito à ilha, eles estavam ligados a movimentos de luta de minorias políticas nos Estados Unidos e muitos deles eram Pedros Pans. Paralelamente, surgiram as publicações *Areíto* e *Joven Cuba*, editada por cubanos radicais, galgando romper com a imagem monolítica do exílio. Grupos Socialistas de Jovens Cubanos começaram a aparecer nos *campi* universitários da Flórida, e muitos se juntaram a outros latinos na causa dos direitos civis, independência de Porto Rico e anti-imperialismo. Alguns Pedros Pans apareceram em manifestações marchando com faixas dizendo: “*no todos los cubanos son gusanos*” (“nem todos os cubanos são vermes”, termo pelo qual os exilados e opositores do regime cubano eram chamados por Fidel Castro).

Em contrapartida, outros mais famosos se revelaram bastante ativos na oposição contra o regime em Cuba, um deles é o ex-senador Mel Martinez. Ele é um lobista cubano-americano que atuou como senador dos Estados Unidos pela Flórida de 2005 a 2009 e como Presidente Geral do Partido Republicano de novembro de 2006 a outubro de 2007. Antes de ser eleito, atuou como Secretário de Habitação e Desenvolvimento Urbano do ex-presidente George W. Bush e foi prefeito de Orange County, na Flórida. Historicamente, foi o primeiro cubano-americano a servir no senado dos Estados Unidos e o primeiro presidente latino do Partido Republicano.

Martinez veio de Cuba para os Estados Unidos ainda menino, pela Operação Pedro Pan, e usou seu cargo de senador para se manifestar contra o governo de sua terra natal.

---

<sup>734</sup> CINCUENTAICINCO Hermanos. Director: Jesús Díaz. Cuba: Instituto Cubano del Arte e Industria Cinematográficos, 1978, 1 DVD (77 min).

<sup>735</sup> TORRES, Maria de Los Angeles. *op. cit.*, p. 222.

Crítico da suposta falta de direitos humanos na ilha, ele apoia (ou, pelo menos, apoiou durante muitos anos) o endurecimento das permissões de viagens e o fortalecimento do bloqueio econômico e comercial contra Cuba. Igualmente apoia o financiamento do governo dos Estados Unidos de opositoristas ao atual governo cubano. Quando Elián teve de ser retirado à força da casa de seus parentes em Miami, Martinez se referiu aos agentes como "bandidos armados"<sup>736</sup>. O ex-presidente Bush declarou sobre ele:

Ao longo de sua distinta carreira, o senador Mel Martinez tem sido um maravilhoso servidor público. A história de vida dele é uma prova do poder do sonho americano. Desde que emigrou de Cuba para os Estados Unidos aos 15 anos como parte da Operação Pedro Pan, ele assumiu grandes desafios e construiu um histórico de conquistas. Ao se tornar o primeiro membro do Gabinete cubano-americano de nosso país como secretário de Habitação e Desenvolvimento Urbano e o primeiro senador cubano-americano dos Estados Unidos, ele tem sido uma fonte de inspiração para pessoas de todo o país. Como presidente geral do Comitê Nacional Republicano, trabalhou para fortalecer nosso partido e expandir o alcance de novos públicos. Além disso, tem sido uma voz apaixonada pela liberdade em seu país natal.<sup>737</sup>

Quando optou por não concorrer a um segundo mandato no senado, proferiu um discurso bastante ilustrativo de suas influências e visões políticas:

Como um adolescente crescendo em Cuba, vi o conforto e o estado de direito substituídos pela tirania e pela opressão comunista. Vi pessoas espancadas por praticar sua fé. Lembro-me daqueles que se opuseram desaparecendo para nunca mais serem vistos. Meus pais, com a ajuda da Igreja Católica, me mandaram para cá, para os Estados Unidos – um lugar para ficar seguro até que pudéssemos nos reunir. Foi aqui que aprendi a grandeza deste país – e a genuína bondade do povo americano. Eu morei com duas famílias adotivas – pessoas boas, decentes e amorosas que atenderam um chamado do púlpito em um domingo para acolher um menino que não conheciam, de um país que nunca tinham visto, que falava uma língua que não entendiam. Agradeço a Deus pelas famílias Young e Berkmeier. Eles me ajudaram a entender o que significa ser americano – o

---

<sup>736</sup> GORMAN Christine; KLUGER, Jeffrey; LEMONICK, Michael D.; TYRANGIEL, Josh. *The Tough-Talking Cuban Time Magazine*. Florida, nov. 15, 2004. Disponível em: <<http://content.time.com/time/subscriber/article/0,33009,995616-2,00.html>>. Acesso em: 18 out. 2022.

<sup>737</sup> Do original: *“Throughout his distinguished career, Senator Mel Martinez has been a wonderful public servant. Mel's life story is a testament to the power of the American dream. Since immigrating to the United States from Cuba at the age of 15 as a part of Operation Pedro Pan, he has taken on big challenges and built a record of achievement. By becoming our country's first Cuban-American Cabinet member as Secretary of Housing and Urban Development and the first Cuban-American United States Senator, he has been a source of inspiration to people all across our country. As General Chairman of the Republican National Committee, he worked to strengthen our party and expand outreach to new audiences. In addition, he has been a passionate voice for freedom in his native country”*. BUSH, George. *President and Mrs. Bush Congratulate Senator Mel Martinez on Distinguished Career*. Washington, December 2, 2008. Disponível em: <<https://georgewbush-whitehouse.archives.gov/news/releases/2008/12/20081202-7.html>>. Acesso em: 18 out. 2022.

que é aspirar a viver o sonho americano – e a profunda virtude de retribuir à sua comunidade.<sup>738</sup>

Ademais de Martinez, Chirino igualmente tem sido um dos críticos mais expressivos do regime comunista em Cuba, ecoando sua crítica através da música. Ele chegou aos Estados Unidos logo no início da Operação Pedro Pan, em 1960. Começou sua carreira artística em Miami, tendo lançado seu primeiro álbum em 1974. Desde então, gravou mais de 20, vários dos quais alcançaram o status de platina e ouro. Em 2006, seu álbum "*Son del Alma*", ganhou um Grammy de Melhor Álbum de Salsa/Merengue e o álbum "*Willy Chirino Live-35th Anniversary*" lhe rendeu sua primeira indicação para Melhor Álbum de Salsa no Grammy Latino de 2007.

O próprio Chirino afirmou que grande parte de sua música tem natureza política, e escreveu várias canções falando contra a opressão causada pelo regime de Castro e as dificuldades enfrentadas pelos cubanos na ilha. Por exemplo, no álbum *Cubanismo*, a música "*Memorandum para un Tirano*" discute um desejo profundo de se livrar do suposto poder tirânico do líder, que teria perpetuado a injustiça e a maldade contra seu povo. Esta canção não poderia ser mais flagrante em sua reprimenda a Castro e seu apelo à liberdade em seu país de origem:

*La presente notifica:  
A quien pueda interesar  
Que Cuba se va a librar, de aquel que la sacrifica.  
Cansado del que predica, según como sopla el viento,  
el pueblo por escarmiento le exige a la tiranía  
que quiere soberanía, se acabó el sometimiento.  
Ya la doctrina asesina no nos puede detener  
pues no hay nada que perder  
si la esperanza está en ruinas  
los Césares desestiman la fuerza de un pueblo fiero,  
nuestro aliado justiciero es el sable del tesoro,  
que embistiendo muere el toro más digno que en matadero  
Libertad, Libertad.  
Basta ya de injusticia y maldad*

---

<sup>738</sup> Do original: "As a teenager growing up in Cuba, I saw comfort and the rule of law replaced by tyranny and communist oppression. I saw people beaten for practicing their faith. I remember those who spoke out vanishing – never to be seen again. My parents, with the help of the Catholic Church, sent me here, to the United States - a place to be safe until we could be reunited. It was here that I learned the greatness of this country - and the genuine goodness of the American people. I lived with two foster families - good, decent, loving people who answered a call from the pulpit one Sunday to take in a boy they did not know, from a country they had never seen, who spoke a language they did not understand. I thank God for the Young and Berkmeier families. They helped me understand what it means to be American - what it is to aspire to live the American dream - and the profound virtue of giving back to your community". MARTINEZ, Mel. In: ORR, Jimmy. *Florida Senator Mel Martinez says "No" to second term*. December 2, 2008. Disponível em: <<https://www.csmonitor.com/USA/Politics/The-Vote/2008/1202/florida-senator-mel-martinez-says-no-to-second-term>>. Acesso em: 18 out. 2022.

*Libertad, Libertad,  
 Cuba clama y reclama libertad.  
 Estamos harto cansados  
 del terror que se respira  
 Cuanto estira la mentira y el verso  
 Malversado  
 Basta de brazos cruzados,  
 no más rodilla en el suelo.  
 Pondremos fin al flagelo,  
 que tanta sangre ha costado.  
 No seremos más esclavos bajo nuestro propio cielo  
 Así queden advertidos los traidores del país  
 No doblamos la cerviz, ni dóciles ni dormidos.  
 No más derechos perdidos,  
 ni el hambre en pago al sudor.  
 Ni sacrificios, ni horror  
 del balsero que prefiere  
 echarse al mar y se muere,  
 muere libre y con honor (...)  
 Basta ya de la censura  
 del silencio y la mordaza  
 la Patria salió a la caza de dignidad y cordura  
 Abajo la dictadura, no más despotismo cruel  
 Que el ejemplo de Boitel  
 nos ilumina y respalda  
 tan brutal cruz en la espalda  
 Cuba no carga otra vez<sup>739</sup>*

Chirino esteve por muitos anos na “lista negra” de cantores, cujas músicas haviam sido proibidas nas rádios em Cuba porque eram abertamente hostis ao comunismo. Quase cinquenta músicos e cantores diferentes já haviam sido bloqueados de serem tocados, incluindo também a famosa cantora Gloria Estefan. Recentemente, no entanto, ele fora retirado da lista. A medida foi apenas simbólica porque os artistas banidos já gozavam de grande popularidade entre os cubanos, tendo suas canções difundidas por meio de cds, dvds e pen drives vindos dos Estados Unidos para Cuba por meio do mercado negro. Yoani Sánchez, jornalista conhecida por suas críticas acentuadas ao governo, chamou essa remoção dos músicos exilados de “*Raul Reforms*”, descrita por ela como “aceitar o que não pode impedir, autorizar o que já está acontecendo e é imparável.”<sup>740</sup> Apesar disso, o governo continua hesitante em tocá-los em virtude de suas alusões à liberdade ou transição política, incluindo Chirino e seu hino “*Nuestro Día*.”<sup>741</sup>

<sup>739</sup> CHIRINO, Willy. *Memorandum para un Tirano*. Miami: Sony Discos, Inc., 1993. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4wc5aruvJ8I>>. Acesso em: 19 out. 2022.

<sup>740</sup> SANCHEZ, Yoani. Cuba Removes Artists Such as Celia Cruz and Gloria Estefan from the Blacklist. *The Huffington Post*. Disponível em: <[http://www.huffingtonpost.com/yoani-sanchez/cuba-removes-artists-such\\_b\\_1765658.html](http://www.huffingtonpost.com/yoani-sanchez/cuba-removes-artists-such_b_1765658.html)>. Acesso em: 19 out. 2022.

<sup>741</sup> CHIRINO, Willy. *Nuestro Día (Ya Viene Llegando)*. Miami: Sony Music Latin, 1991. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zuCID9Se2LA>>. Acesso em: 19 out. 2022.

Chirino usou sua carreira musical como meio de promover uma agenda também quando apoiou a candidatura de Bush à presidência em 2015. Bush ganhou reputação como um político amplamente amigável com os hispânicos durante seus dois mandatos como governador da Flórida, estado onde os eleitores latinos representam 24% dos votos – uma das maiores porcentagens nos Estados Unidos. Nele, os cubano-americanos têm uma forte influência, compreendendo 30% do eleitorado latino em 2014, sendo que mais de 80% do eleitorado cubano-americano vive no sul da Flórida.<sup>742</sup> Bush é casado com uma mulher nascida no México, e, durante seu comício para anunciar sua candidatura, apresentou várias frases em espanhol voltadas às centenas de adeptos hispânicos na multidão.<sup>743</sup> Willy Chirino foi convidado a estar presente no comício para cantar o hino nacional e subiu ao palco com sua esposa e suas três filhas.<sup>744</sup> A presença dele no comício mostrou seu apoio pessoal às suas políticas conservadoras republicanas.

Em um editorial escrito para a *Billboard*, em 2014, afirmou acreditar que relaxar as relações com Cuba era um erro. Chamou um possível estreitamento dos laços diplomáticos iniciados pela administração Obama de uma “derrota para aqueles de nós que queriam ver uma Cuba livre e soberana.”<sup>745</sup> Em sua opinião e na opinião de muitos Pedros Pans, os benefícios econômicos para corporações e para o governo não superariam a violação dos direitos humanos básicos do povo, sendo a tendência somente de piorar. Tradicionalmente, a maioria dos cubanos nos Estados Unidos não favoreceu qualquer indicação de retomada dos laços diplomáticos com Cuba, mas pesquisas mais recentes têm demonstrado que mais da metade dos cubanos em Miami não apoiam mais o embargo econômico.<sup>746</sup> Quando Fidel Castro morreu, em 2016, rapidamente foi ao *Facebook* para expressar seu contentamento:

Em nome dos executados, dos torturados, presos, desaparecidos, dos milhões de cubanos que sofreram separação, ausência e saudade de sua pátria por

---

<sup>742</sup> DIAZ, Daniella. How does the Cuban vote stack up in Florida?. *CNN*. Miami, Florida, mar. 15, 2016. Disponível em: <<http://edition.cnn.com/2016/03/15/politics/florida-primary-cuban-latino-voters-marco-rubio/>>. Acesso em: 19 out. 2022.

<sup>743</sup> MAZZEI, Patricia; SHERMAN, Amy Sherman. With Pressure On, Jeb Bush Delivers Forceful Speech Confirming 2016 Presidential Candidacy. *Miami Herald*. Miami, jun. 15, 2015.

<sup>744</sup> MAZZEI, Patricia; SHERMAN, Amy Sherman. With Pressure On, Jeb Bush Delivers Forceful Speech Confirming 2016 Presidential Candidacy. *Miami Herald*. Miami, jun. 15, 2015.

<sup>745</sup> CHIRINO, Willy. Willy Chirino Op-Ed: Why U.S.-Cuba Thaw Is No Victory. *Billboard*. December 18, 2014. Disponível em: <<https://www.billboard.com/pro/willy-chirino-criticizes-obama-cuba-announcement/>>. Acesso em: 19 out. 2022.

<sup>746</sup> DUANY, Jorge. *Blurred Borders: Transnational Migration between the Hispanic Caribbean and the United States*. Chapel Hill: University of North Carolina, 2011, p. 147.

causa deste homem vergonhoso, digo para ele agora: “VÁ PARA O INFERNO!”<sup>747</sup>

A situação de refugiado/exilado teve certamente um impacto profundo nas letras de suas canções e em suas decisões políticas. No primeiro caso, um exemplo notável é *Nuestro Día (Ya Viene Llegando)*, cuja letra narra parte de sua história como Pedro Pan. A música em questão acabou se tornando um hino para os exilados nos Estados Unidos:

*Apenas siendo un niño allá en la Antilla  
Mi padre me vistió de marinero  
Tuve que navegar 90 millas  
Y comenzar mi vida de extranjero  
Huyéndole a la hoz y al verdulino  
Corriendo de esa absurda ideología  
Pues nunca quise ser aperitivo  
Del odio, del rencor y la apatía  
Ahí empezó la dura realidad, ¡Ay Dios!  
De todo el que se tira la maroma  
De sobrevivir fuera de su idioma  
De sus costumbres y su identidad  
Pasó lo que tenía que pasar  
De mi nueva ciudad tome su abrigo  
Pues la resignación es fiel amigo  
Del hombre cuando tiene que emigrar  
Y pese a la distancia y el ataque  
Del rígido almanaque yo vivo con la suerte  
De sentirme CUBANO hasta la muerte  
De ser amante de la libertad  
Yo me siento inspirado y un son estoy cantando  
Anunciándole a todos mis hermanos  
Que nuestro día ya viene llegando (...)  
Quiero ver volar mi bandera, Cuba nos espera<sup>748</sup>*

As letras de Chirino corroboram ao sentimento de unidade entre os membros da comunidade cubana exilada, um fator essencial na ação política de Miami. As ideias de unificação servem para fortalecer o poder político daqueles que se identificam com suas letras, porque um de seus propósitos é supostamente apoiar a democracia e fomentar o sentimento de nacionalidade entre esse grupo.

Outra forma de combater o regime cubano foi tornando a própria música um agente de ação politicamente orientada, apoiando os refugiados. Ele usa parte dos seus lucros para

<sup>747</sup> Do original: “*In the name of the executed, of the tortured, jailed, disappeared, thinking of the millions of Cubans who have suffered family separation, absence and longing for their fatherland because of this disgraceful man, I say to him now GO TO HELL!*” COHEN, Howard; LEVIN, Jordan. The Estefans, Andy García, Willy Chirino See Hope for a New Cuba After Castro’s Death. *Miami Herald*. Miami, nov. 26, 2016. Disponível em: <<http://www.miamiherald.com/news/local/community/miami-dade/article117273738.html>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

<sup>748</sup> CHIRINO, Willy. *Nuestro Día (Ya Viene Llegando)*. Miami: Sony Music Latin, 1991. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zuC1D9Se2LA>>. Acesso em: 19 out. 2022.

financiar a Fundação Willy Chirino e faz doações para diferentes instituições de caridade. Em 1994, por exemplo, com a eclosão da crise dos Balseiros, intensificou seus esforços humanitários, “entregando 20.000 toneladas de alimentos para um campo de detenção de refugiados em Guantánamo e fornecendo assistência àqueles que sobreviveram à perigosa viagem ao sul da Flórida.”<sup>749</sup>

Outro Pedro Pan reconhecido por seu apoio aos refugiados nos Estados Unidos é Miguel Bezos. Ele também viajou sozinho pela Operação Pedro Pan quando tinha 15 anos. Algum tempo depois, casou-se com Jacklyn Gise e adotou o filho dela Jeff Jorgensen, de 4 anos, hoje Jeff Bezos. Seu filho se tornou um famoso empresário, conhecido por fundar e ter sido o presidente da *Amazon*, importante empresa de comércio eletrônico dos Estados Unidos. Por influência da história de seu pai, tem ajudado expressivamente imigrantes em situação de vulnerabilidade. Recentemente, ele e sua esposa doaram US\$ 33 milhões para um fundo de bolsas de estudo para imigrantes indocumentados trazidos para os Estados Unidos quando crianças – a maior doação na história da organização. Esses imigrantes não são elegíveis para subsídios ou empréstimos federais, e estão impedidos de receber auxílio estatal e taxas de matrícula em muitos estados. Ao justificar sua decisão, Bezos esclareceu:

Meu pai veio para os Estados Unidos quando tinha 16 anos como parte da Operação Pedro Pan. Ele desembarcou neste país sozinho e sem falar inglês. Com muita garra e determinação – e a ajuda de algumas organizações notáveis em Delaware – meu pai se tornou um cidadão excepcional e continua a retribuir ao país que ele sente que o abençoou de muitas maneiras. MacKenzie [sua esposa] e eu estamos honrados em poder ajudar os *Dreamers* de hoje financiando essas bolsas.<sup>750</sup>

Demetrio Perez Jr., também é bastante conhecido por sua oposição política ao regime comunista cubano. Educador, político, comentarista de rádio, empresário, editor do *Libre* e fundador do grupo educacional *Lincoln-Marti*, chegou aos Estados Unidos, em 1962, pela Operação Pedro Pan, quando tinha 16 anos. Ele também foi vice-prefeito da cidade de Miami e atualmente é membro do Conselho Escolar do Condado de Miami-Dade. Também atuou

<sup>749</sup> CANTOR, Judy Cantor. Willy Chirino Foundation as Diverse as the Singer’s Music. *Billboard*, apr. 28, 2001, p. 28.

<sup>750</sup> Do original: “My dad came to the U.S. when he was 16 as part of Operation Pedro Pan,” Jeff Bezos said in a statement Friday. “He landed in this country alone and unable to speak English. With a lot of grit and determination – and the help of some remarkable organizations in Delaware – my dad became an outstanding citizen, and he continues to give back to the country that he feels blessed him in so many ways. MacKenzie and I are honored to be able to help today’s Dreamers by funding these scholarships”. BEZOS, JEFF apud REILLY, Katie. Amazon CEO Jeff Bezos Just Gave \$33 Million to a Scholarship Fund for 'Dreamers'. *Time Magazine*. New York, jan. 12, 2018. Disponível em: <<https://time.com/5101089/jeff-bezos-daca-dreamers-scholarship-donation/>>. Acesso em: 19 out. 2022.

como Presidente do Centro Interamericano de Cooperação Municipal (CENICOM), para o qual organizou três cúpulas, contando com a participação de milhares de municípios das Américas.

Ele se diz profundamente comprometido com o ideal de uma Cuba livre e democrática, por isso desencoraja o reestabelecimento de relações diplomáticas com seu país de origem, por não acreditar que mudanças políticas e sociais realmente ocorrerão: "*Las verdaderas relaciones surgirán cuando un clima de libertad total impere en la nación, lo cual hoy no existe ni podrá existir mientras esté el país bajo la tiranía comunista que hoy la oprime, cuyas tácticas represivas siguen siendo las mismas*"<sup>751</sup>. Quando ocorreu o caso Elián González, Demetrio decidiu oferecer sua ajuda à família do menino em Miami. Imediatamente se dispôs a fornecer a ele educação gratuita até o ensino médio.<sup>752</sup> Ficaram famosas as fotos de Elián com o uniforme da escola *Lincoln-Martí* enquanto esteve nos Estados Unidos.

Alguns outros Pedros Pans ficaram famosos senão por suas posições políticas, pelo importante papel que passaram a desempenhar nos Estados Unidos. Entre eles estão, sem dúvidas, Eduardo Aguirre, Embaixador dos Estados Unidos na Espanha (2005–2009); Frank Angones, primeiro chefe nascido em Cuba da Ordem dos Advogados da Flórida; Carlos Mayans, ex-prefeito de Wichita, Kansas; Hugo Llorens, Embaixador dos Estados Unidos em Honduras (2008–2011) e Embaixador dos Estados Unidos no Afeganistão (2016–2017); Ana Mendieta, famosa artista performática e escultora; Guillermo “Bill” Vidal, ex-prefeito de Denver; Lissette Alvarez, cantora e compositora; entre outros.

Essas figuras mais notáveis alimentam a narrativa de sucesso dos Pedro Pan no exílio, com exceção, é claro, de Mendieta e seu trágico destino<sup>753</sup>. A história deles tem permeado as

<sup>751</sup> EXILIADO cubano Demetrio Pérez Jr. escribe un elogio a la perseverancia. *Radio Televisión Martí*. Miami, sep. 11, 2015. Disponível em: <<https://www.radiotelevisionmarti.com/a/exilio-demetrio-perez-publica-memorias-miami-/104133.html>>. Acesso em: 19 out. 2022.

<sup>752</sup> ELIÁN Gonzalez's Principal, Demetrio Perez, Jr. President of the Lincoln-Martí Schools, will speak in New Jersey. *Cubanet*. Miami, jan. 20, 2000. Disponível em: <<https://www.cubanet.org/htdocs/CNews/y00/jan00/20e8.htm>>. Acesso em: 19 out. 2022.

<sup>753</sup> Mendieta morreu, em setembro de 1985, em razão de uma queda do 34º andar do seu apartamento, onde viveu com seu então marido por 8 meses, o escultor Carl Andre. Pouco antes de sua morte, vizinhos ouviram uma briga violenta entre o casal. Em 1988, Carl Andre foi acusado e absolvido do suposto assassinato. Durante o processo de mais de três anos, o advogado do réu se referia a morte de Mendieta como um possível acidente ou suicídio. O júri considerou Andre inocente por “dúvida razoável”. A absolvição dele casou bastante indignação entre as feministas do mundo Arte. Em 2010, um simpósio intitulado “*Where is Ana Mendieta*” aconteceu na *New York University* por ocasião do 25º aniversário de sua morte. Já, em maio de 2014, no *Wave Performance Task Force*, um grupo de feministas protestou em frente à retrospectiva de Carl Andre na *Dia Art Foundation*. O grupo depositou pilhas de sangue e vísceras de animais em frente ao estabelecimento e a frase: “*I wish Ana Mendieta was still alive*”. Os acontecimentos que levaram a sua morte seguem controversos. Conferir: ANA Mendieta. *Art News*. June 20, 2013. Disponível em: <<https://www.artnews.com/art-in-america/features/ana-mendieta-56737/>>. Acesso em: 23 out.

artes, a educação e até a arena eleitoral, já que os candidatos políticos listam "Pedro Pan" como uma medalha de honra. O prestígio alcançado pelo grupo alcançou tal proporção que o Papa João Paulo II enviou uma benção oficial à Operação Pedro Pan em 1993.

Em muitas ocasiões, Walsh apontou para o alto número de profissionais qualificados – incluindo várias dezenas de padres ordenados – e o baixo nível de delinquência entre os jovens Pedros Pans. O consenso era de que todos cresceram praticamente ilesos e a história se apoderou do brilho de vários de seus participantes mais bem sucedidos, homogeneizando o passado e contando a mesma narrativa da qual os cubano-americanos têm tanto orgulho: sucesso econômico e político mesmo na adversidade, tornando-se uma parte expressiva da heroica autoformação no exílio.

Nesse tipo de construção retórica, o centro das atenções volta-se com frequência para Walsh, descrito tanto na mídia como na historiografia em termos bastante sentimentais. Sua morte, em dezembro de 2001, foi ocasião de homenagens massivas de líderes cívicos, políticos e religiosos no sul da Flórida. Muitas vezes é lembrado como um “pai no exílio” de seus filhos Pedros Pans e um amigo de imigrantes latino-americanos à margem da sociedade. Mesmo suas posições heterodoxas para os moldes da comunidade cubana – ele acreditava que o bloqueio econômico contra Cuba, era “uma violação da moralidade internacional” e apoiou o diálogo com o governo de Castro – não mancharam sua reputação.

Com o tempo, passou a explicar seu envolvimento com a operação, menos como uma postura anticomunista e mais como uma questão de direitos humanos, conquanto evitasse falar dos casos de abusos e sofrimento das crianças. Essas queixas não se adequavam à mitologia tecida na batalha ideológica da Guerra Fria sobre crianças que foram resgatadas dos males do comunismo. Quando ainda estava vivo, recebeu do Vice-prefeito de Miami uma medalha pelo significativo trabalho realizado em sua carreira e “por ajudar a acalmar a angústia” em tempos difíceis. "Agora", observou Regalado, "Pedro Pans são o governo de Miami."<sup>754</sup>

---

2022. CRAWFORD, Marisa. Crying for Ana Mendieta at the Carl Andre Retrospective. *Hyperallergic*. March 10, 2015. Disponível em: <<https://hyperallergic.com/189315/crying-for-ana-mendieta-at-the-carl-andre-retrospective/>>. Acesso em: 23 out. 2022. STEINHAUER, Jillian. Artists Protest Carl Andre Retrospective with Blood Outside of Dia:Chelsea. *Hyperallergic*. May 20, 2014. Disponível em: <<https://hyperallergic.com/127500/artists-protest-carl-andre-retrospective-with-blood-outside-of-dia-chelsea/>>. Acesso em: 23 out. 2022. SULLIVAN, Ronald. Greenwich Village Sculptor Acquitted of Pushing Wife to Her Death. *The New York Times*. New York, feb. 12, 1988. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/1988/02/12/nyregion/greenwich-village-sculptor-acquitted-of-pushing-wife-to-her-death.html?searchResultPosition=1>>. Acesso em: 23 out. 2022.

<sup>754</sup> BAKER, Donald. A journey out of the past for “Pedro Pan” Project. *The Washington Post*. Washington, jan. 26, 1998. Disponível em: <<https://www.washingtonpost.com/archive/politics/1998/01/26/a-journey-out-of-the-past-for-pedro-pan-project/f691a255-ee8a-4489-ab33-576715a803a6/>>. Acesso em: 19 out. 2022.

É necessário, contudo, que a narrativa histórica dos Pedros Pans não se resuma a uma noção binária de “sucessos” ou “fracassos” ou de personagens com envergadura de heróis como são as análises ainda influenciadas pela retórica inspirada na política da década de sessenta. Conquanto tenham passado pelo mesmo êxodo, suas experiências não foram uniformes, do mesmo modo que o desenrolar de suas vidas adultas também não. Todos os testemunhos utilizados aqui, e que representam apenas uma fração dos mais de 14 mil imigrantes (a realidade observável não abrange todo o real), sinalizam para quão complexo e distinto tudo isso foi para cada um deles, lançado por terra qualquer tentativa monolítica ou binária de explicação da operação e, conseqüentemente, do êxodo que protagonizaram.

## CONCLUSÃO

A história da Operação Pedro Pan, sem dúvidas, faz notar o efeito muito real da religião na política, na guerra e na diplomacia ainda que permaneça um desafio intelectual entender como esse efeito é gerado e quais são seus possíveis mecanismos ou meios de influência. Ainda assim, não restam dúvidas de que a religião desempenhava e ainda desempenha um papel importante na formação das relações globais, nunca tendo estado ausente da vida política. Em todo o século XX, mas principalmente na Guerra Fria, houve uma tendência recorrente de enquadrar os conflitos em termos religiosos. A retórica oposicionista e inflamada, moldada por essa dinâmica, há muito tempo é uma característica das crises geopolíticas nas quais são proliferados discursos maniqueístas que desumanizam e descivilizam o inimigo, nutrindo velhos terrores infantis que persistiram ao longo da história e que ressurgem nos pesadelos da idade adulta.

E isso antes obscureceu do que esclareceu a verdadeira natureza do regime comunista, inflando ameaças e criando hipóteses irrealis sobre medidas tomadas por Estados em áreas sensíveis como a da infância. A suposta farsa da *patria potestad* foi apenas um dos muitos exemplos disso (para além da sua importância como método de guerra psicológica no esforço de minar a posição moral da Revolução). E, embora um êxodo em massa possa não ter sido a intenção original do susto que ela provocou, tem sido apontada como um dos principais fatores de incremento da emigração infantil.

A saída maciça de crianças e adolescentes da ilha, em certa medida, pode ser interpretada como uma resposta a uma ameaça, ou, pelo menos, como uma reação instintiva ao sentimento de uma ameaça – pouco importando, no caso, a exata medida da realidade desse perigo. Sabe-se, contudo, que nenhum dos mitos políticos – como se caracteriza tal rumor – desenvolve-se no exclusivo plano da fábula, em um universo de pura gratuidade ou abstração, livre de todo contato com as realidades da história. Havia, em Cuba, um contexto histórico e condições políticas e culturais propícias para a disseminação da farsa e seu impacto nas atitudes das famílias, pois, como bem observou Girardet, “nenhum empreendimento manipulador pode esperar atingir seus objetivos ali onde não existe, nos setores da opinião que ele se esforça por conquistar, uma certa disponibilidade, um certo estado prévio de receptividade”<sup>755</sup>.

Diante disso, uma questão se impõe: por que os pais, querendo assegurar sua autoridade, enviariam seus filhos sozinhos para outro país comprometendo o poder de decisão

---

<sup>755</sup> GIRARDET, Raoul. *Mitos e Mitologias Políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 51.

sobre eles? É fundamental, a esse respeito, não perder de vista que, quando os tiraram de Cuba, essa foi uma decisão deles e não do Estado, o que lhes dava a sensação de manutenção de seus direitos. E mesmo se seus filhos não pudessem retornar, poderiam pelo menos esperar juntar-se a eles e reassumir seus papéis após um período de separação. Até onde podiam ver, essa retomada de funções não poderia ocorrer se os menores tivessem ficado na ilha ou se tivessem sido enviados para países comunistas da Europa Oriental, como temiam.

A Revolução em Cuba, certamente, desafiou o estilo de vida privilegiado, os sistemas de valores e, até certo ponto, as crenças religiosas dos cubanos. A instabilidade política que se seguiu ao triunfo do Movimento 26 de Julho gerou uma série de medos fundados e infundados sobre o futuro de todos no país, principalmente da juventude. Todavia, se isso justificou o envio de crianças e adolescentes desacompanhados para enfrentar o subsequente trauma da emigração e o exílio solitário nos Estados Unidos é ainda pauta para reflexão. É possível argumentar, com base em estudo detalhado das fontes, que os pais cubanos, comprometidos com a preservação da família tradicional, começaram a se sentir desconfortáveis na nova Cuba em construção, e eles ficaram temerosos ao ver seus filhos se tornarem as pessoas sobre as quais haviam sido recorrentemente alertados nas rodas políticas, na mídia e nos púlpitos das igrejas.

Esses pais, sobretudo os católicos, estavam inspirados pelos ditames anticomunistas difundidos em toda a ilha pela influência político-cultural dos Estados Unidos, do Vaticano e por suas próprias percepções da realidade com base em suas histórias de vida. Para eles, uma revolução socialista, como a levada a efeito em seu país, era intrinsecamente ruim. Haveria duas opções diante desse cenário: lutar ou fugir. E as razões para a construção de tal imaginário são bem conhecidas: a suposta violação comunista de quatro valores fundamentais para os católicos – a educação, a família, a propriedade privada e a religião. Já que os comunistas seriam supostamente sequestradores das mentes das crianças, contra a hierarquia na família e a favor do divórcio e contrários à autoridade de Deus. Mas, a antipatia cristã pelo comunismo, convém destacar, é muito anterior à revolução bolchevique de 1917, tendo surgido em parte como um contraponto ao problema da secularização e ao desafio da modernização.

Por conseguinte, a “lavagem cerebral”, “sequestro de mentes” ou “doutrinação” era, para os anticomunistas católicos, a maneira pela qual aquele sistema manteria suas populações cativas e se difundiria para além da Europa, com potencial de “contaminar” muitas gerações. Casos sobre a exploração da juventude por países comunistas alimentavam ainda mais essas inquietações. Quaisquer ações do governo em relação à educação eram entendidas como parte

desse processo (inclui-se aqui a campanha de alfabetização, o censo escolar, as organizações estudantis, a nacionalização da educação etc.). E, com efeito, a educação da juventude era central nos planos do governo de criar o "Homem Novo" cubano, o protótipo do cidadão de uma sociedade socialista, a base para a consolidação e perpetuação da Revolução.

Compreendendo o poder dessa transformação, a nacionalização de todo o sistema educacional, incluindo escolas administradas pela Igreja, no prisma do imaginário anticomunismo católico, teria convertido essas instituições em “instrumentos de propaganda do governo” (e, conseqüentemente, do comunismo) e em ambientes de pura doutrinação. Talvez o mais importante nisso tudo tenha sido a crença de muitos à época de que o futuro de suas famílias e de sua nação dependia de como seus filhos eram educados. Todos se tornaram herdeiros do projeto político que afirmava que as mentes das crianças eram os blocos de construção do futuro e, assim sendo, a educação delas era um fator determinante para a política das nações.

A destruição das famílias, por sua vez, era para o anticomunismo uma das principais e mais intoleráveis ameaças da esquerda. Em Cuba, ela começaria, eles temiam, nos *Círculos infantiles*. A pressão consciente do governo para integrar as mulheres na força de trabalho e na vida política inevitavelmente provocou uma reação hostil de elementos socialmente mais conservadores. Antes da Revolução, o conceito de creche acessível para todos era praticamente desconhecido; existiam algumas vinculadas à caridade para crianças de famílias muito pobres, e apenas famílias ricas podiam pagar as taxas do jardim de infância e pré-escola. A campanha da Federação de Mulheres Cubanas (FMC), em apoio a esse novo projeto, até gerou certo entusiasmo, mas a ideia dos círculos tocou em um ponto bastante sensível para os católicos – o papel dos pais de cuidar de seus filhos, protegê-los e educá-los dentro de sua própria ideologia.

Esses estabelecimentos eram encarados pela oposição, portanto, como o primeiro passo e, quiçá, o mais efetivo para doutrinação das crianças, pois elas estariam desde bebês sob a responsabilidade de instituições estaduais, sendo moldadas de acordo com os preceitos da filosofia marxista-leninista. Por meio delas, pensava-se, o governo assumiria a custódia das crianças e as transformaria em ícones comunistas – isto é, espíões da própria família, ateus e essencialmente maus. Os círculos seriam, então, espaços propícios para “envenenar suas almas infantis”.

Tais críticas não estavam isoladas, elas compunham um quadro geral de desencontros ideológicos entre o Estado e a Igreja Católica. Conquanto Fidel Castro e parte da historiografia tenham tentado minimizar a profundidade desses conflitos, eles têm se

prolongado por décadas. Nos anos iniciais, religiosos foram “convidados” a se exilar e manifestações públicas da fé foram desencorajadas. O número de praticantes do catolicismo entrou em declínio acentuado. A participação política dos católicos foi reduzida, eles não podiam compor as fileiras do Partido – o único autorizado a funcionar – e também não participavam da cúpula do poder, com exceção de alguns poucos. Evitava-se ir às missas, ser visto publicamente com clérigos, participar de sacramentos ou demonstrar quaisquer indícios que pudessem suscitar dúvidas sobre a real filiação ideológica do indivíduo. Tudo isso, para os anticomunistas católicos, era o golpe final contra a religião e, para muitos pais, um motivo suficientemente convincente para retirar suas crianças da ilha.

Há, ainda, numerosos estudos com crianças refugiadas reconhecendo o fator “oportunidades percebidas” como causa de separações familiares. Casos em que os pais escolheram poupar seus filhos de “dificuldades” sejam econômicas ou políticas, ou removê-los de “ambientes [que eles] acreditavam ser moralmente prejudiciais”. Com isso, é mais adequado encarar a Operação Pedro Pan ponderando também o aspecto irresistível que a chance de garantir o futuro percebido como melhor para os filhos exercia sobre as famílias.

Sob outra perspectiva, considerar a juventude cubana apenas como vítima inocente das forças ideológicas da Guerra Fria em vez de agente envolvido na política do país se encaixa perfeitamente na narrativa heroica de resgate, mas se distancia da visão de uma juventude inspirada pela nova cultura política e pelos novos valores sociais em difusão na década de sessenta. Muitos desses jovens eram, sim, politicamente ativos, como já demonstrado neste estudo; e muitos deles, inclusive, escolheram ir para os Estados Unidos por conta própria.

Parece plausível, ao final, conjecturar que a decisão dos pais de mandar seus filhos sozinhos para o exterior estava intimamente ligada ao que desejavam também para si mesmos. Eles temiam por suas vidas e pelas deles. O futuro em Cuba parecia, no mínimo, politicamente incerto demais para o tolerarem, e os Estados Unidos pareciam democrático, próspero e seguro. Percepção assegurada pela intensa propaganda com que tiveram contato em todo o período. A construção do imaginário do socialismo ideal em Cuba não aconteceu no mesmo ritmo da natureza arbitrária da mudança após a Revolução, e isso gerou uma atmosfera profunda de incerteza. Para alguns pais, o medo da segurança física de seus filhos adolescentes era real. Muitos estavam envolvidos na clandestinidade e, se capturados, poderiam enfrentar pelotões de fuzilamento ou anos em prisões do Estado. Outros pais temiam mudanças no seio da própria família, particularmente em relação à perda da autoridade. A militarização e a superpolitização da educação e da sociedade em geral também os assustou. E, finalmente, uma vez nos Estados Unidos, a rota para o exílio poderia ser

facilitada para toda a família: os Pedros Pans poderiam ser pontes pelas quais outros membros seguiriam quando possível.

Posto isto, todas as medidas governamentais em relação à criança e à educação eram sementes caindo em solo já bem cultivado pelas críticas anticomunistas dos Estados Unidos, da oposição e do Vaticano. Quando os pais cubanos foram confrontados com a decisão de submeter-se ao Estado – sob um sistema considerado por eles repugnante – ou enviar seus filhos para um local seguro nos Estados Unidos – onde, acreditavam, a liberdade política e religiosa estaria assegurada –, muitos deles optaram por esta última. As crianças e adolescentes seriam mais bem cuidados em um país democrático do que em um estado autoritário, como eles criam ser o cubano.

Claramente, eles podem ter tido noções idealizadas da vida nos Estados Unidos, inspiradas no que consumiam da cultura e mídia desse país. Se o cerne da questão fosse apenas “salvar as crianças do comunismo”, elas poderiam ser enviadas para quaisquer outros países. Isso certamente não aconteceu porque Cuba e os Estados Unidos nutriam laços políticos estreitos de longa data, o que fazia com que quase nenhum outro lugar fosse considerado para a emigração.

Parece difícil para o historiador compreender todas as circunstâncias peculiares e a história única de qualquer indivíduo, que tem sua visão especial da realidade e toma determinadas atitudes em função dela. Não há uma narrativa que possa capturar as complexidades de todas as emoções dos pais e de suas experiências individuais que tenham justificado a escolha por separar suas famílias. Em que pese a história coletiva da operação tenha sido marcada por uma mitologia muito bem guardada, nascida da revolução, perseguição, desilusão e medo, existem tantas histórias quanto crianças Pedros Pans, como observou Maria de Los Angeles Torres.<sup>756</sup> Cada família tem sua percepção sobre o êxodo e, conseqüentemente, sua própria narrativa da operação e da emigração.

O ponto em comum nessas histórias é a utilização dessas crianças e adolescentes como instrumentos do conflito político, ícones da Guerra Fria na América. Em Cuba, foram veículos de construção da nação para a revolução emergente e um meio de garantir a hegemonia ideológica tão necessária contra as investidas dos inimigos tanto externos quanto internos. Nos Estados Unidos, serviram ideologicamente para reforçar a política beligerante de Washington em relação a Cuba. Quando o ex-presidente Donald Trump anunciou, em

---

<sup>756</sup> TRUMP, Donald. *Remarks by President Trump on the Policy of the United States Towards Cuba*. Miami, jun. 16, 2017. Disponível em: <<https://uy.usembassy.gov/remarks-president-trump-policy-united-states-towards-cuba/>>. Acesso em: 18 nov. 2022.

junho de 2017, que estava “cancelando” a política de Cuba de seu antecessor, Barack Obama, fez menção especial à “Operação Peter Pan” como evidência do que ele enfatizou ser a “natureza brutal do regime de Castro”<sup>757</sup>. Ao fazê-lo, estava simplesmente reiterando o que se tornou a visão ortodoxa do projeto de “resgate” nos Estados Unidos: que os organizadores do transporte aéreo simplesmente responderam ao desespero dos pais para impedir a “doutrinação comunista” de seus filhos e “defender” a família sob ameaça do governo.

A Igreja Católica, por sua vez, viu a Operação Pedro Pan como um empreendimento religioso, humanitário e político; uma forma de não apenas “salvaguardar” a herança religiosa desses menores, mas também combater as políticas comunistas de Fidel Castro. Na época, apenas um padre comum, recebeu de seu país autorização para coordenar uma das maiores operações infantis conhecidas até então. Recebendo inclusive carta branca para emitir isenção de visto, algo sem precedentes na história da imigração estadunidense. Cabe indagar, todavia, se essa incomum delegação de responsabilidade tinha função de ocultar, em algum nível, a relação direta de seus superiores e do governo no projeto. Por outro enfoque, a chegada de milhares de católicos cubanos trouxe benefícios enormes para a Igreja Católica no sul da Flórida em termos financeiros.

Já o governo dos Estados Unidos contou com a emigração da ilha para cumprir várias funções: drenar Cuba do capital humano necessário para seu desenvolvimento, desacreditar o projeto revolucionário e estabelecer uma base de apoio e recrutas para o movimento de oposição. A promoção dessa emigração tornou-se política (oficiosa) do Estado, com incentivos e procedimentos especialmente concebidos para esses fins. Inquestionavelmente, a falta de uma cota de imigração ou maiores restrições à entrada de cubanos insatisfeitos nos Estados Unidos estimulou sobremaneira o êxodo. No que concerne aos Pedros Pans, para Washington, a operação serviu como um incentivo para manter os agentes da oposição em Cuba (pois seus filhos estariam seguros em outro país), uma saída rápida e segura para jovens ativistas anti-Castro em risco iminente e parte importante da guerra psicológica que era conduzida contra a Revolução nos Estados Unidos e internacionalmente.

Para tanto, o sigilo da operação fazia-se necessário. As mesmas redes trabalhando no êxodo atuavam em outras atividades clandestinas. Expô-las colocaria em risco todo o movimento de oposição. Essa razão parece ser mais plausível para justificar o sigilo do que a ideia de que o governo cubano poderia impedir a saída das crianças e adolescentes, pois, se assim o fizesse, estaria de fato restringindo os direitos dos pais; e dificilmente cometeria esse

---

757 TORRES, Maria de Los Angeles. *op. cit.*, p. 251.

erro. De mais a mais, manter uma aura de sigilo era “central para a narrativa de fuga”, sugerindo que estavam em perigo imediato. Mitificar a Operação Pedro Pan alimentou não apenas a razão de ser da comunidade do exílio ou o mito de sua criação, mas também lisonjeou a autoimagem dos Estados Unidos como refúgio para aqueles que escapavam da suposta tirania do comunismo.

Uma vez em solo americano, os Pedros Pans foram vistos pelos formuladores de políticas de Washington como potenciais recrutas militares e de inteligência, instrumento de propaganda contra o governo cubano e embaixadores representando uma Cuba alternativa “democrática”. É impossível argumentar, desse modo, que o governo e suas agências, incluindo a CIA, não tinham conhecimento da Operação Pedro Pan ou envolvimento nela, ou que seu propósito era puramente humanitário.

A esperança de atuação deles em uma futura Cuba sem Fidel Castro pode ter sido um importante erro de cálculo do governo estadunidense. Conquanto a emigração das crianças e adolescentes trouxesse algum tipo de prejuízo para o país a longo prazo, a curto prazo, contudo, a saída de tantos descontentes ou oponentes diretos enfraquecia significativamente a dissidência dentro de Cuba, permitindo consolidar o apoio à Revolução e acelerar o ritmo das reformas.

Reconhecer o papel do governo dos Estados Unidos na criação de um clima de medo na Cuba dos anos 1960, ainda que fundamental para a compreensão do contexto histórico de surgimento do êxodo, pode ser interpretado, em certo sentido, como um modo de apagar a autonomia de decisão dos pais dos Pedro Pans; ou, talvez pior, torná-los – segundo a expressão usada por Fidel Castro em alguns de seus discursos – “fantoques enganados pelos ianques”. Muitos Pedros Pans, ao narrarem suas histórias, negaram essa influência, dizendo que nenhum nível de desinformação da guerra da CIA ou de qualquer outra fonte poderia promover uma decisão tão importante. De todo modo, independentemente de quão efetivo tenha sido o nível de persuasão da propaganda, ela certamente foi significativa.

A volta dos Pedros Pans para uma Cuba pós-revolucionária, com efeito, não aconteceu. Alguns retornaram, mas se trata de um número bastante inexpressivo. Muitos deles foram, inclusive, desencorajados pelo próprio Fidel Castro a não deixarem os Estados Unidos, como ocorreu com os “55 *hermanos*”. Quando a Crise dos Mísseis interrompeu todos os voos entre Cuba e os Estados Unidos, em outubro de 1962, vários milhares de Pedros Pans ficaram sozinhos no exterior e muitos tiveram de esperar anos para se reunir com seus pais. Alguns nunca mais os viram. Uma parcela significativa deles sofreu traumas importantes e carrega

cicatrizes emocionais duradouras devido à separação abrupta e, muitas vezes, prolongada de suas famílias.

Essas experiências variaram. A complexidade do relacionamento com o regime político e a família, tanto a natural quanto a adotiva, combinada com as pressões da imigração, perpassou décadas de luta desses indivíduos para sobreviver, educar-se e, finalmente, obter sucesso no exílio. Os maiores fatores para medir a extensão do trauma ou sofrimento foram idade, tipo de lugar onde ficaram, sua localização e a quantidade de tempo separados de seus pais. Para muitos, a experiência começou quando foram informados sobre a viagem para os Estados Unidos. As reações, naturalmente, não foram iguais para todos. A maioria dos menores (assim como seus pais) acreditavam em uma separação curta; o que, em muitos casos, não teve correspondência com a realidade.

A crença de que iam visitar os Estados Unidos por alguns meses para estudar esbarrou numa realidade da qual não possuíam qualquer controle. A maioria sabia que estava sendo mandada embora para escapar da linha de fogo enquanto o destino de Cuba era decidido. Outras entendiam que estavam sendo protegidas da doutrinação comunista forçada. Elas perceberam que seu mundo havia virado de cabeça para baixo. As escolas foram fechadas ou foram ameaçadas de fechar. Muitas viram os negócios dos pais, ou os negócios para os quais trabalhavam, confiscados. Algumas tinham parentes em prisões políticas ou no exílio. O fato de muitas terem sido instruídas a manter sua partida em segredo, não a revelando a amigos, vizinhos e até a parentes, só aumentou a consciência da gravidade da situação. É comum relatos de Pedros Pans dizendo que os colegas simplesmente começaram a “sumir” das aulas.

O mito do exílio feliz e bem-sucedido não se sustenta diante das fontes. Crianças foram enviadas para orfanatos dividindo espaço com delinquentes; outras foram ainda colocadas com pais adotivos abusivos. Quase todas elas, enviadas para um lugar do qual não conheciam a língua ou a cultura. Mesmo aquelas que encontraram famílias amorosas que as receberam estavam sofrendo o trauma da separação de suas próprias famílias. E é justamente no ponto da reunificação com os pais que uma das partes mais difíceis da história da imigração começa.

Quando os pais chegaram, enfrentaram um novo choque cultural, pobreza, barreira linguística e discriminação. Eles se reuniram com filhos em sua maioria americanizados e que haviam perdido o vínculo com eles. O tempo de separação cobrou seu preço, e os pais não encontraram os filhos que enviaram. Em vez disso, muitos se tornaram alienados de sua cultura e ressentidos de seu abandono. Ao contrário das crianças de *La Manzana Perdida*, que

são salvas do comunismo para ter uma vida mais feliz e a promessa de um futuro melhor, as crianças vivenciaram jornadas, não de salvação, mas de perda da infância.

E enquanto enfrentavam uma série de problemas, os organizadores da operação mostraram-se, muitas vezes, mais preocupados com questões ideológicas do que com o bem-estar e proteção das crianças e adolescentes. Não há como avaliar quantos deles foram abusados sexualmente. O abuso não era regra, mas há casos; e todos eles são importantes e precisam ser considerados na construção narrativa dessa história. Os abusos físicos e emocionais aparentemente foram mais prevalentes. Ainda assim, os casos de que se tem conhecimento ilustram como as prioridades governamentais estavam mal colocadas na época.<sup>758</sup> O governo nega envolvimento; a Igreja Católica nega que o abuso tenha acontecido. Quando as crianças reclamavam com seus assistentes sociais, elas eram solicitadas a não contar o que sofreram. Os abusadores eram protegidos e as crianças, mesmo quando comprovadamente corretas, foram solicitadas a permanecer caladas.

Em suma, a Operação Pedro Pan foi um evento complexo para ser tratado apenas como uma questão humanitária. Em vez disso, foi o culminar de uma série de conflitos políticos, econômicos, religiosos e pessoais que levaram as crianças e adolescentes à vanguarda da Guerra Fria. Os pais queriam garantir um futuro melhor ou, pelo menos, mais seguro para seus filhos. A CIA e o governo dos Estados Unidos queriam garantir a eliminação do comunismo. A prioridade do governo cubano era livrar-se dos dissidentes ou descontentes. A Igreja Católica tinha seus próprios interesses tanto ideológicos quanto financeiros. E a operação foi aproveitada por todas essas forças políticas na defesa de suas próprias agendas. O mais difícil de observar, todavia, é que ainda hoje famílias continuam a ser divididas e a viver essa experiência dolorosa, só que dessa vez a ameaça não é a *patria potestad*, mas a continuidade de políticas antiquadas dos dois lados do estreito da Flórida, encorajadas, inclusive, por muitos Pedros Pans.

---

<sup>758</sup> TORRES, Maria de Los Angeles. *op. cit.*, p, 182.

## FONTES

### 1. Fontes Primárias

#### 1.1 - Audições

BAKER, James D. *Memorandum on Preparing Refugees to Contribute to Education for Democracy in Cuba*. In: Hearings before the Subcommittee to investigate problems connected with refugees and escapees of the committee on the judiciary United States Senate. December, 6, 1961.

CARDONA, José Miró. *Statement of Dr. José Miró Cardona, chairman, Cuban revolutionary council, Miami, FLA*. In: Hearings before the Subcommittee to investigate problems connected with refugees and escapees of the committee on the judiciary United States Senate. December, 6, 1961.

CARROLL, Coleman F. *Statement of his excellency the most reverend Coleman F. Carroll, Bishop of the Catholic Diocese of Miami*. In: Hearings before the Subcommittee to investigate problems connected with refugees and escapees of the committee on the judiciary United States Senate. December, 6, 1961.

HALE, Robert. *Testimony of 13 December 1961 to U.S. Senate Subcommittee hearings, Cuban Refugee Problem*. Washington, D.C.: Government Printing Office, 1962.

ROLLASON, Wendell. *Testimony of 7 December 1961 to U.S. Senate subcommittee hearings, Cuban Refugee Problem*. Washington, D.C.: Government Printing Office, 1962, p. 158–59.

#### 1.2 - Cartoons

LOS SECUESTRADORES. Washington, D.C.: Manuscripts Collection, Georgetown University Library, Booth Family Center for Special Collections, no date,

#### 1.3 - Discursos políticos

CASTRO, Fidel. *Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer ministro del gobierno revolucionario, en la clausura de la reunión de coordinadores de cooperativas cañeras, en el teatro de la CTC revolucionaria, el 10 de agosto de 1960*.

CASTRO, Fidel. *Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer ministro del Gobierno Revolucionario, en la magna asamblea popular celebrada por el pueblo de Cuba en la Plaza de la República, el 2 de septiembre de 1960*.

CASTRO, Fidel. *Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer ministro del gobierno revolucionario, en la sede de las Naciones Unidas, Estados Unidos, el 26 de septiembre de 1960*.

CASTRO, Fidel. *Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer ministro del gobierno revolucionario, en el acto clausura de cinco congresos obreros extraordinarios, en el palacio de los deportes, La Habana, el 8 de noviembre de 1960.*

CASTRO, Fidel. *Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer ministro del Gobierno Revolucionario, en la Clausura de la Plenaria Nacional de los Círculos Sociales, efectuada el 16 de diciembre de 1960.*

CASTRO, Fidel. *Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer ministro del gobierno revolucionario, en el desfile efectuado en la plaza cívica, el 2 de enero de 1961.*

CASTRO, Fidel. *Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer ministro del gobierno revolucionario, en el acto de inauguración de la ciudad escolar "Abel Santamaria", donde antes estaba el Cuartel Militar "Leoncio Vidal", en la ciudad de Santa Clara, el 28 de enero de 1961.*

CASTRO, Fidel. *Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer ministro del Gobierno Revolucionario en el acto de recordación a los mártires del asalto al palacio presidencial el 13 de marzo de 1957, celebrado en la escalinata de la Universidad de La Habana, el 13 de marzo de 1961.*

CASTRO, Fidel. *Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer ministro del Gobierno Revolucionario, en el Acto Homenaje al Periódico Revolución, con motivo del premio que le fuera otorgado por la Organización Internacional de Periodistas, efectuado en el Salón de Embajadores del Hotel Habana Libre, el 25 de marzo de 1961.*

CASTRO, Fidel. *Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer ministro del gobierno revolucionario, a los profesionales y técnicos de la construcción, efectuado en la CTC, el 12 de abril de 1961.*

CASTRO, Fidel. *Discurso pronunciado por Fidel Castro Ruz, presidente de la República de Cuba, en las honras fúnebres de las víctimas del bombardeo a distintos puntos de la república, efectuado en 23 y 12, frente al cementerio de Colón, el día 16 de abril de 1961.*

CASTRO, Fidel. *Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer ministro del gobierno revolucionario de Cuba, resumiendo los actos del Día Internacional del Trabajo. Plaza Cívica, 1º de mayo de 1961.*

CASTRO, Fidel. *Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer ministro del gobierno revolucionario, en la graduación de las primeras 800 campesinas en corte y costura, efectuada en el coliseo de la ciudad deportiva, el 31 de julio de 1961.*

CASTRO, Fidel. *Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer ministro del Gobierno Revolucionario, en las conclusiones de la Primera Reunión Nacional de Producción, efectuada en el Teatro "Chaplin", el 28 de agosto de 1961.*

CASTRO, Fidel. *Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer ministro del Gobierno Revolucionario, en el acto de entrega de premios a los ganadores del concurso de canciones populares inspiradas en la Revolución, en el teatro "García Lorca", el 19 de septiembre de 1961.*

CASTRO, Fidel. *Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer ministro del Gobierno Revolucionario, en la graduación de 750 instructores revolucionarios, celebrada en la Escuela de Instructores Revolucionarios "Osvaldo Sánchez", el 20 de septiembre de 1961.*

CASTRO, Fidel. *Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer ministro del Gobierno Revolucionario, en la reunión con los empleados del sector bancario, efectuada en el Teatro Payret, el 2 de octubre de 1961.*

CASTRO, Fidel. *Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer ministro del gobierno revolucionario y primer secretario de las ORI, en el acto de homenaje a las madres de los becados, en Ciudad Libertad, el 13 de mayo de 1962.*

CASTRO, Fidel. *Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer ministro del gobierno revolucionario y primer secretario de las ORI, en el acto de homenaje a las madres de los becados, en Ciudad Libertad, el 13 de mayo de 1962.*

CASTRO, Fidel. *Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, Primer secretario del PURS y primer ministro del Gobierno Revolucionario, ante los miembros del PURS de las provincias de Pinar del Río, La Habana y Matanzas, efectuado en el teatro "Chaplin", el 22 de febrero de 1963.*

CASTRO, Fidel. *Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer secretario del Partido Unido de la Revolución Socialista de Cuba y primer ministro del gobierno revolucionario, resumiendo los actos del v aniversario de los comités de defensa de la revolución, en la concentración efectuada en la Plaza de la Revolución, el 28 de septiembre de 1965.*

CASTRO, Fidel. *Discurso pronunciado por el presidente del Consejo de Estado de la República de Cuba, Fidel Castro Ruz, ante el grupo de niños que custodiaron la Sección de Intereses de Estados Unidos en La Habana, con motivo de la marcha en reclamo del niño Elián González, en el círculo social "José Antonio Echeverría", el 23 de diciembre de 1999, "Año del 40 aniversario del triunfo de la Revolución", enriquecido con algunos detalles adicionales del propio autor.*

CASTRO, Fidel. *Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, Primer secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y primer ministro del Gobierno Revolucionario, en el Estadio Santa Laura, de Santiago de Chile. Chile, 29 de noviembre de 1971.*

CASTRO, Fidel. *Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, primer ministro del Gobierno Revolucionario en el acto de amistad cubano-mozambicana, efectuado en el centro escolar 26 de julio, en Santiago de Cuba, el 11 de octubre de 1977, "Año de la institucionalización".*

CASTRO, Fidel. *Discurso pronunciado por el comandante en jefe Fidel Castro Ruz, primer secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y presidente de los Consejos de Estado y de ministros, en la sesión solemne celebrada en el "Carlos Marx" con motivo del XX Aniversario del triunfo de la Revolución, el 1 de enero de 1979, "Año 20 de la victoria".*

CASTRO, Fidel. *Discurso pronunciado por el presidente del Consejo de Estado de la República de Cuba, Fidel Castro Ruz, ante el grupo de niños que custodiaron la Sección de Intereses de Estados Unidos en La Habana, con motivo de la marcha en reclamo del niño Elián González, en el círculo social "José Antonio Echeverría", el 23 de diciembre de 1999, "Año del 40 aniversario del triunfo de la Revolución", enriquecido con algunos detalles adicionales del propio autor.*

CASTRO, Fidel. *¡Salvemos a Elián! La Habana, 1999.*

CASTRO, Fidel. *Entrevista del presidente del Consejo de Estado de la República de Cuba, Fidel Castro Ruz, efectuada en pabexpo, con la prensa nacional e internacional en la clausura del II Festival Internacional del Habano, el 4 de marzo del 2000.*

CASTRO, Fidel. *Discurso pronunciado por el presidente de la República de Cuba Fidel Castro Ruz, en el acto de graduación de los pioneros de 9no grado de la Secundaria Básica Experimental "José Martí", en el Palacio de las Convenciones, el 23 de julio de 2005.*

CASTRO, Fidel. *La Envidia de Goebbels.* Reflexiones del compañero Fidel. La Habana, junio 11 de 2009.

CHURCHILL, Winston. *The Sinews of Peace ('Iron Curtain Speech')*. Westminster College, Fulton, Missouri, March 5, 1946.

EISENHOWER, Dwight D. *Message to the National Co-Chairmen, Commission on Religious Organizations, National Conference of Christians and Jews.* July 09, 1953.

EISENHOWER, Dwight D. *Statement by the President Upon Signing Bill to Include the Words "Under God" in the Pledge to the Flag.* June 14, 1954.

EISENHOWER, Dwight D. *Address at the Second Assembly of the World Council of Churches, Evanston, Illinois,* August 19, 1954.

KENNEDY, John. *Address at a White House reception for members of congress and for the diplomatic corps of the Latin American Republics, March 13, 1961.*

KENNEDY, John. *Address before The American Society of Newspaper Editors, Washington, D.C., April 20, 1961.*

KENNEDY, John. *Mensagem sobre os Voluntários da Paz,* 1 março 1961. In: *Pensamento e Ação do Presidente Kennedy.* Rio de Janeiro: Record, 1962.

KENNEDY, John. *Primeiro Discurso Presidencial, 20 de janeiro de 1961.* In: *Pensamento e Ação do Presidente Kennedy.* Rio de Janeiro: Record, 1962.

TRUMAN, Harry S. *Address in Columbus at a Conference of the Federal Council of Churches.* March 6, 1946.

TRUMAN, Harry S. *Address to the Washington Pilgrimage of American Churchmen.* September 28, 1951.

TRUMP, Donald. *Remarks by President Trump on the Policy of the United States Towards Cuba.* Miami, June 16, 2017.

#### **1.4 - Documentos Diplomáticos**

BRADDOCK, Daniel M. *Despatch from the Embassy in Cuba to the Department of State.* Havana, February 18, 1959.

BRADDOCK, Daniel M. *Despatch from the Embassy in Cuba to the Department of State.* Havana, December 6, 1960.

BURKE, Admiral Arleigh A. *Letter from the Chief of Naval Operations (Burke) to the Under Secretary of State for Political Affairs (Merchant).* Washington, February 26, 1960.

BUSH, George. *President and Mrs. Bush Congratulate Senator Mel Martinez on Distinguished Career*. Washington, December 2, 2008.

CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY. *Paper Prepared by the Central Intelligence Agency*. Washington, April 1960.

DILLON, C. Douglas. *Memorandum of a Conversation, Department of State*. Washington, November 1, 1960.

EISENHOWER, Dwight D. *Letter from President Eisenhower to Prime Minister Macmillan*. Newport, Rhode Island, July 11, 1960.

JONES, Roger W. *The continuing need for aid to refugees and escapees*. The Department of State Bulletin. Washington, vol. XLV, n. 1149, jul. 3, 1961.

KENT, Sherman. *Memorandum From the Chairman of the Board of National Estimates (Kent) to Director of Central Intelligence Dulles*. Washington, November 3, 1961.

LAY, JR., James S. *Memorandum to the National Security Council by the Executive Secretary (Lay)*. Washington, October 11, 1954.

LAY, JR., James S. *Report to the National Security Council by the Executive Secretary (Lay) top secret NSC 162/2*. Washington, October 30, 1953.

MACMILLAN, Harold. *Letter from Prime Minister Macmillan to President Eisenhower*. London, July 25, 1960.

MANN, Thomas Clifton. *Memorandum from the Assistant Secretary of State for Inter-American Affairs (Mann) to Secretary of State Rusk*. Washington, February 15, 1961.

RAMSEY, Henry C. *Memorandum from Henry C. Ramsey of the Policy Planning Staff to the Assistant Secretary of State for Policy Planning (Smith)*. Washington, February 18, 1960.

ROA, Raúl. *Note from Minister of State Roa to the Ambassador in Cuba (Bonsal)*. Havana, June 15, 1959.

RUBOTTOM, Roy Richard. *Memorandum From the Assistant Secretary of State for Inter-American Affairs (Rubottom) to the Secretary of State*. Foreign Relations of the United States, 1958–1960, Cuba, Volume VI, Document 5.

SCHLESINGER, JR, Arthur. *Memorandum from the President's Special Assistant (Schlesinger) to the Political Warfare Subcommittee of the Cuban Task Force*. Washington, May 8, 1961.

SMITH, Earl E.T. *Despatch from the Ambassador in Cuba (Smith) to the Department of State*. Habana, December 7, 1957. Foreign Relations of the United States, 1955–1957, American Republics: Multilateral; Mexico; Caribbean, Volume VI, Document 306.

SMITH, Earl E.T. *Despatch from the Embassy in Cuba to the Department of State*. Havana, July 24, 1958. Foreign Relations of the United States, 1958–1960, Cuba, Volume VI, Document 110.

SMITH, Earl E.T. *Telegram from the Embassy in Cuba to the Department of State*. Havana, March 16, 1958. Foreign Relations of the United States, 1958–1960, Cuba, Volume VI, Document 38.

SMITH, Earl E. T. *Memorandum from the Assistant Secretary of State for Policy Planning (Smith) to the Secretary of State*. Washington, July 13, 1960. Disponível em: <<https://history.state.gov/historicaldocuments/frus1958-60v06/d555>>. Acesso em 02 ago. 2022.

SMITH, Gerard C., *Memorandum from the Assistant Secretary of State for Policy Planning (Smith) to the Secretary of State*. Washington, July 13, 1960.

STREIBERT, Theodore C. *The Director of the United States Information Agency (Streibert) to the Under Secretary of State (Smith)*. Washington, March 1, 1954.

US DEPARTMENT OF STATES. *Editorial Note*. Foreign Relations of the United States, 1958–1960, Western Europe, Volume VII, Part 2, Document 388.

US DEPARTMENT OF STATE. *Draft Memorandum Prepared in the Office of Middle American Affairs*. Washington, July 25, 1958. Foreign Relations of the United States, 1958–1960, Cuba, Volume VI, Document 112.

U.S. DEPARTMENT OF STATES. 438. *Editorial Note*. Foreign Relations of The United States, 1958–1960, Cuba, Volume VI.

U.S. DEPARTMENT OF STATES. *Paper Prepared by the 5412 Committee*. Washington, March 16, 1960.

U.S. DEPARTMENT OF STATES. 503. *Editorial Note*. Foreign Relations of The United States, 1958–1960, Cuba, Volume VI.

U.S. DEPARTMENT OF STATES. *Memorandum of a Conference, Department of State*. Washington, June 27, 1960.

U.S. DEPARTMENT OF STATES. 549. *Editorial Note*. Foreign Relations of The United States, 1958–1960, Cuba, Volume VI.

U.S. DEPARTMENT OF STATES. *Department of State Briefing Memorandum*. Washington, December 17, 1947.

U.S. DEPARTMENT OF STATES. *National Security Council Directive on Office of Special Projects*. Washington, June 18, 1948.

U.S. DEPARTMENT OF STATES. *National Security Council Directive*. Washington, October 11, 1954

U.S. DEPARTMENT OF STATE. *Paper Prepared by the 5412 Committee*. Washington, March 16, 1960.

U.S. DEPARTMENT OF STATES. *Memorandum for the Record*. Washington, May 5, 1961.

U.S. DEPARTMENT OF STATES. *Record of Actions at the 483d Meeting of the National Security Council*. Washington, May 5, 1961.

## 1.5 - Documentos Eclesiásticos

ROMAN CATHOLIC DIOCESE OF HELENA. *List of priests accused of sexual abuse of a minor*. April 29, 2015.

SECRETARIADO GENERAL DE OBISPOS CATÓLICOS DE CUBA. *La voz de la Iglesia en Cuba: 100 Documentos Episcopales*. Ciudad de México: La Buena Prensa, 1995.

## 1.6 - Encíclicas e Documentos Papais

JOÃO PAULO II. *Discurso do Papa João Paulo II ao novo embaixador da Hungria junto da Santa Sé por ocasião da apresentação das cartas credenciais*. Vaticano, 24 de outubro de 2002.

JOÃO PAULO II. *Homilia do Papa João Paulo II na concelebração eucarística para a proclamação de três novos beatos*. Roma, 15 mar. 1998.

JOÃO PAULO II. *Audiência*. Roma 7 out. 1998.

JOÃO XXIII. *Mater et Magistra*. Roma, 15 mai. 1961.

LEÃO XIII. *Quod Apostolici Muneris*. Rome, dec. 28, 1878.

LEÃO XIII. *Rerum Novarum*. Roma, 15 mai. 1891.

PAULO VI. *Discurso di Paolo VI in memoria del Cardinale Giuseppe Mindszenty*. Roma, 7 mag. 1975.

PIO IX. *Qui pluribus*. Roma, 9 nov. 1846.

PIO XI. *Divinis Redemptoris*. Vaticano, 19 mar. 1937.

PIO XI. *Quadragesimo Anno*. Vaticano, 15 mai. 1931.

PIO XII. *Chirografo di Sua Santità Pio XII All'ecc. Mo Harry S. Truman Presidente degli Stati Uniti D'America\**. Castelgandolfo, 26 ago. 1947.

PIO XII. *Evangelii Praecones*. Roma, 2 jun. 1951.

PIO XII. *Humani Generis*. Roma, 12 ago. 1950.

PIO XII. *Lettera di Sua Santità Pio XII Agli Ecc. Mi Arcivescovi e Vescovi D'ungheria, in segno di protesta contro l'arresto dell'arcivescovo di Strigonia*. Roma, 2 gen. 1949.

PIO XII. *Miranda Prorsus*. Roma, 8 set. 1957.

PIO XII. *Radiomessaggio di Sua Santità Pio XII ai Popoli e ai Governanti*. Roma, 2 mar. 1956.

SUPREMA SACRA CONGREGATIO S. OFFICE. *Decretum*, 1 Iulii 1949. Acta Apostolicae Sedis, Annus XXXX I, Series II, Vol. XV I.

## 1.7 - Entrevistas

STEVENSON, Robert A. Interviewed by: Charles Stuart Kennedy. Initial interview date: September 19, 1989. The Association for Diplomatic Studies and Training Foreign Affairs Oral History Project, p. 25.

## 1.8 - Filmes e Documentários

CINCUENTAICINCO Hermanos. Director: Jesús Díaz. Cuba: Instituto Cubano del Arte e Industria Cinematográficos, 1978, 1 DVD (77 min).

DEL OTRO Lado del Cristal. Direção: Guillermo Centeno, Marina Ochoa, Manuel Pérez, Mercedes Arce. Produção de Santiago Llapur. ICAIC. Cuba, 1995, 1 DVD (54 min).

FIDEL Castro en la mira. Direção: William Hicklin. Produção de Luis del Valle. Miami. Pacha Films, 2016. 1 DVD (45 min).

OPERACIÓN Peter Pan: cerrando el círculo en Cuba. Dirección de Estela Bravo. Cuba: Bravo Films, 2008, 1 DVD (57 min).

THE LOST Apple. Production: David Susskind. Director: Cliff Solway. Estados Unidos: Paramount LTD., 1962, 1 DVD (27 min).

## 1.9 - Leis e Tratados

CUBA. *Constitución Política de 1940*. Camagüey, 1 jul. 1940.

CUBA. *Ley Fundamental de 1959*. La Habana, 7 feb. 1959.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. *Declaração Universal dos Direitos Humanos*. 1948.

ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS AMERICANOS. *Carta da Organização dos Estados Americanos*. Bogotá, 1948.

UNITED OF STATES. *Alien Registration Act of 1940*. Washington, D.C., jun. 28, 1940.

UNITED OF STATES. *National Security Act*, Public Law 235. Washington, D.C., jul. 26, 1947.

UNITED OF STATES OF AMERICA. *Smith-Mundt Act*, Public Law 80-402, 62 Stat. 6. Washington, D.C., jan 27, 1948.

THE UNITED STATES OF AMERICA. *Public Law 165*. Washington, D.C., oct. 10, 1951.

THE UNITED STATES OF AMERICA. *Public Law 87-194*. Washington, D.C., sep. 01, 1961.

THE UNITED STATES OF AMERICA. *Public Law 87-510*. Washington, D.C., jun. 28, 1962.

THE UNITED STATES OF AMERICA. *Public Law 89-732*. Washington, D.C., nov. 2, 1966.

THE UNITED STATES. *The Cuban Adjustment Act*, Public Law 89-732. Washington, D.C., 1966.

THE UNITED STATES OF AMERICA. *Immigration and Nationality Act*. Washington, D.C., jun. 27, 1952.

TRATADO INTERAMERICANO DE ASSISTÊNCIA RECÍPROCA. Rio de Janeiro, 1948.

UNITED NATIONS. *Charter of The United Nations and Statute of the International Court of Justice*. San Francisco, 1945.

UNITED NATIONS. *Manual VI: methods of measuring internal migration. Population studies*. New York, Department of Economic and Social Affairs, n. 47, 1970.

### 1.10 - Músicas

CHIRINO, Willy. *Memorandum para un Tirano*. Miami: Sony Discos, Inc., 1993.

CHIRINO, Willy. *Nuestro Día (Ya Viene Llegando)*. Miami: Sony Music Latin, 1991.

### 1.11 - Periódicos

*America*. New York, feb. 26, 1966.

*Billboard*. New York, apr. 28, 2001.

*Billboard*. New York, dec. 18, 2014.

*Bohemia*. La Habana, 22 mar. 1959.

*Bohemia*. La Habana, 5 abr. 1959.

*Bohemia*. La Habana, 14 feb. 1960.

*Bohemia*. La Habana, 28 feb. 1960.

*Bohemia*. La Habana, 3 jul. 1960.

*Bohemia*. La Habana, 2 oct. 1960.

*Bohemia*. La Habana, 16 oct. 1960.

*Bohemia*. La Habana, 27 nov. 1960.

*Bohemia*. La Habana, 8 ene. 1961

*Bohemia*. La Habana, 22 ene. 1961.

*Bohemia*, La Habana, 30 abr. 1961.

*Bohemia*, La Habana, 14 may. 1961.

*Bohemia*. La Habana, 13 ago. 1961.

*Bohemia*. La Habana, 1 oct. 1961.

*Bohemia*. La Habana, 19 nov. 1961.

*Bohemia*. La Habana, 27 abr. 1962.

*Bohemia Libre*. Caracas, 5 feb. 1961.

*Children 10*, n. 1, 1963.

*Christian Century*. Chicago, vol. 14 n. 79, April 4, 1962.

*Cuban Studies Institute*. Florida: may 26, 1988.

*Diario de la Marina*. La Habana, 10 ago. 1957.

*Diario de la Marina*. La Habana, 25 sep. 1958.

*Diario de la Marina*. La Habana, 27 dec. 1958.

*Diario de la Marina*. La Habana, 7 ene. 1959.

*Diario de la Marina*. La Habana, 15 abr. 1959.

*Diario de la Marina*. La Habana, 6 feb. 1960.

*Diario de la Marina*. La Habana, 19 feb. 1960.

*Diario de la Marina*. La Habana, 30 abr. 1960.

*Diario de las Américas*. Miami, 09 nov. 1990.

*El Nuevo Herald*. Miami, jan. 10, 1996.

*El Nuevo Herald*. Doral, may 14, 1985.

*El País*. Havana, 19 abr. 2018.

*Folha de São Paulo*. São Paulo, 31.mar. 2000.

*Folha de São Paulo*. São Paulo, 13 abr. 2000.

*Folha de São Paulo*. São Paulo, 26 abr. 2000.

*Folha de São Paulo*, 27 abr. 2000.

*Folha de São Paulo*. São Paulo, 20 set. 1961.

*La Prensa*. San Diego, dec. 14, 2012.

*Los Angeles Times*. Los Angeles, may 18, 1961.

*Miami Herald*. Miami, dec. 18, 1994.

*Miami Herald*. Miami, mar. 8, 1962.

*Miami Herald*. Miami, mar. 9, 1962.

*Miami Herald* (street edition). Miami, mar. 18, 1962.

*Miami Herald*. Miami, aug. 27, 1962.

*Miami Herald*. Miami, feb. 28, 1978.

*Miami Herald*. Miami, may 7, 1995.

*Miami Herald*. Miami, dec. 4, 2000.

*Miami Herald*. Miami, sep. 14, 2009.

*Miami Herald*. Miami, jun. 15, 2015.

*Miami Herald*. Miami, nov. 26, 2016.

- Newsweek*. Nova York, apr. 3, 1961.
- O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 7 set. 1961.
- O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 20 set. 1961.
- O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 10 mar. 1962.
- O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 15 out. 1963.
- O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 13 jan. 1998.
- O Estado de S. Paulo*. São Paulo, 13 jan. 1998.
- Revolución*. La Habana, 2 mar. 1959.
- Revolución*. La Habana, 2 mar. 1961.
- Revolución*. La Habana, 12 sep. 1961.
- Revolución*. La Habana, 13 sep. 1961.
- Revolución*. La Habana, 19 sep. 1961.
- Revolución*. La Habana, 23 set. 1961.
- Tallahassee Democrat*. Tallahassee, may 27, 1962.
- The Evansville Courier & Press*. Evansville, mar. 10, 1962.]
- The Guardian*. Londres, jan. 25, 2000.
- The Miami News*. Miami, feb. 18, 1962.
- The New York Times*. New York, jun. 8, 1960.
- The New York Times*. New York, jan. 5, 1961.
- The New York Times*. New York, feb. 4, 1961.
- The New York Times*. New York, mar. 9, 1961.
- The New York Times*, New York, mar. 20, 1961.
- The New York Times*. New York, apr. 5, 1961.
- The New York Times*. New York, apr. 9, 1961.
- The New York Times*. New York, jun. 12, 1961.
- The New York Times*. New York, sep. 17, 1961.
- The New York Times*. New York, mar. 8, 1962.
- The New York Times*. New York, mar. 10, 1962.
- The New York Times*. New York, apr. 12, 1962.
- The New York Times*. New York, may 26, 1962.
- The New York Times*. New York, may 27, 1962.
- The New York Times*. New York, oct. 4, 1965.

- The New York Times*. New York, nov. 7, 1965.
- The New York Times*. New York, dec. 2, 1965.
- The New York Times*. New York, jul. 27, 1977.
- The New York Times*. New York, feb. 12, 1988.
- The New York Times*. New York, jan. 12, 2017.
- The Newsmaking Travel Magazine*. Miami, 1973.
- The Register-Guard*. Oregon, sep. 28, 1978.
- The Steubenville Register*. Ohio, mar. 22, 1962.
- The Washington Post*. Washington D.C., jan. 26, 1998.
- The Washington Post*. Washington D.C., apr. 29, 2000.
- The Washington Post*. Washington, D.C: apr. 18, 2013.
- Time*. New York, jun. 20, 1960.
- Time*, Nova York, nov. 14, 1960.
- Time*. Miami, nov. 15, 2004.
- Time*. Nova York, 6 oct. 1961.
- Time*. Miami, nov. 04, 2009.
- Time*. New York, jan. 12, 2018.
- U.S. News and World Report*. New York, 17 apr. 1961.
- U.S. News and World Report*. New York, 19 feb. 1962.
- Voice*. Miami, 03 mar. 1978.

### 1.12 - Periódicos Online

- ANA Mendieta. *Art News*. June 20, 2013. Disponível em: <<https://www.artnews.com/art-in-america/features/ana-mendieta-56737/>>. Acesso em 23 out. 2022.
- BUSH, George. Gore Weigh in on Elian. *CBS News*. March 23, 2000. Disponível em: <<https://www.cbsnews.com/news/bush-gore-weigh-in-on-elian/>>. Acesso em: 2 mar. 2023.
- CRAWFORD, Marisa. Crying for Ana Mendieta at the Carl Andre Retrospective. *Hyperallergic*. March 10, 2015. Disponível em: <<https://hyperallergic.com/189315/crying-for-ana-mendieta-at-the-carl-andre-retrospective/>>. Acesso em 23 out. 2022.
- DIAZ, Daniella. How does the Cuban vote stack up in Florida?. *CNN*. Miami, Florida, march 15, 2016. Disponível em: <<http://edition.cnn.com/2016/03/15/politics/florida-primary-cuban-latino-voters-marco-rubio/>>. Acesso em 19out. 2022.

ELIÁN Gonzalez's Principal, Demetrio Perez, Jr. President of the Lincoln-Martí Schools, will speak in New Jersey. *Cubanet*. Miami, 20 jan. 2000. Disponível em: <<https://www.cubanet.org/htdocs/CNews/y00/jan00/20e8.htm>>. Acesso em 19 out. 2022.

EXILIADO cubano Demetrio Pérez Jr. escribe un elogio a la perseverancia. *Radio Televisión Martí*. Miami, 11 sep. 2015. Disponível em: <<https://www.radiotelevisionmarti.com/a/exilio-demetrio-perez-publica-memorias-miami-/104133.html/>>. Acesso em 19 out. 2022.

O CASO do menino Elián prejudica democratas. *Folha Online*. 30 de março de 2000. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fol/inter/ult30032000275.htm>>. Acesso em: 2 mar. 2023.

MARTINEZ, Mel. In: ORR, Jimmy. *Florida Senator Mel Martinez says "No" to second term*. *The Christian Science Monitor*. December 2, 2008. Disponível em: <<https://www.csmonitor.com/USA/Politics/The-Vote/2008/1202/florida-senator-mel-martinez-says-no-to-second-term>>. Acesso em: 18 out. 2022.

SANCHEZ, Yoani. Cuba Removes Artists Such as Celia Cruz and Gloria Estefan from the Blacklist. *The Huffington Post*. Disponível em: <[http://www.huffingtonpost.com/yoani-sanchez/cuba-removes-artists-such\\_b\\_1765658.html](http://www.huffingtonpost.com/yoani-sanchez/cuba-removes-artists-such_b_1765658.html)>. Acesso em 19 out. 2022.

STEINHAUER, Jillian. Artists Protest Carl Andre Retrospective with Blood Outside of Dia:Chelsea. *Hyperallergic*. May 20, 2014. Disponível em: <<https://hyperallergic.com/127500/artists-protest-carl-andre-retrospective-with-blood-outside-of-diachelsea/>>. Acesso em 23 out. 2022.

### 1.13 - Processos judiciais

JUDICIAL CIRCUIT IN AND FOR MIAMI-DADE COUNTY, FLORIDA. Case nº. 0514163 CA 27, JUN. 13, 2006.

### 1.14 - Testemunhos

ABELLO, Alfredo. *Miami Herald*. Miami, jun. 4, 2009.

ACOSTA, Humberto. *Miami Herald*. Miami, may 17, 2009.

AGUILAR, Sarah. *Miami Herald*. Miami, nov. 18, 2009.

ALEMANY, Guillermo. *Miami Herald*. Miami, jan. 11, 2011.

ARIAS, Cesar. *Miami Herald*. Miami, jul. 23, 2009.

ALVAREZ, Irma. *Miami Herald*. Miami, may 19, 2009.

CASTRO, Fabiola. *Miami Herald*. Miami, sep. 23, 2010.

CARRATALÁ, Rita. *Miami Herald*. Miami, jul. 10, 2009.

DEBRAS, Gustavo. *Miami Herald*. Miami, apr. 10, 2012.

DELGADO, Herminio. *Miami Herald*. Miami, jun., 25, 2009.

ENRIQUES, Ana Maria. *Miami Herald*. Miami, may 17, 2009.

ESCRIBANO, Mercedes. *Miami Herald*. Miami, oct. 29, 2008.

FERNANDEZ, Andres. *Miami Herald*. Miami, jul. 10, 2009.

FERNANDEZ, Maria C. D. *Miami Herald*. Miami, dec. 15, 2009.

FERNANDEZ, Onelia. *Miami Herald*. Miami, may 22, 2009.

FLEITES, Gladys. *Miami Herald*. Miami, aug. 26, 2009.

FORS, Adolfo. *Miami Herald*. Miami, jun. 4, 2010.

GAVARITO, Ana. *Miami Herald*. Miami, apr. 25, 2013.

GIL, Rafael. *Miami Herald*. Miami, jun. 12, 2009.

GONZÁLEZ, Jorge. *Miami Herald*. Miami, may 17, 2009.

GUARDADO, Jose. *Miami Herald*. Miami, jun. 7, 2009.

GUERRA, Francisco. *Miami Herald*. Miami, jun. 11, 2009.

HERNANDEZ, Alejo. *Miami Herald*. Miami, may 25, 2009.

JORCANO, Demetrio. *Miami Herald*. Miami, may 20, 2009.

LEYVA, Juan. *Miami Herald*. Miami, jun. 6, 2010.

MARTINEZ, Elia. *Miami Herald*. Miami, jul. 6, 2010.

MARTINEZ, Carlos. *Miami Herald*. Miami, jul. 16, 2012.

MARTÍNEZ, Lilian. *Miami Herald*. Miami, jun. 04, 2010.

MATAMARA, Jesus. *Miami Herald*. Miami, may 20, 2010.

MEDEROS, Armando. *Miami Herald*. Miami, may 17, 2009.

MURO, Dario. *Miami Herald*. Miami, feb. 28, 2011.

OLIVEIRA, Enrique Llanio. *Miami Herald*. Miami, oct. 12, 2014.

PEREZ-CAPON, Manuel. *Miami Herald*. Miami, nov. 13, 2011.

PRATS, Elia. *Miami Herald*. Miami, jul. 6, 2010.

RAMON, Roberto. *Miami Herald*. Miami, apr. 25, 2013.

RIVERO, Alicia. *Miami Herald*. Miami, aug. 24, 2009.

ROQUE, Abelardo. *Miami Herald*. Miami, jun. 04, 2014.

SABIDO, Alejandro. *Miami Herald*. Miami, aug., 02, 2014.

SILVA, Armando. *Miami Herald*. Miami, aug., 23, 2009.

SORI, José. *Miami Herald*. Miami, jun. 24, 2010.

TORRES, David. *Miami Herald*. Miami, may 18, 2009.

VAZQUEZ, Antonio. *Miami Herald*. Miami, oct. 20, 2009.

VIDAL, Teresita. *Miami Herald*. Miami, may 18, 2009.

## BIBLIOGRAFIA

### 1.1 - Livros

- ANDERSON, Jon Lee. *Che Guevara: uma biografia*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.
- ARES, Guillermina. *Alfabetización en Cuba: historia y testimonios*. La Habana: Política, 2000.
- BACEVICH, Andrew. *The Limits of Power: The End of American Exceptionalism*. New York: Metropolitan Books, 2008.
- BACH, Robert; PORTES, Alejandro. *Latin Journey: Cuban and Mexican Immigrants in the United States*. Berkeley: University of California Press, 1985.
- BARRIE, James, M. *Peter Pan*. Rio de Janeiro: Salamandra, 2006.
- BATISTA, Fulgencio. *The Growth and Decline of the Cuban Republic*. New York: The Devin-Adair Company, 1964.
- BETTO, Frei. *Fidel e a Religião: conversas com Frei Betto*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BOBBIO, Norberto (Org.) *Diccionario de política*. Brasília: UnB, 1986.
- BOBBIO, Norberto. *Liberalismo e democracia*. São Paulo: Edipro, 2017.
- BON TEMPO, Carl J. *Americans at the gate: The United States and refugees during the Cold War*. New Jersey: Princeton University, 2008.
- BOORSTEIN, Edward. *The economic transformation of Cuba*. New York: Monthly Review, 1969.
- BOORSTIN, Daniel J. *The Genius of American Politics*. Chicago: University of Chicago, 1953.
- BORRAT, Héctor. *El periódico, actor político*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1989.
- BRAVO, Estela; GÓMEZ, Olga Rosa (eds.), *Operación Peter Pan: cerrando el círculo en Cuba*. Havana: Casa de las Américas, 2013.
- BRETALL, Robert W.; KEGLEY, Charles W. Kegley (eds.). *Reinhold Niebuhr: His Religious, Social, and Political Thought*. New York: Macmillan, 1956.
- BRUGAT, Dolores. *Los niños de Morelia: un estudio sobre los primeros refugiados españoles en México*. México, D. F.: Instituto Nacional de Antropología e Historia, 1999.
- CABRAL, José Maria. *A Igreja e o Marxismo*. São Paulo: Panorama, 1949.
- CALVO, Hernando; DECLERCQ, Katlijn. *Cuban Exile Movement: Dissidents or Mercenaries?*. Melbourne: Ocean, 1999.
- CARTY, Thomas J. *A catholic in The White House?: Religion, Politics, and John F. Kennedy's Presidential Campaign*. New York: Palgrave Macmillan, 2004.
- CASAVANTES BRADFORD, Anita. *The Revolution Is for the Children: The Politics of Childhood in Havana and Miami, 1959–1962*. Chapel Hill: University of North Carolina, 2014.

- CASTLES, Stephen; MARK, Miller. *La era de la migración: Movimientos internacionales de población en el mundo moderno*. México: Porrúa, 2004.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural. Entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.
- CLARK, Juan; LASAGA, Jose; REQUE, Rose. *The 1980 Mariel Exodus: An Assessment and Prospect*, Washinton, D.C.: Council for InterAmerican Security, 1981.
- CONDE, Yvonne M. *Operation Pedro Pan: The Untold Exodus of 14,048 Cuban Children*. New York: Routledge, 1999.
- COONEY, John. *The American Pope: The Life and the Times of Francis Cardinal Spellman*. New York: Time Books, 1984.
- CORTÉS, Carlos E. *Cuban refugee programs*. New York: Arno, 1980.
- CRESPO, Ramón; MARRAWI, José. *Operación Peter Pan: un caso de guerra psicológica contra Cuba*. La Habana: Editora Política, 2000.
- DALLEK, Robert. *Nixon and Kissinger: partners in power*. New York: Haper Collins, 2007.
- DE LA CAMPA, Román. *Cuba on My Mind: Journeys to a Severed Nation*. London: Verso, 2000.
- DE LA CUESTA, Leonel, Autario; HERRERA, María Cristina. *Razón y pasión: Veinticinco años de estudios cubanos*. Miami: Universal, 1996.
- DE LA TORRE, Miguel A. *La Lucha for Cuba: Religion and Politics on the streets of Miami*. Berkeley: University of California, 2003.
- DEWART, Leslie. *Cuba, Church, and Crisis*. London: Sheed and Ward, 1964.
- DIZARD, Wilson P. *The Strategy of Truth: The Story of the U.S. Information Service*. Washington, D.C.: Public Affairs, 1961.
- DOMINGUEZ, Jorge. *La política exterior de Cuba (1962-2009)*. Madrid: Colibrí, 2009.
- DONOHUE, Kathleen G. *Liberty and justice for all?: rethinking politics in Cold War America*. Amherst: University of Massachusetts, 2012.
- DOSSE, François. *Renascimento do acontecimento*. São Paulo: Unesp, 2013.
- DUBINSKY, Karen. *Babies without Borders: Adoption and Migration across the Americas*. Canada: University of Toronto, 2010.
- DUANY, Jorge. *Blurred Borders: Transnational Migration between the Hispanic Caribbean and the United States*. Chapel Hill: University of North Carolina, 2011.
- DUROSELLE, Jean-Baptiste. *Todo império perecerá*. Brasília: Universidade de Brasília, 1992.
- EAGLETON, Terry. *Ideologia: uma introdução*. São Paulo: Boitempo, 1997.
- ELLISTON, Jon, (ed). *Psywar on Cuba: The Declassified History of U.S. Anti-Castro Propaganda*. Melbourne: Ocean, 1999.
- ELLUL, Jacques. *The Political Illusion*. New York: Alfred A. Knopf, 1967.

- ESPACH, Ralph; TULCHIN, Joseph. *América Latina en el Nuevo Sistema Internacional*. Barcelona: Bellaterra, 2004.
- FAGEN, Richard R. et al. *Cubans in Exile: Disaffection and the Revolution*. Stanford: Stanford University, 1968.
- FERNÁNDEZ, Manuel. *Religión y Revolución en Cuba: Veinticinco años de lucha ateísta*. Miami: Saeta, 1984.
- FERRELL, Robert. *The Eisenhower Diaries*. Nova York: W. W. Norton & Company, 1981.
- FRANQUI, Carlos. *Retrato de Família com Fidel*. Rio de Janeiro: Record, 1981.
- FURET, François. *O passado de uma Ilusão: ensaios sobre a ideia comunista no século XX*. São Paulo: Siciliano, 1995.
- GALLAGHER, Charles R. *Vatican Secret Diplomacy: Joseph P. Hurley and Pope Pius XII*. New Haven: Yale University, 2008.
- GAY, Kathlyn. *Leaving Cuba: From Operation Pedro Pan to Elian*. Brookfield, Connecticut: Twenty-First Century Books, 2000.
- GIRARDET, Raoul. *Mitos e Mitologias Políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- GLEASON, Philip. *Keeping the Faith: American Catholicism Past and Present*. Notre Dame: University of Notre Dame, 1987.
- GOTT, Richard. *Cuba: uma nova história*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- GRAU, Ramón; VALERIE, Ridderhoff. *Cuba desde 1930*. Madrid: Aguilar, 1997.
- GRUPO DE TRABAJO MEMORIA, VERDAD Y JUSTICIA. *Cuba, la reconciliación nacional*. Miami: University Park, 2003.
- GUERRA, Lillian. *Visions of Power in Cuba: Revolution, Redemption, and Resistance, 1959–1971*. Chapel Hill: University of North Carolina, 2012.
- HAILLE, Pennington. *Raízes Filosóficas da Democracia e do Comunismo*. Rio de Janeiro: Presença, 1966.
- HART, D. G. *American Catholic: the politics of faith during the Cold War*. Ithaca: Cornell University, 2020.
- HARTZ, Louis. *The Liberal Tradition in America: An Interpretation of American Political Thought since the Revolution*. New York: Harcourt, Brace, 1955.
- HAYNES, John Earl. *Red Scare or Red Menace?: American Communism and Anticommunism in The Cold War Era*. Chicago: Ivan R. Dee, 1996.
- HENNESEY, James. *American Catholics: a history of the Roman Catholic Community in the United States*. New York: Oxford University, 1981.
- HOFSTADTER, Richard. *The Paranoid Style of American Politics and Other Essays*. Chicago: University of Chicago, 1965.
- HUGHES, Emmet John. *The Ordeal of Power: a political memoir of the Eisenhower years*. New York: Antheneum, 1963.

- INBODEN, William. *Religion and American Foreign Policy (1945-1960): the soul of containment*. Cambridge: Cambridge University, 2008.
- KIRBY, Dianne (ed.). *Religion and Cold War*. New York: Palgrave Macmillan, 2003.
- KIRK, John M. *Between God and the Party: Religion and Politics in Revolutionary Cuba*. Tampa: University of South Florida, 1989.
- KOLAKOWSKI, Leszek. *O espírito revolucionário. Marxismo – utopia e antiutopia*. Brasília: Universidade de Brasília, 1985.
- KOSELLECK, Reinhart. *Histórias de Conceitos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2020.
- LEFFLER, Melvyn P.; WESTAD, Odd Arne. *The Cambridge History of The Cold War. Volume II Crises and Détente*. Cambridge: Cambridge University, 2010.
- LEINER, Marvin. *Children are the Revolution: Day Care in Cuba*. Harmondsworth: Penguin Books, 1978.
- LENIN, V. I. *Socialism and Religion*. Moscow: Foreign Languages Publishing House, 1954.
- LIPPMANN, Walter. *Opinião Pública*. Petrópolis: Vozes, 2010.
- LÓPEZ VIGIL, María. *Cuba: Neither Heaven nor Hell*. Washington, D.C.: EPICA, 1999.
- LUXEMBURGO, Rosa. O Socialismo e as Igrejas: o Comunismo dos Primeiros Cristãos. *Marxismo Vivo*. São Paulo, n. 11, p. 111-124, 2005.
- MACHADO, Eduardo. *Havana is Waiting and Other Plays*. New York: Theatre Communications Group, 2011.
- MARRAWI, José Buajasán; MÉNDEZ, José Luis Méndez. *La República de Miami*. La Habana: Ciencias Sociales, 2005.
- MASUD-PILOTO, Felix. *With Open Arms: Cuban Migration to the United States*. Totowa, NJ: Rowman and Littlefield, 1988.
- MASUD-PILOTO, Roberto. *From Welcomed Exiles to Illegal Immigrants: Cuban Migration to the U.S., 1959–1995*. Lanham, MD: Rowman and Littlefield, 1996.
- MASVIDAL, Eduardo Boza. *Voz en el destierro*. Miami: Ideal, 1976.
- MEDRANO, Mignon. *Todo lo dieron por Cuba*. Miami: Cuban American National Foundation, 1995.
- MESA-LAGO, Carmelo, ed., *Revolutionary Change in Cuba*. Pittsburgh: University of Pittsburgh, 1971.
- MICKELSON, Roslyn Arlin (ed.). *Children on the Streets of the Americas: Homelessness, Education, and Globalization in the United States, Brazil, and Cuba*. London: Routledge, 2000.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. Niterói: Eduff, 2020.
- NIEBUHR, Reinhold. *The Irony of American History*. New York: Charles Scribner's Sons, 1962.

- OSGOOD, Kenneth. *Total Cold War Eisenhower's Secret Propaganda Battle at Home and Abroad*. Lawrence: University of Kansas, 2006.
- PARRY-GILES, Shawn J. *The Rhetorical Presidency, Propaganda, and the Cold War, 1945–1955*. Westport: Praeger, 2002.
- PECEQUILO, Cristina Soreanu. *A política externa dos Estados Unidos*. Porto Alegre: UFRGS, 2003.
- PECEQUILO, Cristina Soreanu. *Introdução às relações internacionais: temas, atores e visões*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- PFEIFFER, Jack B. *Official History of the Bay of Pigs Operation*. Washington: CIA, FOIA Collection, 1979.
- PHAYER, Michael. *The Catholic Church and the Holocaust, 1930-1965*. Bloomington: Indiana University, 2000.
- PHILLIPS, David Atlee. *The Night Watch*. New York: Atheneum, 1977.
- PIERARD, Richard V.; LINDER, Robert D. *Civil Religion and the Presidency*. Grand Rapids: Academie Books 1988.
- POLLARD, John. *The papacy in the age of totalitarianism 1914-1958*. New York: Oxford University, 2014.
- PORTELLI, Alessandro. *The Death of Luigi Trastulli and Other Stories: Form and Meaning in Oral History*. New York: State University of New York, 1991.
- POWERS, Richard Gid. *Not without honor: The History of American Anticommunism*. New York: The Free, 1995.
- QUESADA, Ricardo A. *Cuba y su Democracia*. Cuba: Editorial de Ciencias Sociales, 2004.
- RANA, Aziz. *The two faces of American freedom*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University, 2010.
- RANZATO, Gabriele. *The Spanish civil war*. New York: Interlink, 1999.
- RESSLER, Everett; BOOTHBY, Neil; STEINBOCK, Daniel. *Unaccompanied Children: care a protection in wars, natural disasters, and refugee movements*. New York: Oxford University, 1988.
- RODEGHERO, Carla Simone. *O diabo é vermelho: imaginário anticomunista e Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1945-1964)*. Passo Fundo: UPF, 2003.
- ROGG, Eleanor. *The Assimilation of Cuban Exiles: The Role of Community and Class*. New York: Aberdeen, 1974.
- ROONEY, Francis. *The Global Vatican: an inside look at the Catholic Church, world politics, and the extraordinary relationship between the United States and the Holy See*. Lanham, Maryland: Rowman & Littlefield, 2013.
- RUST, Leandro Duarte. *Mitos Papais: política e imaginação na História*. Petrópolis: Vozes, 2015.
- RYN, Claes G. *America the Virtuous: The Crisis of Democracy and the Quest for Empire*. London: Routledge, 2010.

- SARLO, Beatriz (org). *La batalla de las ideas (1943-1973)*. Buenos Aires: Ariel Historia, 2001.
- SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SARTRE, Jean-Paul. *Sartre on Cuba*. New York: Ballantine Books, 1961.
- SCHLESINGER JR, Arthur M. *The Vital Center: the politics of freedom*. New York: Routledge, 2017.
- SCHWARZ, Fred. *Você pode confiar nos comunistas (...eles são comunistas mesmo!)*. São Paulo: Dominus, 1963.
- SHNOOKAL, Deborah. *Operation Pedro Pan and the Exodus of Cuba's Children*. Gainesville: University of Florida, 2020.
- SORENSEN, Theodore C. *The Kennedy Legacy*. New York: Macmillan Pub Co, 1993.
- STEINBERG, Charles S. (org). *Meios de Comunicação de Massa*. São Paulo: Cultrix, 1972.
- STRAMER, Janicke. *U.S. Foreign Policy and Religion during The Cold War and The War on Terror: a study of how Harry S. Truman and George W. Bush administrations procured public support for warfare*. New York: The Edwin Mellen, 2012.
- SZULC, Tad. *Fidel: um retrato crítico*. São Paulo: Best Seller, 1987.
- TEITELBAUM, Michael S. WEINER, Myron (eds.). *Threatened peoples, threatened borders: world migration and U.S. policy*. New York: W. W. Norton, 1995.
- TOCQUEVILLE, Alexis de. *Democracy in America*. New York: Doubleday, 1969.
- TORRES, Maria de Los Angeles. *The Lost Apple: Operation Pedro Pan, Cuban Children in the U.S., and the promise of a better future*. Boston: Beacon, 2003.
- TRIAY, Victor Andres. *Fleeing Castro: Operation Pedro Pan and the Cuban Children's Program*. Gainesville: University of Florida, 1998.
- TRUEBLOOD, Elton. *Declaration of Freedom*. New York: Harper and Brothers, 1955.
- TRUMAN, Harry S. *Mr. Citizen*. New York: Bernard Geis Associates, 1953.
- URÍA, Ignacio. *Iglesia y Revolución en Cuba: Enrique Pérez Serantes (1883-1968), el obispo que salvó a Fidel Castro*. Madrid: Encuentro, 2011.
- VECIANA, Antonio. *Treinado para matar: os planos da CIA para eliminar Castro, Kennedy e Che*. São Paulo: Seoman, 2018.
- VEGA, Armando Navarro. *Cuba, el socialismo y sus éxodos*. Madrid: PalibrioSpain, 2013.
- VIGIL, A.; MARÍN, E; MARTELL, R. *Los Niños de España en la Unión Soviética; de la evacuación al retorno, 1937-1999*. Madrid: Fundación Francisco Largo Caballero, 1999.

## 1.2 - Artigos

AJA DÍAZ, Antonio. La emigración cubana hacia Estados Unidos a la luz de su política inmigratoria. *CEMI, Centro de Estudios de Migraciones Internacionales*. Disponível em: <<http://biblioteca.clacso.edu.ar/Cuba/cemi-uh/20120821035541/laemig.pdf>>. Acesso em: 06 set. 2022.

ALONSO, Aurelio. A Igreja católica, a política e a sociedade. *Estudos Avançados*. São Paulo, vol. 25 n.º. 72, p. 107-115, May/Aug. 2011, p. 108.

BARROSO, Louders de Urrutia. Aproximación a un análisis del processo migratorio cubano. *Papers*, n. 52, p. 49-56, 1992.

CRESPO, Ramón Torreira. *La Iglesia Católica en la primera oleada migratoria cubana*. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/cuba/cips/caudales06/fscommand/51T13.pdf>>. Acesso em: 26 nov. 2017.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. *Projeto História*, São Paulo, n.º 35, dez. 2007, p. 258.

HENDERSON, Michael. The evacuation of British children to North America in World War II. Children in War. *The International Journal of Evacuee and War Child Studies*. Disponível em: <[https://www.michaelhenderson.org.uk/sites/mh.iofc.org/files/media/document/3h/3-henderson\\_evacuation\\_article.pdf](https://www.michaelhenderson.org.uk/sites/mh.iofc.org/files/media/document/3h/3-henderson_evacuation_article.pdf)>. Acesso em 29 nov. 2018.

HERNÁNDEZ, Rafael. La política de los Estados Unidos hacia Cuba y la cuestión de la migración. *Cuadernos de Nuestra América*. La Habana, n. 2, v. 3, p. 75-100, 1985.

KIRBY, Dianne. *The Roots of the Religious Cold War: Pre-Cold War Factors*. Disponível em: <<https://www.mdpi.com/2076-0760/7/4/56/htm>>. Acesso em 23 jan. 2023.

MARTÍNEZ, Miriam. El proceso migratorio cubano hacia Estados Unidos: antecedentes, actualidad y perspectivas ante posibles escenarios. *CEMI, Centro de Estudios de Migraciones Internacionales*. Disponível em: <<http://biblioteca.clacso.edu.ar/libros/cuba/cemi/procmig.pdf>>. Acesso em: 06 set. 2022.

MEAD, Walter Russell. God's Country? *Foreign Affairs* 85/5, p. 24–43, sep/oct 2006.

RÜSEN, Jörn. Narratividade e Objetividade nas Ciências Históricas. *Textos de História*, v. 4, n. 1, p. 75-102, 1996.

SALIM, Celso A. Migração: o Fato e a Controvérsia Teórica. In: VIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais. *Anais...* vol. 3, São Paulo, ABEP, p. 119-144, 1992.

SMITH, Rogers M. Beyond Tocqueville, Myrdal, and Hartz: The Multiple Traditions in America. *American Political Science Review*. Cambridge, n. 87, p. 549– 566, 1993.

WALSH, Bryan O. Cuban Refugee Children. *Journal of Interamerican Studies and World Affairs*. Miami, Jul-oct. 1971.

WALSH, Bryan O. *Operation Pedro Pan - Thirty Years Later*. Barry University Archives and Special Collections, 1971. Disponível em: <<https://original-ufdc.uflib.ufl.edu/AA00054527/00001>>. Acesso em: 26 jul. 2022.

WALSH, Bryan O. *A study in achievement orientation and relate variables among young adults who came to the U.S. as unaccompanied child refugees ten years ago*. University of Miami, 1972. Digital Library of the Caribbean. Disponível em: <<http://ufdc.ufl.edu/AA00054871/00001>>. Acesso em: 28 jul. 2022.

WALSH, Bryan O. *Operation Pedro Pan and the Case of Elian Gonzalez*. December 8, 1999. Disponível em: <<https://original-ufdc.uflib.ufl.edu/AA00054528/00001?search=bryan+=walsh>>. Acesso em: 18 jan. 2022.

WALSH, Bryan O. *The Church, Miami and Latin America*. Barry University Archives and Special Collections, 1989. Disponível em: <<https://original-ufdc.uflib.ufl.edu/AA00053756/00001>>. Acesso em: 26 jul. 2022.

VAIL, Meghan. *Media Cold Warriors: How the Operation Pedro Panes Reinforced Cold War Policies towards Cuba*. Disponível em: <<http://lanic.utexas.edu/project/etext/llilas/ilassa/2011/vail.pdf>>. Acesso em: 26 nov. 2017

### 1.3 - Teses e Dissertações

ABREU, Jean. *¡No te dejes quitar a tu hijo!: Operation Pedro Pan and The Cuban Children's Program*. 2008. Thesis Submitted for Honors - Department of History. Duke University, Durham, North Carolina, April 2008.

ADESSA, Domenick Joseph. *Refugee Cuban Children: The Role of the Catholic Welfare Bureau of the Diocese of Miami, Florida*, in: Receiving, caring for, and placing Unaccompanied Cuban Refugee Children, 1960–1963. Dissertação de Mestrado, Fordham University, 1964, p. 6

ARRAES, Virgílio Caixeta. *Relações Internacionais da Santa Sé: da fragilidade à busca de maior autonomia (1945-1978)*. Tese de Doutorado, PPGHIS. UnB, 2006.

CLARK, Juan. *The Exodus from Revolutionary Cuba (1959-1974): a sociological analysis*. Tese de Doutorado, Universidade da Flórida, 1975.

SUÁREZ, Daniel Rodríguez. Prensa y revolución. *El proceso revolucionario cubano através de las publicaciones periódicas de España y Cuba (1959-1961)*. Tese de Doutorado, Universidad Autónoma de Madrid, 2006.

## ANEXOS

## 1 – Charges

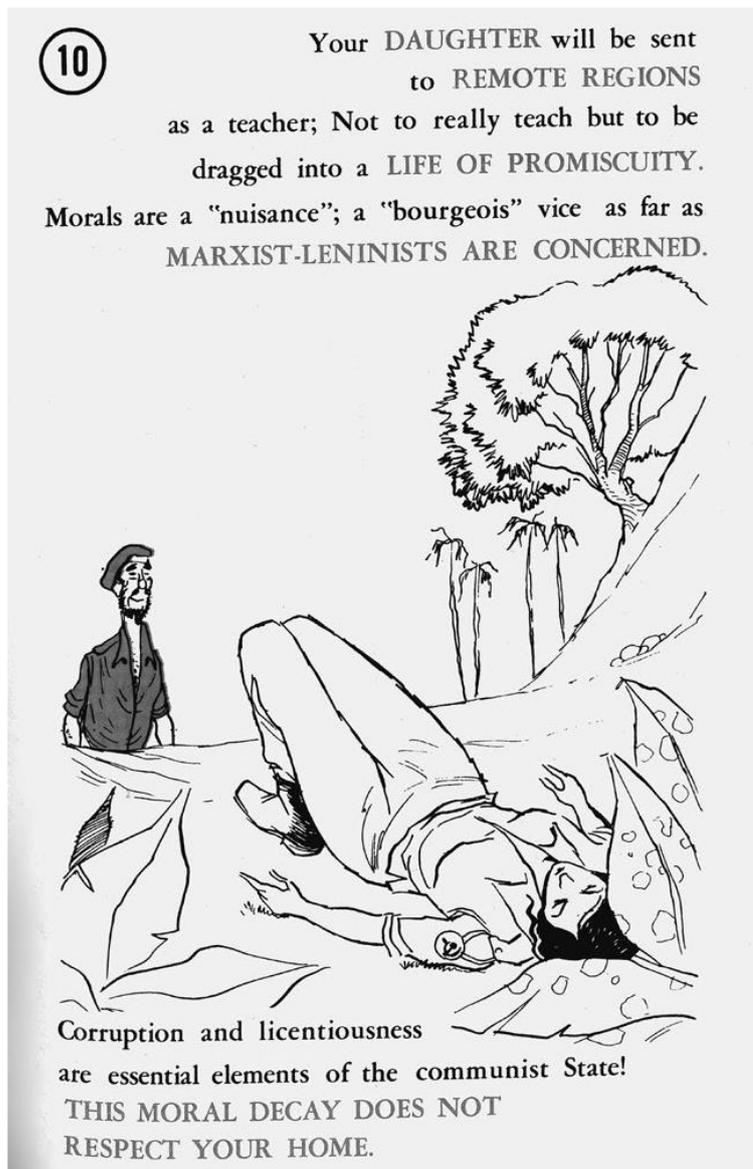


Imagem 1: Panfleto com propaganda contra a campanha de alfabetização. Elaborado pelo movimento opositorista. Fonte: Cuban Heritage Collection, University of Miami Libraries, Coral Gables, Florida.



Imagem 2: Charge sobre os rumores de que o Estado cubano ia recolher as crianças. Fonte: Lourdes Casal Library, Center for Cuban Studies, Brooklyn, New York.



Imagem 3: Charge publicada na mídia de oposição. Fonte: Deborah Shnookal

## 2 - Fotos



Imagem 4: Pedros Pans durante o processo de migração. Fonte: Operation Pedro Pan Group, Inc.



Imagem 5: A Pedro Pan Iraída Iturralde num voo para Indiana, onde seria seu novo lar. Fonte: *Miami Herald*



Imagem 6: Meninas Pedros Pans esperando para serem recolhidas no aeroporto de Miami. Fonte: STANLEY, Frances. *The New World Refugee: The Cuban Exodus*. USA: Church World Service, 1966.



Imagem 7: Pedros Pans chegando a Miami, sendo recebidos por George Guarch. Fonte: Yvonne Conde.



Imagem 8: *Kendall Camp*. Fonte: Operation Pedro Pan Group, Inc.



Imagem 9: *Kendall Camp*. Fonte: Operation Pedro Pan Group, Inc.



Imagem 10: *Matecumbe Camp*. Fonte: Operation Pedro Pan Group, Inc.



Imagem 11: *Matecumbe Camp*. Fonte: Operation Pedro Pan Group, Inc.



Imagem 12: *Florida City Camp*. Fonte: Operation Pedro Pan Group, Inc.



Imagem 13: *Florida City Camp*. Fonte: Operation Pedro Pan Group, Inc.



Imagem 14: *St. Raphael's*. Fonte: Operation Pedro Pan Group, Inc.



Imagem 15: *Opa-Locka Camp*. Fonte: Yvonne Conde.



Imagem 16: Bryan Walsh recebendo novos Pedros Pans. Fonte: Operation Pedro Pan Group, Inc.



Imagem 17: Abraham Ribicoff, Secretário de Saúde, Educação e Bem-Estar dos EUA e Bryan Walsh Fonte: Digital Library of the Caribbean.



Imagem 18: Bispo Coleman F. Carroll e Bryan Walsh Fonte: Digital Library of the Caribbean.



Imagem 19: Ramón Grau Alsina e Leopoldina Grau Aguero em 1998. Fonte: Kathlyn Gay

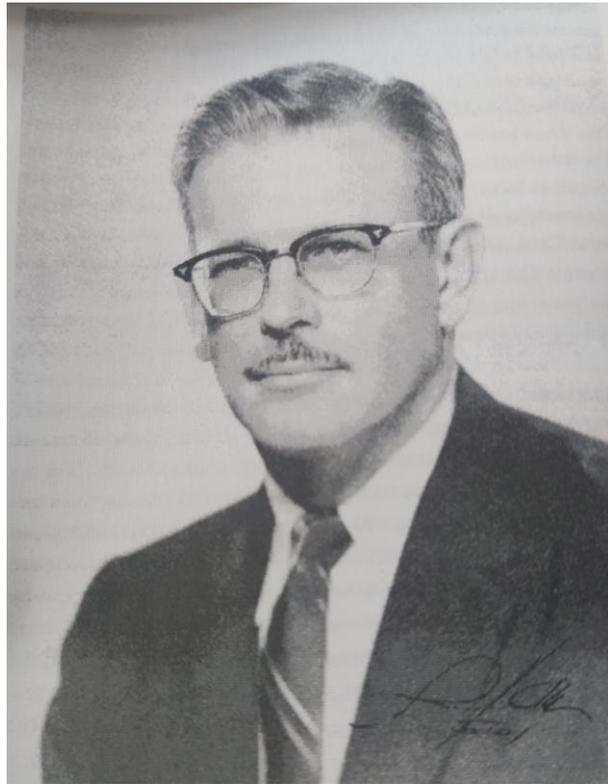


Imagem 20: James Baker. Fonte: Maria de Los Angeles Torres



Imagem 21: Penny Powers, agente britânica, em 1993. Fonte: Maria de Los Angeles Torres



Imagem 22: Elián González é mantido em um armário por Donato Dalrymple, à direita, enquanto funcionários do governo procuram o menino na casa de seu parente em Miami. Abril de 2000. Fonte: NPR



Imagem 23: Elián González com o uniforme da escola Lincoln-Martí, fundada pelo Pedro Pan Demetrio Perez Jr. Fonte: NBC News



Imagem 24: Elián González com Fidel Castro em Havana, em 2004, já de volta a seu país de origem. Fonte: Getty Images



Imagem 25: Estátua de Elián González e Jose Martí, construída após o retorno de Elián. Fonte: Polis.

## 3 – Documentos

**CATHOLIC WELFARE BUREAU**  
DIOCESE OF MIAMI

REV. FATHER BRYAN O. WALSH, S.T.L.  
EXECUTIVE DIRECTOR

395 N. W. FIRST STREET — SUITE 207  
MIAMI 36, FLORIDA  
FRANKLIN 9-2893

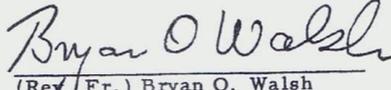
REGIONAL OFFICES  
MIAMI FORT LAUDERDALE

A QUIEN PUEDA INTERESAR:

Se hace constar que a \_\_\_\_\_  
le ha sido concedida la "Visa Waiver" por  
el Departamento de Estado a petición del Catholic Welfare  
Bureau, Inc.

Pan American y K. L. M. han sido notificadas. El solici-  
tante debera dirigirse a dichas oficinas para hacer la reservacion  
y comprar su pasaje.

Si Pan American y K. L. M. en la Habana no hubiesen  
recibido la confirmacion de la "Visa Waiver", el solicitante  
debera de esperar unos dias y tratar de nuevo.

  
(Rev. Fr.) Bryan O. Walsh  
Director



MEMBER OF THE UNITED FUND OF DADE COUNTY  
MEMBER OF THE UNITED FUND OF BROWARD COUNTY

Cópia de uma isenção de visto assinada por Bryan O. Walsh. Fonte: Operation Pedro Pan Group, Inc.

**CATHOLIC RELIEF SERVICES — NATIONAL CATHOLIC WELFARE CONFERENCE  
501 N. E. 1ST AVENUE  
MIAMI 32, FLORIDA**

TEL. DPTO. VISAS  
379-6621

March 21, 1962

TEL. 377-4881

Miss. [redacted]  
566 N.W. 31 St.,  
Miami, Fla.

WAIVER APPROVED  
By Department of State  
and Immigration Services  
Date 3/15/62 [initials]

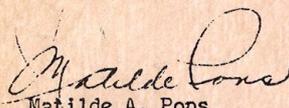
Estimado señor (a):

El Catholic Relief Services (N.C.W.C.) se complace  
en informarle que el Departamento de Estado y el Servicio  
de Inmigración y Naturalización, han aprobado la Visa ---  
Waiver solicitada por usted a favor de su (s) familiar (es)

en Cuba: Cuba.  
[redacted] Trinidad, Las Villas, /  
Santa Clara, Las Villas, Cuba.  
Santa Clara, Las Villas  
Cuba.

-----  
El aviso de la Visa Waiver demora de tres a siete  
días a partir de la fecha, en llegar a las Oficinas de la  
K.L.M. o Pan American Airways en la Habana. De desearlo  
usted, podrá comunicarlo directamente a su (s) familiar (es)  
en Cuba.

Ha sido un placer del Catholic Relief Services  
(N.C.W.C.) el haber podido servirlo en este asunto.

  
Matilde A. Pons  
Visa-Section  
Cuban Refugee Program

De usted atentamente,

  
Hugh McLoone  
Director  
Cuban Refugee Program

MP/jg



# Los SECUESTRADORES

HISTORIETA  
DOS MUNDOS

PRECIO DE VENTA

¿PODRÍAS IMAGINAR LA ANGUSTIA DE LOS PADRES A CUYOS HIJOS SE LES ENSEÑA A TRAICIONARLOS?  
 ¿PODRÍAS CONCEBIR EL TORMENTO DE QUIENES PADECEN EL CONSTANTE TEMOR DE QUE LES ARREBATEN SUS HIJOS?  
 LUIS Y LINDA SON VÍCTIMAS DE ESTE TERROR PORQUE VIVEN BAJO LA SOMBRA AMENAZANTE DE  
 ¡LOS SECUESTRADORES!



EN ALGÚN LUGAR DE CUBA...  
ENERO 7, 1959...



¡LO OÍ POR LA RADIO, PERO  
CREÍ QUE SE TRATABA DE  
UN RUMOR!

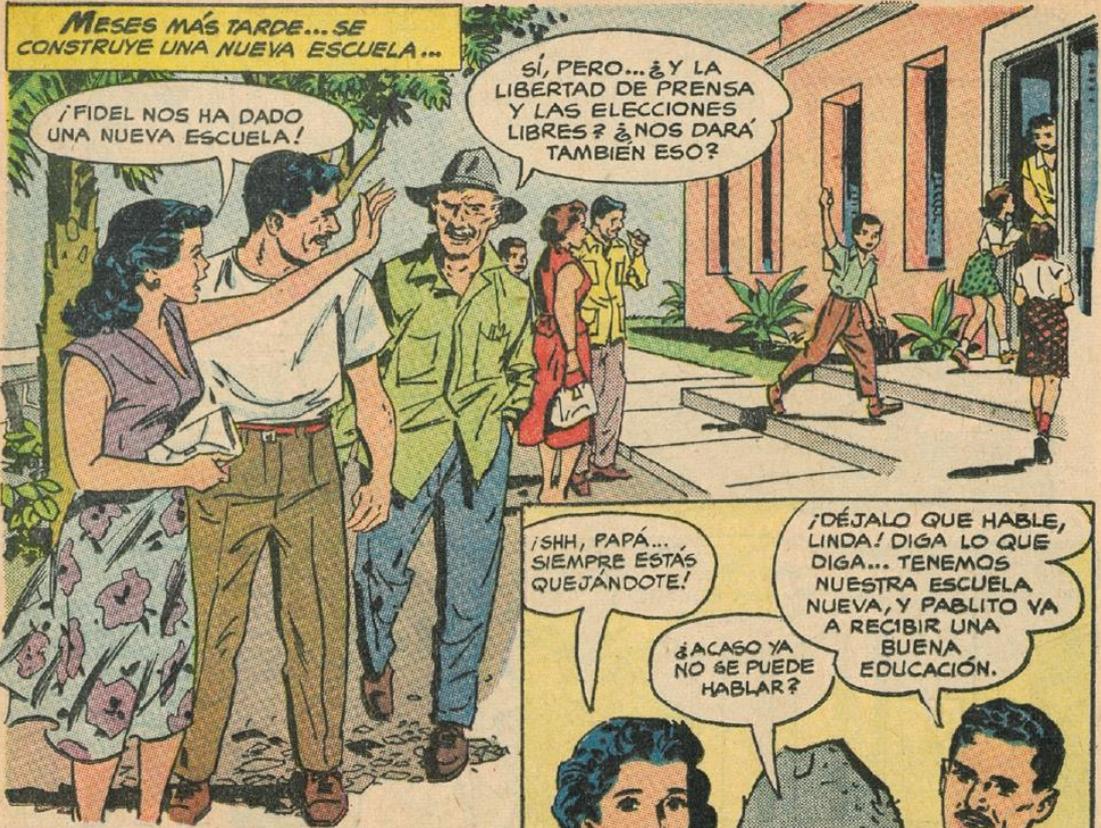
¡ES VERDAD!  
¡ES VERDAD!  
¡HEMOS VENCIDO  
A BATISTA!



¡LUIS!  
¡NO PUEDO  
CREER LO QUE  
VEO!



¡QUÉ GRAN DÍA!  
AÑO NUEVO, Y VIDA  
NUEVA PARA TODO EL  
PAÍS! ¡TODO EL  
MISMO DÍA!



MESES MÁS TARDE... SE CONSTRUYE UNA NUEVA ESCUELA...

¡FIDEL NOS HA DADO UNA NUEVA ESCUELA!

¡SÍ, PERO... ¿Y LA LIBERTAD DE PRENSA Y LAS ELECCIONES LIBRES? ¿NOS DARÁ TAMBIÉN ESO?

¡SHH, PAPÁ... SIEMPRE ESTÁS QUEJÁNDOSE!

¡DÉJALO QUE HABLE, LINDA! DIGA LO QUE DIGA... TENEMOS NUESTRA ESCUELA NUEVA, Y PABLITO VA A RECIBIR UNA BUENA EDUCACIÓN.

¿ACASO YA NO SE PUEDE HABLAR?



PASA EL TIEMPO... UN DÍA AL VOLVER PABLITO DE LA ESCUELA...

¡HOLA MAMÁ! ¡HOLA, ABUELITO!

MI PEQUEÑO SABIO... ¿CÓMO TE FUÉ HOY?



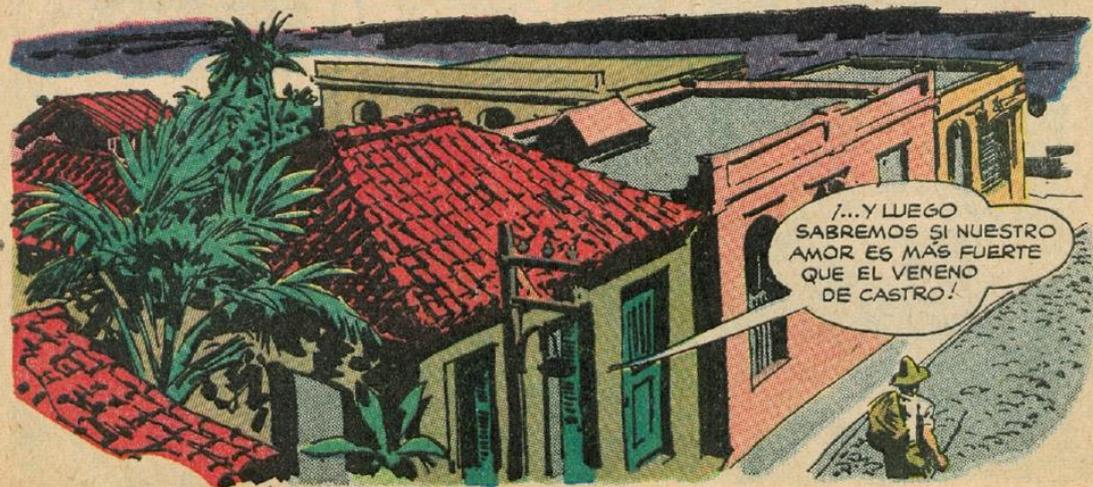
¡VIERAN LO QUE PASÓ HOY EN LA ESCUELA. ¡FUÉ UN MILAGRO!

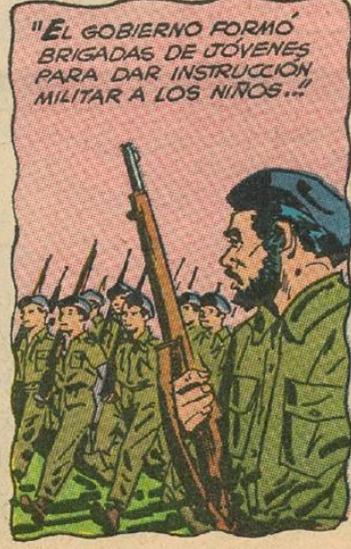
¡HMMM! ¿UN MILAGRO? ¡A VER, CUENTA CHICO!













PERO ESAS SON SOLO ALGUNAS DE LAS COSAS QUE FIDEL HA HECHO PARA APODERARSE DE LA MENTE DE NUESTROS HIJOS.

SÍ, DON ALBERTO. PRIMERO LOS COMUNISTAS SE APODERARON DE LOS CENTROS ESTUDIANTILES DE LAS ESCUELAS SECUNDARIAS.



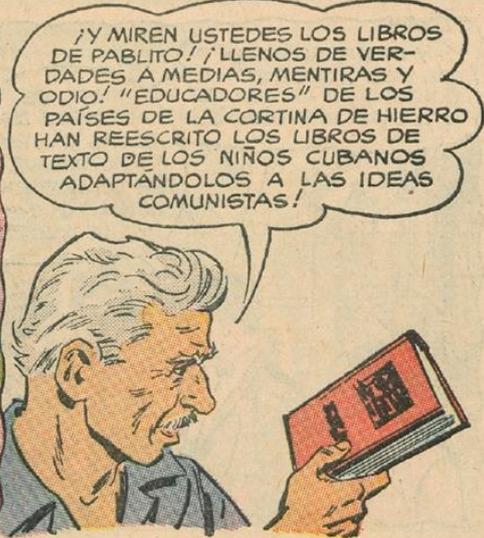
¿CÓMO SE ATREVEN A INTERRUMPIR MI CLASE?

¿SU CLASE? NO ME HAGA REÍR! ¡A USTED LO HAN ECHADO!

"POCO A POCO LOS MAESTROS NO COMUNISTAS FUERON SEPARADOS DE SUS PUESTOS..!"



¡ESTO ES UNA VERGÜENZA! ...¡YO LUCHÉ CONTRA BATISTA!



¡Y MIREN USTEDES LOS LIBROS DE PABLITO! ¡LLENOS DE VERDADES A MEDIAS, MENTIRAS Y ODIOS! "EDUCADORES" DE LOS PAÍSES DE LA CORTINA DE HIERRO HAN REESCRITO LOS LIBROS DE TEXTO DE LOS NIÑOS CUBANOS ADAPTANDOLOS A LAS IDEAS COMUNISTAS!



¡AQUÍ ESTÁN LOS HECHOS TAL COMO SON... LAS FALSEDADES QUE LES ENSEÑAN A NUESTROS HIJOS EN LAS ESCUELAS PÚBLICAS!



¡ESE LIBRO ESTÁ LLENO DE VENENOSAS MENTIRAS COMUNISTAS! ES UNA BASURA!



Y LA UNIVERSIDAD DE VILLANUEVA, EL COLEGIO DE LA SALLE Y TODOS LOS DEMÁS...

FIDEL SE APODERÓ DE ELLOS TAMBIÉN PARA ASEGURARSE DE QUE ENSEÑEN LO QUE A ÉL SE LE OCURRE.



¡PENSAR QUE TODAS ESTAS COSAS SE HACEN EN EL NOMBRE DE LA CAUSA POR LA CUAL MURIERON TANTOS CUBANOS!

"CON QUÉ CRUELDAD CASTRO ESTÁ TRATANDO DE CONVERTIR A NUESTROS HIJOS EN COMUNISTAS... HACE POCO, CIENTOS DE HUÉRFANOS DE LA CASA DE BENEFICENCIA FUERON METIDOS EN CAMIONES...!"



¿ADÓNDE NOS LLEVAN?

ES UNA SORPRESA. ¡YA VERÁN!



¡GRAN  
SORPRESA POR  
CIERTO! NO ME  
SORPRENDERÍA  
SI FUERAN  
ENVIADOS A  
UNA GRANJA  
COLECTIVA EN  
RUSIA, SEGÚN  
EL PLAN QUE  
CASTRO ANUNCIÓ!



¡...Y SERÁN  
ENVIADOS MÁS  
TARDE A LA  
AMÉRICA LATINA  
COMO AGENTES  
RUSOS!

DEBO ADMITIR QUE  
YO SOY UNA SIMPLE  
DUEÑA DE CASA Y  
QUE NO SOY POLÍTICA.  
Y QUE TAMPOCO SOY  
MUY VALIENTE...



¿NO? ¡SUFICIENTEMENTE VALIENTE  
PARA REPARTIR FOLLETOS CONTRA  
BATISTA Y HACER DE MENSAJERA DE  
FIDEL... POBRE PALOMA ASUSTADA!

¡NO, NO!  
¡OYEME,  
POR FAVOR!



¿TE ACUERDAS  
QUE MARAVI-  
LLOSO NOS  
PARECÍO  
CUANDO EL  
GOBIERNO,  
ORGANIZO  
GUARDERÍAS  
INFANTILES  
PARA LOS  
CHICOS DE LAS  
MADRES QUE  
TRABAJAN?

¡NO LLORES,  
TESORITO...! TE  
VENDRÉ A BUSCAR  
AL VOLVER DE LA  
FÁBRICA!









